

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

“A DERROTA DO JECA” NA IMPRENSA BRASILEIRA:  
NACIONALISMO, CIVILIZAÇÃO E FUTEBOL NA COPA DO  
MUNDO DE 1950.

Gerson Wasen Fraga

Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli.

Porto Alegre  
2009/1

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

“A DERROTA DO JECA” NA IMPRENSA BRASILEIRA:  
NACIONALISMO, CIVILIZAÇÃO E FUTEBOL NA COPA DO  
MUNDO DE 1950.

Gerson Wasen Fraga

Tese apresentada como requisito parcial  
à obtenção do grau de Doutor em  
História.

Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto  
Barcellos Guazzelli.

Porto Alegre  
2009/1

## **Resumo**

Disputada em solo brasileiro no ano de 1950, a IV Copa do Mundo de Futebol assumiu, aos olhos da imprensa brasileira, um conjunto de significados que iam além de seu aspecto meramente esportivo, sendo apresentado como uma possibilidade ímpar de nos mostrarmos ao mundo como uma nação civilizada, moderna e capaz de grandes conquistas e realizações. Contudo, após a inesperada derrota para o Uruguai na última partida, foram buscadas explicações e culpados para o que havia acontecido dentro das quatro linhas do Maracanã. Ainda que de forma involuntária, este processo acabaria por resgatar antigas perspectivas acerca do brasileiro, auto-imagens depreciativas que nos tinham por condenados ao atraso diante de um modelo europeu de civilização, no momento exato em que tais visões passavam a serem contestadas por novas interpretações acerca do Brasil.

O objetivo deste trabalho é vislumbrar como tal processo ocorreu através das páginas da imprensa escrita brasileira, instrumento capaz de difundir através da sociedade conjuntos de idéias e sensações. Para tanto, partimos de uma análise de algumas das principais interpretações existentes acerca do Brasil na primeira metade do século XX, inserindo posteriormente o futebol e sua transformação em símbolo de nacionalidade ao longo de nossa História. É com estas bases constituídas que os textos jornalísticos referentes à IV Copa do Mundo de futebol tornam-se objeto de nossa análise.

Por fim, buscamos compreender como a derrota para o Uruguai acabou por tornar-se uma espécie de mito no discurso da imprensa esportiva, algo para ser necessariamente vingado a cada novo encontro entre os dois selecionados, ao mesmo tempo em que as lembranças de 1950 são constantemente retomadas em novos contextos.

## **Abstract**

Argued in Brazilian soil in the year of 1950, the IV World cup of Soccer it assumed, to the eyes of the Brazilian press, a group of meanings that went besides his aspect merely sporting, being presented as an odd possibility of we show ourselves to the world as a nation civilized, modern and capable of great conquests and accomplishments. However, after the unexpected defeat for Uruguay in the last match, explanations and criminals were looked for what had happened inside of the four lines of Maracanã. Although in an involuntary way, this process would end for rescuing old perspectives concerning the Brazilian, depreciative solemnity-images that had us for convicts to the delay before an European model of civilization, in the exact moment in that such visions passed the they be answered by new interpretations concerning Brazil.

The objective of this work is to glimpse as such a process happened through the pages of the press written Brazilian, instrument capable to diffuse through the society wholes of ideas and sensations. For so much, we left of an analysis of some of the main existent interpretations concerning Brazil in the first half of the century XX, inserting the soccer and his transformation later in nationality symbol along our History. It is with these bases constituted that the journalistic texts regarding to IV soccer World cup they become object of our analysis.

Finally, we looked for to understand as the defeat to Uruguay ended for turning a type of myth in the speech of the sporting press, something to be necessarily avenged to each new encounter among the selected two, at the same time in that the memories of 1950 are constantly retaken in new contexts.

## Agradecimentos

Já é praxe que autores de monografias, dissertações ou teses, reconheçam, ao fim de cada trabalho, que o mesmo não seria possível sem o auxílio de uma série de pessoas e instituições. Não sou exceção.

Primeiramente, devo um especial agradecimento a meu orientador, Professor César Augusto Barcellos Guazzelli, por ter acreditado em um projeto onde a História do futebol brasileiro é parte importante. Além da orientação, o professor Guazzelli me abriu as portas da disciplina de “História Social do Futebol”, cadeira eletiva que ministra na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graças a isto, pude assisti-la como aluno ouvinte, trocar idéias com diversos colegas e dispor de uma importante lista bibliográfica no momento em que esta pesquisa iniciava. O resultado final deste trabalho deve muito a estes momentos.

Devo também um agradecimento especial à minha família. Ainda que nem sempre entendessem exatamente o que eu estava fazendo, nunca deixaram de me apoiar. Aqui acrescento minha companheira, Vanderlise Machado Barão, que, por quatro longos anos, me aturou enquanto eu lhe contava das “últimas novidades” publicadas há seis décadas sobre uma Copa do Mundo que nos ficou marcada pelo signo da derrota.

Sei que fui um privilegiado por ter contado com uma bolsa de doutorado para a realização deste trabalho. Agradeço ao CNPq por ela.

Por ter acolhido esta pesquisa (e também seu autor), sou grato ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e seus professores. Acrescente-se aqui um agradecimento à incansável Marília, que ainda quando “soterrada” de trabalho, sempre me atendeu na secretaria sem perder a virtude do sorriso.

Este trabalho foi submetido, em sua qualificação, ao exame dos professores Arlei Sander Damo e Cláudia Wasserman, que fizeram importantes observações, além de sugestões bibliográficas, apontando alguns caminhos que tentei delinear ao longo do trajeto, e a eles sou grato.

Taís Campelo Lucas e Tatiana Brandão de Araújo leram, de forma paciente, partes desta tese, fazendo observações e trazendo sugestões. Na Tatiana encontrei uma rara interlocutora no que se refere ao futebol feminino e questões de gênero no esporte. As ambas sou grato.

Devo um especial agradecimento à professora Beatriz Thiesen e ao professor Martial Pouquet, do curso de arqueologia da FURG, que pacientemente me acolheram em sua casa nos primeiros 45 dias em que cheguei ao município de Rio Grande. Não bastasse isto, ainda me disponibilizaram sua biblioteca pessoal, onde encontrei um documento que integra esta pesquisa.

Sou grato ao Museu de Comunicação Social Hipólito Jose da Costa (Porto Alegre); à Biblioteca Pública de Florianópolis e a Biblioteca Pública de Salvador. Encontrei nestes locais não somente acervos riquíssimos, mas principalmente funcionários comprometidos com a preservação de nossa memória nacional, o que convenhamos, não é pouca coisa. Ainda que corra o risco de cometer injustiças, gostaria de citar nominalmente o Beto do “Hipólito”, verdadeiro anjo da guarda de todos que trabalham com o acervo daquela instituição.

A amiga Ana Paula Schantz foi quem me recebeu e acolheu na cidade de Salvador, e a ela sou especialmente grato.

Ao iniciar este trabalho, por ser brindado com uma bolsa de doutorado, tive de exonerar-me do magistério municipal de Viamão/RS. Naquele momento lecionava nas escolas Luciana de Abreu e CAIC Monte Alegre. Foram pelo menos doze turmas que deixei ao fim do primeiro trimestre do ano letivo, o que sempre nos dá uma idéia de trabalho inconcluso. Ainda que lhes tenha explicado naquele momento o porquê de minha saída, não seria justo deixar de registrar que carrego ainda uma sensação de débito para com cada um daqueles alunos.

Portas se fecham e portas se abrem. Durante quase dois anos conciliei as atividades deste trabalho com o posto de professor substituto na Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Lá, entre aulas e cafés, encontrei, mais que alunos, amigos. Estes, por vezes, mostravam-se não somente preocupados com o andamento desta pesquisa, mas também com o estado anímico de seu então professor (“Criatura, se tu fores corrigir 120 provas dissertativas a cada dois meses, não vais terminar a tese!!!”). De todos guardo uma recordação carinhosa.

Além de me brindarem com sua amizade, as seguintes pessoas colaboraram com este trabalho, através de indicações bibliográficas ou simplesmente deixando livros em minhas mãos: Alessandro Miebach; Álvaro Klafke; Andréia Mangan; Enrique Serra Padrós, Gizele Zanotto; Luis Dario Teixeira Ribeiro; Márcia Kuniochi e seu companheiro Marcus Vinicius; Mauro (Ladeira Livros); Tiago Bernardon de Oliveira e Valeska Garbinatto. A todos sou grato.

Para que este trabalho chegasse ao papel, foi necessária a colaboração de Kelli Bisonhim e Rodrigo Santos de Oliveira. A eles sou grato.

Há, por fim, coisas que aparentemente nada tem a ver com a pesquisa, mas que nos são fundamentais pelo contexto em que ocorrem. As pessoas envolvidas talvez não tenham a dimensão disto para si, mas são também responsáveis para que o trabalho chegue até o fim. Assim, sou grato a Cristina Wolf, Clarice Calegari Jacques e Patrícia Anastácio Martins por terem me acompanhado ao Museo del Fútbol, em Montevidéu (a Vanderlise e a Valeska, já citadas, também estavam presentes). Sou grato a Ana Luiza Timm Soares e ao Dadinho por me acolherem em Curitiba com uma hospitalidade digna da família da gente. Sou grato a Ester Rosa Ribeiro e Pauline Schwanck por terem me dado uma garrafa de vinho quando eu mais precisava. Ao Leandro Braz da Costa por ser meu irmão no inverno riograndino. Ao Felipe Lima e ao Régis Lima por várias voltas em torno do “canalete”. Sou ainda grato à Raquel Medeiros de Moraes e sua família pelo carinho, pela amizade, e pelas “bananinhas”.

Os erros, como de praxe, correm por minha conta.

## **Sumário**

**Introdução (ou “Aquecimento”)...9**

**Capítulo 1 (ou “Vestindo o Uniforme”)...48**

*1.1-Intérpretes de uma jovem República...57*

*1.2-A tristeza do Jeca...70*

*1.3 – O mulato Afonso: o Brasil a partir de suas entranhas...81*

*1.4 – Tempos modernos...88*

*1.5 – Os grandes intérpretes...104*

*1.6 – A cronista...123*

**Capítulo 2 (Ou “A pátria e a crônica esportiva entram em campo”)...133**

*2.1 – A afirmação do futebol e da crônica esportiva...144*

*2.2 – O “Mal” suspenso na ideologia... ...180*

*2.3 – ... e o Brasil “mal na foto”...184*

*2.4 – Olhando além da fronteira...193*

*2.5 – Mulheres em campo...199*

**Capítulo 3 (Ou “O jogo”)...211**

*3.1 – Um modelo de torcedor...215*

*3.2 – Grandes e pequenos cenários...220*

*3.3 – Mulheres e homens nas páginas e arquibancadas...235*

*3.4 – A seleção complexada...254*

*3.5 – A construção da vitória antecipada...264*

*3.6 – A busca por explicações...287*

**Capítulo 4 (Ou “A prorrogação dos sentidos)...315**

*4.1 – A vingança necessária...321*

*4.2 – 1970...340*

*4.3 – O “Mundialito”...358*

*4.4 – E depois... ...369*

**Conclusão (Ou “O apito final)...374**

**Bibliografia e fontes...380**

**Anexos...389**

## **Introdução**

**(ou “Aquecimento”)**

*“Eu já pensei naquela bola um milhão de vezes”*

*Moacir Barbosa*

Naqueles dias a bola era marrom, os jornais eram impressos quase que unicamente em preto e branco, e os sonhos de toda uma nação pareciam próximos de se realizar, pintando o futuro com as cores que se desejasse.

Quando, aos trinta e três minutos do segundo tempo, Alcides Ghiggia, *forward* direito do selecionado uruguai, chutou a bola contra o arco defendido por Moacir Barbosa, jamais poderia imaginar que materializava um gesto que ficaria imortalizado como um símbolo de uma nação. A jogada, relativamente simples para os padrões do futebol, na qual um atacante incisivo carrega a pelota em direção à linha de fundo, já fora executada em outras oportunidades ao longo da partida, explorando tanto as virtudes de velocista de Ghiggia quanto uma deficiência de marcação que, ao longo do prélio, já se tornara evidente. Com efeito, Bigode, médio-esquerdo do selecionado anfitrião, famoso por sua marcação vigorosa, e cuja jogada principal consistia em aplicar “tesouras” nos adversários, se mostrara até então ineficiente em sua tarefa naquela tarde. Momentos antes, uma jogada semelhante já havia ocorrido ante os olhos de duzentas mil testemunhas. Naquela oportunidade, a bola fora cruzada para o centro da área, onde Schiaffino, antecipando-se ao zagueiro-esquerdo Juvenal, acendera um ponto de interrogação sobre as certezas que então se construíam. Agora, porém, *El Ñato* resolvera modificar a conclusão do lance, arriscando um chute direto ao arco adversário.

A partir de então, a alvura do uniforme nacional passou a contrastar com um temor sombrio. Ainda que tenhamos reunido bons jogadores – talvez o melhor quadro do campeonato; que os tenhamos preparado adequadamente, cuidando de suas formas físicas, de sua alimentação, de seu sono e de seus sonhos; que tenhamos construído um cenário à altura de uma celebração digna dos maiores louros que cabem à epopéia de uma nação conquistadora, – a derrota viria a confirmar algo que deveria ser extirpado de nossa alma como se fosse um cancro purulento. Por algum motivo, temia-se que aquele povo que se comprimia nas arquibancadas ou que esticava os ouvidos em direção aos aparelhos de rádio fosse, por natureza, incapaz de se constituir em vencedor, de realizar grandes feitos, de atingir conquistas marcantes. Esta perspectiva deveria ser então

sepultada, florescendo em seu lugar um novo caráter, de um povo realizador, onde o esforço de todos, fosse no campo de futebol ou fora dele, resultaria em obras dignas de sua grandeza.

O chute de Ghiggia e o apito final do árbitro confirmaram nossos temores.

Conforme os relatos que permaneceram, as duzentas mil pessoas que testemunharam *in locco* aquele acontecimento, saíram do estádio de forma silenciosa, arrastada, levando consigo a dor de uma perda irreparável. Este mesmo sentimento teria se apossado de cada habitante do país, morasse ele na então Capital Federal, onde o jogo se realizou, ou em um rincão distante qualquer, criando a idéia do que seria considerado, mais tarde, como um dia a ser lembrado pela tristeza produzida por uma tragédia de dimensões espetaculares. Comentários davam conta de que alguns torcedores haviam sucumbido diante da emoção negativa produzida pelo gol de Ghiggia ou pelo final da partida. Outros rumores falavam em tumultos nas ruas centrais do Rio de Janeiro. Mesmo o busto do prefeito Mendes de Moraes, localizado na entrada do estádio, teria sido retirado por torcedores enfurecidos. A maior parte dos casos não passou disto: comentários e rumores. Todavia, naquela noite os teatros e cinemas permaneceram vazios, enquanto os programas de rádio transmitidos ao vivo das ruas da capital federal foram vaiados por populares, que talvez vissem na falsa alegria dos apresentadores um desrespeito para com a sua dor.

Já no dia seguinte, o cenário montado nas páginas esportivas para a celebração da vitória do escrete dava espaço à busca dos culpados pela derrota. O quanto de culpa caberia ao técnico Flávio Costa, figura que ostentava um currículo cheio de vitórias, mas que era considerado por muitos como um homem autoritário e arrogante? Qual a parcela de responsabilidade que caberia ao goleiro Moacir Barbosa, personagem que, embora consagrada até então como um dos maiores *goal keepers* do Rio de Janeiro e do Brasil, não inspirara uma total confiança em todas as partidas? Por que o médio-esquerdo Bigode fora tão deficiente na sua tarefa de marcador justamente naquela tarde decisiva? Por que Juvenal, zagueiro-esquerdo responsável por dar cobertura a Bigode, chegara atrasado nos dois gols que consolidaram a vitória uruguaia? E o que dizer de Ademir, nossa principal esperança de gols e artilheiro da competição com nove tentos e que, incrivelmente, passou a tarde a errar em todas as suas conclusões? E de Zizinho, jogador de técnica reconhecidamente incomparável, um dos maiores craques brasileiros de todos os tempos e que por si só seria capaz de fazer a diferença na partida a favor do Brasil? Ou teria Augusto, zagueiro-direito e capitão do selecionado, sido um

comandante falho dentro de campo, sem a energia demonstrada por Obdulio Varela, líder máximo dos uruguaios?

De qualquer forma, as fotos estampadas nos jornais não retratavam a esperança que se vivera nos últimos dias. Ao contrário. Em suas páginas, via-se o centromédio Danilo deixar o campo a chorar convulsivamente, cabisbaixo, escondendo a face com a mão esquerda, acompanhado por um locutor esportivo cuja expressão do rosto não disfarçava o sentimento de deceção (foto 1). Via-se Barbosa, igualmente cabisbaixo, desolado, erguendo-se diante da meta após o segundo gol uruguai. Mas, sobretudo, via-se a torcida, operários, soldados, malandros, crianças, homens e mulheres enfim, que haviam superlotado o recém construído estádio do Maracanã, a chorar a dor coletiva, não acreditando que diante de seus olhos as esperanças da nação tivessem se desvanecido no curto tempo de noventa minutos.

Os jornais mostravam ainda os jogadores uruguaios a festejar uma vitória que, aos olhos do mundo, se mostrava improvável. Não era somente pelo fato do torneio estar sendo disputado nos domínios do Brasil. Havia que pesar também a campanha das duas equipes, principalmente ao longo daquela fase final.<sup>1</sup> Enquanto os uruguaios obtiveram um duro empate em dois a dois com a Espanha e uma vitória suada por três a dois contra os suecos, os brasileiros despachavam os escandinavos por sete a um e os ibéricos por seis a um. Embora fossem os “orientais” reconhecidamente adversários difíceis, não cabia, aos olhos da crítica especializada, dúvidas quanto ao êxito brasileiro. Assim, a partida deveria ter tão somente um caráter de celebração. Para aqueles que, ao longe, acompanhavam o desenrolar dos acontecimentos, as fotos de Julio Pérez erguendo Ghiggia, ou de Obdulio recebendo a taça Jules Rimet das mãos do próprio, não deixaram de causar surpresa e espanto.

Aos jogadores, porém, não coube somente a dor da perda do título máximo de suas vidas. Todos sabiam, sem que fosse necessário lhes dizer, que a partir de então estavam marcados de forma indelével pela derrota. Não importava quantos títulos já haviam conquistado ou quantos ainda iriam conquistar; não importava quantas vezes já haviam vencido os adversários daquela final ou quantas ainda poderiam vencer. Todos sabiam que uma nova chance, semelhante a esta, somente seria construída na próxima

---

<sup>1</sup> Nunca é demais lembrar que a Copa de 1950 não teve uma final no sentido estrito do termo. As quatro seleções que disputaram a fase decisiva – Brasil, Espanha, Suécia e Uruguai – se enfrentaram em um quadrangular de turno único, com jogos simultâneos no Maracanã e no Pacaembú. Assim, o fato da partida entre brasileiros e uruguaios ser a última das duas seleções no torneio, e ainda decidir o título, foi tão somente um capricho do acaso.

Copa do Mundo, quando boa parte deles já estaria na casa dos 30 anos, encerrando ou já tendo encerrado suas carreiras.<sup>2</sup> Seria ainda um torneio disputado longe de casa e da torcida. Em um outro continente, não se ergueria um palco para celebrar sua vitória, tornando as dificuldades previstas muito maiores. Uma vitória naquelas circunstâncias – quem sabe improvável para uma seleção que nunca havia vencido um torneio mundial – talvez servisse apenas para “remediar” o título que havia sido perdido dentro de casa, como se possível fosse colocar uma etiqueta nova sobre outra, que, de toda forma, lá permaneceria. Criava-se, assim, um estranho paradoxo: a “geração de 50”, que chegara ao vice-campeonato mundial (melhor colocação do Brasil até então em torneios desta magnitude), seria uma geração perdedora, enquanto que a anterior, a geração de Leônidas da Silva e Domingos da Guia, que chegara ao terceiro lugar na Copa de 1938, ficara como a responsável por ter apresentado ao mundo as virtudes do futebol brasileiro.<sup>3</sup> Além do mais, por jogar dentro de seus domínios, era a vitória uma obrigação intransferível para o Brasil.

E havia ainda as promessas feitas aos jogadores para quando da celebração da vitória. Transformados em heróis nacionais, estes receberiam jóias, dinheiro, carros – um luxo para a época, mesmo entre atletas de ponta. Seus nomes estariam em embalagens de produtos diversos, seus rostos nos anúncios de jornais e revistas, vendendo o que quer que fosse. A premiação e os lucros advindos pelo título lhes daria, além do mais, certa segurança para o futuro, podendo significar uma casa, um negócio próprio ou outro investimento qualquer. Mesmo um cargo público não era algo fora de cogitação. Tratava-se, ainda, de uma época eleitoral, e pelo menos dois nomes – o do técnico Flávio Costa e do atacante Ademir – eram cotados para assumirem uma vaga na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro. Os convites neste sentido já haviam sido inclusive oficializados por partidos políticos. O título transformaria estas e outras candidaturas em vitórias certas. A derrota inesperada, porém, acabaria por provocar uma debandada de eleitores.

Tomado pela dor da perda irreparável, o país sentia que algo mais além de um título havia sido perdido. Talvez, no calor da hora, nos momentos derradeiros daquele

---

<sup>2</sup> A média de idade da seleção brasileira que disputou a última partida era de 27,18 anos, estando os mais velhos com 29 anos. Abaixo dos 26 havia apenas Friaça e Ademir, com 25, e Bauer, com 24. Este, com efeito, acabou sendo o único titular remanescente do selecionado de 1950 a disputar o mundial seguinte, na Suíça. A título de comparação, a média de idade do selecionado uruguai era de 26,18 anos. Todavia, jogadores como Máspoli e Obdulio Varela, com 33 anos, e Gambetta, com 34, atuavam ao lado de jovens como Rodríguez Andrade, de 23; Matías González e Ghiggia, de 22; e Morán, de apenas 19 anos.

<sup>3</sup> Nas duas primeiras edições do torneio, em 1930 no Uruguai e em 1934 na Itália, o Brasil não logrou ultrapassar a primeira fase do certame.

dezesseis de julho, não fosse possível verbalizar a dimensão do fato de maneira correta, mas o Brasil sabia que o que acontecera naquela tarde não fora somente uma partida de futebol, tampouco uma partida especial. O evento daquela tarde tinha uma dimensão muito maior: a dimensão de uma oportunidade histórica de mostrar ao mundo quem éramos e do que éramos capazes. De vencer preconceitos vindos de fora e outros que saltavam em nossa face cada vez que nos olhávamos ao espelho. De botarmos o nome do país de uma maneira digna no noticiário internacional, afirmando nossa condição de vencedores e civilizados.

E de repente a história havia passado entre Barbosa e a trave.

\* \* \*

Nosso objetivo neste trabalho é vislumbrar como a IV Copa do Mundo de futebol, disputada no Brasil em 1950, deveria servir, conforme a imprensa escrita brasileira, como um instrumento de afirmação de nossa nacionalidade. Para os jornais e revistas da época, tal evento teria o escopo de comprovar para nós e aos olhos dos outros países, em especial daqueles tidos como “mais desenvolvidos”, nossa condição de nação civilizada e evoluída, o que seria obtido não somente pela organização e realização do torneio em nosso país, mas também pela construção do maior estádio do mundo e pela conquista do título máximo por parte da seleção brasileira.

A divulgação de tais perspectivas e valores certamente não fazia parte de um plano minuciosamente detalhado. Tratam-se antes de valores e sentidos atribuídos ao evento, emanados por um conjunto de discursos provindo de origens diversas, tais como as autoridades oficiais de alguma forma responsáveis por sua realização no Brasil. Estes valores deveriam necessariamente encontrar um canal que lhe permitisse atingir a sociedade brasileira, fazendo um verdadeiro “meio-de-campo” entre os organizadores e a população, que assim deveria receber e assumir tais valores e perspectivas. Um dos canais por excelência para este processo era a grande imprensa escrita, nossa fonte principal.

Através dos seus textos, publicados quando da realização da IV Copa do Mundo é possível vislumbrar que, para além do aspecto esportivo, havia a preocupação com a imagem que os correspondentes internacionais que até aqui vieram para cobrir o evento produziriam e levariam aos seus países de origem, particularmente quanto aos europeus. Igualmente, no que se refere ao âmbito interno, os jornais e revistas brasileiros

divulgavam ao público leitor, juntamente com todas as notícias referentes ao torneio e à seleção brasileira, a perspectiva do que aquele evento representaria, um marco, sinalizando o ingresso do país em um novo período de sua história. E isto apenas seria confirmado através da conquista do título.

No entanto a vitória não veio. E, embora tenha sido até então nossa melhor participação em campeonatos mundiais, a perda de um título cuja conquista parecia até momentos antes da última partida uma mera formalidade parece ter produzido um efeito diametralmente contrário àquele que era esperado. Ao invés da afirmação de uma imagem positiva do Brasil e da nacionalidade brasileira, a derrota ante o Uruguai parece ter reforçado uma série de preconceitos e estereótipos. De alguma forma estas imagens perpassaram pelo conjunto da imprensa à época, e ainda são passíveis de serem ouvidas em determinados momentos.

Na verdade, sentíamo-nos todos culpados. A culpa era nossa. Não tínhamos agüentado uma vitória, a das ‘Touradas de Madri’ contra a Espanha.

E vinham as acusações do brasileiro contra os brasileiros. O brasileiro que acusava os brasileiros naturalmente desabafava para ficar de fora. Ou ver se ficava de fora.

- A verdade é que somos uma sub-raça.

Uma raça de mestiços. Uma raça inferior. Na hora de agüentar o pior, a gente se borrrava todo. Como Barbosa quando estreara no escrete brasileiro<sup>4</sup>

Portanto, este não é, necessariamente, um trabalho sobre futebol ou sobre a história deste esporte no Brasil. Ou ao menos não se pretende fazer aqui um trabalho apenas sobre o futebol. Trata-se especialmente de um trabalho sobre a imprensa escrita brasileira (nossa fonte principal), bem como sobre um sentimento ainda hoje muito em voga, especialmente em épocas de conflitos ou grandes eventos esportivos: o nacionalismo. O futebol, a IV Copa do Mundo disputada no Brasil em 1950, são para

---

<sup>4</sup> RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p 289-90. Segundo Mário Filho, o goleiro Barbosa, ao estrear na seleção brasileira em 16 de dezembro de 1945, em um jogo contra a Argentina, realizado no Estádio do Pacaembu, teve de “mudar os calções” e ser substituído no intervalo, após tomar dois gols. O jogo terminou em 4X3 para os argentinos. Ver páginas 271-2. Em “Dossiê 50”, obra em que Geneton Moraes Neto publica entrevistas com o técnico Flávio Costa e com os onze jogadores brasileiros que participaram da final com o Uruguai, Barbosa contesta de forma veemente a versão de Mário Filho: “Mário Filho também andou dizendo que, no dia de minha estréia na Seleção Brasileira, contra a Argentina, em São Paulo, Flávio Costa teria me tirado de campo no intervalo porque eu estaria com o calção todo sujo. Todo sujo de merda – é essa a expressão. Mas eu nem quis contestar, porque essa é uma baixeza tão grande que nem vou descer a esse nível”. In: MORAES NETO, Geneton. **Dossiê 50: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p 50.

nós o “pano de fundo”, o cenário no qual buscaremos identificar como os textos de alguns dos maiores jornais e revistas do país tratavam a questão da nacionalidade brasileira em um momento muito específico de nossa trajetória durante o século XX, momento este em que tal sentimento talvez tenha aflorado como nunca dantes em nossa sociedade e que, por isto, nos permite verificar seu real estágio na exata metade daquela centúria.

Nossa escolha por este momento obviamente não é aleatória, e passa pela importância que o futebol adquiriu ao longo do século XX dentro do enorme conjunto de manifestações que convencionamos chamar de “cultura nacional”, conjunto este que engloba uma série de outras manifestações, tais como nossa musicalidade; culinária; literatura; religiosidade, entre outros tantos fatores, e que por sua vez podem se subdividir conforme a parcialidade regional que for objeto de nossa preocupação. Integrante indiscutível deste conjunto, o futebol, introduzido no Brasil na virada do século XIX para o XX, afirmou-se como um dos principais elementos constitutivos da cultura brasileira, principalmente a partir da terceira ou quarta década deste período, quando a introdução do regime profissional de trabalho para os jogadores de futebol, associada ao desenvolvimento dos meios de comunicação, permitiram uma maior popularização deste esporte.

Se o processo de associação do futebol a uma idéia de “brasiliade” se iniciou a partir da popularização dos maiores clubes, bem como pela institucionalização de disputas entre selecionados nacionais<sup>5</sup>, a realização das Copas do Mundo a partir de 1930 permitiram que, a cada quatro anos, se vislumbrasse uma disputa onde as mais diversas nacionalidades estariam sintetizadas nas cores ostentadas em camisas e bandeiras. Conforme Eric Hobsbawm:

O espaço entre as esferas privada e pública também foi preenchido pelos esportes. Entre as duas guerras, o esporte como um espetáculo de massa foi transformado numa sucessão infinidável de contendas, onde se digladiavam pessoas e times simbolizando Estados-nações, o que hoje faz parte da vida global. Até então, ocasiões como os Jogos Olímpicos e partidas internacionais de futebol interessavam principalmente ao público de classe média (apesar de os Jogos Olímpicos já começarem a assumir ares de competições nacionais

---

<sup>5</sup> Durante o período de nosso interesse, o Brasil disputava periodicamente e em confrontos diretos a “Copa Rio Branco” contra o Uruguai; a “Copa Oswaldo Cruz” contra o Paraguai; a “Copa Rocca” contra a Argentina e a “Copa Bernardo O’Higgins” contra o Chile, além do Campeonato Sul-Americano envolvendo as diversas seleções do continente.

mesmo antes de 1914), e as partidas internacionais foram realmente organizadas com o objetivo de integrar os componentes nacionais dos Estados multinacionais. Eles simbolizavam a unidade desses Estados, assim como a rivalidade amistosa entre suas nações reforçava o sentimento de que todos pertenciam a uma unidade, pela institucionalização de disputas regulares, que proviam uma válvula de escape para as tensões grupais, as quais seriam dissipadas de modo seguro nas simbólicas pseudolutas.<sup>6</sup>

Em nosso primeiro capítulo, porém, não pretendemos abordar o futebol ou a imprensa como nosso tema principal. Antes, cientes da impossibilidade de reconstruir um momento histórico em sua totalidade, tentaremos vislumbrar da melhor forma possível como o Brasil via a si próprio até 1950, bem como os conceitos e preconceitos que então existiam acerca da idéia de “brasilidade”. Para tanto, alguns momentos e obras deverão nos servir de referência, dada a importância notória e perene que adquiriram na tentativa de efetuar uma leitura do Brasil ainda na primeira metade do século passado: obras como “Os Sertões” de Euclides da Cunha; “Casa-Grande & Senzala” de Gilberto Freyre ou “Raízes do Brasil” de Sérgio Buarque de Holanda são elementares neste sentido. No entanto, estes não são os únicos autores que poderão ser importantes para nosso objetivo: Monteiro Lobato e seu Jeca Tatu certamente terão aqui algo a nos dizer sobre o brasileiro do interior, esquecido pelos poderes públicos e vivendo em completo alheamento a tudo que dissesse respeito ao mundo urbano; os modernistas de 22 e a fusão entre os movimentos artísticos em voga no primeiro mundo com o que pudesse então ser “descoberto” e valorizado da arte nacional buscam uma proposição inovadora para aquele período; o herói sem nenhum caráter de Mário de Andrade e sua eterna preguiça não podem ser desprezados; o rebelde Lima Barreto e o aristocrata Paulo Prado, oriundos de mundos tão díspares, mas que ofereciam a seu modo, uma leitura do Brasil que os cercava, deverão ser objeto de atenção; a estes, somaremos Rachel de Queiroz, que através de suas crônicas publicadas na revista *O Cruzeiro* retratava um Brasil que se urbanizava e que contrastava com muitas das imagens sobre ele anteriormente produzidas.

Porém, não será apenas da produção literária ou ensaística que deveremos nos ocupar neste primeiro capítulo. Necessário será também efetuar um cruzamento de tais obras e autores com o contexto atravessado pelo Brasil no período que abrange desde os

---

<sup>6</sup> HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade.** São Paulo: Paz e Terra, 1998, p 170-1.

primeiros anos da República até 1950. Deste modo, para entendermos Getúlio e seu nacionalismo centralizador (exemplo que integra o contexto de nosso interesse), há que se ter em conta também o período da chamada República Velha e muitas das características a ela inerentes. Se chegamos à metade do século XX com a nossa “nacionalidade” sendo objeto de discussões, como se fosse algo em formação, há que se buscar a origem das discussões não nos dias imediatamente anteriores aos jogos do mundial de 50, mas no longo período que o antecede e que é marcado pela busca da inserção na modernidade, pela afirmação de ideais de civilização e, ao mesmo tempo, por tentativas de construir uma imagem positiva do país, ainda que para tanto fosse necessário branqueá-lo ou esquecer a herança cultural negra e indígena.

Para efetuarmos este cruzamento entre a construção de uma brasilidade e o contexto vivido pelo Brasil – em especial a partir do princípio do período republicano de nossa história – pretendemos nos valer igualmente de fontes bibliográficas, de estudos já efetuados e que nos possibilitarão realizar tal cruzamento sem que tenhamos que ampliar desmesuradamente nosso trabalho de pesquisa. Isto não significa que fontes jornalísticas não possam ou não devam ser utilizadas aqui, mas apenas que teremos, neste primeiro momento, a Copa de 1950 e o próprio futebol como um assunto muito lateral. Já a imprensa enquanto “instituição”, ao contrário, deverá ser cotejada durante a discussão, servindo como um auxiliar a partir da análise dos textos bibliográficos. Tal procedimento será conduzido com base em três justificativas advindas de nossas leituras sobre a importância da imprensa e sobre as formas de abordá-la em um trabalho historiográfico. Em primeiro lugar, lembramos de Cláudio Pereira Elmir<sup>7</sup>, que nos adverte da necessidade de cruzar as fontes jornalísticas com outros tipos de fontes, inclusive as bibliográficas, a fim de que não busquemos nos textos dos periódicos a réplica exata do passado, mas sim aquilo que realmente são: uma leitura feita por alguém sobre um fato acontecido. Ao mesmo tempo, este cotejar do desenvolvimento da imprensa nacional pode nos servir como um “termômetro” a sinalizar o grau de desenvolvimento do próprio país, posto que, conforme Nelson Sodré, “a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista”.<sup>8</sup> Por fim, lembramos Benedict Anderson, para quem a imprensa ocupa um papel fundamental no que se refere ao fomento de vários aspectos importantes e inerentes ao desenvolvimento

---

<sup>7</sup> ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas possibilidades metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. In: **Cadernos de Estudo n° 13**. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, 1995, p 19-29.

<sup>8</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p 1. A relação entre uma coisa e outra, é claro, há que ser feita com cuidado.

de um sentido de nacionalidade, tais como a irradiação de uma língua comum e a formação de um sentido de comunidade a partir da difusão de exemplares idênticos contendo as mesmas notícias através do conjunto da sociedade.

Desta perspectiva, o jornal não passa de uma “forma extrema” do livro, um livro vendido em escala imensa, porém de popularidade efêmera. Poderia dizer-se que são *best-sellers* por um só dia. A obsolescência do jornal no dia seguinte ao de sua impressão (...) cria, no entanto, exatamente por essa razão, esta extraordinária cerimônia de massa: o consumo (“o imaginar”) quase que exatamente simultâneo do jornal-como-ficção. Sabemos que determinadas edições matinais e vespertinas serão esmagadoramente consumidas entre tal e tal hora, apenas neste dia e não em outro (...). Contudo, cada um dos comungantes está bem cônscio de que a cerimônia que executa está sendo replicada, simultaneamente, por milhares (ou milhões) de outros, de cuja existência está seguro, embora sobre cuja identidade não possua a menor idéia. Mais ainda, essa cerimônia é interminavelmente repetida a intervalos de um dia, ou de meio dia, ao correr do calendário. Como se poderia representar ilustração mais vívida para a comunidade imaginada historicamente cronometrada? Ao mesmo tempo, o leitor de jornal, vendo réplicas exatas de seu jornal sendo consumidas por seus vizinhos do metrô, da barbearia ou de sua casa, sente-se permanentemente tranquilo a respeito de que o mundo imaginado está visivelmente enraizado na vida quotidiana.<sup>9</sup>

É a partir do segundo capítulo que pretendemos explorar, de forma sistemática, as relações existentes entre o futebol e a imprensa no Brasil, bem como o papel exercido por tal ligação na primeira metade do século XX, na formação de uma idéia de nacionalidade. Sem reescrever o que escrito está por vários autores, nos valeremos de estudos já efetuados sobre a introdução e o desenvolvimento do futebol no Brasil a partir das elites urbanas, até atingir seu processo de popularização junto às camadas sociais mais humildes e a inevitável profissionalização dos atletas ocorrida em 1933. É neste momento que pretendemos vislumbrar como o futebol passou a ser percebido como elemento integrante da alma e do jeito de ser do brasileiro, recebendo a partir de então a aclamação de “esporte nacional”.

Valendo-nos de uma figura metafórica, digamos que neste momento pretendemos colocar jogadores e repórteres no gramado, sem que a partida propriamente dita tenha

---

<sup>9</sup> ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989, p 41-2.

seu início, ou, em outras palavras, deverá ser o momento em que construiremos a ponte necessária entre a idéia de nacionalidade, inicialmente abordada, e o sentido da realização do evento de 1950 no Brasil. Uma atenção especial deverá ser dada para a constituição da imprensa esportiva e de uma linguagem própria sua, capaz de atingir não apenas aos olhos, mas também aos espíritos dos leitores existentes por todo Brasil, ainda que residissem nos mais distantes rincões desta terra, difundindo e popularizando as imagens dos principais clubes e atletas do país; criando, enfim, uma comunidade de leitores em torno de suas notícias. Igualmente, uma atenção especial deverá ser aqui dispensada aos estudos sobre as formas práticas com que se manifestava a popularização do futebol em nossa terra. Deverão integrar nosso rol de fontes bibliográficas, por exemplo, trabalhos que digam respeito à forma como o futebol substituiu outras modalidades esportivas que compunham o “gosto popular”, como a capoeira ou as competições de remo, ou ainda sobre a constituição de ligas destinadas a sua prática por jogadores negros, no momento em que estes não eram aceitos nas competições e nos clubes freqüentados pelas elites brasileiras. Contudo, também aqui os textos publicados nas páginas da grande imprensa nacional, que digam respeito diretamente à quarta Copa do Mundo, poderão ficar relegados a um segundo plano diante do conjunto bibliográfico ao qual deveremos lançar mão.

Claro está que, para materializar esta proposta, deveremos cobrir um período relativamente amplo de nossa história em poucas páginas, abordando ainda duas temáticas (imprensa e futebol) e suas relações com a “brasildade” de forma paralela ou mesmo simultânea. Desta forma, este não será um capítulo com qualquer veleidade de esgotar o assunto, mas sim efetuar a devida preparação para que, a partir da análise exposta sobre o sentido do nacionalismo brasileiro na primeira metade do século XX, possamos nos aproximar o máximo possível do sentido que a realização da Copa do Mundo de 1950 teve para os seus contemporâneos. Assim, este será o local para se discutir a importância que figuras que não participaram de nosso período de máximo interesse tiveram na difusão do futebol como esporte representativo do jeito brasileiro de ser. Em outras palavras, neste capítulo não abordaremos tanto Zizinho, Ademir ou Jair da Rosa Pinto, mas sim Friedenreich, Domingos da Guia, Leônidas da Silva ou mesmo Fausto. Não será o momento de buscar o nome de Obdulio Varela nas páginas da imprensa, mas sim de vislumbrar como o espaço dedicado ao futebol vai gradativamente se ampliando nos jornais e revistas, que buscavam atingir um público

que comparecia aos estádios a cada fim de semana para torcer pelo seu clube do coração.

Se, em nosso primeiro capítulo, pretendemos que a figura dos jogadores seja suprimida pela dos intelectuais que, mesmo longe dos campos, contribuíram para que um sentido de nação fosse criado e compartilhado pelos brasileiros, neste segundo capítulo os astros da bola deverão dividir seu espaço com os craques da caneta e dos teclados das máquinas mecânicas de escrever presentes nas salas de redação da imprensa. Assim pretendemos não somente por termos tais veículos de comunicação como nossa fonte principal neste estudo, mas por entendermos que tais profissionais ocuparam um papel fundamental na difusão de imagens sobre o Brasil e seu futebol anteriormente a 1950, mobilizando torcedores ao mesmo tempo em que criavam os heróis e vilões de cada fim de semana. Estas imagens não se limitariam a fomentar uma figura unívoca do Brasil que se materializaria no campo de futebol, mas seriam fragmentadas em diversos subgrupos, uma vez que os próprios clubes carregariam consigo um senso-comum, uma maneira de ser que seria atribuída pela imprensa, com os quais se difeririam uns dos outros, mas que, em seu somatório, constituiriam o “futebol brasileiro”.<sup>10</sup>

Assim, nosso caminho neste capítulo deverá partir de uma breve historicização da imprensa no Brasil, até atingir o momento em que o futebol entra em cena, para, a partir de então, avaliar simultaneamente a caminhada dos dois fatores ao longo do século XX até o momento de nosso interesse (convém destacar que não nos deteremos em maiores considerações sobre a imprensa anteriormente ao período republicano, embora talvez algumas linhas venham a ser necessárias, uma vez que nossos jornais não surgem do nada a partir deste período).

O terceiro capítulo deverá ser o ponto máximo de nosso trabalho. Uma vez discutidas questões inerentes à formação de uma imagem de nossa nacionalidade, bem como sobre o desenvolvimento da imprensa e do futebol entre nós, é aqui que pretendemos analisar, através dos textos jornalísticos, o peso que a realização da Copa de 1950 no Brasil e a derrota na partida final contra o Uruguai tiveram para a constituição de uma imagem do Brasil e dos brasileiros. Obviamente, não tomaremos

---

<sup>10</sup> Um bom exemplo disto está nos clubes considerados “grandes” do futebol carioca. Enquanto ao Flamengo atribuiu-se, ao longo dos anos, a idéia de ser o “clube do povo”, Fluminense, América e Botafogo por muito tempo carregaram a pecha de serem agremiações voltadas à elite, ainda que em sua origem o Flamengo também o seja. Ao mesmo tempo, a figura do Vasco da Gama como “time de estrangeiros” foi por muito tempo explorada pelos torcedores adversários, que utilizavam tal argumento diante da rivalidade existente entre os clubes da cidade.

como objeto de análise apenas artigos referentes à partida envolvendo os dois finalistas sul-americanos, mas sim pretendemos executar uma perspectiva do conjunto do evento, onde a própria construção de um estádio de dimensões gigantescas ou a escolha das cidades para sediar partidas entre selecionados estrangeiros está prenhe de importância e significados.

Outro ponto sobre o qual pretendemos nos deter neste capítulo está nas diversas formas com que os jogadores brasileiros foram apresentados à sociedade através dos órgãos de imprensa, não apenas durante o campeonato, mas também durante a preparação para o mesmo. Importará ver a existência ou não de uma unicidade, de uma visão coesa sobre os atletas que representariam o Brasil, ou se, ao contrário, eram alvo de adjetivações contraditórias que variavam conforme o ânimo dos jornalistas e dos resultados obtidos dentro de campo. Acreditamos que aqui, muitos dos (des)valores atribuídos a nacionalidade brasileira que encontramos no primeiro capítulo poderão ser transportados para o universo da seleção e de seus profissionais, representantes que seriam, naquele momento, de toda uma coletividade. Ao mesmo tempo, as explicações encontradas pelos jornalistas para o resultado final, diferente daquele que era antecipadamente celebrado, deverá nos fornecer igualmente elementos que ultrapassem o simples âmbito futebolístico, propiciando uma interpenetração entre os discursos esportivos e sociológicos.

Igualmente importante será aqui vislumbrar as comparações por ventura feitas entre o futebol brasileiro e o estrangeiro, em especial o europeu. Baseando-nos nas diversas interpretações desenvolvidas pela sociologia esportiva, que toma a forma de atuar em campo como um objeto passível de representar o “jeito de ser de um povo”, acreditamos que tais leituras efetuadas pelos jornalistas da época nos permitirão contemplar a existência de uma certa “escala evolutiva” informalmente aceita, corroborando os valores já citados no primeiro capítulo, e onde nos caberia uma posição ainda distante daquela que faria o brasileiro ser considerado como um “povo plenamente desenvolvido e civilizado”. Para tanto, importa não apenas o futebol em si e os resultados obtidos dentro de campo, mas igualmente o gestual, a manifestação corpórea; em outras palavras, a própria forma com que o time aparece na foto antes das partidas.

É neste momento também que buscaremos entender como a derrota de 16 de julho passou a ser percebida com a dimensão de “tragédia nacional”, capaz de unificar a nação brasileira em torno de idênticos sentimentos de dor, tristeza e perda irreparável.

Para a materialização de tal objetivo, pretendemos continuar a nos valer das duas espécies de fontes já referidas, dentro da seguinte perspectiva: para os dias imediatamente posteriores à realização do último jogo, continuaremos a utilizar os jornais e revistas que comporão nosso grupo principal de fontes, uma vez que nestes encontraremos o verdadeiro “rescaldo” da partida. Será através da pena dos articulistas e repórteres que será construída, em um primeiro momento, toda a gama de justificativas e explicações para o acontecido, que partem das páginas impressas e se difundem para o restante do tecido social através da recepção de tais textos. Sabemos de antemão que duas objeções poderiam aqui ser feitas: sobre a existência de outros meios de comunicação à época (notadamente o rádio) e sobre as diferentes recepções que tais textos podem ter encontrado por parte dos leitores. Primeiramente, não há como negar aqui a importância que o rádio possuía como veículo de comunicação, difundindo também idéias e valores entre o tecido social. Entretanto, para além da dificuldade inerente ao trabalho com tal tipo de fonte, há que se lembrar que, ainda que a existência de grandes redes de comunicação não seja propriamente uma característica da época, há, entre os jornalistas verdadeiros grupos de sociabilidades, que permitem uma permanente troca de idéias e, por conseguinte, de influências.<sup>11</sup> Tomando como exemplo, as constantes aparições do jornalista Ary Barroso, locutor esportivo da rádio Tupi do Rio de Janeiro, nas páginas da revista *O Cruzeiro* podem ser um bom indicativo da existência de tais redes entre os jornalistas de ambos os veículos (foto 2). Em segundo lugar, a permanência da idéia de que aquele fora até então o “dia mais triste da história do Brasil” parece apontar para o sucesso da penetração de tal juízo de valor junto à sociedade brasileira.

Acreditamos que as fontes secundárias, de natureza bibliográfica, a serem utilizadas a esta altura do trabalho, deverão apontar justamente para o sucesso, ou mesmo para a criação de tal perspectiva em um período mais amplo de tempo, ultrapassando os dias imediatamente posteriores ao jogo final. Aqui deveremos nos deter naqueles textos, por vezes publicados sobre a forma de crônicas, que remetam diretamente à partida decisiva contra o Uruguai ou aos seus reflexos imediatos, não buscando extrapolar o peso da derrota para um período posterior de nossa história futebolística. Tais textos, lembremos, não apenas apontam para a difusão da idéia de

---

<sup>11</sup> Obviamente a existência de tais redes não significa que sejam sempre amistosas, nem que sejam livres de uma espécie de hierarquia informal entre estes profissionais. Cfe: DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

uma “tragédia nacional”, mas também auxiliam na perpetuação desta idéia, pois permitem que tal figura seja absorvida por gerações que não experienciaram diretamente aquele momento.

Por fim, no quarto e último capítulo, após nos determos na formação de uma idéia de brasiliade, em como a imprensa e o futebol se conjugam com tal noção, bem como sobre a importância que a realização e o resultado da Copa do Mundo de 1950 possuem na construção de uma imagem do Brasil para os próprios brasileiros, pretendemos ampliar um pouco nosso espaço temporal, observando, através da imprensa, os reflexos produzidos a partir da derrota para o Uruguai. Para tanto, deveremos selecionar alguns momentos específicos, de reencontros entre as duas seleções, a fim de avaliar como o “fantasma” produzido pela “tragédia do Maracanã” continuou a ser trabalhado pela imprensa brasileira. Dois momentos aqui, dentre outros, nos parecem claramente favoráveis para a execução desta análise: a vitória brasileira sobre os uruguaios na semifinal da Copa do Mundo de 1970, e a derrota na final do Torneio Mundialito disputado em Montevidéu, em princípios de 1981.

A primeira justificativa para este capítulo aparentemente descolado do restante do trabalho, esta na permanência da imagem da derrota de 1950 no senso comum esportivo nacional, tornando imediata a lembrança deste fato sempre que brasileiros e uruguaios enfrentam-se em algum evento esportivo. Se a constante lembrança da derrota faz parte de uma mitificação<sup>12</sup> que houve sobre ela a partir das páginas da imprensa, assumindo ares de uma verdadeira tragédia Rodrigueana, protagonizada por Obdulio e Barbosa, a expor nossa condição de “Vira-Latas”, sua utilização ao longo do tempo por outros jornalistas, em outros momentos específicos de nossa história, diz respeito a contextos completamente diversos, propiciando leituras renovadas sobre o passado. Assim, a interpretação dos 3X1 aplicados sobre o Uruguai em 1970, percebidos então como uma justa vingança, não podem ser descolados do momento de ufanismo vivido pela sociedade em torno de sua seleção, sentimento em parte fomentado pela grande imprensa, mas principalmente vinculado aos piores dias patrocinados pela ditadura militar que governou e torturou o Brasil entre 1964-1985. Do mesmo modo, a final do torneio disputado em Montevidéu em 1981, novamente interpretado como um momento de possível vingança, no contexto da distensão do regime militar, permitirá uma série de

---

<sup>12</sup> Por mito entendemos todo acontecimento, pertencente ao mundo real ou não, passível de produzir significados específicos e identitários para um determinado grupo social, cujo alcance extrapola o espaço de uma geração, podendo ser sucessivamente (re)trabalhado e (re)significado através de diferentes contextos históricos.

leituras paralelas ao futebol, onde a reificação da seleção em nação permite que seja exteriorizado, junto ao discurso esportivo, um conjunto de mensagens de cunho claramente político.

Outros momentos de confronto entre as duas seleções, no entanto, poderão também nos ser úteis, uma vez que o fato transformado em mito é constantemente retomado e reinterpretado por aqueles que devem produzir tais interpretações. Encontramos um bom exemplo disto, passados mais de cinqüenta anos da derrota, em um texto de Luis Fernando Veríssimo, publicado no jornal *Zero Hora*, na véspera de mais um encontro entre brasileiros e uruguaios. No entanto, é curioso notar que não apenas os fantasmas são evocados, mas a própria forma com que estes verdadeiros mitos são criados e constantemente retomados pela imprensa brasileira.

É fatal. Em véspera de Brasil X Uruguai sempre ressuscitam os fantasmas da Copa de 50, e quem sou eu para contrariar um hábito jornalístico de 50 anos?

Curioso como ficaram poucos registros daquela Copa. Já existiam os meios. O futebol ocupava um grande espaço dos “jornais” de cinema (quando a gente chegava atrasado ao cinema era um alívio descobrir que a sessão ainda “estava no jornal”), mas quase não sobraram imagens de 50 em filme. Talvez tenha havido uma tentativa deliberada de apagar o desastre da memória nacional. E, na falta de provas, construiu-se uma mitologia.

O futebol brasileiro cultiva aquela máxima atribuída ao John Ford, que deve ser um dos seus roteiristas: quando os fatos desmentem a lenda, publique-se a lenda. Ainda há quem diga que nunca na sua história o futebol brasileiro foi tão bom quanto naqueles 7X1 contra a Espanha no Maracanã, quando nasceu o “olé”. Nunca houve um trio como Zizinho, Ademir e Jair. Danilo era um mágico. Eli (ou Bauer), um gênio. Diz-se também que o futebol brasileiro só foi tão entusiasticamente assim em 82, quando Júnior, Sócrates, Zico, Falcão, Éder e etc., no auge, repetiram a frustração.

E o desastre de 50 também teve suas lendas. Obdulio Varella, o mítico meio-campista do Uruguai, intimidou mesmo os brasileiros com sua imposição física e determinação feroz, além de botinadas estratégicas nos nossos virtuosos, ou o mito cresceu com o tempo, na medida em que um lagarto vai se transformando, a cada novo relato, até virar dragão? O fato é que Obdulio Varella ficou como um símbolo de tudo que sobrava aos uruguaios e faltava ao Brasil, e que incluía desde um coração bandido até amor à pátria.

No dia seguinte à derrota para os uruguaios, corriam boatos de que alguns jogadores tinham se suicidado. Outros teriam sido caçados e linchados por

torcedores furiosos. Mas ninguém morreu da derrota. O que fizeram foi matar sua lembrança.

Desforras contra o Uruguai já houve muitas, desde então. Mas os fantasmas de 50 ainda estão conosco, aquele é um jogo que ainda será rejogado por várias gerações. Amanhã, se o espírito do Obdulio Varella aparecer na beira do campo, o Felipão está escalado para colar nele.<sup>13</sup>

Por fim, um fato corriqueiro que talvez sirva para ilustrar a força com que tais mitos, difundidos ao longo do tempo pela imprensa e pela memória esportiva, circulam entre a sociedade. Caminhando certa tarde pelas ruas centrais de Porto Alegre, resolvi entrar em um sebo a fim de procurar alguma obra relativa à Copa de 50, à História ou mesmo à sociologia do futebol. Após inquirir o vendedor, recebi a seguinte resposta: “Sobre isto temos apenas aquele livro do Perdigão, *Anatomia de uma tragédia*”.<sup>14</sup> A troca do termo “derrota” por “tragédia” talvez não signifique apenas um simples lapso por parte do atendente, mas o real sentido que o gol de Ghiggia e o mito a partir daí criado possuem em nosso subconsciente e na alma nacional.

\* \* \*

Voltemos agora ao cenário de nossa História.

Passado mais de meio século da derrota de 1950, parte da realidade é outra. Muitos daqueles que presenciaram a derrota frente ao Uruguai viram, menos de uma década depois, o início de uma fase espetacular do futebol brasileiro sob a batuta de Pelé e Garrincha, entre outros craques. Naquele momento, os acontecimentos de 1950 faziam já parte do passado. Dutra deixara de ser presidente alguns meses depois; Getúlio Vargas era um nome que havia já deixado a vida para entrar na história e as idéias de nacionalismo co-existiam com o desenvolvimentismo do governo JK. A partir de então, os êxitos no esporte mais popular do planeta não apenas confirmariam a qualidade de nossos jogadores, mas também que os problemas estruturais do país possuem raízes muito mais profundas, que não seriam resolvidas com a comprovação de nossa força nos gramados – como não o foram até hoje. A genialidade daquela geração de 58 seria confirmada quatro anos mais tarde, e, aos entrarmos nos anos 70, o mundo

<sup>13</sup> VERÍSSIMO, Luis Fernando. *A lenda*. In: *Zero Hora*, 30 de junho de 2001, p 3, grifos nossos. O placar correto da vitória sobre a Espanha é 6X1.

<sup>14</sup> O livro a que o vendedor se referia é: PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

se colocaria de joelhos definitivamente ante o futebol brasileiro, enquanto parte da nação se prostrava ante a força de outros uniformes, em um jogo sujo que duraria bem mais de noventa minutos.

Se tais uniformes voltariam “aos vestiários” na década seguinte e seus “atletas” passariam a ver o jogo das sociais, os anos 80 também foram marcados pelo surgimento de um novo ciclo-econômico. Agora, o jogador de futebol viria a substituir o pau-brasil, a cana-de-açúcar, a mineração e o café, sendo exportado para os quatro cantos do mundo, das Ilhas Faroe ao Egito, da Tailândia à Inglaterra, ainda que o “produto” não tenha completado quinze anos de idade. Segundo este movimento, torna-se praticamente impossível imaginar hoje uma seleção brasileira composta por jogadores que, em suas fichas, defendam majoritariamente clubes como Vasco da Gama, São Paulo, Cruzeiro ou Flamengo. Os melhores jogadores brasileiros agora defendem nomes de pronuncia mais complexa, como Werder Bremen, Paratinaikos, Verdy Kawasaki ou Middlesbrough. Ao mesmo tempo, as listras de Atlético ou Grêmio disputam espaço nas ruas do próprio Brasil com as de Barcelona ou Milan, assim como o branco do Santos ou do Bahía concorre com o do Real Madrid, ou o vermelho do América e do Internacional com o do Manchester United.

Assim como o futebol, a imprensa em 1950 também era outra. Enquanto a televisão a cores se apresentava para a humanidade como uma promissora novidade tecnológica, o Brasil afiava seus primeiros olhares para a tela em preto e branco, em busca de uma nova forma de entretenimento, mas também de informação. No rádio, programas de auditório e novelas de cujos astros por vezes conhecia-se apenas a voz, compartilhavam espaço com noticiários apresentados por locuções sérias e empostadas (alguns “correspondentes” permanecem hoje como uma herança daqueles tempos). Já os cronistas esportivos, repórteres e narradores viravam-se como podiam em estádios de estrutura precária, exceção feita ao São Januário no Rio, Pacaembu em São Paulo, e, talvez, mais alguns espalhados ao longo do país. Esta precariedade, associada a práticas que ainda bebiam na relação amadorismo/paternalismo, explica a ocorrência de cenas hoje inimagináveis, tais como Ari Barroso, o compositor de “Aquarela do Brasil” e narrador da rádio Tupi do Rio de Janeiro, transmitindo um jogo sobre o telhado de uma casa ao lado do estádio de São Januário, uma vez que, sendo assumidamente um torcedor do Flamengo, arqui-rival do cruzmaltino, a diretoria proibia sua entrada nas dependências do clube.

Junto com o rádio, a imprensa escrita ocupava um importante papel na divulgação dos acontecimentos às mais distantes regiões do país.<sup>15</sup> Todavia, sua apresentação física poderia causar surpresa hoje aos menos avisados ou não habituados à pesquisa em tais fontes históricas. Nos grandes jornais praticamente inexiste qualquer inserção colorida – e, quando havia, limitava-se geralmente a algum anúncio publicitário. As fotos eram por vezes mal definidas, e possuíam uma posição nitidamente secundária diante do texto, que ocupava a maior parte das páginas, chegando, por vezes, às raias do detalhismo (pode-se afirmar que naquele tempo a imprensa escrita realmente escrevia, e muito). Lembremos ainda que se tratavam de jornais editados em formato *standard*<sup>16</sup>, o que demandava um espaço muito maior a ser ocupado dentro de cada página. Some-se a isto o fato de o texto poder ser a qualquer momento interrompido, com um pequeno aviso que lhe remetia a outra página qualquer onde então continuaria, e teremos um quadro de total estranhamento em relação aos jornais atuais. Semelhantes quebras de texto eram também encontradas nas grandes revistas semanais, avançando e/ou regredindo no corpo da revista conforme fosse o espaço disponível. Assim, uma matéria poderia iniciar na página 55, ser interrompida na página 57 continuando na página 103 e ser concluída na página 9, por exemplo. Contudo, nestas revistas, o material fotográfico possuía já uma qualidade superior e uma importância bem maior se comparado ao dos jornais. Sinais de atraso? Não. Apenas produtos de seu tempo.

Uma característica, contudo, já se fazia presente nos grandes jornais e revistas, marcando sua inserção na fase moderna do jornalismo: a fragmentação do espaço disponível segundo temáticas diversas. Tal inserção teria ocorrido, segundo Nelson Werneck Sodré, já a partir de primórdios do século XX, quando os pequenos jornais, de estrutura mais simples, foram substituídos por verdadeiras empresas jornalísticas com equipamentos gráficos adequados à sua função,<sup>17</sup> evidenciando não apenas seu desenvolvimento entre nós, mas também das próprias relações capitalistas de produção. Já a fragmentação do espaço jornalístico por temáticas, com linguagens e abordagens

---

<sup>15</sup> Lembramos aqui os estudos de Pierre Nora sobre a imprensa enquanto objeto de trabalho do historiador e a definição que este apresenta para “acontecimento”. Segundo Nora, para que o acontecimento se constitua através da imprensa, este deve ser por ela selecionado, dotado de sentido e valor, e direcionado a um público específico através da publicização, processo que ficaria expresso na máxima “a publicidade é a lei de bronze do acontecimento moderno”. In: NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p 186. Poderíamos ainda acrescentar que este processo demanda, na outra ponta, a existência de um público “consumidor” de acontecimentos.

<sup>16</sup> O mesmo que ainda apresenta hoje, por exemplo, a *Folha de São Paulo*.

<sup>17</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p 275.

específicas, encontraria sua justificativa na busca por uma ampliação do público leitor, atingindo segmentos de interesses diversos. Conforme Robert Darnton, historiador, mas também ex-jornalista:

Talvez seja equivocado falar em “o público” como se fosse uma entidade dotada de sentido, assim como não cabe, segundo os estudos de divulgação, pensar numa audiência de “massa”, composta por indivíduos atomizados e indiferenciados. A direção do *The Times* admite que seus leitores constituem grupos heterogêneos: donas de casa, advogados, professores, judeus, suburbanos e assim por diante. Ela calcula que determinados grupos lerão determinadas partes do jornal, e não que um hipotético leitor geral vá ler tudo. Assim, ela estimula a especialização entre jornalistas (...). Uma sociologia séria do jornalismo deveria traçar a evolução das áreas e o aumento das especializações.<sup>18</sup>

Se a maior penetração do capitalismo no Brasil no começo do século XX apresentou a modernidade ao jornalismo brasileiro, o tiro de misericórdia na pequena imprensa, de cunho político ou literário, seria dado pelo Estado Novo (1937-1945). Ao proibir as organizações partidárias durante este período, Vargas atingiu também seus órgãos de divulgação, que existiam basicamente sob a forma de periódicos. Aqueles que quiseram ou tentaram sobreviver necessitaram se adequar à nova realidade, transformando-se em jornais de cunho exclusivamente “noticioso” e voltando-se para a publicidade como forma de manutenção financeira. Isto atingiria especialmente pequenas folhas que existiam no interior do Brasil e que, a partir de então, não mais tiveram condições de competir com as modernas empresas jornalísticas das maiores cidades do país.<sup>19</sup> Na melhor das hipóteses, mantinham-se reproduzindo a pauta e/ou as matérias coletadas junto a estas grandes empresas.

Tínhamos então, além dos primeiros grandes cronistas policiais e analistas políticos, o surgimento da figura dos jornalistas esportivos, que difundiam, junto às vozes dos rádios, as últimas notícias das equipes e seus craques a todo o país. No caso das revistas e jornais, levava-se também a imagem daqueles que a cada domingo se tornavam nos campos os heróis ou vilões da rodada, segundo seus feitos e a opção

---

<sup>18</sup> DARNTON, Robert. **Op. Cit.**, p 81.

<sup>19</sup> Uma análise deste processo no Rio Grande do Sul está em RÜDIGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998, em especial à página 73.

clubística do leitor, conferindo-lhes junto ao imaginário popular, para além dos nomes, um rosto.

Para estes jornalistas, 1950 tinha tudo para ser um ano positivamente inesquecível. Talvez desde as obras do prefeito Pereira Passos<sup>20</sup> a capital federal e o país não respiravam tanta modernidade. O fantasma da Grande Guerra passara e o estágio de destruição em que a Alemanha ainda se encontrava, associado às sanções políticas, tornara o Brasil o único candidato a sediar a Copa do Mundo daquele ano<sup>21</sup>. Parecia haver alguns conflitos no oriente<sup>22</sup>, e a existência de um pôlo político comunista capitaneado pela União Soviética talvez contribuisse para que o futebol não fosse a única preocupação de algumas pessoas naquele período, mas isto não ofuscaria o brilho da festa que seríamos capazes de preparar. E havia ainda o Estádio Municipal, um gigante de concreto encravado no coração da cidade, cuja construção nos faria proprietários do maior templo dedicado à prática do futebol em todo o planeta; uma exigência daquela que deveria ser, também, a maior competição deste esporte em todos os tempos. Os olhos do mundo estariam voltados para o Brasil, e deveríamos estar preparados para receber os convidados e representar o país condignamente, mostrando sermos civilizados, a par da distância que nos separa do mundo que assim se reconhece.

Por conta disto é que o futebol passou a tomar uma dimensão que até então não ocupava nas páginas de revistas e jornais. A construção do Estádio Municipal, iniciada tardeamente em 1948 e executada em um ritmo alucinante recebia, obviamente, boa parte das atenções. Outro tanto era dedicada àqueles que poderiam vir a compor o escrete nacional, e, chegada à hora da convocação, àqueles que efetivamente envergariam a jaqueta branca da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), instituição que, apesar do nome, dispensava a maior parte de suas atenções para o esporte bretão, sobrando as migalhas aos “esportes amadores”. A partir de então, tudo, na rotina dos selecionados, passou a ser objeto de notícia: o que comiam, o que vestiam,

---

<sup>20</sup> Francisco Pereira Passos (1836-1913), prefeito do Rio de Janeiro em princípios do século XX e responsável por inúmeras obras de modernização da cidade, destacando-se a construção da Avenida Central (atual “Avenida Rio Branco”), para a qual foram demolidos inúmeros casebres e cortiços ocupados por populares.

<sup>21</sup> Se fosse seguida a periodicidade normal com que acontece o torneio, a quarta edição da Copa do Mundo deveria ser realizada em 1942. Para aquela edição, Brasil e Alemanha disputavam a indicação para sediar o torneio. Se à Europa já coubera sediar as Copas de 1934 (Itália) e 1938 (França), enquanto a América do Sul apenas sediara a de 1930 (Uruguai), a Alemanha levava sobre nós a vantagem de ter a estrutura da Olimpíada de 1936 ainda a sua disposição, sem falar na máquina de propaganda nazista. A eclosão da II Guerra Mundial em 1939 mudou tudo e o torneio apenas seria retomado doze anos após a realização da Copa de 1938. Como a Alemanha estava proibida de participar, o Brasil acabou por apresentar sua candidatura de forma isolada.

<sup>22</sup> A “Guerra da Coreia” (1950-1953) teve seu início durante a disputa do mundial.

como dormiam e o que sonhavam. Possuíam um carro? O que achariam de possuir um carro? Eram casados? Como eram suas famílias? O que faziam para passar o tempo? O que esperavam do mundial? O mundial...

Mesmo espaços na imprensa dedicados a outros temas passaram a ter, na realização da Copa do Mundo, um motivo para assunto. Os ingleses jogariam? Pois então os espaços literários ocupavam-se de algum aspecto da literatura britânica. Algum jogador poderia ser considerado “bonito”? Pois lá estava seu nome nos espaços dedicados ao público feminino, ainda que fosse apenas como motivo para apresentar um versinho de suave picardia citando o nome do referido atleta. As páginas exalavam futebol – e, atrelado a este, patriotismo –, e a julgar pela repercussão do resultado final do evento, este aroma se alimentava e era ao mesmo tempo absorvido avidamente pelas ruas.

RIO, 22 (via aérea) – De Roschild Moreira – (...)

Tudo agora, pois, é futebol, somente futebol. Nem mesmo a política interessa. Nem mesmo as reivindicações de salários, a questão do tabelamento dos gêneros alimentícios, nem as dansas (sic) terríveis de Luz del Fuego...<sup>23</sup>

E assim os nomes de nossos jogadores extrapolaram o âmbito do torcedor cotidiano. Agora, os homens que haviam sido escolhidos por Flávio Costa (um ex-jogador de carreira obscura cuja alcunha de “Alicate” pode ser tanto quanto reveladora de seu estilo) representavam cada brasileiro em particular, fosse rico ou pobre; branco ou preto; novo ou velho; homem ou mulher. A exposição de seus nomes e rostos revela a importância da missão a eles atribuída: verdadeiros guerreiros a lutar pela nação contra inimigos deste e do outro lado do oceano. Contra tais inimigos, Barbosa era nossas mãos, Zizinho, nosso cérebro, e Ademir, nossa artilharia, a fustigar o adversário com seu faro infalível para o gol. Natural e justo, portanto, que seus traços passassem a ser conhecidos em todo o país através das fotos estampadas na imprensa, uma vez que tais homens tinham a missão de levar o Brasil onde até então jamais havia chegado.

\* \* \*

---

<sup>23</sup> *A Tarde*, 22 de junho de 1950, p 10.

Se nosso futebol e nossa imprensa eram outros ao alvorecer dos anos 50, o próprio Brasil, evidentemente, também o era.

Naqueles dias não éramos apenas mais uma “nação jovem” do novo mundo. Éramos também uma das maiores e, ao mesmo tempo, das mais novas repúblicas das Américas. Tão nova que um hipotético morador octogenário da então capital federal, que tivesse nascido e passado ali toda sua vida, poderia muito bem guardar as lembranças dos tempos em que os últimos escravos singravam as ruas ao lado dos imigrantes europeus que vinham em busca de trabalho e de uma vida melhor. Com um pouco de sorte (sorte?) poderia inclusive lembrar de ter assistido, de forma bestializada, a um golpe militar com aspecto de parada cívica, depondo um velho imperador, que acabou sendo enviado para além mar, aonde viria a morrer poucos anos mais tarde, repetindo de forma inversa a saga que a até então família real fizera em 1808.

Se nosso hipotético octogenário, brasileiro e habitante do Rio de Janeiro em 1950, fosse negro ou mulato, suas relações com a História que consta nos livros poderiam ser ainda maiores. Embora não fosse já a maior probabilidade, também ele poderia ter sido um jovem cativo a singrar as estreitas ruas do centro da cidade, trabalhando como escravo de ganho durante o dia, nos momentos em que não parava a assistir alguma roda de capoeira escondido da polícia, instituição sempre pronta a dissolver estas manifestações de barbárie. Se forro ou livre, provavelmente não teria acesso a algum pedaço de terra que pudesse chamar de seu, uma vez que desde a promulgação da Lei de Terras em 1850, a única forma legítima para a aquisição da posse privada do solo se dava através da compra. Não seria descabido ainda imaginar sua morada em um dos tantos cortiços que, anos mais tarde, seriam postos abaixo por representar um entrave para o progresso e a modernidade.

E assim se passariam os anos e os mandantes. Embora livre e morando nas vizinhanças do poder máximo do país, nosso hipotético morador do Rio de Janeiro provavelmente não teria votado em Prudente de Moraes, nem em Campos Sales, Rodrigues Alves, Afonso Pena, Hermes da Fonseca, Wenceslau Brás, Arthur Bernardes ou Washington Luis, uma vez que a participação popular em tais processos era mínima, quando não irrisória. Fazia parte da nação, mas não exerceria os direitos inerentes à cidadania.<sup>24</sup> Entre avanços e retrocessos, a cidade a sua volta lentamente cresceria, fenômeno perceptível pelo aumento das chaminés e da fumaça, muito embora a cena

---

<sup>24</sup> Não é nossa intenção aqui discutir se o simples acesso ao voto representa por si só o direito de cidadania ou estabelecer comparativos entre o conceito de cidadania ontem e hoje.

política continuasse a ser dominada por homens brancos, trajando botas de cano alto e chapéu de fazendeiro. De qualquer forma, as coisas que se sucediam na política simplesmente não lhe diriam respeito, uma vez que esta era entendida como um *locus* de exercício do jogo do poder, e deste jogo ele estaria definitivamente à margem.

Nosso hipotético octogenário poderia, contudo, não estar, à entrada do século, a margem de outros jogos. Seria possível admitir, por exemplo, que, após um despejo forçado de algum cortiço do centro da cidade, nosso personagem buscasse abrigo em algum subúrbio da capital, onde encontrasse, além de moradia, trabalho capaz de lhe gerar algum rendimento. Um destes locais poderia ser, quiçá, a Companhia Progresso Industrial do Brasil (Fábrica de Tecidos Bangu), empresa de capital inglês situada em um distante local da urbe. Ali, expropriado do contato com os capoeiras e afastado do burburinho da cidade, ele vislumbraria, pela vez primeira em sua vida, uma estranha modalidade esportiva praticada pelos patrões ingleses, mas que logo se difundiria entre os funcionários como atividade recreativa: o futebol. Não imaginaria ele que, poucos anos mais tarde, esta mesma fábrica e o campo onde pisara seriam o berço de Domingos da Guia, negro como ele e um dos maiores craques brasileiros dos anos 30.

Fique claro, porém, uma coisa: o futebol na fábrica de Bangu não era o mesmo futebol praticado em outros *grounds* do Rio. Nossa personagem não entraria jamais em locais como Álvaro Chaves ou na Gávea. Os clubes que disputavam as primeiras partidas e os primeiros campeonatos destinavam-se à elite, sendo assim locais restritos aos filhos bem nascidos dos descendentes de europeus, “legítimos representantes da raça e da pátria brasileira”, e não para ele, que carregava no sangue o estigma do trabalho escravo recém-abolido. Poderia até torcer, se quisesse, por algum destes clubes, mas de forma discreta, sem espalhafato nem contato com as senhorinhas que repousavam suas nádegas no pavilhão social, torcendo seus lenços enquanto no campo os jovens jogadores suavam e se aprimoravam na língua de Shakespeare.<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> Nos primórdios do futebol, todos os termos que compunham o vocabulário do jogo eram em inglês, independentemente de se estar jogando em Londres, Rio de Janeiro ou Buenos Aires. A influência e a fama dos ingleses, advinda do fato de serem os “inventores” do esporte fazia com que o inglês fosse língua oficial em diversas associações de futebol na América Latina. Segundo Richard Giulianotti, para além deste fato, o público que acompanhava o futebol no começo do século aguardava com ansiedade as excursões dos times ingleses, pois esta seria uma forma de avaliar a qualidade do desenvolvimento do esporte naquele local, bem como uma oportunidade de copiar, através da observação direta, o estilo de jogo bretão. Até a década de 1960, termos como “córner”; “back” e “off-side” eram ainda usuais. Ver: GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002, p 24-5.

Mas, e se nosso personagem imaginário não houvesse se deslocado para a região periférica da cidade? E se houvesse permanecido no coração da capital, sobrevivendo cotidianamente com o trabalho informal que porventura encontrasse? Neste caso, não há porque não imaginá-lo em alguma foto de época, curioso, a espiar por sobre os muros do estádio das Laranjeiras a algum treino do Fluminense, tentando entender os estranhos movimentos daquele jogo do qual a elite se ocupava dentro de seus clubes, mas que os moleques mais atentos reproduziam como podiam nos espaços vazios criados pelas obras do prefeito Pereira Passos. Na ausência das bolas de couro utilizadas pelos bem nascidos filhos da elite em Laranjeiras, ironicamente, utilizariam laranjas. Na falta de traves, montinhos de pedras ou chinelas; substituindo o uniforme, o simples olhar que reconhece em uma fração de segundo a presença do companheiro ou do adversário ao lado.

Apenas quando já estivesse na casa dos cinqüenta anos (na década de 1920, portanto), nosso hipotético octogenário teria tido a chance de vislumbrar o sucesso de um time composto por jogadores brancos e negros. A façanha não veio, como era de se esperar, das elites, mas sim de um clube da colônia lusitana: o Vasco da Gama, entidade que, segundo Mário Filho, “seguia a boa tradição portuguesa da mistura”.<sup>26</sup> Em 1923, no seu primeiro ano entre os grandes, o Vasco levantou o título com folgas, valendo-se de um time racialmente misto. Por conta disso, em primeiro de março do ano seguinte, os demais grandes clubes fundavam uma nova liga de futebol, deixando de fora os ousados lusitanos e seus jogadores de baixa extração social. Ficava assim demonstrado, para quem ainda duvidasse, que o negro e o pobre eram tão capazes quanto o branco bem nascido, mas também se evidenciava que, para os grandes clubes, futebol era ainda uma questão de classe.

Claro está que nosso personagem não representa o “brasileiro” típico da primeira metade do século XX, sendo antes uma espécie de “brasileiro urbano”, e que contrastaria de forma radical com seu congênero do meio rural. Pouco haveria de comum entre ele e os jagunços massacrados no arraial de Canudos em nome da República na última década do século XIX. Mais alguns anos e o Jeca Tatú, criatura indolente do interior do Brasil retratada por Monteiro Lobato, lhe soaria um tanto quanto estranho, distante que estaria das lides do campo. Contudo, ainda que fosse algo alheio às suas preocupações, nosso personagem, os jagunços de Antônio Conselheiro e

---

<sup>26</sup> RODRIGUES FILHO, Mário. **Op. Cit.**, p 120.

o Jeca de Lobato possuía um traço a uni-los: todos, independentemente de estar no sertão nordestino e defender ainda a Monarquia; à margem de uma região cafeicultora, vivendo sua miséria em meio à opulência; ou ainda na cidade que crescia abaixo da fumaça das novas chaminés, compunham o mesmo povo, a mesma nação, viviam sob o mesmo conjunto de leis e sob os mesmos governantes. Nossa personagem seria tão brasileiro quanto Antônio Beato ou Euclides da Cunha; quanto o poderoso Pinheiro Machado ou o louco Lima Barreto. Usariam a mesma moeda, cantariam (se o soubessem) o mesmo hino diante da mesma bandeira; falariam todos o mesmo idioma, embora talvez nem todos se compreendessem mutuamente. Ainda assim, para nosso personagem fictício, talvez o país terminasse em Campo Grande e as histórias contadas pelos combatentes que regressaram do interior da Bahia e se instalaram em um morro, chamando-o de “Favela” devido às lembranças que com eles trouxeram, seriam apenas referências a um mundo tão distante quanto inimaginável. De qualquer forma, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato ou mesmo Lima Barreto provavelmente seriam nomes alheios ao cotidiano de nosso personagem, uma vez que ele provavelmente sofreria de um grave mal muito disseminado à época: o analfabetismo.

Esta seria outra triste característica de nosso hipotético personagem: a julgar pelas fracas estatísticas que existiam no período, muito provavelmente seria analfabeto ou teria parcisos rudimentos da língua portuguesa. Não que a escolarização já não viesse se ampliando ao longo do tempo, ainda que de forma lenta e entre avanços e retrocessos, mas, lembremos, estamos falando de alguém que teria visto a República eclodir aos 20 anos de idade, e que, portanto, se encontraria já fora da “idade escolar”. No máximo, a escolarização poderia ser vista como algo importante, neste momento, para algum possível neto necessitado de maior instrução a fim de ingressar em alguma fábrica que surgia no meio urbano. Ressalte-se que esta característica não seria propriamente uma exceção, considerando-se os grandes índices de analfabetismo existentes no Brasil e o baixo envolvimento da população com a educação em princípios do século XX.

Para uma economia de base agrícola, como era a nossa, sobre a qual se assentavam o latifúndio e a monocultura e para cuja produtividade não contribuía a modernização dos fatores de produção, mas tão somente se contava com a existência de técnicas arcaicas de cultivo, a educação realmente não era considerada como fator necessário.<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil.** Petrópolis: vozes, 1991, p 45.

A questão, porém, não se resumia apenas ao problema daqueles que não dominavam a escrita e a leitura; havia ainda aqueles que eram alfabetizados, mas em outras línguas, fruto dos bolsões de migração existentes no interior do país e que não haviam ainda sido alvo de uma adequada assimilação na nova pátria.

Assim, nosso personagem não comporia o público consumidor de livros, jornais e revistas. Para ele, as notícias escritas por Euclides ou os contos de autoria de Machado somente fariam sentido na voz de alguém que se dispusesse a decodificar aquele emaranhado de letras, executando uma leitura em voz alta de forma a compartilhar textos e notícias. Mas, uma vez que boa parte da população brasileira engrossava este contingente de analfabetos, como avaliar o peso e a importância do público que, em contrapartida, lia os jornais? Ou, em outras palavras, como avaliar a importância dos jornais na sociedade brasileira na primeira metade do século XX? Deixemos agora nossa personagem e façamos algumas considerações a respeito de nossa fonte principal.

\* \* \*

Em primeiro lugar, lembremos que a utilização da imprensa como fonte histórica demanda, como no caso de qualquer outra fonte, uma série de cuidados específicos. Inicialmente, devemos evitar o senso comum que atribui à palavra escrita o status de verdade incontestável. O texto jornalístico, assim como qualquer outro documento, é, naturalmente, uma criação, por alguém produzido e refletindo não uma verdade, um acontecimento em si, mas antes uma opinião, uma perspectiva pessoal sobre determinado acontecimento. Esta leitura pessoal do real, contudo, não se dá de forma neutra, uma vez que, após produzida, pode ser reproduzida pelo conjunto da sociedade, sendo capaz, portanto, de ser assumida pelo coletivo como retrato fiel da verdade. Não faz parte, portanto, das preocupações do texto jornalístico informar seus leitores de que, assim como para a História, também para ele é impossível recuperar ou reconstruir o passado em sua pureza e exatidão.<sup>28</sup> Exemplificando, não nos interessa discutir aqui se o gol de Ghiggia foi ou não um “frango” de Barbosa, mas antes perceber que ele assim foi

---

<sup>28</sup> Nunca é demais lembrar aqui que, para além da diferença de natureza entre as duas funções, cabe ao jornalista a dificuldade de escrever ainda no calor dos acontecimentos, tarefa que, no campo historiográfico, é tomada apenas por aqueles que se dedicam a “História do tempo presente” ou “História Imediata”.

mostrado e compreendido pela sociedade, tentando entender quais as decorrências que a partir daí foram criadas.

A impossibilidade de recuperar a exatidão do passado não é, contudo, o único elo de ligação entre as funções do jornalista e do historiador. Também os une o fato de que ambos, em seu ofício, devem proceder a uma seleção daquilo que, no conjunto dos acontecimentos, deve ser alçado ou não à condição de objeto de interpretação, de fato jornalístico ou histórico. Somente após a realização desta seleção prévia é que o passado, remoto ou imediato, será oferecido ao público, já tendo sofrido um processo de interpretação pessoal e de adequação a um provável leitor destinatário. Sobre esta aproximação entre os campos historiográfico e jornalístico, bem como sobre o estatuto da imprensa para o historiador, Marialva Barbosa reflete:

A primeira aproximação está mesmo na atividade de seleção, privilégio tanto do historiador quanto do jornalista. Os meios de comunicação ao selecionar o que se passa no mundo, o que vai ou não ser notícia, o que vai ser editado com destaque ou sem relevo, estão, na verdade, procedendo a criação do próprio acontecimento. Longe de serem apenas veículos de divulgação, são eles próprios criadores do acontecimento. E, dessa forma, constituem uma memória privilegiada do presente que vai ser objeto de análise do historiador num futuro. Os impressos são, sobretudo, documentos e como tal *monumentos da memória*.<sup>29</sup>

Em segundo lugar, não devemos perder de vista o fato de que os jornais modernos, inseridos dentro de uma lógica capitalista de produção, se constituem como locais de poder, a partir dos quais é possível influenciar o público a partir de uma determinada leitura do real. Em outras palavras, são aquilo que já convencionamos chamar de “instrumentos ideológicos de poder”.<sup>30</sup> Vários são os trabalhos realizados nos últimos tempos, abordando as relações entre tais instrumentos e a História. Um trabalho pioneiro neste sentido é atribuído à Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado, autoras que no fim dos anos 70 realizaram um estudo conjunto sobre a atuação política do jornal

---

<sup>29</sup> BARBOSA, Marialva. Jornalismo e História: um olhar e duas temporalidades. In: NEVES, Lúcia; MOREL, Marco (orgs.). **História e Imprensa: homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos. Anais do Colóquio.** Rio de Janeiro: UERJ/IFCH, 1997, p 87 (grifo do original).

<sup>30</sup> Para uma definição de ideologia, valemo-nos das palavras de Marilena Chauí. Para esta, “a ideologia consiste precisamente na transformação das idéias da classe dominante em idéias dominantes para a sociedade como um todo, de modo que a classe que domina no plano material (econômico, social e político) também domina no plano espiritual (das idéias)”. In: CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia.** São Paulo: Brasiliense, 2001, p 85.

*O Estado de São Paulo* entre os anos de 1927-1937.<sup>31</sup> Segundo as autoras, seu objeto de análise atuava abertamente na defesa de um projeto político calcado no liberalismo e na democracia. Dentro desta concepção caberia ao Estado tão somente a garantia de objetivos individuais, como liberdade, igualdade, justiça e segurança, sem maiores intervenções na esfera econômica e na propriedade privada, sendo este o “conceito maior na ideologia do jornal”.<sup>32</sup> Ao mesmo tempo, sendo órgão representativo de uma classe específica (proprietários dos cafezais), o *Estado de São Paulo* possuiria no elitismo o ponto mais acabado de sua ideologia, mesclando elementos nacionalistas e etno-centristas, posto que justificava o atraso da sociedade brasileira pela presença de “elementos africanos” e de imigrantes europeus descomprometidos com o progresso nacional. As autoras, porém, salientam que esta fusão de racismo e nacionalismo não é uma exclusividade deste periódico, mas sim “uma tendência observada na literatura brasileira até a década de 1930”.<sup>33</sup>

A partir de então, não apenas historiadores, mas também alguns jornalistas passaram mostrar, através de seus trabalhos, as formas com que a ideologia se mescla ao comportamento e aos textos de um jornal, valendo-se para tanto de sua experiência profissional. Um bom exemplo desta postura é o trabalho de José Arbex Júnior, jornalista atuante da *Folha de São Paulo* no período compreendido entre 1984-1992.<sup>34</sup>

Obviamente, não estamos aqui a proclamar que a atuação da imprensa se dê de forma maquiavélica, com seus executivos organizando reuniões a portas fechadas, onde ficariam a discutir as melhores formas de enganar a opinião pública. A seleção dos acontecimentos e sua transformação em “notícia” não passam, obviamente, por processos tão simplórios. A maneira com que tal seleção e publicização são realizadas passa pelos mesmos filtros ideológicos que se expressam no texto final a ser oferecido aos leitores. Em outras palavras, por possuírem uma História própria e uma posição diante do mundo, os jornais são verdadeiros atores sociais, com uma perspectiva diante do mundo coerente com sua trajetória e com a classe que representam. Suas matérias, portanto, apenas refletem sua perspectiva histórica (ou ideologia), mostrando-a como a que seja “natural”, a mais aceitável ou adequada para a manutenção do bem coletivo.

<sup>31</sup> O trabalho das autoras, originalmente desenvolvido como duas dissertações individuais de mestrado, foi posteriormente agrupado e publicado sob a forma de livro. Ver: CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal *O Estado de São Paulo*.** São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

<sup>32</sup> **Idem**, p 91.

<sup>33</sup> **Idem**, p 119.

<sup>34</sup> Cf.: ARBEX JR., José. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo.** São Paulo: Casa Amarela, 2002.

É possível que a partir do que foi acima exposto, alguém nos questione: “Mas, associar ideologia a textos sobre um evento esportivo? A textos sobre uma partida de futebol?” A resposta é: sim, uma vez que poucos acontecimentos têm se prestado tanto a interpretações e utilizações ideológicas quanto os eventos esportivos, e boa parte da interpretação sobre estes se dá, naturalmente, através do conjunto da imprensa, que se utiliza de cada espaço e de cada pormenor para expressar sua leitura de mundo e seus conceitos e preconceitos.<sup>35</sup> Já o futebol parece ser o espaço por excelência para que a imprensa atribua estereótipos para os atletas conforme um certo senso comum criado acerca de suas nacionalidades. Assim, jogadores argentinos e uruguaios são viris, aguerridos e por vezes violentos; brasileiros são malandros e maliciosos; alemães são práticos e objetivos; africanos são alegres e algo ingênuos e assim sucessivamente, produzindo-se um grande manto de coletivização que encobre toda e qualquer individualidade.

Um outro exemplo, de como o futebol pode ser utilizado de forma ideológica, nos é apresentado por Eduardo Galeano, em um texto sintomaticamente intitulado “A bola como bandeira”, do qual extraímos o fragmento abaixo:

O time modelo da Espanha de Franco, o Real Madrid, reinou no mundo entre 1956 e 1960. Esta equipe deslumbrante ganhou quatro campeonatos da Liga espanhola, cinco Copas da Europa e uma intercontinental. O Real Madrid andava por toda parte e sempre deixava todo mundo de boca aberta. A ditadura de Franco tinha encontrado uma insuperável embaixada ambulante. Os gols que a rádio transmitia eram toques de clarim triunfais mais eficazes que o hino Cara ao sol. Em 1959, um dos chefes do regime, José Solis, pronunciou um discurso de gratidão diante dos jogadores, “porque gente que antes nos odiava, agora nos comprehende graças a vocês”. Como o Cid Campeador, o Real Madrid reunia as virtudes da Raça, embora se parecesse mais com a Legião Estrangeira. Nele brilhavam um francês, Kopa, dois argentinos, Di Stéfano e Rial, o uruguaios Santamaría e o húngaro Puskas.<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> Assim, por exemplo, vencer um jogo de voleibol contra a seleção cubana significa vencer o time da terra de Fidel Castro; mas se Cuba obtém muitas medalhas em uma olimpíada, antes de se falar em investimentos em esporte a partir da educação básica, procede-se a uma comparação com o quadro de medalhas norte-americano, sem qualquer preocupação em estabelecer relações entre vitórias e recursos disponíveis para a preparação das equipes. Por muito tempo, problemas de transmissão em uma prova de Fórmula-1 que se passasse em Mônaco ou na Inglaterra eram problemas de transmissão; se a prova fosse na Indonésia ou na Turquia era culpa da TV local “que não sabe fazer as coisas direito, ainda está aprendendo”, etc...

<sup>36</sup> GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra.** Porto Alegre, L&PM, 2002, p 40. Grifo nosso.

Em terceiro lugar, lembremos que o trabalho de pesquisa em jornais requer, por parte do historiador, a paciência de buscar os conceitos e posições que, ao longo do tempo e das edições, se apresentem como constantes, aparecendo ao leitor de forma sucessiva durante a leitura. Com efeito, é necessário que o pesquisador proceda a um verdadeiro “mergulho intensivo nas fontes”, buscando aquilo que, pela repetição de suas aparições ao longo dos textos, se ressalte como significativo e exemplar para sua análise. Ao fortuito e casual, cabe perguntar o porquê de sua casualidade e, se for o caso, investigar sua relevância ou não, evitando assim um descarte *a priori*.<sup>37</sup> Devemos lembrar que é através desta repetição sistemática que se dá à busca pela criação de valores e conceitos que, ao fim, são direcionadas ao público leitor. Desta forma, poderíamos nos colocar a seguinte questão: em que medida o fato de nos reconhecermos como “o país do futebol”<sup>38</sup> pode e deve ser creditado a uma imprensa especializada que confunde esporte com futebol e, mais especificamente, com o futebol dos grandes clubes dos maiores centros urbanos?<sup>39</sup>

Aqui reside mais uma característica – a quarta – de nossa fonte para a qual devemos estar atentos: seus textos não apresentam apenas uma dimensão ideológica, criando sentidos e sensações sobre o real, mas, ao mesmo tempo, apresentam uma dimensão “pedagógica”, doutrinando a partir de seu discurso sobre o que é socialmente correto e aceitável.

Isto nos remete a uma das maiores dificuldades postas à frente daqueles que se dedicam a trabalhar a imprensa como fonte histórica: a questão da repercussão que os jornais ou suas notícias porventura alcançaram na época em que originalmente foram publicados. A questão é complexa, e sua solução não é tampouco ponto pacífico entre os historiadores. Com efeito, como podemos avaliar se determinado órgão de imprensa era mais ou menos influente na sociedade há quarenta, cinqüenta, ou mesmo cem anos

---

<sup>37</sup> Algumas de nossas reflexões neste parágrafo são tributárias do pequeno, mas valioso trabalho já citado de Cláudio Elmír.

<sup>38</sup> Talvez seja mais correto falar em “país do futebol masculino”, dada a falta de incentivo à prática do esporte para as mulheres, mesmo por parte das instituições e dirigentes responsáveis em organizar sua prática entre nós. Em que pese à visibilidade obtida em tempos de Jogos Olímpicos ou Mundiais da categoria, ou pelas sucessivas eleições da jogadora Marta como a “melhor do mundo”, o caminho a ser trilhado pelo futebol feminino no Brasil parece ser ainda longo. Agradeço a Tatiana Brandão de Araújo por esta observação.

<sup>39</sup> Podemos citar aqui exemplos de programas de rádio ou TV que, a par de seus nomes, tratam de forma quase exclusiva sobre futebol: “Esporte Total”; “Band Esporte Show”; “Hoje nos esportes”; “Esportes ao meio-dia” ou “Show dos Esportes”. Ao mesmo tempo, os cadernos esportivos dos grandes jornais apenas reservam suas primeiras páginas e seus maiores espaços a outros esportes que não o futebol em momentos raros, como os jogos olímpicos ou alguma conquista muito expressiva de uma equipe ou atleta de certa projeção.

atrás? Como saber se a notícia de capa realmente causou repercussão naquele dia, ou se determinada notinha publicada discretamente em um canto do papel realmente passou despercebida? Já houve mesmo quem propusesse a realização de entrevistas com antigos leitores, mas, sabendo-se que a memória é falha e seletiva, poderiam estes lembrar da importância que a leitura de determinado artigo teve em seu cotidiano há décadas atrás? Aliás, poderiam afirmar com certeza que efetivamente realizaram a leitura de um determinado artigo?

Talvez a solução (ou uma solução possível) seja pensar não a partir da leitura, da recepção que efetivamente tenha tido, uma vez que esta possivelmente seja algo irrecuperável e irreconstruível do ponto de vista histórico, mas a partir do próprio jornal, de sua natureza e de sua estrutura; de suas relações com a sociedade, com os atores políticos e com as forças sociais então existentes. Afinal, o fato de se ter uma grande tiragem pode tanto significar certa importância junto aos leitores e à sociedade, como um grande encalhe do ponto de vista mercadológico.

Em quinto lugar, lembremos que ao utilizar os jornais e revistas como documentos históricos, estamos nos colocando no papel de leitores anacrônicos da informação selecionada e produzida. Aquilo que lemos, obviamente, não faz parte de nosso tempo – descontando-se o novo caráter por nós atribuído de fonte histórica. Da mesma forma, devemos estar cientes que o autor do texto não nos tinha em mente quando da produção original do mesmo.<sup>40</sup> Assim, o texto que está diante do pesquisador não visa criar sobre ele sentidos e sensações. A nós cabe nos aproximarmos de tal conjunto de sentidos e sensações a que o texto originalmente se propôs, nunca esquecendo, porém, que esta criação não é imediata nem produzida sem a intermediação do leitor original. E é por este ser um ponto de difícil resgate que devemos, sempre, cruzar o “jornal fonte-histórica” com outras fontes disponíveis, bem como proceder à devida contextualização do momento de sua produção. E esta contextualização pode, por vezes, exigir que se pense em um tempo cronologicamente amplo, ultrapassando em muito o momento efêmero da produção textual. É necessário, portanto, que se proceda ao cruzamento da fonte jornalística com fontes bibliográficas capazes de inserir aquela da melhor forma possível no contexto em que foi produzida. Não nos basta, em nosso caso, analisar os textos referentes à Copa do Mundo de 1950 se não tivermos, através de uma bibliografia

---

<sup>40</sup> Em sua obra já citada, Robert Darnton destaca que ao produzirem seus textos, boa parte dos jornalistas têm como referência não o leitor a quem o texto se destina, mas seus próprios pares dentro da redação do jornal. Ver: DARNTON, Robert. **Op. Cit.**, p 72

específica, um quadro amplo do que era o Brasil na década de 1950. Porém, este não era tampouco algo imediatamente construído. Sabemos que a formação da idéia de uma nacionalidade brasileira é algo que já demandava um longo período, perpassando realidades tão díspares quanto a República Velha dos oligarcas e o Estado Novo centralizado na figura de Vargas, sendo ainda preocupação de movimentos culturais como o Modernismo ou de pensadores àquela altura já consagrados como Gilberto Freyre ou Sérgio Buarque de Holanda. Somente assim – e não utilizando exclusivamente nossa principal fonte – é que poderemos ter a dimensão da quarta Copa do Mundo como parte integrante de um projeto, não necessariamente materializado ou por alguém conduzido, de afirmação do Brasil como nação moderna.

Por fim, lembremos que além do acesso às fontes bibliográficas, também se faz necessário à busca a obras de cunho teórico, que nos possibilitem estabelecer a crítica necessária a respeito das fontes jornalísticas na História. Uma vez que trabalhos vinculando História e imprensa são realizados no Brasil ao menos desde o princípio dos anos oitenta, há um lastro produzido pelos pares que pode e deve ser buscado pelo historiador. A este, cabe ainda optar pela análise textual ou pela incursão na análise discursiva do jornal – terreno pedregoso que nos remete à crítica literária e a todas as dificuldades que um trabalho interdisciplinar feito de forma individual pressupõe. Não há que se esquecer, ainda, de informar ao leitor sobre a opção seguida, a fim de que fiquem claros para este quais sejam os objetivos do pesquisador. Vale, por fim, lembrar que análise discursiva equivale a muito mais do que contar a quantidade de vezes em que tal ou qual expressão aparece no texto, como se estivéssemos a juntar cacos em meio a uma expedição arqueológica, afinal, saber a distância possível do salto a ser dado sem cair no abismo da pretensão inatingível também é uma virtude necessária ao trabalho historiográfico.

\* \* \*

Um trabalho de pesquisa é o resultado de uma série de escolhas e de afinidades. Uma opção errada pode nos levar a pesquisar temas que consideramos árduos, difíceis e (assim como alguns parentes), sobretudo desagradáveis. Obviamente que o binômio agradável/desagradável é um juízo de valor, mas talvez o instante da escolha de uma temática de trabalho seja o único momento em que um pesquisador dedicado aos meandros da História possa expressá-lo livremente, decidindo dedicar seu tempo e seus

esforços a certo assunto, enquanto outros continuarão a procurar alguém que deles se apeteça. Por vezes, a escolha é apenas do pesquisador, absolutamente unilateral, e a partir de então passamos a correr atrás de nosso tema como se corrêssemos atrás da criatura amada, sem que este nos dê a menor importância, escondendo-nos as informações de que necessitamos nas caixas empoeiradas dos arquivos, nos escaninhos das instituições de pesquisa, no documento que se perdeu ou que está totalmente deteriorado, ou ainda na página que alguém, algum dia, por algum motivo, resolveu rasgar daquela revista ou jornal que está em nossa frente e que nunca saberemos – a não ser que encontremos outro exemplar ou a página faltante – se poderia mudar ou não nossa pesquisa para sempre. Outras vezes, somos apresentados para uma temática em um dia qualquer, como se fôssemos apresentados para uma pessoa que nunca antes tivéssemos visto ou que não chamara até então nossa atenção. A partir daí pode-se criar um laço de afinidade entre pesquisador e objeto rico em frutos e resultados, onde o ardor do trabalho se confunde com um misto de prazer e entretenimento. Bem-aventurados os que – sem esquecer que por trás de seu trabalho deve permanecer a seriedade, o fundo acadêmico e a utilidade social – tomam para si tais objetos de análise.

Traçamos as linhas acima, pois este é o momento de apresentar a justificativa para nosso trabalho, buscando uma legitimação diante do contexto das produções acadêmicas. Assim, necessitamos: 1) Buscar uma explicação que valide a escolha do nacionalismo e de uma idéia de nacionalidade brasileira como temática legítima de trabalho, seja por sua relevância, por sua atualidade, ou mesmo por problematizações empíricas ou teóricas que podem ser suscitadas em uma pesquisa histórica; 2) justificar a escolha da imprensa como objeto de pesquisa devido à sua capacidade de difundir junto à população valores e idéias, criando um sentido de coletividade em torno de semelhantes visões de mundo, sendo um dos instrumentos propícios para tal as questões relativas à nacionalidade através de análises esportivas; 3) legitimar o futebol – e, dentro do universo de acontecimentos que o envolvem, um evento específico – enquanto parte integrante de uma “brasilidade”, de um “jeito nacional de ser e entender o mundo”, ou ao menos capaz de expressar tal jeito de ser.

Pensamos inicialmente sobre a importância do nacionalismo enquanto conjunto de idéias capazes de fomentar um sentimento de comunidade, de unidade, de diferenciação diante do outro; sobre como tais noções resistiram à idéia de uma “aldeia global” criada a partir do avanço dos meios de comunicação. O mundo pode estar “menor” e as

Alemanhas podem ter se unificado, mas a própria Europa tem hoje muito mais países do que tinha até o final da Guerra Fria. Falamos em globalização, mas reforçamos nossos laços com aquilo que nos identifica com o pequeno espaço, com o local de nossa origem, com aquilo que nos confere identidade.

Vivemos em um mundo com mais bandeiras.

Obviamente que a imprensa ocupa parte importante na idéia original de “globalização”, absorvendo novas tecnologias em benefício próprio ao mesmo tempo em que disponibiliza informações mais rápidas ao conjunto da sociedade. Hoje somos informados sobre terremotos na Indonésia ou conflitos entre policiais e manifestantes no Nepal no mesmo dia em que ocorrem, algo que seria totalmente irreal ao tempo do conjunto de periódicos que aqui levantamos. Hoje as páginas dos grandes provedores de *internet* são instrumentos de divulgação de acontecimentos tanto quanto os jornais e revistas impressos, com a vantagem de estarem continuamente oferecendo novas atualizações. Não formamos somente uma comunidade imaginada de leitores de *O Cruzeiro*, do *Correio do Povo* ou da revista *Manchete*, mas também de assinantes do *Terra*, de usuários do *Yahoo!* ou do *MSN*. As novas técnicas, porém, parecem esconder traços da mesma lógica que vem do passado: grandes empresas; textos pretensamente “neutros”; a informação tratada como “mercadoria” capaz de atrair um público consumidor de notícias; o financiamento através da venda de espaços para a publicidade.<sup>41</sup>

Boa parte destas informações ocupa-se dos esportes, e dentro desta outra boa parcela é dedicada ao futebol. Através das imagens da TV podemos ver de nossas salas os maiores jogadores do mundo em ação nos campeonatos europeus ou, ainda, sermos bombardeados por uma enxurrada de jogos de equipes do centro do país, em uma clara demonstração de como tomar a parte pelo todo. Isto sem falar das várias horas diárias ocupadas não somente nas emissoras de televisão, mas principalmente nos rádios, com programações dedicadas aos comentários mais diversos sobre futebol.

Um curioso testemunho de como tal processo se deu nos últimos anos, em um país onde o apelo futebolístico é menor, nos é oferecido pelo jornalista norte-americano Franklin Foer, ainda no prólogo de seu trabalho publicado no Brasil:

---

<sup>41</sup> Em seu trabalho sobre o jornalismo gaúcho, Francisco Rüdiger elenca, ao longo de um capítulo, estas características como as definidoras do jornalismo informativo moderno. Cfe: RÜDIGER, Francisco. **Op. Cit.**, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

Durante minha infância, a TV pública repriseava irregularmente jogos da Alemanha e da Itália no horário dos televangelistas nas manhãs de domingo. Essas míseras reprises eram tudo de que se dispunha nos quatro anos que separavam duas Copas do Mundo. E olhe lá.

Mas lentamente a tecnologia foi preenchendo as brechas. Primeiro, graças a Deus, veio a Internet, onde você podia ler as páginas esportivas inglesas e seguir atentamente os jogadores que tinha conhecido na Copa do Mundo. Depois Rupert Murdoch, abençoado seja, criou um canal a cabo chamado Fox Sports, quase totalmente voltado ao futebol europeu e latino-americano. Agora, uma antena parabólica traz para a minha sala de estar o canal a cabo do Real Madrid, assim como jogos do Paraguai, Honduras, Holanda, Escócia e França, sem falar em Brasil, Argentina e Inglaterra.<sup>42</sup>

E, no entanto, este fenômeno de massas chamado futebol, parece ser, ao fim e ao cabo, um instrumento pouco apto para homogeneizar identidades sob um mesmo rótulo, produzindo antes o efeito contrário: valorizando traços de identidade coletiva em pequena escala, que são realçados diante da ameaça de uma absorção ou mesmo de uma subsunção. É o próprio Foer quem prossegue:

Em minhas viagens, tentei usar o futebol – seus torcedores, jogadores e estratégias – para imaginar como as pessoas se identificariam nesta nova era. Será que agora abraçariam novos rótulos, mais globalizados? Os seres humanos deixariam de pensar em si mesmos como ingleses ou brasileiros e começariam a se definir como europeus ou latino-americanos? Ou será que essas novas identidades não teriam sentido, com suas raízes pouco profundas? As pessoas retornariam a identidades mais antigas, como a religião e a tribo? A julgar pelo exemplo do futebol, religião e tribo têm grandes chances.<sup>43</sup>

E ainda assim, nós, brasileiros, apresentamo-nos ao mundo como “o país do futebol”. Claro está que esta adjetivação vem por vezes acompanhada de outras, como “do samba, do carnaval, da capoeira, etc...” Mas em que pese à existência de uma parcela de pessoas completamente alheias aos assuntos da bola, esta parece ser bem menor quando comparada àqueles que não possuem nenhuma vocação para quebrar as cadeiras, que se recolhem nos festejos de Momo e Baco, ou que acham que berimbau seja instrumento de doze cordas. Ao mesmo tempo, tais manifestações ocupam espaços

---

<sup>42</sup> FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p 7-8.

<sup>43</sup> **Idem**, p 10.

significativamente menores na mídia em comparação ao futebol, e nem consta que tenham produzido grandes comoções populares passíveis de serem lembradas como momentos excepcionalmente tristes na história do país.

Um destes tristes momentos, também pertencente ao universo dos esportes, é lembrado em uma obra da antropóloga Simoni Lahud Guedes. A autora, com efeito, remete-se ao falecimento do piloto Ayrton Senna em 1 de maio de 1994, ao sentimento de desolação coletiva provocada pela perda de alguém alçado à dimensão de “herói nacional” e aos registros jornalísticos de seus ritos funerários que, à época, ensejaram a publicação de edições especiais das maiores revistas de circulação nacional. Contudo, após lembrar que nem a carreira vitoriosa do piloto, nem a tragédia de sua morte nas pistas foram capazes de transformar o Brasil no “país do automobilismo”, a autora estabelece um raciocínio que, ao nosso ver, é de fundamental importância para nosso estudo:

O ponto a observar é simples, mas, a meu ver, decisivo para uma sociologia dos esportes no Brasil: se rigorosamente qualquer esporte pode produzir a identificação coletiva através das vitórias, apenas o futebol o faz permanentemente, nas vitórias e nas derrotas. Por isso, até aqui, o Brasil continua sendo o *país do futebol*.<sup>44</sup>

Esta identificação coletiva referida por Guedes, ou se dá no momento exato em que os fatos ocorrem, explorando as cargas simbólicas que possuem junto a um certo potencial emotivo, ou são trabalhadas através dos mecanismos capazes de produzir e/ou despertar uma memória sobre eles. Aqui voltamos ao papel dos meios de comunicação e sua ação junto à coletividade. Este constante despertar da memória social, quando fomentado pela mídia, se dá através da retomada do assunto, especialmente em momentos significativos, capazes de chamar a atenção da sociedade para determinados eventos e figuras alçados à condição de integrantes do imaginário social, daquele conjunto de eventos e figuras que todo brasileiro conhece ou, ao menos já ouviu falar, embora nem sempre consiga contextualizá-lo ou ligá-lo a outros fatos corretamente. Em outras palavras, parte de nosso conhecimento acerca de nós mesmos é produzida pelos “hábitos jornalísticos de 50 anos” a que o cronista se referia algumas páginas acima.

---

<sup>44</sup> GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro.** Niterói: Eduff, 1998, p 41.

Um dos momentos em que este “hábito” se expressou foi em julho de 1980, por ocasião dos então 30 anos da derrota brasileira no Maracanã. Naquele mês, o conhecido programa jornalístico Globo Repórter dedicou-se especialmente a esta temática, com uma programação especial intitulada “O dia em que o Brasil chorou”.<sup>45</sup> É curioso, mas tenho ainda uma vaga lembrança de ter assistido, aos sete anos de idade, a tal programa. Criava-se ali, em mais um brasileiro, a memória coletiva sobre a “tragédia de 1950”? Talvez sim. Porém, mais importante foi assistir ao curta-metragem “Barbosa”, produzido em maio de 1988 pela empresa Sagres Cinema, Televisão e Vídeo, sob direção de Jorge Furtado e Ana Luiza Azevedo.<sup>46</sup> No filme, o personagem principal, de posse de uma máquina do tempo e, tendo todo o passado da humanidade a sua disposição para escolher um momento que pudesse, através de sua própria ação, alterar, resolve voltar para a fatídica partida contra o Uruguai, a fim de invadir o campo e impedir que Ghiggia anotasse o gol decisivo daquela tarde. As imagens iniciais mesclam cenas da época com depoimentos posteriores do goleiro Moacir Barbosa, comentando as acusações que recebeu a partir daí e ao longo de sua vida, bem como sobre a inutilidade de sempre se retomar aquele momento, pois, “... *em nada vai voltar as coisas que já aconteceram*”.<sup>47</sup> A justificativa da escolha daquele momento preciso para a viagem fictícia, porém, remete a uma questão que ultrapassa, ainda que subliminarmente, qualquer traço de pessoalidade do personagem: ele estivera quando criança (assim como Perdigão) presente às arquibancadas do Maracanã naquela tarde, e tivera a partir de então a noção do mundo como algo “*contingente e absurdo*”. Assim, o personagem conclui afirmando não saber ao certo se sua escolha visava mudar o destino de Barbosa ou simplesmente salvar sua própria vida. Embora o filme tenha atraído minha atenção, apenas anos mais tarde, cruzando as lembranças que tinha sobre o mesmo com as leituras que havia feito ao longo da graduação em História e, principalmente, durante o mestrado, sobre as relações entre esta e a imprensa, é que me dei conta de que ali havia uma temática de estudo que poderia ser aprofundada, de que a questão ia muito além das quatro linhas do Maracanã, e, principalmente, de que o drama

---

<sup>45</sup> Autor de um conhecido e já referido trabalho sobre aquela partida, Paulo Perdigão não somente assistiu pessoalmente a partida final do Maracanã – embora ainda fosse criança – mas também colaborou com a produção do programa em questão. Cf.: PERDIGÃO, Paulo. **Op. Cit.**, p 22.

<sup>46</sup> O filme, contudo, é inspirado em um conto de Perdigão, chamado “O dia em que o Brasil perdeu a Copa”, publicado originalmente em 1975 na revista *Ele Ela*, e republicado com algumas modificações em “Anatomia...” onze anos mais tarde.

<sup>47</sup> A expressão é, textualmente, retirada do depoimento de Barbosa.

do personagem sem nome vivido por Antônio Fagundes ia muito além do campo pessoal, posto que dizia respeito à coletividade, a todos os brasileiros.

Era um verdadeiro drama nacional.

Assim, este trabalho é também fruto desta memória comum, criada a partir deste drama periodicamente repisado e apresentado à nação sob a forma de tragédia. Na impossibilidade de voltarmos no tempo para salvar Barbosa e, juntamente com ele, toda a nação – tal como o personagem do filme de Jorge Furtado e Ana Azevedo –, optamos por estudar este momento de dor coletiva através das páginas da imprensa, buscando entender sua importância e seus significados para o Brasil. Se conseguirmos de alguma forma contribuir com os estudos deste curioso fenômeno contemporâneo que é a nacionalidade e, junto a esta, a ação da imprensa de massa, então esta partida – ao menos esta – será ganha.

## Capítulo 1

### (ou “Vestindo o uniforme”)

*“Deus me deu mãos de veludo pra fazer carícia  
Deus me deu muitas saudades e muita preguiça  
Deus me deu pernas compridas e muita malícia  
Pra correr atrás de bola e fugir da polícia”.*

*Chico Buarque*

Nossa História, como qualquer outra, é dotada de inúmeras singularidades.

Para não nos remetermos ao período pré-cabralino e uma possível comparação entre as características próprias dos inúmeros grupos que transitavam por Pindorama em relação aos povos que habitavam além da floresta e da cordilheira, lembremos que temos uma colonização *sui generis* dentro de nosso próprio continente. Em meio a uma América meridional conquistada e catequizada na língua de Cervantes, fomos uma pequena ilha conquistada e catequizada na língua de Camões. Nunca fomos divididos em vice-reinos autônomos entre si; o fomos em nossa unidade, e por isto apenas entre nós nestas vastas terras o termo “Capitania Hereditária” é dotado de um maior significado. Entre nós o nativo não estava obrigado ao pagamento de *mitas* e *encomiendas*, mesmo porque tais obrigações não competem a um povo escravizado. Também entre nós foi inserido um povo de além-mar como em nenhum outro lugar – o que nos torna a segunda maior nação negra do mundo em números absolutos –, e também este povo foi feito escravo. Enquanto o mercantilismo vicejava com vigor na Europa, imbuído de sua noção de acumulação de metais, fornecíamos ao mundo o fruto branco de nossas terras tropicais. No momento em que as nações do velho continente se encaminhavam para a dupla revolução do século XVIII, passamos a encontrar na mineração uma fonte de inserção na economia mundial, como se tivéssemos chegado atrasados ao período anterior. Mas ainda que isto provocasse um deslocamento no eixo de nossa própria economia, passando seu centro de importância do litoral para o interior, continuamos sendo um território único, uma única e especial colônia integrante de um império cujo centro estava além do Atlântico.

Ao mesmo tempo, nossa relação com a produção e a difusão do saber não correspondia ao que existia entre nossos vizinhos. Ao contrário do que ocorria na América espanhola, a fundação de universidades ao tempo da colônia nos era algo

totalmente vedado. A abertura de cursos superiores entre nós teve de esperar não apenas a chegada, mas também a afirmação do regime imperial. Somente em 1827 Dom Pedro I autorizou a abertura de dois cursos jurídicos sediados em São Paulo e Olinda. Até então, os mais afortunados pelo nascimento que resolvessem enveredar pelo mundo dos estudos deveriam procurar preferencialmente alguma instituição na Europa. Constituía-se assim uma elite administrativa que durante sua formação ficava afastada de seu país, e que por ostentar ao mesmo tempo o poder econômico, passava a encontrar na coisa pública um prolongamento de seus negócios privados. Note-se ainda que o fato de iniciarmos a História dos cursos superiores no Brasil com duas instituições voltadas aos estudos jurídicos deve ser entendido dentro da cultura do bacharelismo, onde o diploma e o anel eram pré-requisitos importantes para a entrada na vida pública nacional, uma vez que sua simples existência e posse conferiam legitimidade e respeitabilidade ao portador diante de uma massa de ignotos.

Não nos faltavam, porém, apenas instituições de ensino; faltavam-nos, também, por vontade expressa do governo colonial, jornais. Com efeito, o somatório da ignorância e do analfabetismo, junto com a proibição de publicar e editar nesta terra tornava o Brasil um solo árido para a constituição da imprensa no período anterior à vinda da Família Real. Os pequenos opúsculos que circulavam de modo efêmero e ilegal apenas conseguiam divulgar idéias através da leitura solidária, em ambientes públicos ou privados. Conforme comenta Maria Helena Capelato a respeito da imprensa no Brasil:

A Coroa Portuguesa sempre criou obstáculos ao seu desenvolvimento para impedir que as críticas à dominação metropolitana se propagassem através das folhas impressas. Além disso, os núcleos urbanos eram pouco significativos na sociedade colonial havendo predominância de uma população do campo, analfabeta, constituída na sua maioria por escravos, dispersa em áreas distantes. Estes fatores representaram empecilhos para a consolidação da imprensa.

Apesar das dificuldades, diários e panfletos circularam nos pequenos e grandes centros urbanos. A barreira do analfabetismo era contornada pela comunicação oral: a leitura em voz alta, nas esquinas, nas farmácias ou nos serões familiares possibilitava a divulgação das mensagens, muitas vezes de caráter político – antilusitano e anticolonialista.<sup>48</sup>

---

<sup>48</sup> CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988, p 38.

A atividade impressora foi vetada aos naturais da terra até o surgimento da *Gazeta do Rio de Janeiro* em 1808, primeiro órgão integrante da dita “Imprensa Áulica” e que se destinava a divulgar as ações – oficiais ou particulares - da família imperial. No mesmo ano, porém, já havia surgido o *Correio Braziliense*, fundado e editado em Londres por Hipólito José da Costa, propagando as idéias liberais, fazendo duras críticas ao governo português e propugnando um governo autônomo para o Brasil dentro de um regime de independência política. Devido a este caráter, a folha de Hipólito somente chegou até nós escondida nos bolsos internos de marinheiros e contrabandistas, ganhando a partir daí as ruas e os olhares daqueles que sabiam decifrar aquele estranho código de letras em seqüência.

Assim, por um lado, formávamos lacunas enormes em nossa educação, tratada ao princípio de nossa história como um artigo de luxo desnecessário ao bom andamento dos negócios – o que, convenhamos, não deveria ser surpresa em um território marcado pelo analfabetismo, onde o fato de não saber ler e escrever não significava necessariamente a impossibilidade de gravitar em torno do poder político. Por outro, faltava-nos o impresso, capaz, como vimos no capítulo introdutório, não apenas de disseminar idéias em torno de uma língua nacional, mas também de cimentar a existência de comunidades maiores, embora imaginadas, ao redor de tais idiomas.

Quando a grande onda dos Estados Nacionais chegou nas praias do continente, sua força não foi suficiente para nos cindir em unidades menores. De colônia e parte integrante de um reino passamos – como já vimos – ao *status* de Império, ainda que cercado de Repúblicas por todos os lados, graças a uma transição onde as armas foram substituídas na maior parte dos locais pela negociação, bem como por uma polpuda indenização, que ao fim das contas acabou ressoando nos cofres ingleses. E neste *status* continuamos por quase sete décadas. Ao final deste período, quando a instituição do trabalho escravo passou a dar os sinais inequívocos de seu desgaste, julgamos ser impossível aderir aos novos tempos com aqueles que traziam consigo a marca da “selvageria” das florestas ou do trabalho forçado à sombra dos chicotes. Era a hora de nos conferirmos algum aspecto de nação civilizada, ainda que fosse no quesito do biótipo humano. Havia que se branquear o Brasil.

E assim uma vasta gama de imigrantes oriundos de diversos pontos do continente europeu aportou neste solo. Alemães, italianos, espanhóis e poloneses, entre tantos outros, passaram a misturar-se nesta terra ao contingente português que, a par da

independência política, continuava a se fazer presente em grande escala. Tudo isto misturado a uma elite já natural desta pátria amada que, ainda ostentando evidentes raízes européias, preocupava-se em formar projetos capazes de viabilizar nossa jovem e promissora nação.

Tais imigrantes, porém, não chegaram necessariamente ao Brasil sob uma mesma condição. Em primeiro lugar, houve uma boa parcela que, diante da impossibilidade de encontrar trabalho enquanto experimentavam uma realidade de fome e pobreza no continente europeu, foram atraídos pelas promessas de terras e prosperidade do outro lado do Atlântico. A realidade encontrada aqui, porém, é assunto já amplamente difundido pela historiografia: más condições de sobrevivência, contratos draconianos e, no limite, um processo sutil – mas eficaz – de escravização por dívidas que se acumulavam a partir do valor da própria passagem para o Brasil, e que se tornavam ao fim impagáveis. Já outros, que acabaram beneficiados com a doação de terras na forma de “colônias”, acabaram por receber lotes em locais distantes de qualquer recurso que não fosse sua própria comunidade, de solo nem sempre apto para a atividade agrícola, e onde a existência de sociedades indígenas ou caboclas chocava-se frontalmente com a promessa de que os lotes a serem recebidos estariam “vazios”. Em ambos os casos, diante da nova realidade experimentada em uma terra distante, buscaram os colonos reproduzir neste território o modo de vida e os valores que haviam deixado na Europa. A partir de então, criaram-se no interior do Brasil verdadeiros bolsões de migração onde a cultura local se desenvolvia à parte do restante do país.

Cabe ainda lembrar que os processos migratórios, tal qual os fenômenos físicos, operam dentro de um sistema de forças opostas, onde uma ação demanda uma reação e a formação de uma nova realidade. Desta forma, a vinda de imigrantes europeus para trabalhar no Brasil não significava apenas uma forma de reduzir a pressão social na Europa pela transferência de população excedente, mas, na outra ponta do processo, levava a alocação de um contingente humano sobre uma região outrora ocupada por outras pessoas. Se aos nativos e caboclos já referidos coube o extermínio, a assimilação através de sub-empregos, ou ainda a simples marginalização social, ao contingente de escravos que seriam a partir de então substituídos por novas forças e formas de trabalho pouco restava a fazer além de buscar a inserção dentro da própria unidade produtiva onde até então estiveram, ou tentar a sobrevivência através da prestação de trabalhos nos centros urbanos que se avolumavam.

Por outro lado, muitos outros imigrantes aportaram no Brasil não pela necessidade de fugir de um quadro de carências na Europa, mas pela ânsia de encontrar um local onde pudessem investir de forma vantajosa seus capitais já acumulados. Atraídos por um país de industrialização incipiente, onde a concorrência não se encontrava ainda plenamente afirmada, abriram no Brasil empresas nos mais diversos ramos, contribuindo para conferir um novo aspecto não somente à paisagem urbana, mas também à própria estrutura da sociedade brasileira. Ainda que sua força não fosse suficiente para mudar o caráter eminentemente agrícola de nossa economia na transição do século XIX para o XX, sua presença fomentou o surgimento de nossos primeiros grupos operários verdadeiramente constituídos como tal, formados pelo somatório de migrações oriundas de dentro e de fora do Brasil, e que talvez possam ser entendidos como um reflexo de nossos primeiros passos dentro de uma ordem econômica mundial eminentemente industrial e capitalista.

Se, nas cidades, a paisagem era agora alterada pela fumaça que emanava de chaminés fixas aos prédios, no interior a fumaça poderia muito bem emanar de chaminés móveis. Com efeito, a partir da segunda metade do século XIX, as principais áreas produtivas do país foram cortadas por estradas de ferro que as ligavam aos portos do litoral a fim de escoar sua produção. Tais ferrovias apontam não somente para mais um traço de inserção do país no sistema capitalista mundial, mas igualmente para a introdução de um grupo migrante distinto, altamente capitalizado, e que procurou reproduzir em terras brasileiras o estilo de vida que possuía na Europa: os ingleses.

Reconhecidos como os inventores do futebol, os ingleses não somente detêm a “patente” da criação do esporte, mas também o de sua difusão pelo globo juntamente aos seus interesses econômicos. Desta forma, as primeiras noções de futebol seriam dadas ao restante do mundo por marinheiros nas zonas portuárias; por administradores de ferrovias junto aos dormentes, ou mesmo nos horários em que o trabalho nas tecelagens permitisse alguma evasão à rotina.<sup>49</sup> Tratava-se assim, como é facilmente

---

<sup>49</sup> Em “Futebol ao sol e à sombra”, Eduardo Galeano propõe uma teoria no mínimo interessante. O futebol, segundo ele, seria um produto tão britânico como os tecidos de Manchester, as estradas de ferro, os empréstimos do banco Barings ou a doutrina do livre comércio. Seria assim, um produto que acompanharia uma expansão feita principalmente a partir do comércio e do Capital. Já no mar do Caribe, esta nova colonização teria sido patrocinada pelos Estados Unidos, através de *Marines* que traziam o fuzil em um ombro e o bastão de beisebol no outro, o que explicaria a popularidade deste esporte naquela região do mundo. Já Gilmar Mascarenhas de Jesus, ao estabelecer uma comparação entre a difusão do futebol na Inglaterra e do beisebol nos Estados Unidos, comenta: “Devemos entretanto salientar que havia na Inglaterra uma grande heterogeneidade de jogos com bola, de longa tradição e cuja difícil superação, no sentido do estabelecimento de regras unificadas, dependeu diretamente da integração territorial. Nos EUA, tal integração serviu mais propriamente para difundir no território a nova modalidade esportiva já

verificável, de um fenômeno mais urbano que rural, e que acompanhava as transformações do mundo rumo às modernidades do capitalismo. Porém, na vastidão de nosso país, nem todas as respostas poderiam ser buscadas através do moderno. Com efeito, muitas das diversas leituras feitas por intelectuais que buscaram, até a primeira metade do século XX, explicar a formação inacabada desta obra complexa que podemos denominar de “nacionalidade brasileira”, possuíam seus olhos voltados para o passado e/ou para o homem simples do interior. É lá que estava parte importante de nossa essência, e que possibilitava uma visão que, até a metade do século XX o brasileiro possuía acerca de si próprio.

É hora, pois, de vestir o uniforme da nacionalidade. Deixemos a bola momentaneamente debaixo dos bancos do vestiário.

\* \* \*

Em que medida os intelectuais de um país são importantes na difusão de um conceito ou de uma perspectiva de nacionalidade em formação? A pergunta, quando trazida para o contexto brasileiro da primeira do século XX, torna-se significativa se tivermos em mente o alto grau de analfabetismo que grassava em nossa sociedade. Não podemos, desta forma, argumentar que o conjunto de pensadores que trabalharemos adiante seja relevante por se tratarem de nomes cujas obras eram massivamente lidas pela sociedade brasileira. No entanto, também não há como negar que boa parte da auto-percepção do brasileiro a respeito de si próprio passava – e ainda passa – por um conjunto de obras gestadas naquele período, cujas influências não se limitaram às redações dos jornais, aos gabinetes acadêmicos ou às melhores estantes do país. Assim, acreditamos poder encontrar em tais obras aspectos importantes na busca de um melhor entendimento da concepção de Brasil existente nas ruas e arquibancadas até 1950.

Em primeiro lugar devemos lembrar que, embora possua uma natureza e, na maioria dos casos, uma finalidade diversa quando comparado aos periódicos que

---

formatada. Na Inglaterra, tratou-se de redefinir, em processo político lento e conflituoso, a forma e os sentidos de jogos populares de origem muito remota. E não devemos perder de vista que, se nos EUA as ferrovias desbravaram e organizaram o vasto território para o oeste, levando à fronteira de expansão o beisebol e outros produtos da “cultura norte-americana” gestada no nordeste industrial, na Inglaterra elas se implantaram sobre uma rede urbana já consolidada, colocado em confronto diferentes e arraigados hábitos locais. Cumpriu portanto um papel distinto, e bem mais complexo”. Cfe: GALEANO, Eduardo. **Op. Cit.**, p 31-2; JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **A bola nas redes e o enredo do lugar: por uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul**. São Paulo: USP (Tese de doutorado), 2001, p 21.

tomamos aqui como fonte primária, um conjunto de obras composto por ensaios, análises históricas, interpretações, romances ou crônicas, são também frutos da atividade da imprensa. Podemos não ter, nos elementos que compõem tal conjunto, o caráter de “*best seller* de um só dia” com o qual Benedict Anderson define os jornais<sup>50</sup>. Ainda assim, da mesma forma que estes, trata-se de objetos capazes de difundir e sedimentar aspectos importantes para a constituição de uma nação. O principal destes, certamente, é a criação e difusão de uma língua nacional em grande escala, através da reprodução mecânica de textos direcionados para um mercado consumidor.

Num sentido positivo, o que tornou imagináveis as novas comunidades foi uma interação semifortuita, mas explosiva, entre um sistema de produção e de relações produtivas (capitalismo), uma tecnologia de comunicações (a imprensa) e a fatalidade da diversidade lingüística do homem.<sup>51</sup>

Ao mesmo tempo, um conjunto de pensadores que busca refletir sobre as origens históricas de um povo e suas relações com o presente constitui a necessária intelectualidade que, através de suas reflexões, valida uma coletividade a qual pertencem diante de outras tantas. Seus trabalhos, assim, possuem o caráter de depositários das primeiras preocupações de uma sociedade em torno de sua legitimidade histórica ao se apresentar como nação. Aqui, lembramos um dos aspectos elencados por Eric Hobsbawm para que um povo pudesse ser efetivamente constituído como tal: “a existência de uma élite cultural longamente estabelecida, que possuísse um vernáculo administrativo e literário escrito”.<sup>52</sup> É possível argumentar que uma élite, com tais funções, já se constituísse em solo brasileiro a partir do período imperial de nossa História. Contudo, há que se considerar não apenas o alvorecer de uma nova fase na História brasileira a partir da República, mas também – em certa parte como um verdadeiro fruto do acaso – o surgimento de uma geração exponencial de pensadores brasileiros em um contexto de afirmação das ciências humanas entre nós. Autores que, mesmo sob enfoques por vezes diametralmente opostos, pensaram a formação de nosso povo, retirando a História dos grandes salões e dos documentos oficiais, ao mesmo tempo em que a punham nas ruas e arraiais por onde transita o homem comum.

---

<sup>50</sup> Ver “Introdução”, nota 9.

<sup>51</sup> ANDERSON, Benedict. **Op. Cit.**, p 52.

<sup>52</sup> HOBSBAWM, Eric. **Op. Cit.**, (1998) p 49.

A importância desta geração pode ser medida não somente pela influência que ainda hoje muitos de seus nomes possuem entre os trabalhos e discussões acadêmicas, mas também por se destacarem, durante seu período de atividade, na apresentação de perspectivas até então inovadoras a respeito da História e da sociedade brasileira, ou ainda por buscarem e proporem pela primeira vez a inserção do Brasil em um movimento de modernidade que poderia nos colocar no mesmo compasso dos países tidos como mais evoluídos ou adiantados. Ainda assim, tal movimento deveria ocorrer através da valorização daquilo que possuiríamos como próprio de nossa cultura, mesclando desta forma nossa originalidade com tendências que viriam além de nossas fronteiras. Assim, pela vez primeira, interpretações produzidas a partir de uma elite intelectual valorizavam aspectos que tínhamos como indignos de merecerem uma maior atenção. Se até pouco tempo atrás deveríamos providenciar um branqueamento de nossa sociedade, agora passávamos a nos ocupar das senzalas e das relações mais íntimas existentes entre os senhores e seus escravos; nossas raízes lusitanas passavam a ser um elemento explicativo de nossa sociedade como até então não haviam sido; tomávamos consciência de que as características de nossa organização social e econômica eram em muito uma decorrência da forma com que a produção material se organizava entre nós durante o período colonial. Tomávamos assim ciência de nossa formação e de nossa historicidade como nunca o tínhamos feito.

Podemos nos perguntar até que ponto estas novas perspectivas sobre o Brasil conseguiam penetrar em uma sociedade que pouco lia e que era historicamente afastada dos bancos escolares. Seu vigor e importância, acreditamos, não estão primeiramente em uma questão de difusão quantitativa entre os brasileiros de então, mas sim em uma difusão qualitativa, ou seja, se fizeram importantes por encontrar acolhida primeiramente nos espaços em que sua importância e originalidade poderiam ser corretamente avaliadas e, apenas a partir daí, difundidas no seio da própria sociedade que pretendiam analisar. Trata-se de conquistar, primeiramente, os ainda recentes espaços universitários, os locais de uma cultura pretensamente “mais refinada” ou ainda – e ao mesmo tempo – as páginas dos jornais e revistas que os difundiam Brasil afora. São, deste modo, leituras que, de forma análoga à difusão do futebol, partem de um grupo de elite – neste caso intelectual – espalhando-se gradativamente, até atingir uma maior popularização dentre a sociedade brasileira.

Não se trata de defender aqui a idéia de que o sentimento comum do pertencimento à nacionalidade brasileira seja algo que tenha partido exclusivamente dos

grupos de elite, espalhando-se a partir deste pólo gerador para o conjunto das pessoas que dela compartilham. Afinal, bem sabemos que os quesitos necessários para se constituir tal idéia coletiva é amplo e suas matrizes geradoras são diversas. Neste sentido, certamente uma parte importante da perspectiva que conferia uma visão do Brasil para os próprios brasileiros de 1950 – assim como hoje – provinha da cultura das ruas e dos morros, do samba, do choro, das piadas, das tragédias grandes e pequenas do cotidiano. Em outras palavras, o auto-retrato de um grupo social resulta necessariamente de um intercâmbio e de uma troca entre aquilo que, na falta de outro termo, podemos chamar de “alta” e “baixa” culturas; entre o popular e o erudito, entre o fruto dos teatros freqüentados nas noites de gala e dos botequins encravados entre o trabalho e o lar. Todavia, para o momento específico que temos em mente, acreditamos ser possível oferecer um quadro razoável deste conjunto de metades tão opostas através de obras que, embora geradas principalmente no seio de uma elite letrada (intelectualidade), possuem o mérito de se dedicar de alguma forma ao entendimento de uma brasiliade que ultrapassava o meramente acadêmico ou simplesmente “rebuscado”. Trata-se de buscar o entendimento de um Brasil distante, afastado dos grandes centros, ou ainda de valorizar traços que pudessem ser considerados “genuínos” de nossa cultura e que se prestassem à mistura ou inserção nos movimentos considerados *avant la lettre* dentro do contexto cultural de então.

Sobre a importância dos intelectuais neste processo de construção de uma nacionalidade, Renato Ortiz comenta:

A idéia de construção nos remete a uma outra noção de mediação (...). São os intelectuais que desempenham esta tarefa de mediadores simbólicos (...). Dito de outra forma, o processo de construção da identidade nacional se fundamenta sempre numa interpretação (...). Todos, no entanto, se dedicam a uma interpretação do Brasil, a identidade sendo o resultado do jogo das relações apreendidas por cada autor.<sup>53</sup>

É pensando em vestir o uniforme da nacionalidade brasileira que partiremos em busca de nós mesmos. A partir do sertão euclidiano e de seus habitantes até então desconhecidos e ignorados, faremos uma pequena viagem pelo Brasil que se define a si próprio. Flutuaremos na linha do tempo verde-e-amarela – da República ao Império ou

---

<sup>53</sup> ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p 139.

Colônia e novamente à República – conforme a mão daquele que tivermos como guia principal. Este, no entanto, poderá ser secundado por guias menores, intérpretes e/ou comentaristas, que nos auxiliarão em nossa busca por uma imagem passada, como que já apagada de um espelho que temos a nossa frente. Vamos, em outras palavras, em busca de pistas que nos ajudem a entender a dimensão da derrota de 1950, e acreditamos que esta caminhada se faz necessária, pois muitas das explicações para a expectativa e para a frustração se encontram muito longe das quatro linhas maiores do Maracanã. Antes, estão dentro de outras linhas, em parte imaginárias, e dentro das quais habita “um povo bonito por natureza” em uma terra “tropical” e “abençoada por Deus”; mas também estão em linhas reais, feitas não à cal e sobre a grama, mas à tinta de impressora e sobre o papel de livros, revistas e jornais. Linhas que podem ter como elemento gerador mãos e mentes oriundas de uma elite, mas que se distinguem por se ocuparem do Brasil real, de sua formação e dos fatores que, ao fim das contas, constroem o edifício de nossa identidade de brasileiros. E entre estes fatores, não há como o negar, estão aqueles que pesaram na busca por culpados para nossa maior derrota no campo esportivo durante o século XX. Afinal, costumamos buscar desde sempre os culpados por nossos problemas dentro das senzalas – as antigas e as modernas – esquecendo-nos de que suas origens devem ser atribuídas não ao conjunto das três raças que segundo o senso comum formam nosso povo, mas a movimentos históricos específicos, feitos de interesses, de ganâncias, de sangue e de resistências.

Partamos agora em busca destas pistas de identidade, destes sinais que nos apontem para o retrato do Brasil na primeira metade do século XX: majoritariamente rural, mas marcado por um forte movimento de urbanização; exportador de matérias-primas, mas com uma indústria que se fortalecera a partir dos movimentos migratórios e dos processos de substituição de importações a partir das grandes guerras; democrático, embora ostentando ainda as feridas abertas do autoritarismo do Estado Novo e das políticas oligarcas da República Velha; buscando sua afirmação como coletividade, mas ainda atribuindo aos menos favorecidos às culpas pelas mazelas sociais.

\* \* \*

### *1.1 – Intérpretes de uma jovem República.*

Em outubro de 1897, o regime republicano no Brasil ainda buscava sua afirmação. Irmã temporânea diante de outras no continente sul-americano, a República se ressentia do

peso que os militares tiveram em seu surgimento, acompanhados de idéias exógenas ao país, como o positivismo de matriz francesa e sua percepção de uma História socialmente evolutiva. Ao mesmo tempo, os sessenta e oito anos passados sob o regime imperial fazia deste um fenômeno ainda vigoroso em nossa sociedade, verdadeiro fantasma do passado a assombrar o novo governo. Ainda assim, tínhamos neste momento nosso primeiro presidente civil, Prudente de Moraes (1894-1898), representante das novas elites cafeicultoras e apaziguador da “Revolução” Federalista no Rio Grande do Sul.

Tanto quanto ao final do Império, os olhos da elite da capital continuavam voltados ao modo de vida da Europa, cuja reprodução significava o pertencimento à verdadeira civilização. Entre hábitos diversos, passou a difundir-se em terras tropicais os exercícios físicos e os esportes. O *footing* passou a ser incorporado pelas elites; o turfe, opção interessante para os que gostavam apenas de assistir – e talvez acrescentar uma emoção a mais – merecia amplo destaque nas páginas dos jornais. Já a beira da lagoa, pequenas multidões se agrupavam para assistir às provas de remo (ou *rowing*), praticado pelos filhos desta alta classe, que se reuniam em associações como o Clube de Regatas Flamengo, fundado em 1895. Esta, porém, era apenas uma pequena parcela deste país, marcado não apenas pela exclusão social, mas também pelo desconhecimento de diversos fenômenos que ocorriam em suas entranhas.

Neste mesmo outubro, os jornais brasileiros anunciavam para o mundo o fim de um movimento sedicioso, de caráter monarquista, liderado por um líder religioso e fanático no distante sertão baiano, que se apresentava aos seus seguidores sob a alcunha de “Conselheiro”. Graças às modernidades que então surgiam também no campo das comunicações, mais de uma dúzia de periódicos enviaram repórteres e fotógrafos ao cenário dos combates, aproveitando-se da instalação de linhas telegráficas para fazer desta a primeira transmissão ao vivo de uma guerra no Brasil.<sup>54</sup> Um destes enviados era um antigo aluno da Escola Militar da Praia Vermelha, Euclides da Cunha, então trabalhando junto ao jornal *O Estado de São Paulo*, e que permaneceu diretamente no campo de batalha por um período inferior a três semanas. Das memórias de sua permanência junto a uma realidade completamente diversa da vida da então capital federal, bem como dos combates que presenciara, Euclides publicou, cinco anos mais

---

<sup>54</sup> VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha e os Sertões. In: CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Francisco Alves/São Paulo: Publifolha, 2000, p 530.

tarde, um verdadeiro retrato do estranhamento entre dois mundos completamente desconhecidos e diversos entre si: *Os Sertões*.

O relato euclidiano sobre a campanha de Canudos alcançou rapidamente um grande sucesso, o que se refletiu ao longo do tempo em mais de cinqüenta edições em português e traduções em cerca de uma dezena de idiomas desde o lançamento de sua primeira edição em 1902. No ano seguinte, o reconhecimento do valor da obra levaria Euclides a ser eleito membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Brasileira de Letras.<sup>55</sup>

Em que medida *Os Sertões* é um livro pioneiro ao apresentar um Brasil anteriormente desconhecido à totalidade dos brasileiros é uma discussão a qual não nos propomos aqui. O que não podemos negar, porém, é que, para que tal apresentação fosse realizada pelo autor, ele próprio teve de ser apresentado ao interior do país. O estranhamento é tamanho – não apenas no que se refere ao homem, mas também à própria terra –, que Euclides não hesita em recorrer aos naturalistas que visitaram a região no século XIX, como Saint-Hilaire e Martius, a fim de obter maiores informações sobre a região. Para um homem criado com os olhos ao mar e de costas ao Brasil, o contato com a realidade de Canudos equivale a um verdadeiro descobrimento.

A campanha de Canudos mostra um Brasil desconhecido das elites. Os artigos dos jornais, os relatos de guerra e, principalmente, a publicação de *Os Sertões*, o famoso livro de Euclides da Cunha, são exemplos do choque representado pelo sertão: sua natureza, costumes, a fala peculiar dos homens – tudo é estranho, exótico. É como se tivessem descoberto um mundo novo, refazendo, quatro séculos depois, a epopéia dos descobrimentos da América.<sup>56</sup>

O maior objeto neste novo descobrimento, contudo, não estava reservado ao meio, árido e desconhecido. Impossível não perceber no relato euclidiano a surpresa que causa ao então jornalista a figura do homem do sertão. É clássica a passagem em que este é descrito como “um forte”, verdadeiro “Hércules-Quasímodo”, torto, desengonçado, feio, desprovido de graça e aprumo, eternamente fatigado.<sup>57</sup> Tendo suas referências na metrópole, Euclides estabelece um verdadeiro contraponto entre o homem que descrevia e a figura de seus próprios pares, criados em um meio urbano e litorâneo. Em

<sup>55</sup> **Idem**, p 527.

<sup>56</sup> VILLA, Marco Antônio. **Canudos: o campo em chamas**. São Paulo: Brasiliense, 1992, p 75.

<sup>57</sup> CUNHA, Euclides. **Op. Cit.**, p 99.

outras palavras, seu texto apresenta ao Brasil um “novo” tipo de brasileiro, e este não é marcado pela beleza, mas sim pelo cruzamento de três raças de características completamente diversas: o indígena autóctone; o negro, provindo de um meio bárbaro e feroz; e o português, considerado “fator aristocrático de nossa gens”.<sup>58</sup> Este verdadeiro caldeirão miscigenatório, que de certo modo antecipa algumas das perspectivas de Gilberto Freyre ou mesmo de Darcy Ribeiro, sofreria ainda o efeito de uma colonização bi-polar onde, ao sul, mais vigorosa e heterogênea, se oporia à colonização do norte, que nada mais fez que buscar reproduzir nas antigas capitâncias os ranços de uma antiga civilização metropolitana, valendo-se de raças completamente desquitadas entre si.<sup>59</sup>

Esta característica de separação racial é elemento que passa a ser contestado por outros autores ao longo da primeira metade do século XX. Gilberto Freyre, por exemplo, aponta que na formação colonial do Brasil, existe uma vocação ao unionismo, fruto da precoce formação do Estado português que mais não exigiria para aqueles que aqui quisessem se estabelecer que professar a fé católica. Esta vocação não somente estabeleceria um contraponto às práticas adotadas na América Espanhola, mas também acabaria por se prolongar à própria formação do povo brasileiro, que seria em boa parte fruto desta tendência unificadora de parcialidades diversas trazida à época da colonização.<sup>60</sup>

A partir de então, podemos vislumbrar duas perspectivas que emanam da obra de Euclides da Cunha. Em primeiro lugar, sobressai das linhas escritas pelo autor uma perspectiva de impossibilidade de se constituir um tipo étnico brasileiro, uma vez que nos faltaria para tal uma necessária unidade racial. Por conta disto, estaríamos “condenados à civilização”, colocados entre perspectivas opostas de progredir ou desaparecer, dependendo da possibilidade de surgir uma raça histórica em um tempo mais ou menos remoto.<sup>61</sup> Ao mesmo tempo, sofreríamos os efeitos de uma colonização que isolou nos sertões uma parcela de sua população, verdadeiro fruto da diversidade étnica de nossa formação, e que, sob o efeito de tal isolamento em um meio desfavorável, engendrou uma cultura e um estado de espírito apto à realidade específica

---

<sup>58</sup> **Idem**, p 62.

<sup>59</sup> **Idem**, p 72-73.

<sup>60</sup> Cf.: FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984, p 28-9. Em nota referente a este trecho, Freyre, valendo-se de uma citação de Manuel Bonfim, comenta que “o próprio Euclides da Cunha se contradiz na idéia de ser o Brasil ‘agrupamentos desquitados entre si’, quando salienta em *Os Sertões* a importância do Sertanejo – o mesmo das raias setentrionais de Minas a Goiás, ao Piauí, aos extremos do Maranhão, e Ceará, pelo ocidente e norte, e às serranias das lavras baianas a leste”; p 72, nota 86.

<sup>61</sup> CUNHA, Euclides da. **Op. Cit.**, p 64-5.

do sertão, porém marcados por traços negativos originários deste elevado grau de mestiçagem.

A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso (...). E o mestiço – mulato, mamaluco ou cafuz –, menos que um intermediário, é um decaído, sem a energia física dos ascendentes selvagens, sem a atitude intelectual dos ancestrais superiores. Contrastando com a fecundidade que acaso possua, ele revela casos de hibridez moral extraordinários: espíritos fulgurantes, às vezes, mas frágeis, irrequietos, inconstantes, deslumbrando um momento e extinguindo-se prestes, feridos pela fatalidade das leis biológicas, chumbados ao plano inferior da raça menos favorecida.<sup>62</sup>

A mesma falta de energia física e a mesma inconstância seriam elencadas anos mais tarde, em situação bem diversa.

O sucesso alcançado pelo livro de Euclides da Cunha pode ser explicado não somente pela capacidade interpretativa de seu texto ou pelo que ele tem de revelador a respeito do próprio país. Deve-se considerar também que o conflito de Canudos, em que pese ter como cenário o sertão baiano do século XIX, foi amplamente divulgado, no Brasil e no exterior, graças aos avanços que já surgiam no campo das comunicações, aos quais já nos referimos acima. As notícias sobre os combates contra os homens e mulheres do Conselheiro eram difundidas não apenas no Brasil, mas também fora dele, projetando, portanto, para além de nossas fronteiras nacionais, algum tipo de imagem sobre o Brasil daquela época.

Um exemplo de como o conflito de Canudos fomentava a criação de uma imagem a respeito do Brasil além de nossas fronteiras pode ser encontrado no texto de Berthold Zilly, “A guerra do sertão como evento de mídia na Europa de 1897”.<sup>63</sup> Trabalhando com a imprensa do Velho Mundo, em especial de língua alemã e francesa, este autor destaca que os combates no sertão baiano foram notícia internacional por pelo menos oito meses durante o ano de 1897, através de textos que chegavam parafraseados, comentados ou mesmo claramente distorcidos, muito embora os jornais europeus

---

<sup>62</sup> **Idem**, p 93-4.

<sup>63</sup> ZILLY, Berthold. A guerra do sertão como evento de mídia na Europa de 1897. In: **Anos 90: revista do programa de pós-graduação em História**. Porto Alegre: UFRGS, julho/1997, p 59-87. As considerações deste parágrafo e do seguinte são tributárias deste trabalho.

optassem por uma cobertura ponderada, quando comparados aos seus congêneres nacionais. Zilly nota que em alguns casos, tais notícias atribuíam aos soldados da República o adjetivo de “brasileiros”, excluindo, por conseguinte, qualquer traço de brasiliade aos habitantes de Canudos, o que pode, sem dúvida, partir de uma ação deliberada desde as origens das notícias, uma vez que o próprio governo brasileiro intervinha na produção e divulgação destas, em uma clara tentativa de isolar um acontecimento entendido como fruto de uma mentalidade atrasada e que se contrapunha à imagem que deveria ser criada a partir de agora para uma nação que se pretendia moderna.

A julgar por uma nota final no texto de Zilly, tal intenção não deve ter atingido seus objetivos. Na referência em questão, o autor comenta sobre a publicação em Berlim, nos primeiros anos do século XX, de um livro intitulado “Brasilien von heute. Ein Rückblick auf die Regierungszeit des Präsidenten Dr. Campos Salles” (O Brasil de hoje. Uma retrospectiva do governo do presidente Dr. Campos Salles). Nesta obra de duzentas e quinze páginas, vinte e sete, logo ao início, são dedicadas ao conflito de Canudos que não ocorreu durante o governo Campos Salles. Segundo Zilly, há três possibilidades, não necessariamente excludentes, para este fato: 1) a serventia deste relato para explicar ao público alemão a realidade brasileira; 2) a empolgação do autor – Heinrich Schüller – com a dramaticidade dos eventos acontecidos no sertão baiano e, principalmente, 3) a percepção quanto ao papel central que Canudos adquiriu na constituição e na auto-interpretação de um Brasil moderno, quase obtendo um caráter de evento fundador da República no Brasil.

A concepção sobre o brasileiro “descoberto” por Euclides, de um homem forte porque isolado e sujeito à ação de um ambiente hostil, sofrendo com a ignorância advinda deste seu próprio isolamento, é, de certo modo, corroborada pela ação dos jornais e, na medida em que influía sobre estes, do próprio governo republicano. Ao serem excluídos dos mais elementares direitos à cidadania e à própria existência autônoma, os brasileiros apresentados por Euclides, distantes da “nova civilização”, passam a ser desumanizados, como se conformassem uma verdadeira sub-raça. No entanto, se foi a luta contra as tropas republicanas que levou tais contingentes ao extermínio, este mesmo embate proporcionou ao mundo o conhecimento deste Brasil perdido nos confins da América do Sul, paralelamente ao fato de que o próprio Brasil das elites dele tomava nota. Assim, ao mesmo tempo em que não há como negar que *Os Sertões* é ainda hoje a referência básica ao tratarmos da Guerra de Canudos, há que se

levar em conta que, ainda durante seu desfecho, os sertanejos e os soldados que se enfrentavam em uma luta de vida ou morte eram personagens diários nas páginas de alguns *best-sellers* de um só dia, apresentando a diversas comunidades imaginárias ao redor do mundo uma nova personagem: o Hércules-Quasímodo do interior do Brasil, da mesma forma que hoje iraquianos ou afegãos nos são apresentados todas as manhãs.

Muitas foram às tentativas de apagar Canudos – e seus habitantes – da História do Brasil: o envio de quatro expedições militares; a destruição da cidade a ferro e fogo; a degola dos homens sobreviventes; a entrega de suas crianças para as famílias abastadas do litoral aumentarem o plantel de seus servos; o alagamento do local – já em um período posterior – devido à construção de uma barragem, como a confirmar as profecias do Conselheiro de que o sertão um dia se tornaria mar. No entanto, Canudos sempre foi um ponto no meio de um universo maior. Embora a destruição do arraial comportasse evidentes valores simbólicos, longe ficou de significar a destruição do tipo humano apresentado por Euclides. Pelo contrário, suas palavras acabaram por grafar no imaginário um tipo humano característico daquela região, mas integrante de uma totalidade maior, a qual identificamos como Brasil. Um exemplo dentro do período de nosso interesse maior talvez sirva para ilustrar este fato.

As vésperas da Copa do Mundo de 1950, a Revista do Globo, editada em Porto Alegre, publicava um pequeno ensaio fotográfico em uma única página, sob o título “Ainda existe o sertanejo de Euclides”. No rápido texto que acompanha o material fotográfico, evidencia-se um misto de surpresa e consciência de que, passado mais de meio século, o tipo humano que deveria ser derrotado pelo general Artur Oscar lá continuava, da mesma maneira forte de outrora.

Eis aqui o vaqueiro Antônio, fotografado pela nossa reportagem em Água Vermelha, no interior baiano. Apesar dos anos decorridos desde a revolta de Antônio Conselheiro (1876) e do aparecimento de “Os Sertões” (1902) de Euclides da Cunha – onde temos a descrição clássica deste curiosíssimo tipo de brasileiro, o sertanejo lá continua sem ter mudado. Seus hábitos de vida são os mesmos, e a mesma é a sua indumentária, que tanto impressionou o genial repórter de “Os Sertões”. As fotos do sertanejo Antônio, tiradas há poucos dias, seriam ótimas ilustrações para o capítulo III da grande epopéia cabocla, intitulado “O Homem”. É interessante confrontar as fotografias desta página com certos trechos desse famoso capítulo, precisamente os que deram maior

trabalho à versão inglesa dos “Sertões” – Rebellion in the backlands – da autoria de Samuel Putnam, o escritor norte-americano.<sup>64</sup>

Tal surpresa diante deste tipo humano também pode ser percebida no material fotográfico que acompanha a matéria. Na primeira foto, vê-se o sertanejo, do peito para cima, acompanhado de uma legenda que remete diretamente ao texto euclidiano: “A INDUMENTÁRIA rústica mas elegante realça em Antônio um sertanejo típico, ‘a forma grosseira de um campeador medieval’”. A segunda foto, sem legendas, centra-se simplesmente no exótico: mostra os pés de Antônio, calçado com botas de garrão (o mesmo modelo que calça, por exemplo, a estátua do laçador, em Porto Alegre) e esporas. Na terceira e última foto, o sertanejo está sobre seu cavalo, enquanto a legenda estabelece a conexão entre duas épocas nem tão distantes assim: “FALANDO com o repórter, o vaqueiro toma a posição euclidiana: cai sobre um dos estribos e descansa sobre a espanda da sela” (foto 3).<sup>65</sup>

Há, deste modo, uma clara perspectiva de continuidade entre o sertanejo vislumbrado por Euclides e o “vaqueiro Antônio” apresentado pela *Revista do Globo* cerca de meio século depois. Como verdadeiro fruto resistente da caatinga, o sertanejo, ao qual negava-se o direito de pertencimento a uma nação que o desconhecia, continuou persistindo em sua sobrevivência. Se dos conselheiristas ficou-nos o exemplo da luta por uma existência digna em meio ao interior repartido em grandes porções de terra, seu relato mais conhecido, *Os Sertões*, deixou-nos a imagem de um contingente forte porém simples, tocado pelas superstições em meio a uma *urbs monstruosa*; uma imagem de atraso que reproduzia-se já durante o próprio conflito nas páginas da imprensa ao longo do mundo. Contudo, em que pese seu sucesso e sua difusão no exterior através das traduções, a obra de Euclides foi produzida e pensada a partir do próprio Brasil. Outras interpretações a respeito de nosso país, ao contrário, seriam produzidas fora de nossas fronteiras, alcançando igualmente sucesso e repercussão, compondo, posteriormente, o mosaico de interpretações acerca do brasileiro na primeira metade do século XX.

\* \* \*

---

<sup>64</sup> *Revista do Globo*, 15 de abril de 1950, p 57. A data apresentada para o evento – 1876 – está, evidentemente, incorreta. A diferença de grafia para o nome do autor (“Euclides” ou “Euclides”) é ainda hoje encontrada, conforme o material que se analise.

<sup>65</sup> Idem. Os termos em letras maiúsculas encontram-se assim no original.

Em 1911, já algumas coisas haviam mudado no país. O Marechal Hermes da Fonseca, sobrinho do Marechal Deodoro, era agora o presidente, representando um pequeno hiato de mando militar em uma série de governos civis que havia se iniciado com Prudente de Moraes<sup>66</sup>. Além disto, representava também a consolidação do poder político sob o controle dos grandes cafeicultores do centro do país. Não completáramos ainda um quarto de século desde que a escravidão fora abolida entre nós. Aos olhos de muitos europeus, o Brasil era uma opção para a sobrevivência, fosse como mão-de-obra na produção rural, fosse na indústria ainda incipiente. Brevemente o Velho Mundo seria sacudido pelas tensões nacionalistas que culminariam na Primeira Guerra Mundial, acentuando ainda mais tal característica. A par disto, algumas antigas questões internas (como a garantia da posse da terra para quem nela trabalha) continuavam sem solução, fato que se manifestaria futuramente na “Guerra do Contestado” (1912-1916).

A esta altura já Euclides havia falecido, muito embora *Os Sertões* se consolidasse como obra de suma importância na compreensão do país, granjeando citações em outros trabalhos que se propõem a analisar, de forma ensaística, questões referentes à nossa nacionalidade. Uma destas obras é *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira*, de Oliveira Lima, publicada neste mesmo ano de 1911.

Em que pese haver sido amigo pessoal de Euclides da Cunha, os pontos de contato entre este e Oliveira Lima ultrapassam em muito uma simples admiração recíproca. Assim como o ex-cadete da Praia Vermelha, Oliveira Lima valia-se de forma constante das páginas da imprensa a fim de dar publicidade às suas idéias (um trabalho anterior, *Cousas Diplomáticas*, havia sido publicado primeiramente através dos periódicos). Assim como Euclides, Oliveira Lima era membro do IHGB – onde ingressara em 1896, aos 28 anos –, além de professar uma sincera decepção com os rumos tomados pela República, que de regime político sinalizador da modernidade, passara ao papel de instrumento do poder das elites dominantes.

*Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira* é uma obra de concepção original. Seu texto, na verdade, é uma reunião de diversas conferências proferidas pelo autor na Sorbonne, enquanto exercia cargo diplomático em Bruxelas. É trabalho, portanto, que surge para ser falado... em francês! E para um público que em geral pouco ou nada sabia a respeito do Brasil. Todavia, segundo Marco Antônio Villa, trata-se de

---

<sup>66</sup> Lembremos, porém, que Hermes da Fonseca ascendeu à presidência em 1910, vencendo Rui Barbosa naquela que seria considerada a primeira eleição presidencial digna deste nome na História Republicana do Brasil, dado o clima de campanha que se criou entre os dois candidatos.

um dos textos fundadores da tradição ensaística entre nós, gênero que viria a encontrar seu apogeu entre os anos 30 e 50 daquele século.<sup>67</sup>

O tom ensaístico de Oliveira Lima faz com que o texto de *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira* tenha características diversas quando comparado a *Os Sertões*. Sem se prender a um assunto específico, pretende fazer uma rápida abordagem de nossa História, partindo do descobrimento e chegando até a proclamação da República, momento que nos inseriria definitivamente no período contemporâneo universal. Não é obra escrita sob o calor dos fatos, mas apoiando-se na consulta de uma farta documentação sobre a História de nosso país, acessada em arquivos no exterior. Se a construção de seu texto não pode ser dissociada da atividade profissional de seu autor, há que se levar em consideração que este mesmo fator fez com que Oliveira Lima fosse um homem praticamente ausente do Brasil durante toda sua atividade profissional como representante político do país. Por tal motivo, seu trabalho é repleto de citações a viajantes que andaram pela América Portuguesa durante sua colonização, como Martius e Saint-Hilaire. Sua descrição da flora brasileira também se vale de obras anteriores, como o clássico texto euclidiano, do qual trechos foram citados em uma longa seqüência que ocupa, ao final, mais de uma página, sob a justificativa de oferecer aos ouvintes/leitores uma “percepção da fisionomia do país”.<sup>68</sup>

Mas o que confere à *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira* o *status* de texto importante para a compreensão do significado de “ser brasileiro” na primeira metade do século XX? Cremos que a resposta possa ser buscada, para além de suas próprias palavras, tanto a partir dos textos que lhe prefaciaram originalmente quanto nas dedicatórias formuladas pelo autor. Com efeito, o livro é dedicado, primeiramente, “ao Estado de São Paulo, o mais adiantado do Brasil, pátria dos Bandeirantes, berço de José Bonifácio e foco de civilização”.<sup>69</sup> A dedicatória acaba se apresentando como um verdadeiro preâmbulo em miniatura do texto que se segue. Embora se desenvolva sob o esquema tradicional da formação tripartite do povo brasileiro, Oliveira Lima dedica um enfoque especial à ação bandeirante, como é claramente perceptível no exemplo abaixo:

---

<sup>67</sup> VILLA, Marco Antônio. Um historiador em busca da nacionalidade brasileira. In: LIMA, Oliveira. **Formação histórica da nacionalidade brasileira**. Rio de Janeiro: Topbooks; São Paulo: Publifolha, 2000, p 262-263.

<sup>68</sup> Cf.: LIMA, Oliveira. **Idem.**, p 113.

<sup>69</sup> **Idem**, p 6.

Esses pioneiros do deserto, esses descobridores de um mundo novo, oculto aos navegadores, se sucediam, obscuros artifícies de uma grande nação, sem que a fortuna e o renome fizessem brilhar seus nomes à maneira do dos combatentes do litoral. A História é mulher, portanto, garrida, e se deixa facilmente seduzir pelo brilho, que não é às vezes senão a lantejoula das glórias militares. Nossa História não se tem ocupado, durante muito tempo, com uma preferência notável, senão de feitos de guerra, que têm, com efeito, seu lugar, e desgraçadamente muito grande, nos anais humanos, mas que não compreendem todo o ativo das sociedades. Cabe principalmente ao Sr. Capistrano de Abreu, um dos escritores de hoje, o mérito de haver conferido o lugar devido a essas explorações, que são, em suma, o registro do povoamento do país, a trama de sua história social, não menos interessante que sua história política.<sup>70</sup>

Há, portanto, na obra de Oliveira Lima, um conceito de desenvolvimento e de modernidade, valores apresentados como fim último a ser atingido através de esforços civilizatórios, cujo caminho perpassa pela absorção dos feitos do passado bandeirante à memória e a cultura atuais. Perceba-se que este caminho de um pretenso avanço cultural seria vencido pela absorção de uma cultura superior, evidentemente européia, cuja força e influência seria capaz de ilustrar os espíritos obscurantistas de nossas raças formadoras, sem tratar-se de simplesmente suplantar uma cultura pela outra. No primeiro prefácio à edição francesa da obra, o professor e ministro da instrução pública francesa Ernest Martinenche (1869-1950) descreve a sociedade paulistana como “uma sociedade de escol, que acredita firmemente no futuro da latinidade, e que nos faz a honra de conservar preciosamente a tradição da cultura francesa”.<sup>71</sup>

Não era, contudo, somente no plano cultural, verdadeira mescla de realidades diversas onde se sobressaía à influência européia, que o Brasil atingiria um novo patamar civilizacional aos olhos do primeiro mundo. Sem se distanciar das teorias que então se faziam presentes em solo brasileiro, Martinenche destacava em seu texto introdutório a capacidade brasileira em resolver problemas que se apresentavam de forma verdadeiramente estrutural, sem que fosse necessário recorrer ao uso da força ou da sobreposição de um grupo humano sobre outro.

---

<sup>70</sup> **Idem**, p 87.

<sup>71</sup> MARTINENCHE, Ernest. Prefácio da edição Francesa. In: **Idem**, p 15. Ernest Martinenche também foi, a partir de 1922, sócio-correspondente da Academia Brasileira de Letras, ocupando a décima quarta cadeira.

Ver-se-á no livro do Sr. Oliveira Lima as dificuldades quase insuperáveis, impostas ao Brasil pelo clima e pela extensão, e pelas próprias condições de seu desenvolvimento. Haver conseguido resolver pela assimilação, e não pela destruição, o problema das raças, e manter uma unidade moral na diversidade das províncias federadas, ter-se elevado das antigas Capitanias até a idéia realizada de uma nação independente e capaz de uma cultura largamente humana, é ter, nesta evolução, tão rápida, mau grado sua aparente lentidão, e tão sabiamente progressiva, de que se permitir e se justificar todas as esperanças.<sup>72</sup>

Temos, portanto, dois enfoques diversos em Euclides e Oliveira Lima para um único problema: a constituição de uma raça brasileira através da supressão de elementos considerados como atrasados ou passíveis de estorvar o caminho para o desenvolvimento. *Os Sertões* nos apresenta a denúncia da solução pelas armas, com o aniquilamento de tudo o que pudesse ser considerado ligado a uma cultura atrasada e relacionada ao passado imperial. Uma solução que a priori nega qualquer possibilidade de amálgama entre o litoral europeizado e o interior mestiço e que parte dos centros de poder do próprio país. *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira*, ao contrário, já considera a possibilidade de uma integração, ressaltando sempre que esta ocorra sob a égide de uma “cultura superior”, branca, européia e, naturalmente, mais desenvolvida.

Mais uma vez, portanto, os modelos civilizacionais nos são impostos de fora, desconsiderando o peso que poderia vir a ser exercido sobre a nossa cultura não apenas pelos povos autóctones, mas também pela raça negra, trazida de outro continente e submetida à escravidão. Obviamente tal fato não deve nos causar estranhamento, tendo em vista que esta era a perspectiva típica da elite brasileira no alvorecer do século XX (e que obviamente deita suas raízes ainda hoje). Lembremos que, pela leitura de Oliveira Lima, a questão racial brasileira é resolvida pela assimilação, e não pela condensação de culturas distintas em uma nova realidade. A fórmula desta solução teria em sua origem uma avaliação da própria instituição da escravidão, que passaria a ser vista dentro de uma perspectiva que em breve tornar-se-ia muito difundida pela visão de outros pensadores, mas que já se encontrava de forma não tão embrionária no pensamento difundido pelas elites intelectuais brasileiras de princípios daquele século:

---

<sup>72</sup> **Idem**, p 16.

Em nosso país os colonos eram numerosos e harmonizados, e a guerra que declararam aos missionários não se atenuou nunca, não obstante a preferência conferida aos escravos negros, por causa de sua robustez, de sua diligência e de sua docilidade, comparadas com as dos índios, menos vigorosos, para um trabalho continuado, indolentes e insubmissos (...).

Uma vez desembarcados e vendidos, na maior parte dos casos, os negros se sentiam mais infelizes que no seu meio primitivo. A condição dos escravos no Brasil era infinitamente mais tolerável que em quase todos os outros países em que a instituição da escravatura existia. O desprezo da raça é ali, por assim dizer, nulo, e a caridade não é ali somente praticada como ação pública, exerce-se antes como virtude social.<sup>73</sup>

As preocupações centrais de Oliveira Lima, no entanto, repousam não no período colonial de nossa História, mas sim no Império, sendo central ao conjunto de sua análise a figura de Dom João VI, de quem estabelece um verdadeiro resgate de sua importância e de suas virtudes políticas. Se tal discussão foge a nossa alçada, convém assinalar que, na visão do autor, ao momento crucial da transferência da Corte lusitana para solo americano, existiriam já entre nós elementos centrais para a configuração de um espírito de nacionalidade. “O Brasil era um mosaico de províncias, cada qual tendo seu aspecto particular, mas ligadas pela identidade da raça, da língua e da religião, de maneira que o conjunto oferecia uma admirável harmonia”.<sup>74</sup> A existência de tais elementos já definidos dentro do conjunto do que viria a ser futuramente o Estado brasileiro só pode ser pensada a partir da negação de qualquer valor de raça, língua ou religião que se apresentasse como contraposto ao trinômio branco-português-católico dominante no princípio do século XIX. Trata-se assim de uma harmonia construída a partir dos valores “de cima”, aos quais os considerados inferiores poderiam e deveriam se agregar e moldar, justificando desta forma uma perspectiva claramente elitista da sociedade, que indiscutivelmente se origina no passado, mas que também tende a se estender no futuro.

Assimilação, europeização, identificação do elemento conquistador como portador de civilização, tudo integrado em uma perspectiva disseminada por um representante dos mais altos estratos sociais brasileiros, emitidos diretamente em um dos mais importantes centros culturais do mundo dito civilizado. Longe desta perspectiva, a barbárie. Todavia, mesmo sendo concebido e editado originalmente longe do solo pátrio, *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira* acabou sendo recebido pelos

<sup>73</sup> LIMA, Oliveira. **Op. Cit.**, p 61.

<sup>74</sup> **Idem**, p 135.

pares de seu autor como obra de inestimável valor interpretativo, gozando ainda hoje do *status* de obra clássica dentro de seu gênero e contribuindo, quando de sua publicação, para a formação de uma “visão geral” acerca do Brasil.

\* \* \*

### *1.2 – A tristeza do Jeca.*

Em 1928, Washington Luiz ocupava a presidência da República, em um governo que ficaria marcado por ser o último da chamada República Velha. Na capital federal, um grupo de músicos fundava a Estação Primeira de Mangueira, no mesmo ano em que a Avenida Rio Branco, aberta anos antes pelos desejos civilizatórios do prefeito Pereira Passos, recebia sua primeira decoração oficial para um desfile carnavalesco. A Primeira Guerra Mundial – até esta altura a única – estava às portas de completar dez anos de seu fim e em breve o sistema capitalista seria posto à maior prova de sua história. Em Amsterdã, o Uruguai conquistava, pela segunda vez consecutiva, o título de campeão olímpico de futebol.

Neste ano surgia no Brasil mais uma obra objetivando oferecer uma interpretação da “alma brasileira” a partir de nossa História colonial: *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*, de autoria de Paulo Prado. Prefaciada por Gilberto Freyre, a obra pretende explicar a formação da identidade de nosso povo a partir de elementos que, segundo o autor, lhe marcariam de forma verdadeiramente indelével: a luxúria, a cobiça, a tristeza e o romantismo. Para além disto, trata-se de um livro cujo público alvo é, declaradamente, o conjunto dos estudiosos da história brasileira que existiam naquele momento.<sup>75</sup> Mas quem foi Paulo Prado?

Paulo da Silva Prado nasceu em 1869, na cidade de São Paulo, em uma família de cafeicultores. Aos vinte anos graduava-se em direito, na última turma formada antes do golpe Republicano. Antes, já fundara, ao lado de familiares, uma entidade significativamente chamada *Sociedade Promotora da Imigração*, cuja finalidade não pode ser dissociada das atividades produtivas da família. Anos mais tarde, integrou a direção de um dos maiores empreendimentos destinados à exportação de café: a Casa Prado Chaves & Cia. Sua influência pessoal neste setor o levou a ocupar por um curto tempo a direção do Conselho Nacional do Café após a ascensão de Vargas em 1930.

---

<sup>75</sup> Cf.: Nota do autor à 4<sup>a</sup> edição. In: PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962, p 2.

Trata-se, portanto, de um nome ligado, por berço, aos mais altos extratos da elite brasileira.

Não era, contudo, homem voltado apenas às questões práticas da vida comercial. Ocupava-lhe também o pensamento questões de cunho cultural. Por conta disto atuara ao lado de Monteiro Lobato na *Revista do Brasil*. Em 1922, dada sua proximidade a importantes nomes da renovação cultural brasileira que então ocorria, tomou parte na organização da Semana de Arte Moderna, sendo considerado por Mário de Andrade como o “verdadeiro fator” da realização do evento, dado o caráter financeiramente dispendioso que o mesmo demandava.<sup>76</sup> É ainda junto ao próprio Mário de Andrade, e também de Antônio de Alcântara Machado, que Paulo Prado funda a *Revista Nova*, publicação igualmente sob influência modernista e que circulou até fins da década de 1920.

A primeira assertiva do livro de Paulo Prado é uma verdadeira síntese de sua obra, cujos motivos são explicados ao longo de seu texto: “Numa terra radiosa vive um povo triste”.<sup>77</sup> Os motivos desta tristeza endêmica surgiram, para o autor, primeiramente, a partir do sentimento de luxúria que tomaria conta do colonizador português a partir de sua chegada ao novo mundo, quando se via em um ambiente onde podia dar livre curso à sensualidade ao mesmo tempo em que lhe ocupava o pensamento a ambição do enriquecimento através da descoberta do ouro.

A transposição do velho ao novo mundo corresponderia, na concepção dos primeiros colonizadores, a uma verdadeira entrada em território paradisíaco. Nele, os desejos outrora reprimidos pela vigilância da moral cristã passaram a encontrar vazão a partir do contato com a mulher indígena, da qual os relatos de beleza e nudez provocavam sonhos de lascívia e obscenidade.

À sedução da terra aliava-se no aventureiro a afoiteza da adolescência. Para homens que vinham da Europa policiada, o ardor dos temperamentos, a amoralidade dos costumes, a ausência do pudor civilizado – e toda a contínua tumescência voluptuosa da natureza virgem – eram um convite à vida solta e infrene em que tudo era permitido. O indígena, por seu turno, era um animal lascivo, vivendo sem nenhum constrangimento na satisfação de seus desejos carnais.<sup>78</sup>

---

<sup>76</sup> Cfe: FERRAZ, Geraldo. Perfil de um homem e de um livro. In: **Idem**, p XV.

<sup>77</sup> PRADO, Paulo. **Op. Cit.**, p 3.

<sup>78</sup> **Idem**, p 24.

Das uniões decorrentes destes encontros furtivos nas matas do novo mundo surgiria uma nova raça, mestiça e representativa da dominação do branco sobre o indígena, que acolheria aos estranhos em seus primeiros tempos de pernas e braços abertos. A liberalidade da acolhida surpreende o colonizador em sua fase de maior produtividade e vigor físico, desviando suas energias das tarefas que a empreitada demandava. Tal proceder, verificado em praticamente toda a população masculina, sem distinção de posição social, acabaria por provocar inclusive os apelos de religiosos para que a Coroa enviasse a estas terras mulheres brancas, a fim de constituírem uniões estáveis sob as leis da Igreja, em uma tentativa de pôr freio a este viver afastado das regras mais elementares do cristianismo. Esta tentativa de diminuir o grau de miscigenação da população colonial através do controle dos impulsos sexuais dos colonizadores seria ao cabo frustrada, não apenas pelo acentuado patriarcalismo da civilização portuguesa, mas também pela introdução de um novo fator neste jogo de possibilidades que se apresentava à satisfação dos apetites primitivos dos colonizadores: “Não o modificou, ou antes, o acoroçou a passividade infantil da negra africana, que veio facilitar e desenvolver a superexcitação erótica em que vivia o conquistador e povoador, e que vincou tão fundamentalmente o seu caráter psíquico”.<sup>79</sup>

A este verdadeiro império de devassidão que descreve, Paulo Prado acrescenta mais um fator a funcionar como impeditivo do desenvolvimento de uma cultura centrada nos valores do trabalho: a cobiça, sentimento que, juntamente com as notícias de um paraíso de liberdade sexual, acompanhava os colonizadores que se aventuravam a atravessar o mar em busca de uma vida nova. Certamente estimulado pelas notícias de riquezas que emanavam da América Espanhola, mas também pelas inúmeras lendas criadas em torno de um mítico *eldorado* americano, tal sentimento faria aportar em terras brasileiras tipos aventureiros em busca de riqueza fácil como solução à pobreza até então vivenciada na Europa. Se a não descoberta imediata do precioso metal levou muitos destes aventureiros a buscar outras fontes de renda através da captura e do comércio do gentio da terra como escravo, criou, ao mesmo tempo, a figura de um desbravador que, ao cabo, ampliou as fronteiras nacionais à custa da liberdade dos autóctones.

---

<sup>79</sup> **Idem**, p 42-3.

Por toda parte o aventureiro corria atrás da prata, do ouro e das pedras preciosas, que durante quase dois séculos não foram senão ilusões e desenganos. Compensava a esterilidade do esforço a descida do indígena. Entrelaçavam-se e confundiam-se assim bandeiras de caça ao gentio e bandeiras de mineração. Quando se dissipava a miragem da mina ficava como consolo o índio escravizado<sup>80</sup>

A missão, certamente, não se apresentou como simples. Diante destes homens seduzidos pela riqueza fácil que esperavam encontrar no solo e pela oportunidade de comerciar o fruto humano buscado na mata, colocavam-se inimigos das mais variadas espécies: o calor e a umidade inclemente da floresta; os insetos e ofídios de toda espécie; os próprios aborígenes tocadiados em um território que por vezes lhe era estranho; tudo conspirava para que a empreitada não fosse bem sucedida. Contudo, tais esforços conduziam sempre a um deslocar de atenções do trabalho agrícola para a busca da sorte nos sertões do país, olhos colados ao chão a tudo que pudesse reluzir uma vida de riquezas. Certamente a isto contribuía também a ideologia trazida pelos colonizadores segundo a qual o trabalho manual era algo indissociável da figura do escravo.

Açoitado pela natureza ao mesmo tempo inclemente e deslumbrante, tendo no nativo sua fonte de renda e prazer, desvinculado da perspectiva do trabalho manual mas buscando incessantemente a riqueza, restava ao colonizador uma vida de expectativa e falsa abundância, esperando o sorriso da sorte ao mesmo tempo em que a própria terra passava a sentir os efeitos de sua postura ante a vida.

Olhos fixos na loteria da mina surgindo de repente, a população vivia entre a mais abjeta indolência e frenesi de mineração desordenada. De fato só o negro trabalhava, e este comprava-se a qualquer preço para os misteres da mineração. Abandonava-se a agricultura; o cultivo da cana diminuiu a tal ponto que os mercados que abastecia o açúcar brasileiro sofreram uma crise séria, tendo de recorrer à produção inglesa e francesa, então incipiente. E rapidamente o país se despovoava.<sup>81</sup>

Faltava, desta forma, aos nossos colonizadores, um sentimento dotado de maior fundo construtivo, religioso ou mesmo estético. Dominado por um lado pela paixão ao

---

<sup>80</sup> **Idem**, p 55.

<sup>81</sup> **Idem**, p 79.

ouro e ao enriquecimento rápido, e de outro pela satisfação de seus apetites sexuais, o europeu, jogado nestas terras, reproduzia sem produzir, gerando a raça triste a que se refere Paulo Prado, sujeita a perturbações psíquicas e somáticas, além do eterno sentimento de fadiga. A constância de tal característica ao longo do tempo deixaria, ao fim, suas marcas perceptíveis: “Desses excessos de vida sensual ficaram traços indeléveis no caráter brasileiro”.<sup>82</sup> Tal tristeza acabaria por se tornar marca inerente à nossa nacionalidade. Não por acaso, no capítulo intitulado “A Tristeza”, Prado inicia sua abordagem com uma longa descrição da colonização dos Estados Unidos, onde as características de empreendedorismo e capacidade produtiva estariam indissoluvelmente ligadas a uma forte moral puritana. O jogo de oposições é, desta forma, evidente, e visa estabelecer um verdadeiro mal de origem à formação brasileira, que se perpetuaria e contaminaria os habitantes desta terra pelo transcurso dos tempos.

Se esta tristeza congênita, por si só, já seria motivo para legitimação de nossa resignação ante a vida, soma-se a ela os efeitos perversos advindos do regime escravocrata. Enquanto aos negros forros é atribuído um “orgulho humilde de sua raça”, aos cativos cabe o gesto de vingança pelos horrores proporcionados pelo cativeiro, perturbando e envenenando a formação da nacionalidade brasileira “não tanto pela mescla de seu sangue como pelo relaxamento dos costumes e pela dissolução do caráter social, de consequências ainda incalculáveis”.<sup>83</sup> Já aos mulatos, fruto da miscigenação desenfreada, restaria o desejo de embranquecimento como condição para ascender socialmente.

Koster – de quem extraímos estes dados – narra certo caso de um preto a quem perguntou se certo capitão-mor era mulato. “Era, porém já não é”, foi a resposta, acrescentando a filosofia do negro velho: “pois um capitão-mor pode ser mulato?”.<sup>84</sup>

(Esta história se repetiria, com outros personagens e outro contexto, anos mais tarde.

---

<sup>82</sup> **Idem**, p 100.

<sup>83</sup> **Idem**, p 112.

<sup>84</sup> **Idem**, p 111. Koster é o viajante inglês Henry Koster (1784? – 1820?). Filho de comerciante, chegou ao Brasil em 1809 a fim de curar uma tuberculose. Acabaria por tornar-se um dos mais importantes cronistas do nordeste brasileiro, além de senhor de engenho. Em 1816 publicou seus relatos de viagem sob o título *Travels in Brazil*. Cfe: Fundação Joaquim Nabuco. <http://www.fundaj.gov.br/>. Acesso em 11/06/2007.

Uma noite Benício Ferreira Filho levava, no seu *Cadillac*, Robson e Orlando, o ‘Pingo de Ouro’, para o Fluminense. A Rua Soares Cabral, como sempre, mal iluminada.

No volante Benício Ferreira Filho não para de falar e de rir, satisfeito da vida. Era uma companhia agradável pela felicidade que irradiava. Junto dele todo mundo se sentia melhor. A vida merecia ser vivida.

E com dois jogadores do Fluminense ao lado dele, no banco da frente, Benício Ferreira Filho se sentia ainda mais feliz. Pode ter sido culpa da satisfação descuidada dele, da má iluminação da Rua Soares Cabral. E pode ter sido também a cor do casal de pretos, de roupas escuras, que surgiu, como do chão, ou de dentro da noite, diante do *Cadillac*.

O preto e a preta, enlaçados, estavam bêbados. Tanto que ziguezagueavam, lentamente, como se a Rua Soares Cabral fosse deles. Benício Ferreira Filho viu o casal de pretos ainda a tempo. Enterrou o pé no freio, até o fundo.

O *Cadillac* parou de estalo. Quer dizer: os pneus do *Cadillac* se grudaram nos paralelepípedos da Rua Soares Cabral. Mas a carroceria foi para a frente antes de vir para trás. Orlando foi projetado fora do banco. Bateu com a cabeça no pára-brisa do *Cadillac*, quando passou a mão pela testa um galo estava lá.

Então Orlando teve uma explosão. O mínimo que gritou para o casal de pretos foi:

- Seus pretos sujos!

E por aí afora. O preto e a preta que tinham parado, ainda enlaçados, nem ligaram. Trocando pernas até a outra calçada como se nada tivesse acontecido.

Orlando enfureceu-se ainda mais. Quem o acalmou foi Robson:

-Não faz, Orlando. Eu já fui preto e sei o que é isso.)<sup>85</sup>

As mazelas da luxúria, da cobiça e da escravidão, contudo, não nos bastariam. Impor-se-ia ainda sobre a cabeça da nação o peso do romantismo durante o século XIX. Não um romantismo crente no espírito humano, na sua potencialidade, mas antes um romantismo pessimista, negativista, que via no hedonismo o único caminho para a realização plena do indivíduo; que hipertrofiava a imaginação ao mesmo tempo em que se caracterizava pela exaltação da sensibilidade e dos desejos. Cibia agora ao homem adorar sua própria dor, buscar nela a inspiração e a motivação para seu (curto) viver. Ao mesmo tempo, este traço que se desenvolve ao longo do século XIX acentuaría entre nós um apego pela oralidade rebuscada, onde as palavras belas e inúteis seriam utilizadas como uma barreira a marcar território diante de uma população de

---

<sup>85</sup> RODRIGUES FILHO, Mário. **Op cit.**, p 308.

analfabetos. “Sem instrução, sem humanidades, sem ensino profissional, a cultura intelectual não existe, ou finge existir em semiletrados mais nocivos do que a peste”.<sup>86</sup>

Diante de tudo isto, o “retrato do Brasil” pintado por Paulo Prado nos mostra a nós mesmos de uma forma que certamente não nos apraz ao nos colocarmos como parte integrante desta coletividade. Na volúpia que despeja as energias do homem em taras sexuais; na busca desenfreada pela riqueza fácil, abrindo mão do trabalho produtivo; na tristeza que nos advém destas características em meio a uma natureza luxuriante; e ainda no romantismo decorado de tristezas e belas palavras, estaria a chave para a compreensão do Brasil na primeira metade do século XX.

É este, portanto, nosso retrato, segundo a visão de um dos seus mais importantes intérpretes. Devassidão e cobiça que levam à tristeza. Tristeza que conduz, ainda que de forma indireta, a uma cultura política de palavras vazias. Tudo isto sob a égide de uma integração racial feita de forma equivocada.

O mestiço brasileiro tem fornecido indubitavelmente à comunidade exemplares notáveis de inteligência, de cultura, de valor moral. Por outro lado, as populações oferecem tal fraqueza física, organismos tão indefesos contra a doença e os vícios, que é uma interrogação natural indagar se esse estado de coisas não provém do intenso cruzamento das raças e sub-raças (...). No Brasil, se há mal, ele está feito, irremediavelmente: esperemos, na lentidão do processo cósmico, a decifração do enigma com a serenidade dos experimentadores de laboratório. Bastarão 5 ou 6 gerações, para estar concluída a experiência.<sup>87</sup>

Mal sabia Paulo Prado que, àquela altura, mesmo alguns mestiços que fugiam às condições impostas pela dinâmica social brasileira também se preocupavam em interpretar o Brasil. A isto voltaremos posteriormente.

\* \* \*

Antes de Paulo Prado dedicar, em *Retrato do Brasil*, espaço para uma análise pessimista quanto à composição étnica da nação, já outro autor esboçara uma concepção negativa sobre parte de nossa população, não em virtude de nossa formação racial

---

<sup>86</sup> PRADO, Paulo. **Op. Cit.**, p 173.

<sup>87</sup> **Idem**, p 161-2.

miscigenada, mas sim quanto à figura do brasileiro abandonado no interior do país, vivendo alheio aos conceitos mais elementares da própria República em que vivia. Tendo surgido quase ao acaso, a figura que criou lançou no senso comum dos brasileiros uma auto-ídéia de inércia e de falta de operosidade diante da vida e de seus obstáculos mais elementares, com uma vitalidade capaz de cruzar o século.

José Bento Monteiro Lobato (nascido “José Renato”) veio ao mundo em Taubaté, no interior paulista, em 1882. Alfabetizado pela mãe, passou ainda por um professor particular antes de ingressar na escola. Em casa, sofria grande influência do avô, o Visconde de Tremembé, ou, mais especificamente, da biblioteca deste, onde encontrava nos livros verdadeiros objetos do desejo e instrumentos para satisfazer sua sede infanto-juvenil de saber. Formado bacharel em direito aos 24 anos, tornou-se promotor público na pequena cidade de Areias, no interior paulista. Por esta época, apesar da distância, passou a colaborar com jornais e revistas, tais como a *Revista Fon Fon* e os jornais *Tribuna de Santos* ou *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro. Em 1911 a morte do avô o fez, por sucessão legal, fazendeiro. A experiência foi mal sucedida do ponto de vista financeiro e seis anos mais tarde a propriedade seria vendida, mudando-se Monteiro Lobato para São Paulo.

Monteiro Lobato foi também importante por ser um precursor da atividade editorial no país. Com efeito, este campo inicia-se no Brasil em 1918, após este adquirir a *Revista do Brasil*, depois transformada, já sem sua participação, em *Companhia Editora Nacional*. Seu trânsito pelo mundo das letras e da arte o poria em contato, alguns anos mais tarde, com os nomes do Movimento Modernista no Brasil, muito embora as relações tenham se passado tensas quando das críticas de Lobato à uma exposição de pinturas de Anita Malfatti. Ainda assim, acabou por se tornar um nome admirado por estes, especialmente quando da realização da Semana de Arte Moderna em 1922.

Lobato – escritor consagrado como o pai da boneca Emília – também serviria de exemplo, por sua militância nas letras, quando muito antes de qualquer vanguarda rompeu com o idealismo nativista da literatura até então produzida e adotou a oralidade nos textos, que adquiriram um sotaque mais brasileiro, refletindo a língua falada nas ruas. Isso sem mencionar a revolução que promoveu nas artes gráficas, reformulando o *design* editorial e diversificando os títulos. Somada a outros lances de *marketing* para difundir o livro-mercadoria país afora, sua visão arrojada há muito o incluía entre os homens

que alargaram os horizontes de seu tempo. Já a preocupação com a busca das raízes autenticamente nacionais, que, em 1917 o levara a promover o originalíssimo inquérito sobre o saci pelas páginas do *Estadinho*, mantivera Lobato ligado à parcela da intelectualidade interessada em investigar a cultura brasileira.<sup>88</sup>

Em 1943, Lobato voltaria novamente à cena editorial ao fundar a *Editora Brasiliense*, que, com o tempo tornar-se-ia uma das editoras nacionais mais respeitadas no campo da literatura e das ciências humanas. Antes disto, porém, já se ligara de forma indelével a uma causa que entraria para História do país no século XX: a da existência e necessidade de exploração do petróleo em solo brasileiro. Contrariando alguns interesses poderosos, Lobato acabaria por levantar tal bandeira durante a ditadura varguista, sendo perseguido e preso pela polícia política.

Mas, voltemos um pouco no tempo. A importância de Monteiro Lobato para o que nos interessa advém do cruzamento de sua experiência no campo com a prática de homem das letras. Em 1914, quando de sua passagem frustrada pela atividade de fazendeiro, o olhar perspicaz de Lobato detectou a existência de uma verdadeira personificação da ideologia do atraso nacional. Buscando denunciar a situação que engendraria o surgimento e vitalidade desta figura, o então fazendeiro resolveu escrever para *O Estado de São Paulo* – mais especificamente para a secção “Queixas e Reclamações” – expondo ao mundo suas impressões. O sucesso do texto desta correspondência e de outras que se seguiram faria de Lobato um nome reconhecido no mundo das letras e de sua personagem exemplo de um certo “espírito nacional”. Esta passaria, a partir de então, a ganhar um nome e um conjunto de procederes que lhe conferem todo um sentido e significados.

Quando se exaure a terra, o agregado muda de sítio. No lugar fica a tapéra e o sapezeiro. Um ano que passe e só este atestará a sua estada ali; o mais se apaga como por encanto. A terra reabsorve os frágeis materiais da choça e, como nem sequer uma laranjeira ele plantou, nada mais lembra a passagem por ali do Manoel Peroba, do Chico Marimbondo, do Jéca Tatú ou outros sons ignaros, de dolorosa memória para a natureza circunvizinha.<sup>89</sup>

<sup>88</sup> CAMARGOS, Márcia. **13 a 18 de fevereiro de 1922. A Semana de 22: revolução estética?** São Paulo: Editora Nacional/Lazuli, 2007, p 26.

<sup>89</sup> LOBATO, José Monteiro. **Urupês.** São Paulo: Brasiliense, s/d, p 144.

O texto inicial enviado por Lobato (do qual extraímos a citação acima) muito sintomaticamente intitulava-se “Velha Praga”. Com efeito, não via Lobato na existência dos Jecas perdidos no interior do Brasil um tipo novo, da mesma forma que Euclides da Cunha sabia não ser o sertanejo habitante do sertão uma descoberta no sentido próprio da palavra, uma vez que o mesmo sempre estivera ali, atrás das espáduas indiferentes de um Brasil que buscava para si os valores da civilização. Sabia o escritor que aquela figura que habitava os interiores de forma esquecida pelos avanços da civilização era, de certa forma, produto de um sistema que não se alterara substancialmente quando da passagem do Império para a República e que, a esta altura, apresentava-se enquanto peça do cenário político pré-1930. Desta forma, o caboclo era descrito como:

(...) espécie de homem baldio, semi-nômade, inadaptável à civilização, mas que vive á beira dela na penumbra das zonas fronteiriças. À medida que o progresso vem chegando com a via férrea, o italiano, o arado, a valorização da propriedade, vai ele refugindo em silencio, com o seu cachorro, o seu pilão, a picapau e o isqueiro, de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna. Encoscorado numa rotina de pedra, recua para não adaptar-se.<sup>90</sup>

Monteiro Lobato via este caboclo como verdadeiro exemplo de uma entidade a bafejar influências negativas por sobre a nação, contaminando-a com uma ideologia do mínimo indispensável, onde a existência deste tornaria tudo o mais desnecessário, uma vez que a mais elementar sobrevivência já estaria assegurada, ainda que sob o signo da fome. Para o autor, este tipo constituiria uma nova raça dentro da nacionalidade brasileira, porém nem indígena, negra ou quiçá branca. Seria antes uma raça que se caracterizaria por sua postura física, uma raça a vegetar de cócoras, inerte diante da História que se descortinaria a sua frente. “Sacerdote da lei do menor esforço”, se limitaria a colher os frutos que a natureza gentilmente lhe fornecesse através das árvores do caminho se isto lhe bastasse para ter assegurada sua sobrevivência.

O Jeca é, desta forma, um agente absolutamente passivo dentro do conjunto da nação, e, por isso, alheio a qualquer sentimento de pertença a uma nacionalidade brasileira. Desta forma, retoma-se, ainda que através da personagem hipotética criada por Lobato, a idéia de que nesta área, ainda haveria muito o quê ser trilhado para atingir-se uma homogeneidade em torno de um projeto de comunidade.

---

<sup>90</sup> **Idem**, p 141.

O sentimento de patria lhe é desconhecido. Não tem sequer a noção do país em que vive. Sabe que o mundo é grande, que ha sempre terras para diante, que muito longe está a Corte com os graúdos e mais distante ainda a Bahia, donde vêm baianos pernósticos e côcos.

Perguntem ao Jeca quem é o presidente da República.

- “O homem que manda em nós tudo?

- “Sim.

- “Pois de certo que ha de ser o imperador.

Em matéria de civismo não sobe de ponto.

- “Guerra? T’esconjuro! Meu pai viveu afundado no mato p’ra mais de cinco anos por causa da guerra grande. Eu, para escapar do “reclutamento”, sou inté capaz de cortar um dedo, como meu tio Lourenço...<sup>91</sup>

Vivendo no isolamento relativo que a fronteira da civilização lhe proporciona, o Jeca Tatu possui um código cultural que pouco se altera com o passar do tempo. Ao se reproduzir, o Jeca passa adiante seu jeito de ser, seu *modus vivendi*, criando os filhos dentro de mesmo código de valores imutável. Tal qual o guerreiro Tibicuera de Érico Veríssimo, o filho do Jeca também será Jeca, e o filho de seu filho também será Jeca, posto que o espírito de passividade e inércia será o mesmo, embora revestido por outro corpo. Vive em constante estado de transitoriedade, pois, diante de qualquer benfeitoria ou outra obra que possa fazer, dotada de maior perenidade, limita-se a um resignado “não paga a pena”, levando uma existência que lhe condena a não deixar maiores rastros sobre o mundo.

Abandonado por todos os poderes, inclusive os de ordem religiosa, têm esta figura todo um conjunto de mitologias, credices e práticas próprias. A religiosidade e a superstição se misturam ao que ele tem por “medicina”, misturando elementos da natureza com valores de seu mundo mágico.

Num parto difícil nada tão eficaz como engulir três caroços de feijão mouro, de passo que a parturiente veste pelo avesso a camisa do marido e põe na cabeça, também pelo avesso, o seu chapéu. Falhando esta simpatia, ha um derradeiro recurso: colar no ventre encruado a imagem de S. Benedito.<sup>92</sup>

---

<sup>91</sup> **Idem**, p 152.

<sup>92</sup> **Idem**, p 153.

Em sua tapera, nada de mobília além do mais estritamente indispensável, chegando mesmo aos extremos da simplicidade. Desta forma, não há porque desperdiçar a energia construindo cadeiras de quatro pés, se tão somente com três elas já se afirmam ao chão. Este despojo reflete-se, por fim, no próprio conjunto de práticas artísticas do Jeca, ao qual chamamos por conjunto pelo simples fato de o vazio também poder ser assim classificado.

Todavia, este ser rural, abandonado e supersticioso foi, por longo tempo, visto como uma verdadeira espécie de retrato do brasileiro comum, embora diga respeito especificamente àquele habitante das grotas mais distantes no interior do país. No entanto, sua figura pode muito bem ultrapassar as fronteiras sempre móveis da urbanização, para funcionar como metáfora que agregue uma idéia de brasiliade como um todo. Outra não é senão a intenção de Oswald de Andrade, ao escrever, em 1943, pouco antes da Força Expedicionária Brasileira ser enviada à Europa, em crônica intitulada “Carta a Monteiro Lobato”:

O Jeca vai para a guerra, vai dar o seu sangue pela redenção da Europa. Ficará, depois, à mercê da tecnicização amável que, por acaso, queira interessar-se pelas gulodices do mundo em paz? Seria preferível refluirmos então para o coração da mata no rastro das bandeiras atuais. E lá resistir e de lá voltar para os Guararapes de amanhã.<sup>93</sup>

Passivo, apático e alheio; sem o necessário teor de nacionalidade que o faria integrante de um verdadeiro projeto de nação; supersticioso e inoperante. O tipo descrito por Lobato, embora sem a característica étnica acentuada apresentada por Paulo Prado, acaba por se afirmar enquanto fruto de uma complexa miscigenação. O “caboclo”, neste caso, vai além do simples cruzamento entre o nativo e o branco, tornando-se sinônimo de um tipo de brasileiro de todo abandonado pelo Estado – ou do qual este se serve – ao mesmo tempo em que é figura discursiva mais do que adequada a ser utilizada no momento incerto das grandes derrotas e frustrações.

\* \* \*

### *1.3 – O mulato Afonso: o Brasil a partir de suas entranhas*

---

<sup>93</sup> ANDRADE, Oswald. **Ponta de lança**. São Paulo: Globo, 2004, p 55.

Euclides da Cunha, jornalista conceituado, de educação militar fornecida por um dos mais importantes centros educacionais de sua época. Oliveira Lima, diplomata que a partir do exterior e para o exterior se propôs a analisar a formação histórica de nossa nacionalidade. Paulo Prado, filho da alta elite cafeicultora, que via no mulatismo a origem de nossos males e defendia a imigração européia – e por extensão o branqueamento de nossa população – como a forma adequada de reduzir os efeitos de uma mal que se mostrava possivelmente já irreversível. O primeiro, autor de um texto que, apesar de seu cunho notadamente jornalístico, tornou-se capital para a interpretação de nosso país. Os outros, autores de trabalhos eminentemente ensaísticos, fundamentados em visões ao mesmo tempo particulares e amplamente disseminadas em suas épocas acerca de nossa História. É hora, pois, de abrir espaço para uma perspectiva diversa em sua origem e sua forma quanto ao Brasil da primeira metade do século XX.

O mulato Afonso nasceu de uma família pobre em um Rio de Janeiro que, naquele distante ano de 1881, era a capital de um Império que dava já seus últimos suspiros. O pai era um mulato, nascido escravo. A mãe, filha de uma escrava liberta. Ainda assim, teve uma primeira infância relativamente tranquila na Ilha do Governador. Embora órfão de mãe ainda na infância e tendo de cuidar em sua juventude do pai clinicamente louco, sempre demonstrou certa vocação aos livros, o que lhe possibilitou ingressar na Escola Politécnica do Rio de Janeiro no ano em que completava seu décimo sexto aniversário. A doença paterna, no entanto, o obrigou a abandonar a instituição antes de completar seus estudos, tendo de trabalhar para sustentar a família. Acabou por tornar-se funcionário público e jornalista. Freqüentador dos meios boêmios do Rio de Janeiro, acabaria sucumbindo ante o alcoolismo e a loucura, sendo recolhido mais de uma vez aos hospícios fluminenses. Aos 37 anos seria aposentado por invalidez e aos 41 morreria devido a um colapso cardíaco.

Apesar do alcoolismo e dos momentos de loucura, o mulato Afonso acabou por revelar-se um grande intérprete da sociedade em que vivia. Nas obras que nos deixou foi capaz de revelar, pobre que era, o quão distante se encontravam os Brasis da elite e dos pobres da urbe. Freqüentador dos ambientes concorridos pela intelectualidade, não perdeu seu senso crítico, retratando em seus textos o anseio por uma cultura bacharelesca e vazia existente à época. Habitante desta urbe, foi capaz de perceber que o espírito nacional ainda refletia valores do mundo agrário sem incluir este nas noções mais básicas de uma nacionalidade ainda mal formada. E embora de forma tardia, acabou por ser reconhecido por sua obra, e também pelo seu sobrenome: Lima Barreto.

Afonso Henriques de Lima Barreto acabou por nos deixar uma obra bastante fecunda, se levarmos em consideração o curto período de sua vida. Dela, poderíamos destacar três títulos principais e, de certa forma, complementares: *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, lançada originalmente em 1909, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, lançada sob a forma de folhetim em 1911 e em brochura três anos depois, e *Os Bruzundangas*, de 1923.

Tratam-se, evidentemente, de obras pertencentes ao universo dos romances literários, e, portanto, a primeira vista, da ficção. Além disto, pode aqui ser levantado que Lima Barreto, em que pese à importância de seu trabalho, não tenha a mesma grandeza de um Machado de Assis, outro mulato que se impôs ao país através da qualidade de sua obra literária e que acabou por ser peça chave na fundação da Academia Brasileira de Letras. Nossa opção por Lima Barreto, e não por Machado, se deve ao fato de a obra deste – em que pese sua inegável qualidade – focar-se muito mais sobre a sociedade do final do período imperial e da transição para a República, enquanto o primeiro aborda em seus trabalhos questões que dizem respeito diretamente à consolidação do regime republicano no Brasil. Quanto ao fato de seus escritos serem classificados, sobretudo, como romances, lembramos aqui de Edgar de Decca, quando afirma:

Podemos levar em consideração, inclusive, que a literatura e a história até a década de 1930 eram gêneros que se dialogavam com muita freqüência. Adiantaríamos também que a literatura muitas vezes realizou, desde o final do século 19, o projeto, hoje em voga, da história social e cultural no Brasil, procurando resgatar do silêncio da história os personagens anônimos.<sup>94</sup>

*Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, em que pese sua forma de romance, é uma crítica mordaz à sociedade preconceituosa do Rio de Janeiro em começos do século XX. O personagem título, egresso do interior, decide-se fazer doutor a qualquer custo, acreditando que a simples posse do título e do diploma o transformariam automaticamente em uma pessoa digna das maiores considerações da sociedade, parodiando assim a cultura bacharelesca, a verdadeira obsessão por títulos que dominava o país desde tempos remotos. Simultaneamente, há um forte tom autobiográfico na obra, uma vez que Isaías, assim como Lima Barreto, era mulato e

---

<sup>94</sup> DECCA, Edgar Salvadori de. Quaresma: um relato de massacre republicano. In: **Anos 90: revista do programa de pós graduação em História**. Porto Alegre: UFRGS, n° 8, dez/1997, p 48-9.

sofría com os preconceitos emanados de uma sociedade que se queria européia. Desta forma, vida e ficção se misturavam, cruzando o cotidiano das ruas da capital da jovem República com a desbragada ironia de um romancista que se revelaria, ao cabo, também um cronista.

A ironia aberta seria ainda mais visível em *Os Bruzundangas*. Recorrendo à criação de um país supostamente fictício, Lima Barreto volta a descrever todo o absurdo do bacharelismo doutoral completamente desconectado da realidade das ruas, onde o valor de uma obra e de seu autor é diretamente proporcional à sua incompreensibilidade; onde os cargos públicos são ocupados não pelos mais aptos, mas por aqueles que melhor desempenham salamaleques diversos; onde uma pseudo nobreza se hierarquiza através das pedras que ostentam em seus anéis, tal qual mandarins da China antiga; e sobretudo, onde o grande sonho consiste em partir para o exterior, deixando para trás uma nação ainda por construir, e que fora até então incapaz de fazer-se a si própria.<sup>95</sup>

Entre as *Recordações do escrivão Isaias* e a crítica cáustica aos *Bruzundangas* e seu país mal formado, Lima Barreto produziu aquela que é, sem dúvidas, sua obra mais conhecida, e que merecerá aqui nossa atenção mais detalhada: *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Aqui, a jocosidade dos outros trabalhos citados abre um parêntesis para a análise de questões que, não resolvidas sob a ótica da personagem principal, impediam o despertar de uma verdadeira consciência nacional. Assim, o desprezo pelas modinhas ao violão ou o ignorar a existência de outras línguas em solo brasileiro, tão ou mais antigas que o português se constituíam em fatores nocivos ao desenvolvimento do sentimento de nacionalidade tanto quanto o descaso com a agricultura impedia um maior desenvolvimento no plano econômico. Ao fim, derrotado em seus sonhos, tachado de louco e jogado em uma cela de onde só sairia para se constituir em um desaparecido político ao melhor estilo dos regimes militares, apenas lhe restaria o exercício reflexivo sobre a inutilidade de sua luta e a artificialidade do conceito pelo qual dedicara sua vida.

Desde os dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos

---

<sup>95</sup> Cfe: LEITÃO, Luiz Ricardo. **Lima Barreto: o rebelde imprescindível**. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p 47-8.

heróis do Brasil? Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das suas cousas de tupi, do *folk-lore*, das suas tentativas agrícolas... Restava disso tudo em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma! (...) A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete (...). Certamente era uma noção sem consistência racional e precisava ser revista.<sup>96</sup>

Em que pese o nacionalismo de Policarpo Quaresma ser um tanto quanto estereotipado, a crítica proposta por Lima Barreto quanto à necessidade de repensar-se a pátria no começo do século XX não pode ser desatrelada do fato de ser a nacionalidade brasileira naquele momento extremamente mal formada. Ainda éramos um país voltado ao mar e de costas para o interior, vendo os sertanejos e indígenas como habitantes de um mundo exótico e distante. A proximidade da abolição ainda vinculava o regime escravocrata à cor da pele, e os novos senhores da política, assim como os antigos, através de seus atos, mostravam toda a relativização que o conceito de República merecia. Em tal realidade, os títulos e salamaleques surgiram como um instrumento para que parecêssemos outros diante de nós mesmos, buscando um modelo estranho em um mundo que considerávamos ao mesmo tempo distante e civilizado, contrastando com nosso atraso e nossa selvageria. Ficava para trás a questão central de uma cidadania inexistente.<sup>97</sup>

Tão inexistente ao triste Policarpo quanto aos sertanejos massacrados em Canudos; ou aos descendentes de indígenas e escravos, vistos como chagas nacionais nos começos daquele século.

Esta tentativa de valorização do elemento nacional em um meio que privilegiava a cultura européia faz com que *Triste fim de Policarpo Quaresma* acabe se aproximando de movimentos culturais que ainda estavam por vir; não mais das mãos de um autor maldito e mulato, mas das mais finas estirpes de nossa sociedade. “Quem diria que, alguns anos mais tarde, os modernistas de São Paulo, estes filhos rebeldes das elites paulistanas, iriam proclamar, sem constrangimentos, a palavra de ordem *tupi or not tupi*, muito semelhante àquela que custou a Quaresma o recolhimento ao manicômio quando ele propôs a adoção do tupi-guarani como língua nacional”.<sup>98</sup>

---

<sup>96</sup> BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ática, 1983, p 152-3.

<sup>97</sup> Cfe: PESAVENTO, Sandra Jatahy. Da cidade maravilhosa ao país das maravilhas: Lima Barreto e o “caráter nacional”. In: **Anos 90: revista do programa de pós-graduação em História**. Porto Alegre: UFRGS, n° 8, dez/1997.

<sup>98</sup> DECCA, Edgar Salvadori de. **Op. Cit.**, p 51-2.

Esta valorização dos elementos genuinamente nacionais por parte de Lima Barreto não pode ser dissociada de um *modus vivendi* inerente à sociedade em que este se encontrava, e cujas raízes advinham ainda dos tempos coloniais. Em um país que, desde sua “descoberta”, vivia de costas para si mesmo, era natural que modas e hábitos viessem não apenas da antiga metrópole, mas igualmente dos países que ascenderam ao primeiro patamar na nova economia-mundo, como França e Inglaterra. Neste sentido, deve-se ressaltar que as propostas de valorização de elementos de uma cultura pretensamente “original” por parte do personagem Policarpo Quaresma, como o violão ou a língua tupi-guarani, tocaram, ainda que sob a forma romanceada, em alguns pontos importantes na formação de uma identidade nacional: a cultura musical e o vernáculo.

Há, contudo, um ponto abordado por Lima Barreto que nos interessa aqui diretamente. Dentro dos vários elementos que, sob sua óptica representariam a introdução de valores estrangeiros à cultura brasileira, estava a prática do futebol, elemento relativamente novo na sociedade em que vivia e que, segundo ele, representava não apenas mais uma forma de introdução da cultura européia entre nós, mas poderia igualmente trazer efeitos nocivos para a paz urbana e para a unidade nacional.

Lima Barreto, por seu turno, condenava o futebol como mais uma aspiração das elites brasileiras à cópia das novidades provenientes da Europa. A propagação deste esporte tinha como consequência a exacerbção da virilidade e da agressividade do homem urbano. Além do choque físico entre os jogadores, as praças de esportes eram palco de deprimentes espetáculos de violência entre os torcedores. De acordo com o autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, o futebol era responsável ainda pelo acirramento das rivalidades entre Rio de Janeiro e São Paulo, estimulando o aumento das rixas inter-regionais, fato já tão presente no âmbito da política e da economia durante a República Velha. Décadas mais tarde, embora em outro contexto, George Orwell iria acusar também o futebol de promover o ressentimento, referindo-se ao esporte como uma *guerra sem tiros*.<sup>99</sup>

Esta recusa ao futebol enquanto possibilidade de prática esportiva devido ao seu caráter exógeno à nossa cultura original foi tão forte por parte de Lima Barreto, que

---

<sup>99</sup> HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego.** Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 2004, p 32.

ensejou mesmo a criação de uma liga contra este esporte nos anos vinte junto com o médico carioca Carlos Sussekind de Mendonça.<sup>100</sup> Cabe lembrar, contudo, que este ainda é o momento em que o futebol se mostrava enquanto prática de uma elite social, muito embora o gradual aumento do espaço dedicado ao mesmo nas páginas da imprensa e o crescente número de jogadores negros e mulatos já indicasse o caminho de popularização que o mesmo viria a tomar no futuro.<sup>101</sup> Desta forma, a percepção de Lima Barreto acerca deste novo elemento não deve ser vista com o estranhamento que proporcionaria hoje. Àquela época, lembremos, o futebol era ainda uma novidade ligada especialmente à elite, praticada e comentada com o constante uso de termos em língua inglesa. Nada mais natural, portanto, que soasse como mais um estrangeirismo em terras tropicais.<sup>102</sup>

Há, desta forma, por parte de Lima Barreto, algo que até então pouco fora visto nas publicações que se ocupavam do Brasil: o deslocamento de nossas mazelas do homem – em especial do homem comum, habitante do interior, das periferias e dos cortiços – para o sistema produzido e comandado por aqueles que tinham em suas mãos os destinos do país. Em seus personagens estava o contraponto à leitura até então apresentada pelas elites, de um país que não evoluiria devido à miscigenação e a mestiçagem. Mestiço que era, Lima Barreto sentia em sua própria pele o peso da discriminação e do preconceito, a lhe fechar portas e oportunidades de ascensão social. Morador da capital da jovem República, tinha diante de si os exemplos vivos dos vícios que subsistiam de maneira arraigada na administração da coisa pública, tratada como espaço privado e objeto de favores e negociações. O tipo de brasileiro que apresenta, portanto, é o que mais destoa dos que até aqui foram tratados: não mais a causa, mas o agente passivo de todos os problemas que uma nacionalidade em formação poderia acarretar. Não admira, desta forma, que a questão de uma cidadania mal resolvida seja uma constante em suas obras. Como oferecer cidadania ao escrivão Isaías, estigmatizado por sua cor? Como poderia o major Policarpo materializar seu projeto de pátria, se tal conceito não se revestia de um maior significado para os grupos dirigentes do país? Como poderia a Bruzundanga constituir sua nacionalidade se seus intelectuais

---

<sup>100</sup> TOLEDO, Luiz Henrique de. **No país do futebol.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p 56-7.

<sup>101</sup> Sobre isto, ver a obra já citada de Mário Filho.

<sup>102</sup> Segundo Nelson Rodrigues Filho, a recusa do futebol por parte de Lima Barreto reside justamente neste caráter elitista que o mesmo apresentava às primeiras décadas do século, funcionando como uma verdadeira alegoria da discriminação e do preconceito da sociedade brasileira de sua época. Cfe: RODRIGUES FILHO, Nelson. Lima Barreto: jogando contra o futebol. In: **Pesquisa de Campo**, nº 1, Rio de Janeiro: UERJ, 1995, p 46.

eram absolutamente incompreensíveis para sua população? Para tal grupo, pão e circo. Na falta deste, uma bola.

Mal sabia o mulato Afonso onde isto ia parar...

\* \* \*

#### *1.4 – Tempos modernos*

O anseio de modernidade que tomava conta do Brasil na primeira metade do século XX logo atingiria as artes. Se, a princípio, a busca pelo moderno neste campo – assim como em tantos outros – significava simplesmente importar idéias da Europa, considerada exemplo de civilização, a partir de 1922, com a realização da Semana de Arte Moderna, procurou-se conjugar matriz europeias com a valorização dos elementos culturais genuinamente brasileiros. Organizada por uma coletividade de nomes que então transitavam pelo mundo da arte, o movimento buscava introduzir novos valores diante de uma cultura considerada “de importação”, onde os aspectos nacionais – a mata, a floresta, o indígena, o caboclo – deveriam ser cruzados com signos de modernidade: o trem, o automóvel, a velocidade, a fábrica.

O número exato de “modernistas” pode variar de duas a três dezenas, conforme considerarmos o grau de participação efetiva no movimento ou tão somente a influência exercida sobre o grupo. Igualmente diversas eram as áreas de sua atuação: na pintura, Tarsila do Amaral, Anita Malfati, Di Cavalcanti; na arquitetura, Antonio Garcia Moya e Georg Przymberel; na escultura, Victor Brecheret; na música, Heitor Villa-Lobos; nas letras, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Blaise Cendrars, Raul Bopp e Menotti del Picchia, apenas para citar alguns dos nomes mais importantes. O grupo, formado em sua maioria por novos artistas que buscavam projeção ao mesmo tempo em que propunham o rompimento com as formas socialmente aceitas de arte pode ser ampliado através da participação daqueles que simplesmente atuaram no papel de “mecenas”. Considerando esta categoria de financiadores, podemos ainda acrescentar aqui nomes como José de Freitas Valle, José Pereira da Graça Aranha, ou o já citado Paulo Prado, entre outros.

Se em relação à tradicional sociedade burguesa paulistana os modernistas procuravam provocar o choque, o escândalo pela transformação e subversão de padrões estéticos até então inquestionáveis ao mesmo tempo em que projetariam luzes sobre seus próprios nomes, em relação ao cenário internacional pretendiam acertar o passo

com fenômenos que alguns de seus integrantes já haviam percebido quando de viagens que anteriormente haviam realizado em direção ao continente europeu. De uma destas influências, o “futurismo”, rejeitariam o título, a fim de não se identificarem de forma simples com mais uma corrente que seria importada das terras européias. Surge assim o “modernismo”, mesclando valores de contemporaneidade aos elementos nacionais. Entretanto, outras idéias daquele contexto também pesavam sobre o grupo. Segundo Márcia Camargos:

Se no âmbito interno a Semana tinha como meta colocar o antigo burgo de estudantes no mapa cultural do país para então conquistar a hegemonia, em termos mundiais pretendeu projetar-se como o elemento galvanizador da tendência nacionalista desencadeada pela Primeira Guerra Mundial (1914-1919). É que o conflito bélico provocou o ressurgimento do patriotismo que não tardou a extrapolar suas fronteiras. Assumindo sua feição mais agressiva nas nações beligerantes, esse sentimento sublimou-se no restante do mundo por uma busca das raízes nativas e populares, sobretudo no campo das artes.<sup>103</sup>

Embora a “Semana de 22” tenha entrado para a História do Brasil como um momento de inflexão dentro da cultura nacional, os rumos tomados pelos modernistas após o evento foram diversos. Houve aqueles que, como Tarsila, foram viver por certo tempo no exterior, buscando novas experiências e inspirações para seus trabalhos. Outros mesclararam seu tempo de artista com o desempenho de outras profissões, destacando-se neste caso o caricaturista Ferrignac, que simplesmente abandonou a produção artística após 1922 para tornar-se policial. Alguns, no entanto, passaram a vislumbrar a experiência daquela semana como um primeiro e importante passo dentro da construção de uma obra maior, tais como os escritores Oswald e Mário de Andrade. Comecemos falando sobre Oswald.

José Oswald de Sousa Andrade nasceu em 1890, em São Paulo. Sendo filho de fazendeiros, desfrutou de uma infância confortável, como muitos nomes da elite intelectual de sua época. Para as primeiras letras, teve professores particulares. Para a conclusão do ciclo escolar, o famoso Colégio de São Bento. Aos dezenove anos ingressou na Faculdade de Direito, mas interromperia o curso dois anos mais tarde a fim de empreender sua primeira viagem à Europa. Já nesta época atuava no jornalismo escrevendo colunas para o jornal *Diário Popular*, estabelecendo uma relação de

---

<sup>103</sup> CAMARGOS, Márcia. **Op. Cit.**, p 5.

colaborador com a imprensa que manteria por toda sua vida. Romancista, poeta, teatrólogo e crítico de arte, levava uma existência social intensa, unindo os meios culturais de São Paulo e do Rio de Janeiro. Acabou por projetar-se, quando da Semana de Arte Moderna, como um dos grandes nomes do evento, ao lado de Mário de Andrade e Tarsila do Amaral. Poucos anos depois, sinalizaria suas primeiras rupturas com o movimento, ao lançar o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, ou simplesmente *Manifesto Pau-Brasil* (1924) e o *Manifesto Antropófago* (1928). É a estes dois textos breves que queremos nos reportar inicialmente, ao lembrar do nome de Oswald, para depois valermos-nos de uma outra obra sua, menos conhecida, mas que traz o lado jornalista e cronista de Oswald, *Ponta de lança*, lançado em 1945, mas que reúne artigos e ensaios escritos originalmente entre os anos de 1943 e 1944.

O *Manifesto Pau-Brasil* foi originalmente publicado nas páginas do jornal *Correio da Manhã* de 18 de março de 1924. Considerando apenas seu fim mais imediato, o texto defendia a necessidade de uma nova estética dentro das letras nacionais – em especial da poesia. Repleto de propostas de inovação, apresentava algumas influências diretas do modernismo, em especial no que se refere à necessidade de estabelecer um novo renascimento, de caráter nacional, fruto da ruptura a ser estabelecida com os antigos padrões poéticos. Assim, a poesia Pau-Brasil deveria aparecer “ágil e cándida. Como uma criança”.<sup>104</sup>

Contudo, a linguagem utilizada por Oswald para seu manifesto vai além das propostas ao campo puramente poético. Há, com efeito, uma profusão de referências à valorização da estética popular, em detrimento do “erudito”, até então visto como o padrão socialmente aceito dentro dos salões da elite nacional. Desta forma, o carnaval do Rio (de 1924, lembremos) é encarado como “o acontecimento religioso da raça”, capaz de fazer as obras de Wagner submergir ante os cordões de Botafogo. No mesmo sentido, a valorização da cultura popular levaria à valorização da cultura das ruas, do jeito de ser e falar. Neste sentido, é defendida “a língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos”. Sobre tal característica, Márcia Camargos comenta:

Escrito em prosa poética de frases curtas, antecipava a proposta da antropofagia, absorvendo as qualidades do inimigo forasteiro para fundi-las

---

<sup>104</sup> ANDRADE, Oswald de. **Manifesto Pau Brasil**. Esta e as demais citações ao texto deste manifesto encontram-se disponíveis em [www.lumiarte.com/luardeoutono/oswald/manifpaubr.html](http://www.lumiarte.com/luardeoutono/oswald/manifpaubr.html).

nas nacionais. Mais conhecido como *Manifesto Pau-Brasil*, defendia a idéia de que a poesia existe na singeleza dos fatos e, por isso, não abria mão da linguagem coloquial. O lirismo dos parnasianos, assim como o misticismo dos simbolistas seria radicalmente substituído pela experiência cotidiana no fazer poético: *Dê-me um cigarro / Diz a gramática / Do professor e do aluno / E do mulato sabido / Mas o bom negro e o bom branco / Da nação brasileira / Dizem todos os dias / Deixa disso camarada / Me dá um cigarro.*<sup>105</sup>

Não apenas a erudição importada oposta à cultura das ruas é alvo das críticas de Oswald no *Manifesto Pau-Brasil*. Igualmente o bacharelismo, já apontado por muitos como um dos principais traços de nossa cultura desde os tempos coloniais é criticado através da pena impiedosa do modernista, que vê na continuidade de tal valor um verdadeiro entrave para o avanço da modernidade em nosso país. Neste sentido é que precisaríamos de “engenheiros em vez de jurisconsultos, perdidos como chineses na genealogia das idéias”. Ou, em outra passagem do referido manifesto:

O lado doutor. Fatalidade do primeiro branco aportado e dominando politicamente as selvas selvagens. O bacharel. Não podemos deixar de ser doutos. Doutores. País de dores anônimas, de doutores anônimos. O Império foi assim. Eruditamos tudo. Esquecemos o gavião de penacho (...). Mas houve um estouro nos aprendimentos. Os homens que sabiam tudo se deformaram como borrachas sopradas. Rebentaram.

Este bacharelismo estaria diretamente vinculado a uma elitização tacanha através da cultura importada e em tudo alheia aos verdadeiros valores nacionais. Desta forma, a arte criticada era na verdade o plágio de modelos exteriores que se sobreponha a um processo criativo verdadeiro que levasse em conta os elementos tipicamente brasileiros.

Instituía-se o naturalismo. Copiar. Quadros de carneiros que não fosse lá mesmo não prestava. A interpretação do dicionário oral das Escolas de Belas Artes queria dizer reproduzir igualzinho... Veio a pirogravura. As meninas de todos os lares ficaram artistas (...). Na música, o piano invadiu as saletas nuas, de folhinha na parede. Todas as meninas ficaram pianistas. Surgiu o piano de manivela, o piano de patas. A Pleyela. E a ironia eslava compôs para a pleyela. Stravinski.

---

<sup>105</sup> CAMARGOS, Márcia. **Op. Cit.**, p 54.

A proposta do *Manifesto Pau-Brasil*, desta forma, não pode ser confundida com a negação de valores modernos, nem com a valorização pura e simples de tudo que é capaz de ser classificado como genuinamente brasileiro. A originalidade nacional, das ruas, que até então fora posta em um segundo plano diante dos valores importados e da cultura bacharelesca deve ser conjugada com uma medida exata de elementos modernos. Esta soma de cultura popular com o estritamente necessário do moderno representaria um indispensável renascer, sem paradigmas anteriores a serem seguidos através de normas cultas que fossem ditadas de antemão, antecipando de certa forma alguns valores do *Manifesto Antropófago* que somente viria à luz quatro anos mais tarde. “O necessário de química, de mecânica, de economia e de balística. Tudo digerido. Sem meeting cultural. Práticos. Experimentais. Poetas. Sem reminiscências livrescas. Sem comparações de apoio. Sem pesquisa etimológica. Sem ontologia”.

(Neste sentido, não deixa de ser irônico – e até contraditório – que o livro de poemas *Pau Brasil*, lançado em 1925, tenha vindo ao mundo por intermédio de uma editora francesa).

Quatro anos depois do *Manifesto Pau-Brasil*, Oswald de Andrade voltaria às páginas da imprensa com seu *Manifesto Antropófago*. O berço não era mais as páginas da imprensa comum, mas uma publicação específica, a *Revista de Antropofagia*, criada justamente para comportar as idéias que o intelectual se propunha a desenvolver a partir de agora. Buscava, já a partir do título do texto, propor um aprofundamento na valorização do elemento nativo, que, ao apropriar-se de valores da cultura exterior, poderia absorvê-los, “degluti-los”, assimilando para si todos aqueles elementos que pudesse lhe proporcionar algo de positivo. Quanto aos valores negativos, estes deveriam ser simplesmente postos de lado, uma vez que o sentido da antropofagia aqui – ainda que em termos figurados – ultrapassava o meramente canibalesco para assumir uma verdadeira ritualidade no plano cultural.

Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem (...).  
Chegamos ao aviltamento. A baixa antropofagia aglomerada nos pecados de catecismo – a inveja, a usura, a calúnia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e cristianizados, é contra ela que estamos agindo.  
Antropófagos.<sup>106</sup>

---

<sup>106</sup> ANDRADE, Oswald de. **Manifesto Antropófago**. Esta e as demais citações ao texto deste manifesto encontram-se disponíveis em [www.lumiarte.com/luardeoutono/oswald/manifantropof.html](http://www.lumiarte.com/luardeoutono/oswald/manifantropof.html).

Esta valorização dos elementos benéficos – considerados totêmicos – à civilização desenvolvida nos trópicos deveria ser conjugada, segundo o manifesto, com a busca por um verdadeiro destino histórico para nossa nação. E este destino somente seria encontrado através da valorização de nossa formação racial complexa e pela reinterpretação de nossa história, ultrapassando e negando os ícones até então tidos como incontestáveis. Neste sentido é que o texto se ergue “contra o Padre Vieira”; “Contra Goethe, a mãe dos Gracos, e a Corte de D. João VI”; “contra Anchieta, cantando as onze mil virgens no céu, na terra de Iracema”, e, principalmente, “contra a Memória fonte do costume”.

Para se ter uma dimensão mais exata da proposta levantada por Oswald – e também pelo grupo que, embora seguindo caminhos diversos posteriormente, promoveu a Semana de 22, há que se ter em vista o contexto e o local de onde erguem suas vozes. Se a década de 1920 pode ser entendida como um período tardio da grande onda migratória que desembocou no centro do país, buscando trabalho nos cafezais e na nascente indústria nacional, ainda reflete em muito o ideal de “branqueamento” da sociedade brasileira, proposto ao fim da escravidão, e do desenvolvimento das primeiras relações de trabalho tipicamente capitalistas em nosso meio. Neste cenário, o desenvolvimento de uma cultura de caráter popular, fruto da expansão das grandes metrópoles não é reconhecida como legítima nos salões da elite, em muito ainda preocupada com valores que refletem o romantismo ingênuo à européia do século XIX ou outras tendências da mesma época.

Nada de legitimidade ao que cheirasse a nativismo autêntico ou a povo.

Neste sentido é que o discurso do *Manifesto Antropófago* propõe uma (re)fundaçao do Brasil e de sua História, devendo a independência ser novamente proclamada e a dinastia expulsa. Este caráter fundamental de reinterpretação histórica é destacado por Maria Lúcia Kern:

No manifesto o discurso fundador é articulado por Oswald a partir da revisão da história da colonização portuguesa no Brasil e da construção de uma nova memória nacional que tem como referência o indígena, o negro e as culturas primitivas, até então consideradas inferiores e motivadoras do atraso do país.

No entanto, o autor contrapõe o seu manifesto ao ufanismo e ao nacionalismo

nativista, dominantes na primeira fase do movimento modernista, bem como ao indianismo romântico que tratou a questão do índio de forma superficial.<sup>107</sup>

Não há, pois, uma simples continuidade a se desenrolar a partir de 1922, que possa ser expressa no esquema “Modernismo – Pau Brasil – Antropofagia”, e os caminhos procurados por Oswald são um exemplo dos caminhos procurados por outros de sua geração na tentativa de interpretar o Brasil em que viviam. Se Oswald acabou por procurar suas respostas na valorização do elemento nativo ou popular e na assimilação crítica de valores da modernidade, outros buscaram suas respostas através de caminhos diversos, tal como Plínio Salgado, que integrava a linha “verde amarela e anta” do modernismo e acabou por aplicar seu nacionalismo no programa político do movimento integralista. Desta forma, o próprio modernismo, do qual Oswald fora peça-chave, passou a ser objeto de críticas, tanto quanto alguns de seus companheiros do começo daquela década. Não se tratava mais do choque pela valorização do popular, mas sim de criar uma nova idéia que desembocasse em uma verdadeira descolonização de nossa História e cultura.

Aos antropófagos não interessa ser moderno, pois não ambicionam renovar a produção artística de um movimento que não os satisfaz mais. Eles têm convicção de que o modernismo ainda vive da “servidão mental”, apesar da sua tentativa de libertação e de eliminar uma série de “cacoetes deploráveis”, oriundos do sistema luso de colonização. Entretanto, o modernismo se limitou a uma revolução estética, quando a sua função seria, para o grupo antropofágico, criar o novo pensamento brasileiro. Assim, este é visto por seu valor puramente histórico, levando os adeptos da Antropofagia a repensá-lo e a revisar as suas obras, não aceitando manter a condição de colonizado.<sup>108</sup>

Dento desta proposta de descolonização da cultura brasileira, cabia ao discurso dos modernistas negar o valor de tudo aquilo que simbolizasse a penetração do exógeno, em especial das grandes potências – Inglaterra e Estados Unidos – que em nada viesse a contribuir ao nosso engrandecimento cultural. Refugava-se o desnecessário ou simplesmente alienante como algo indigno de ser antropofagizado, dentro do conceito verdadeiramente ritual a que o movimento se propunha. Desta forma, Oswald, um

---

<sup>107</sup> KERN, Maria Lúcia. A antropofagia e a redescoberta do Brasil. In: **Estudos Ibero-americanos**. Porto Alegre: PUCRS, Edição especial nº 1, 2000, p 96.

<sup>108</sup> **Idem**, p 100.

amante e divulgador do teatro, torcia o nariz ante a “imbecilização crescente pela tela”<sup>109</sup> promovida pelo cinema norte-americano. Conceito não muito diferente era atribuído por ele ao futebol, considerado como um produto importado através do colonialismo britânico no qual se compraziam as elites brasileiras, proporcionando mais um instrumento para se sentirem pertencentes ao dito “mundo civilizado”, ainda que deste afastadas literalmente por um oceano de distância.

Não que o futebol fosse fenômeno que passasse despercebido aos sentidos atentos dos modernistas. Popularizado continuamente a cada dia pelas páginas esportivas dos jornais, o futebol integrava o conjunto de valores percebido enquanto fenômeno da modernidade, uma vez que conseguia arrastar pequenas multidões a cada fim de semana aos prérios disputados nos primeiros estádios das grandes cidades brasileiras. Um sinal dos tempos, divulgado pelo ritmo industrial com que a imprensa já operava, capaz de surpreender o próprio ex-modernista, sempre tão convicto do papel das virtudes da técnica no aprimoramento da humanidade.

A rapidez com que vão se processando os fatos deste século fez do homem um ser onipresente e tumultuário. O desastre que vitima aqui um passageiro de avião pode ser, imediatamente, sentido por um amigo seu da América do Norte, como o atropelo em que se despedaçam as divisões panzer na Ucrânia, entusiasma diante de um placar de jornal ou à voz de um microfone, à mesma hora latitudinal, um chinês, um australiano, um canadense e um brasileiro de Brotas ou de Goiânia.<sup>110</sup>

O olhar atento de Oswald não se limita apenas ao “futebol-espetáculo”, aos noventa minutos de duração da partida, ao fim dos quais a queda do pano remete para casa atores e platéia até o encontro que se anuncia para a próxima semana. Suas atenções também se voltam, talvez de forma ainda um tanto precoce no que se refere à intelectualidade brasileira, para a origem social daqueles que eram anunciados continuamente pelas ondas do rádio e pelas páginas da imprensa como os novos ídolos de uma nação que crescia. De Leônidas e Domingos todos sabiam, mas, e quanto aos outros, às vítimas de um jogo tido por Oswald como excessivamente violento? Em um texto intitulado “Carta a um torcida” e dirigido a José Lins do Rego, após considerar o futebol uma “catarse circense com que os velhos sabidos de Roma lambuzavam o pão

---

<sup>109</sup> ANDRADE, Oswald. **Ponta de Lança**. São Paulo: Globo, 2004, p 151.

<sup>110</sup> **Idem**, p 104.

triste das massas” e “um novo ópio, descoberto e enviado para cá pelos neo-romanos, amáveis civilizadores saídos do conúbio imperialista de Disraeli com a Rainha Vitória”, sentenciava ao colega de letras:

É você quem defende, histérico e incisivo, a exploração de rapazes pobres, bruscamente retirados de seu meio laborioso, para o esplendor precário dos grandes cartazes e dos grossos cachês, a fim de despencarem depois de lá e ficarem como os potros quebrados nas corridas dos prados milionários (...). Não sei qual a solução social que se dá ao caso dos jogadores inutilizados nos encontros e aos quais se nega qualquer renovação de contrato ou qualquer garantia que os socorra e indenize. Sei apenas que eles penosamente se mexem com água-no-joelho, canela furada, equimoses, tuberculoses e traumas, sem amparo e sem emprego, encostados muitas vezes à família pobre, donde os arrancaram.<sup>111</sup>

Esta violência inerente à prática do esporte bretão éposta, por fim, diametralmente em oposição à perspectiva que Oswald possuía acerca do homem brasileiro. Com efeito, em sua visão, aplicar-se-ia plenamente sobre o conjunto da nação uma das figuras propostas mais de uma década depois do Movimento Modernista por Sérgio Buarque de Holanda: o “homem cordial”. Abraçando a idéia de que tal característica nos confere uma identidade e uma especificidade no quadro das nações do mundo, Oswald nos apresenta como diversos, por exemplo, em relação à civilização norte-americana. Tomando a Guerra de Secesão como figura ilustrativa, o autor defende que, entre nós, a vitória teria sido do sul sobre o norte. Não o sul da escravidão obtusa que separa em guetos específicos o negro e o branco, mas a escravidão que, ainda que obtusa, operou, ao lado de outros fatores e de forma involuntária, como elemento criador de uma cultura ímpar.

Se o Brasil é também o Sul, isto é, a mesma expressão de cultura agrária e sentimental, torrão de boa vontade e pátria do *melting-pot*, aqui não sofremos ainda a interferência deformadora dos grandes *parvenus* da era da máquina. Ao contrário, entre nós alastrou-se e criou raízes em coordenadas de superior inteligência humana, a característica civilização luso-tropical que nos ensinou a igualdade prática das raças e boa vontade como elo do trabalho, da

---

<sup>111</sup> **Idem**, p 69-70.

cooperação e da vida. No continente americano, o Brasil é o Sul sensível e cordial que venceu.<sup>112</sup>

Desta forma, através da pena de Oswald de Andrade, emergiram, ao longo do tempo, faces diversas de um mesmo país e dos homens que o habitam. Da necessidade de atualização e rompimento estético com os velhos padrões, pregada pelo Modernismo, chega-se à necessidade da busca e da valorização dos elementos nacionais, sem que, no entanto, estes devessem se afirmar de forma isolada no mundo. A urbanização e o desenvolvimento da técnica e das comunicações se constituíam em realidades das quais seria impensável abster-se. Todavia, antes da cópia pura e simples, a originalidade de nossa gente cordial, de nossa música, de nossos temas.

Contudo, como um “modo brasileiro de jogar futebol” não integrava as preocupações mais imediatas de Oswald, coube a outro modernista formular uma teoria revolucionária sobre o surgimento do assim chamado “esporte bretão”.

\* \* \*

Reza o senso comum que o futebol foi inventado pelos ingleses, ainda no século XIX. Após algum tempo onde as regras sofriam variações conforme o local onde o mesmo era praticado, elas acabaram por ser unificadas, sofrendo poucas variações até os dias de hoje. Sua introdução no Brasil, ao menos no que toca ao futebol organizado e disputado através de clubes, teria ocorrido por meio de Charles Miller, filho de britânicos, que ao fim daquele século teria vindo de uma estada na Europa com uma bola e um manual com as regras do novo esporte em sua bagagem, e muita disposição em seu espírito para praticar a modalidade neste país.

Isto é uma deslavada mentira!

Ou ao menos pode ser. A se julgar pelas palavras de um ilustre e insuspeito filho de nossa pátria, o futebol é uma invenção genuinamente brasileira, e seu inventor, uma síntese de nossa alma e formação nacionais.

Maanape gostava muito de café e Jiguê muito de dormir. Macunaíma queria erguer um papiri pros três morarem porém jamais que papiri se acabava. Os puchirões goravam sempre porque Jiguê passava o dia dormindo e Maanape

---

<sup>112</sup> **Idem**, p 108.

bebendo café. O herói teve raiva. Pegou numa colher, virou-a num bichinho e falou:

- Agora você fica sovertida no pó de café. Quando mano Maanape vier beber, morda a língua dele!

Então, pegando num cabeceiro de algodão, virou-o numa tatorana branca e falou:

- Agora você fica sovertida na mangueira. Quando mano Jiguê vier dormir, chupe o sangue dele!

Maanape já vinha entrando na pensão pra beber café outra vez. O bichinho picou a língua dele.

Ai! Maanape fêz.

Macunaíma bem sonso falou:

- Está doendo, mano? Quando o bichinho me pica não dói não.

Maanape teve raiva. Atirou o bichinho muito pra longe falando:

- Sai, praga!

Então Jiguê entrou na pensão pra tirar um corte. O marandová branquinho tanto chupou o sangue dêle que até virou rosado.

- Ai! que Jiguê gritou.

E Macunaíma:

Está doendo mano? Ora veja só! Quando tatorana me chupa até gosto.

Jiguê teve raiva e atirou a tatorana longe falando:

- Sai, praga!

E então os três manos foram continuar a construção do papiri. Maanape e Jiguê ficaram dum lado e Macunaíma do outro pegava os tijolos que os manos atiravam. Maanape e Jiguê estavam tiriricas e desejando se vingar do mano. O herói não maliciava nada. Vai, Jiguê pegou num tijolo, porém pra não machucar muito, virou-o numa bola de couro duríssima. Passou a bola pra Maanape que estava mais na frente e Maanape com um pontapé mandou ela bater em Macunaíma. Esborrachou todo o nariz do herói.

- Uí! que o herói fêz.

Os manos bem sonhos gritaram:

- Uai! está doendo mano! Pois quando bola bate na gente nem dói!

Macunaíma teve raiva e atirando a bola com o pé bem pra longe falou:

- Sai, peste!

(...) O bichinho caiu em Campinas. A tatorana caiu por aí. A bola caiu no campo. E foi assim que Maanape inventou o bicho-do-café, Jiguê a largarta-rosada e Macunaíma o futebol, três pragas.<sup>113</sup>

---

<sup>113</sup> ANDRADE, Mário de. **Macunaíma (o herói sem nenhum caráter)**. São Paulo: Martins, 1978, p 61-2.

Mário Raul de Moraes Andrade nasceu na capital paulista em 1893, no seio de uma família de classe média, sem ser, no entanto, abastada. Após receber uma educação marista no ensino secundário, passou a estudar comércio, mas desistiu. Acabou por se formar no Conservatório Dramático Musical, onde acabou lecionando e entediando-se ante a verdadeira ditadura do piano (ou “pianolatria”) imposta pelos hábitos culturais da elite de sua cidade natal. Após publicar seu primeiro livro de versos (*Há uma gota de sangue em cada poema*, em 1917) seguindo os padrões tradicionais da literatura, acaba por tomar parte da Semana de Arte Moderna, em 1922, tornando-se um dos maiores nomes deste movimento e da cultura brasileira.

A partir de então se segue uma seqüência de obras tão aclamadas quanto polêmicas, porém capitais para o entendimento do Brasil dentro dos parâmetros propostos pelo Movimento Modernista, como *Paulicéia Desvairada* (1922) e *A Escrava que não é Isaura* (1925). Além de sua produção cultural e crítica, ocupou ainda cargos na administração pública, destacando-se, entre outras tantas, sua participação na *Comissão Reformadora da Escola Nacional de Música*, em 1930, e no *Departamento de Cultura* da cidade de São Paulo, em 1935. Dois anos depois, fundaria e comandaria a *Sociedade de Etnografia e Folclore de São Paulo*.

Mas, juntamente com a Semana de Arte Moderna, foi 1924 um dos momentos mais importantes para sua produção como intelectual que refletia profundamente sobre seu país. Neste ano, juntamente com outros nomes engajados no modernismo, Mário de Andrade realizou uma turnê por cidades históricas de Minas Gerais. O choque da cultura interiorana com o espírito modernista produz nele a necessidade de reinterpretar o Brasil através da conjugação entre o novo e o tradicional, o rural e o urbano, valorizando dentro do espírito da modernidade a cultura que emanava dos estratos populares. Fruto destas reflexões ganhava a luz no ano de 1928, um dos mais importantes textos sobre a identidade brasileira: *Macunaíma (o herói sem nenhum caráter)*.

A história deste herói é deveras conhecida. Nascido preto retinto em uma aldeia indígena, acaba por se tornar branco e transportar-se para São Paulo em busca de uma pedra mágica que lhe fora tomada. A partir daí, ele e seus irmãos passam a travar contato com o mundo que se modernizava, e que lhe era completamente estranho quando comparado ao fundo do mato virgem onde nascera. À primeira vista, tal temática simplesmente remete a elementos de uma cultura popular, valorizando, ao

mesmo tempo, a famosa formação tripartite do povo brasileiro, sintetizada em sua totalidade na figura do protagonista. A obra, no entanto, é muito mais do que isto.

Inicialmente, não há como dissociar sua criação das próprias atividades desenvolvidas pelo seu autor, especialmente de suas viagens pelo interior brasileiro, colhendo relatos e lendas populares com os quais pudesse criar suas personagens. Esta verdadeira sistemática de pesquisa acaba por integrar plenamente o texto de *Macunaíma* dentro dos padrões propostos pelo Modernismo – de descoberta e valorização de uma cultura genuinamente nacional, gerando uma obra que em muito agradaria ao já desaparecido major Policarpo Quaresma. Trata-se, assim, de uma verdadeira reafirmação do rompimento proposto pelos modernistas com os modelos estéticos que valorizavam unicamente um conhecimento e uma forma de escrever “à européia”. Ao mesmo tempo, *Macunaíma* pretendia muito mais do que simplesmente trazer à luz elementos da cultura brasileira.

Em primeiro lugar, o autor procurava ressaltar o caráter literário de seu livro. Com isso, *Macunaíma* não deveria ser lido como um tratado sociológico, mas como invenção livre de um enredo narrativo. À parte isto, Mário de Andrade também ressaltou o fato de que o livro seria um índice da “entidade nacional dos brasileiros”, uma súmula de seu caráter psicológico. Advertindo para o fato de que *Macunaíma* não era um símbolo da psique brasileira, Mário defendia uma leitura que entendesse sua obra como um “sintoma” da brasiliade. Portanto, o livro era, simultaneamente, invenção literária, resultado de pesquisas etnográficas e ponto de partida para uma reflexão sobre a brasiliade.<sup>114</sup>

Nos interessa aqui pensar um pouco sobre alguns traços desta brasiliade que integram *Macunaíma*. Seu texto, com efeito, costura vários aspectos que, de um modo ou outro, integram o já referido senso comum sobre o brasileiro presente em textos anteriores, mas que eram percebidos até o surgimento do Modernismo como algo unicamente digno de notas pejorativas. À isto, soma-se um certo “acertar de contas” com a História nacional ao mesmo tempo em que pretende evidenciar o fato de que o Brasil já era, à época, uma estrutura complexa que em muito ultrapassava a perspectiva de uma nação voltada para o mar enquanto virava às costas para seu próprio interior.

---

<sup>114</sup> FARIA, Daniel. Makunaima e Macunaíma. Entre a natureza e a história. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo: ANPUH, vol. 26, nº 51, jan. – jun., 2006, p 271.

Logo em princípio, Mário de Andrade atribui a seu herói um traço de personalidade que pode ser facilmente encontrável em outras tantas obras escritas anteriormente acerca da brasiliade, e que tão bem ficou registrada através da primeira frase pronunciada por Macunaíma, enquanto este se limitava a apenas observar o trabalho dos outros: “- Ai! que preguiça!...”<sup>115</sup> Não há como não pensar aqui no quanto esta característica de lassidão se perpetua ao longo do tempo enquanto imagem atribuída ao brasileiro comum – um bom exemplo são as piadas que trazem, injustamente, os baianos como personagem principal – ao mesmo tempo em que reproduz, de certa maneira, um conceito já trazido em tantas outras obras que se dedicaram à interpretar o Brasil. Esta mesma lassidão é presente, lembremos, no sertanejo de Euclides da Cunha, perdido na aridez do sertão, ou ainda como fruto da devassidão que consumia as energias aos colonos segundo a leitura de Paulo Prado.<sup>116</sup> Esta preguiça, no entanto, é algo que se choca de forma contraditória com outras características de Macunaíma tanto quanto já acontecia com a famosa força dos homens descritos em *Os Sertões*. Ao mesmo tempo em que preguiçoso, Macunaíma também era capaz de realizações que lhe atribuíam um ar malandro, de quem “já na meninice fez coisas de sarapantar”. E se “dandava pra ganhar vintém”, é porque bem sabia que sua ação deveria receber uma contrapartida por parte de outrem.<sup>117</sup>

Contudo, não é somente a preguiça conjugada à engenhosidade que faz de Macunaíma um retrato brasileiro. Ele é também vingativo. E para vingar-se de Venceslau Pietro Pietra, fazendeiro que lhe havia tomado sua pedra mágica, não hesita em recorrer às forças do além.

No outro dia o tempo estava inteiramente frio e o herói resolveu se vingar de Venceslau Pietro Pietra dando uma sova nêle pra esquentar. Porém por causa de não ter força tinha mas era muito medo do gigante. Pois então resolveu tomar um trem e ir no Rio de Janeiro se socorrer e Exu diabo em cuja honra se realizava uma macumba no outro dia.<sup>118</sup>

*Macunaíma* não se limita a apresentar ao leitor, através da figura de seu protagonista, uma espécie de ilustração do povo brasileiro. Os próprios cenários por

<sup>115</sup> ANDRADE, Mário de. **Op. Cit.**, p 9. A expressão aparece inúmeras outras vezes ao longo do texto.

<sup>116</sup> Lembremos que Macunaíma, ainda criança, gostava de por a mão nas graças das meninas enquanto mergulhava, ou ainda, transformava-se em príncipe para “brincar” com sua cunhada.

<sup>117</sup> **Ibidem.**

<sup>118</sup> **Idem**, p 73.

onde transita o herói sem caráter são também parte da totalidade sobre a qual o autor se debruça. A forma com que isto é feito, no entanto, se não completamente inovadora, é capaz de dotar o texto de uma singularidade toda especial. Longe do Brasil apresentado pelos rigores do academicismo, Mário de Andrade mostra o universo rural e o urbano interagindo entre si através das peripécias de sua personagem principal. Desta forma, ao apresentar as malocas, os cortiços e os terreiros de macumba existentes nas grandes cidades, *Macunaíma* se aproxima em alguma medida das ruas periféricas por onde transitava o major Policarpo. Ao mesmo tempo, se distancia dos rigores de um Paulo Prado ou de um Oliveira Lima, embora se aproprie em muito das imagens por estes produzidas, ainda que de forma retrabalhada. Para além disto, há, na construção da obra, muito das etnografias feitas espontaneamente pelo autor em suas já citadas viagens, refletindo-se em um universo mágico que não respeita os limites geográficos de suas próprias origens.

É esta transposição do mítico para o ambiente citadino que permite estabelecer o retrato de um choque entre um mundo que se urbanizava e buscava ingressar na modernidade, e outro, que permanecia atrelado a um modo de vida tradicional – e que juntos estabeleciam o Brasil dos dias de Mário de Andrade. Um bom exemplo deste choque entre a modernidade e o tradicional pode ser dado através da relação que Macunaíma, uma vez chegado em São Paulo, estabelece com as máquinas.

Nesta parte significativa do romance, as raízes e os hábitos indígenas de Macunaíma confrontam-se com a lógica da vida urbana, tecendo a trama da reflexão. A metáfora por excelência utilizada por Mário, para falar dos hábitos e elementos citadinos que exprimem a modernidade, é “máquina”. Na maior parte das vezes, “máquina” refere-se a elementos especificamente urbanos e ligados à modernidade trazida pela urbanização. É o caso do emprego da palavra logo no primeiro contato de Macunaíma com São Paulo, quando o herói começa a decifrar as novidades. Aprende então, a cada vez, que aquilo que vê ou ouve não tem equivalente no mundo do “mato virgem”, e que se trata de “máquinas”.<sup>119</sup>

Este universo de “máquinas” – e por extensão, de modernidade – não se limita àquilo que pode ser facilmente identificado com tal expressão, como aviões, rotativas ou telefones. Também o resultado de seu emprego é apresentado sob o qualificativo de

---

<sup>119</sup> SCHPUN, Monica Raisa. Luzes e sombras da cidade (São Paulo na obra de Mário de Andrade). In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo: ANPUH, vol. 23, nº 46, jul. – dez., 2003, p 28-9.

“máquinas”. Assim, mesmo outros objetos que não compunham o universo idílico do qual Macunaíma saíra, como garrafas de uísque, são apresentados sob tal qualificativo. Porém, a forma como tais “máquinas” são obtidas não rompe com a relação outrora estabelecida com a natureza, mesmo quando demandava a existência da nova figura do comerciante estrangeiro. Ainda que sob a forma do comércio capitalista, tal relação é estabelecida com a natureza.

No outro dia Macunaíma acordou com escarlatina levou todo o tempo da febre imaginando que carecia da máquina garrucha pra matar Venceslau Pietro Pietra. Nem bem sarou foi na casa dos Ingleses pedir uma smith-wesson. Os ingleses falaram:

- As garruchas inda estão muito verdolengas porém vamos a ver si tem alguma temporâ.

Então foram em baixo da árvore garrucheira. Os Ingleses falaram:

- Você fica esperando aqui. Se despencar alguma garrucha então pegue. Mas não deixa ela cair no chão não!

-Feito

Os Ingleses sacudiram sacudiram a árvore e caiu uma garrucha temporâ. Os Ingleses falaram:

-Essa está boa.<sup>120</sup>

Por fim, o rompimento proporcionado pelo modernismo, que possibilita a conjugação de elementos tradicionais junto a uma nova estética permite que o texto de *Macunaíma* estabeleça o acerto de contas com a História a qual nos referimos anteriormente. Muito mais do que criticar os hábitos franceses das senhoras locais<sup>121</sup> – outra aproximação a Lima Barreto – Mário de Andrade não hesita em se referir aos paulistanos, e por extensão aos brasileiros, como “filhos da mandioca”.<sup>122</sup> Destarte, é Macunaíma, o índio nascido retinto no mato virgem e que vira branco, quem mostra aos filhos dos bandeirantes que sua sobrevivência e sua identidade são, sob vários aspectos, muito mais vinculadas à terra que habitam do que talvez imaginasse.

Desta forma, *Macunaíma* apresenta-se como muito mais do que um simples romance. Não muito distante em termos temporais de *Formação da Nacionalidade Brasileira* e saindo das mãos de alguém que compartilhava concepções artísticas com

---

<sup>120</sup> ANDRADE, Mário de. **Op. Cit.**, p 57.

<sup>121</sup> Cf.: **Idem**, p 99.

<sup>122</sup> A expressão é recorrente ao longo do texto.

Paulo Prado, é obra que busca, através de verdadeiro esforço etnográfico, destacar nossa complexidade e nossa totalidade, incluindo-se aí os aspectos que remetem para longe do litoral ou das grandes cidades do “centro” do país. As intenções do autor, contudo, podem ser ainda mais profundas quando postas nos termos da construção de uma idéia de nacionalidade. Segundo Francisco Alambert, através de *Macunaíma*, Mário de Andrade pretendia compreender e dar sentido à força que se derivaria de nossa diferença e de nossas especificidades, uma vez que “da compreensão do ‘brasileiro’ poderia surgir uma capacidade verdadeira de organização da vida, do país, da cultura, que, tomada dos processos de composição identificados na cultura popular brasileira, nos desse um modelo coletivo para a construção de uma nação”.<sup>123</sup>

Simultaneamente índio, negro, e branco. Filho da floresta, mas transitando pela cidade moderna. Malandro, libidinoso, macumbeiro, preguiçoso e “inventor” do futebol. Poderia Macunaíma ser mais “brasileiro”?<sup>124</sup>

\* \* \*

### *1.5 – Os grandes intérpretes*

Poucas obras publicadas no Brasil, preocupadas em apontar as origens de nossa formação nacional, têm sido objeto de tantas análises e discussões quanto *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre.

Gilberto de Mello Freyre nasceu em 1900, no Recife, tendo passado a infância entre professores particulares e os engenhos e casas-grandes já decadentes da região. Aos dezessete anos, após completar os estudos secundários, rumou aos Estados Unidos, onde obteve a graduação em Artes Liberais, seguindo-se a titulação de mestre e doutor em Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais. Fôssemos fazer assim o exercício reducionista de explicar tudo pelas origens daquele que escreve, e teríamos em Freyre

---

<sup>123</sup> ALAMBERT, Francisco. A irresistível presença de Macunaíma. In: **Revista Nossa História**, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional; São Paulo: Vera Cruz. Ano 1, nº 1, nov. 2003, p 60.

<sup>124</sup> É curioso notar que determinadas características de Macunaíma são atribuídas pela imprensa, ao longo dos tempos, aos “heróis malandros” do futebol brasileiro. O caso do jogador Romário parece exemplar neste sentido. Estudos efetuados por Simoni Lahud Guedes e Ronaldo Helal destacam como a mídia, ao traçar uma biografia do atleta, salienta a imagem da recusa aos treinos e da malandragem – dentro e fora de campo. Ao mesmo tempo, ao ser trabalhada pela imprensa, a figura de Romário é apresentada como um espelho do brasileiro, na medida em que sua origem social e sua relação com a família e os amigos o aproximam do cotidiano de um “homem comum”. Cfe: GUEDES, Simoni Lahud. **Op. Cit.** (Em especial o artigo *O Salvador da Pátria: considerações em torno da imagem do jogador Romário na Copa do Mundo de 1994*); HELAL, Ronaldo. Idolatria e malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário. In: ALABARCES, Pablo (org.). **Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2003.

um autor próximo de Oliveira Lima ou mesmo de Paulo Prado – de quem Freyre era amigo pessoal. Atentemos, porém, para as palavras seguintes de José Lins do Rego, que possuem a virtude de serem escritas antes do lançamento de *Casa-Grande & Senzala* e da consequente projeção alcançada por seu autor.

Era ele um culto, um homem já feito, uma inteligência capaz de grandes sondagens, e tinha somente 23 anos de idade (...). A História do Brasil deixou de ser em suas mãos uma vaidade de saber mais datas do que os outros como se dá com o Barão do Rio Branco, ou o puro deleite de esquisito como foi para Capistrano de Abreu, o homem que poderia ter sido o nosso grande historiador se não tivesse querido ser somente o nosso maior esquisitão. A história que Gilberto Freyre sabe e escreve tem mais uma expressão de vida que de pura memória. É uma história com sangue, mais humana que sábia.<sup>125</sup>

O conjunto de sua obra é aclamado como inovador em diversos aspectos da História, da antropologia e da sociologia brasileira. E é, sobretudo, vasto, indo da produção de opúsculos nos anos vinte aos seus últimos trabalhos já nos anos oitenta, ocupando nossa formação social específica ponto de destaque dentre os temas por ele abordados.

Ainda antes de completar trinta anos, Freyre ministrava cursos de Sociologia Moderna na cidade do Recife, introduzindo no país a sistemática da pesquisa de campo nesta área. Antes disto, já havia organizado no ano de 1926 o Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste e, em 1934, estaria por trás do Primeiro Congresso Afro-Brasileiro de Estudos, evidenciando assim uma preocupação com o Brasil que ainda encontrava-se distante das atenções de nossos maiores centros urbanos. Ao mesmo tempo, este homem de atividades múltiplas atuou diretamente na imprensa brasileira, dirigindo por um período de dois anos o jornal *A Província*, e por um breve tempo o *Diário de Pernambuco*, ambos na cidade do Recife. Colaborava ainda de forma esporádica com a revista *O Cruzeiro* e com os periódicos do grupo *Diários Associados*.

Nos centraremos aqui no já citado *Casa-Grande & Senzala*, primeiro livro publicado por Gilberto Freyre em 1933. Sua importância é ainda hoje mensurável pelos inúmeros trabalhos acadêmicos anualmente produzidos que visam analisá-lo ou ainda estabelecer algum tipo de comparação com outras obras. Extrapolando o âmbito

<sup>125</sup> REGO, José Lins do. O próximo livro de Gilberto Freyre. In: FREYRE, Gilberto. **Op. Cit.**, p xxix-xxx. A primeira publicação deste texto de José Lins é de novembro de 1933, tendo sido impressa no *Boletim de Ariel*, e precedeu em um mês o surgimento da primeira edição de *Casa Grande & Senzala*.

estritamente acadêmico, alguns de seus comentaristas têm atingido inclusive um público mais amplo por meio de revistas especializadas que visam leitores além dos muros dos departamentos de História. Leva-se, desta forma, sua importância para as bancas de jornal da atualidade.

Publicado em 1933, *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, continua a desempenhar um papel relevante no panorama intelectual brasileiro. Levantando questões, recebendo críticas e provocando controvérsias, esta obra se tornou um dos pontos de referência do debate que vem sendo travado, desde o início do século passado, sobre nossa identidade nacional.<sup>126</sup>

Alguns historiadores culturais ditos “clássicos”, especialmente o suíço Jacob Burckhardt (em 1860) e o holandês Johan Huizinga (em 1919), anteciparam a nova história cultural na medida em que tentaram pintar o retrato completo de uma época – no caso de Burckhardt, o Renascimento italiano; no de Huizinga, a França e a Flandres da Idade Média. O mesmo pode ser dito de Gilberto Freyre (1900-1987), comparado a Burckhardt e Huizinga pelo crítico literário Otto Maria Carpeaux. Em diversos trabalhos, Freyre deu contribuições pioneiras à história do corpo, à história social da linguagem, à história da cultura material (culinária, vestuário, arquitetura e mobiliário) etc.<sup>127</sup>

As controvérsias apresentadas à obra de Freyre têm como linha básica o argumento de um caráter elitista e de um abrandamento excessivo de todas as mazelas e crueldades da escravidão. Tais fatos seriam originados de uma visão histórica que parte, dentro da estrutura social do Brasil Colônia, da Casa-Grande, ou, em outras palavras, da elite. Não nos estenderemos demasiadamente nesta questão, uma vez que ela é fruto, sobretudo, de um período mais recente de nossa historiografia e foge de nossos interesses. Todavia, cabe assinalar que tais perspectivas em nada anulam a grandeza da obra, seja quanto à sua importância, seja quanto ao caráter inovador que possui nos aspectos que aborda.

Já mostramos acima dois exemplos de comentários atuais, dirigidos a um público mais amplo. Faz-se necessário, contudo, que pensemos um pouco sobre os comentaristas que se reportaram à *Casa Grande & Senzala* antes de 1950 ou em

---

<sup>126</sup> ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Setenta anos de vitalidade. In: **Revista Nossa História**, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional; São Paulo: Vera Cruz. Ano 1, nº 3, nov. 2003, p 98.

<sup>127</sup> BURKE, Peter. Gilberto Freyre: um precursor da História Cultural. In: **Revista Nossa História**, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional; São Paulo: Vera Cruz. Ano 2, nº 22, nov. 2003, p 98.

momentos próximos àquela data. Inúmeras seriam aqui as possibilidades – como o já citado José Lins do Rego. Buscando outros nomes que dedicaram algumas linhas à obra de Freyre, optamos por alguém que, fiel ao seu estilo e não necessariamente produzindo dentro dos rigores sociológicos, fosse capaz de atingir um grande público, difundindo intensamente a perspectiva de formação social estabelecida a partir da obra. Com efeito, tratando-se de Manuel Bandeira, nada mais natural que os comentários acabassem vindo sob a forma de versos:

*Casa -Grande & Senzala, / Grande livro que fala / Desta nossa leseira / Brasileira. (...) / Com fuxicos danados / E chamegos safados / De mulecas fulôs / Com sinhôs. / A mania ariana / Do Oliveira Viana / Leva aqui a sua lambada / Bem puxada. / Se nos brasis abunda / Jenipapo na bunda, / Se somos todos uns / Octoruns, / Que importa? É lá desgraça? / Essa história de raça, / Raças más, raças boas / - Diz o Boas - / É coisa que passou / Com o francíu Gobineau / Pois o mal do mestiço / Não está nisso. / Está em causas sociais / De higiene e outras que tais; / Assim pensa, assim fala / *Casa-Grande & Senzala*.<sup>128</sup>*

Menos de dez anos depois, outro poeta de grande expressão dedicaria sua inspiração à obra de Freyre:

Velhos retratos; receitas / de carurus e guisados; / as tortas Ruas Direitas; / os esplendores passados; / a linha negra do leite / coagulando-se em doçura / as regras à luz do azeite / o sexo na cama escura; / a casa-grande; a senzala; / inda os remorsos mais vivos, / tudo ressurge e me fala, / grande Gilberto, em teus livros.<sup>129</sup>

Os versos de Manuel Bandeira e de Carlos Drummond de Andrade indicam e reproduzem, a seu modo, as características que conferiram a *Casa-Grande & Senzala* seu caráter de obra original diante das velhas tradições historiográficas e sociológicas que lhe antecederam. Com efeito, é de sua abordagem inovadora da História brasileira, bem como da valorização de temáticas até então desconsideradas, que emana toda a originalidade da obra de Gilberto Freyre. E também do brasileiro retratado em suas páginas.

---

<sup>128</sup> BANDEIRA, Manuel. *Casa-Grande & Senzala*. In: FREYRE, Gilberto. **Op. Cit.**, p xxxiii.

<sup>129</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. A Gilberto Freyre. In: **Idem**, p xxxiv.

Os versos citados apontam para um aspecto que faz com que muitos estudiosos – a exemplo de Burke – considerem Freyre um precursor brasileiro da atual História Cultural: a sua abordagem sobre aspectos tais como a alimentação ou a sexualidade apresentava uma forma inovadora na análise do cotidiano dos habitantes do Brasil em nosso período colonial. A função desta abordagem vai além de uma mera apresentação de receitas ou comentários sobre a influência indígena ou africana em nossa culinária. Antes, busca novas explicações para a “leseira brasileira” e a indolência apontada por outros autores como característica de nossa gente.

Ligam-se à monocultura latifundiária males profundos que têm comprometido, através de gerações, a robustez e a eficiência da população brasileira, cuja saúde instável, incerta capacidade de trabalho, apatia, perturbações de crescimento, tantas vezes são atribuídas à miscigenação. Entre outros males, o mau suprimento de víveres frescos, obrigando grande parte da população ao regime de deficiência alimentar caracterizado pelo abuso do peixe seco e de farinha de mandioca (a que depois se juntou a carne de charque); ou então ao incompleto e perigoso, de gêneros importados em condições péssimas de transporte, tais como as que precederam a navegação a vapor e o uso, recentíssimo, de câmaras frigoríficas nos vapores. A importância da hiponutrição (...), da fome crônica, originada não tanto da redução em quantidade como dos defeitos da qualidade dos alimentos, traz a problemas indistintamente chamados de “decadência” ou “inferioridade” de raças, novos aspectos e, graças a Deus, maiores possibilidades de solução.<sup>130</sup>

A busca por uma raiz histórica diversa para a decantada indolência do povo brasileiro, que ultrapasse a perspectiva de um simples efeito do cruzamento de raças diversas em um solo tropical se constitui em verdadeira inovação para o período em que surge o livro. Porém, para além da busca de novas explicações para nossa síndrome de Macunaíma, o que se destaca no texto de Freyre é a abordagem inovadora dada à questão da vida sexual no Brasil colônia. Se, a princípio, a perspectiva concorda com tantos outros autores no que se refere aos primeiros contatos, uma vez que “o europeu saltava em terra escorregando em índia nua”<sup>131</sup>, tendo então uma quase intoxicação sexual, o tratamento dado ao encontro e à miscigenação daí decorrentes ultrapassariam a simples idéia de relações estimuladas pela nudez das indígenas, pelo erotismo das

---

<sup>130</sup> **Idem**, p lxi.

<sup>131</sup> **Idem**, p 93.

negras, pelo desejo dos brancos e pelo calor dos trópicos. Antes, este contato operaria em um verdadeiro jogo de contrastes – ou antagonismos – que, sem gerar uma nova realidade como em processo francamente dialético, conviveriam em equilíbrio, gerando a figura singular do brasileiro.

Este equilíbrio é válido não somente para a questão dos primeiros contatos sexuais entre as diversas etnias que viriam a formar nosso povo, mas igualmente para outros pontos de nossa cultura. Assim que, sem transformar-se, ou sofrendo poucas transformações, vários aspectos do cotidiano indígena foram incorporados ao brasileiro: a rede, a mandioca, o banho de rio, o bodoque, o descansar ou defecar de cócoras, entre tantos outros.<sup>132</sup> É evidente que a enumeração destes traços remete diretamente ao cotidiano de um mundo rural, distante do mundo urbano que buscava se afirmar a partir da década de 1930 no Brasil. Não por acaso o livro se inicia com um capítulo preocupado com a formação de uma sociedade agrária, escravocrata e... híbrida. Dentro desta idéia de uma hibridez cultural, de forma inovadora, a matriz indígena é vista como um elemento tão somente diferenciado quando comparado as demais culturas que formam o tripé sobre o qual se alicerça a formação do homem brasileiro. A partir de então, ao contrário de interpretações anteriores, passava a ser proposta uma apresentação de tal formação como algo digno de se constituir em objeto sociológico, merecedor de atenção não só por parte dos sociólogos, mas também de historiadores e outros cientistas sociais. Segundo Gisela Moura, *Casa-Grande & Senzala* provocou grande impacto ao inverter o papel que o mestiço e a própria mestiçagem possuíam nas reflexões sobre o Brasil. Assim, “o intelectual pernambucano inaugurou uma nova possibilidade de construção de identidade para o país”.<sup>133</sup>

Há aqui um evidente traço de aproximação com o modernismo que, como vimos, propunha a valorização dos elementos genuinamente nacionais. Contudo, não se trata de uma fusão, mas da valorização e compreensão daquilo que até então era visto como elemento dotado de menor valor (ou valor nenhum) dentro do conjunto formativo da cultura brasileira. Assim que a própria moral sexual indígena, vista por muitos como fruto de uma liberalidade exacerbada de costumes, assume um novo caráter, em nada superior ou inferior aos hábitos dos colonizadores.

---

<sup>132</sup> Cfe: **Idem**, p 161.

<sup>133</sup> MOURA, Gisella de Araújo. **O Rio corre para o Maracanã**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p 21-22.

O vestuário imposto aos indígenas pelos missionários europeus vem afetar neles noções tradicionais de moral e de higiene, difíceis de se substituírem por novas. É assim que se observa a tendência, em muitos dos indivíduos de tribos acostumadas à nudez, para só se desfazerem da roupa européia quando esta só falta largar de podre ou de suja. Entretanto são povos de um asseio corporal e até de uma moral sexual às vezes superiores à daqueles que o pudor cristão faz cobrirem-se de pesadas vestes.<sup>134</sup>

Da mesma forma que a contribuição indígena para a formação da nacionalidade brasileira passa a ser percebida a partir de *Casa-Grande & Senzala* como algo dotado de uma valorização que até então não obtivera por parte dos intérpretes de nosso país, a contribuição africana passa a ser compreendida como algo que ultrapassa uma simples consequência da propalada lascividade negra em contato com os desejos outrora reprimidos dos colonos. É a esta nova compreensão que Bandeira se refere ao falar da “lambada bem puxada” e que é percebida como um dos elementos mais inovadores da obra de Gilberto Freyre. A centralidade de tal preocupação é bem ilustrada ao termos dois capítulos inteiramente dedicados à influência do escravo negro na vida sexual e doméstica do colono brasileiro. Aproximando-se da antropologia cultural de Franz Boas – de quem Freyre foi aluno e discípulo – *Casa-Grande & Senzala* considera as propaladas diferenças mentais entre brancos e negros como resultado da cultura e de especializações impostas pelo próprio meio-ambiente. Em outras palavras, Freyre propõe uma verdadeira ruptura com a visão europocêntrica que até então predominava nas ciências sociais brasileiras, passando a apresentar o fator de dominação como histórica e socialmente digno de análise. Considerando que tanto colonos como escravos podem possuir origens – e práticas – completamente diversas entre si, é armado todo um jogo de contrastes segundo o qual, sob vários aspectos, pode localizar-se o escravo acima do seu senhor.

A verdade é que importaram-se para o Brasil, da área mais penetrada pelo islamismo, negros maometanos de cultura superior não só a dos indígenas como à da maioria dos colonos brancos – portugueses e filhos de portugueses quase sem instrução nenhuma, analfabetos uns, semi-analfabetos na maior parte. Gente que quando tinha de escrever uma carta ou de fazer uma conta era pela mão do padre-mestre ou pela cabeça do caixeiro. Quase que só sabiam

---

<sup>134</sup> FREYRE, Gilberto. **Op. Cit.**, p 111.

lançar no papel o jamegão; e este mesmo em letra troncha. Letra de menino aprendendo a escrever.<sup>135</sup>

A busca por uma compreensão sobre a originalidade e importância da obra de Gilberto Freyre pode repousar ainda além da análise de pontos importantes – porém isolados – de *Casa-Grande & Senzala*. Na verdade, a obra propõe um verdadeiro sistema onde cada unidade opera na construção final deste híbrido, sob a égide de uma cultura dominante sem que, no entanto, as parcelas dominadas fiquem completamente dissolvidas sob esta relação. Antes, a casa-grande é vista como algo complexo, desempenhando funções diversas na vida do indivíduo, de seu nascimento à sua morte.

A casa-grande, completada pela senzala, representa todo um sistema econômico, social, político, de produção (a monocultura latifundiária); de trabalho (a escravidão); de transporte (o carro de boi, o bangüê, a rede, o cavalo); de religião (o catolicismo de família, com capelão subordinado ao *pater famílias*, culto dos mortos, etc.); de vida sexual e de família (o patriarcalismo polígamo); de higiene do corpo e da casa (o “tigre”, a touceira de bananeira, o banho de rio, o banho de gamela, o banho de assento, o lava-pés); de política (o compadrismo). Foi ainda fortaleza, banco, cemitério, hospedaria, escola, santa casa de misericórdia amparando os velhos e as viúvas, recolhendo órfãos.<sup>136</sup>

O caráter inovador de *Casa-Grande & Senzala* foi alvo também da atenção de Antônio Cândido, que a ela se reportou em texto datado de dezembro de 1967, escrito para prefaciar não esta obra, mas *Raízes do Brasil*. Segundo este, a obra máxima de Gilberto Freyre prima por sua força revolucionária e pelo impacto libertador que possui, estabelecendo uma ligação – não necessariamente uma ruptura, portanto – entre a antiga geração de intérpretes do Brasil, imbebidos do naturalismo, e as novas concepções sociológicas que dominariam a cena acadêmica a partir de 1940. Nesta nova concepção, tornar-se-ia latente a influência da antropologia cultural norte-americana, notadamente de Boas, cujas ligações com Gilberto Freyre já foram aqui comentadas.<sup>137</sup>

Todavia, a par do caráter inovador que a obra de Gilberto Freyre apresenta, e de toda a carga de erudição e conhecimento que transparece em suas linhas, sua estrutura

---

<sup>135</sup> **Idem**, p 299.

<sup>136</sup> **Idem**, p lxiii.

<sup>137</sup> Cfe: CÂNDIDO, Antônio. O significado de “Raízes do Brasil”. In: HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p 9-10.

de composição a afasta de um maior rigor academicista. Por um lado, há em *Casa-Grande & Senzala* a utilização de uma linguagem que, se não é propriamente coloquial, afasta-se em muito da empolização que tantas vezes marca as obras construídas sob os ditames das normas acadêmicas. Poderíamos, apenas para retomar um autor já anteriormente trabalhado, classificar esta obra como sendo tipicamente brasileira, mas jamais saída das mãos dos intelectuais da Bruzundanga. Este ar de coloquialidade que emana do texto tanto pode apontar para uma influência do modernismo sobre a obra de Freyre, como pode possuir raízes no regionalismo que marca o autor e que o leva, no fim das contas, a fazer-se entender por um público amplo, diverso daquele que transita exclusivamente dentro das academias. Simultaneamente, não há na obra um desfecho que traga, de forma sistematizada, um conjunto de conclusões finais quanto à amplitude do tema exposto. Quanto a isto, o próprio Gilberto Freyre posicionou-se, em prefácio escrito à 19<sup>a</sup> edição brasileira da obra, em texto de julho de 1978.

Que lhe faltem conclusões enfáticas, é evidente. Mas, ao que parece, sem que as suas sugestões deixem de levar o leitor a conclusões sobre o Homem brasileiro, em particular, e o Homem, em geral, que constituiriam uma mensagem filosófica partida do Brasil.<sup>138</sup>

Tratando a formação do povo brasileiro como algo muito mais complexo do que até então fora abordado, indo além da superposição de influências do meio ou de uma raça sobre outra, Gilberto Freyre acabou por apresentar o brasileiro como um ser dotado de múltiplas personalidades que variam conforme a maior ou menor penetração dos diversos componentes étnicos. Assim que, por exemplo, dentro de uma mesma região geográfica brasileira, tenhamos toda a alegria e festividade comumente atribuídas aos baianos, ao mesmo tempo em que em outros estados, como na Paraíba, a maior influência indígena gera um indivíduo de caráter mais retraído, tímido, a levar a vida de forma mais silenciosa ou até mesmo reflexiva. É latente que tal descrição em muito corrobora o retrato do sertanejo já anteriormente apresentado por Euclides da Cunha.

A linha de pensamento desenvolvida por Gilberto Freyre em *Casa-Grande & Senzala* acabou por influenciar as ciências sociais brasileiras em larga medida. Contudo, é curioso notar que dentre as inúmeras obras que sofreriam influência do pensamento freyreano, uma se destaca por centrar-se em tema que apenas nos últimos tempos vem

---

<sup>138</sup> FREYRE, Gilberto. **Op. Cit.**, p xl.

ganhando *status* de objeto digno de análises históricas e sociológicas. Com efeito, a influência de Freyre sobre a obra de Mário Filho – *O negro no futebol brasileiro* – é tamanha, que esta é por muitos considerada como uma versão futebolística da obra de Freyre.

Há, aqui, um ponto de distanciamento entre Freyre e o pensamento que emana do Modernismo – notadamente de Oswald e Mário de Andrade – quanto ao que pode ser classificado como genuinamente nacional. Como já vimos, Mário e Oswald, embora reconhecessem o futebol como um dos elementos que compunham a modernidade nas grandes metrópoles, reportavam-se à sua prática como uma simples importação de um elemento estrangeiro, alheio aos valores brasileiros. Neste sentido, é possível argumentar que a antropofagização do futebol pela cultura brasileira será apontada por Freyre em maior intensidade do que pelos modernistas de São Paulo. Isto, contudo, não está de forma explícita nas páginas de *Casa-Grande & Senzala*, mas nas linhas que Freyre traça na introdução à obra de Mário Filho, lançada originalmente em 1948, e na influência que seu trabalho e sua interpretação da sociedade brasileira terá sobre obras posteriores que se dedicam a analisar o futebol.

O fato de Gilberto Freyre prefigurar a primeira edição de *O Negro no futebol brasileiro* é um ato rico de significados no que se refere à percepção que este tem a respeito do futebol. Não que o tema seja central em suas análises históricas e sociológicas; o caminho é, antes, o inverso: sua interpretação sociológica sobre a formação do homem brasileiro e do próprio país abarcará, ainda que indiretamente, a percepção do futebol enquanto elemento revelador do modo de ser do homem brasileiro.

Mas vá alguém estudar a fundo o jogo de Domingos ou a literatura de Machado que encontrará decerto nas raízes de cada um, dando-lhes autenticidade brasileira, um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana e até um pouco de capoeiragem pernambucana ou malandragem carioca. Com esses resíduos é que o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irrationais e de variações dionisíacas que é. A dança dançada baianamente por um Leônidas; e por um Domingos, com uma impossibilidade que talvez acuse sugestões ou influências ameríndias sobre sua personalidade ou sua formação. Mas de qualquer modo, dança.<sup>139</sup>

---

<sup>139</sup> FREYRE, Gilberto. *O negro no futebol brasileiro*. In: RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p 25.

Esta apropriação do discurso desenvolvido por Gilberto Freyre pelo universo do futebol implica em uma transposição e revalorização deste em um campo que originalmente não era objeto de análises mais imediatas. É curioso perceber como a idéia da construção de uma nacionalidade através de culturas que convivem em tensão parece adequar-se plenamente ao senso comum que se cria a partir de dado momento ao futebol brasileiro e seu jeito de ser praticado: de atividade de elite cuja execução era descrita por manuais, passa a ser percebido como fruto da miscigenação, da malandragem, gingado, malemolente, malicioso. A constante reprodução destes valores sempre que se procede à descrição *latu sensu* da forma brasileira de jogar aponta, com efeito, para o vigor que a interpretação freyreana goza entre nós ao ser aplicada, ainda hoje, ao esporte de maior apelo popular no Brasil, criando um discurso que se perpetua não apenas a partir das interpretações sociológicas sobre o futebol, mas também a partir do momento que são assumidas e reproduzidas pelas páginas dos grandes jornais.

A nova cultura que aqui se instalou, reuniu o diverso, o múltiplo, o antagônico em todos os espaços sociais (da culinária, passando pela política ao futebol). O futebol, assim, teria tornado-se parte dessa cultura híbrida. O brasileiro, no futebol e em outros aspectos sociais, é visto como astucioso, manhoso, hábil, ligeiro, isto é, diante da adversidade dá um *pitu*, como foi descrito por Freyre sobre a Copa de 38. Na busca das singularidades, nosso autor inventa, ou apenas reforça, a intuição popular de que “alguma coisa de dança ou capoeiragem” existia no futebol jogado pelos brasileiros. Sugere uma espécie de semelhança estética entre futebol, samba e capoeira. Contudo, observe-se que a sugestão se torna, tanto no discurso popular quanto no acadêmico, uma ‘verdade’ que se confunde a ‘essência’ ou a naturalização da cultura brasileira.<sup>140</sup>

Somos assim, segundo Freyre, um povo *sui generis*, composto por parcelas diversas, que guardam entre si toda a diversidade de suas origens, e, principalmente, de seus hábitos, que vivem em uma co-existência, “contaminando” uns aos outros sem gerar uma nova realidade. Assim que brancos, negros e indígenas trocam mutuamente aspectos de sua cultura, formando a complexa realidade sócio-cultural brasileira sobre a qual se debruça Gilberto Freyre. A multiplicidade de fatores abordados por este não

---

<sup>140</sup> SOARES, Antonio Jorge. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. In: ALABARCES, Pablo. (org.). **Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2003, p 155.

apenas remete à complexidade de sua obra e ao caráter de História total que a mesma pretende, mas também à própria complexidade que envolve nossa figura. Somos um povo onde a coletivização das senzalas convive e interage com o individualismo das habitações dos senhores; onde a proximidade do mato-virgem e das crenças anímicas nos fez supersticiosos quanto aos fenômenos do sobrenatural; onde os hábitos alimentares se fizeram conforme a necessidade e a disponibilidade; onde a educação dos escravos era muitas vezes superior a de seus senhores; onde a religiosidade fazia seus próprios dogmas ante a freqüente distância ou mesmo ausência da classe sacerdotal. E, acima de tudo, onde a miscigenação construiu a ponte a ligar a casa-grande à senzala – e também à floresta – gerando o ser culturalmente híbrido e racialmente mestiço que denominamos brasileiro.

E que, acima de tudo, tem no conversar safadeza, a sua maior delícia.

\* \* \*

Apenas três anos após a publicação de *Casa-Grande & Senzala, Raízes do Brasil*, de autoria de Sérgio Buarque de Holanda viria à luz, acompanhando aquela no posto de obra capital para uma nova interpretação sobre a formação do Brasil e de sua gente.

Sérgio Buarque de Holanda era paulistano, nascido em 1902. Assim como muitos nomes de sua geração de intelectuais, levou uma infância tranqüila. Ainda cedo, começou a ter contato com o mundo das letras e da imprensa, publicando, aos onze anos de idade, uma valsa de sua autoria, na então famosa revista *Tico-Tico*. Aos dezoito publicava seu primeiro artigo de jornal no *Correio Paulistano* e aos dezenove, tendo-se mudado para o Rio de Janeiro, colaborava em três publicações distintas: *Rio-Jornal*; *O Jornal* e *Revista do Brasil*. A partir de então a imprensa e as letras passaram a ser objetos indissociáveis de seu nome: dirigiria por um ano o periódico *O Progresso*, no Espírito Santo; ingressaria como correspondente nas agências internacionais *United Press* e *Havas*, além da *Agência Brasileira*; colaboraria com o *Jornal do Brasil*, com os *Diários Associados*, além de outras publicações do exterior.

Sua atuação como intelectual, contudo, ficava distante de se limitar apenas à sua atividade na imprensa. Antes de completar trinta e cinco anos, Sérgio Buarque, já atuava como professor-assistente da então Universidade do Distrito Federal na cadeira de História Moderna e Contemporânea, lecionando também a disciplina de Literatura Comparada, até a instituição ser fechada três anos depois. Em 1947 retornaria ao meio

acadêmico como professor de História Econômica do Brasil na Escola de Sociologia e Política. A partir de 1952, atuaria por um biênio junto à Universidade de Roma como professor-convidado, ficando responsável pela cadeira de Estudos Brasileiros. Seis anos depois, seu trabalho *Visão do Paraíso* lhe garantiria a disciplina de História da Civilização Brasileira junto à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, onde permaneceria até 1969, quando solicitou sua aposentadoria em solidariedade a seus colegas atingidos quando da promulgação do Ato Institucional nº 5.

Há ainda o lado político de Sérgio Buarque de Holanda. Em 1947, após os últimos suspiros do Estado Novo e sob a tênue democracia de Gaspar Dutra, ingressou no Partido Socialista, evidenciando uma posição que o afastava tanto das elites que governaram o país durante a República Velha quanto das que o haviam feito após o movimento de 1930. Tal postura se repetiu ao fim de sua vida, quando, em 1980, no contexto da distensão política do regime militar, já adoentado, faz questão de requerer sua inscrição na qualidade de membro-fundador do Partido dos Trabalhadores.

Sua formação acadêmica, contudo, não estava no campo do jornalismo ou da sociologia, mas das leis. Entre 1921 e 1925, no Rio de Janeiro, Sérgio Buarque foi aluno da Faculdade de Direito, detalhe talvez menor, não fosse pelo fato de se ver impossibilitado de participar da Semana de Arte Moderna em 1922 por ter ficado “de segunda época” por excesso de faltas em uma disciplina. Todavia, as relações pessoais que já havia estabelecido com o grupo dos modernistas lhe garantiram o posto de representante da revista *Klaxon* na Capital Federal.

Nos interessa aqui pensar sobre *Raízes do Brasil*, sua obra mais conhecida e, ao mesmo tempo, mais comentada. Da mesma forma que *Casa-Grande & Senzala*, esta ainda é alvo de inúmeros trabalhos e reflexões produzidas dentro da academia, ressaltando seu caráter de análise inovadora da história e da sociologia brasileira. Considerando a obra como verdadeiro “clássico de nascença”, Antônio Cândido destaca suas influências modernas para a época – a sociologia cultural dos alemães e a História social que se desenvolvia na França, associados a “certos elementos de teoria sociológica e etnológica também inéditos entre nós”.<sup>141</sup> Junto à obra de Freyre – e também a de Caio Prado Júnior – representaria um novo momento dentro das análises históricas brasileiras, onde às continuidades da sociedade escravista, agrária e patriarcal postulava-se a valorização do negro e do autóctone, aproximando-se assim de uma linha

---

<sup>141</sup> CANDIDO, Antonio. **Op. Cit.**, (1997) p 10.

interpretativa próxima aos integrantes do Modernismo. Ao mesmo tempo, apontava para a influência que nosso passado colonial possuía não somente sobre nossa estrutura administrativa, mas também sobre a própria forma como o brasileiro pensa as relações entre o público e o privado. Trata-se, no fundo, de uma nova perspectiva de pensamento sobre a oposição entre “civilização ou barbárie”, retomada agora sob um novo ângulo.

*Raízes do Brasil* é construído sobre uma admirável metodologia dos contrários, que alarga e aprofunda a velha dicotomia da reflexão latino-americana. Em vários níveis e tipos do real, nós vemos o pensamento do autor se constituir pela exploração de conceitos polares. O esclarecimento não decorre da opção prática ou teórica por um deles, como em Sarmiento ou Euclides da Cunha; mas pelo jogo dialético entre ambos. A visão de um determinado aspecto da realidade é *obtida*, no sentido forte do termo, pelo enfoque simultâneo dos dois; um suscita o outro, ambos se interpenetram e o resultado possui uma grande força de esclarecimento.<sup>142</sup>

As “raízes do Brasil” são buscadas por Sérgio Buarque de Holanda, primeiramente, na matriz lusa que distingue nossa colonização ante as demais nações do mundo, e que conferiu os primeiros traços indeléveis à nossa cultura. Dada a forma de nossa colonização – marcada por uma exploração mercantil que se ajustaria aos ditames impostos na Europa, sem, contudo, procurar mais do que se adequar ao ambiente encontrado na colônia – e o agente histórico colonizador, acabamos por ser assinalados pela importação de traços que, se não dizem respeito de forma mais genérica à metrópole, sinalizam para o espírito reinante entre aqueles que receberam a incumbência histórica de tornar estas novas terras rentáveis. De modo que, mais do que pela atividade produtiva, a colonização do Brasil teria se dado pela égide do aventureirismo, ressaltando valores ligados a este, tais como o acentuado personalismo de nossos primeiros povoadores; ao prestígio e aos privilégios daí decorrentes, e, principalmente, à completa repulsa a qualquer forma de trabalho regular ou práticas produtivas utilitárias ou estruturas hierárquicas que punham limites ao culto pessoal.

Tal situação dever-se-ia à busca da reprodução do *modus vivendi* então existente na Europa, associado aos objetivos mais imediatos de nossos primeiros colonizadores. Com efeito, o grande atrativo para o empreendimento da travessia do oceano e o estabelecimento em novas terras estava na busca do enobrecimento, reproduzindo uma

---

<sup>142</sup> **Idem**, p 12-3. Grifo do original.

ordem social na qual estes colonos estavam outrora inseridos, mas que, por seu turno, vedava-lhes possibilidades de ascensão a um extrato superior. Sendo a desvalorização do trabalho manual um dos traços característicos desta sociedade que então desempenhava o papel de modelo, impunha-se uma ordem econômica calcada na exploração do trabalho escravo, uma vez que o desempenho de atividades produtivas seria aos colonizadores o equivalente a abrir mão do status social que almejavam. Criava-se, desta forma, uma cultura de individualismo, onde os laços de cooperação sucumbiam diante dos interesses individuais mais imediatos.

Também se comprehende que a carência dessa moral do trabalho se ajustasse bem a uma reduzida capacidade de organização social. Efetivamente o esforço humilde, anônimo e desinteressado é agente poderoso da solidariedade dos interesses e, como tal, estimula a organização racional dos homens e sustenta a coesão entre eles. Onde prevaleça uma forma qualquer de moral do trabalho dificilmente faltarão a ordem e a tranquilidade entre os cidadãos, porque são necessárias, uma e outra, à harmonia dos interesses. O certo é que, entre espanhóis e portugueses, a moral do trabalho representou sempre fruto exótico. Não admira que fossem precárias, nessa gente, as idéias de solidariedade.<sup>143</sup>

Somos, desta forma, uma sociedade constituída sobre uma base eminentemente esquizofrênica. Por um lado, nossa constituição econômica original que nos liga ao resto do mundo é calcada sobre a produção agrária e seus valores são os de uma sociedade rural. Ao mesmo tempo, esta origem é marcada pela total desvalorização do trabalho manual e da atividade produtiva, vista como signo de uma situação social que nada demandaria além do desprezo.

Esta posição de supremacia do meio rural e dos valores a ele inerentes se vê seriamente ameaçada quando os núcleos urbanos passam a se desenvolver entre nós. Com efeito, se a estrutura familiar ampliada desenvolvida no mundo rural apresentava-se até então como a base da organização colonial – abrangendo não apenas a família em si, mas também escravos, agregados e outras figuras – o desenvolvimento dos principais núcleos urbanos, principalmente a partir do desembarque da Família Real Portuguesa em 1808, passou a sinalizar para uma nova opção para os postos de poder. “Outras ocupações reclamam agora igual eminência, ocupações nitidamente citadinas, como a

---

<sup>143</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p 39.

atividade política, as burocracias, as profissões liberais".<sup>144</sup> Contudo, a mudança definitiva se faria lenta, operando no prazo longo. Assim, em que pese as grandes transformações que se dão na cena econômica, que lentamente conduzirão o país para o desenvolvimento de relações produtivas mais adequadas ao capitalismo, cujo grande emblema certamente é a supressão do trabalho escravo ao fim do século XIX, o campo permanece por mais algum tempo como o “local de poder”, verdadeiro sustentáculo econômico indispensável à classe política, sendo assim as cidades inicialmente nada mais do que um apêndice de tais poderes. Em outras palavras, é nas cidades que se decide as partidas, mas é no campo, nas grandes propriedades latifundiárias que se encontra a essência do poder político daqueles habilitados a participar do jogo.

Se, alguns anos antes, Gilberto Freyre havia dado um passo fundamental na compreensão sociológica do homem brasileiro ao colocar em cena a importância das relações familiares e extra-familiares em nossa formação durante o período colonial, entendendo esta como uma peça cuja influência se estendia para diversos setores de nossa cultura, Sérgio Buarque acrescenta uma nova figura que veio a influenciar no futuro a imagem que temos acerca de nós mesmos: a do “homem cordial”. Todavia, a expressão, quando tomada “ao pé da letra”, deve estar entre os conceitos que mais equívocos interpretativos provoca dentro de nossa historiografia. Não se trata, com efeito, de um “agir cordialmente”, tampouco de uma pretensa tradição de hospitalidade existente em nossa cultura. O conceito, antes, remete à forma como lidamos historicamente com a impessoalidade necessária para o desenvolvimento do moderno Estado burocrático, negando-a em prol de relações que se fazem acima de tudo pelo seu avesso.

A origem de tal comportamento certamente está ligada ao culto do personalismo anteriormente citado, sendo, portanto, característica que ultrapassa os limites cronológicos do colonialismo e instaura-se em nosso Estado a partir de sua formação. A impessoalidade necessária à moderna burocracia cede assim espaço para uma “afetividade aparente” que se manifesta ainda hoje no famoso “jeitinho brasileiro”. Esta valorização da pessoalidade, ao mesmo tempo, seria um dos fatores que permitiriam o desenvolvimento da cultura do bacharelismo entre nós, onde os títulos se sobrepõem à utilidade prática e onde um saber meramente ilustrativo basta por si próprio. A disseminação desta forma de pensamento acabaria por gerar um campo fértil para a

---

<sup>144</sup> **Idem**, p 82.

manutenção do poder político, em oposição a qualquer nova corrente que se desenvolveria em sentido contrário, ou, no extremo, que buscasse se adaptar às regras do jogo.

Na verdade, a ideologia impessoal do liberalismo democrático jamais se naturalizou entre nós. Só assimilamos efetivamente esses princípios até onde coincidiram com a negação pura e simples de uma autoridade incômoda, confirmando nosso instintivo horror às hierarquias e permitindo tratar com familiaridade os governantes. A democracia no Brasil sempre foi um lamentável mal-entendido. Uma aristocracia rural e semifeudal importou-a e tratou de acomodá-la, onde fosse possível, aos seus direitos ou privilégios, os mesmos privilégios que tinham sido, no Velho Mundo, o alvo da luta da burguesia contra os aristocratas. E assim puderam incorporar à sua situação tradicional, ao menos como fachada ou decoração externa, alguns lemas que pareciam os mais acertados para a época e eram exaltados nos livros e discursos.<sup>145</sup>

Não é de estranhar, desta forma, que os momentos de grande transformação histórica no país tenham se dado de forma impositiva, de cima para baixo, sem contar com a participação popular e sem esperar por esta. A bestialização do povo brasileiro quando de momentos de inflexão em nossa História política é fato notório desde que Aristides Lobo cunhou o já famoso termo. Nossa natural aversão às características inerentes ao Estado moderno sempre se fez acompanhar por uma apropriação do espaço público pelos interesses privados. Se fruto de um pensar maquiavélico e rasteiro, de um elaborado planejamento político, ou simplesmente de uma matriz ibérica que assim pensa a existência do estado, não nos cabe julgar aqui. Cabe-nos apontar para a sua existência e, principalmente, para o fato deste não haver passado despercebido às páginas de *Raízes do Brasil*.

A imagem que criamos para nós mesmos, tal como se estivéssemos diante de um espelho a nos mostrar apenas aquilo que desejamos ou selecionamos acerca de nossa pessoa, acabaria, ao fim, por ultrapassar mesmo as fronteiras de nosso Estado, projetando para as nações vizinhas uma imagem em muito condizente àquilo que desejamos ser ou ver. Nossa cultura de pessoalidade, deturpada em cordialidade, acaba por gerar uma visão de bonomia, de repulsa pelos momentos de crise social e pelas

---

<sup>145</sup> **Idem**, p 160.

soluções sanguinárias. Desta forma, acreditamos poder ocultar mesmo os conflitos sociais mais latentes sob o manto de um Estado e de um modo de ser que procuram transparecer a harmonia enquanto envolvem os atritos inerentes à uma nacionalidade formada sob a égide da escravidão em densa nuvem de fumaça. Assim, mesmo uma das condições principais, apontada por Hobsbawm, para que um povo se constitua em nação – e que julgamos, poderia ter sido preenchida quando da realização da Copa do Mundo de 1950 no Brasil – passa ao largo de nossos desejos, por ser contrária à imagem de nossa índole.

Não ambicionamos o prestígio de país conquistador e detestamos notoriamente as soluções violentas. Desejamos ser o povo mais brando e o mais comportado do mundo. Pugnamos constantemente pelos princípios tidos universalmente como os mais moderados e os mais racionais. Fomos das primeiras nações que aboliram a pena de morte em sua legislação, depois de a termos abolido muito antes na prática. Modelamos a norma de nossa conduta entre os povos pela que seguem ou parecem seguir os países mais cultos, e então nos envaidecemos da ótima companhia. Tudo isso são feições bem características do nosso aparelhamento político, que se empenha em desarmar todas as expressões menos harmônicas de nossa sociedade, em negar toda a espontaneidade nacional.<sup>146</sup>

Esta forma de pensar e fazer a política, tendo-a como assunto da alçada exclusiva dos grupos que dirigem a economia, é tido em *Raízes do Brasil* como um dos principais obstáculos a serem superados na construção de uma nova realidade social. Os meados da década de trinta – marco de sua publicação – são, com efeito, igualmente o período em que a urbanização dos principais centros do país se acelera, demandando uma nova forma de política que não mais comportava a perspectiva de assunto privado de grupos distantes. Ao mesmo tempo, impunha-se a leitura da situação decorrente do Movimento de 1930, marco do fim da República Velha e do afastamento de suas oligarquias – ao menos nominalmente – do poder, mas que apresentava, simultaneamente, os traços de um autoritarismo que ainda viria a se aprofundar em um curto espaço de tempo. Desta forma, *Raízes do Brasil* é obra que se dedica não somente a refletir sobre o tempo passado a partir do presente, ou em tecer comentários genéricos acerca de nossa formação como Estado; antes, debruça-se também sobre o tempo presente em que surge,

---

<sup>146</sup> **Idem**, p 177.

vendo-o como momento de transição que, a fim de que venha efetivamente a se caracterizar como tal, necessita efetuar o necessário rompimento com as práticas advindas do passado. Todavia, a permanência destes modos de fazer e pensar a política são traços que contribuem, ainda que de forma involuntária, para o fôlego e a atualidade de seu texto. Segundo Maria Odila Leite Dias:

Quando escreveu *Raízes do Brasil*, ainda mal se desencadeara o processo de industrialização e de urbanização, que transformou drasticamente as perspectivas da sociedade brasileira como um todo. A urbanização trouxe perspectivas novas para uma redefinição do político. Este livro pioneiro de Sérgio Buarque de Holanda permanece atual e estão ainda pendentes, e abertos à exploração construtiva, os problemas que levantou às dificuldades de transformar os costumes políticos no Brasil.<sup>147</sup>

Desta forma, embora muitas vezes sejam percebidas como obras complementares, seja pela interpretação que estabelecem acerca do Brasil, seja pela proximidade de publicação entre ambas, *Raízes do Brasil* e *Casa-Grande & Senzala* apresentam uma diferença sensível em relação a um aspecto central de suas análises: o presente no qual se inserem. A obra de Gilberto Freyre, com efeito, ao propor um longo resgate da influência que as culturas indígena e negra exercem sobre a vida brasileira, centra-se principalmente em uma idéia de continuidade. Obviamente isto não anula toda a importância de sua obra, eivada de méritos por levantar questões em áreas tidas até então como indignas de um estudo acadêmico mais aprofundado. Mas não há em seu desfecho – e lembremos que, conforme anteriormente assinalado, o próprio autor reconhecia que aquela não era uma obra de conclusões definitivas – a idéia de uma ruptura necessária com o passado diante de um presente que se apresentava como época de transformações políticas e sociais. Este é o ponto que diferencia estas duas obras capitais para o entendimento do Brasil. Com efeito, é em Sérgio Buarque de Holanda que os caminhos então dispostos pelos novos tempos serão apresentados como possibilidades de transformações sociais e políticas, uma vez que trariam para a cena um novo agente social: o povo, aglomerado nos grandes centros urbanos. Conforme Antônio Cândido:

---

<sup>147</sup> DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Política e sociedade na obra de Sérgio Buarque de Holanda. In: CANDIDO, Antonio (org.). **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 1998, p 22-3.

Sérgio Buarque de Holanda foi o primeiro historiador que aludiu à necessidade de despertar a iniciativa das massas, manifestando assim um radicalismo democrático raro naquela altura fora dos pequenos agrupamentos de esquerda. E esse ponto de vista coroa o longo processo histórico por ele denominado “a nossa revolução”, começada com o movimento abolicionista nos anos de 1880 e em curso acelerado quando publicou o livro.<sup>148</sup>

Certo está, e isto não era ponto que fugisse à observação de Sérgio Buarque de Holanda, que transformações estruturais em nossa sociedade não eram pontos que combinavam com a definição proposta de “cordialidade”, nem com o culto ao personalismo que tão bem marca ainda diversos setores de nossa política. Todavia, não apenas a obra, mas as imagens por ela propostas acabaram por lograr merecida longevidade e influência, deitando suas raízes não somente sobre a forma como hoje entendemos nosso país, mas também para aqueles mais próximos ao contexto histórico abordado em *Raízes do Brasil*.

\* \* \*

### 1.6 – A cronista

Euclides, Paulo, Oswald, Mário, Gilberto, Sérgio... e ainda a promessa de trabalhar nos próximos capítulos com futebol, um assunto considerado por muitos como pertencente a um universo predominantemente masculino. Antes que sejamos acusados de machismo, é hora de colocar aqui um nome bonito: Rachel.

Rachel de Queiroz era cearense de Fortaleza, nascida no ano de 1910, entre a publicação das *Memórias do Escrivão Isaías Caminha* e o lançamento sob a forma de folhetim de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Pelo lado materno possuía certo parentesco com José de Alencar. Pelo lado paterno, com uma das mais tradicionais famílias de Quixadá, onde seu pai exercia o posto de juiz. Foi este que se incumbiu de ensinar à menina as primeiras letras, dando o “pontapé inicial” em sua formação. O pertencimento a linhagens tradicionais da região, contudo, não significou ausência de problemas, de modo que aos sete anos ela viu sua família mudar-se para o Rio de

---

<sup>148</sup> CANDIDO, Antonio. A visão política de Sérgio Buarque de Holanda. In: CANDIDO, Antonio (org.). **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 1998, p 86-7.

Janeiro, fugindo da seca que assolava o sertão desde 1915. A mudança não foi definitiva e, alguns anos mais tarde, a jovem Rachel estava novamente residindo no Ceará.

Aos dezessete anos enviou uma carta ao jornal *O Ceará*, protestando contra um concurso de beleza organizado pelo periódico. A carta fez sucesso e Rachel virou colaboradora do jornal. Três anos mais tarde publicou seu primeiro romance, *O Quinze*, onde colocou no papel algumas das lembranças da grande seca ocorrida durante sua infância. Inicialmente recebido com reservas em seu estado natal, o livro foi aclamado no centro do país por Mário de Andrade, o que fez com que Rachel se tornasse repentinamente uma personalidade literária. A partir de então, seu nome ficaria indissoluvelmente ligado ao universo dos romances, contos, crônicas, traduções e também do teatro. Passaria a colaborar com os periódicos *Correio da Manhã*, *O Jornal*, e *Diário da Tarde* até 1944, quando passou a escrever suas crônicas exclusivamente para a revista *O Cruzeiro*.

Foi também uma mulher de certa atividade política. Aos 22 anos já era fichada pela polícia pernambucana como “agitadora comunista”. Contudo, no mesmo ano, viu o partido determinar a não publicação de seu romance *João Miguel* pelo simples fato de que no mesmo há uma passagem de assassinato envolvendo dois operários. Rachel literalmente fugiu com os originais do livro e rompeu com o partido, contudo sem deixar de manifestar uma tendência política “de esquerda”. Ainda nos anos trinta, mas já no contexto mais árduo do Estado Novo, ficou três meses detida em Fortaleza, acusada de subversão, enquanto seus livros eram queimados em praça pública na cidade de Salvador. Na fogueira que se formou, as páginas de Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos acompanhavam as suas (ainda assim, anos mais tarde, manifestaria apoio ao golpe militar de 1964...).

Em 1977 seria a primeira mulher eleita para a Academia Brasileira de Letras.

A face de Rachel de Queiroz que nos interessa aqui não é a da romancista competente, capaz de dotar suas personagens de traços psicológicos complexos. Interessa-nos a cronista das páginas de *O Cruzeiro*, autora de textos breves, mas que traziam em suas linhas um pouco de tudo aquilo que vimos ao longo deste capítulo. Uma Rachel que, a bem da verdade, descobrimos ao acaso enquanto levantávamos material específico naquela revista sobre a Copa do Mundo de 1950.

Primeiramente, tais crônicas nos interessam por funcionarem não apenas como uma espécie de confirmação quanto à importância de alguns dos nomes que abordamos anteriormente, mas também para demonstrar um pouco de sua influência na construção

de uma imagem do Brasil na primeira metade do século XX. Assim, em setembro de 1949, em texto intitulado “Aparência do Rio de Janeiro”, a cronista assinalava a importância de *Os Sertões* e de *Casa-Grande & Senzala* não somente para a construção de uma imagem do nordeste e do sertanejo nas grandes cidades, mas também pela recuperação de tal imagem, sujeita ao esquecimento antes de tais obras.

Aqui no Brasil, por exemplo; precisou aparecer um Euclides da Cunha para transformar o sertanejo desprezado ou desconhecido numa figura de relevo clássico e para dar ao drama atormentado dos sertões um eco que talvez já se possa dizer mundial.

O velho nordeste açucareiro, morto, esquecido, que dantes se afundava de todo no empobrecimento e na ruína, depois que foi escrita “Casa Grande & Senzala”, como que brotou miraculosamente com força nova de dentro das taperas dos engenhos e é hoje uma realidade presente aos olhos de todos, mais vivo, mais imortal, depois de transportado ao papel, do que no tempo em que se erguia materialmente, na pedra, na madeira de lei e nas obras mecânicas.<sup>149</sup>

A importância da obra de Gilberto Freyre para a valorização da influência negra sobre nossa formação seria retomada alguns meses mais tarde, em outra crônica, intitulada “Dois Negros”. Aqui, sua importância transcende a valorização da região açucareira, apontando Rachel para as mudanças de auto-percepção do brasileiro que adviriam através da obra do escritor de Apipucos.

Só depois de “Casa Grande & Senzala” começou o brasileiro a descobrir que era gente igual às demais, nem melhor nem pior do que ninguém. A pseudociência do conde de Gobineau e seus sequazes entrou em fase de pública desconsideração. Passamos a não nos envergonhar dos nossos ascendentes, a ter mesmo um certo orgulho do nosso *melting-pot* racial, a não nos considerarmos, com vergonha e melancolia, um bando de mestiços degenerados, fadados irremediavelmente à preguiça e à decadência; ou, abandonando o extremo oposto dessa atitude, ganhamos serenidade e não precisamos mais usar do recurso histérico de ufanismo, e nos embandeirar com ingênuas grandezas, como compensação.<sup>150</sup>

---

<sup>149</sup> *O Cruzeiro*, 17 de setembro de 1949, p 114.

<sup>150</sup> *O Cruzeiro*, 04 de fevereiro de 1950, p 114.

A mesma crônica resgata ainda outra figura que julgamos não somente importante, mas emblemática dentro deste conjunto de transformações por que passa a figura do brasileiro na primeira metade do século XX: trata-se de Lima Barreto, objeto de uma comparação de trajetórias junto à Machado de Assis – de onde o título da crônica. Segundo a autora, Machado teria buscado, durante sua vida, “eliminar de dentro de si todas as recordações de berço ou de escola”, dedicando a vida a criar um branco vitorioso dentro de sua figura de “mulatinho gago do morro do Livramento”. E seu êxito faria com que ninguém “ousasse despojá-lo publicamente da sua condição de branco”.<sup>151</sup> Já Lima Barreto tomaria uma atitude oposta, buscando uma imposição dentro da sociedade com a sua cor, e não apesar de sua cor. As palavras da cronista podem ser controversas, mas não deixam de ser reveladoras acerca de importantes traços de nossa mentalidade no começo do século XX:

Como figura humana, por isso mesmo se eleva muito acima de Machado de Assis; e se sucumbiu à luta, se caiu vencido pela boêmia e pelo álcool, onde procurou compensação à sua tragédia, é que a luta foi grande demais para as suas forças. E só a circunstância que acima acentuamos serve de ponte de ligação entre os dois: é que, cada um à sua maneira, foram vítimas da mentalidade corrente, já que ambos, evidentemente, aceitavam a sua *inferioridade* de mestiços. Machado, o forte, curvando-se ao preconceito de cor, trata de abrir uma exceção para si e, sendo embora maior que todos considera uma vitória ser tratado de igual pelos demais. Lima Barreto, apesar de toda a sua fraqueza, da sua insegurança, tem entretanto aspiração mais alta quer ser aceito tal como é – não pede uma exceção para si, mas uma regra geral de fraternidade que acolha sem distinção todos os homens, brancos e pretos, mulatos e amarelos.

Um perdeu, outro ganhou; mas o mérito real está na luta, não na vitória.<sup>152</sup>

Pouco mais de três meses mais tarde, a nacionalidade brasileira seria outra vez objeto das preocupações de Rachel de Queiroz. Desta vez, não se tratava de registrar a importância de tal ou qual obra, mas sim de uma série de imagens captadas pelas lentes do fotógrafo Jean Manzon. O texto – “O Álbum de Manzon” – inicia com a descrição de uma foto onde um índio xavante estica a corda de seu arco, prestes a disparar uma flecha em direção a um avião do qual apenas aparecia a sombra ao seu lado. À primeira

---

<sup>151</sup> Ibidem.

<sup>152</sup> Ibidem.

leitura, óbvia, que opõe as imagens de civilização e barbárie, Rachel lembra que o instantâneo fora obtido durante o período da Segunda Guerra Mundial, quando os avanços da técnica e da civilização – o que inclui o avião – eram utilizados na mais feroz das barbáries. Desta forma, através da descrição de uma foto, há na crônica todo um questionamento de muitos valores que ao longo dos tempos eram – e em muitas medidas ainda são – tidos como inquestionáveis.

Porém, em um momento seguinte, Rachel resolve fazer uma espécie de pequeno índice comentado das fotos que comporiam o álbum. Descortina-se então para o leitor um quadro abrangente de seu próprio país, extrapolando em muito a faixa litorânea onde um dia iniciou nossa colonização.

As onças de Goiás, os zebus do pantanal, os garimpeiros, a selva. As negras da Bahia, belas e majestosas como baronesas; os jangadeiros por cima do mar, as crianças de asilo, os heróis da Proteção aos Índios – e os índios também, tribos de várias denominações, inclusive aqueles xavantes ferozes, de cuja existência até se duvidava antes de [que] Manzon e Nasser os surpreendessem e autenticassem a legenda. Ouro Preto e São Francisco, vitórias-réguas no seu ambiente natural, Irmãs de Caridade, maçons de faixa bordada, pracinhas, - e o craque dos craques, Ademir, dando o seu vôo de pássaro em perseguição à bola. O dinheiro dos cassinos, as “girls” dos “grill-rooms”, os gaúchos laçando gado e comendo churrasco, os saveiros da Bahia dormindo no cais.<sup>153</sup>

O grande mérito deste amplo conjunto de imagens estaria em nos mostrar ao mundo tal como somos, nem melhores nem piores, onde a existência de uma realidade complexa poria em xeque a eterna perspectiva de “país do futuro”, mas onde também nem tudo estaria resumido “a realidade de miséria, doença e desordem política”. A conclusão do texto não poderia ser mais elucidativa quanto ao desejo de ser reconhecida, diante do mundo, legitimamente, como uma nação, e da imagem que esta deveria projetar.

E talvez agora o mundo, vendo esse nosso retrato honesto, fique nos conhecendo melhor, nos ignorando menos, talvez aqueles que nos imaginam apenas como mestiços indolentes tocadores de violão sintam agora por nós um

---

<sup>153</sup> *O Cruzeiro*, 13 de maio de 1950, p 130.

respeito maior, vendo como somos uma gente laborosa, resistente, humilde, destemida e cordial. Que somos realmente um povo.<sup>154</sup>

A imagem construída por Rachel de Queiroz em muito nega aquela tradicionalmente difundida do brasileiro indolente, preguiçoso e apático diante da necessidade impositiva de sua atividade. Sem negar a imagem de cordialidade desenvolvida por Sérgio Buarque de Holanda, ou mesmo toda a influência cultural advinda da escravidão e trabalhada nas obras de Gilberto Freyre, Rachel acaba por se opor às perspectivas anteriormente desenvolvidas em trabalhos como o de Paulo Prado, onde toda uma carga negativa advinda da escravidão se faria presente ao longo de nossa História. Em suas crônicas, transparece toda uma valorização de nossa formação étnica, marcada não pela indolência, mas pela capacidade de trabalho. Tal fato é verificável, por exemplo, em crônica publicada em 05 de fevereiro de 1949, intitulada “O Calor e o Trabalho”, onde as virtudes laboriosas de uma classe pobre são exaltadas diante do *modus vivendi* de uma elite.

De 38° a 40° à sombra tem sido a temperatura do Rio em muitos dias deste verão de 49 (...). E nessa fornalha viva assim mesmo os homens labutam. Erguem paredes, misturam massa, soldam aço, derretem asfalto, britam pedra, varrem ruas, descarregam navios, capinam o chão e cavam a terra. Homens mal alimentados, mal agasalhados, que sofrem de doenças mal curadas, que não se sentem em segurança em relação a si próprios nem em relação aos seus. São esses os mestiços indolentes das anedotas e dos livros de viagens, esses os caboclos e mulatos do “prantando dá”. Quando o corpo pede apenas sombra, refresco e sesta, enquanto os chamados brancos se não sobem para Petrópolis, se refugiam nos cinemas refrigerados, se amontoam nas confeitarias tomando toneladas de sorvete, eles mourejam ao sol. A patroa num *deux-pièces* de piquê branco deita-se na rede da varanda e pede uma cajuada geladíssima; enquanto isso ao mormaço escaldante, abrigada do sol apenas por um pedaço de folha de zinco, a sua lavadeira esfrega roupa numa tina e tira água aos baldes do poço de quatro metros.<sup>155</sup>

---

<sup>154</sup> **Ibidem.** Note-se a utilização do termo cunhado por Sérgio Buarque de Holanda para caracterizar o homem brasileiro. Ainda que não tenhamos como afirmar aqui a intenção explícita da autora em se referir, através desta expressão, a *Raízes do Brasil*, sua utilização não deixa de ser sintomática da disseminação das idéias lançadas por aquela obra.

<sup>155</sup> *O Cruzeiro*, 05 de fevereiro de 1949, p 98.

Voltemos agora ao álbum de Manzon. Entre as tantas imagens descritas na representação do Brasil, está lá a figura de Ademir, centroavante titular durante a Copa do Mundo de 1950 e goleador daquele certame. A primeira vista, a citação deste personagem pode parecer uma mera decorrência da presença de sua imagem dentre as tantas tiradas pelo fotógrafo. Na verdade, a questão pode passar não somente pelas imagens colhidas por Manzon, mas pela própria concepção do significado do futebol para Rachel de Queiroz. Com efeito, dentre os autores anteriormente citados, o futebol passa longe de ser uma unanimidade em termos de instrumento possibilitador de uma leitura acerca do país (basta lembrar as posições ambíguas de Mário de Andrade ou mesmo a franca oposição de Lima Barreto). Para a cronista, porém, o futebol era importante não apenas enquanto instrumento de identidade, mas, a partir de sua popularização, seria capaz de propiciar leituras da nação brasileira que contrariavam diametralmente os preconceitos há muito arraigados em nossa sociedade.

Fala-se muito na indolência do mestiço nacional, já se escreveram bibliotecas acerca da incapacidade da nossa raça para tudo que exija esforço físico. Mas basta a paixão brasileira pelo futebol para mostrar exatamente o contrário: no ardor com que se entregam ao “esporte das multidões” nossos patrícios em todas as idades e de todas as condições sociais está o maior desmentido da nossa preguiça. Pois quem ousará dizer que é o futebol esporte de preguiçoso? Nele suam e se esbafam não só os vinte e dois jogadores e o juiz, como a própria “torcida”, que se escabela, urra, rola de arquibancada abaixo, invade o campo e enfrenta a cavalaria.

Outra das nossas celebradas incapacidades que a prática do futebol desmente é a famosa incapacidade de organização do brasileiro. Pois parece um milagre ver como nos lugares mais humildes se formam *teams* – compostos na maioria de rapazes que moram mal, comem mal e dormem pessimamente, empregados em maus empregos, vivendo de biscoates ou totalmente desempregados (...).<sup>156</sup>

Idéias simples e diretas, valorizando aqueles que historicamente, não apenas eram apenas vistos como brasileiros de “segunda ordem”, mas, sobretudo eram compreendidos como causa direta de muitos dos males nacionais. E divulgadas na revista de maior circulação dentro do país à época. Se as crônicas de Rachel de Queiroz não foram propagadas com a mesma perenidade que obras como a de Euclides da Cunha ou Sérgio Buarque de Holanda, pelo caráter acadêmico que estes imprimiram aos

---

<sup>156</sup> *O Cruzeiro*, 29 de janeiro de 1949, p 106.

seus trabalhos, a cronista teve a sua disposição o púlpito que apenas um periódico de grande circulação nacional proporciona. Desta forma, esta imagem, que propositalmente deixamos por último, vêm a confirmar ao seu modo e com sua linguagem as transformações que, dentro das obras voltadas ao universo acadêmico ou estritamente literário, sofreu a percepção do brasileiro acerca de si próprio na primeira metade do século XX. São textos que podem não ter a dimensão da obra de Gilberto Freyre ou Sérgio Buarque, mas que são por eles confessadamente influenciados, contrapondo-se, ao mesmo tempo, à figura do “mestiço problema”, do “mestiço entrave à civilização”, e que, através de sua própria linguagem, atingem um público amplo, transmitindo uma auto-imagem da nação.

Obra e graça de uma mulher. Que confessadamente amava o futebol e sabia de sua importância para a compreensão do país.<sup>157</sup>

\* \* \*

Chegamos, afinal, ao fim deste nosso pequeno passeio pela construção da imagem sobre a nacionalidade brasileira ao longo da primeira metade do século XX. Ao longo deste trajeto, dez nomes foram buscados para que pudéssemos tentar construir, através das pistas que nos deixaram, um esboço do poderíamos entender como “brasiliadade” no período de nosso interesse. As obras ou os autores aqui selecionados são indubitavelmente perenes pela influência que ainda hoje exercem sobre o pensamento brasileiro, pela atenção que suscitam nos trabalhos acadêmicos, ou ainda por terem, de certa forma, se inter-influenciado uns aos outros ao longo de seus trajetos.

O que temos então, diante de nossos olhos, a nos proporcionar uma idéia de brasiliadade na primeira metade do século XX? Em primeiro lugar, os relatos apontam para um país cuja unidade em torno de um mesmo projeto longe estava de se constituir em uma concretização efetiva. Seja através do sertanejo de Euclides, seja pelo Jeca de Monteiro Lobato, tínhamos a nossa frente à complexa missão de trabalhar sobre uma unidade que, ou não existia, ou estava ainda em um estágio formativo que não permitia vê-la enquanto tal. Influenciados ainda por uma cultura que durante anos não mais buscou do que se adaptar aos moldes europeus, esquecemos de nós mesmos, relegando

---

<sup>157</sup> Rachel de Queiroz era declaradamente vascaína.

o homem do interior ao mais secundário dos papéis, quando não ao papel de simples condenado por todos os males que afligiam o país.

Inicialmente, o caminho apontado para a superação de tais males é simples de ser traçado, embora seja tortuoso. Com efeito, haveria que se vencer os problemas advindos de nossa formação defeituosa, não apenas por ser fruto de um processo de miscigenação, mas principalmente por ser resultado de inúmeras relações que nada mais são do que simples resultado do dispêndio de energia em atividades procriativas, ao invés de criativas. Buscamos a riqueza com a mesma velocidade com que nos pomos a tentar cobrir o mundo obedecendo ao mandamento divino. Agora, exige-se uma nova postura, onde as soluções para a formação de nossa nacionalidade passam pela valorização de uma tríade que nada mais faz do que valorizar a cultura do conquistador: branco, católico e europeu.

Contudo, os caminhos do gramado são diversos, e a existência de jogadores com características diferentes faz com que estes venham a assumir funções igualmente diversas. De forma que, mesmo com toda a influência que exerceu sobre os modernistas, Paulo Prado não foi capaz de influenciá-los decisivamente com seu “Retrato”. Assim, especialmente após o crescimento dos grandes centros urbanos e de todas as transformações estruturais que o país sofria, valorizando as cidades em detrimento do meio rural, novas leituras se fizeram necessárias acerca de nossa nacionalidade, conferindo espaço àqueles que, devido à mácula imposta pela pobreza ou pela escravidão, se encontravam ausentes de tais relatos ou perspectivas. Naquilo que Lima Barreto pode nos auxiliar, pinçamos aqui a necessidade da construção de um país novo, aonde o bacharelismo e a ilustração de fachada não venham a encontrar solução de continuidade com os tempos antigos, mas que sejam substituídos por novos valores. Se o trecho de campo coberto por Lima Barreto nos indica desesperança diante de uma necessária mudança que não encontra resultado positivo, cabe agora apropriarmo-nos dos conhecimentos de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, além de Mário e Oswald de Andrade. Assim, ainda que sob o fogo da necessidade de se reconstruir as idéias antigas ou de se reavaliar o papel de escravos e libertos em nossa sociedade, era a hora de propor as primeiras novas abordagens que durante muitos anos iriam influenciar a historiografia brasileira. Ao bacharelismo inútil ou a formação de uma ilustração de fachada, que nada mais serve do que para garantir o acesso de seus portadores aos maiores cargos administrativos, temos a proposição de reavaliar toda uma cultura que durante anos foi vista como secundária por ser coisa de escravo ou advinda das raias da

pobreza. Barbosa, Bigode ou Juvenal são, ao seu modo cada qual, exemplos diretos desta cultura que deve ser reavaliada. Ao mesmo tempo, sua atividade profissional é resultado direto de todas as transformações pelas quais o país vinha passando naqueles últimos anos. Nos urbanizávamos, crescíamos, buscávamos enfim o papel de nação consolidada, e de preencher todos os requisitos que nos garantissem a validade de tal conceito entre nós.

Se era o tempo de buscar novos valores, era também hora de apagar os antigos, que remetiam à pobreza, à preguiça e ao atraso. Buscamos agora ser uma nação, sermos valorizados dentro do conjunto de traços que nos conferem especificidade.

Evidentemente outros nomes poderiam ser aqui citados e trabalhados neste capítulo. Alguns pensarão em Caio Prado Júnior, outros em José Lins do Rego. Talvez Graciliano Ramos ou ainda Érico Veríssimo. Ou quem sabe ainda Manuel Bonfim e seu *América Latina: males de origem*, para não falar em Capistrano ou Oliveira Viana. Como qualquer seleção, porém, esta também foi arbitrária e, se não está destinada a ganhar uma Copa do Mundo, esperamos ao menos que consigam dar conta à missão a qual o grupo se destina.

O aquecimento está feito; o uniforme está vestido. É hora, pois, de entrar em campo.

## Capítulo 2

### (Ou “A pátria e a crônica esportiva entram em campo”)

*“Estes são os campeões do mundo”*

*(Manchete de capa do jornal carioca “O Mundo”, de 15 de julho de 1950, publicada acima de uma foto da seleção brasileira)*

O surgimento da imprensa brasileira se deu em um país jovem – tão jovem que sequer independente era<sup>158</sup>. Surgiu também em um país de elites sedentárias, que viam na atividade física uma característica depreciativa ligada ao regime escravocrata que ainda hoje goza entre nós de uma infeliz vitalidade. Sem repetirmos aqui o que já dissemos no primeiro capítulo, cabe assinalar que neste momento esta imprensa, dada sua característica predominantemente política e/ou literária, bem como seu controle por parte de grupos com tais interesses, pouco refletia um sentimento de unidade em torno da nação.

Produtos de sua época, os jornais de antanho nasceram como fruto da luta das classes políticas locais pela liberdade de ação econômica diante do colonialismo, ou, em contrapartida, como instrumentos de louvação dos atos do príncipe em sua estada em terras tropicais. Se até pouco a atividade de imprensa era proibida em terras brasileiras, seu desenvolvimento também não se daria sem entraves, dada a própria condição dos interesses contraditórios então postos em cena.

É na medida em que compreendem a necessidade de unir as classes para a luta contra a dominação lusa que os representantes da classe dominante colonial fazem concessões à liberdade de imprensa. Tal compreensão é lenta, porém, e deve vencer poderosas e antigas resistências de classe. É na medida em que compreendem a necessidade de limitar a Independência que os representantes da classe dominante colonial opõem restrições à liberdade de imprensa. Daí as oscilações, os altos e baixos, os recuos e avanços, acompanhando o desenvolvimento do processo.<sup>159</sup>

---

<sup>158</sup> Neste sentido, considerar os periódicos que surgem a partir de 1808 como os primeiros representantes de uma “imprensa brasileira” pode até ser, sob certa ótica, um anacronismo.

<sup>159</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. **Op. Cit.**, Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p 44-5.

Este processo a que se refere Sodré havia sido marcado, já a partir das primeiras edições em solo pátrio, pelo rigoroso controle do poder imperial sobre as palavras impressas no papel. Com efeito, a censura e os jornais são verdadeiros irmãos gêmeos no Brasil, ainda que a resistência e a criatividade para burlar os entraves impostos pelos agentes do poder fosse já naquela época também uma realidade. Neste sentido, é deveras conhecido através da historiografia o exemplo do *Correio Braziliense* de Hipólito José da Costa, publicado na Inglaterra e que chegava aos portos brasileiros nos bolsos de marinheiros e viajantes para, a partir daí, ganhar as ruas do Brasil.

É a partir do chamado Período Regencial (1831-1840) que novos rumos passam a ser percebidos nesta História. Data deste momento o surgimento dos pasquins, jornais de pequeno formato e conteúdo fortemente político, não raro descambando para “a injúria, a difamação ou o insulto repetido” aos oponentes.<sup>160</sup> Fruto de técnicas ainda precárias, tais veículos por vezes eram o resultado do trabalho de uma única pessoa, que assumia todas as funções em sua elaboração e distribuição, inclusive arcando com os custos de sua publicação, quando estes não fossem cobertos pelos grupos políticos.

A situação passa por novas transformações a partir da segunda metade do século XIX. Por um lado, o contexto político passa a sofrer forte pressão de grupos republicanos e/ou abolicionistas, que se utilizam em larga medida da imprensa como instrumento de divulgação para suas idéias. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento, ainda que incipiente, dos meios de editoração, permitiam, paralelamente ao surgimento de novos jornais, o desenvolvimento de uma forte produção literária, que ficaria marcada em nossa história através da roupagem do romantismo. Aqui, duas observações importantes: em primeiro lugar, este romantismo que se desenvolve em solo brasileiro a partir de tal período representa uma espécie de “apresentação” ou “primeira descoberta” do país para muitos dos habitantes letrados dos principais núcleos urbanos. Esta descoberta, no entanto, é ainda fruto de uma construção no sentido mais exato do termo. Basta lembrar para isto que o mesmo José de Alencar que escreveu “*O Sertanejo*” e “*Iracema*” também é autor de “*O Gaúcho*”, apresentando este tipo regional para o restante do país sem jamais ter colocado os pés no Rio Grande do Sul. Simultaneamente, tal movimento é derivado de um congênero ocorrido na Europa, caracterizando-se como um dos tantos fenômenos culturais exógenos que acabam por serem seguidos no Brasil. Em segundo lugar, e em contrapartida, este romantismo

---

<sup>160</sup> **Idem**, p 157.

apresenta o traço da valorização de um nascente sentimento de nacionalidade brasileira, que tão bem ficou expresso através da “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias ou do indianismo ingênuo de Alencar.

É importante assinalar aqui que os dois movimentos citados acima – o desenvolvimento de um conjunto de periódicos brasileiros, ainda que vinculados a grupos políticos; e o surgimento de um movimento literário vigoroso – integram simultaneamente um mesmo e importante fenômeno: o da disseminação de uma idéia de “língua nacional”, de um idioma fixo que cobriria a totalidade do espaço brasileiro. Ao mesmo tempo, tal fenômeno poderia conceder ao idioma da nação um verniz de permanência absolutamente artificial, mas extremamente importante quando pensamos nas grandes diversidades que compunham a sociedade brasileira. Segundo Hobsbawm:

uma língua comum, exatamente por não ser naturalmente gerada mas sim construída – especialmente quando é impressa –, adquire uma nova fixidez que a faz parecer mais permanente e portanto (por uma ilusão de ótica) mais eterna do que realmente é. Daí a importância não apenas da invenção da imprensa (...) mas também dos grandes padronizadores e depuradores que aparecem na História culta de toda língua cultural, depois do surgimento do livro impresso.<sup>161</sup>

Claro está que, no Brasil do século XIX, esta fixação atingia diretamente uma parcela extremamente diminuta do povo, considerando-se os já citados índices de analfabetismo e os processos de exclusão social. Desta forma, podemos nos perguntar em que medida este desabrochar das letras nacionais neste período, ao atingir diretamente uma pequena porcentagem dos brasileiros – ou dos residentes no Brasil –, não acabou por fomentar um distanciamento ainda maior entre perspectivas da elite e do restante da nação, excluída esta dos códigos e valores disseminados agora através dos livros e jornais. Trata-se, com efeito, de fenômeno socialmente localizado, que reafirmava a separação histórica entre o Brasil litorâneo e de fraque e o outro, que labutava nas ruas e nos campos em busca da sobrevivência à margem da cidadania.

Novas mudanças viriam a partir dos últimos anos do século XIX. Com efeito, as transformações que ocorreram a partir do acirramento do processo de abolição da escravatura, da introdução do trabalho assalariado e do crescimento das cidades, embora lentas, acabaram se refletindo diretamente sobre a atividade editorial no país. Em outras

<sup>161</sup> HOBSBAWM, Eric. **Op. Cit.**,(1998) p 77.

palavras, o desenvolvimento entre nós de relações capitalistas de produção trouxe consigo uma nova forma de imprensa, moderna, empresarial e concentrada nos grandes núcleos populacionais. Assim, surgiam os primeiros grandes jornais, organizados e geridos sob moldes empresariais, enquanto as produções literárias passavam a ocupar-se também de temáticas urbanas, retratando o crescimento das cidades e os novos estilos de vida de seus habitantes. Neste sentido, os mais famosos romances machadianos ou o naturalismo de “*O Cortiço*” de Aloísio de Azevedo podem ser apontados como exemplos, mostrando a vida no entorno do poder político e a existência dos pobres que posteriormente seriam despejados pelas reformas de Pereira Passos.

Muito mais do que estabelecer breves referências à origem da imprensa no Brasil, as linhas acima nos interessam por dois motivos importantes. Primeiramente, há que levarmos em conta que o desenvolvimento desta imprensa moderna significa também o alargamento de um importante espaço de poder, em especial para o topo da classe letrada, os “intelectuais”, que assim encontravam um meio para divulgar suas idéias e teorias por entre seus pares, legitimando suas percepções acerca do país e de seu povo. Amparando-se na “Economia das Trocas Lingüísticas” de Pierre Bourdieu, Edison Gastaldo nos chama a atenção para o fato de que “quando alguém ‘fala’, o faz de algum lugar, com uma certa autoridade e dirigindo-se a alguém”, sendo o discurso, portanto, “um instrumento de poder”.<sup>162</sup>

Este reforço da imprensa enquanto local de poder entre nós, contudo, não se dá apenas dentro de um determinado contexto de desenvolvimento de condições materiais de produção, mas também de um contexto cultural, marcado por um conjunto de idéias que se pretende hegemônico e que busca estabelecer sua legitimidade a partir do local de enunciação de sua fala. Tal contexto, em nosso caso, é marcado pelo declínio do pensamento romântico e de seu nacionalismo ingênuo, sendo substituído por novas idéias que apregoavam um necessário caminho de evolução histórica para os povos: o Evolucionismo de Spencer; o Darwinismo Social e o Positivismo de Comte.<sup>163</sup> Estas teorias são ainda associadas, no caso brasileiro, às teorias raciológicas (notadamente a eugenio e o higienismo<sup>164</sup>), que viam em nossa formação social miscigenada a causa de

<sup>162</sup> GASTALDO, Édison Luis. “‘Os campeões do século’: notas sobre a definição da situação no futebol mediatizado”. In: GASTALDO, Edison; GUEDES, Simoni Lahud (orgs.). **Nações em campo: Copa do mundo e identidade nacional**. Niterói: Intertexto, 2006, p 17.

<sup>163</sup> Cfe: ORTIZ, Renato. **Op. Cit.**, p 14.

<sup>164</sup> Segundo José Roberto Goldim, o termo “eugenio” foi cunhado pelo cientista Francis Galton (1822-1911), podendo ser entendido, de forma simplificada, como “o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações, seja física ou

nosso atraso e de nossos males. Para atestar a influência deste conjunto de idéias no Brasil basta agora nos lembrarmos do que foi exposto no capítulo anterior acerca de pensadores importantes entre nós, como Euclides da Cunha, Oliveira Lima ou ainda Paulo Prado. Contudo, sua difusão não pode ainda ser desvinculada do próprio contexto histórico brasileiro daquele período. Conforme Ortiz, tais teorias raciológicas apresentam-se como hegemônicas no Brasil no mesmo momento em que entram em declínio no continente Europeu. Todavia, sua existência deve ser compreendida a partir de nossas demandas internas naquele momento: a abolição; a substituição do trabalho escravo e a afirmação de uma classe proletária nas cidades; e, por fim, a consolidação do regime republicano. São estes os assuntos que preocupam a elite intelectual brasileira daquele período, e cujas soluções ou respostas serão buscadas no exterior e expostas nas páginas de livros e jornais.<sup>165</sup>

Claro está, deste modo, que a existência de qualquer projeto – explícito ou não – para a formação de um sentimento de nacionalidade brasileira deixaria de fora duas categorias de pessoas: àqueles que traziam em sua pele a marca da ligação sangüínea, quando não pessoal, com a escravidão; e aqueles que, mesmo não sendo negros, indígenas ou mestiços, poderiam ser considerados “socialmente inferiores”. Apresentava-se desta forma um estranho paradoxo: enquanto o discurso republicano apregoava a igualdade de condições políticas entre os cidadãos, os discursos produzidos pelos intelectuais do período reafirmavam a existência de barreiras sociais, negando a igualdade, teoricamente inerente ao novo sistema político implantado no Brasil.

Se a produção de tais discursos apenas refletia os preconceitos existentes desde nosso período colonial, sua passagem do âmbito acadêmico para o cotidiano das ruas era – e ainda é – igualmente uma mera decorrência do mesmo fator. Estes novos discursos, apregoando a velha separação social entre “os de cima” e os “de baixo”, provinham não apenas destes ambientes “científicos”, mas também de outros locais que

---

mentalmente”; assim, uma seleção consciente feita pelo homem deveria substituir a “seleção cega” feita pela natureza. Faz parte também de sua teoria de que a inteligência humana é um caráter herdado, e não resultado da interação do homem com o ambiente. Já o “higienismo” brasileiro é entendido por Maria Lúcia Boarini como um desdobramento da medicina social aplicada ao desenvolvimento desordenado dos núcleos urbanos e da legitimidade ganha pelo discurso médico no começo do século XX. Tal discurso, entretanto, logo romperia as fronteiras do campo medicinal, “penetrando nos mais diferentes segmentos da sociedade brasileira”, indo da família à escola, ao quartel ou mesmo ao prostíbulo. Neste sentido, é perfeitamente compreensível que o desenvolvimento das práticas esportivas no começo do século XX fosse percebido sob a perspectiva de higienização do corpo. Ver: GÖLDIM, José Roberto. Eugenia. In: <http://www.ufrgs.br/bioetica/eugenica.htm>; BOARINI, Maria Lucia. Higienismo e Eugenia: discursos que não envelhecem. In: [http://www.coc.fiocruz.br/psi/pdf/higienismo\\_eugenica.pdf](http://www.coc.fiocruz.br/psi/pdf/higienismo_eugenica.pdf).

<sup>165</sup> Cf: ORTIZ, Renato. Op. Cit., p 29.

a elite utilizaria para afirmar e demonstrar sua condição de superioridade. Alguns destes locais eram as agremiações esportivas, surgidas no esteio do desenvolvimento entre nós das já citadas “teorias higiênicas” que, contrariando o desprezo até então existente pelas atividades físicas, passaram a apregoar a partir do começo do século XX os benefícios dos exercícios e das modalidades atléticas para uma boa conformação do corpo e do caráter. Dada sua condição de local para afirmação de poder social, nada mais natural que negros e/ou trabalhadores fossem privados do acesso a tais instituições. Sobre as origens de tal processo, comenta Leonardo Affonso Pereira:

A exclusão dos trabalhadores era uma questão que se colocava em relação a vários esportes. Ela aparece explicitamente em 1906, quando a Federação Brasileira das Sociedades de Remo resolveu proibir os barbeiros de participar dos clubes a ela filiados. A decisão gerou, nos jornais cariocas, uma enorme polêmica. Para muitos cronistas esportivos esse seria um grande erro dos diretores da federação, que faziam com que rapazes “honestos e trabalhadores” fossem considerados “indignos da companhia dos nossos *rowers*” – aplicando ao remo “exaustiva sangria, sem que haja para isso uma razão aceitável”.<sup>166</sup>

Desta forma, a perspectiva que projetava a carga dos males da nação sobre negros, mestiços e pobres encontrava no discurso dos intelectuais sua teoria e nas práticas sociais sua materialização. Responsabilizados pelo atraso do país, tais indivíduos deveriam também ser afastados dos novos hábitos e espaços criados pela elite para seus momentos de recreação e prática de atividades físicas. Dentro do conjunto destas atividades, caberia ao futebol o destino histórico de romper as barreiras, instituindo-se enquanto “esporte nacional” ao ser assumido por tais grupos populares.

\* \* \*

Se uma nação, na acepção proposta por Benedict Anderson, é uma comunidade imaginada, não deixa de ser ao menos curioso atentar para o fato de que este grupo, formado por pessoas que não possuem pleno conhecimento a respeito de quem são os outros participantes do mesmo, adote um conjunto semelhante de ícones com o qual se identifique e com ele estabeleça relações de cunho pessoal. Mas como ocorre a escolha

---

<sup>166</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p 61.

ou o surgimento destes ícones? Há uma escolha? E porque as seleções nacionais de futebol (assim como de outros esportes, dependendo do local) são pródigas em ocupar tal espaço? Pensem um pouco sobre estas questões.

Conforme Anderson, as nacionalidades e os nacionalismos são antes de tudo “artefatos culturais de um tipo peculiar”, dotados de historicidade e que se legitimam através do apelo emocional coletivo que despertam. Ao mesmo tempo, as nações possuiriam um caráter limitado e soberano; limitado, uma vez que suas fronteiras são demarcadas de forma clara – embora não dotadas necessariamente de uma perenidade histórica –, fazendo assim fronteira com outras nações ou com áreas sob controle coletivo, como é o caso dos oceanos. Soberano, pois o conceito de nação se sobrepõe historicamente aos antigos reinos dinásticos, de legitimidade divina. Assim, as nações herdam a perspectiva da liberdade de decidir seus próprios passos, tal qual as antigas casas dinásticas agora destronadas, ansiando por serem senhoras de seus próprios destinos.<sup>167</sup>

Se o pertencimento a tais comunidades se dá através do nascimento dentro destas fronteiras arbitrariamente definidas (caso brasileiro), através de ligações de parentesco com alguém que nelas tenha nascido (caso inglês), ou ainda por uma escolha deliberada do indivíduo (naturalizações), a definição de seus símbolos máximos, bem como sua aceitação pelos membros é, tanto quanto as nações, um fenômeno passível de ser historicamente localizado. Com efeito, tais símbolos, notadamente as bandeiras e os hinos nacionais, remetem a traços identitários positivos e/ou afirmativos, buscados no passado ou no pertencimento a uma coletividade maior, que convive com a idéia de nacionalidade sem, contudo, subjugá-la. Para ficar nas bandeiras, podemos citar como exemplos do primeiro caso as bandeiras francesa ou espanhola, e, no segundo, as diversas bandeiras de países de predomínio religioso islâmico que ostentam o dístico da lua crescente com uma estrela.<sup>168</sup> Quanto aos hinos, basta observar seu caráter de marchas militares ou suas letras para percebermos acerca dos valores contidos em seus versos, tais como honra, força ou lealdade.

---

<sup>167</sup> Este parágrafo tem como base: ANDERSON, Benedict. **Op. Cit.**, p 14-6.

<sup>168</sup> A associação das três cores da bandeira francesa com o slogan revolucionário de 1789 é deveras conhecido, tendo rendido já o título de uma trilogia cinematográfica. Quanto à bandeira espanhola, vale a pena lembrar que durante a Guerra Civil naquele país (1936-1939), os republicanos propunham outro modelo, inspirado no modelo “tricolor republicano”, com três listras horizontais nas cores vermelha, amarela e roxa. Já como exemplos dos países islâmicos podemos citar as bandeiras de Argélia, Túnisa e Paquistão, entre outras.

A difusão e aceite de tais símbolos pelo conjunto da sociedade pode se dar por diversos instrumentos. É importante lembrar, por exemplo, o papel exercido pela montagem de um sistema educacional voltado para a alfabetização de massas, fenômeno cuja raiz histórica talvez seja a mesma do surgimento das próprias nações modernas. Com efeito, é através da massificação do sistema educacional que os valores inerentes às diversas nacionalidades encontram uma forma eficaz de disseminação, integrando elementos que, de outro modo, talvez viessem a continuar reproduzindo culturas e valores próprios de outras comunidades imaginárias (tais como os migrantes que vivem em guetos isolados com escolas próprias). Ao mesmo tempo, o desenvolvimento dos instrumentos de comunicação, a partir da imprensa escrita e, posteriormente do rádio, contribuíram na difusão do sentido de pertencimento a uma determinada coletividade e dos símbolos a ela inerentes.

Tal fenômeno se dá de forma semelhante, tanto na Europa como na América Latina, apenas variando o marco cronológico em algumas décadas. Tomamos como exemplo a reflexão de Pablo Alabarces, acerca da realidade Argentina:

... una temprana industria cultural favorecida por la modernización tecnológica argentina de comienzos de siglo y por la urbanización acelerada, que sumada a la creciente alfabetización de las clases populares construyó un público de masas ya en los primeros años del siglo XX. En esa cultura de masas, primero gráfica y desde 1920 también radial y cinematográfica, la narración de la identidad nacional encontró un amplio y eficaz territorio donde manifestarse.<sup>169</sup>

Contudo, se é a partir do ambiente escolar que muitos dos valores inerentes à idéia de nacionalidade encontram campo fértil para seu desenvolvimento entre a comunidade, não deixa de ser instigante perguntar como se dá a relação entre este espaço e a transformação do futebol em ícone nacional. Creio que o melhor caminho aqui seja conjugar um pouco de nossas próprias experiências com a bibliografia, a fim de perceber os possíveis traços de permanência desta situação ainda nos dia de hoje.

Primeiramente, não há como negar que o ambiente escolar brasileiro é terreno fértil para a difusão do futebol entre os alunos (do sexo masculino, bem entendido), especialmente durante as aulas de Educação Física. Em escolas públicas de áreas mais

---

<sup>169</sup> ALABARCES, Pablo. **Fútbol y patria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina.** Buenos Aires: Prometeo, 2002, p 39.

periféricas, dotadas de menos recursos, os períodos destinados para estas disciplinas são comumente baseados no trinômio “corrida-ginástica-futebol”. Já às alunas, costuma valer a mesma regra, normalmente (mas nem sempre) substituindo-se o último item por voleibol, handbol ou outra modalidade qualquer. A constatação, aparentemente óbvia, aponta para algumas pistas sobre a relação entre a educação de massas e a perenidade do futebol como símbolo nacional no Brasil. Em primeiro lugar, esta realidade está longe de ser algo inerente apenas aos nossos tempos. Basta-nos lembrar aqui o já citado livro de José Moraes dos Santos Neto, que nos aponta para a introdução do futebol como prática esportiva no Brasil através das instituições jesuíticas paulistas na segunda metade do século XIX, seguindo modelos originários de escolas francesas, inglesas e alemãs.<sup>170</sup> Em segundo lugar, o atual predomínio do futebol como prática esportiva nas escolas parece ser um pólo integrante de uma situação de retroalimentação. Com efeito, já presenciei mais de uma vez pessoas questionando se o gosto generalizado pelo futebol não teria sua explicação no fato de que as crianças em idade escolar não são apresentadas a outras modalidades esportivas ao longo de sua formação. Creio que este seja um lado da questão. Contudo, há que se pensar também se não há uma demanda pelo futebol nestes espaços devido à ampla divulgação que o esporte tem nos meios de comunicação, e que acaba, obviamente, por atingir também os alunos. Há que se ter em mente que a identificação do “esporte bretão” como “esporte nacional brasileiro” é algo que não é gerado pela escola, mas por todo um sistema cultural no qual a escola está inserida. As informações a respeito do jogo são trazidas de casa, e disseminadas através das relações pessoais dos próprios alunos. Assim, a cultura predominantemente (mas não exclusivamente) masculina de “discutir futebol” é algo que se constrói de pequeno, com os pares da escola, e que se estende até a idade adulta, com os pares das fábricas, escritórios e outros círculos de relações.

A função do futebol neste período formativo da criança, porém, vai além de mera prática desportiva; ele é também um instrumento gerador de identidade, ao mesmo tempo em que propicia relações de camaradagem ou rivalidades que podem ou não se restringir ao campo meramente esportivo. É nas escolas que boa parte dos torcedores tomará os primeiros contatos com as noções mais concretas de rivalidade e de co-existência com parte da comunidade imaginada que forma a totalidade da torcida de um clube. Creio que a afirmação de Arlei Damo citada abaixo seja passível de ser aplicada

---

<sup>170</sup> SANTOS NETO, José Moraes. **Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil.** São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p 15-8.

não somente ao mundo adulto, mas também ao universo escolar, mesmo a partir de seu nível fundamental:

Gremistas, palmeirenses e flamenguistas são cidadãos quaisquer, que compartilham, entre outras coisas, o gosto pelo futebol. Justamente porque partilham uma série de dilemas sociais, sendo o futebol capaz de tornar público e de maneira muito peculiar alguns desses conflitos, é que existem as rivalidades clubísticas, algumas delas circunscritas à esfera local, outras regionais e até nacionais.<sup>171</sup>

Talvez seja conveniente aqui lembrar que, dentro deste universo escolar, os alunos procuram descobrir qual o time do coração de seus professores, o que pode ser um significativo indicador da importância do assunto já naquele momento

Assim como oferece aos alunos um primeiro espaço institucional onde os jovens torcedores possam manifestar sua identidade clubística, bem como atos de solidariedade e/ou de rivalidade inerentes a tal identidade, a escola também é espaço de experiências que criam e reforçam a idéia de pertencimento a uma nacionalidade, e que são, em grande medida, também verificáveis nas práticas futebolísticas exibidas através da grande mídia. Talvez o exemplo mais claro, neste sentido, sejam as cerimônias referentes à Semana da Pátria, quando os alunos são reunidos para assistir ao hasteamento da bandeira e cantar o Hino Nacional. É comum neste momento que alguns alunos cantem o hino levando a mão direita à altura do peito, repetindo assim um gestual muito comum por parte de jogadores envolvidos em disputas internacionais antes das partidas. Já em épocas de Copa do Mundo, não são raras as escolas que buscam apresentar uma decoração especial, em verde e amarelo, ou ainda que se utilizam da competição – e do interesse por ela despertado – como tema gerador do processo de aprendizagem, buscando apresentar noções de diversidade cultural, diferenças existentes entre continentes, ou ainda temas mais candentes, como os processos migratórios de populações de países pobres rumo às antigas metrópoles no Velho Mundo. É nestes momentos que as primeiras noções de uma “pátria de chuteiras” são transmitidas (ao menos fora do universo midiático), uma vez que, dentro da lógica da comunidade imaginada, aquele aluno pode possuir a noção – ainda que não a

---

<sup>171</sup> DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes.** Porto Alegre: UFRGS, 2002, p 36.

expresse – de que seu ato está sendo repetido por outros tantos alunos em diversos lugares do país.

Pode-se argumentar que a mesma lógica existe quando da ocorrência de Jogos Olímpicos, quando atletas de modalidades diversas representam o país em uma competição que não se limita às trinta e duas nações participantes (segundo o modelo atual) de uma Copa do Mundo. Também nestes momentos as escolas costumam aproveitar a visibilidade do evento para utilizá-lo como um tema gerador nas mais diversas disciplinas. Neste período de tempo, cada conquista olímpica seria dotada de um maior significado, uma vez que estas se dariam em oposição à totalidade dos “outros”, identificados no conjunto das demais nações participantes, funcionando, através das discussões e celebrações realizadas dentro da escola, como instrumento de reforço do pertencimento a uma dada comunidade nacional. No entanto, assim como o voleibol – que é esporte cuja prática encontra boa difusão nos ambientes escolares – os chamados “esportes olímpicos” não encontram uma maior visibilidade em outros momentos, devido à ênfase que o futebol recebe por parte dos meios de comunicação. De certo modo, isto corrobora o argumento de Simoni Guedes, que já apresentamos no primeiro capítulo, de que apenas o futebol gera, no Brasil, uma identificação coletiva quando das derrotas.<sup>172</sup>

Discutir se esta primazia do futebol é devida à ênfase que a imprensa dá ao mesmo, ou se, ao contrário, esta ênfase se deve a uma posição de primazia conquista pelo futebol, não é uma discussão que nos propomos aqui, além de nos lembrar em muito a velha questão axiológica do ovo e da galinha. Todavia, interessa-nos mostrar que a identificação do futebol como símbolo de brasiliade é uma construção que não pode ser dissociada do desenvolvimento de outros importantes instrumentos culturais, notadamente a imprensa e a escola. Com efeito, parece-nos que a afirmação da moderna imprensa escrita no Brasil; o surgimento das primeiras grandes cadeias de rádio; o crescimento da rede escolar visando massificar a alfabetização; o aumento das taxas de urbanização e a identificação do futebol brasileiro como símbolo nacional são fenômenos fortemente interligados.

Ainda que algumas das reflexões aqui apresentadas digam respeito ao “tempo presente do historiador” – o tempo de sua vida – e que os contextos que nos separem da primeira metade do século XX tenham sofrido evidentes mudanças, há que se lembrar

---

<sup>172</sup> Ver “Introdução”, nota 44.

que muitas das características do universo escolar, da imprensa, e do próprio futebol devem ser inseridas dentro das lógicas do tempo longo, sofrendo mudanças lentas e oferecendo diversas soluções de continuidade que nos possibilitam pensar na reconstrução sempre imperfeita de uma realidade já distante. Em um momento onde “tudo era futebol” como a realização do mundial de 1950, nada mais plausível do que supor que as discussões envolvendo a realização do certame saíssem das páginas e das ondas dos meios de comunicação para se espalhar por outros espaços onde toda a gama de significados atribuídas àquele momento poderia ser trabalhada, reforçando a associação já existente entre a nação e seus selecionados.

\* \* \*

### *2.1 – A afirmação do futebol e da crônica esportiva*

Segundo a perspectiva tradicional, o futebol origina-se entre nós no distante ano de 1894, quando um jovem brasileiro de origem inglesa, Charles Miller, retornou de uma longa temporada de estudos em Southampton, fixando-se em São Paulo e trazendo em sua bagagem o material necessário para a prática do esporte e muita disposição de desenvolvê-lo entre seus pares. Três anos mais tarde, outro brasileiro de origem estrangeira, Oscar Cox, chegou ao Rio de Janeiro vindo da Suíça na mesma situação e com as mesmas pretensões. A partir de então o futebol ter-se-ia desenvolvido através da fundação de clubes destinados à sua prática, agrupando em suas fileiras a fina flor da juventude brasileira daquele momento.

Embora difundida à exaustão e aceita como “a versão oficial dos fatos”, esta perspectiva não goza de unanimidade entre os historiadores da bola. Em primeiro lugar, a idéia de que o futebol teria entrado no Brasil pelas mãos – e pés – de Miller e Cox ignora o fato de que o “jogo da bola” já era anteriormente praticado entre nós, seja nos clubes que agrupavam os migrantes capitalizados de origem inglesa, seja nas regiões portuárias aonde os marinheiros vindos das ilhas britânicas o praticavam nos momentos de folga, seja ainda nos colégios particulares, onde era jogado pelos alunos como atividade física e recreativa sob as vistas de padres sisudos, mas atentos a alguns modelos educacionais implantados na Europa.<sup>173</sup> Segundo José Moraes dos Santos

---

<sup>173</sup> FRANCO JR., Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p 61-2.

Neto, um destes locais de desenvolvimento do jogo seria o colégio São Luiz, em Itu,<sup>174</sup> onde o futebol teria sido introduzido junto a outras atividades desportivas na década de 1880, dentro de um movimento que poderia ser perfeitamente inserido nas idéias higienistas que ganharam força entre a elite dos centros urbanos na virada para o século XX. Inicialmente praticado com uma certa flexibilização em suas regras, o jogo dentro da instituição gradualmente passou a ganhar leis próximas a que conhecemos hoje, embora lhe faltasse ainda um elemento essencial.

Apesar de haverem trazido da Europa as primeiras autênticas bolas de futebol, estimulado a organização de times e concebido uma premiação, não era objetivo dos educadores jesuítas promover o futebol competitivo. Enxergando no jogo bretão apenas uma ferramenta de apoio pedagógico, autorizavam sua prática em ocasiões determinadas, sem estimular a rivalidade entre os alunos e sem qualquer preocupação em divulgar a realização das partidas. Quanto aos colégios de outras ordens religiosas, vale dizer que neles o espírito competitivo estava ainda mais longe de se desenvolver.<sup>175</sup>

Desta forma, o mérito de Muller e Cox estaria não na introdução do futebol enquanto atividade esportiva propriamente dita, uma vez que o mesmo já seria praticado em outros espaços, mas sim em sua promoção enquanto atividade dotada de regras fixas e de um espírito competitivo, fato que se consubstanciaria logo a seguir através da fundação de clubes e na constituição de ligas e campeonatos.

Entretanto, Miller, Cox, e os demais pioneiros do futebol no Brasil não tiveram de lutar apenas contra o geral desconhecimento das regras do novo esporte. Outro grande obstáculo se constituía na aversão existente entre a elite brasileira a tudo que dissesse respeito a atividades físicas. Fruto da longa trajetória de preconceitos acerca do trabalho corporal e da mentalidade colonial que buscava em terras brasileiras a reprodução e a aquisição de hábitos “nobres” de vida, as atividades físicas eram percebidas, ainda em fins do século XIX como manifestações que assinalariam a baixa condição social daqueles que as praticassem. As poucas possibilidades de manifestações lúdicas coletivas (como as Cavalhadas) que não estavam contaminadas aos olhos de seus praticantes pelo vírus danoso da atividade laboral, encontravam espaço principalmente no meio rural, uma vez que nas cidades não apenas os espaços disponíveis eram

<sup>174</sup> Cfe: SANTOS NETO, José Moraes dos. **Op. Cit.**, Após o golpe que institui a República, o colégio seria transferido para a cidade de São Paulo.

<sup>175</sup> **Idem**, p 23.

restritos, mas a própria vigilância exercida pelos aparatos do Estado e da Igreja, sempre zelosos em manter a ordem, controlava gestos, vestuário e momentos de encontro entre as pessoas.<sup>176</sup> Ao mesmo tempo, há que se considerar que até então a maior parte da população encontrava-se no meio rural, sendo as cidades primordialmente um local de encontro para a realização do jogo político entre os poderosos.

Se o incremento da imigração européia e da urbanização ao longo da entrada do século XX faz com que as cidades adquiram um novo peso em sua relação com o meio rural, as teorias higienistas, as quais já nos referimos anteriormente, passam a redesenhar a relação das pessoas com seus próprios corpos. Agora, o desempenho de uma atividade física passa a ser sinônimo de cuidado com o corpo e com a mente, sendo altamente recomendável para o desenvolvimento de uma “raça brasileira”. Claro está, porém, que não estamos aqui falando de quaisquer atividades físicas, uma vez que àquelas destinadas a garantir o sustento continuavam a representar um indicativo de pertencimento a classes socialmente inferiores. Estas eram percebidas como indignas da preocupação dos “melhores representantes de nossa sociedade”, que buscavam em clubes recém fundados o espaço e o convívio adequados para a prática das atividades atléticas diversas demandadas pelas novas formas de viver que gradualmente iam se desenvolvendo nos meios urbanos. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que a cidade ganhava importância enquanto local de convívio, ela também se subdividia em espaços menores, verdadeiras células, adequadas ou não, à freqüência das chamadas “pessoas de bem”.

Esta transformação na forma de se relacionar com o próprio corpo, criando uma nova mentalidade em relação aos exercícios físicos, foi forte o suficiente para ser retratada inclusive fora do país. Com efeito, no ano de 1913, a companhia britânica *Lloyd's Greater Britain Publishing Company Ltd.* lançou uma volumosa obra, com versões em inglês e português, visando traçar um panorama geral do Brasil, apresentado como país ainda inexplorado em muitos aspectos para aqueles que desejassem aqui investir seus capitais. Dentre as diversas temáticas abordadas (economia, geografia, artes, educação, forças armadas...), há um capítulo exclusivo para o desenvolvimento que as práticas desportivas aqui encontravam. Não deixa de ser curioso notar que a perspectiva européia – a qual, lembremos, em muito influenciava nossas elites –

---

<sup>176</sup> Cfe: JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v. 13, nº 23, 1999.

continuava a considerar o Brasil como um território onde as condições climáticas não incentivavam as práticas esportivas. Ainda assim, o movimento é louvado pelos seus efeitos benéfico ao corpo e à formação de uma raça mais forte e mais saudável, sem, contudo, perder de vista seu caráter de elite e, por fim, mas não menos importante, seu papel na formação de pessoas preparadas para a defesa na nação – fator relevante se levarmos em consideração que no ano seguinte iniciaria uma das maiores manifestações do nacionalismo e do imperialismo de História: a Primeira Guerra Mundial. Em outras palavras, sob a dominante ótica européia, higienismo e nacionalismo eram valores que deveriam andar de mãos dadas.

Paiz de origem latina, situado, além disso, numa zona do globo cuja temperatura não é por si um estímulo ao exercícios physicos, o Brazil não começou a interessar-se pelos *sports*, seriamente, sinão pelos meados do século passado. Por esse tempo, porém, não se pode ainda dizer que o gosto pelos *sports* fosse bastante generalizado, de modo a contribuir para a educação physica do povo. Simples divertimento, com as regatas, ou pretexto para jogar com as corridas de cavalos, elle não teve sinão muito mais tarde os benéficos effeitos que lhe são justamente attribuídos. Pode-se dizer que só a penetração de Inglezes e Norte-Americanos, sobretudo de Inglezes, que se foram estabelecendo no paíz e constituindo colônias, em que conservam seus hábitos e meios de vida nacionaes, levou ao Brazil o gosto são pelos exercícios physicos, com o espírito regenerador que lhe attribuem as raças anglo-saxonias.

Em artigos que se seguem a esta introdução geral, expomos a evolução de cada um dos principaes *sports* no Brasil e seu presente estado. O que convém assignalar aqui, de modo geral, é o grande interesse que hoje despertam no paíz todos os sports, preparando uma raça mais sadia e mais forte. Convém ainda dizer que esta reacção salutar começou a fazer-se principalmente com o *rowing*, que preparou já uma pequena geração de athletas, ao mesmo tempo que diffundio entre a melhor sociedade um vivo interesse pela vida sportiva. Presentemente, o remo tem sido um pouco abandonado pelo *foot ball*, cujos campos se enchem todos os domingos de jogadores e espectadores, ao mesmo tempo em que o *turf* absorve outra grande massa de população. Por toda parte, abrem-se novos clubes sportivos, centros de cultura physica, onde a agilidade e elegância da esgrima são exercitadas, ao mesmo tempo que se desenvolve a resistência dos músculos, na violência das lutas greco-romanas. Em todos os collegios e escolas a *gymnástica*, o tiro ao alvo promovem a saúde do corpo e preparam os futuros soldados da pátria. Os próprios intellectuaes que, entre as

raças latinas, costumam tratar com certo desprezo as proezas dos músculos, mostram sympathizar francamente, estimulando-a, com esta alvorada sportiva, que promette ao Brazil uma raça mais forte, mais bella e mais sã (...).<sup>177</sup>

O futebol, assim, surge entre nós disputando espaço com uma série de outras atividades físicas que encontravam respaldo no gosto popular. Já aludimos anteriormente ao prestígio que o remo e as corridas de cavalos gozavam entre a população de então. No entanto, outras modalidades encontravam também certa aceitação entre a elite, como o pedestrianismo (corridas a pé) ou ainda o ciclismo, que dispunham de clubes e espaços próprios para suas práticas. Neste processo, cabia aos menos favorecidos, no máximo, uma posição de discreta torcida à distância.

Sob esta óptica, podemos, sim, argumentar que o futebol surge como atividade ligada à elite nacional. Com efeito, os primeiros clubes brasileiros são majoritariamente ligados aos jovens das famílias abastadas ou ainda ao capital estrangeiro. Dentro da idéia de uma sociedade que buscava copiar os hábitos de vida do mundo dito “civilizado” e aplicar as teorias higienistas para um maior desenvolvimento da raça brasileira, o futebol cabia perfeitamente enquanto atividade que expressava estes novos valores.

No entanto, esta perspectiva atribuída ao futebol no Brasil é, no rigor do termo, uma construção local. Buscando reproduzir em terras tropicais um hábito de vida inglês, utilizando mesmo para tal os termos e padrões do jogo em vigor na Inglaterra, ocultava-se o fato de que em seu local de origem, o futebol era uma prática ligada a outros grupos sociais.

A importância do futebol na nova cultura urbana é evidenciada pela mudança do tamanho e da composição de classe dos torcedores do final da era vitoriana (...). A atração da massa pelo futebol encontrava-se precisamente no meio de uma constelação de práticas culturais populares que também incluíam beber e apostar. O próprio jogo tornou-se uma extensão arquitetônica do arquipélago industrial urbano. ‘Os estádios de futebol pareciam fábricas perto da pequena extensão do hipódromo; as torcidas municipais gigantescas pareciam a mão-de-obra entrando nos portões das fábricas’. Centenas de pessoas deixavam de trabalhar nas tardes de sábado para assistir às partidas, correndo o risco de

---

<sup>177</sup> **Impressões do Brazil no Século XX. Sua História, seo povo, commercio, industrias e recursos.** Rio de Janeiro: Lloyd's Greater Britain Publishing Company Ltd., 1913, p 161. Grifos nossos. Agradeço à professora Beatriz Thiesen, da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, pelo acesso à obra de seu acervo pessoal.

demissão sumária; o dinheiro do público era reservado para o jogo, mesmo durante o desemprego.<sup>178</sup>

No entanto, há uma segunda leitura, proveniente de novas interpretações, acerca da introdução do futebol no Brasil. Esta perspectiva busca retirar o pioneirismo exclusivo dos grupos de elite, procurando valorizar e afirmar as camadas populares enquanto agentes históricos. Tendo em Leonardo Pereira ou Hilário Franco Jr. alguns nomes que lhe endossam, esta nova leitura histórica desloca para as partidas disputadas por marinheiros e alunos de escolas o mérito das primeiras pugnas, ainda que as regras sofressem alguma flexibilização. Posteriormente, ao mesmo tempo em que as Ligas formadas pelos clubes da alta sociedade buscavam reproduzir nos campos o comportamento do *fair-play* e do cavalheirismo, criando normas que excluíam pobres e trabalhadores sob o falso manto de um pretenso amadorismo, grupos populares começaram a apropriar-se desta nova prática esportiva, criando seus próprios clubes e ligas, e disputando partidas conforme as condições materiais de que dispunham.

As fronteiras sociais do futebol começaram a ser transpostas desde cedo com a formação de times improvisados pelos setores populares, que passavam da curiosidade ao mimetismo. Sem equipamentos adequados e jogando com bolas desgastadas e mesmo improvisadas, em terrenos ainda não ocupados pelo processo de urbanização, o futebol dos grupos subalternos tornava-se um modo de representação da existência negada em outros campos sociais. Em pouco tempo, uma série de equipes e clubes foi constituída por iniciativa de pequenos comerciantes, operários e artesãos das grandes cidades.<sup>179</sup>

Outro ponto, por muito tempo aceito em nossa historiografia acerca das origens e motivos da difusão do futebol que começa a ser lentamente contestado através de novos trabalhos é a sua ligação intrínseca com a capoeira no que se refere à forma gingada que assume a partir do momento de sua popularização. Esta ligação entre uma atividade e outra, feita muitas vezes de forma direta, é, com efeito, tributária dos comentários de Gilberto Freyre ao prefaciar em 1947 a primeira edição de *O negro no futebol brasileiro*. Com efeito, a ligação estabelecida por Freyre entre o futebol e a capoeira – e também o samba – passou a assumir uma característica de verdade incontestável a partir do momento em que universalizou-se entre nós a perspectiva do “jeito brasileiro de

<sup>178</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Op. Cit.**, p 20-1.

<sup>179</sup> FRANCO JR., Hilário. **Op. Cit.**, p 63-4.

jogar futebol”, marcado pela ginga, pela finta e pela malandragem. Segundo esta visão, o surgimento de tais características para nosso futebol seria uma decorrência direta da introdução dos primeiros jogadores negros em um quadro ainda marcado pela predominância do racismo dentro dos campos e pela busca da manutenção do esporte enquanto marca distintiva de classe por parte das elites. Assim, diante de uma situação adversa, onde não existiriam faltas contra si, ao mesmo tempo em que deveriam evitar entradas mais firmes nos jogadores brancos sob pena de saírem de campo acompanhados de policiais pouco amistosos, caberia aos atletas negros recém inseridos no jogo utilizar seus conhecimentos de ginga provindos da capoeira e do samba a fim de desenvolver um estilo de jogo que minimizasse o contato físico com os adversários.

É interessante perceber como tal perspectiva se encaixa na leitura do desenvolvimento do futebol enquanto sintoma de modernização no começo do século XX. O próprio prefeito Pereira Passos teria sido um agente involuntário a propagar o futebol na capital do país, na medida em que reprimia a ação de capoeiristas enquanto suas obras de modernização abriam espaços baldios onde os despossuídos poderiam simular, com as condições disponíveis, o novo jogo que os bem nascidos praticavam em seus *fields*. Assim, o futebol seria entre nós não somente um fruto do desejo de modernidade dos “de cima”, mas também um fruto da modernidade imposta aos “de baixo”.

Ao ser assumida como verdadeira, a ligação futebol-carnaval-capoeira legitima uma auto-imagem do brasileiro, uma vez que “nossa visão de nós mesmos, através do futebol, passa certamente pelos *dribles*, *gingas*, *malandragens*, enfim, por todo um *estilo brasileiro*”.<sup>180</sup> Em outras palavras, ao popularizar-se, o futebol passa a ser tratado como um espelho onde o Brasil pode ver a si próprio, com um estilo e com valores que lhe conferem uma identidade, marcada pela ginga, pela malícia e pela carnavaлизação.

Tal identidade é construída a partir de um quadro de ausência de unidade, fato que pode ser verificado através dos discursos dos intelectuais do começo do século XX ou ainda nas práticas de segregação sócio-racial dos clubes fundados pela elite da capital brasileira. Com efeito, fenômenos semelhantes se davam em outros locais do país, onde o futebol igualmente encontrava um forte desenvolvimento, sendo praticado em clubes e ligas restritas à alta sociedade, restando aos pobres e negros a fundação de ligas próprias para que pudessem praticar o futebol entre agremiações que lhe fossem exclusivas.

---

<sup>180</sup> GUEDES, Simoni Lahud. **Op. Cit.**, p 66.

Como exemplo, segundo Gilmar Mascarenhas de Jesus, existia no Rio Grande do Sul ao menos três ligas destinadas à prática do futebol à margem dos clubes e ligas oficiais: a Liga Nacional de Futebol Porto Alegrense (mais conhecida como “Liga das Canelas Pretas”); a Liga José do Patrocínio, no município de Pelotas; e ainda a Liga Rio Branco, no município de Rio Grande. Abordando o caso específico da primeira em seu trabalho, o autor aponta para outra interessante relação: a do desenvolvimento do futebol popular nos principais núcleos urbanos e a forma como se organizavam espacialmente estes territórios.

Nesse contexto se observa a formação de um novo bairro na cidade, reconhecido oficialmente desde 1896 como “arrabalde da colônia africana”. Composta por tanques públicos para as lavadeiras e casario rústico de madeira, a aglomeração compacta da população negra na franja da mancha urbana de então constitui uma espécie de *gueto*, centro de práticas religiosas afro-brasileiras e alvo de intensa discriminação na imprensa local já em 1895. Desse arrabalde periférico, verdadeiro enclave étnico situado numa colina, descerão os negros em direção à várzea do “Caminho do Meio”, do “Campo do Bom Fim” ou da “Volta do Cordeiro” para praticar o futebol.<sup>181</sup>

Seguindo o que ocorria no centro do país, no sul do Brasil a cidade era tomada por uma ânsia de modernidade, sendo a prática de esportes um sintoma de um novo estilo de vida. Respondendo a esta nova necessidade social, o futebol, em seus primórdios, também disputaria espaço, na capital gaúcha, com outras atividades, notadamente o remo, o ciclismo e o turfe.<sup>182</sup>

Fenômeno muito semelhante parecia ocorrer em outros pontos do Brasil. Segundo José Moraes dos Santos Neto, os times populares em São Paulo eram vistos como “brutos, incapazes de seguir as regras de conduta do futebol e dos *gentlemen* ingleses, sendo designados de forma pejorativa pelos jornais como “canelas negras”.<sup>183</sup> Já Leonardo Pereira nos chama a atenção para o fato de que os grandes clubes do Rio de Janeiro se localizavam, quando de sua fundação, na zona sul carioca, enquanto as regiões periféricas da cidade comportavam os clubes e ligas menores, destinados prioritariamente a negros, pobres e/ou trabalhadores em geral. Também as mensalidades

<sup>181</sup> JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O futebol da *Canela Preta*: o negro e a modernidade em Porto Alegre. In: **Anos 90: revista do programa de pós-graduação em História**. Porto Alegre: UFRGS, nº 11, jul/1999, p 145.

<sup>182</sup> **Idem**, p 148.

<sup>183</sup> SANTOS NETO, José Moraes. **Op. Cit.**, p 53.

dos clubes eram utilizadas como instrumento para reforçar este caráter de clivagem sócio-econômica.<sup>184</sup>

Desta forma, a introdução do futebol no Brasil, entendido enquanto prática dotada de regras e disputas entre equipes corresponde a um movimento dos grupos endinheirados que o introduziram no país. Sua popularização, contudo, é fenômeno dotado de múltiplas faces, compreendendo também sua disseminação através de grupos populares, até que estes fossem aceitos entre os grupos de elite, vencendo ao mesmo tempo a concorrência pela predileção nacional ante outras atividades esportivas. Se este caráter de atividade ligada aos mais altos extratos da sociedade é já amplamente trabalhado por diversos autores,<sup>185</sup> sua popularização parece antes um fenômeno ainda não isento de controvérsias por aqueles que se dedicam ao estudo das facetas históricas, sociológicas ou antropológicas do esporte bretão.

Deste modo, para marcar nossa posição neste debate, entendemos que não há somente um surgimento do futebol no Brasil, entendido como fenômeno singular, único, mas sim a existência de diversos “futebóis”, posto que em sua origem, ao menos três matizes diferentes são possíveis de serem verificados através dos estudos já realizados: o futebol da elite e dos grandes clubes, surgido como atividade de lazer e marca de posição social; o futebol de fábrica, que, embora seja também visto como uma atividade surgida para os momentos de folga dos operários, possui a função de disciplinamento dos corpos fora dos momentos de trabalho; e ainda o que podemos chamar de “futebol malandro”, surgido nas ruas através da observação direta do jogo feita por elementos populares e praticado dentro das condições materiais possíveis (flexibilização de regras, improviso de bolas, campos, uniformes, etc...).

Assim, a profissionalização da atividade nos anos 30 não apenas corresponde à ruptura com o ideal amadorístico defendido pelas elites, mas sinaliza também para o momento em que, devido ao próprio crescimento que encontraram, as três faces diferentes que a modalidade assumiu passaram a ter suas fronteiras fluídas. Assim, ao mesmo tempo em que não haveria mais como manter o espírito amador da atividade diante do “profissionalismo marrom” que muitos clubes já praticavam, o futebol das ruas e das fábricas passava a se relacionar com o das elites, fornecendo jogadores que

---

<sup>184</sup> Cfe: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Op Cit.**, p 230 e seguintes.

<sup>185</sup> A título de exemplo, para além dos já citados livros de Mário Rodrigues Filho e Leonardo Affonso de Miranda Pereira, é possível também encontrar tal perspectiva em outras obras tais como: SANTOS, Joel Rufino dos. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981; AQUINO, Rubim Santos Leão de. **Futebol: uma paixão nacional**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

passariam a ter na atividade a possibilidade de uma ascensão social, muito embora as barreiras do preconceito se mostrassem por vezes resistentes. Simultaneamente, o futebol “dos pequenos” passa a ter por vezes nos campos da elite seu modelo, através da adoção de nomes, cores e alcunhas dos grandes clubes para a sua prática.<sup>186</sup> Este futebol das ruas muitas vezes irá proporcionar aos grandes clubes alguns de seus maiores craques, evidenciando que a popularização da atividade passara a ser um fenômeno sem volta.<sup>187</sup>

Cabe ainda lembrar que esta popularização do futebol ocorre dentro de um contexto histórico específico. Com efeito, se o começo do século XX pode ser marcado, no Brasil, pela introdução de novas percepções sobre as atividades físicas, no plano internacional os movimentos nacionalistas, especialmente atuantes desde o século anterior, passam a marcar a relação entre os Estados e seus cidadãos. Assim, enquanto no exterior a exacerbação de tais sentimentos conduziria o mundo aos horrores da Primeira Guerra Mundial, no Brasil, autores como Euclides da Cunha ou Oliveira Lima passavam a mostrar viva preocupação com as formas que se daria a assimilação de elementos culturais e étnicos diversos dentro de uma mesma unidade. Diante da inconveniência da guerra – seja ela contra os soldados estrangeiros ou os jagunços da nação – a vinculação entre a bandeira e o esporte em geral (e o futebol em particular) acabaria por proporcionar uma solução para as formas de se expressar o nacionalismo.

\* \* \*

---

<sup>186</sup> Fenômeno semelhante, embora no âmbito profissional, pode ser visto hoje na apropriação de nomes, insígnias e cores de “clubes grandes” por parte de “clubes pequenos”. Tal apropriação pode, também, se dar entre clubes de países diferentes. Como exemplo, basta lembrar a quantidade de “Flamengos” que existem pelo país (Alegrete-RS; Teresina-PI; Guarulhos-SP, etc). A apropriação de cores e insígnias pode ser exemplificada pela existência do Jaciara-MT e do Montes Claros-MG, cujas cores e distintivos são uma evidente referência ao Grêmio Porto-alegrense. A supressão das fronteiras nacionais pode ser exemplificada através da existência do Barcelona-SP ou do Milan de Júlio de Castilhos-RS, para não falar do próprio Sport Club Corinthians Paulista, fundado em 1910 e cujo nome faz clara referência a um clube inglês que havia excursionado pelo país algum tempo antes. Contudo, os torneios amadores costumam ainda ser pródigos em Milans, Barcelonas, Flamengos e Ajaxes, entre outros.

<sup>187</sup> Este “futebol das ruas” no entanto, pode não significar apenas aquele praticado pelos extratos mais baixos da sociedade. Dois exemplos dentro de um mesmo clube podem ser elucidativos neste sentido. No final de 1939, o Botafogo apresentava um novo jogador, Heleno de Freitas, filho de família abastada e que, embora tenha tido uma rápida passagem pelas divisões de base do Fluminense, fora descoberto jogando futebol nas areias de Copacabana. Heleno seria um dos maiores craques da história do clube até o surgimento de Garrincha em 1953, que foi descoberto nos campinhos de terra de Pau-Grande, região periférica e proletária do Rio de Janeiro.

Se o surgimento da imprensa moderna no Brasil é um fenômeno que pode ser historicamente datado e contextualizado, o mesmo ocorre se analisarmos especificamente a imprensa esportiva.

Uma vez que surge entre nós na virada do século XIX para o XX, a grande imprensa brasileira tem seu momento de nascença atrelado à introdução das idéias de modernidade e aos discursos que propunham identificar, em nosso passado e em nossa formação social, a origem de nossos males.<sup>188</sup> Além disto, pela sua própria natureza, os jornais que então surgiam já ostentavam uma marca que perdura ainda hoje: a de instrumentos de grupos sócio-econômicos específicos que se valem de sua inserção na sociedade a fim de difundir suas idéias e interesses como “naturais” ou “corretos”, ou ainda, apenas para usar outra expressão, hegemônicas.

Não é de estranhar, portanto, que as primeiras referências feitas nestes jornais às atividades esportivas possam ser também vistas como verdadeiras coberturas das atividades da elite brasileira, promovendo na prática o discurso da eugenia e da higienização. Devemos estar atentos também para o fato de que tais matérias, somadas às propostas de branqueamento do país e de culpabilização de pobres, negros e mestiços por nossos problemas feitos por intelectuais da época, acabavam por formar um conjunto perfeitamente acabado de legitimação do domínio de um grupo social por outro. Desta forma, o aparecimento dos grupos populares nestes primeiros jornais costumava se dar sob o epíteto de “elementos” e estarem localizadas nos espaços destinados às tragédias e desgraças – as mães das atuais páginas policiais – quando não vinculadas há alguma forma de publicidade que mais parecia ignorar o fim do regime escravocrata.

Foi então que o estranho fenômeno aconteceu. Sem que pudesse controlar, os responsáveis pela criação dos primeiros grandes clubes de futebol, espaço onde deveria imperar o *fair play* e a conduta cavalheiresca, viram sua prática esportiva ser copiada por inúmeras pessoas que, em condições normais, jamais seriam admitidas nos pavilhões sociais de seus clubes. Não bastasse isto, as suas próprias agremiações começaram a atrair a atenção e a simpatia de contingentes sociais bem maiores do que até então estava previsto. A sociedade que havia se esportivizado, também havia, dentro deste processo, se futebolizado, e agora assistia à disseminação deste mesmo processo

---

<sup>188</sup> Cfe: CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **Op. Cit.**, p 117-8.

pelas camadas populares. No esteio deste fenômeno, surgia uma nova figura: a do cronista esportivo.

É possível perceber, nesse período a vigência de uma *crônica sobre os esportes*, mas não de uma *crônica dos esportes*. Além disso, no ambiente diário do jornalismo, o futebol também não possuía grande espaço. De uma forma esquemática, pode-se dizer que até 1910 apenas algumas linhas eram concedidas ao futebol nas edições dos jornais de domingo e de segunda-feira. Já após 1910, o futebol transformava-se paulatinamente em assunto jornalístico, sendo que em 1917 é criada a Associação de Cronistas Esportivos no Rio de Janeiro. O cronista esportivo constituía ainda uma espécie de curinga do jornalismo, desempenhando as mais variadas funções de reportagem, o que atestava a ausência de autonomia e de especialização dada à sua atividade.<sup>189</sup>

Há, desta forma, o processo de criação de um segmento jornalístico que atende uma demanda surgida a partir do desenvolvimento de uma prática social. Não é a imprensa que populariza o futebol através das suas páginas; antes, é o futebol que, assumindo a condição de esporte de massa e produzindo um grande interesse por parte da sociedade, se mostra aos jornais como assunto “vendável”, capaz de atrair um grande contingente de leitores. Conforme Simoni Guedes, “se a imprensa esportiva sem dúvida cria o seu público, ela não o faz por um ato de mágica, mas catalisando de modo eficiente os temas que interessam a ele”<sup>190</sup> Isto não significa, contudo, que o futebol tenha gozado desde o princípio do status de assunto sério dentro das redações. Esta conquista de um espaço e de uma linguagem própria para o segmento esportivo parece antes ser o resultado de dois fatores distintos. O primeiro, a já apontada inserção que o futebol ia galgando dentre a população brasileira, tornando os assuntos relacionados à bola vendáveis. Antes, porém, a prática inicial através de grupos abastados funcionou como um instrumento a abrir as portas das redações jornalísticas ao futebol, potencializando sua popularização, ainda que esta não dependesse estritamente deste fator.<sup>191</sup>

---

<sup>189</sup> HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **Op. Cit.**, p 142-3.

<sup>190</sup> GUEDES, Simoni Lahud. **Op. Cit.**, p 47.

<sup>191</sup> Conforme Arlei Damo, um dos primeiros procedimentos da comissão que organiza a introdução do futebol em Porto Alegre em 1903, através de uma apresentação do Sport Club Rio Grande, foi procurar o jornal *Correio do Povo* para divulgar o evento. Cfe: DAMO, Arlei Sander. **Op. Cit.** (2002), p 60.

Outro importante fator que auxilia na formação da imprensa esportiva está em uma característica intrínseca ao jornalismo moderno: o desenvolvimento de uma linguagem específica, capaz de estabelecer uma comunicação apropriada com os leitores deste segmento. Sendo o universo esportivo um meio dotado de códigos próprios, cabia aos jornais a difícil tarefa de reproduzir tais códigos, tornando-os, ao mesmo tempo, acessíveis à maioria de seus leitores. Não há como negar, neste sentido, que a utilização de expressões em inglês, no momento em que a própria modernidade é entendida como um valor a ser importado, vem conferir ao conjunto dos esportes e das notícias a ele relacionados uma maior respeitabilidade, no mesmo instante em que o próprio futebol vai galgando os degraus da popularidade.<sup>192</sup> Ainda assim, dentro do universo dos “fatos jornalísticos”, o futebol é considerado como pertencente a uma dimensão menor, que não diz diretamente respeito ao mundo do trabalho, da política ou da economia, mas do entretenimento e da distração.<sup>193</sup> Poderia ser ao menos curioso, neste sentido, estabelecer uma “arqueologia jornalística” que nos levasse do *foot-ball* ao futebol; do *goalkeeper* ao goleiro, e do *back* ao zagueiro.

Contudo, o desenvolvimento deste setor da imprensa, associado à massificação do esporte, acabou por criar uma série de compensações para este caráter “menos sério” atribuído à crônica esportiva. Com efeito, ao se permitir uma linguagem menos pesada, onde os termos popularizados do jogo acabam por integrar o próprio cotidiano dos torcedores, os jornalistas esportivos são, muitas vezes, alçados a condição de estrelas – ainda que coadjuvantes – do espetáculo. Não é de surpreender, neste sentido, que muitos destes acabem obtendo uma fama superior a de muitos atletas, ainda que sua função não diga respeito diretamente à produção do espetáculo em si, mas à intermediação entre jogador ou clube com seu público. Se tal fenômeno pode facilmente ser percebido hoje, quando as imagens de clubes, atletas e jornalistas não encontram maiores dificuldades em circular ao redor do mundo através da Internet ou mesmo de TV’s à cabo, o mesmo pode ser dito a respeito da primeira metade do século XX, quando a estes jornalistas cabia não apenas interpretar, mas muitas vezes criar uma imagem, dados os recursos tecnológicos da época ou mesmo a importância então assumida pelo rádio enquanto instrumento de difusão do futebol e de seus personagens.

---

<sup>192</sup> Cfe: OLIVEIRA, Maria do Carmo Leite. Futebol na imprensa: uma releitura histórica. **Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro: UERJ, nº3/4, 1996, p 24.

<sup>193</sup> Cfe: GASTALDO, Édison Luis. A pátria na “imprensa de chuteiras”: futebol, mídia e identidades brasileiras. In: GASTALDO, Edison; GUEDES, Simoni Lahud (orgs.). **Nações em campo: Copa do mundo e identidade nacional**. Niterói: Intertexto, 2006, p 89-90.

Desta forma, trabalhando diretamente com um elemento lúdico e integrante do cotidiano de boa parte dos brasileiros, a crônica esportiva passa a ocupar um importante posto dentro da produção de um imaginário acerca do futebol e de todos os demais valores que pudessem ser a ele associados. Se a popularização do futebol prescindiu da existência de uma imprensa especializada, a criação de vínculos entre o jogo e a nacionalidade passava a ser permeada constantemente pela atuação de tais profissionais.<sup>194</sup> Assim, através da mediação entre o campo e a arquibancada, surgiu agora uma nova dimensão para a atividade desempenhada pelos jornalistas esportivos: a interpretação do futebol enquanto imagem da nação. Sobre este processo, trazemos a reflexão de Rafael Bayce:

Que rituales construyen las autoimágenes colectivas y qué papel juegan los rituales futbolísticos? No sólo los partidos como juegos deportivos, sino también las hinchadas, la cobertura massmediática, los equipos como encarnaciones de solidariedades y rivalidades, los jugadores como ídolos, héroes y modelos de rol, los periodistas como narradores épicos populares, como “constructores de la tradición”, como coautores de leyendas y mitos fundantes, como responsables de la mitopoiesis y de su sustentación, como interpretantes de nuevos hechos, como resignificadores.

Esos rituales de constitución, refacción y, a veces, desmoronamiento de autoestima y autoimágenes son, sin embargo, muchas veces, el producto de una narración y de discursos impuestos massmediáticamente desde elaboraciones de heteroimágenes, más o menos aceptadas o más o menos resistidas en la construcción de las subjetividades y de las identidades.<sup>195</sup>

Há, aqui um ponto que julgamos de fundamental importância em nossa exposição: esta capacidade da imprensa esportiva em “construir” mitos, imagens e auto-imagens. Com efeito, se pensarmos agora na forma como organizamos o capítulo anterior, perceberemos que da mesma forma que os intelectuais sistematizavam e apresentavam imagens e percepções sobre a nação, construindo uma idéia de Brasil que seria

<sup>194</sup> Ainda segundo Leonardo Pereira, um momento central na criação de vínculos entre o futebol e o sentimento de nacionalidade no Brasil se deu por ocasião do Campeonato Sul-Americano de 1919, disputado no Rio de Janeiro e vencido pelo Brasil. Segundo o autor, o comparecimento de público aos jogos do certame provocou surpresa em muitos cronistas, que passaram a ver o futebol como um poderoso agente de aglutinação em torno da idéia de nacionalidade. Ao mesmo tempo, seriam criados os primeiros “heróis nacionais dos campos de futebol”, como o atacante Friedenreich e o goleiro Marcos de Mendonça.

<sup>195</sup> BAYCE, Rafael. Cultura, identidades, subjetividades y estereótipos: preguntas generales y apuntes específicos en el caso del fútbol uruguayo. In: ALABARCES, Pablo (org.). **Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2003, p 165.

difundida interna e externamente, igualmente a imprensa de forma geral, e a esportiva em particular (para nosso caso de estudo), produzia – e produz – um conjunto de imagens e significados para a nacionalidade brasileira. Pode-se argumentar que, para o caso da imprensa esportiva, tais valores podem assumir características positivas ou negativas conforme o resultado final das disputas – e isto muitas vezes é correto –, mas ao mesmo tempo, tais operações sofrem a interferência do momento em que são produzidas. Assim, é importante levarmos em conta, ao nos reportarmos à IV Copa do Mundo, que a mesma foi disputada em um contexto onde a idéia de construir uma “nacionalidade brasileira” fazia parte dos projetos políticos do país; que se tal projeto existia, é porque a unidade necessária para tal construção não existia, dado o distanciamento que historicamente havia entre o litoral e os sertões; entre senhores e escravos; entre brancos e negros; entre ricos e pobres; entre aqueles que tomavam parte no jogo político e aqueles a quem cabia apenas assistir. Se a competição em pouco se distanciava do momento em que teorias de integração foram produzidas, como as de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, se apenas há poucos anos a idéia de que a cultura nacional pudesse nos representar com dignidade passara a ser formulada, o peso de outras noções, como a de eugenio, de determinismo biológico e racial, de civilização *versus* barbárie, continuavam a encontrar respaldo em muitos meios influentes de nosso país.

Por mais que sejam considerados pelos seus pares como profissionais de uma área “menos séria”, os jornalistas esportivos evidentemente estão longe de serem pessoas de parco nível educacional. Tendo isto em mente, não é difícil imaginar que muitas daquelas obras que, a partir da virada do século, propunham interpretações acerca do Brasil e explicações para o seu atraso diante das nações mais desenvolvidas tenham sido lidas por boa parte destes jornalistas, exercendo sobre eles certa influência. A título de exemplo, basta lembrar aqui o quanto um jornalista seminal para a História da crônica esportiva como Mario Filho foi influenciado pela obra de Gilberto Freyre. Ora, se *Casagrande & Senzala*, como vimos, se apresenta como uma obra inovadora sob muitos aspectos, é porque ela provoca rupturas com uma certa forma de ler o passado que se fazia até então, marcando uma espécie de “fronteira historiográfica”. Nada mais natural, então, que as obras mais “antigas”, de uma visão mais “tradicional”, localizadas do outro lado dessa fronteira, continuassem a também exercer influência sobre uma parte destes jornalistas, moldando sua forma de ver o país e seus múltiplos aspectos, inclusive aquela manifestação esportiva que agora passava a ganhar ares de símbolo nacional.

Neste sentido, parece-nos exemplar, pelo caráter de transição entre uma forma e outra de pensamento, o texto de Autregésilo de Athayde, publicado pela revista *O Cruzeiro* após o término da competição, mas visivelmente escrito antes do desfecho do certame.

#### UFANO-ME DO MEU PAÍS.

Muita admiração tem tido o povo diante do Estádio Municipal. As proporções do monumento, sagrado pela orgulhosa afirmativa de ser o maior do mundo, as extraordinárias comodidades previstas para os seus freqüentadores, a perfeição técnica da estrutura, lisonjeam a nossa vaidade. Enfim, fizemos alguma coisa verdadeiramente única!

Pois não é certo que, donos de um dos maiores países do mundo e onde tantas obras da natureza são agigantadas, sofremos de um complexo de mesquinhez que se revela pelo acanhado das realizações humanas?

Aflige-nos o temor de realizar as coisas, tendo menos em vista as necessidades de hoje do que as de amanhã.

É sabido que quando o prefeito Pereira Passos abriu a Avenida Central, considerava-se que estivesse atacado de megalomania. Para que uma rua tão larga, rasgada de mar a mar, se não há tráfego nem de veículos nem de pedestres para justificá-la?

Assim éramos no começo do século. Assim continuamos a ser no meio do século. Mas os aplausos com que está sendo recebido o Estádio, a gloriosa e consoladora sensação de possuir algo que é “o maior do mundo”, batendo os “records” americanos nessa espécie de grandeza, talvez nos libertem desse complexo de mesquinhez, que estabelece tão rude contraste entre o que faz o homem do Brasil e as imponentes majestades com que nos dotou a natureza.<sup>196</sup>

Note-se que o “complexo de mesquinhez” de Autregésilo de Atahyde em muito se aproxima do “complexo de vira-latas” de Nelson Rodrigues, ao mesmo tempo em que reforça a idéia da inoperância, já abordada por autores como Lobato ou, em tempo mais remoto e a seu modo, Oliveira Lima. Desta forma, o ato de colocar-se em posição de inferioridade diante de outros povos do mundo poderia ser percebido como um movimento simultâneo à nossa incapacidade de grandes realizações.

Assim, o discurso da crônica esportiva longe está de ser apenas “esportivo”. Ocupado um grande espaço nos meios jornalísticos, possuindo um público fiel e que dedica boa parte de seu tempo a acompanhar times, seleções e campeonatos, e tendo como mote de seu trabalho uma atividade na qual parcela significativa da sociedade se

---

<sup>196</sup> *O Cruzeiro*, 29 de julho de 1950, p 5. Grifos nossos.

espelha, o discurso de tais profissionais acaba por assumir, quando analisado em um período de tempo longo, ou ainda em momentos de maior mobilização nacional como são as Copas do Mundo, um sentido muito mais profundo. Conforme Luiz Henrique Borges:

O Brasil como país do futebol não é um dado natural, mas uma construção discursiva que pode ser datada temporalmente. Na construção dessa imagem os cronistas esportivos tiveram um papel proeminente, afinal as crônicas estavam presentes nos grandes jornais que circulavam diariamente pelo país. Cabe ressaltar que até o aparecimento e popularização da televisão, o papel de informar e formar a opinião pública coube especialmente aos jornais e às rádios. Por meio desses dois meios de comunicação, os cronistas de futebol emitiam suas opiniões sobre os acontecimentos e iam construindo suas interpretações não só dos jogos em si, mas também, de forma consciente ou inconsciente, de país.

Pode-se afirmar que as crônicas não se circunscrevem apenas à área esportiva, mas seus discursos atingem outros espaços de sociabilidade, e nesse sentido, as reflexões acerca do futebol abarcam não só questões identitárias, mas também são portadoras de projetos para a nação brasileira.<sup>197</sup>

À primeira vista, afirmar que jornalistas esportivos sejam também portadores de um projeto de nacionalidade, ou, ao menos, enunciadores (ainda que involuntários) de tal projeto, pode parecer algo temerário. Todavia, Simoni Guedes nos lembra de que as interpretações possíveis acerca do Brasil e dos brasileiros são múltiplas e se dão através de manifestações diversas. Tais manifestações podem ter entre si uma fronteira fluída, onde traços de uma se coadunam aos de outra, estabelecendo assim um constante movimento de troca – e, porque não, de complementaridade. O exemplo clássico neste sentido parece ser as relações entre o futebol, o carnaval e as religiões afro-brasileiras, talvez cabendo ainda dentro deste esquema a capoeira. Todavia, para se difundirem como leituras válidas do país, tais interpretações necessitam de canais que, embora sem discutir sua validade ou pertinência, as identifiquem com a população. É aí que entra a imprensa esportiva, disseminadora de valores e concepções que permitam a associação

---

<sup>197</sup> BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. Do complexo de vira-latas ao homem genial: futebol e identidade no Brasil. p 2. In: **Histórica: revista eletrônica do arquivo do Estado de São Paulo**. Disponível em <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edição24/materia02/>. Acesso em 27/11/2007.

destas manifestações não apenas com o sentido de pertencimento à uma dada nacionalidade, mas com a própria pátria.

De fato, o futebol, como a maioria dos esportes, é excelente terreno para a construção e confrontação de juízos sobre a nação. E é justamente porque os esportes se constituem em “domínio menor” da sociedade que apresentam enorme abertura às mais diversas apropriações ideológicas (...). Tratando-se da atuação da seleção brasileira de futebol, chega a ser impressionante o modo como se passa, sem nenhuma mediação considerável, da avaliação do time para a avaliação do *povo*. As vitórias da seleção nacional evidenciam a capacidade do povo brasileiro enquanto as derrotas são nada menos que denúncias de sua indigência.<sup>198</sup>

Pensar tal fenômeno na primeira metade do século XX demanda também pensar a construção de imagens com as quais a sociedade brasileira pudesse se identificar. Se tivermos em mente que as competições esportivas neste período possuíam ainda um caráter extremamente regionalizado, o surgimento dos primeiros ídolos esportivos de dimensão nacional deve ser atribuído a dois tipos de imagens que, simultaneamente, encontravam sua difusão pelo país. Em primeiro lugar, as fotografias de jornais e revistas que, por vezes sob condições técnicas precárias, levavam a estados distantes o rosto, o aspecto físico dos principais atletas (principalmente do eixo Rio-São Paulo), conferindo a eles uma materialidade ante o conjunto da nação que de outra forma não seria possível. Ao mesmo tempo, através do texto escrito e das locuções radiofônicas, somava-se a esta imagem material uma “imagem imaginada”, afinal, se poderia não saber como eram exatamente os atletas, mas era possível, através de textos e locuções, ter uma idéia aproximada de suas aparências e de seus desempenhos dentro de campo; sabia-se da sua existência, e esta passava a ter um significado específico para o conjunto da sociedade.

**“Apesar de vencidos, os gaúchos defenderam com denodo o renome do nosso futebol”.**

O Rio Grande do Sul esportivo acompanhou, ante ontem, mergulhado em um misto de alegria e de tristeza, o desenrolar do encontro que se realizava, na capital da República, entre o Selecionado Nacional, que disputará o

---

<sup>198</sup> GUEDES, Simoni Lahud. **Op. Cit.**, p 19-20.

Campeonato do Mundo, e um combinado formado por jogadores do Grêmio e do Internacional.

Grande foi o nosso contentamento, ao sentirmos, através da palavra parcial de numerosos locutores, a brilhante exibição dos rapazes gaúchos, tudo envidando, com entusiasmo e extraordinária combatividade, para obrigar o adversário a mostrar-se dentro das suas verdadeiras possibilidades.

Tristes, entretanto, ficamos, paralelamente, ante a péssima atuação dos pupilos de Flávio Costa, cujo comportamento estava muito aquém das decantadas qualidades profissionais dos jogadores que, dentro de 20 dias, estarão representando o Brasil na maior competição esportiva do mundo.

Flávio Costa, um dos mais discutidos treinadores da América, deve ter vivido, domingo, instantes de angústia e desespero, ante a displicência e o menoscabo com que se batiam os moços por ele selecionados e por ele preparados, técnica e psicologicamente, para os rudes embates que se aproximam.

Eram onze almofadinhas fazendo o “footing” no gramado, não querendo molhar as camisetas nem desmanchar os cabelos, em sua maioria cuidadosamente alisados, e também com a preocupação de saírem de campo com os sapatos lustrosos e sem a mínima parcela de pó.

Do outro lado, viam-se moços idealistas, nove dos quais absolutamente desconhecidos para o irreprochável Flávio Costa e que, suando as camisetas e fazendo das tripas coração, ofereciam aos espectadores da capital brasileira um soberbo espetáculo de abnegação, entusiasmo, combatividade, vigor e ascendrado espírito de luta (...).<sup>199</sup>

Tal fenômeno também pode ser pensado em uma dimensão regionalizada (o que fica explícito pela citação acima), abrangendo não o conjunto da nacionalidade, mas criando fragmentos diversos de um mesmo fenômeno que comporão em seu conjunto as múltiplas faces do futebol brasileiro – e, por extensão, do próprio Brasil. Assim que, simultaneamente à criação de um “estilo brasileiro” de jogar futebol e aos primeiros grandes ídolos nacionais, surgem os diversos estilos regionais e os primeiros craques que, em menor medida, passaram a personificar estas leituras diferenciadas acerca do jogo e estas identidades espacialmente localizadas. Alguns destes nomes ainda povoam o imaginário dos torcedores mais aficionados, capazes de discorrer não somente sobre a

---

<sup>199</sup> *Correio do Povo*, 06 de junho de 1950, p 13. O jogo entre brasileiros e gaúchos fazia parte da preparação do selecionado nacional para a Copa do Mundo e terminou com a vitória da equipe brasileira. Segundo o jornal catarinense *O Estado*, “o quadro sulino impressionou vivamente, enquanto a seleção do Brasil não convenceu, salvando-se graças às substituições”. Já o jornal soteropolitano *A Tarde* comentou que “ainda desta vez o quadro que Flávio Costa arma não conseguiu impressionar. E o escore final de 6X4 bem diz que a defesa do selecionado nacional ainda está carecendo de maior firmeza e entendimento”. Cfe: *O Estado*, 07 de junho de 1950, p 4; *A Tarde*, 05 de junho de 1950, p 9.

última partida de seus times, mas também acerca de detalhes específicos da história do clube de sua predileção.

Não se trata aqui simplesmente da construção de ídolos esportivos em escala local. Antes, queremos apontar para o futebol enquanto elemento que auxilia na formação de uma identidade específica na medida em que passa a absorver e expressar os valores atribuídos a uma determinada coletividade. Tais valores obviamente não são criados pelo jogo, mas este passa a representar uma forma com que esta identidade se materializa ante os olhos de uma parcela expressiva da sociedade. Em *Fútbol y patria*, Pablo Alabarces nos chama a atenção para o fato de que as narrativas nacionais em relação ao futebol na Argentina, construídas, sobretudo, por jornalistas populares, são em muito tributárias de perspectivas oriundas da cultura escolar promovida pelo próprio Estado argentino.

Por ejemplo, las narrativas periodísticas que fundan el mito de un estilo criollo del fútbol argentino en la década de 1920 son coherentes y complementarias con los relatos “gauchistas” de Leopoldo Lugones, que funcionan instaurando un campo de posibilidades del discurso, un campo legítimo y oficial, que la acción escolar transforma en hegemônica.<sup>200</sup>

Se voltarmos agora nossas atenções novamente para o primeiro capítulo, veremos que temos ali alguns poucos exemplos – entre outros tantos possíveis – de discursos criados acerca do brasileiro, discursos estes que buscam, antes de mais nada, perpetuar um conjunto de imagens que dê conta de uma coletividade ampla, dispersa e extremamente heterogênea. Interessante também notar que tais discursos, ainda que elaborados a partir de locais de poder que muitas vezes evidenciavam a exclusão do chamado “cidadão comum” do conjunto de seus destinatários mais imediatos, encontravam, através da penetração em outros campos que não o acadêmico ou letrado, formas de se disseminar pelo tecido social. Assim, a transposição dos valores atribuídos pelos intelectuais brasileiros do começo do século XX à nação brasileira para os selecionados que a representavam nos campos de futebol parece ser uma operação que, embora feita por vezes de forma inconsciente, nada mais é do que o ato de projetar uma

<sup>200</sup> ALABARCES, Pablo. *Fútbol y patria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina*. Buenos Aires: Prometeo, 2002, p 201. Leopoldo Lugones (1874-1938) foi um importante escritor e jornalista argentino. Na primeira década do século XX, assumiu a inspeção geral da educação, colocando em prática uma reforma educacional que incluía a criação das cátedras de educação física e desenho. Cfe: <http://www.los-poetas.com/c/biolug.htm> . Acesso em 25/02/2008.

ideologia em um objeto privilegiado de representação da nação. Claro que, sendo diversos e por vezes antagônicos, tais discursos podem simplesmente vestir roupagens opostas conforme os resultados que forem atingidos dentro de campo. Segue-se assim um verdadeiro receituário para os resultados obtidos no âmbito esportivo. Quando das derrotas acachapantes, buscamos os motivos nas explicações de Oliveira Viana ou de Paulo Prado; se impomos “nossa estílo”, é porque o mesmo foi forjado pelo cruzamento de características diversas, conforme apontado por Gilberto Freyre. Se nos mostramos apáticos, somos o Jeca incivilizado de Lobato; se ganhamos de forma vigorosa poderíamos compor os personagens das mais belas crônicas de Rachel de Queiroz. Vitorioso, nosso futebol representa uma nação que se moderniza e acerta o passo com o mundo sem perder de vista suas raízes; derrotado, é porque jogamos o futebol burocrático que caracterizaria os melhores quadros da CBF (Confederação Bruzundanguense de Foot-Ball).

Para finalizar esta “entrada em campo da crônica esportiva”, ressaltamos dois últimos aspectos que nos parecem importantes de serem lembrados. Em primeiro lugar, estes conjuntos de imagens criados pela imprensa como um todo – e pela reportagem esportiva em particular – ao mesmo tempo em que criados a partir de um local de poder, são também dispostos em uma relação que se dá de forma verticalizada. Não nos parece aqui necessário discorrer sobre o poder de persuasão que a palavra, escrita ou transmitida através de outros meios de comunicação, tem sobre uma grande parcela da população. Contudo, nos parece por demais evidente que a atribuição deste “poder de verdade” às palavras proferidas pela imprensa está diretamente relacionada com níveis de escolaridade e/ou analfabetismo. Se tal premissa nos parece plenamente plausível hoje, pensemos na década de 1940, quando os níveis de escolarização e alfabetização no país eram ainda extremamente baixos; quando a imprensa não tinha o menor pudor em explicitar suas vinculações com o campo político, fazendo campanha aberta para este ou aquele candidato; ou, ainda, quando as propagandas de fogões apresentavam sem nenhuma cerimônia gordas cozinheiras negras que falavam errado, utilizando um estereótipo que remetia diretamente ao período da escravidão. Assim, acreditamos que a proposição de Pablo Alabarces, de que “los públicos distancian su percepción de los discursos periodísticos, que el relato de los medios es pura mercancía, um relato sólo

vicário”<sup>201</sup> deva ser, no mínimo, relativizado, posto que isto equivaleria a negar à mídia suas características de local de poder e de instrumento ideológico. Ainda que tais distanciamentos existam – e não o negamos – acreditamos que isto varie conforme a capacidade do leitor em perceber tais características no texto que se descontina a sua frente, e que esta capacidade dependa de fatores tais como o acesso à educação e à percepção da natureza do texto jornalístico.<sup>202</sup>

Por fim, esta imagem unívoca criada para a nação é evidentemente falha quando analisada de forma mais acurada por ocultar, sob um mesmo discurso, as múltiplas faces que podem existir dentro de um mesmo grupo humano e de sua história. Onde estão, na vitória a ser celebrada e decantada, os Jecas e os caboclos esquecidos da civilização? Onde estão as negras lascivas que faziam a alegria dos instintos de seus senhores conforme apontado por Paulo Prado? Estes são lembrados principalmente nos momentos de derrota, quando os motivos do insucesso são buscados, muitas vezes, em fatores extra-campo, que podem inclusive abranger nossa formação como nação. De certo modo, ao entrar em campo, a seleção brasileira joga também contra a nossa História.

Ao mesmo tempo, este conjunto de imagens oculta as diversas características regionais que são inerentes a um país de grandes dimensões, como o Brasil. Se a forma com que uma população se apropria do futebol, criando para si um estilo que é interpretado como um dístico particular, está intimamente ligada com a forma com que esta mesma população se vê, é natural que em territórios de grandes dimensões e de traços culturais diversos o próprio futebol passe a ser visto como elemento dotado de múltiplas faces, conforme a parcialidade que esteja sob nossa observação. Assim, o próprio senso comum de que o futebol brasileiro reproduz o jeito de ser de seu povo, malandro, malicioso e dotado de grande “ginga”, passa a ser na verdade apenas uma parcela de um todo, muito embora a mais conhecida e difundida através dos meios de comunicação. Neste sentido, tem se tornado muito difundida a idéia de que, dentro do Brasil, a oposição a este “estilo nacional” seria feita pelo “estilo gaúcho” de jogar futebol, dotado de outros valores tais como “raça”, “fibra”, “denodo”, “valentia” e “preparo físico”. Segundo César Guazzelli, a explicação para esta marca identitária

<sup>201</sup> ALABARCES, Pablo. Entre el infierno y la gloria: crisis, política y mundiales: Argentina y la Copa del Mundo de 2002. In: GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni Lahud (orgs.). **Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional**. Niterói: Intertexto, 2006, p 205.

<sup>202</sup> É claro que, ao estabelecer a crítica à proposição de Pablo Alabarces, e na impossibilidade de efetuar estudos individualizados sobre esta questão, também estipulamos aqui um modelo padrão sujeito à questionamentos.

construída para o futebol do sul do Brasil remeteria à idéia também imaginária de uma população branca forjada em um meio hostil, projetando nos campos esportivos a antiga imagem do peão campeiro gaúcho. Ao mesmo tempo, este futebol de mais força que malícia seria também explicado pela proximidade com os países do Prata – em especial Uruguai e Argentina – onde tais características se fariam especialmente presentes, marcando o contraponto necessário entre duas escolas diversas que co-existiriam dentro do mesmo continente.<sup>203</sup> Curiosamente, ainda segundo Guazzelli, esta identidade regional sul-riograndense acabaria sendo fortalecida pela derrota brasileira ante o Uruguai em 1950, percebida pelos brasileiros – e também pelos gaúchos – como fator que comprovaria a ineeficácia do estilo brasileiro ante o futebol jogado com disciplina tática, sentido coletivo e objetividade.

Mesmo que o futebol uruguai pouco devesse ao paradigma europeu, ressuciavava-se a superioridade européia, que se afirmaria no Mundial de 1954.

O Grêmio, ainda nos anos 50, apresentava-se como um clube de elite, de “brancos”, e a tragédia do “futebol-arte” no Maracanã favorecia a recuperação da velha tradição do *turnen* do início do século, recriando um futebol-força vencedor (...). A partir de 1969, os novos dirigentes do Internacional, que inauguravam a “era Beira-Rio”, procuraram dotar sua equipe daquelas qualidades de força que o Grêmio apresentava: para vencer campeonatos, era necessário enfrentar, no interior do Estado, adversários rudes, campos embarrados e torcidas furiosas, coisa muito difícil para jogadores muito técnicos, mas com pouco vigor.<sup>204</sup>

Desta forma, ao deslumbrar nas partidas de futebol um acontecimento com apelo suficiente para compor as páginas dos periódicos, a imprensa que então se especializava nos assuntos esportivos acabou por criar, para além da linguagem específica de sua área, uma associação entre aquilo que acontecia dentro das quatro linhas e a forma com que

<sup>203</sup> Cfe: GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. 500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da “província de chuteiras”. In: **Anos 90: revista do programa de pós graduação em História**. Porto Alegre: UFRGS, nº 13, jul/2000, p 28. É curioso notar como esta identidade de mais força e menos malícia com a qual caracterizamos o futebol platino não comprehende a forma como os próprios argentinos e uruguaios vêem-se a si mesmos. Segundo Pablo Alabarces, um estilo argentino de jogar futebol já seria reconhecido pela imprensa britânica na década de 1910. Este estilo seria marcado pela habilidade, pelos dribles rápidos e pelo individualismo, em oposição ao estilo britânico que privilegiaria outros valores, como o sentido tático, a disciplina e a força física. Já Rafael Bayce aponta que aqueles valores também faziam parte da auto-imagem construída pelos uruguaios no começo do século XX, sendo a “garra charrua” um fenômeno que surge a partir dos anos 30, como “explicação adicional” para os triunfos esportivos uruguaios. Cfe: ALABARCES, Pablo. **Op. Cit.** (2002), p 45; BAYCE, Rafael. **Op. Cit.**, p 168.

<sup>204</sup> **Idem**, p 32.

os próprios brasileiros se percebiam e eram percebidos em seu cotidiano. Exemplos mais claros desta linguagem e desta percepção comporão o próximo capítulo. Por enquanto, lembremos apenas que estas imagens que emergem das páginas dos jornais não são criadas espontaneamente através das penas dos jornalistas, mas, antes, reproduzem um conjunto díspar de características historicamente atribuídas ao conjunto da população brasileira. Ainda que de forma involuntária, o brasileiro que, nas páginas dos jornais corre atrás da bola e veste a camisa do escrete ou dos times mais populares do país terá, aos olhos de tantos leitores, muito daquilo que anos antes foi apontado por Oliveira Lima ou Paulo Prado nos momentos de derrotas inolvidáveis; já as vitórias, são momentos que evidenciam a correção das teorias freyreanas que viam na mestiçagem brasileira o fator de composição de uma nova civilização. E as vitórias nas competições internacionais deveriam, sobretudo, afirmar que esta civilização seria ao cabo digna de ostentar tal nome e tal condição, igualando-se as nações tidas como mais civilizadas e desenvolvidas.

A imagem do brasileiro e de seu estilo de jogar futebol, para além de uma necessária construção explicativa, é também o resultado de uma mediação feita pelo jornalista entre o espetáculo esportivo e o torcedor. Tal mediação, antes de possuir um caráter secundário na relação entre o jogo e o torcedor, reveste-se de uma fundamental importância, na medida em que segue os mesmos ditames dos outros ramos da atividade jornalística, selecionando fatos promovidos a acontecimentos em detrimento de outros que ficarão esquecidos ou relegados a um segundo plano; oferecendo interpretações possíveis selecionadas dentro de um conjunto mais vasto e, acima de tudo, legitimando tais interpretações diante do público. Não espanta, desta forma, que muitos destes jornalistas acabem alçados à condição de estrelas do esporte, na medida em que sua atividade lhe confere fama e reconhecimento comparável ao dos melhores atletas. Ao mesmo tempo, esta mediação não é apenas possível, mas ao fim esperada por aqueles que buscam, ainda hoje, nos recursos midiáticos, uma interpretação possível para aquilo que se descortina ante seus olhos.<sup>205</sup>

Assim, investigar as interpretações oferecidas pela imprensa para os eventos por ela selecionados pode nos remeter a múltiplos campos do conhecimento – sociais,

---

<sup>205</sup> Cfe: GUEDES, Simoni Lahud. **Op. Cit.**, p 45. Talvez o exemplo mais evidente neste sentido seja dado pelos muitos torcedores que, mesmo comparecendo ao estádio, consideram o rádio de pilhas um acessório indispensável.

políticos, etc... Porém, a existência desta mediação é, antes de mais nada, parte integrante desta imprensa moderna. É de sua própria natureza.

\* \* \*

Os primeiros cinqüenta anos do século XX assistiram a transformações profundas na organização do país. A migração européia que acorreu para o Brasil em busca de trabalho acabou por se estabelecer não apenas nos ambientes rurais – sendo as fazendas de café de São Paulo o caso clássico de análise de uma historiografia que toma a parte pelo todo – mas, ao mesmo tempo, colaborou também para o incremento da população urbana através da importação de mão-de-obra experiente para os núcleos industrialmente mais desenvolvidos. Esta migração também acelerou o crescimento urbano através da transferência de pessoas que vinham não como trabalhadores em busca de melhores condições de existência, mas como proprietários de capitais que não encontravam no continente europeu as oportunidades para melhor investir tais recursos. Assim, se fôssemos analisar a primeira metade do século XX sob algum ângulo específico, poderíamos caracterizar este momento, entre outras possibilidades, como o período em que as chaminés das indústrias passam a se apresentar com maior ênfase no cenário urbano, cobrindo o céu com fumaça ao mesmo tempo em que agrupam em torno de si os trabalhadores indispensáveis para sua atividade. Em outras palavras, é este o momento da transição de um país eminentemente rural para um país cuja maior parte da população vive nos núcleos urbanos. Tal transformação certamente não se deu sem que fosse necessário criar novos mecanismos de satisfação para as diversas necessidades que dizem respeito à vida nas cidades, ou mesmo aperfeiçoar aqueles já existentes, adequando-os, agora, a um país que gradualmente retiraria dos núcleos urbanos o caráter único de *lócus* privilegiado da realização do jogo político.

Outra possibilidade de análise dentro deste contexto nos remete especialmente ao período pós-1930, quando os fluxos de imigrantes que aportavam no Brasil passam a sofrer uma redução numérica, ao mesmo tempo em que os movimentos populacionais dentro do território nacional são sentidos com maior ênfase, em um fenômeno que se fez presente também no meio futebolístico. Segundo Hilário Franco Júnior:

O alargamento geográfico do mercado de trabalho registrado a partir de 1930, com crescente fluxo de migrantes para o centro-sul, marcaria nova etapa da

construção da identidade nacional. A mão-de-obra deixava de ser suprida de fora para dentro, como no caso dos escravos africanos e dos imigrantes europeus, e passava a ser provida por trabalhadores nacionais. Essa realidade era clara no futebol, com as seleções paulista e carioca sendo na verdade agrupamentos de pés-de-obra oriundos das mais diversas regiões do país, que contribuíam tanto para o desenvolvimento dos centros industriais quanto dos centros futebolísticos.<sup>206</sup>

É neste contexto que a introdução e a popularização do futebol no Brasil devem ser pensadas. Com efeito, a mesma urbe onde se desenvolvem as teorias eugenistas e higienistas às quais nos referimos anteriormente é o espaço que aloca os trabalhadores inseridos em um sistema econômico que então se desenvolvia no país. Esta oposição entre realidades tão diversas, co-existindo em uma relação de proximidade física, não poderia jamais se dar da forma isolacionista desejada por muitos membros da elite. Se as relações entre tais grupos, por vezes, eram marcadas pela cor da pele e invariavelmente apontavam para a existência das diferenças econômicas entre as pessoas, convinha então à elite buscar a existência de símbolos com os quais pudessem se identificar, assinalando assim traços de pertencimento para seus membros ao mesmo tempo em que excluiriam de seu universo àqueles que por questões étnicas e de classe, dele deveriam permanecer afastados.<sup>207</sup> Explica-se assim porque entre nós o futebol, que era tido na Inglaterra como um esporte integrante de uma cultura operária, acabou por assumir as feições de uma atividade nobre: ao mesmo tempo em que a elite exercitava seus músculos ao ar livre, mas em locais afastados do populacho, sua prática, dotada agora de valores que lhe foram adicionados, afastava os segmentos menos favorecidos da possibilidade de compartilhar os códigos do jogo. Para isto basta lembrar

---

<sup>206</sup> FRANCO Jr. Hilário. **Op. Cit.**, p 131.

<sup>207</sup> Durante o XXIV Simpósio Nacional de História, na sessão intitulada “História do Esporte e das Práticas Corporais”, o pesquisador mineiro Euclides de Freitas Couto, ao apresentar seu trabalho sobre o futebol em Belo Horizonte em princípios do século XX, chamou a atenção para o fato de haver, entre os fundadores do América Mineiro – clube reconhecido como sendo “de elite” – um garoto negro entre seus fundadores. O fato seria explicado pela condição sócio-econômica privilegiada da família do garoto, que, ao ascender economicamente, participava da alta sociedade de Belo Horizonte naquela época. A clivagem social, desta forma, se explicaria muito mais por uma questão de classe que racial. A foto da primeira equipe pode ser acessada em <http://www.americamineiro.com.br/club> (acesso em 17/04/2008), onde o garoto aparece no canto inferior direito de quem observa (foto 4). Referindo-se a outro clube de elite – o Fluminense – em princípios de sua História, Mário Filho observa: “Ninguém no Fluminense pensava em termos de cor, de raça. Se Joaquim Prado, *winger-left* do Paulistano, quer dizer, extrema-esquerda, preto, do ramo preto da família Prado, se transferisse para o Rio, seria recebido de braços abertos no Fluminense. Joaquim Prado era preto, mas era de família ilustre, rico, vivia nas melhores rodas”. In: RODRIGUES FILHO, Mário. **Op. Cit.**, p 36. É claro que não se pode esquecer aqui o poder que o dinheiro tem em “branquear” as pessoas em uma sociedade preconceituosa, porém capitalista.

os termos em inglês e o fato do material utilizado pelos primeiros clubes ser majoritariamente importado.

Se esta clivagem étnica e social permanece por algumas décadas, servindo como característica dos primórdios do futebol brasileiro, a apropriação do jogo feita pelos menos favorecidos, reproduzindo-o dentro das condições disponíveis, certamente aponta para a capacidade em sinalizar, já à época, um pretenso status de pertencimento a camadas sociais superiores. Em outras palavras, reproduzir um hábito da elite poderia significar, antes de tudo, a possibilidade de se afirmar como um “socialmente diferente”, ainda que diante dos pares na pobreza. Esta leitura, contudo, parece estancar diante da possibilidade mais funcional que o futebol passou a representar a partir de dado momento: não mais apenas um símbolo de status social, mas, principalmente, um instrumento de sobrevivência, através da retribuição monetária para sua prática.

Esta ruptura com o estágio anterior não ocorreria sem maiores fricções. Com efeito, o primeiro argumento utilizado por aqueles que defendiam a manutenção do futebol como marca de classe estava na pureza do espírito amador, o único capaz, segundo tais defensores, de assegurar a existência dos necessários códigos de cavalheirismo que deveriam reger a disputa dos jogos. Desta forma, buscavam os primeiros *players* de nossa melhor sociedade coibir qualquer possibilidade de que a atividade futebolística fosse, ao fim, remunerada. Claro está que por trás deste argumento de “pureza” escondia-se o desejo de impedir o acesso aos clubes elitizados daqueles que necessitavam do suor de seu rosto não para correr entre as marcas da cal, mas sim para garantir sua sobrevivência física. Assim, não somente o jogo em si, mas as próprias disputas dos campeonatos deveriam permanecer como uma exclusividade destes grupos “melhor nascidos”.

Todavia, a popularização que o futebol obteve viria a impor os limites ao predomínio deste amadorismo. Ao ser apropriado e reproduzido pelos grupos sociais menos favorecidos, o futebol acabou por encontrar em tais camadas inúmeros atletas capazes de rivalizar ou mesmo superar a técnica dos “puros amadores”. O único inconveniente é que aqueles jogadores deveriam dividir seu tempo entre o esporte e o trabalho, sendo que este deveria receber normalmente a maior parcela de dedicação. A solução encontrada pelos primeiros clubes que resolveram abrir suas portas para tais jogadores foi promover a existência de um “semi-profissionalismo”, ou “amadorismo marrom”, como acabou sendo conhecido; na prática, nada de documentos que comprovassem a existência de um contrato formal para os profissionais do futebol, mas,

ao fim, a cada vez que entrasse em campo o jogador receberia uma premiação em dinheiro que, evidentemente, seria maior em caso de vitória. Isto acaba invertendo a lógica anterior para muitos daqueles trabalhadores que tinham no futebol uma atividade para as horas livres ou mesmo uma fonte financeira complementar. Agora, os rendimentos advindos do esporte superavam em muitos casos os ganhos de um trabalho “normal” na estiva, no comércio ou na indústria, sendo a renda principal a garantir o sustento de muitas famílias.

Contudo, não foi somente através da incorporação aos grandes clubes que o futebol acabou por absorver os menos afortunados. A difusão do esporte acabou por fomentar também a fundação de inúmeras agremiações esportivas dentro das classes populares. Estes novos clubes acabavam por diferenciar-se entre si por características diversas, tais como sua localização geográfica na cidade; a exclusividade para determinados grupos de trabalhadores (times para funcionários de uma profissão determinada ou, no limite, “de empresa”), ou mesmo com clivagens nacionais, voltando-se assim para determinados grupos de imigrantes.<sup>208</sup> A relação entre tais clubes e aqueles considerados “tradicionais”, no entanto, sempre esteve longe de ser marcada pela reciprocidade ou reconhecimento mútuo. Ao invés disto, muitas destas associações esportivas fundadas sob condições precárias, que funcionavam como opção de lazer ou sociabilidade, ao mesmo tempo em que desprezadas pela incipiente crônica esportiva, eram também alvo de constante vigilância policial, uma vez que por vezes o espaço de suas sedes era cedido para a realização de festas e bailes, gerando tumultos com a vizinhança sob a alegação de estarem “perturbando a paz”.

Àqueles que, melhor estruturados, conseguiam fazer frente aos “grandes”, cujos jogadores podiam dedicar-se primordialmente ao futebol, havia ainda que ultrapassar uma barreira mais complexa que a da afirmação material: a barreira do preconceito. Vistos como clubes de “assalariados”, onde o desempenho de uma profissão impediria que os atletas disputassem as partidas dentro do mais puro espírito de amadorismo, restou para tais clubes a disputa de “Segundas Ligas”, uma espécie de “Série B”, onde

---

<sup>208</sup> Segundo Gilmar Mascarenhas de Jesus, alguns dos times que compunham a “Liga da Canela Preta” em Porto Alegre respondiam por segmentos profissionais ou sociais. Segundo o autor, “o Rio-Grandense era formado por funcionários de repartições públicas e hotéis; o Palmeiras também era de bedéis; o Bento Gonçalves reunia engraxates. Havia aqueles que se definiam por sua localização geográfica: o 8 de Setembro (‘o melhor de todos os times’) representava a Colônia Africana. Já para o caso do Rio de Janeiro, Leonardo Pereira aponta para a existência de times como o “Aventureiro”, composto por empregados do comércio; o “Mavilles”, ligado à uma fábrica de tecidos, ou o “Ibéria”, que agrupava a colônia portuguesa do distrito de Santo Antônio. Cfe: JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **Op. Cit.** (1999b), p 151; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Op. Cit.**, p 242.

ao clube campeão caberia o direito de ascender à série A, em lugar do último colocado desta, que ocuparia seu lugar entre os “menores”. Isto teoricamente, uma vez que, na prática, ninguém admitiria um dos grandes clubes da elite disputando jogos com times de caixeiros ou bedéis. Assim, a cultura da nefasta virada de mesa encontrava suas raízes em solo brasileiro, onde perduraria (ou perdura) ainda por muito tempo.

Para vencer estas barreiras, foi necessário aprender dribles não somente dentro, mas também fora do campo. Já é clássica na literatura sobre o assunto às múltiplas artimanhas de que teve de se valer o Vasco da Gama, uma vez tendo ascendido ao convívio dos grandes na Capital Federal, a fim de garantir aí sua permanência. Se a Liga exige que os jogadores negros tenham um emprego fixo (coisa que não era cobrada dos brancos que viviam de rendimentos), forja-se um contrato nas padarias dos sócios do clube; se a Liga exige que sejam alfabetizados – e muitos sabidamente não o eram – o jeito é ensinar os jogadores a desenhar o próprio nome, e se este for muito complicado, simplesmente substituí-lo nos documentos por algum outro mais fácil, como Silva, por exemplo. E se a Liga, em um último argumento, busca excluir o clube que ousou ganhar o campeonato em seu primeiro ano entre os grandes com uma equipe mestiça porque este não possui estádio, faz-se uma caixinha entre os sócios e constrói-se um estádio. O maior da América Latina até então.

Tal é o contexto intrínseco à profissionalização do futebol. Com efeito, ao final da década de 1920 a manutenção dos valores do amadorismo propagados pela elite, a fim de que o jogo permanecesse como um elemento de identidade exclusivamente seu já não tinha mais como encontrar sustentabilidade. Devido ao grande contingente de jogadores negros e pobres que garantiam a parte mais significativa do sustento seu e de sua família com as atividades futebolísticas, bem como diante da possibilidade de ver clubes pequenos ou medianos ascenderem através do desempenho de tais atletas, os grandes clubes brasileiros não encontraram outra alternativa que não abrir-se definitivamente para estes homens que faziam do jogo sua profissão, estabelecendo em suas fileiras uma composição multiétnica que, embora afastada de um perfil social que até então tinham como desejável, não deixava de refletir, em contrapartida, a popularidade de que tais times já gozavam naquele período.

Há que ficar bem claro, porém, que tal transformação não se deu sem que conflitos de diferentes ordens viesssem à tona. Em primeiro lugar, muitos dos antigos sócios simplesmente passaram a se afastar do meio futebolístico, uma vez que a “pureza original da idéia”, que nada mais fazia que ocultar a natureza preconceituosa das

relações sociais, fora perdida. Ao mesmo tempo, se antes a figura dos atletas e dos sócios se confundia em uma só, agora tais papéis passavam a ser nitidamente diferenciados. Assim, o atleta agora não mais era um associado, mas sim um simples funcionário do clube – ainda que um funcionário especializado. Não cabia mais aos jogadores entrarem pela porta da frente nas sedes sociais, tampouco participar dos bailes ou mesmo dirigir galanteios para as senhorinhas que compareciam às arquibancadas. Agora, cabia unicamente ao jogador a tarefa de lutar pela vitória de seu clube, satisfazendo assim o anseio da torcida e dos paredros sem envolver-se mais diretamente nos assuntos internos da administração ou da vida social da agremiação. Parece ser este um momento decisivo na constituição de uma imagem acerca do jogador de futebol, que passaria da condição de jovem bem nascido ou mesmo homem integrante das altas rodas sociais ao posto de “malandro”, uma vez que a nova profissão não gozaria da necessária respeitabilidade aos olhos da sociedade. Mesmo a hipótese de que tal movimento dentro da história do esporte tenha provocado um afastamento do público feminino elitizado das arquibancadas não deve ser desprezada, e mereceria um estudo à parte.

Ao mesmo tempo, a profissionalização do jogador de futebol também não significa um fim, um declínio ou mesmo uma atenuação nas tensões raciais inerentes a uma sociedade de passado escravista como o Brasil. Ainda que muitos dos novos ídolos gerados pelo futebol fossem a partir de então etnicamente negros – Domingos da Guia, Fausto, Leônidas da Silva... – a presença de jogadores negros nos diversos times espalhados pelo Brasil somente seria assegurada mediante dois fatores: a previa abertura da equipe aos jogadores não brancos; e, ao mesmo tempo, a comprovação, dentro de campo, que a inclusão do atleta negro significaria um acréscimo de qualidade incontestável para o clube.

Contudo, o local do maior desafio poderia não estar dentro dos grandes clubes, mas no acesso à seleção brasileira de futebol. Com efeito, o caráter que o *scratch* tem de representar, através de seus jogadores, a totalidade da nação, antecipa em muito a noção da “pátria de chuteiras” cunhada por Nelson Rodrigues durante os anos sessenta. O fenômeno parece ter surgido simultaneamente à realização dos primeiros jogos internacionais envolvendo combinados brasileiros contra equipes visitantes. Neste momento, a conquista de uma vitória sobre equipes inglesas, por exemplo, significaria muito mais do que a obtenção de uma supremacia fugaz sobre uma representação dos inventores do futebol; poderia também, ao menos internamente, ser considerada como

uma prova de que evoluíramos diante de nossa condição anterior de povo incivilizado e/ou primitivo. Assim, vencer partidas internacionais era uma forma de se obter um argumento de peso para o discurso que proclamava a necessidade de quebrar as amarras que nos prendiam ao posto de nação atrasada. Vencer era, sobretudo, provar nossa capacidade de estabelecer conquistas e outros feitos diante de povos com histórias de civilização por vezes muito mais “desenvolvidas” que a de nossa jovem nação. E, para representar o país em tais disputas, segundo os primeiros dirigentes de nosso futebol, convinha enviar atletas que nos conferissem um caráter fisicamente europeu – leia-se “branco”, escondendo dentro dos vestiários do preconceito maiores referências à existência da mestiçagem em solo brasileiro. Assim, para sinalizar nosso progresso, a seleção não deveria ser apenas vitoriosa, mas deveria também ser caucasiana.

Esta identificação de um povo com sua seleção parece ter uma raiz primeira no fato de que tais pugnas iniciais foram disputadas no exato momento em que o esporte se popularizava, havendo ainda a forte emergência dos sentimentos nacionalistas no contexto dos primeiros anos do século XX, e que acabaram desembocando na Primeira Guerra Mundial. Assim, pode-se afirmar que torcer pelo selecionado naquele momento poderia ter um sentido muito mais profundo do que se pode supor hoje, uma vez que as vitórias esportivas poderiam ser contrapostas à existência de nações imperialistas que se aprimoravam não na arte da bola, mas da guerra.

Há, desta forma, uma linha tênue e por vezes imperceptível, a ligar o futebol ao sentimento de nacionalidade. Não queremos dizer, com isto, que o futebol tenha sido transformado deliberadamente em um instrumento de catalização de sentimentos nacionalistas, nem que sua utilização neste sentido se dê de forma deliberada e com alto grau de consciência. Defendemos, ao contrário, que tal linha está vinculada aos sentidos que as pessoas atribuem ao esporte, que passa desta forma a ser signo das mazelas e das virtudes atribuídas às próprias sociedades. Para o caso brasileiro ao fim dos anos 1940, organizar a primeira Copa do Mundo após o horror da Segunda Guerra Mundial no mesmo momento em que gozava de um quadro político interno de democracia certamente representaria muito no sentido de obter certo reconhecimento por parte das nações ditas “mais civilizadas”. Contudo, tão ou mais importante do que construir uma imagem para o exterior, era a imagem que deveria ser construída internamente. Desta forma, aquilo que havia surgido como atividade de elite, e que fora em um período de tempo relativamente curto apropriado por grupos populares, receberia agora um novo sentido. Como já haviam demonstrado a Itália na Copa de 1934 e a Alemanha durante

os Jogos Olímpicos de 1936, a organização de um evento de tal magnitude e sua conquista nunca são fenômenos dotados de neutralidade. É chegado, pois, o momento de pensarmos um pouco sobre os sentidos que os próprios brasileiros atribuíam a organização do certame e, conforme esperado, à sua conquista.

\* \* \*

Segundo Eric Hobsbawm, a existência de um sentimento de nacionalidade não pode ser identificado como algo que nos remeta a priscas eras. Antes, é um fenômeno que pode ser historicamente datado, sendo, de fato, algo muito mais recente do que pode nos parecer à primeira vista. Nas palavras do próprio Hobsbawm, “em seu sentido moderno e basicamente político, o conceito de *nação* é historicamente muito recente”.<sup>209</sup> Para além deste caráter de “novidade histórica”, que não pode retroceder no tempo para além de finais do século XVIII, mas que encontra durante o século XIX seu momento de afirmação, uma nação, para Hobsbawm, deve ultrapassar a barreira do “ponto crítico”, entendido tal como a necessidade de possuir um tamanho – em território e/ou em população – que permita seu estabelecimento enquanto uma unidade autônoma de desenvolvimento. É claro que tal postulado pode ser colocado em cheque a partir do momento em que nações contemporâneas como Mônaco, Andorra ou San Marino gozam da mesma legitimidade perante as Nações Unidas que a China com seu quarto de população mundial ou a Rússia com sua imensidão de estepes geladas na Eurásia.

Ainda assim, este ponto parece não ser o elemento decisivo quando Hobsbawm estabelece os três critérios que permitem a um povo ser firmemente classificado como nação.<sup>210</sup> A um deles já nos referimos no segundo capítulo: a existência de uma elite cultural longamente estabelecida, que possuísse um vernáculo administrativo e literário escrito. A solução brasileira para preencher tal lacuna passa obviamente pela afirmação de grupos com uma cultura importada da metrópole, usando do português como língua oficial em seus documentos em contraposição a uma língua de uso popular (lembremos aqui a existência da “língua geral”, co-existindo em nosso passado juntamente com este português “oficial” em nosso período colonial). Antes deste critério, Hobsbawm postula a necessidade de haver uma associação histórica com um Estado existente ou de passado razoavelmente recente. Novamente aqui não encontramos maiores problemas,

---

<sup>209</sup> HOBSBAWM, Eric. **Op. Cit.** (1998), p 30.

<sup>210</sup> **Idem**, p 49.

uma vez que a própria condição de colônia portuguesa ao longo de 322 anos preenche esta lacuna, sem considerarmos ainda os laços de sangue que continuarão a unir os dois países ao longo de boa parte do século XIX.

Há, porém, um terceiro elemento a ser preenchido, segundo Hobsbawm, para que uma nação possa ser seguramente apontada com merecedora deste título: a existência de uma capacidade comprovada de conquista. Ora, tal capacidade, normalmente, encontra seu *lócus* nos campos militares, através da constituição de impérios ou do rechaço aos inimigos que colocam em risco a existência da coletividade. Pensemos no caso brasileiro: qual seria, afinal de contas, o momento a preencher esta lacuna? As lutas pela independência certamente não se mostram como apropriadas, dado o caráter regionalizado das mesmas, bem como pela característica de nossa independência política ser, em grande medida, fruto de negociações. A Guerra do Paraguai tampouco nos serve aqui de opção, uma vez que se constitui em um triunfo obtido durante o período monárquico de nossa História, o que não conviria para afirmar nossa identidade de nação justamente no momento em que estamos saindo de tal regime e acertando o passo com as demais nações sul-americanas. A Guerra de Canudos tampouco apresenta serventia, uma vez que se trata de uma luta travada por brasileiros contra brasileiros (no mesmo patamar se acha o “Contestado” e uma série de outros eventos dentro do país). Há, por fim, a opção de vislumbrarmos tal momento de afirmação de nossa nacionalidade na participação brasileira ao lado dos aliados na Segunda Guerra Mundial, tomando como momento específico de celebração a tomada de Monte Castelo. Todavia, teria este momento à grandeza necessária para criar tal mito de origem? Ora, a entrada do Brasil no conflito não apenas se dá nos momentos finais do mesmo, mas sua participação é sabidamente coadjuvante quando analisamos o conflito como um todo.

Verdade seja dita, faltava-nos até meados do século XX o preenchimento deste último item. Não que em virtude disto deixaríamos de ser uma nação, mas o problema é que, diante de nós mesmos, faltava algo de que pudéssemos efetivamente nos orgulhar, algo que, para além de mostrar ao mundo, mostrasse ao próprio brasileiro sua capacidade de conquista.

É esta a forma com que, ao menos no caso brasileiro de 1950, a nacionalidade está diretamente ligada à realização da Copa do Mundo. O futebol é, neste caso, um substitutivo para a Guerra e para as glórias militares. A conquista que nos faltava, e que comprovaria nossa capacidade e nosso valor como nação, viria não das bombas de artilheiros vestidos de verde-oliva, mas de artilheiros vestidos de branco, com chuteiras

no lugar de coturnos e modestos calções e camisetas. Seria uma batalha disputada em nossos próprios domínios, sob nossa própria organização, e tendo como maior testemunha justamente a população que ansiava pela conquista que lhe trouxesse auto-estima, que lhe dissesse bem alto ao ego o quanto de valor existia nesse povo mestiço visto até há pouco tempo como o fruto de um cruzamento medonho que nada mais gerou além de uma sub-espécie de perenidade duvidosa. Em outras palavras, este era o momento do brasileiro mostrar a Paulo Prado e Oliveira Lima o quanto eles estavam errados, e de mostrar ao mundo e a nós mesmos que o futuro nos reservava grandes conquistas e o status de um povo com um lugar no mundo.

O futebol era nossa batalha, e a conquista da Copa o objetivo final a nos conferir um lugar entre os povos. Tomemos como exemplo os comentários finais do jornal soteropolitano *A Tarde*, publicados em texto editorial, a respeito da vitória brasileira contra os espanhóis na penúltima rodada da competição:

E assim, apesar da importância do jogo, por uma vitória tão honrosa para qualquer dos contendores, a ponto de fecharem-se as repartições em todo o país, nesse meio feriado justificado, tudo se passou em ambiente de cordialidade, sem acidentes a lamentar. A torcida e a expectativa foram a nossa reação diante da significação do “match”, e a ordem e entendimento reinantes, uma prova de que nos encaminhamos a passos largos para uma posição cada vez mais alta, entre as nações cultas do mundo.<sup>211</sup>

É claro que tal perspectiva, analisada com o devido distanciamento histórico pode parecer hoje um pouco descabida. Contudo, a possibilidade de que este jogo seja encarado como um agente importante dentro da constituição dos sentimentos de nacionalidade no século XX como aludimos anteriormente, não pode ser descartada. Já fizemos uma breve referência ao trabalho de Leonardo Miranda, que aponta para o papel fundamental das disputas internacionais envolvendo a seleção brasileira na segunda década daquele século como elemento que desperta o sentimento nacional entre a população da então capital federal – e também para o papel importante da imprensa dentro deste processo. Tais exemplos acabam mesmo se coadunando às palavras de Alabarces, ao analisar o futebol argentino: “la utilización del fútbol como máquina

---

<sup>211</sup> *A Tarde*, 14 de julho de 1950, p 2

cultural productora de nacionalidad no es reciente sino que arranca en los años 20, de manera contemporánea a la máquina escolar”.<sup>212</sup>

Desta forma, se há como que um contexto latino-americano, no qual o futebol, ao se popularizar, também assume a condição de “símbolo nacional” em diferentes países, simultaneamente há um contexto brasileiro específico, onde a difusão do esporte preenche uma importante lacuna existente entre a população comum, historicamente marginalizada por suas elites e carentes de símbolos nacionais, e seu país. Neste sentido, há que se lembrar que, para além de uma simples partida, os jogos envolvendo seleções internacionais se constituem em verdadeiros rituais que envolvem elementos importantes dentro da simbologia da nação, tais como o hino e a bandeira. Ora, se os onze jogadores que defenderão a pátria posam perfilados antes da disputa, prestando reverência ao pavilhão nacional e entoando, em conjunto – ao menos assim deve ser – o hino nacional, nada mais natural que a torcida, que tem naquela equipe uma representação de sua coletividade em contraposição a um elemento exógeno (o outro) passe a se identificar com ela já a partir daquele momento, sem ter de aguardar para isto pelo apito do juiz. Se somarmos a isto o peso simbólico que as camisas das seleções nacionais passam a ter a partir de então, veremos que tais partidas, para além de disputas envolvendo nações diversas, são verdadeiros momentos de aproximação entre o povo e seu país, em uma dimensão que mesmo o campo político até então talvez não tenha conseguido realizar.<sup>213</sup>

#### O PAPEL DA TORCIDA

Em qualquer competição esportiva, a torcida é parte saliente, fator importante da vitória. Um atleta em sua perfeita forma, produz muito mais, quando sabe que a massa está ali para incentivá-lo, que reconhece uma jogada infeliz e espera a reabilitação logo a seguir. E mais uma vez essa torcida vai colaborar para uma grande vitória. Essa torcida será a brasileira. Os “cracks” nacionais confiam nela, pois, todo o trabalho que estão tendo, todos os treinamentos que estão realizando, são unicamente para trazer para o Brasil o título de campeões do mundo e ao mesmo tempo, premiar aqueles que se acotovelarão nas arquibancadas, aplaudindo-os a todo o instante. Portanto, torcedor brasileiro,

---

<sup>212</sup> ALABARCES, Op. Cit. (2002), p 19.

<sup>213</sup> É o próprio Alabarces que, em “*Entre el infierno y la gloria: crisis, política y mundiales: Argentina y la Copa del Mundo de 2002*” traz um evento significativo neste sentido: durante as manifestações de rua que tomaram conta da Argentina ao fim de 2001, e que ficaram conhecidas como “Cacerolazo” devido ao fato da classe média bater panelas em frente à Casa Rosada, uma significativa porcentagem dos jovens que lá se encontravam e que desafiavam a polícia vestia a camisa do selecionado argentino de futebol.

do norte, sul ou centro, os “cracks” nacionais contam com vocês, da mesma forma que vocês contarão com eles para a vitória final.<sup>214</sup>

Não custa aqui lembrar que tal desenvolvimento de uma “brasilidade” entre a população se dava, simultaneamente, à disseminação de uma série de obras acadêmicas que insistiam em ver no brasileiro, dada sua formação, um problema da natureza a ser resolvido ao longo do tempo. Se, por um lado, a perspectiva de muitos elementos da elite ainda insistia na impossibilidade de formar-se uma verdadeira nação com os elementos colocados em pauta – e haveria que se esperar até que surgisse a obra de Gilberto Freyre para oferecer uma nova possibilidade de leitura –, longe dos discursos acadêmicos a “problemática população de mestiços” encontrava seus próprios caminhos para inserir-se dentro de uma sociedade historicamente excludente e elitista.<sup>215</sup>

Assim, se o futebol pode ser visto como um dos agentes fundamentais na promoção de um sentimento de brasilidade ao longo da primeira metade do século XX, fomentando uma idéia de pertencimento, é porque sua ação se dá sobre um campo carente de elementos que possibilitem tal perspectiva. De fato, pensar em uma “identidade brasileira” para a primeira metade do século XX parece remeter a uma ausência de valores que possibilitem a associação coletiva sob o ideal da nacionalidade. Discutir o porquê de tal ausência é um problema que foge a nossa alçada, todavia, não há como negar que a carga negativa da escravidão, o incremento da imigração e a própria tradição europeizante de nossas elites tem muito a ver com a existência de tal lacuna. Desta forma, seguindo o trabalho do sociólogo colombiano J. M. Valenzuela, propomos aqui que a “identidade” do brasileiro comum, na primeira metade do século XX, seja caracterizada como uma identidade proscrita, desterrada em sua própria terra, dadas as relações de dominação sócio-econômica existentes no Brasil.

Hemos definido a las identidades proscritas como aquellas formas de identificación rechazadas por los sectores dominantes, donde los miembros de los grupos o las redes simbólicas proscritas son objeto de caracterizaciones peyorativas y muchas veces persecutorias.<sup>216</sup>

---

<sup>214</sup> *O Cruzeiro*, 17 de junho de 1950, p 12.

<sup>215</sup> Claro que o futebol deve aqui ser associado a outros elementos dentro deste processo, constituindo-se apenas em uma parte daquilo que podemos denominar de “cultura popular”.

<sup>216</sup> VALENZUELA. Apud: FERREIRO, Juan Pablo. “Ni la muerte nos va a separar, desde el cielo te voy a alentar’. Apuntes sobre identidad y fútbol en Jujuy”. In: ALABARCES, Pablo (org.). **Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2003, p 71.

Passa-se, desta forma, a ter uma dimensão mais exata da relação existente entre a Copa do Mundo de 1950 e o nacionalismo no Brasil. Os louros da vitória, é claro, seriam divididos por todos, uma vez que diria respeito à coletividade, aí incluídos aqueles que, historicamente, olhavam para o outro lado do oceano em busca de uma matriz cultural. Seria, em outras palavras, um momento de redenção da identidade nacional em sua totalidade. A derrota, pelo contrário, seria debitada na conta daqueles que sempre formam vistos como a causa das mazelas do país, daqueles que eram percebidos como agente motor da lascívia furiosa dos conquistadores. Assim sempre fora, assim seria novamente.

Se o discurso de parte dos intelectuais do começo do século XX nos aponta para esta “identidade proscrita” dentro do país, e se cabia ao futebol resgatar tal identidade através da vitória magna, há que se lembrar ainda que a realização da Copa em terras tropicais também trazia consigo uma outra relação, que ultrapassando o aspecto interno de nossa sociedade, remete à relação do país com o exterior, ou mais precisamente, com a forma como o país era percebido fora do continente. Há, portanto, motivações mais profundas ainda na realização da Copa do Mundo Tupiniquim. Contudo, antes de realizar o certame, de afirmar ao mundo nossa condição de civilizado e de desenvolvido, havia que cumprir com outras realizações mais prementes, como, por exemplo, construir um estádio.

\* \* \*

## 2.2 – *O “Mal” suspenso na ideologia...*

Sabemos que a História é uma construção social, posto que é produto humano e ao homem diz respeito. A assertiva, válida para o conhecimento histórico em geral, é aplicável também à História do futebol e das copas do mundo, área sobremodo específica, mas nem por isso menos propensa a explicitar os códigos e significados com que os homens entendem e representam o mundo em que vivem. Já é clássica a afirmação segundo a qual o futebol, no Brasil, funciona como uma espécie de metáfora da sociedade, desvelando nossas mazelas, nossas estruturas sócio-econômicas histórica e escandalosamente desiguais, bem como nosso pretenso espírito festivo tão bem retratado nas constantes aproximações feitas entre o esporte bretão e o carnaval.

Segundo Pablo Alabarces, o cenário do futebol é um objeto privilegiado dos estudos culturais sobre o desporto, exigindo, contudo, a formulação de perguntas que

escapem à banalidade dos textos jornalísticos cotidianos.<sup>217</sup> Sendo área integrante destes “estudos culturais”, é natural que se aborde o futebol enquanto instrumento capaz de fomentar representações diversas acerca da sociedade brasileira contemporânea, representações estas que ultrapassam muros impostos pela temporalidade, gozando de certo caráter de permanência dentro de nossa cultura. Ora, já vimos, no primeiro capítulo que muitas das representações negativas acerca do brasileiro provém das perspectivas europocêntricas utilizadas por intelectuais do começo do século XX, que buscavam em conceitos e realidades postas no além-mar os padrões e modelos de desenvolvimento e civilização que julgavam legítimos ante o suposto atraso cultural brasileiro. Contudo, vimos também que a partir da terceira e quarta décadas daquele século, novas leituras acerca de nossa cultura passaram a propor uma valorização da identidade nacional, no mesmo momento em que o país se reconfigurava internamente, através do desenvolvimento industrial, do crescimento dos principais núcleos urbanos e do desenvolvimento de instrumentos capazes de elevar a idéia de pertencimento nacional, notadamente no que se refere ao campo da educação. Enquanto isto, externamente, buscávamos uma posição de maior destaque, colhendo os frutos de nossa posição econômica e política no amplo contexto que se refere à Segunda Guerra Mundial.

Com efeito, se o futebol possuía já a capacidade de operar como uma síntese do país, nada mais natural que o momento de maior destaque até então obtido pela seleção brasileira servisse como um catalisador das diversas representações – positivas ou não, conforme o resultado final – existentes acerca de nossa nacionalidade. Um exemplo extremo de representação, neste sentido, foi produzido por Paulo Perdigão em “Anatomia de uma derrota”: “Por ser um momento histórico, o Brasil X Uruguai de 50 levita como um jogo de futebol acima do futebol – é um mito fabuloso que se conserva e se agiganta na imaginação popular, o próprio Mal em suspensão animada na ideologia nacional”.<sup>218</sup>

As palavras de Perdigão merecem uma reflexão mais atenta, uma vez que apontam para o peso posteriormente atribuído à derrota ante o Uruguai, ou, em outras palavras, para os sentidos produzidos a seu respeito. Em primeiro lugar, a partida extravasa os limites de um mero embate esportivo, sendo alçada à condição de “momento histórico”. Sem entrar aqui na discussão sobre o que possa ou não ser classificado dentro de tal

---

<sup>217</sup> ALABARCES, Pablo. **Op. Cit.** (2002), p 10.

<sup>218</sup> PERDIGÃO, Paulo. **Op. Cit.**, p 36.

chancela, é evidente que, diante dos olhos do autor, a partida toma uma importância semelhante aos acontecimentos que, em uma expressão talvez simplória, possamos considerar como “acontecimentos de livro didático”: aqueles que, de uma forma ou outra, todos já ouviram falar e aos quais se atribui uma importância *sui generis* dentro da História. Apenas para exemplificar, o próprio Perdigão, no parágrafo seguinte à citação retirada acima, classifica a partida final de 1950 como “um Waterloo dos trópicos”. Explicita-se, desta forma, a idéia defendida pelo autor, segundo a qual, o *Maracanazo* teria para os brasileiros um peso semelhante às maiores vitórias ou derrotas que compõem a História de outras nações. Reforça-se, desta maneira, a idéia de que a conquista daquele mundial deveria se configurar no instrumento de confirmação da capacidade de conquista a que Hobsbawm se refere, preenchendo uma lacuna importante dentro da afirmação de nossa identidade de nação.

Seguindo o raciocínio de Perdigão, a derrota ante a equipe de Obdúlio não foi apenas um momento histórico, mas também um “mito fabuloso que se conserva e se agiganta”, fugindo, portanto, do campo dos acontecimentos reais e assumindo uma outra dimensão onde, ainda que pertinente à atenção da História, se permite à ação ou interação de elementos de um universo mágico; imaterial, mas ainda assim dotado de sentidos importantes para sua interpretação ou do contexto que lhe cerca. “A derrota transformou um fato normal em uma narrativa excepcional. É mesmo necessária para que o fascínio perdure. Sófocles e Eurípedes ficariam deslumbrados com a harmoniosa grandeza dessa patética epopéia conduzida pelas veleidades do destino”<sup>219</sup> Lembremos aqui o texto já citado de Luis Fernando Veríssimo, apontando que poucas imagens restaram acerca deste momento. Podemos pressupor que, muito dos sentidos perpetuados são decorrentes desta ausência de material imagético, produzida sabe-se lá por que razão. Contudo, esta mitologia criada acerca do jogo seria justificada unicamente a partir da ausência de um filme, recriando permanentemente ante nossos olhos uma versão, como se a repetição da imagem fosse suficiente para que se formasse sobre um acontecimento uma única e abrangente versão? Ou terão os relatos produzidos no calor dos acontecimentos algum peso sobre a formação deste mito?

Contudo, a expressão que mais nos chama a atenção no trecho acima citado é a referência feita à perda do título de 1950 como “o Mal em suspensão animada na ideologia nacional”. A expressão é, com efeito, riquíssima em significados. Em

---

<sup>219</sup> PERDIGÃO, Paulo. **Idem, ibidem.**

primeiro lugar, ressalta-nos aos olhos o fato de Perdigão utilizar o termo “Mal” grafado com letra maiúscula, indicando não apenas a existência de um sentimento negativo, mas atribuindo mesmo uma certa reificação, uma entificação que, não chegando à materialidade, pressupõe uma força capaz de operar de forma ativa e negativa sobre algo ou outrem. Não se trata, obviamente, de classificar a derrota brasileira como obra de forças ocultas, malignas, ou da ação do próprio Lúcifer que teria sutilmente desviado a bola do alcance de Barbosa. Trata-se, sim, de entender que a partir do desfecho daquele momento muitas expectativas depositadas ou imagens projetas na/sobre a seleção se veriam irremediavelmente frustradas. Trata-se de entender que, a partir de tal frustração, as antigas teorias que vislumbravam o brasileiro como um ser derrotado, ganharam um novo argumento, cuja força residia não no caráter acadêmico de sua formulação ou no peso material do currículo de quem o propunha, mas sim no fato de utilizar como cenário e atores uma seleção de um esporte de massas, que defendia a conquista de um título dentro de sua casa, ante a sua torcida, em um momento onde todos deveriam nos ver como vitoriosos, modernos e realizadores. O Mal, desta forma, não veste vermelho nem carrega em sua mão um tridente, mas se traveste de um discurso que se supunha ultrapassado a partir do momento em que julgamos ser possível romper, por nossas próprias forças, com o estigma de subdesenvolvimento que as teorias eurocêntricas, produzidas tanto interna como externamente, por tanto tempo haviam divulgado.

Por isto este mal “reside em suspensão animada sobre a ideologia nacional”. Engana-se quem pensa que as idéias, por mais contestadas que sejam, morram com a rapidez de um atropelado em linha de trem. Se durante boa parte do século XIX e mais outro tanto do XX, nossos intelectuais não mais fizeram que deixar se influenciar por modelos europeus que, afinados à lógica do imperialismo e do eurocentrismo, viam o restante do mundo como o local do exótico, do outro e do atrasado, é evidente que em meados do século passado tais perspectivas ainda gozavam de grande vigor, mesmo que disputassem espaço e adeptos com novas tendências e perspectivas. A auto-imagem da nação, procurando novos modelos que lhe valorizassem, passava pelos discursos, produzidos um século antes, e que ainda impregnavam os mais diversos setores da vida nacional.

Por fim, o que torna este Mal ainda mais maléfico é a sua manifestação em um contexto até então ímpar da História nacional. Se aquele momento era, de certa forma, um período de transição entre formas diferentes de pensar o país no que se refere ao

aspecto cultural e de interpretação do próprio Brasil, no sentido prático do dia-a-dia a existência de um regime democrático (ainda que imperfeito) somada ao crescimento econômico provocado pelos anos da guerra certamente auxiliaram para produzir um certo clima de renovação dentro de nossa sociedade. Estando ao lado dos vencedores e gozando de um novo espírito nacional, cabia agora confirmar a superação do passado e de todas as leituras que nos viam como condenados ao atraso e ao subdesenvolvimento humano.

Certamente há quem pense que atribuir tamanha quantidade de significados a uma única partida de futebol seja uma demasia, e tal linha de pensamento é plenamente comprehensível. No entanto, cabe lembrar que as decisões de copas mundiais estão longe de ser simples partidas, sendo antes momentos de amplos significados para as nações envolvidas, sempre de acordo com o contexto histórico vivido naquele momento. Neste sentido, o melhor exemplo até o período de nosso interesse certamente são as conquistas italianas de 1934 e 1938, que serviram respectivamente como instrumento de afirmação e propaganda para o regime fascista de Mussolini.<sup>220</sup>

\* \* \*

### *2.3 – ... e o Brasil mal na foto.*

Uma das características mais interessantes acerca da realização do mundial de 1950 parece ser a de momento de inflexão. Se no campo estritamente futebolístico esta inflexão é antes de tudo uma questão de olhar – posto que, como veremos adiante, a “nossa Hiroxima”<sup>221</sup>, teve uma compreensão diversa aos olhos dos jornalistas, conforme fossem ou não brasileiros –, ao pensarmos as vinculações entre o futebol e a sociedade brasileira, aquele momento parece se apresentar como uma espécie de entroncamento nos trilhos de um trem, trilhos estes que, ao cabo, levarão ao mesmo destino. Em outras

---

<sup>220</sup> Da mesma forma, o tricampeonato brasileiro em 1970 e a primeira conquista argentina em 1978 foram amplamente utilizadas pelas Ditaduras de Segurança Nacional do Cone Sul para demonstrar uma imagem positiva e vitoriosa de si próprias. Em um sentido mais próximo ao que abordamos em nosso estudo, temos a vitória alemã sobre a Hungria, em 1954, definida como o momento em que a Alemanha e seu povo readquiriram o direito de existir no mapa das nações, ou ainda a vitória francesa em 1998, quando uma equipe pluriétnica e com vários atletas oriundos de ex-colônias foi saudada como uma prova de afirmação positiva da diversidade social francesa ante o avanço de práticas políticas e discursivas ancoradas no chauvinismo, no racismo e no fortalecimento da direita. Cfe: GALEANO, Eduardo. **Op. Cit.**

<sup>221</sup> A expressão é de Nelson Rodrigues e foi publicada na revista Realidade, em junho de 1966. Cfe: ANTUNES, Fátima Martins Rodrigues Ferreira. **“Com brasileiro não há quem possa!” Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues”**. São Paulo: Unesp, 2004, p 216.

palavras: certamente defender aqui a idéia de que o curso da História brasileira seria outro, caso o resultado de 16 de julho pendesse a nosso favor é certamente uma demasia. Não seria em virtude disto que seriam feitas mudanças estruturais no país, se procederia à reforma agrária ou retrocederíamos à legalização jurídica da escravidão. Chegaríamos, ao fim, à mesma estação. Contudo, em alguns momentos, a paisagem à janela do trem seria outra, uma vez que este jogo mexe diretamente em questões tais como auto-percepção, identidade e auto-estima.

Já vimos no primeiro capítulo alguns exemplos de como a idéia de uma identidade nacional no Brasil é algo que sofre, desde o princípio da formação de nossa intelectualidade, com os efeitos de uma perspectiva auto-depreciativa e que vê no branqueamento e na implantação de modelos estrangeiros a solução para nossas mazelas sociais. Esta perspectiva certamente entra em choque com a idéia de cimentar uma identidade nacional desenvolvida a partir das práticas getulistas da década de 1930. A nacionalização da educação, a industrialização com a subsequente afirmação de uma classe operária e a urbanização são movimentos históricos que se afirmam absorvendo os elementos historicamente excluídos de nossa sociedade, e não os negando ou classificando-os como problema a ser resolvido no longo prazo, como queriam muitos dos nossos intelectuais do começo do século XX.

E em meio a esta contradição, o futebol despontou como símbolo desta nacionalidade, englobando em suas fileiras jogadores pobres que ousavam utilizar os pés para burlar o caráter elitista até então atribuído ao jogo. Em um movimento sincrônico a este, o rádio e a imprensa escrita se desenvolviam e reservavam ao futebol o espaço próprio e a linguagem especializada que até hoje caracteriza sua cobertura.

É importante que levemos para o próximo capítulo estas noções, uma vez que muito do que ficou daquela Copa para o senso comum brasileiro diz respeito à culpa atribuída a três jogadores negros que naquele momento envergavam a camisa branca de nossa seleção. Com efeito, a imposição da culpa pela derrota aos três jogadores da defesa – Barbosa, Bigode e Juvenal – parece hoje favas historiograficamente contadas, encontrando ressonância em muitas das obras que, ao abordar a história do futebol, dedicam àquele momento um pouco de sua atenção.

Havia um elemento racista nas recriminações. Todos os três bodes expiatórios - Barbosa, Bigode e o quarto-zagueiro Juvenal – eram negros, reacendendo as

teorias de que a causa da falta de caráter nacional residia na mistura racial do Brasil.<sup>222</sup>

O preto Bigode e o mulato Juvenal, sem contar o goleiro Barbosa, também preto, foram os principais acusados. Bigode chegou a ser chamado de covarde por não ter respondido às “intimidações” de Obdulio Varela.<sup>223</sup>

Um momento ímpar para demonstrar a permanência de tal imposição de culpabilidade aos três jogadores se deu em 1993, durante a realização das eliminatórias para a Copa do Mundo do ano seguinte, quando o goleiro Moacir Barbosa, gentilmente, resolveu visitar os jogadores brasileiros na concentração. Barbosa acabou sendo barrado, sob a justificativa de que sua presença não traria sorte (ou, em contrapartida, representaria um azar) ao selecionado brasileiro. Diante da situação constrangedora, não restou ao ex-atleta outro caminho que o desabafo: “No Brasil, a pena maior por um crime é de trinta anos de cadeia. Há 43 anos pago por um crime que não cometí”.<sup>224</sup>

Uma vez que muito do conjunto de imagens atribuído ao futebol passa pela ação da imprensa, seria normal esperarmos encontrar alusões a este verdadeiro julgamento moral nas fontes levantadas para este trabalho. Contudo, tais alusões neste sentido não apenas se dão de forma indireta, como também buscam em certa medida absolver os três atletas citados, além do restante do selecionado. Sobre isto voltaremos a falar mais tarde. Por enquanto, importa-nos pensar como a imprensa brasileira entendia o futebol brasileiro às portas da IV Copa do Mundo, bem como suas vinculações com a nacionalidade brasileira. Talvez um bom exemplo para vislumbrarmos tal questão se dê pela contraposição entre dois estereótipos contrários, postos literalmente no mesmo campo.

Corria o ano de 1948 quando o quadro inglês do Southampton excursionou pelo Brasil a fim de enfrentar o Fluminense e o Botafogo em duas partidas amistosas. Até então, o futebol britânico mantinha uma intocada aura de pureza, resultado da combinação de sua paternidade na codificação das regras do esporte, com o fato de manter uma postura de isolamento em relação aos torneios internacionais. Segundo Mário Filho, foi seguindo esta lógica que a imprensa brasileira “esqueceu” de noticiar

---

<sup>222</sup> BELLOS, Alex. **Op. Cit.**, p 56.

<sup>223</sup> PERDIGÃO, Paulo. **Op. Cit.**, p 171.

<sup>224</sup> GALEANO, Eduardo. **Op. Cit.**, p 101.

que o Southampton era, à época, um clube da segunda divisão inglesa.<sup>225</sup> A reação desta mesma imprensa diante do quadro inglês ficou registrada de forma mordaz nas palavras do grande jornalista:

Bastou, porém, a vinda de um time inglês para que renascesse a admiração autêntica. Chegamos até ao ridículo proclamando essa admiração. Num simples bate-bola dos ingleses, no campo do Botafogo, grandes nomes da crônica esportiva brasileira não se continham em gritinhos de entusiasmo. Um inglês parava uma bola e era como nunca se tivesse visto um jogador parar uma bola. Ou chutar uma bola. Ou passar uma bola.<sup>226</sup>

É o próprio Mario Filho que, na continuação de seu texto, coloca como resultado da vitória do time brasileiro um sentimento de insatisfação por parte da torcida, que saía do estádio de São Januário, onde se realizara a partida, pedindo seu dinheiro de volta e chamando os ingleses de “vigaristas”.<sup>227</sup>

Esta narrativa de Mário Filho encontra ressonância na matéria que a revista *O Cruzeiro* dedicou ao prélio em que a equipe inglesa enfrentou o Fluminense. Embora sem trazer o resultado final da partida, a revista, sintomaticamente, apresenta a matéria sob a manchete “Um blefe sensacional”, considerando as atuações dos ingleses uma decepção digna da “ordem do banho”. Contudo, apesar destes comentários, a revista não deixa de prestar certa reverência ao apresentar o quadro inglês, ao mesmo tempo em que explicitava de forma exemplar como uma simples equipe de futebol pode ser entendida como representação de uma nação. Com efeito, a matéria trazia duas fotografias, onde se via ambas as equipes postadas, na pose tradicionalmente feita antes do início de cada partida (foto 5). As legendas que acompanham as fotos comentam:

Southampton – Quadro inglês. Note-se a forma com que se apresentam diante do fotógrafo, fabulosamente alinhados, braços cruzados, igualmente ajoelhados, formando um conjunto absolutamente igual e elegante.

Fluminense – Ninguém se entende. Um olha para o lado, procurando algum conhecido. Outro põe as mãos esperando um possível sinal de partida. Alguns fitam o chão. Nenhuma organização. São brasileiros.<sup>228</sup>

---

<sup>225</sup> RODRIGUES FILHO, Mário. *Op. Cit.*, p 274.

<sup>226</sup> **Ibidem.**

<sup>227</sup> **Idem**, p 276.

<sup>228</sup> *O Cruzeiro*, 05 de junho de 1948, p 38-42.

Note-se que não estamos aqui a tratar do Andaraí, do Bangu ou de qualquer outro clube carioca de maior identificação com uma origem proletária. Estamos falando do Fluminense, equipe historicamente identificada com a fina flor da elite da então capital federal. Se, diante de um quadro inglês de segunda linha, mesmo os representantes de um clube vinculado à alta sociedade carioca são apontados como exemplo de incapacidade organizativa, o que não estaria reservado aos clubes menores, de acentuada raiz operária? A lógica, assim, parece ser simples: o mais elegante brasileiro estaria ainda em desvantagem diante de um inglês de segunda divisão. Imaginem se o Fluminense perdesse a partida!

Claro que, em situações normais, quando quadros brasileiros mediam forças entre si, a imprensa brasileira já possuía uma hierarquia própria, reservando à base da pirâmide social todos os adjetivos concernentes à falta de uma postura esportiva condizente com a posição de um *sportsman*. Leonardo Pereira, em *Footballmania*, nos mostra exemplos de tal postura já em 1916, apresentando uma matéria do jornal *Correio da Manhã*, onde o cronista esportivo, em nome da moralização do “*sport* de maior predileção do povo civilizado brasileiro”, cobra providências do chefe de polícia quanto às desordens verificadas em uma partida disputada no bairro da Saúde, onde diversos jogadores haviam sido ameaçados de morte pela “assistência desordeira” que se encontrava inclusive “de revolver em punho”.<sup>229</sup> O comentário do autor, a respeito de tal matéria, parece confirmar nossa impressão de que haveria, por parte da imprensa esportiva, uma espécie de hierarquia não formalizada, onde a elite brasileira, ainda que abaixo dos verdadeiros esportistas do primeiro mundo, estaria muitos degraus acima do populacho que passava a se interessar naquele momento pelas coisas do mundo da bola.

Ao ver no episódio a mostra mais clara de “como se desmoraliza um *sport* tão adiantado e apreciado no Brasil”, o cronista parecia esquecer, em sua análise, que a existência desses conflitos não era uma exclusividade dos clubes sediados nas regiões pobres da cidade. Vendo nos moradores de regiões como a Saúde os principais responsáveis pela “desmoralização” do futebol, ele evidenciava o valor que dava a esse alargamento do interesse pelo jogo: tratava-se, para ele, de uma perda irreparável, causada pela índole natural dos novos admiradores do jogo. ”Finjam ao menos que tomaram chá em

---

<sup>229</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Op. Cit.**, p 129.

pequenos”, dizia outro cronista ao criticar os distúrbios nos campos cariocas, referindo-se à falta de educação desse novo público que enchia os estádios.<sup>230</sup>

Juntando-se a matéria apresentada por Leonardo Pereira e seus comentários, com as legendas das fotos da partida entre Fluminense e Southampton, fica evidente a existência de uma verdadeira hierarquia civilizacional desvendada através do futebol: habitantes do primeiro mundo ao topo; elite nacional ao meio, mas em destaque, e “desordeiros que não tomaram chá em pequenos” na base da pirâmide.

Para além destas comparações sociais, o futebol ao ser analisado pela imprensa servia também como um instrumento para comparar as próprias nações entre si. Desta forma, assim como as pessoas, também os países se apresentariam em diferentes níveis de evolução, muito embora explicitar o porquê de tais discrepâncias seja algo que esteja completamente afastado de qualquer necessidade. Desta forma, estes mesmos encontros internacionais entre clubes servem também como um espaço para que o discurso do atraso brasileiro diante do primeiro mundo seja veiculado, reproduzindo-se assim, sob novas palavras e um novo contexto, muitos dos argumentos apresentados pelos intelectuais do começo do século XX. Contudo, ao mesmo tempo em que tais críticas são feitas, o futebol é apresentado como uma espécie de via compensatória quando bons resultados são obtidos, devendo ser destacada a importância que o Brasil ia galgando nesta modalidade diante das demais nações do planeta. Pouco tempo após o Southampton excursionar por gramados brasileiros, foi a vez da equipe italiana do Torino se apresentar em terras tropicais. Os comentários feitos pela mesma revista *O Cruzeiro* acerca da partida inaugural desta excursão, disputada contra o Palmeiras no estádio do Pacaembu e que terminou empatada em 1X1, a consideram uma repetição do blefe proporcionado pelo Southampton. Contudo, ao encerrar a matéria, o repórter Arlindo Silva não se furtou a explicitar a utilização do futebol como instrumento de compensação ao atraso brasileiro em outras áreas do cotidiano.

Em conclusão: antes vieram os ingleses e nos passaram um tremendo blefe; agora os italianos mostrando a fraqueza do futebol peninsular. Se em matéria de transporte ferroviário, na mecanização da agricultura ou na exploração do petróleo nós estamos 50 anos atrás de outras nações, resta o consolo, amigos,

---

<sup>230</sup> **Idem**, p 129-30.

de que o futebol moderno e aprimorado está mesmo conosco, e isso, realmente, já é alguma coisa.<sup>231</sup>

Este pequeno trecho em muito complementa e confirma algumas pistas já apontadas através das notícias sobre a visita do Southampton ao Brasil. Em primeiro lugar, é visível em ambas situações o sentimento de decepção em relação ao futebol do “mundo civilizado”. Certamente que tal frustração passa pela expectativa de se vislumbrar através das excursões dos times europeus espetáculos esportivos de alto nível, ainda mais tendo em mente que se trata de um time inglês – portanto dos presumidos pais do futebol – e outro italiano, que a época eram os detentores da Taça Jules Rimet, tendo vencido duas das três edições do campeonato mundial. Contudo, nos é permitido perguntar, dadas as visíveis referências que o continente europeu representava para o cotidiano brasileiro, se este desapontamento não se daria de uma sensação de que o primeiro mundo deveria ser em tudo – e também nos esportes – superior ao que haveria no Brasil. Esta nos parece uma explicação plausível ante os comentários publicados por *O Cruzeiro* diante das fotos de brasileiros e ingleses feitas antes da partida, mesmo com a vitória do quadro brasileiro.

Em “A dança dos deuses”, Hilário Franco Júnior se apropria de uma frase do espanhol Miguel Askargota, que no mundial de 1994 treinava a seleção boliviana. Segundo Askargota, “joga-se como se vive”.<sup>232</sup> Desenvolvendo seu raciocínio sobre esta frase, Hilário coloca que não apenas joga-se, mas também se organiza o futebol e torce-se da maneira como se vive. E, principalmente, rege-se o jogo de acordo com a auto-imagem de cada momento. Ora, se tivermos em mente que muito da auto-imagem existente naquele momento era diretamente tributária das perspectivas do começo do século, compreenderemos porque mesmo diante de resultados positivos, os órgãos de imprensa fazem questão de destacar características negativas, tais como a falta de capacidade de se organizar diante de uma simples fotografia. Ainda segundo Hilário Franco Júnior, a persistência de tais imagens não somente chega à quarta Copa do Mundo, mas atinge mesmo à edição seguinte, quando, em 1954, uma nova derrota e uma eliminação prematura foi explicada a partir de problemas inerentes à psicologia brasileira.

---

<sup>231</sup> *O Cruzeiro*, 07 de agosto de 1948, p 48.

<sup>232</sup> FRANCO JR., Hilário. **Op. Cit.**, p 315.

“Joga-se como se vive” e reage-se ao jogo de acordo com a auto-imagem que se tem a cada momento. O futebol não apenas manifesta, ele também exacerba certas condições psicológicas coletivas. Algumas derrotas podem denegrir o ego nacional. No dia seguinte ao fracasso na campanha de classificação para a Copa dos EUA, em 1994, um dos mais importantes jornais da Inglaterra colocava como manchete “Fim do Mundo”. O maior exemplo talvez ainda seja a derrota brasileira na final da Copa de 1950, em pleno Maracanã, para os vizinhos uruguaios. Os desdobramentos foram amplos, e na Copa seguinte, na Suíça, o time brasileiro ainda se mostrava “nervoso e covarde”, na definição do húngaro Kocsis, logo após a partida em que o Brasil foi eliminado. Muitos pseudo-intelectuais passaram a atribuir as derrotas em competições internacionais à pretensa “inferioridade da raça brasileira”. Às vésperas da Copa de 1958, Nelson Rodrigues ainda temia o “complexo de vira-latas” que caracterizaria os brasileiros. O reverso da medalha é verdadeiro. O futebol pode funcionar como importante fator de auto-afirmação coletiva.<sup>233</sup>

Um fator que deve ser lembrado aqui, e que torna as pequenas legendas da revista ainda mais significativas, é que, a esta altura, o futebol estava consolidado na posição de esporte de massas dentro do país. Ao mesmo tempo em que o profissionalismo já se encaminhava para completar duas décadas, fazia dez anos que o Brasil conquistara o terceiro lugar na Copa de 1938, quando através das ondas do rádio o país tivera a oportunidade de acompanhar pela primeira vez a atuação de seu selecionado em tempo real. Já nos referimos anteriormente ao fato de que esta nova possibilidade terminou por incrementar o interesse da população pelo futebol, que agora poderia ser acompanhado na voz de locutores em todo o território nacional através de transmissões ou emissoras que transmitiam em sistema de cadeia, em uma operacionalidade que serviria não apenas para difundir a figura dos principais times cariocas, mas que também se apresentaria como um poderoso instrumento na tentativa de formar a idéia de uma unidade nacional a partir da década de 1930. Em 1948, a realização da Copa do Mundo no Brasil já se manifestava como uma certeza, ainda que as realizações materiais para tal devessem ser consubstanciadas. Pois ainda assim éramos inferiores aos ingleses.

Um último aspecto interessante a ser destacado nas notícias citadas acima diz respeito ao caráter compensatório que o futebol passa a ter, a partir do momento em que se verificam resultados positivos no campo de jogo. Isto é especialmente visível na matéria referente ao jogo entre Palmeiras e Torino, quando o bom resultado obtido pelo

---

<sup>233</sup> **Idem**, p 317.

time brasileiro (um empate) dá margem para que o cronista considere a qualidade do futebol jogado em campos brasileiros “um consolo” diante da situação de atraso do país em outras áreas, como transportes, agricultura ou extração de petróleo. Tal afirmação nos parece muito interessante, na medida em que ainda hoje, em que pese o recente desenvolvimento de pesquisas no campo da sociologia e da antropologia do futebol, vez por outra nos deparamos com a velha argumentação do “futebol ópio do povo”. Certamente os defensores de tal idéia – a qual julgamos extremamente superficial – dirão que temos aqui um exemplo, uma vez que certamente o sucesso no campo futebolístico não tornaria melhor a vida coletiva da nação nem ajudaria a resolver os demais problemas apontados pelo próprio autor do texto jornalístico. Contudo, a questão nos parece um pouco mais complexa e merecedora de algumas linhas.

A expressão “e isso, realmente, já é alguma coisa” utilizada pelo autor pode significar muito mais do que um simples efeito retórico para encerrar seu texto ou ainda algum tipo de ironia velada. Lembremos, em primeiro lugar, que, diante da perspectiva de um país atrasado ante as nações consideradas desenvolvidas, a idéia de sucesso no campo esportivo pode representar, para além de um instrumento de mera compensação, uma forma de compartilhar espaços e atenções. Neste sentido, suplantar o favoritismo de ingleses ou italianos poderia ser entendido, no campo coletivo, como um primeiro passo no sentido de criar a idéia de um país onde os sucessos também são possíveis. Negar esta possibilidade significa negar a força que vitórias esportivas possuem como instrumento de propaganda para governos dos mais diversos matizes ideológicos ao longo da história do esporte moderno. Em um país onde as noções mais elementares de cidadania eram ainda desconhecidas por grande parte da população (estamos falando da década de 1950, é bom deixar claro), vitórias obtidas por representações em esportes de massa representariam uma forma efetiva de inserção em uma comunidade, uma vez que tais sucessos são entendidos como vitórias de todo um grupo (torcedores de um clube específico ou de uma seleção, conforme o caso), e não apenas do restrito círculo de atletas que entra no campo ou na quadra. Assim, ainda que a idéia de uma seleção nacional como “a pátria de chuteiras” seja obviamente o resultado de uma projeção de um valor sobre um grupo específico, a identificação de tal grupo com a nacionalidade atinge mesmo os setores mais humildes da sociedade, que encontram aqui, por vezes, um elo comum de pertencimento a uma sociedade que se fecha a sua frente através de outros caminhos. E para que este pertencimento seja efetivamente experienciado, tanto

as vitórias quanto o discurso midiático, capaz de atingir os mais distantes torcedores, são fundamentais.

Assim, vitórias ou boas atuações diante de clubes estrangeiros poderiam representar muito mais do que “alguma coisa”, uma vez que seriam apresentadas à nação no exato momento histórico em que se busca construir a necessária idéia de uma unidade. Unidade esta que se queria vitoriosa aos olhos do mundo. Ou ao menos minimamente disciplinada a fim de posar bonito ante uma máquina fotográfica.

\* \* \*

#### *2.4 – Olhando além da fronteira.*

Uma partida de futebol, assim como qualquer outro esporte coletivo, pode ser entendida como a representação de uma batalha onde dois lados opostos medem forças, ao fim da qual um lado levará consigo os louros da vitória enquanto o oponente carregará consigo o peso e as reflexões da derrota. Os empates, sempre possíveis (conforme o esporte em questão), podem provocar um estado de resignação geral ou, ao contrário, variando conforme os contextos de pontuação ou da própria situação do jogo em que ele ocorre, ser visto como um bom ou um mal resultado. Assim, seria possível supor que, à alegria provocada pelas conquistas corresponderia uma equivalente tristeza pela derrota, de igual dimensão, porém com significado inverso. As coisas, no entanto, parecem não ser assim tão simples.

À exceção de grandes campanhas feitas por clubes de menor expressão que, ao final, não se materializam na conquista efetiva de um título<sup>234</sup>, o futebol brasileiro, seja referente aos clubes ou a seleção, é pródigo em relembrar momentos de vitória. Nas sedes das agremiações, as salas de troféus testemunham materialmente a grandeza de suas histórias para seus torcedores. As conquistas de cunho internacional costumam render publicações e programas especiais a cada vez que comemoramos o aniversário das mesmas com as famosas “datas redondas” (10, 15, 20 anos). Como exemplo recente, o ano de 2008 testemunhou várias atividades e programações celebrando os 50 anos da conquista do primeiro título mundial brasileiro. Já as derrotas em partidas finais não costumam serem lembradas com a mesma freqüência, a menos que seja por

---

<sup>234</sup> Um exemplo seria a surpreendente conquista do terceiro lugar no campeonato brasileiro de 1985 pelo Grêmio Esportivo Brasil, da cidade de Pelotas, até hoje motivo de orgulho para a sua torcida, ou o terceiro e quarto lugares no campeonato brasileiro de 1977, conquistados respectivamente por Operário-MS e Londrina.

eventuais aspectos de dramaticidade que o jogo tenha tomado. Uma justificativa para isto pode ser encontrada na característica seletiva da memória, que sabidamente tende a privilegiar momentos de forte conotação positiva em detrimento das lembranças que, não dotadas desta característica, acabam sublimadas no inconsciente. Tal explicação nos parece ainda mais válida se considerarmos que as lembranças relativas às conquistas esportivas por parte das torcidas são lembranças coletivas, e que são celebradas de forma igualmente coletiva, reforçando os traços de pertencimento à comunidade imaginária composta pelos torcedores. Outra explicação, que não nega esta, mas que pode ser pensada conjuntamente, nos é oferecida por Hilário Franco Júnior, e deriva de aspectos culturais de nosso país:

No Brasil, mais do que em outras partes – talvez por ser país de imigração, para onde desde o século XVI as pessoas vinham para enriquecer, para ter sucesso total – há uma espécie de rejeição da vitória que não seja completa. Vice-campeão não é considerado.<sup>235</sup>

Assim, não deixa de ser sintomático perceber a existência de um certo cultivo da memória referente a final de 1950. Obviamente não se trata aqui da existência de celebrações festivas, mas, para além do senso comum e da memória coletiva que trabalham sobre dados e relatos transmitidos pelos meios de comunicação ou mesmo através da oralidade, boa parte das publicações sobre a História do futebol no Brasil ou sobre seus aspectos sociológicos e antropológicos têm naquele momento uma referência obrigatória de análise. Isto para não falar das obras já citadas de Perdigão, Geneton Neto ou Gisela Moura, que encontram ali seu enfoque especial. Certamente tudo isto nos aponta para aquele momento como um instante especial dentro da História esportiva nacional.

Contudo, parece haver um curioso aspecto desta memória construída que passa despercebido aos menos atentos. Há, com efeito, em muitos relatos a respeito da última partida de 1950, a idéia de que a derrota para os brasileiros é algo muito mais significativo do que a vitória para os Uruguai. Tais relatos tentam passar uma certa imagem de que para os uruguaios, aquela vitória foi algo que aconteceu, foi comemorada e pronto, enquanto que para os brasileiros a derrota exige um permanente processo de rememoração, como se fosse necessário trazer constantemente para nosso

---

<sup>235</sup> FRANCO JR., Hilário. **Op. Cit.**, p 305-6.

consciente algo que aflorou naquele momento, mas que deveria permanecer oculto na alma nacional. Talvez um bom exemplo de tal perspectiva seja o livro de Alex Bellos, que, a fim de embasar tal relato, vale-se de uma entrevista com o próprio Ghiggia, onde este afirma: “Sabe, às vezes me sinto como se eu fosse o fantasma do Brasil. Estou sempre ali na sua memória. No Uruguai a gente viveu o momento. Depois passou”.<sup>236</sup>

Talvez não seja bem assim.

Não é novidade para ninguém que um dos lugares privilegiados para a guarda e conservação da memória de um povo é o museu, espaço que, institucionalmente, possui esta função junto às comunidades onde se inserem. Sabidamente, os bens móveis e imóveis que compõem o acervo dos museus não são escolhidos de forma aleatoria. Há um processo de seleção sobre o que é importante para ser lembrado, justificando o porquê de ser lembrado e como se deve operar tal lembrança. Pois bem, no final de 2007 tive a oportunidade de conhecer Montevidéu, ainda que pelo curto espaço de dois dias. Neste espaço de tempo exíguo, resolvi que iria conhecer o Estádio Centenário e, ainda no hotel, descobri um pequeno folheto que informava da existência do “Museo del Fútbol” dentro das instalações do estádio (foto 6).

Ao mesmo tempo em que lá estava, uma turma de uma escola primária de Montevidéu visitava o local, motivo pelo qual pude seguir passo a passo às explicações que o guia fornecia às crianças. O que para alguns poderia representar um estorvo, para mim foi antes de tudo uma lição de como se constrói a memória nacional a partir do ambiente escolar primário. A exposição, que ocupava três salas de um andar inferior e igual espaço em um andar superior, iniciava com uma pequena mostra de antigos uniformes e bandeiras dos clubes uruguaios. Sobre cada um deles, o monitor tinha uma pequena história, fosse sobre a fundação do clube, sobre algum jogo importante, ou mesmo sobre a camisa que estava ali exposta. Desta forma, era assentada uma base referente à coletividade uruguaia e/ou sobre diferentes aspectos da sociedade (a origem dos clubes: se da capital ou do interior; se possuidores um “caráter social” mais definido ou não, etc...). Nos dois espaços contíguos, a exposição tratava da construção do estádio, sua importância e seu significado na História uruguaia, primeiramente a partir de imagens fixadas em cartazes e de objetos utilizados na construção do Centenário, e depois através de um vídeo, onde um documentário mostrava imagens da construção do

---

<sup>236</sup> BELLOS, Alex. **Futebol: o Brasil em campo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p 72.

estádio e da primeira Copa do Mundo, ressaltando a imagem de um país vencedor, pioneiro na conquista de títulos desta magnitude.

Era no andar superior, porém, que estavam guardados os maiores tesouros. Todo o espaço estava ocupado por objetos, camisas, troféus, bolas, bandeiras, relíquias enfim, que contavam a história das conquistas internacionais do futebol uruguai. Lá estava a história das conquistas de Nacional e Peñarol nas Taças Libertadores da América e Mundial Interclubes, mas, principalmente, o espaço era ocupado por uma história vitoriosa da seleção uruguai: suas conquistas nas Olimpíadas de 1924 (Paris) e 1928 (Antuérpia), na Copa de 1930 e, obviamente, na Copa de 1950. Postadas como relíquias sagradas no meio da exposição, duas camisas celestes, protegidas por redomas de acrílico, testemunhavam àquelas crianças sobre a grandeza do futebol de sua pátria, sobre sua história vitoriosa e sobre o orgulho que esta provocava em cada cidadão uruguai. As camisas eram as de número 5, utilizada por Obdulio Varela, e 11, de Ruben Morán. Em frente às camisetas, dentro de um nicho construído na parede, uma réplica da Taça Jules Rimet ocupava a posição de destaque máximo, exigindo que cada visitante obrigatoriamente passasse em sua frente, como a prestar reverência ante um objeto de devoção.

E para cada um daqueles detalhes, o guia contava uma pequena historia, um pequeno detalhe, que era correspondido com olhares infantis que brilhavam, como que sinalizando uma alegria ainda não externada, mas já presente, por saber que, de certa forma, aquilo também lhes pertencia.

Não pude deixar, neste momento, de me propor algumas singelas reflexões: Em primeiro lugar, por que a camiseta branca, utilizada em 1950 tornou-se um objeto desconhecido de boa parte dos brasileiros? É claro que se pode argumentar que todas as conquistas brasileiras em mundiais se deram já com a “camisa canarinho”, o que coloca aquele fardamento específico em um plano inferior no que se refere à seletividade da memória. Contudo, o “Maracanazo” é algo sistematicamente lembrado pela imprensa (e não apenas brasileira), ainda que em jogos onde a seleção brasileira não esteja presente.<sup>237</sup> Ao mesmo tempo, aquela é, ao menos até 2014, a única Copa do Mundo

---

<sup>237</sup> Em 2 de julho de 2008 o Fluminense F.C. perdeu a Taça Libertadores da América para a Liga Deportiva Universitária (LDU), do Equador, na decisão por penaltis, dentro do Maracanã. Nesta ocasião, o goleiro Cevallos, da LDU, teve papel de destaque, ao defender três cobranças de penalidades em quatro cobradas pela equipe carioca. No dia seguinte, a página esportiva do provedor “Terra”, publicou a seguinte manchete: “Jornais aplaudem Cevallos no Maracanazo blanco”. Os três primeiros parágrafos da notícia assim diziam: “Os principais jornais do Equador se dividiram entre aplaudir o goleiro Francisco

disputada em território nacional, e foi, até a conquista de 1958, nossa melhor participação em mundiais. Em outras palavras, retomando o argumento de Hilário Franco Júnior apresentado acima (de que no Brasil vice não é nada) como justificativa para esta seletividade, há que se pensar porque costumamos atribuir a esta importante passagem da História do futebol brasileiro na metade exata do século XX uma carga tão negativa quando, fora do Brasil, o sentido a ela atribuído parece ser outro (ver capítulo seguinte). Ao mesmo tempo, perguntava-me se era este o povo para quem a vitória de 1950 havia sido vivida e depois simplesmente havia ficado no passado, como afirmara Ghiggia em sua entrevista. O que vi diante de mim afirmou o contrário: a vitória lá ainda é lembrada e celebrada, cultivando uma memória tão ou mais intensa quanto a lembrança brasileira acerca do mesmo episódio, ainda que o “sinal” seja, evidentemente, contrário.

O passeio daquele dia, contudo, não terminou no museu. Durante a tarde caminhava pela avenida 18 de julho, uma das principais vias de Montevidéu, quando resolvi entrar em uma banca de livros e revistas que me chamara a atenção por ter uma boa quantidade de publicações voltadas ao campo das ditas “ciências humanas”, além de vender também alguns Cd's de música local. Pois foi lá dentro que as impressões que tivera dentro do “Museo del Futbol” foram confirmadas. Entre gravações de Candombes e rocks uruguaios, estava à venda um Cd duplo intitulado “50 años de Maracaná”, com a gravação original da partida feita através da Rádio Sarandi (foto 7). Na capa interna do Cd, um texto assinado pelo jornalista uruguai Sérgio Gorzy e intitulado “16 de julio de 1950...” assim coloca:

Con solo mencionar la fecha, cualquier uruguayo sabe muy bien de que se trata... También cualquier brasileño. Maracaná... Ese nombre lo dice todo, en Uruguay y en Brasil. A través de este álbum, volveremos al mágico día en que 11 leones uruguayos vestidos de celeste enmudecieron a 200.000 brasileños.

---

Cevallos, herói do título da LDU sobre o Fluminense na noite da última quarta-feira, e recordar a derrota histórica do Brasil diante do Uruguai, na final da Copa de 1950.

‘O Maracanã, assim como em 1950, quando o Uruguai arrebatou o título mundial do Brasil, emudeceu após o tiro de Washington que foi defendido por Cevallos. As recordações do Maracanazo reviveram, mas com os alvos como heróis’, disse *El Universo*, que classificou o título da LDU como a ‘página mais brilhante do futebol equatoriano’.

‘Liga festeja seu Maracanazo branco’ é a manchete do jornal *Hoy*. ‘Quando Cevallos agarrou o último pênalti, todos se juntaram em um só abraço para festejar o Maracanazo alvo diante de mais de 80 mil pessoas que lotaram o mítico Estádio do Maracanã’, diz a publicação equatoriana”.

As referências à cor branca se devem ao fato de ser esta a cor do uniforme da LDU naquela partida. In: <http://esportes.terra.com.br/futebol/libertadores2008/interna/0,,OI2986837-EI0786,00.html>. Acesso em 03/07/2008.

Fue la hazaña mas grande del deporte mundial en todo el siglo XX. Nadie duda de ese calificativo, sea de la nacionalidad que sea. Cada vez que alguien logra una hazaña de cualquier tipo en el mundo entero la califican de “Maracanazo”. Es que nunca antes, y nunca mas se podrá dar una situación similar. Uruguay y Brasil se enfrentaron en el último partido de un cuadrangular en el cual Brasil llevaba un punto de ventaja. Nunca mas se repetirá esta situación ya que los mundiales se definen en una final en igualdad de condiciones. Por si esto fuera poco el local fue el vencido y el publico superaba las 200.000 almas, no existiendo mas este tipo de capacidad, ni siquiera en el propio Maracaná que fue achicado. Para darle el último toque de dramatismo Brasil abrió la cuenta al iniciar la segunda mitad y Uruguay pudo dar vuelta el partido en los últimos minutos. Como contra España, y contra Suecia se sufrió mucho pero la Copa fue a parar a las manos de Obdulio Varela y los goles de Schiaffino y Ghiggia quedaron en la Historia. Recorramos con Don Carlos Solé y Don Hache Ele aquella histórica jornada que no precisa de mas detalles y gritemos fuertes al finalizar la grabación: ¡Uruguay campeón mundial por cuarta vez!<sup>238</sup>

Não pude deixar de conjugar o texto deste achado da tarde com a experiência da manhã. Se todo uruguaios e todo brasileiro sabem a que se refere à data de 16 de julho de 1950, isto certamente se deve aos processos coletivos de construção da memória acerca daquele acontecimento. Ao ver o brilho dos olhos das crianças uruguaias diante das explicações do monitor do museu, não pude deixar de lembrar também do programa televisivo a que me referi na introdução, uma vez que deveria ter aproximadamente a mesma idade que elas naquele momento. Da mesma forma, fiquei me perguntando como algo classificado como a maior façanha do esporte mundial no século XX, capaz de ter gerado um qualificativo para conquistas históricas possa ser algo que simplesmente tenha passado, como afirmara Ghiggia.

Uma última reflexão: se, para a História do futebol uruguaios, a vitória sobre o Brasil fosse algo destituído de maior significado, estaríamos diante de um acontecimento que geraria uma gama maior de sentidos apenas para um dos lados envolvidos. Estaríamos, literalmente, nos martirizando com um acontecimento que, aos vencedores, não produziria uma alegria proporcional ao sofrimento dos derrotados. Se tal correspondência de significados não é algo obrigatório, tampouco o caráter de sentidos efêmeros atribuído por Ghiggia parece encontrar respaldo nas referências que

---

<sup>238</sup> GORZY, Sergio. 16 de Julio de 1950... In: **50 años de Maracaná**. Montevideo: Sondor S.A., 2000.

minha curta estada no país vizinho me proporcionou. Não me recordo, por exemplo, de ver gravações das finais de 1958, 62, 70, 94 ou 2002 a venda em bancas de revista no Brasil. Não me recordo também de estarem a venda, no mesmo local, cartões postais com a foto de alguma destas equipes campeãs do mundo (comprei um destes cartões com a seleção uruguaia de 50 juntamente com a gravação da final). Tampouco tenho conhecimento de algum museu brasileiro onde a relação entre futebol-vitórias-identidade nacional esteja tão bem expressa e seja tão bem trabalhada.<sup>239</sup>

Ao afirmar que aquele momento é algo que simplesmente “tenha passado”, provavelmente Ghiggia esteja tentando novamente chutar uma bola em nosso contra-pé.

\* \* \*

### *2.5 – Mulheres em campo*

Já nos referimos ao fato de que o futebol brasileiro atingiu uma condição maior de popularidade a partir da década de 1930, e que isto se deve, entre outros fatores, ao desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, que dispensavam ao jogo uma interessante parcela de sua atenção. Evidenciando tal fato estamos, de certa forma, evidenciando também as raízes da perspectiva que atribui ao futebol no Brasil o *status* de “esporte nacional”. Tal caráter não somente passa pelas formas diversas com que o jogo é entendido e transmitido pelos veículos responsáveis por ligar a população ao interior dos estádios, mas também pelas narrativas e representações produzidas e assumidas pela crônica esportiva, que projetam em um certo “estilo brasileiro” de jogar futebol as formas com que se organiza nossa sociedade.

Tal fato longe está de ser um apanágio exclusivo do futebol brasileiro. Centrando sua atenção sobre as relações entre o futebol e a construção de uma identidade nacional na Argentina, Pablo Alabarces comenta:

En la historia de la invención de una *identidad nacional* argentina, como intentaré demostrar, el fútbol funcionó a lo largo del siglo XX como un fuerte *operador de nacionalidad*, como constructor de narrativas nacionalistas pregnantes y eficaces, en general con un alto grado de coherencia con las narrativas estatales de cada período.<sup>240</sup>

---

<sup>239</sup> A bem da verdade, apenas alguns dias após escrever este texto, tomei conhecimento da recente inauguração do Museu do Futebol Brasileiro, localizado dentro do estádio do Pacaembu, em São Paulo.

<sup>240</sup> ALABARCES, Pablo. **Op. Cit.** (2002), p 20.

Contudo, a projeção de uma coletividade sobre um esporte ou uma equipe, como óbvia construção que é, pressupõe o acobertamento das necessárias diversidades existentes em qualquer sociedade. Exemplos destas diversidades podem ser vislumbrados, na sociedade brasileira da primeira metade do século XX, nos diversos regionalismos latentes existentes no país, ou ainda nos bolsões de imigração presentes em seu interior. Há, contudo, uma outra divisão, de ordem natural e que deve aqui ser objeto de alguma referência: a divisão entre homens e mulheres.

Tais considerações se fazem necessárias uma vez que ao entendemos o universo do futebol como algo estritamente masculino, vislumbramos o cotidiano feminino como algo parcialmente desvinculado das diversas narrativas que compõem o conjunto das leituras acerca da nacionalidade. Ainda que estejamos tratando aqui de uma prática eminentemente masculina – um campeonato mundial de futebol **masculino** – temos que a capacidade do selecionado em representar o conjunto da sociedade abarca-a por completo, e não somente uma metade determinada. Ao mesmo tempo, pressupor de antemão que o cotidiano do futebol seja algo que não atraia a atenção feminina subjuga não somente o interesse das mulheres pelo futebol, mas reduz, ao mesmo tempo, um símbolo nacional à condição de “símbolo meio-nacional”.

Assim como a constituição do futebol em esporte-símbolo do país é fruto de uma construção discursiva, a sua caracterização como algo inerente a um universo exclusivamente masculino também pode (e deve) ser entendido como resultado de uma construção histórica e de uma operacionalidade passível de ser resgatada? Entendemos que sim, e que esta perspectiva está em grande medida associada ao campo das representações que, de modo geral, são construídas e impostas ao universo feminino, a partir dos valores de uma sociedade historicamente machista e patriarcalista. Segundo Tatiana Brandão de Araújo, as diversas representações normativas existentes acerca do sujeito feminino são construídas a partir de padrões comportamentais,<sup>241</sup> e tais padrões são, sabidamente, constructos que atribuem à mulher um papel doméstico e que propõem lhe interditar, a priori, a freqüência a determinados espaços, ainda que públicos, como é o caso dos estádios de futebol.

Segundo Arlei Damo, a partir do momento em que se encontra colado à identidade nacional, o futebol sugere certa vulnerabilidade deste fator nos momentos de Copas do

---

<sup>241</sup> ARAÚJO, Tatiana Brandão. **O corpo como espetáculo: a prática do futebol por mulheres.** Rio Grande: mimeo, 2007, p 2.

Mundo, uma vez que eventuais fracassos tendem a serem entendidos como fruto de um descompasso entre o estilo de jogo adotado pelo selecionado e aquele que representaria efetivamente o “Brasil em campo”. Ao mesmo tempo, ficam sugeridas diversidades étnicas, regionais e mesmo raciais através dos campeonatos que são constantemente disputados envolvendo clubes de distintas regiões do país.<sup>242</sup> Sem negar a validade deste modelo, pensamos se não poderia se agregar aqui a diversidade de gênero que, de forma constante, tende a ver o espaço do futebol como algo sexualmente excludente, reforçando o velho jargão, segundo o qual “futebol é coisa para homem”.<sup>243</sup>

Não deixa de ser significativo perceber que a participação feminina no jogo de futebol parece ser algo muito mais antigo do que normalmente se poderia supor. Richard Giulianotti, por exemplo, ao se referir às mais antigas raízes do esporte bretão sob uma perspectiva Durkheimiana, refere-se à existência de leituras acerca do futebol primitivo, considerando-o um forte instrumento de manutenção da ordem e da integração, alimentando laços de solidariedade social. Entre os exemplos citados pelo sociólogo, constam jogos de mulheres casadas contra mulheres solteiras na Inglaterra do século XIX.<sup>244</sup> Já Hilário Franco Júnior, em “A dança dos deuses”, apresenta no material ilustrativo anexo uma foto<sup>245</sup> onde duas equipes femininas disputam uma partida no início do século XX. Esta foto talvez seja mais reveladora pelo que ela mostra em segundo plano do que propriamente pela imagem das duas mulheres que disputam a jogada. Com efeito, não somente o cenário fora do estádio mostra prédios de uma evidente arquitetura popular, onde o agrupamento de casas não disfarça um típico bairro industrial, como ainda é possível verificar que, dentro do estádio, as arquibancadas encontram-se completamente tomadas. Conforme o próprio Hilário Franco Júnior, o futebol feminino, já praticado desde finais do século XIX, sofreu um grande incremento durante o período da Primeira Guerra Mundial, uma vez que boa parte dos homens se ocupava com representações menos subliminares de batalhas. Porém, uma vez terminado o conflito, a própria Federação Inglesa de Futebol afirmou que “o futebol não é jogo para mulheres”, interditando a seus clubes associados à cessão de espaços para partidas entre equipes femininas. Ainda em 1951, a FIFA, diante de nova onda de interesse das mulheres pela prática do esporte, teria se eximido de

---

<sup>242</sup> DAMO, Arlei Sander. **Op. Cit.** (2002), p 128.

<sup>243</sup> A título de exemplo, esta expressão é utilizada, *ipsis literis*, pelo goleiro Barbosa, em seu depoimento a Geneton Neto. In: MORAES NETO, Geneton. **Op. Cit.**, p 46.

<sup>244</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Op. Cit.**, p 17.

<sup>245</sup> No anexo do livro de Hilário Franco Jr, esta foto está sob o número 18.

qualquer responsabilidade, afirmando ser “questão de biologia e de educação, que deve ser deixada a cargo de médicos e professores”. Assim, um primeiro mundial da categoria somente seria realizado em 1991, já às portas do fim do século.<sup>246</sup> Ou, nas palavras de Richard Giulianotti:

Na Inglaterra, há evidências dos anos do entre-guerras de que as autoridades do futebol viam a ascensão do futebol feminino como ameaça ao futebol masculino. O “Dick, Kerr Ladies XI” ganhou sucesso embarcando em excursões internacionais e demonstrando ser insuperável em casa. Em 1921, elas jogaram 67 partidas no Reino Unido diante de 900.000 espectadores; uma partida em Liverpool no natal de 1920 contou com 53.000 torcedores. Porém, em um ano, a Associação de Futebol inglesa proscreveu as principais partidas de futebol feminino instruindo os clubes a não ceder espaço a elas. O decreto assegurou o domínio masculino futuro do futebol comercial e representou uma derrota da qual o futebol feminino na Inglaterra nunca se recuperou totalmente.<sup>247</sup>

Seja por uma “questão de biologia e de educação” como aponta Hilário – e que parece remeter de certa forma aos ideais de higienismo e eugenia de fins do século XIX –, seja pela eliminação de uma concorrência capaz de disputar espaço e interesse, o fato é que a construção da perspectiva do futebol como algo eminentemente masculino ganha força no exato momento em que, no Brasil, sua prática toma impulso definitivo rumo à sua popularização: o período entre-guerras. Assim, não nos deve causar surpresa o fato de que toda a construção original de uma linguagem futebolística seja calcada sobre bases de um universo masculino, que por vezes chega a evocar comparações com a vida militar, atribuindo ao jogo um caráter e um vocabulário de batalha. Cabe ainda lembrar que, a esta verdadeira tentativa de privatização do espaço futebolístico pelo sexo masculino, corresponde não uma tentativa de interdição da mulher neste meio, mas sim de sua exclusão, uma vez que – é bom lembrar – boa parte da assistência nos primórdios do futebol brasileiro (e não há porque não imaginar que tenha sido apenas aqui) era composta por senhoras e senhorinhas que encontravam nos prérios futebolísticos um interessante espaço de sociabilidade. Para além disto, talvez caiba ainda lembrar aqui que:

---

<sup>246</sup> FRANCO JR. Hilário. **Op. Cit.**, p 203-4.

<sup>247</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Op. Cit.**, p 195.

O futebol, em sua origem no Brasil, já foi um esporte amador, um esporte de ricos, um esporte de brancos, um esporte de minorias. E foi também um esporte tido como feminino. Numa época em que o remo dominava e assegurava aos homens músculos e peito estufado, o futebol, que não exigia um porte viril, parecia ter a delicadeza de um balé. É Mario Filho quem conta o que se ironizava: jogadores correndo atrás de uma bola, levantando a perninha, dando saltinhos...<sup>248</sup>

Ao mesmo tempo em que os responsáveis pelo futebol procuravam conferir a seu público e sua prática uma feição exclusivamente masculina, o jogo passava também a ser entendido como um símbolo de modernidade. Certamente não é mero acaso que grandes centros urbanos e industriais sejam também as sedes dos maiores clubes do futebol brasileiro, assim como não é também inocente a utilização de expressões em inglês na prática do jogo ao início do século XX. O futebol vira assim um dos ícones de novos tempos e hábitos – e também de distinção de classe – em uma sociedade que se queria moderna, e que para afirmar este caráter diante dos demais países do mundo não hesitou em patrocinar uma competição em nível internacional – a maior que se poderia então sediar.<sup>249</sup>

Parece haver assim uma grande contradição: ao mesmo tempo em que se atribui à prática do futebol o status de ícone de modernidade, busca-se excluir de sua prática metade da nação por uma questão cultural travestida de “questão biológica”. Excluídas do futebol, as mulheres estariam fora também de seus significados. Desta forma, por exemplo, a derrota brasileira para o Uruguai na Copa de 1950 seria não um drama nacional, conforme defendemos na introdução, mas sim um “drama meio nacional”, uma vez que diria respeito apenas à metade masculina do país.<sup>250</sup>

Trata-se, sem dúvida, da construção de uma relação de hegemonia estabelecida sobre valores e imagens solidamente arraigados. Conforme Silvana Goellner, estas relações estão fundamentadas em representações de gênero essencialistas, onde são

---

<sup>248</sup> OLIVEIRA, Maria do Carmo Leite de. **Op. Cit.**, p 21.

<sup>249</sup> A compreensão do futebol como símbolo de uma sociedade moderna, porém, está longe de ser um fenômeno restrito ao universo brasileiro, latino-americano, ou mesmo ocidental. Em seu trabalho, Franklin Foer aponta que na década de 1920, ao iniciar a dinastia Pahlevi, o Xá Reza Kahn, na ânsia de promover a ocidentalização do país e uma imagem de modernidade diante dos olhos dos demais países do mundo, tornou-se um “defensor entusiástico da Educação Física”, sendo o futebol elevado à condição de “atividade preferida do regime”. In: FOER, Franklin. **Op. Cit.**, p 195.

<sup>250</sup> Agradeço a Arlei Damo por esta observação, feita durante o exame de qualificação deste trabalho.

pressupostas características inerentes a cada sexo, e admitidas diferenças significativas a cada pólo da unidade binária masculino/feminino.<sup>251</sup> Assim:

Mais do que buscar identificar desde quando as mulheres praticam o futebol no Brasil, torna-se necessário dizer que, desde seu início, essa participação representou uma transgressão ao hegemonicamente aceito, como constitutivo da identidade feminina que tinha na imagem da mãe grande aceitabilidade. Lembremos que neste tempo o corpo feminino é visto como um bem social a alojar a esperança de uma prole sadia.<sup>252</sup>

A força desta perspectiva de uma hegemonia masculina pode ser verificada, entre outros sinais, pela desvalorização de determinadas práticas esportivas femininas diante do público geral. Mesmo quando analisamos discursos pronunciados a partir de locais de poder “mais legítimos” pela característica de quem os enuncia, percebe-se por vezes a exclusão ou desvalorização do feminino pela sua simples condição de feminino. Permanecendo no futebol como objeto de análise, poderíamos citar os vários exemplos ainda cotidianamente proporcionados pelos meios de comunicação, que dedicam ao esporte feminino parcela ínfima de suas programações, oferecendo destaque apenas nos momentos de maior visibilidade, como períodos Olímpicos ou no caso de conquistas internacionais, para não falar das ações dos próprios responsáveis pelo futebol no país. Contudo, o exemplo mais contundente que encontramos nos foi proporcionado por um filósofo que, ao tomar como objeto de estudo a atração popular pelos esportes, esquece o caráter histórico desta construção, especialmente no que se refere à diferenciação entre esportes masculinos e femininos.

Os espectadores preferem assistir aos atletas quando eles testam e forçam os limites do desempenho humano. E na maioria dos esportes esse desejo de ver os melhores atletas representa um problema para as divisões inferiores e, infelizmente, para alguns esportes femininos. O futebol feminino pode muitas vezes ser mais bonito que o masculino, e o basquete feminino pode às vezes atingir níveis mais elevados de sofisticação estratégica que o masculino. Mesmo assim, muitos espectadores (e admito ser um deles) simplesmente não

---

<sup>251</sup> Cf.: GOELLNER, Silvana Vilodre. Na “Pátria das Chuteiras” as mulheres não têm vez. Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: gênero e preconceitos. UFSC/UDESC, 2006. Disponível em [http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Silvana\\_Vilodre\\_Goellner\\_21.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Silvana_Vilodre_Goellner_21.pdf), p. 3. Acesso em 19/12/2007.

<sup>252</sup> **Idem**, p 2.

conseguem esquecer que os melhores times masculinos venceriam os melhores times femininos.<sup>253</sup>

Todavia, este discurso que veda o espaço do futebol ao público feminino parece encontrar um momento de maior tolerância quando da realização de Copas do Mundo. Com efeito, a idéia de que, naquele momento, a nação esteja em campo, representada através de um conjunto de onze jogadores, parece permitir um alargamento em seu público, abrangendo a totalidade da população de um país. Segundo Arlei Damo, “nas copas é a nação-Estado que está em campo, daí porque as mulheres e as crianças são integradas às discussões, aos ritos, às festividades. Muda o público, mudam os referenciais e, sendo assim, encontramo-nos diante de outro sistema simbólico a servir como referência”.<sup>254</sup> Sem discordar desta afirmação, pergunto-me até que ponto esta substituição de público e referenciais não se daria pelo fato de se conferir voz a um segmento que, em outros momentos, estaria excluído devido a padrões culturais impostos, ao invés de propriamente desinteressado pelo tema. Ao mesmo tempo, um alto índice de interesse feminino pelas Copas do Mundo seria algo estranho se este fosse um assunto completamente alheio ao seu cotidiano. As mulheres simplesmente estão inseridas em uma sociedade onde o futebol foi transformado em símbolo de nacionalidade e de modernidade, ocupando uma vasta gama de espaços dentro da mídia, com notícias cotidianas sobre jogadores, times e campeonatos. Negar que uma parcela do público de tais veículos seja composto por mulheres significa o mesmo que negar a existência de tal público e seu acesso a estas notícias.

Em 1927, em “Braz, Bexiga e Barra Funda”, Antônio de Alcântara Machado publicava um dos mais famosos contos sobre futebol da literatura brasileira: “Corinthians (2) vs. Palestra (1)”. Talvez o fato de as duas personagens principais chamarem-se Miquelina e Iolanda signifique algo mais do que uma simples excentricidade. No mesmo conto, o autor refere-se a moças que “comiam amendoim, sentadas nas capotas dos automóveis” enquanto assistiam à partida que se passava no Parque Antártica. E estas mulheres, quando transpostas para o mundo real, tanto quanto os homens, possuíam acesso aos meios de comunicação que, durante a Copa do Mundo de 1950, levava as notícias da mesma ao público brasileiro. Contudo, obedecendo aos

<sup>253</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p 58.

<sup>254</sup> DAMO, Arlei Sander. O ethos capitalista e o espírito das Copas. In: GASTALDO, Edison; GUEDES, Simoni Lahud (orgs.). **Nações em campo: Copa do mundo e identidade nacional**. Niterói: Intertexto, 2006 p 52.

estereótipos e padrões comportamentais desejados pelas convenções, as (poucas) notícias direcionadas diretamente para o público feminino possuíam um viés bem peculiar, conforme veremos no próximo capítulo.

\* \* \*

Embora o desejo brasileiro de organizar uma Copa do Mundo remeta ao final dos anos 30, sendo expresso pela primeira vez após a boa campanha do selecionado de Leônidas, Domingos e companhia em campos franceses, sua materialização teria de esperar por doze anos até ser consumado. Se a eclosão da Segunda Guerra Mundial acabaria com a concorrência da Alemanha – também candidata a sediar o certame – a violência promovida pelas armas igualmente cancelou duas edições do torneio, tomando o período de quatro anos entre um e outro como referência. Assim, uma nova edição do torneio somente seria pensável a partir da segunda metade dos anos 40, embora neste momento a necessidade de se iniciar o processo de reconstrução da Europa fosse uma preocupação muito mais premente.

De qualquer forma, ainda que por caminhos tortuosos, o desejo brasileiro de sediar o IV Campeonato Mundial de Futebol acabaria materializado. O contexto histórico para a realização do evento não poderia ser mais favorável. Internamente, o país vivia uma experiência democrática inédita (em que pese os percalços políticos costumeiramente sofridos pelos comunistas) sob o governo de Eurico Gaspar Dutra, assegurando a realização de eleições diretas para o cargo máximo do país ao fim daquele ano, ao mesmo tempo em que o processo de industrialização iniciado duas décadas antes ainda colhia os frutos recentes da posição do Brasil ante a Segunda Guerra Mundial. Assim, os maiores centros urbanos do país ainda sentiam os efeitos de um crescimento demográfico acelerado, em grande parte tributário da migração interna e externa de operários para tais regiões. No plano internacional, o final da Segunda Guerra, ainda recente, havia gerado um especial clima de confiança nos países aliados, muito embora o início da Guerra Fria e a eclosão do conflito militar na Coréia no início da década de 1950 mostrariam que nem todas as lições da tragédia haviam sido devidamente apreendidas pelos governantes, que agora colocavam o mundo em um novo período histórico. Some-se a isto a popularidade de que o futebol já dispunha no país e teremos alguns elementos capazes de forjar um cenário propício para uma celebração esportiva de grande magnitude.

Assim, a opção pelo Brasil, em que pese o desejo dos dirigentes esportivos brasileiros em sediar a Copa, também deve ser entendida como o resultado de uma série de fatores, que incluem a necessidade de reconstrução europeia, o quadro político vivido pelo país após a derrocada do nazi-fascismo na Europa ou o alinhamento nacional à área de influência norte-americana (convém lembrar que nunca houve um campeonato mundial de futebol realizado em países sob influência soviética, bem como nunca houve um país socialista campeão mundial...). Há que se levar em conta também que as edições anteriores do torneiro haviam sido realizadas duas vezes em solo europeu (Itália e França) e apenas uma no continente americano (Uruguai), de modo que a candidatura única do Brasil oferecia o adicional conveniente de equilibrar a quantidade de torneios realizada em cada um dos dois continentes hegemônicos no esporte.

Não nos deixa de causar certa estranheza nos dias de hoje o pouco tempo dado para que os países anfitriões se preparassem estruturalmente para sediar uma Copa. Com efeito, ao invés do período superior a meia década que costumeiramente vemos (a realização da Copa do Mundo de 2014 em solo brasileiro foi oficialmente confirmada ao final de outubro de 2007), a organização teve de se dar em um ritmo veloz. Contudo, um fato curioso é que encontramos na bibliografia relativa ao tema duas datas presumíveis para a indicação do Brasil como país sede. Vejamos:

Findo o conflito, o Brasil reafirmou sua intenção de sediar o IV Campeonato do Mundo de Futebol, previsto para 1949. Foi no Congresso de Luxemburgo, em 1946, que garantimos o direito de patrocinar o torneio, derrotando as pretensões da Argentina. Agora, era pôr mãos à obra para que tudo saísse conforme o desejado.<sup>255</sup>

A guerra cancelou os dois torneios previstos. Restabelecida a paz, no congresso da FIFA realizado em 1948, durante os Jogos Olímpicos de Londres, com a Alemanha fora de cogitações, foi ratificado o único candidato, o Brasil, como sede da próxima Copa, marcada de início para 1949, depois transferida para 1950.<sup>256</sup>

Embora a discussão da data exata em que o Brasil ganhou o direito de sediar a IV Copa do Mundo seja, ao cabo, algo secundário, nos posicionamos aqui ao lado de

---

<sup>255</sup> MOURA, Gisella de Araújo. **Op. Cit.**, p 22-3.

<sup>256</sup> PERDIGÃO, Paulo. **Op. Cit.**, p 44-5.

Perdigão, com base na seguinte notícia, publicada no Correio do Povo, em setembro de 1948.

#### **Apóiam que o certame mundial seja no Brasil**

BUENOS AIRES, 12 (A.P.) – Em sessão secreta, anteontem realizada, o Conselho Diretor da Associação Argentina de Futebol, deu instruções especiais ao tenente coronel Tomas Duco, que parte hoje para a Europa, a fim de participar do congresso da F.I.F.A., à 28 do corrente. Sabe-se, de fonte segura, que nesses (sic) instruções figura a que apoia e prestigia a realização do Campeonato Mundial de 1950, no Brasil.<sup>257</sup>

Contudo, a simples popularização do futebol é algo que não explica por si só o anseio em trazer para o Brasil uma Copa do Mundo naquele momento, bem como todo o esforço realizado para erguer, em menos de dois anos, o maior estádio do mundo.

Afirmar que a responsabilidade em organizar um torneio internacional do mais popular esporte do mundo ultrapassa em muito o campo do meramente esportivo é apenas apontar para algo facilmente constatável. Com efeito, a realização de um certame desta magnitude atrai para o país anfitrião os olhares de uma grande parcela do mundo, não apenas de interessados em geral pelo esporte, mas também de curiosos ou torcedores ocasionais que se manifestam durante a organização de tais eventos. A grande concentração de jornalistas, oriundos de todos os cantos do mundo coloca o organizador em evidência, produzindo matérias que, ao extrapolar o futebolístico, abordam outros aspectos, como traços culturais, identitários ou, o que nem sempre é desejável, políticos.<sup>258</sup> Em outras palavras, o anfitrião sabe que neste momento a luz está sobre si, e que esta é a hora de mostrar ao mundo suas virtudes. Assim, a possibilidade se sediar um evento desta grandeza seria uma ótima oportunidade para fortalecer a idéia de uma nacionalidade coesa, utilizando o futebol como um instrumento a ser difundido através das ondas radiofônicas que cobriam já praticamente todo o país, criando uma unidade desejável entre um país e seu selecionado.

---

<sup>257</sup> *Correio do Povo*, 14 de julho de 1948, p 9.

<sup>258</sup> Tome-se aqui o exemplo da China, organizadora dos Jogos Olímpicos de 2008 e que, durante a preparação do evento, teve que lidar com diversas manifestações internas pleiteando a desocupação do Tibete. Outro caso passível de ser citado diz respeito à Copa do Mundo de 1978, realizada na Argentina, quando, em meio aos dias mais nefastos da História daquele país, as mães da Praça de Maio, corajosamente, chamaram a atenção de jornalistas internacionais para o drama do desaparecimento de seus filhos.

Mais do que nunca, era hora de mostrar ao mundo nossa “modernidade”, afirmar que fazíamos parte do mapa das nações “civilizadas”; que o país, ao contrário do que se propagava lá fora, não se resumia a selvagens e feras transitando em seu habitat natural. Era obrigatório fazer uma boa imagem diante dos jornalistas, bem como providenciar para que a maior parte possível do território nacional fosse sede de partidas, evidenciando através da cobertura de jogos em cidades tão distantes quanto Porto Alegre e Recife o fato de que o Brasil não se limitava ao Rio e São Paulo.

Há também questões que dizem respeito à política interna. Com efeito 1950 era um ano de significados múltiplos para o povo brasileiro. Ao mesmo tempo em que o país organizava sua Copa do Mundo, preparava a eleição presidencial que no final daquele ano reconduzia Getúlio Vargas ao poder. Desta forma, participar da organização do certame era uma forma de “estar na mídia”, angariando simpatias quando das vitórias. Talvez mais do que o próprio presidente Eurico Gaspar Dutra, o então prefeito Ângelo Mendes de Moraes foi pródigo neste sentido, tendo mandado colocar em frente ao recém construído estádio do Maracanã um busto seu, a fim de marcar que foi em seu governo que o estádio – e esperava-se, a vitória – teria se tornado realidade.

Para além destas formas mais diretas de utilização por parte dos políticos que tentavam associar seu nome às conquistas do futebol, havia também outros meios. É conhecido o caso de Vargas, que, quando presidente, costumava promover as celebrações do dia do trabalhador no estádio de São Januário, realizando desta forma suas manifestações em um cenário de forte apelo popular. Dentro das estreitas relações que mantinha com os “sindicatos amarelos” que patrocinava, o governo costumava distribuir ingressos para tais entidades, afim de que estes fossem repassados aos trabalhadores. No intervalo, os alto-falantes de São Januário veiculavam discursos do presidente, que desta forma se valia do momento esportivo para estabelecer um maior contato com as massas.

Outra forma pela qual o futebol costumava – e costuma – ser utilizado pelos mandatários como instrumento de aproximação ao povo é proporcionado pelo seu caráter de valor comum entre o governante e a população. Desta forma, por exemplo, Gaspar Dutra, quando da estréia brasileira contra o México em 1950, teria chamado a atenção dos jornalistas próximos pela sua atitude de familiaridade para com o jogo e seus protagonistas. Segundo Gisella Moura:

A estréia não é prestigiada apenas por torcedores anônimos. Também estão presentes, ocupando a tribuna de honra, o presidente da República, o prefeito Mendes de Moraes, os ministros da Guerra, Canrobert Pereira da Costa, da marinha, Silvio de Noronha, e da Aeronáutica, Armando Trompowski, e o presidente da Fifa, Jules Rimet. A presença das autoridades acentua o caráter oficial do evento. O comparecimento do presidente Dutra é noticiado com destaque pelo jornal *A Noite*, que registra o fato de sua atitude não ser apenas protocolar: o presidente comentava os lances da partida e identificava os jogadores, especialmente Ademir, mostrando assim seu real envolvimento com o jogo.<sup>259</sup>

Assim, a realização da Copa do Mundo de 1950 em solo brasileiro deveria proporcionar a oportunidade para que o país se apresentasse ao mundo como um integrante legítimo de um mundo “civilizado”, distante das perspectivas de selvageria que a ele se costumava atribuir. Ao mesmo tempo, deveria funcionar como um sedimentador da unidade nacional, fator que, diante da existência de bolsões de imigração dentro do país, não encontrava solução de continuidade. Para confirmar ao mundo nossa condição de civilizado e construir a tão almejada unidade em torno de um mesmo sentido de pertencimento, era mister, segundo a análise dos jornais da época, que o esforço de trazer o torneio para o país e construir o maior palco do mundo fosse coroado com a conquista do título máximo pela seleção brasileira. Entramos agora na análise direta da participação brasileira naquele certame.

Soa o apito. É hora do jogo.

---

<sup>259</sup> MOURA, Gisella de Araújo. **Op. Cit.**, p 69.

## Capítulo 3 (ou: “O jogo”)

*“... a meta de Barbosa, quase virginal, quase  
imaculada, tão pura e sem pecado como  
Ingrid Bergman antes de Rosselini”.*

David Nasser

Em quinze de julho de 1950, a cidade de Florianópolis ficava mais longe dos centros urbanos da região sudeste do que hoje. Não no sentido literal, afinal a Ilha de Santa Catarina não sairia navegando pelos mares do mundo tal qual a fictícia terra da Sbórnia de “Tangos e Tragédias” ou a Península Ibéria de “A Jangada de Pedra” de Saramago; mas, se levarmos em conta as tecnologias de transporte daquela época, os viajantes certamente percorriam um caminho bem mais tortuoso do que aqueles hoje disponibilizados pelas modernas estradas de rodagem. Assim, é compreensível que a capital catarinense, para a maior parte dos brasileiros, correspondesse a um cenário distante, que apenas mui esporadicamente integrava as páginas de jornais ou revistas. Isto, evidentemente, não quer dizer que a cidade fosse um aglomerado humano perdido na costa sul do Brasil, vivendo em estado de isolamento total em relação ao resto do país. Pelo contrário. Contudo, a visibilidade de que a cidade gozava diante do Brasil – e do mundo – eram muito menores do que hoje.

De sua parte, porém, a cidade não deixava de olhar para o mundo, uma vez que o rádio e os jornais traziam para a sua população as informações que atestavam aos leitores e ouvintes a continuidade da História. Tomando os jornais como exemplo, encontrava-se em suas páginas notícias da política, dos esportes e do cotidiano local, misturadas com informações sobre os movimentos da Guerra Fria; sobre a tensa situação na Península da Coréia, onde a Guerra Fria seria um pouco mais quente, ou ainda referentes à existência de movimentos revolucionários em países sul-americanos, dando aos florianopolitanos – para retomar uma expressão de Benedict Anderson – a convicção de que “dentro daquele tempo ‘o mundo’ caminha decididamente para a frente”.<sup>260</sup> Conforme Reinaldo Lindolfo Lohn, os jornais da cidade ainda ofereciam aos seus leitores a possibilidade de acompanhar ao longe as rápidas transformações

---

<sup>260</sup> ANDERSON, Benedict. **Op. Cit.**, p 42.

tecnológicas, bem como se interar do modo de vida baseado em aspectos da cultura estadunidense. Desta forma, por exemplo, “as páginas femininas dos jornais apresentavam a moda dos filmes de Hollywood e receitas de *marshmallows* para as donas de casa”.<sup>261</sup>

No mesmo dia quinze de julho de 1950, a cidade de Salvador já se apresentava como um dos maiores pólos urbanos do Brasil. Herdeira do status de primeira capital e do papel de principal polo econômico durante boa parte do período colonial brasileiro, o centro político da Bahia era um ponto de destaque no cenário nacional, seja pelo seu papel histórico, pela sua densidade populacional em comparação com as demais capitais próximas, seja ainda – e talvez isto fosse tão ou mais importante quanto os outros fatores – por apresentar um tipo regional que, aos olhos do restante do mundo, era quase sinônimo de brasiliade (especialmente se tivermos em mente o estereótipo criado nos Estados Unidos a partir do fenomenal sucesso de Carmem Miranda e seus trejeitos inspirados na Bahia). Assim, ao contrário da capital catarinense, Salvador gozava já de uma visibilidade maior tanto no cenário nacional como internacional, o que não significa que deixasse de ser vista sob o olhar que buscava traços de uma cultura que possa ser classificada como “exótica”, e que se prendesse a aspectos tais como os gingados da capoeira ou as manifestações religiosas do candomblé.

Em quinze de julho de 1950, o Rio de Janeiro ainda era a capital federal de uma jovem república. Centro nervoso da política nacional, a “Cidade Maravilhosa” continuava por respirar os ares que, no começo do século, procuraram lhe dar tintas de modernidade. Se o tempo de glamour das regatas e do amadorismo no futebol já havia passado, a cidade de Ari Barroso e de Lamartine Babo já era cartão postal reconhecido além das fronteiras do Brasil, atraindo, dentro dos padrões de uma nova convivência política e cultural, nomes expressivos como Walt Disney ou Orson Welles, interessados pelo carnaval carioca. Centro de produção cultural, seus jornais e suas emissoras de rádio ditavam para o país padrões de moda e consumo nacionais e internacionais,

---

<sup>261</sup> LOHN, Reinaldo Lindolfo. Limites da utopia: cidade e modernização no Brasil desenvolvimentista (Florianópolis, década de 1950). In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Anpuh, vol 27, nº 53, p 304, jan-jun, 2007. Falando sobre os jornais na cidade de Florianópolis, o autor comenta ainda, na página 301: “A imprensa existente na cidade não constituía um aparato com uma dimensão tão importante quanto em outros centros maiores. Quase que totalmente vinculados aos interesses dos dois grandes partidos políticos que disputavam a hegemonia em Santa Catarina – o Partido Social Democrático (PSD) e a União Democrática Nacional (UDN) –, os jornais eram basicamente órgãos destinados a difundir as opiniões e preceitos dessas correntes políticas. Com uma tiragem pequena e com no máximo oito páginas, em seus espaços os jornais comprimiam desde anedotas pouco sutis sobre os debates partidários, até anúncios publicitários de algumas grandes empresas que atuavam no mercado brasileiro”.

encontrando eco em publicações de menor expressão que copiavam suas pautas e tipos de programação, infundindo assim as primeiras padronizações no que se refere a modas e hábitos ao longo do território nacional. Aos olhos do exterior, a cidade poderia muitas vezes ser classificada como sinônimo de “Brasil”, praticando a conhecida simplificação de tomar-se uma parcela pelo todo. De sua parte, a própria cidade não deixava também de vislumbrar os interiores do país que comandava com ares de superioridade e de quem buscava o exotismo, fato verificável, por exemplo, nas fotografias de Jean Manzon constantemente publicadas na revista “O Cruzeiro”, a mostrar tipos regionais ou ainda aspectos da flora e da fauna nacionais.

Embora localizadas geograficamente em pontos distantes do litoral brasileiro, ostentando histórias, ritmos e questões próprias, a julgar pelas páginas de seus jornais e revistas, as três cidades encontravam-se, naquele quinze de julho de 1950, unidas por um mesmo sentimento de entusiasmo e por um mesmo desejo. O jornal soteropolitano “A Tarde”, por exemplo, em sua página de número 9, trazia uma grande manchete, ocupando o espaço de sete colunas, com uma mensagem simples, direta e em letras maiúsculas: “A VITÓRIA QUE O BRASIL ESPERA”.<sup>262</sup> Em Florianópolis, naquele mesmo sábado, os leitores do jornal “O Estado” irmanavam-se aos baianos, através de mensagens ricas não somente em patriotismo, mas também em otimismo em relação ao domingo seguinte:

A equipe nacional colheu, na tarde de quinta-feira última, no colosso do Maracanã, um dos seus triunfos de maior repercussão. O “onze” espanhol, que abateu a equipe da Inglaterra, foi impotente para combater as investidas dos brasileiros (...). Vencemos pela classe, pelo entusiasmo e pela técnica e nos sentimos jubilosos pelo feito admirável dos pupilos de Flávio Costa. Estamos a um passo do cetro máximo mundial do esporte bretão. Amanhã será decidido o título, com os brasileiros e os uruguaios como protagonistas. A luta será árdua, mas todos os jogadores, desde Barbosa a Chico saberão honrar o pavilhão nacional.

BRASIL! BRASIL! BRASIL!<sup>263</sup>

Enquanto isto, no Rio de Janeiro, centro dos acontecimentos do dia seguinte, o clima era do mais vivo entusiasmo, alimentado pelas amplas vitórias recentes obtidas contra suecos e espanhóis. Assim, conforme Paulo Perdigão, o jornal “O Mundo”,

<sup>262</sup> *A Tarde*, 15 de julho de 1950, p 9.

<sup>263</sup> *O Estado*, 15 de julho de 1950, p 6.

expressando o clima de euforia que tomava conta das ruas, não hesitou em publicar na primeira página uma ampla manchete em oito colunas, onde uma foto dos jogadores brasileiros ilustrava a chamada: “Estes são os campeões do mundo”. No mesmo dia, “A Gazeta Esportiva” parecia um pouco mais humilde aos anunciar: “venceremos o Uruguai!”.<sup>264</sup> Ao lado destes e de outros jornais, as bancas daquele dia possivelmente expunham o último número da revista “O Cruzeiro”, recém saída da rotativa. Ainda que o tempo da revista seja outro em relação ao tempo do jornal – o que lhe permite apresentar suas matérias com alguma defasagem cronológica –, a mesma convicção de sucesso transparecia através de matérias escritas ainda antes das duas primeiras partidas daquela fase final.

... Eu vi a maioria das grandes equipes da Europa, desde o “Dínamo” de Moscou, na Rússia, até a equipe de Portugal, no outro extremo. Nenhuma me deu a impressão de virtuosidade artística da equipe do Brasil. É uma extraordinária canção de gestos, executados por solistas inimitáveis, tão perfeita a técnica.

Estou certo de que a equipe do Brasil é capaz de jogar ainda dez vezes melhor do que contra os iugoslavos.<sup>265</sup>

A semelhança entre as perspectivas de publicações editadas em espaços geográficos tão distantes se explica em parte pela dimensão assumida pelo Campeonato Mundial de Futebol daquele ano e por sua partida decisiva. Ao mesmo tempo, tais semelhanças ajudam também a mostrar que a criação desta dimensão aos olhos dos brasileiros, longe estava de se restringir unicamente ao campo de futebol. Se, como vimos anteriormente, a popularização do esporte e o desenvolvimento de uma imprensa esportiva no Brasil são fenômenos de certa forma relacionados temporalmente, há que se ter em vista que, como representante do povo brasileiro, a seleção agrupava em si todas as características positivas e negativas, atribuídas ao país e seu povo. E, como ainda costuma ocorrer, a predominância de um ou outro poderia estar diretamente relacionada ao desempenho e aos resultados obtidos dentro de campo.

Tal semelhança entre os discursos apresentados por periódicos de locais tão diversos nos leva a perguntar como se dá, no plano de uma nação tão grande como o Brasil, a construção de sentidos idênticos ou ao menos muito próximos em relação a

---

<sup>264</sup> PERDIGÃO, Paulo. **Op. Cit.**, p 68-9.

<sup>265</sup> Revista *O Cruzeiro*, 15 de julho de 1950, p 25. O texto é de autoria do jornalista francês Jean Eskenazi e foi escrito após a vitória contra a Iugoslávia, ao fim da fase classificatória.

múltiplos aspectos da vida. Buscando algumas luzes sobre esta questão é que nas próximas páginas nos ocuparemos da construção de heróis esportivos comuns a toda uma nação; da tentativa de superar sentimentos regionalistas que pudessem colocar o sucesso da unidade em perigo; do orgulho de se fazer algo real e materialmente grande e de conquistar algo também grande, ainda que no plano simbólico. Ao fim, procuraremos também os comentários posteriores, verificando a existência ou não de uma similaridade no discurso que visava explicar a existência da frustração após a derrota para o Uruguai. Mais do que ao futebol em si, pretendemos agora nos ater às formas com que o discurso esportivo se relaciona com a idéia de brasiliade (que, conforme vimos no primeiro capítulo, não era unívoca nem simplória à época) e como a realização daquela Copa do Mundo serviu para a materialização de tal discurso. Agora, pois, olhos aos jornais, que o jogo já começou.

\* \* \*

### *3.1 – Um modelo de torcedor*

No campo meramente esportivo, os motivos da realização da Copa do Mundo de 1950 em solo brasileiro nos remetem ao período anterior à Segunda Guerra Mundial. Com efeito, a balança de forças do futebol na década de 1930 já apontava para a existência de um certo equilíbrio entre os países europeus e os sul-americanos no que se refere ao potencial de obter vitórias expressivas nas competições internacionais. Se deste lado do Atlântico as luzes apontavam para a predominância de uruguaios, argentinos e brasileiros, na Europa os inventores do futebol disputavam espaço com diversas outras nacionalidades, tais como franceses, espanhóis, alemães, húngaros, tchecoslovacos, suecos, escoceses e portugueses. Contudo, a realização de duas edições do torneio em solo europeu contra apenas uma na América do Sul, bem como o estado de reconstrução em que boa parte do continente europeu ainda se apresentava após as décadas anteriores de insanidade coletiva, indicavam os países sul-americanos como uma espécie de “candidatos naturais” a sediar a competição.

Se os uruguaios já haviam sediado a primeira edição do torneio, os argentinos passavam a ostentar uma política de isolamento futebolístico em muito semelhante à postura ostentada pela Inglaterra até o meio exato do século XX, quicá como fruto da

compreensão política do peronismo acerca do esporte.<sup>266</sup> Já o Brasil, por sua vez, não somente havia se prontificado a sediar a não realizada Copa do Mundo de 1942 como ainda guardava viva lembrança da campanha em campos franceses ao fim da década de 1930, que acabou por proporcionar uma espécie de consolidação definitiva do futebol no papel de esporte de massas no país. A nação verde e amarela aparecia, portanto, como a mais forte candidata a organizar o torneio mundial.

O Brasil que receberia aquela Copa, porém, era um território com importantes pontos referentes à nacionalidade ainda em aberto. Um deles dizia respeito ao freqüente surgimento de questões envolvendo sentimentos regionalistas, do qual o movimento paulista de 1932 havia sido tão somente o último grande expoente. Não bastasse a existência de tais sentimentos, as últimas levas de imigrantes que chegavam de além-mar, e, principalmente, as correntes migratórias internas que fortaleciam o crescimento dos principais núcleos urbanos geravam um contingente populacional que, estabelecida de forma recente, carecia de raízes próprias nos lugares de destino. Nesta busca por novas referências, o futebol acabaria por gerar, devido a sua característica de espaço de sociabilidade e pela construção de ícones com os quais estes trabalhadores pudessem se identificar, uma referência neste novo meio até então desconhecido. Segundo Bernardo Buarque de Hollanda:

Até a Segunda Guerra Mundial, o Rio de Janeiro recebia em sua maioria imigrantes de origem estrangeira – portugueses, italianos e espanhóis, entre outros – ao passo que no período pós-1945, a incidência de imigrantes passa a ser interna, oriunda das diversas regiões brasileira, com especial destaque para a área nordestina (...). Embora desconsiderados, os clubes de futebol foram importantes meios de enraizamento e de adaptação desses fluxos migratórios à metrópole, com a revelação de muitos nordestinos como atletas de sucesso. Os exemplos do alagoano Dida e dos pernambucanos Ademir – o popular *Queixada* – e Orlando Pingo de Ouro, respectivamente os maiores ídolos do Flamengo, Vasco e Fluminense no período, parecem suficientes para ilustrar o fenômeno.<sup>267</sup>

---

<sup>266</sup> Esta possibilidade é indicada, por exemplo, por Pablo Alabarces, em “Fútbol y patria”: “Hay sugerencias en el sentido de que la abstención se debió al temor del gobierno peronista por un fracaso, que hubiera sido contradictorio con la retórica triunfalista de la *edad de oro*”. ALABARCES, Pablo. **Op. Cit.** (2002), p 85.

<sup>267</sup> HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **Op. Cit.**, p 247-8.

Contudo, a mais forte rivalidade regional perceptível através das crônicas esportivas do período da Copa do Mundo continuava a se dar entre os estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Se tal sentimento pode ser explicado entre outros fatores, pela proximidade geográfica, pela condição de capital da primeira e pelo acelerado crescimento econômico da segunda, seus reflexos no campo esportivo aparecem quando das disputas envolvendo os clubes de ambas as cidades pela supremacia no cenário nacional. Dentro deste espírito é que em 1933 seria disputada a primeira edição da Taça Rio-São Paulo – vencida pelo Palestra Itália –, torneio que seria retomado a partir de 1950 (mas cujos jogos iniciaram ainda em 1949).

Tal rivalidade não deixou de transparecer em 1950. Lembremos aqui que, na primeira fase, as vitórias obtidas no Maracanã contra o México (4X0) e contra a Iugoslávia (2X0) foram intercaladas por um surpreendente empate contra o selecionado suíço, em partida disputada no Pacaembu. Segundo Gisela Moura, as explicações encontradas para o revés contra os helvéticos se amparariam em argumentos tais como “falta de fibra” e de “espírito de luta”. Ao mesmo tempo, a reação da torcida paulista, vaiando o resultado final e apupando a comissão técnica provocaria, nas autoridades e na imprensa brasileira o temor de que uma pretensa imagem de civilidade que se procurava criar aos olhos do mundo viesse a ficar maculada.<sup>268</sup> Internamente, porém, não faltaram acusações à comissão técnica que, agindo de forma a agradar a torcida paulistana, resolvera alterar a escalação do time, incluindo nesta partida jogadores paulistas que não haviam participado da partida inaugural. Se, para os paulistas, a seleção era merecedora de críticas pelo seu fraco desempenho, fora do estado bandeirante a questão era tratada a partir da intromissão de interesses políticos no campo esportivo, o que gerara não apenas um resultado inesperado, mas a viva possibilidade de que todo o trabalho até então realizado viesse a sucumbir ainda na primeira fase, uma vez que a vitória na última rodada tornara-se uma obrigação. Tal crítica, por sinal, já era feita antes mesmo da realização da partida em solo paulistano:

Está provocando os mais vivos comentários, todos desfavoráveis, a conservação de Baltazar, perfeita nulidade, no jogo de estréia, só porque o técnico brasileiro insiste em ser o primeiro a implantar a política em nosso futebol. Para contentar a torcida paulista, que vê em Baltazar um ídolo insubstituível, sacrifica o verdadeiro poderio da equipe brasileira, insistindo

---

<sup>268</sup> MOURA, Gisela Araújo. **Op. Cit.**, p 75.

com um elemento que não convenceu nem nos treinos e nem no jogo de estréia.<sup>269</sup>

Se a vitória contra a Iugoslávia, na partida seguinte, representaria a almejada classificação brasileira para a próxima fase, possibilitaria também a realização do contraponto entre “interesses regionais” e “interesses nacionais”, uma vez que a “linha média paulista” (Bauer, Rui e Noronha) era agora substituída por uma linha média dita “brasileira” (Bauer, Danilo e Bigode)<sup>270</sup>. Também no ataque os paulistas Baltazar e Friaça – respectivamente do Corinthians e do São Paulo – eram substituídos pelos “brasileiríssimos” Zizinho e Chico – respectivamente do Bangu e do Vasco da Gama. A classificação para as fases finais era assim saudada como uma vitória da unidade contra os sentimentos divisionistas, bem como dos interesses coletivos ante a sombra da política no esporte.

Reabilitou-se o futebol brasileiro, na expressão mais ampla do termo. E, em o fazendo, deu aos responsáveis pela sua organização, uma lição que, bem aproveitada, poderá dar-nos satisfações imensas no certame em marcha: não é possível formar um selecionado, alimentando regionalismos e preferências clubísticas. Pouco fizemos contra os mexicanos; moralmente perdemos para os modestos suíços. Por que? Por que o técnico insistiu com selecionados “políticos”, ao invez de com um selecionado nacional.<sup>271</sup>

Evidentemente tal conceito de “brasileiro” muito tem a ver com a perspectiva de que o exemplo mais bem acabado do habitante do país fosse o carioca, àquela altura habitante da capital federal do país. Que tal modelo acabe por impor uma visão subjacente de regionalismo é algo claro. O que fica subentendido, e que por isso julgamos ser mais importante, é que a legitimação de uma dada parcialidade do país como sendo “o” país demanda a contrapartida da exclusão das parcialidades restantes, ou ao menos a negação de suas características que não se coadunem aos modelos ditados pelo centro. Desta forma, assim como no passado era negado qualquer traço de cidadania aos sertanejos de Euclides da Cunha pelo seu caráter exótico ante o *modus*

<sup>269</sup> Correio do Povo, 27 de junho de 1950, p 16. Contudo, este texto, creditado ao jornalista Cid Pinheiro Cabral, traz em sua continuidade um exemplo da mais viva contradição, ao pedir na escalação do escreve a presença do centroavante Adãozinho, do Internacional: “Enquanto isso, Adãozinho está em grande forma e não terá siquer (sic) uma oportunidade nem contra os adversários menos categorizados...”

<sup>270</sup> Bauer, Rui e Noronha jogavam pelo São Paulo; Danilo pelo Vasco da Gama e Bigode pelo Flamengo.

<sup>271</sup> Correio do Povo, 04 de julho de 1950, p 12.

*vivendi* das cidades, agora o ato de torcer pela seleção nacional deveria seguir os ditames impostos a partir do centro do país. E torcer por uma seleção nacional, lembremos, é uma forma de ser inserido dentro de uma destas comunidades imaginárias.

Houve um espetáculo à parte. Queremos nos referir ao papel da torcida. Em massa ela atendeu aos apelos feitos no sentido de se reunir no colosso do Maracanã e incentivar nossos jogadores à vitória final. E a colaboração, foi realmente maravilhosa. Desde o momento em que o balão de couro foi movimentado até o apito final, não faltaram aplausos, até mesmo nas grandes oportunidades perdidas frente ao arqueiro iugoslavo. E sem dúvida alguma, essa mesma torcida que deseja a vitória do Brasil na Copa do Mundo permanecerá comparecendo ao maior estádio do mundo, aplaudindo, incentivando e sentindo a vitória dos brasileiros (...). Não seria nada de mais solicitar do maior público reunido numa praça de esportes – **o público carioca**, voltar ao gigante do Maracanã, e como das vezes anteriores, incentivar, sofrer, para depois repetir aquele espetáculo dos lenços brancos, já tão característico entre nós.<sup>272</sup>

O que deveria ficar discretamente exposto no texto de Mário Provenzano – autor da matéria acima citada – foi também percebido por Gisela Moura, ao analisar as crônicas esportivas do jornal *A noite* após o empate contra o selecionado Suíço. Segundo a autora, o comportamento externado pelas torcidas das duas maiores metrópoles permitiria, aos olhos da imprensa, a proposição de um modelo para a nação brasileira. Assim, “por meio do futebol jogado durante a Copa do Mundo, o Brasil atingiria a tão desejada unidade nacional e afirmaria um modelo de povo brasileiro condizente com a nação – o torcedor carioca”.<sup>273</sup>

Há, portanto, uma clara inversão na ordem dos elementos no discurso da crônica esportiva: embora representasse a totalidade da nação, a seleção brasileira, através da ligação com a arquibancada, legitimaria um único modelo de torcedor (o que equivaleria a dizer: um único modelo de brasileiro), qual seja, aquele que representaria o principal centro urbano do país, e que, não por acaso, desde os dias de Pereira Passos vinha passando por sucessivos ciclos de obras visando lhe conferir um traço de “modernidade”. Desta forma, acreditamos que a escolha do torcedor carioca como modelo de brasiliade não está apenas atrelado ao fato da seleção ter obtido melhores

---

<sup>272</sup> *O Cruzeiro*, 15 de julho de 1950, p 26, grifo nosso.

<sup>273</sup> MOURA, Gisela Araújo. **Op. Cit.**, p 87.

resultados dentro do Maracanã, ou ter passado por momentos delicados dentro e fora de campo no Pacaembu. A escolha de um modelo de torcedor como “o mais legítimo” é também uma forma de impor, através do discurso, um modelo de nacionalidade a ser seguido pelos demais, negando outras possibilidades por não estarem no mesmo compasso de modernidade, por serem exóticos – o que os tornaria dignos do álbum de Manzon – ou simplesmente por não compartilharem dos mesmos traços que o protótipo de torcedor tido como modelo. Assim, ainda que todos os brasileiros pudessem estar torcendo pela vitória de Zizinho, Ademir e seus companheiros, apenas uma parcela da “comunidade” estaria apta a torcer condignamente pelo onze nacional. Negava-se o regionalismo impondo um regionalismo desde o centro.

E neste centro fora construído não um estádio, mas um símbolo desta modernidade, palco para esta nova forma de torcer.

\* \* \*

### *3.2 – Grandes e pequenos cenários*

Até a inauguração do Estádio do Maracanã, a maior praça de esportes existente no Brasil era o Estádio do Pacaembu, em São Paulo – cuja lotação máxima nem de perto atingia a metade dos 160 mil espectadores que projetava-se para o Gigante do Derby.<sup>274</sup> Enquanto isto, no Rio de Janeiro, capital da República e sede presumida para boa parte das partidas, o título de maior estádio cabia ao São Januário, cuja maior lotação, até hoje, em pouco ultrapassa as 40 mil pessoas. Urgia, assim, a construção de uma nova praça de esportes.

Se já tivemos a oportunidade de expor aqui que a construção de um estádio de dimensões monumentais, assim como a realização de competições esportivas de nível internacional, muito tem a ver com o desejo de desuperiorizar o país anfitrião aos olhos do mundo,<sup>275</sup> cabe demonstrarmos agora o que significou, aos olhos da imprensa nacional, a construção do Maracanã, obra verdadeiramente grandiosa e levada à cabo em tempo exíguo.

---

<sup>274</sup> A atual capacidade do estádio do Pacaembu é de 40.260 espectadores. Deve-se considerar ainda que neste número estão incluídos os dez mil lugares disponibilizados no “tobogã” (arquibancada existente atrás de uma das goleiras, cuja construção é bem mais recente). “Gigante do Derby”, por sua vez, é mais um dos apelidos conferidos ao Estádio do Maracanã.

<sup>275</sup> Ver o texto já citado de Rui Gomes e Marisa Freitas.

Ainda em 1948, quando os trabalhos de construção se encontravam em um estágio inicial, a revista *O Cruzeiro* apresentava aos seus leitores uma sugestiva matéria intitulada “Perigo de vida nos campos de futebol”. Enquanto nos subtítulos o semanário afirmava que o estádio do Vasco da Gama, em que pesasse a condição de maior da cidade, ser ao mesmo tempo o mais perigoso, no corpo da matéria duas fotografias feitas no estádio do São Cristóvão mostravam a proximidade existente entre a torcida e o gramado. Em uma delas, um figurante fazendo às vezes de jogador, simula a cobrança de um arremesso lateral enquanto outro figurante, representando um hipotético torcedor, puxa sua camisa. Na outra, ainda mais significativa, o primeiro figurante conduz a bola próximo à linha lateral, tendo próximo de sua cabeça um pedaço de pau que é segurado pelo segundo figurante (foto 8). O texto, após fazer um breve histórico de alguns dos maiores estádios do Brasil, termina por afirmar a ansiedade existente pela construção da nova praça esportiva que serviria de sede aos jogos da Copa do Mundo. A partir daí “todos os defeitos serão corrigidos. Então desaparecerá o perigo de morte, sempre latente, que os demais campos da metrópole apresentam”.<sup>276</sup>

Grandes estádios, grandes matérias. No ano seguinte, o prosseguimento das obras continuaria a ser objeto de atenção das penas e das lentes da revista carioca (mas cuja distribuição, lembremos, abarcava praticamente todo o território nacional). Já em fevereiro, uma extensa matéria de quatro páginas dava conta de muitos detalhes das obras, justificando sua grandeza e necessidade para o desenvolvimento do esporte nacional.

Futebolisticamente, o Brasil é uma potência. Uma grande potência, por sinal (...). Se na técnica futebolística somos os primeiros do mundo, em matéria de estádio perdemos até para o Equador, em cuja principal sede, depois da capital, existe um estádio tão imponente quanto confortável. O Uruguai construiu um majestoso estádio em 1930, cenário do primeiro campeonato do mundo. O estádio é todo fechado, em forma circular, possuindo três lances de arquibancadas (...). Na Argentina os 16 clubes da primeira divisão possuem estádios próprios. O do Independiente, o primeiro de concreto armado a ser construído é maior que o do Vasco. Depois o Boca construiu a sua famosa “Bombonera”, mas logo o River ergueu seu “monumental”, que ficou sendo o maior até que o Huracán levantou o seu “palácio” de Parque dos Patrícios, com capacidade para 120 mil pessoas. Enquanto isso, o Racing espera inaugurar

---

<sup>276</sup> *O Cruzeiro*, 04 de dezembro de 1948, p 98.

seu estádio no fim do ano e os jornais argentinos dizem, orgulhosamente, que será o maior e melhor do mundo.<sup>277</sup>

A idéia de um país que é uma “potência” no campo esportivo certamente não está no começo desta matéria por acaso. Lembremos que não somente a realização da Copa do Mundo em solo brasileiro tinha a intenção de afirmar tal significado, mas, ao mesmo tempo, vivíamos na ânsia de modernidade e afirmação que anteriormente já justificara despejos na República Velha, oscilações políticas no período entre-guerras e o alinhamento à política estadunidense após 1945. Este era, enfim, um desejo que extravasava o campo esportivo, mas que também o abrangia, justificando assim a necessidade da grandeza da obra tendo em vista a realização do magno-certame que se avizinhava. Não há como não lembrar aqui que este anseio de se afirmar como potência no campo esportivo – e o estádio viria a se somar de maneira fundamental a esta afirmação – se encaixa perfeitamente na perspectiva de uma compensação, posto que em outras áreas não o seríamos. Daí o porquê da afirmação de que “futebolisticamente, o Brasil é uma potência”.

Porém, qualquer afirmação de grandeza pessoal exige necessariamente um contraponto, um outro diante do qual possamos nos afirmar como algo. Esta a função de Equador, Argentina e Uruguai nestas linhas. Salta aos olhos como a existência de estádios maiores nestes países é encarada como verdadeiro símbolo de nosso atraso diante de nações que, ou são concorrentes, ou são vistas claramente como estando em um patamar inferior (“perdemos **até** para o Equador”). Trata-se, assim, de nos mostrarmos poderosos diante dos concorrentes, e “grandes” diante dos “pequenos”, sem deixar que seu crescimento venha a ameaçar nossa posição.

As rivalidades, contudo, não são apontadas somente no que diz respeito ao plano externo. Os estádios não são construídos apenas para que se realizem dentro deles disputas esportivas, mas também para que um determinado tipo de torcedor possa acompanhá-las: o torcedor local, aquele que comporá o público majoritário e que será, em última instância, o público que será visto pelos olhos de fora. Nunca é demais lembrar que, ao contrário do que acontece hoje em torneios desta magnitude, a esmagadora maioria dos presentes aos jogos do mundial de 1950 eram brasileiros, que, assim como os jogadores em campo, também eram alvo das atenções dos jornalistas estrangeiros presentes. O cenário, assim, não é somente para que o brasileiro possa ser

---

<sup>277</sup> *O Cruzeiro*, 12 de fevereiro de 1949, p 44-46, 56.

visto dentro do campo, mas também fora dele. Isto certamente explica parte da transformação do torcedor carioca em modelo para o torcedor brasileiro, mas, de certa forma, a mesma matéria citada acima já adiantava que a disputa com a metrópole paulista pelo posto de cidade mais importante do país também justificava a magnitude da obra.

O Pacaembu colocou o futebol paulista, durante anos, em evidência. Com tanto espaço, era possível arrecadações vultosas que no Rio somente se conseguiam, vez por outra, assim mesmo à custa de majoração dos ingressos. Hoje o gigante de cimento armado já parece pequeno e ficará ainda menor quando se levantar aqui o estádio municipal.<sup>278</sup>

A construção do magnífico palco está também inserida dentro de outro contexto: o interno, composto pela intensificação das migrações para os grandes centros urbanos de pessoas que, até então, encontravam-se muitas vezes destituídas dos conceitos elementares de cidadania. Há, assim, um paradoxo: enquanto a cidade busca apresentar-se como moderna aos olhos do mundo, ela é tomada de assalto por aqueles brasileiros que, aos olhos mais conservadores, representariam a prova cabal do atraso de nossa civilização. Por outro lado, seriam também estes brasileiros que dariam a inspiração para as crônicas de Rachel de Queiroz, já apontadas no primeiro capítulo. São estes homens rudes, que não temiam o trabalho sob o calor, que serviram como motor para uma obra que, ao fim das contas, deveria auxiliar na comprovação da capacidade de realização de todo um povo. Segundo Gisela Moura:

Em menos de duas horas, no dia 11 de junho de 1948, cerca de 200 operários se apresentaram à Adem [Administração dos Estádios Municipais – autarquia criada por Mendes de Moraes em 1948], entusiasmados com a possibilidade de trabalhar no estádio. Era o “grito do Ipiranga” do esporte nacional – manchete utilizada pelo *Jornal dos Sports* –, que marcava a vitória do “poder realizador da nacionalidade” sobre o derrotismo dos que não acreditavam no estádio. Era a libertação de um país preguiçoso, sem iniciativa, e o despertar do sentimento de nacionalidade no povo brasileiro.<sup>279</sup>

---

<sup>278</sup> Idem.

<sup>279</sup> MOURA, Gisela de Araújo. **Op. Cit.**, p 37.

Uma vez que o estádio, quando finalizado, deveria ser entendido e percebido como um patrimônio pertencente à coletividade, era mister fazer com que a sociedade tomasse parte, de alguma forma, no cotidiano de argamassa e tijolo que terminaria por levantar suas paredes gigantescas. Na impossibilidade funcional de trazer a cidade para dentro das obras a fim de verificar seu andamento, os diversos passos da empreitada eram apresentados pelos periódicos como uma forma de aproximar o público de um bem que, ao final de contas, pertenceria a todos e assim deveria ser reconhecido.<sup>280</sup> É oportuno perceber que esta necessidade de reconhecimento da obra como bem público contrariava a tradicional perspectiva segundo a qual as fronteiras entre o público e o privado nunca foram exatamente delimitadas no país, havendo costumeiramente “pontos de contato” entre as duas naturezas. Em outras palavras, a obra punha em cheque muitos dos preconceitos tradicionalmente arraigados acerca da sociedade brasileira, funcionando como um marco da confirmação de uma nova perspectiva a ser confirmada a partir da conquista do título mundial de futebol.

Mas como tornar a sociedade existente além dos tapumes co-participante das obras sem que dela tomassem parte? A solução encontrada foi produzir descrições pormenorizadas do cotidiano dos trabalhadores, ou ainda transformar o dia a dia dos operários em um verdadeiro romance, misturando assim os campos da vida real e da ficção aos olhos dos leitores. O *Jornal dos Sports*, por exemplo, produziu fotonovelas, protagonizadas por trabalhadores do alto e do baixo escalão, o que não apenas permitia um acompanhamento mais direto das obras, mas também conferia nome e sobrenome aos operários que participavam da gigantesca empreitada.<sup>281</sup> Já *O Cruzeiro*, com sua periodicidade semanal, apresentava os fatos com um certa aura de perfeição administrativa, destacando principalmente a estruturaposta à disposição dos trabalhadores, o que não deixa de ser uma maneira de mostrar a civilidade de nossos patrícios aos olhos dos leitores.

Em quase um ano de trabalho, o índice disciplinar dos trabalhadores é o mais elevado possível. Poucos casos de rebeldia se registraram. Um operário despedido pelo mestre de qualquer um dos setores, por indisciplina ou insuficiência, não poderá se transferir para outro setor, ficando definitivamente impedido de trabalhar. Mais da metade do pessoal reside no local das obras, em alojamentos especialmente construídos para tal fim. Há um ambulatório,

---

<sup>280</sup> Cf.: **Idem**, p 36

<sup>281</sup> **Idem**, p 38.

com uma enfermaria permanente, que trabalha dentro do mesmo horário das obras, atendendo aos primeiros curativos nos casos de acidentes de trabalho e aplicando injeções e massagens, quando prescritas pelo médico aos operários.

Para proporcionar aos operários o máximo de conforto que uma obra pode oferecer, o consórcio mantém quatro cantinas e um café, que com a alimentação trivial e diariamente examinada, oferecem ao pessoal uma refeição sadia por um preço módico. A parte recreativa também mereceu da ADEM uma particular atenção. Todos os sábados, à noite, são exibidos filmes, inclusive instrutivos e do andamento da própria obra. Há ainda um campo de futebol com arquibancada coberta e uma quadra de vôlei e basquetebol. Aos sábados, após o serviço, os operários jogam futebol. E vão organizar um torneio, integrando os “teams” com a denominação dos onze clubes da primeira divisão da FMF.<sup>282</sup>

É latente aqui que, embora se valendo de estratégias discursivas diversas, tanto o *Jornal dos Sports* – analisado por Gisela Moura – quanto *O Cruzeiro* buscavam fazer da construção do Maracanã um assunto próximo de seus leitores. Contudo, ao mesmo tempo em que a riqueza de detalhes apresentada pela matéria acima citada aproxima mesmo de um texto etnográfico, ressalte-se também que é apresentado um tipo específico de trabalhador: disciplinado, ordeiro, que vive seu trabalho a ponto de dedicar parte de suas horas de folga a refletir sobre os resultados parciais de seu esforço. Se tal imagem muito se aproxima do perfil de trabalhador propagandeado pelo governo Vargas a partir do Estado Novo, por outro lado distancia-se de qualquer perspectiva de inoperância ou falta de aptidão para o trabalho. Não havia espaço, no imenso canteiro de obras, para um Jeca Tatu. Considerando que cada monumento traz em si um discurso, que se relaciona em alguma medida com discursos anteriormente estabelecidos, podemos afirmar que o Maracanã encontrava-se perfeitamente inserido dentro da perspectiva de valorização do elemento nacional que foram produzidas especialmente a partir das décadas de vinte e trinta, em contraposição ao eurocentrismo anteriormente vigente em nossa intelectualidade.

O caráter positivo que o texto anterior procura dar ao cotidiano dos trabalhadores envolvidos nas obras do Maracanã fica ainda mais latente quanto o contrapomos com outro texto, publicado no *Correio do Povo* no dia da partida contra os uruguaios. É a partir deste texto que o caráter das ditas “injeções e massagens” acima citadas ficam

---

<sup>282</sup> *O Cruzeiro*, 12 de fevereiro de 1949, p 44-46, 56. FMF é a sigla para “Federação Metropolitana de Futebol”, entidade que organizava o futebol profissional na cidade do Rio de Janeiro.

mais explícitas, relativizando a idéia de “máximo conforto que uma obra pode oferecer”. Assim, segundo depoimento do Coronel Herculano Gomes, publicado pelo *Correio do Povo*<sup>283</sup>:

Tivemos muitas vezes, de recorrer à injeções de óleo canforado, como estimulante, para reanimar os trabalhadores ameaçados de exaustão. Eram aplicadas, em média, diariamente, uma centena de injeções desse medicamento evitando-se assim, decréscimo no número de operários em atividade.

Inúmeros foram os casos de acidentes ocorridos na batalha do “Colosso do Maracanã”, tendo sido empregado em larga escala o soro anti-tetânico no socorro diário aos trabalhadores, não se registrando, todavia, nenhum caso dessa terrível enfermidade”.<sup>284</sup>

Se a identificação da população com o novo estádio era conduzida no sentido de ressaltar seu caráter de bem coletivo, o mesmo não se pode dizer acerca dos méritos políticos pela iniciativa de sua materialização. Com efeito, ao longo do período anterior ao início do campeonato mundial, bem como durante sua realização, foram muitas as notícias ressaltando o papel fundamental que o general Ângelo Mendes de Moraes teve na concretização do projeto, conferindo-lhe mesmo uma certa paternidade em relação à obra. Faltando ainda um mês para a inauguração, o *Correio do Povo*, em Porto Alegre, destacava que no mês de junho daquele ano – exatamente o mês em que se iniciariam os jogos pela Copa do Mundo – se comemoraria o terceiro aniversário da administração do general-prefeito, sendo justa, portanto, “a realização do primeiro jogo no Maracanã nesta data, uma vez que ao Governador da cidade, efetivamente, se deve a realização desta velha aspiração carioca”<sup>285</sup>. Doze dias mais tarde, o mesmo jornal ressaltava que a cerimônia de inauguração seria tão somente o ponto alto de um programa maior de obras que igualmente seriam entregues naquela data à população em diversos pontos da cidade. Ato mais significativo, os festejos, que contariam com a presença de Mendes de Moraes, seriam abertos ao público, que poderia assim assistir gratuitamente a uma partida de futebol entre as seleções paulista e carioca<sup>286</sup> – o que nos remete novamente à

<sup>283</sup> Segundo o texto anteriormente citado da revista *O Cruzeiro*, o Coronel Herculano Gomes era o responsável pelas obras perante a prefeitura do Rio de Janeiro.

<sup>284</sup> *Correio do Povo*, 16 de julho de 1950, p 19.

<sup>285</sup> *Correio do Povo*, 11 de maio de 1950, p 13. As designações “prefeito” e “governador da cidade” são encontradas simultaneamente nos periódicos.

<sup>286</sup> *Correio do Povo*, 23 de maio de 1950, p 13.

questão das rivalidades internas – ao mesmo tempo em que vislumbraria o “criador” sentado nas tribunas de honra de sua criatura.

Comprovar a existência de interesses políticos maiores por parte de Ângelo Mendes de Moraes e a utilização da construção do Maracanã neste sentido é algo que foge completamente aos objetivos deste trabalho. Todavia, são ao menos duas as referências encontradas na imprensa a momentos em que o general prefeito se dirigiu, através dos microfones do estádio, aos jogadores, em discursos que, naturalmente, também seriam ouvidos pela enorme assistência das partidas. A primeira, que antecedeu a partida disputada contra a Iugoslávia, foi assim retratada nas páginas do Correio do Povo:

Mas todos os incentivos imagináveis foram dirigidos aos plaiers nacionais, inclusive pelo próprio prefeito Mendes de Moraes, que antes do inicio do cotejo, dirigiu-se pelo microfone do Estadio aos defensores da CBD.

As palavras do prefeito Mendes de Moraes, repassadas de emoção, diziam que o Brasil se impusera duas tarefas para com o certame mundial: o Estadio e o Campeonato. A primeira já fora cumprida pela municipalidade carioca. Esperava-se que os denodados jogadores do Brasil desempenhassem a segunda.<sup>287</sup>

A segunda vez, diante dos times perfilados para a partida final, ficou gravada na história como um dos motivos que teria mexido com os brios do adversário, bem como pelo exemplo de soberba, de vitória presumivelmente ganha “de véspera”, sem que a partida tivesse já sido disputada.

Vós, brasileiros, a quem eu considero os vencedores do Campeonato Mundial. Vós, jogadores, que a menos de poucas horas sereis aclamados campeões por milhões de compatriotas. Vós, que não possuíis rivais em todo o hemisfério. Vós, que superais qualquer outro competidor. Vós, que eu já saúdo como vencedores (...). Cumprí minha promessa construindo esse estádio. Agora, façam o seu dever, ganhando a Copa do Mundo”.<sup>288</sup>

O fato de tais palavras se adequarem mais a um palanque do que a um Estadio de Futebol não nos deve causar maiores surpresas, uma vez que naquele momento, o

---

<sup>287</sup> *Correio do Povo*, 02 de julho de 1950, p 2.

<sup>288</sup> PERDIGÃO, Paulo. **Op. Cit.**, p 82.

estádio era exatamente isto aos olhos do prefeito: um grande palanque para suas pretensões políticas. Sintomático neste sentido é o fato de haver, originalmente, na entrada do estádio, um busto do “prefeito-construtor” (que foi retirado pelo público após a derrota ante os uruguaios), bem como haver sido pleiteado o batismo do Estádio Municipal com o nome de Mendes de Moraes – mesmo alguns jornalistas, como o gaúcho José Domingos Varella, chegaram a se reportar ao estádio do Maracanã sob este nome, justificando que “este deveria ser o seu nome, pois é uma obra que jamais se apagará da memória dos cariocas”.<sup>289</sup>

Todavia, o Maracanã parece ter passado incólume ao fenômeno que se abateu sobre o selecionado brasileiro. Se a derrota brasileira demandava a busca por explicações para os motivos que levara um conjunto de homens a falhar no momento decisivo, em nenhum momento a grandeza ou a utilidade do estádio é questionada, seja por brasileiros ou por estrangeiros. Se Austregésilo de Athayde expressava através das páginas de *O Cruzeiro* que “enfim, fizemos alguma coisa verdadeiramente única”<sup>290</sup>, Jean Eskenazi, na mesma revista, classifica-o como “um sonho fantástico de Salvador Dali”<sup>291</sup>. Sem ir tão longe, mas afinado com as manifestações anteriores, o jornal soteropolitano *A Tarde* considera que o Maracanã é “um marco para o esporte brasileiro e atesta o alto grau de realização do nosso povo que em menos de dois anos poude (sic) edificar o maior estádio do mundo, uma verdadeira maravilha arquitetônica, que nos coloca em situação privilegiada no cenário esportivo sulamericano”.<sup>292</sup> Já o *Correio do Povo* nos apresenta uma pequena história, digna de nota pelos dois personagens envolvidos: Mário Filho e Jules Rimet:

Surgiu uma pergunta de Mário Filho no decorrer da palestra. Se havia o presidente da FIFA duvidado que o Estádio Municipal ficasse pronto a tempo para os jogos do Campeonato Mundial de 1950. A resposta veio pronta e espontânea – Nunca... Com absoluta sinceridade, nunca duvidei. Quando aqui estive, há meses atrás, verifiquei o estado das obras, recebi informações dos responsáveis pelo andamento dos trabalhos e, voltando à Europa, garanti que o

---

<sup>289</sup> *Correio do Povo*, 16 de julho de 1950, p 16. O Maracanã apenas seria batizado com um nome próprio a fim de homenagear o jornalista Mário Filho, morto em setembro de 1966, e que comandara uma campanha na imprensa, a fim de que o estádio fosse construído.

<sup>290</sup> Ver capítulo 2, nota 196.

<sup>291</sup> *O Cruzeiro*, 15 de julho de 1950, p 24.

<sup>292</sup> *A Tarde*, 17 de junho de 1950, p 9.

Estádio estaria pronto para os primeiros jogos da Copa. Nunca duvidei da capacidade de realização dos brasileiros e não me arrependo disso.<sup>293</sup>

Esta perspectiva de grandiosidade permanece após o término da competição, servindo mesmo, sob certa ótica, como uma espécie de compensação ante a derrota. A *Tarde*, por exemplo, apresentou aos leitores baianos, no dia 19 de julho de 1950, um grande artigo assinado pelo jornalista europeu Willy Meisl<sup>294</sup> e publicado originalmente no *Jornal dos Sports* do Rio de Janeiro. Nele, o jornalista europeu argumentava que, apesar da derrota, o Brasil deveria se orgulhar de ter apresentado durante a competição o melhor futebol do torneio, além de ter duas grandes vitórias a comemorar: a primeira, o fato de time e torcida terem mostrado um comportamento exemplar diante da derrota, aplaudindo os vencedores após o término da partida. A segunda, o estádio:

A segunda vitória indestrutível de vocês é esse estádio, não somente o maior, mas o mais belo acima de tudo, a construção de beleza mais surpreendente de sua natureza no mundo. Um milagre, de arquitetura desportiva, uma glória para o Brasil. Cada vez que me sento nesse quase oval não me canso de apreciá-lo. Meu coração pulsa acelerado, quando me aproximo e vejo esse rastro de concreto, subindo e subindo, com milhares de pessoas encaminhando-se para cima, para encher esse sagrado templo do desporto.<sup>295</sup>

Todavia, aquela não foi uma Copa de um estádio só. Pensemos agora no significado da realização de partidas para as outras capitais que serviram como sede para o evento, e também no significado da ausência de partidas, para aqueles que ficaram apenas no papel de assistentes distantes da competição.

\* \* \*

Se os monumentos portam mensagens – e o Maracanã, como estádio de proporções monumentais, não foge à regra – podemos também pensar sobre a

---

<sup>293</sup> *Correio do Povo*, 09 de julho de 1950, p 16.

<sup>294</sup> Em “A dança dos deuses”, Hilário Franco Júnior apresenta, em nota de rodapé, uma pequena biografia de Meisl: “Austríaco de nascimento, antigo goleiro da seleção de seu país, editor do jornal *Vossische Zeitung*, de Berlim, e da revista *Sport am Scheidewege*, Meisl fugiu do nazismo e instalou-se na Inglaterra em 1934, onde desenvolveu até a morte, em 1968, o restante de sua carreira de renomado jornalista (em 1954 foi considerado pela revista *World Soccer* o ‘melhor crítico do futebol mundial’). In: FRANCO JR, Hilário. **Op. Cit.**, p 381.

<sup>295</sup> *A Tarde*, 19 de julho de 1950, p 5.

importância, para outras cidades que não o Rio de Janeiro, de possuírem estádios capazes de sediar partidas válidas pela Copa do Mundo, ou, ao contrário, o que significava a ausência de um local adequado para receber tais prérios. Com efeito, convém lembrar que de todas as capitais brasileiras, somente seis (Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte e Recife) foram palco de alguma partida pela quarta Copa do Mundo.

Porto Alegre recebeu, no estádio dos Eucaliptos, duas partidas que compunham o grupo do Brasil: Iugoslávia 4X1 México, no dia 28 de junho, e Suíça 2X1 México, no dia 2 de julho. Ainda que gozando do *status* de grande cidade na região sul do Brasil, a capital gaúcha não costumava ser uma personagem diária nas páginas do centro do país, quanto mais nos órgãos da imprensa internacional. Ainda que as partidas pudessem ser classificadas como de pouco apelo para o público local<sup>296</sup>, representavam uma oportunidade para a cidade ser vista por olhos que normalmente não dispensariam a ela sua atenção. Em outras palavras, tais partidas, fossem em Porto Alegre ou nas outras capitais que sedariam jogos desta natureza, forneciam a oportunidade para se mostrarem aos olhos do mundo como novos espaços modernos, deslocando uma atenção que normalmente era dispensada unicamente ao eixo Rio-São Paulo, aproveitando-se que jornalistas estrangeiros – no mínimo daqueles países envolvidos em tais partidas – poderiam estar nestas cidades a fim de fazer a cobertura para seus países.

Devido a isto, era uma preocupação premente que o comportamento do público produzisse a melhor impressão possível. O jornal *Correio do Povo*, por exemplo, não hesitou em inserir em meio a uma matéria, uma espécie de “deveres do anfitrião”, buscando instruir o público gaúcho sobre o comportamento esperado no estádio, antes da partida envolvendo iugoslavos e mexicanos: “Cabe ao povo gaúcho, como anfitrião, portar-se elegantemente, acompanhando com aplausos os dois hóspedes, incentivando-os à peleja e aplaudindo-os quando merecerem”.<sup>297</sup>

Torna-se perceptível, desta forma, que não bastava apenas mostrar-se como um país materialmente moderno. Também era imprescindível que nas arquibancadas o comportamento apresentado remettesse a uma nação com elevado padrão de educação, afim de que a modernidade também transparecesse nos padrões comportamentais.

---

<sup>296</sup> No dia 15 de julho de 1950, o jornal *Correio do Povo* publicou na página onze, a relação das rendas dos jogos do Campeonato Mundial. Das 20 partidas disputadas até então, Iugoslávia X México ocupava a 14ª colocação, com uma arrecadação de Cr\$ 320.410,00. Suíça X México, partida jogada quando ambas as equipes já se encontravam eliminadas, ocupava a última colocação, com uma arrecadação de Cr\$ 94.700,00.

<sup>297</sup> *Correio do Povo*, 28 de junho de 1950, p 12.

Afinal, de nada valeria erguer, diante dos olhos dos visitantes, o maior estádio do mundo e reformar estádios menores se, dentro deles, as arquibancadas fossem ocupadas por torcedores cujo comportamento viesse a ser classificado pelos visitantes como reprovável. Uma boa ilustração de como tais pessoas poderiam levar para seus países impressões positivas acerca de tais cidades nos é oferecido pelos próprios atletas. A *Revista do Globo*, por exemplo, publicou entrevistas com dois jogadores mexicanos e três iugoslavos, questionando-os sobre a impressão que levariam do Brasil. Eis as respostas:

CARBALLAL, goleiro do selecionado mexicano, respondeu assim à pergunta: “Do que mais gostei no Brasil foram das *muchachas*. Nós, no México, temos as morenas mais lindas do mundo e as do Brasil se parecem com elas. Daí, talvez, minha preferência”.

CUBURÚ, médio mexicano: “No Brasil há muita coisa boa, **tanto em Porto Alegre como no Rio de Janeiro**. Mas na verdade, se tivesse que escolher uma coisa entre as demais creio que não teria dúvidas: escolheria as *muchachas*. As brasileiras são lindas”.

CJAKOWSKI I, médio da seleção da Iugoslávia, teve uma opinião concorde com as demais: “O que mais me agradou entre todas as coisas que vi no Brasil foram as suas mulheres, principalmente as de Belo Horizonte. Elas são as mais bonitas do mundo!”.

BOBEK, meia esquerda da seleção iugoslava: “Gostei de muitas coisas, **das cidades modernas e da hospitalidade do brasileiro**. Como desportista, no entanto, não posso deixar de registrar minha bela impressão sobre o futebol brasileiro”.

STANKOVIC, zagueiro do selecionado iugoslavo, não teve dificuldades em responder: “**Estou muito impressionado com a hospitalidade do povo e das autoridades do Brasil**. Levamos todos uma bela impressão da terra brasileira. E saudades também”.<sup>298</sup>

Algumas das respostas oferecidas acima apontam para a realização dos objetivos traçados pelas cidades-sedes, ao desejarem uma momentânea visibilidade internacional. Cuburú, por exemplo, ao estabelecer um paralelo entre Porto Alegre e a então Capital Federal efetuou uma leitura acerca da cidade que raramente seria feita de outra forma. Ainda que a opinião do atleta não signifique necessariamente um aumento no número

---

<sup>298</sup> *Revista do Globo*, 22 de julho de 1950, p 16. Grifos nossos. “Carballal” na verdade é Antônio Carbajal, goleiro mexicano que disputou 5 Copas do Mundo entre 1950 e 1966.

de turistas que para cá viessem conferir a modernidade da capital gaúcha, há dois aspectos que devem ser ressaltados: em primeiro lugar, lembremos que, juntamente com os atletas, também os jornalistas que os acompanhavam poderiam retornar a seus países de origem com uma imagem semelhante, reproduzindo-a nos meios de comunicação em que trabalhavam. No entanto, mais importante do que isto – e aqui o segundo lugar –, declarações como as de Cuburú, Bobek ou Stankovic, apontam para a conquista dos objetivos que levaram tais cidades a apresentarem-se como sedes dos jogos, o que certamente era sentido internamente. Com efeito, talvez tão importante como se mostrar no papel de uma cidade modera, seja o sentir-se uma cidade nesta condição, e para isto as repercussões das partidas – mesmo aquelas expressas somente para o público local – são importantes no sentido de estas localidades se auto-affirmarem em um país que, ao fim das contas, se desejava moderno.

Talvez a forma de melhor avaliar isto seja ver como outra capital, que não recebeu partidas válidas pelo certame magno, avaliou sua situação. No dia 27 de junho de 1950, um jornalista identificado apenas como “Rubilar”, assinava no jornal *A Tarde*:

Por que a Bahia não foi contemplada com a realização de, ao menos, um dos jogos da Copa do Mundo? Por que não deram à Bahia um estádio à altura de seu conceito no país? Em que ficaram as promessas no sentido de Salvador ser também conhecida no mundo inteiro como uma cidade onde não há onças ou cobras nas ruas? Vejam a propaganda que jogadores suíços e iugoslavos, ingleses e norte-americanos já fizeram de Belo Horizonte. Não pensavam que além do Rio e de São Paulo houvesse outro centro civilizado no Brasil. E irão dizer que em Recife, em Curitiba e em Porto Alegre também não há bichos voadores e mordedores ou índios nas ruas.<sup>299</sup>

A força das expressões utilizadas pelo jornalista baiano, mais do que as declarações positivas estabelecidas pelos atletas estrangeiros, demonstra as intenções últimas em receber “ao menos um dos jogos da Copa do Mundo”. Mostrar-se como uma cidade moderna representava, por exclusão, demonstrar aos olhos “do mundo inteiro” que em tais localidades já se teria ultrapassado a fase de atraso, quando não de selvageria, representada pela ausência de feras perigosas circulando livremente pela urbe. Para isto, contava-se com a percepção dos jogadores e dos demais visitantes, que serviriam em suas pátrias como divulgadores daquilo que viram nas cidades menos

---

<sup>299</sup> *A Tarde*, 27 de junho de 1950, p 5.

cotadas destas terras tropicais, especialmente em relação aos europeus (lamentou-se muito, neste sentido, a desistência da Escócia, que havia garantido classificação nas eliminatórias européias, e de França e Portugal, convidados para substituir Turquia e Índia, que também desistiram de participar), embora os estadunidenses também pudesse ser inseridos dentro desta mesma lógica de garotos-propaganda involuntários. Quanto aos mexicanos, chilenos, paraguaios, uruguaios e bolivianos, esperava-se que cumprissem o mesmo papel, muito embora aos nossos olhos a questão diante destes países não fosse necessariamente de afirmação diante do “superior”, mas sim ante aqueles que compartilhavam uma posição de país periférico na ordem mundial.

Deve-se ainda salientar que tais anseios de grandeza e modernidade parecem mexer diretamente com dois níveis de preconceito. O primeiro, de nível interno, salta aos olhos através do estabelecimento de um paralelo entre índios e “bichos voadores ou mordedores” que seriam encontrados pelas ruas das cidades. A inserção deste personagem nesta frase longe está de possuir qualquer conotação de neutralidade ou acaso. Revela, antes, a persistência da antiga leitura de que os povos nativos e seus descendentes estariam entre os responsáveis pela situação de atraso em que se encontrava o país. Apenas assim pode ser entendida a percepção de que a existência de tais elementos pelas ruas das cidades poderia causar, aos olhos dos estrangeiros, a impressão de estarem disputando uma Copa do Mundo em algum ponto selvagem do globo. Neste sentido, a afirmação do jornalista Rubilar encaixa-se perfeitamente nas teorias desenvolvidas anos antes por intelectuais como Oliveira Lima ou por Paulo Prado. Já no plano externo, havia que se afirmar diante do preconceito existente por parte dos representantes dos ditos “países civilizados”. Um exemplo emblemático nos foi oferecido pela revista *O Cruzeiro*, que, no dia 15 de julho de 1950, publicou na página 119 uma grande foto, onde vários jornalistas concentravam-se sobre máquinas datilográficas. Sobre esta imagem, três outras menores, completavam a página. Na foto central, via-se um senhor de bigodes, de fleumático ar britânico, ocupado na redação de um texto. A legenda desta foto diz: “JOHN Macadam escreveu, entre outras coisas, que havia crocodilos a 10 minutos de Copacabana” (foto 9).<sup>300</sup>

---

<sup>300</sup> *O Cruzeiro*, 15 de julho de 1950, p 119. Em seu trabalho, Gisela Moura faz uma breve referência a este fato, assinalando que “as notícias fantasiosas enviadas aos jornais estrangeiros por seus correspondentes no Rio calam mais fundo no nosso orgulho nacional” do que eventuais inconvenientes, como aqueles proporcionados pela ação dos cambistas em conluio com bilheteiros e porteiros do Maracanã.. Cfe: MOURA, Gisela de Araújo. **Op. Cit.**, p 89.

Como avaliar o real motivo desta literal construção por parte de um jornalista estrangeiro instalado nas dependências do estádio que deveria servir justamente como prova de que aquela situação era algo que pertencia ao passado? Podemos aqui apenas levantar algumas hipóteses. Se a primeira e mais óbvia nos remete ao simples preconceito por parte do jornalista, podemos ainda cogitar, sem que seja excludente com esta, outra possibilidade, qual seja, a vinculação entre matérias apresentando uma realidade exótica e a venda de exemplares dos jornais. Contudo, podemos também nos perguntar se matérias que apresentassem surpresa quanto ao nível de modernidade de um país sul-americano igualmente não despertariam o interesse de leitores ávidos por notícias de um país distante e tropical. Seja qual for o motivo, a existência do texto de Macadam é reveladora acerca das perspectivas externas sobre o Brasil e da necessidade de se proceder a algo que se contrapunha a tais perspectivas.

A foto colocada ao lado esquerdo da de Macadam, com a sua respectiva legenda, nos fala um pouco mais sobre a importância de se conquistar jornalistas e atletas para a causa da modernidade brasileira. Nela, vários profissionais da imprensa aparecem sentados, dispostos de forma que os colocados mais ao fundo se posicionam em um plano superior, sugerindo que estariam sentados em uma arquibancada. Na legenda, lê-se: “IMPRENSA estrangeira enviou muitos representantes ao IV Campeonato Mundial de Futebol”.<sup>301</sup> Cruzemos esta informação com uma notícia publicada pelo *Correio do Povo* no dia 20 de julho, sob a chamada “Turistas que ninguém viu...” e com os subtítulos “Decepção no comércio especializado – Compradores, só mesmo os próprios disputantes da ‘Copa do Mundo’ – Mais negócios fizeram os ambulantes no Estádio”,<sup>302</sup> e teremos a noção exata da importância de se ganhar a imprensa e os atletas como divulgadores de um novo modelo de Brasil.

Cogitemos, por fim, que a legenda desta última foto possa se mostrar um pouco exagerada, e que a quantidade de repórteres estrangeiros presentes ao evento não fosse, ao fim das contas, tão amplo assim. Neste caso, podemos ainda pensar em termos qualitativos, ao invés de quantitativos, uma vez que, como já tivemos a oportunidade de demonstrar, jornalistas como Jean Eskenazi ou Willy Meisl eram profissionais de destaque no cenário europeu, tendo assim amplas condições de divulgar na Europa uma imagem positiva acerca do Brasil.

---

<sup>301</sup> *O Cruzeiro*, 15 de julho de 1950, p 119.

<sup>302</sup> *Correio do Povo*, 20 de julho de 1950, p 12.

Por fim, uma última questão a respeito da entrevista com atletas mexicanos e iugoslavos publicada pela *Revista do Globo*. Ainda que cinco curtos depoimentos seja uma amostragem obviamente reduzida, salta aos olhos que em três deles há referências à beleza da mulher brasileira como elemento de destaque aos olhos estrangeiros. Embora não seja aqui objeto de nossa preocupação mais imediata, poderíamos nos perguntar se não estamos diante do senso comum que atribuía – e atribui – aos habitantes dos trópicos uma característica de lascívia exacerbada, e que era reproduzida também por parte da intelectualidade brasileira, como já vimos anteriormente. Se tal questionamento ultrapassa nossas preocupações, ele nos coloca um outro problema, ao qual devemos agora nos remeter: uma vez que a realização da Copa do Mundo de 1950 era um acontecimento cujos reflexos deveriam se estender à totalidade da nação, como a imprensa brasileira a relacionava com o universo feminino, que deveria representar naquele momento aproximadamente a metade desta nação?

\* \* \*

### *3.3 – Mulheres e homens nas páginas e arquibancadas.*

A codificação das regras do futebol e a sua popularização pelo mundo ocorreram em um momento em que os sentimentos nacionalistas encontravam grande receptividade entre os mais diversos segmentos sociais. Por alguns momentos, porém, a atenção que a bola despertava ficaria em um segundo plano, diante de preocupações mais urgentes com fuzis, granadas e canhões durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Pouco mais de duas décadas depois, novamente o mundo ficaria a mercê de um conflito que concentraria as atenções do mundo, impedindo a realização de disputas esportivas de magnitude mundial. Com efeito, se considerarmos apenas os dois maiores conflitos bélicos durante os primeiros 45 anos do século XX, ao menos dez tiveram homens lutando em campos opostos sob as cores de suas bandeiras nacionais.

A proximidade cronológica entre a popularização do futebol e do nacionalismo talvez não seja apenas algo fortuito. Há entre o futebol e as atividades bélicas uma proximidade que reside no campo simbólico. Neste sentido, as palavras de Hilário Franco Júnior são significativas:

Futebol é guerra simbólica. Seu caráter guerreiro transparece em diversos indícios. A linguagem usada nele tem expressões significativas, como “matar a

jogada” ou “matar o jogo”. O jogador encarregado de fazer a maior parte dos gols da equipe é o “artilheiro”, o “matador”, o carrasco dos adversários. O representante do time junto ao árbitro é conhecido por uma patente militar, “capitão”. Certos futebolistas, devido à disposição mostrada durante as partidas, ganham o apelido de “guerreiro”, outros em razão de sua força física são chamados de “tanque”. Vavá, o centroavante brasileiro nas Copas de 1958 e 1962, era Peito de Aço. A própria partida é “confronto”, “duelo”, “embate”, “peleja”.<sup>303</sup>

Podendo o futebol ser entendido como a representação de uma batalha, as demais representações que lhe acompanham por vezes podem seguir uma lógica semelhante, mesmo no que se refere ao seu caráter excludente. É neste momento que podemos pensar sobre as formas com que as mulheres são por vezes incluídas dentro deste espaço, e como as matérias dirigidas especificamente ao público feminino abordavam à realização do mundial de 1950.

Tomando o evento em si através da metáfora da batalha, poderíamos pressupor a existência de uma perspectiva que aloca o público feminino no tradicional papel de “retaguarda”; assim, enquanto os homens estariam preocupados com a “batalha”, as mulheres deveriam se ocupar de atividades que garantissem à plenitude de condições para que aqueles que se encontravam nas linhas de frente pudessem se dedicar ao máximo à sua atividade. A questão é que, se no plano realmente militar, esta postura significa a ocupação, pelas mulheres, dos postos de trabalho industriais anteriormente masculinos, na “guerra da bola” pode-se facilmente cair em uma visão reducionista e extremamente machista que, em uma simplificação eivada de senso comum, teria na mulher aquela que busca a pizza e a cerveja gelada para o marido sentado diante da TV durante o jogo; que veria a partida com a simplória perspectiva de serem “vinte e dois homens correndo atrás de uma bola” ou que ainda teria mais interesse pelas pernas dos jogadores do que pelo esporte em si.

Exagero? Talvez não. É curioso perceber que tal discurso acerca do interesse feminino pelo jogo pode também ser enunciado em meios acadêmicos, testemunhando sua vitalidade ainda neste início de novo século. Um exemplo: em “O que é futebol”, José Sebastião Witter, ao se reportar à reação da torcida diante de um gol, assim

---

<sup>303</sup> FRANCO JR., Hilário. *Op. Cit.*, p 235-6. Na mesma obra, à página 256, o mesmo autor comenta: “Se, como pensava o filósofo alemão Karl Groos, jogos são antigos costumes ou instituições que perderam sua utilidade social, não é casual que a bola de futebol tenha o tamanho aproximado de uma cabeça humana”.

descreve a “torcedora”: “Diffícil descrever o que se passa com aquela mulher que, quieta e quase muda, assiste ao jogo ao lado do companheiro. Ou a outra que vibra intensamente com o porte atlético do jogador”.<sup>304</sup>

A passagem acima, tanto por seu enunciado quanto pela posição de seu enunciador, atesta a vitalidade da perspectiva do futebol como assunto relativo unicamente ao universo masculino. Contudo, a reboque, traz consigo as representações a que nos referimos no capítulo anterior, que visam moldar o comportamento feminino a partir de valores pré-concebidos, destinando-lhe na sociedade um papel fixo de boas filhas, esposas, mães e donas de casa. Ao mesmo tempo, ao deslocarem o centro da atenção do jogo em si para o aspecto físico do atleta, provocam um esvaziamento do objetivo central do futebol e da relação deste com a torcida, pressupondo por um lado uma valorização do aspecto corporal sem preocupação com a lógica da partida (o que equivale a dizer que há uma banalização, uma erotização do corpo desvinculando-o do esporte); ao mesmo tempo, fica subjacente a interdição do tema “futebol” ao público feminino, que ficaria preocupado apenas com questões estéticas. Isto para não falar em uma presumida incapacidade natural para a compreensão e/ou prática do futebol.

Em “Futebol, Carnaval e Capoeira”, Heloisa Bruhns nos aponta para a existência de formas diferenciadas de participação dos diversos grupos sociais naquilo que costumamos chamar de “cultura brasileira”.<sup>305</sup> Certamente, muitas das raízes da perspectiva de que “futebol é coisa para homem” podem ser buscadas na segregação dos espaços por gênero, vendo a rua como algo inerente à ação masculina, enquanto o ambiente do lar seria, por natureza, o campo da ação feminina.

Ainda que já tenhamos nos referido anteriormente à existência de mulheres nas arquibancadas quando da realização das primeiras partidas de futebol no Brasil, bem como ao conto “Corinthians (2) vs. Palestra (1)”, de 1927, onde duas personagens femininas acompanhavam atentamente uma partida entre os dois clubes, a persistência da idéia de que o espaço do futebol é um meio eminentemente masculino em nossa cultura é algo por demais evidente. Os fatores que levam a tal fato certamente são diversos e não excludentes, tais como os já referidos traços culturais; o discurso futebolístico da grande mídia, realizado sob uma perspectiva eminentemente masculina;

---

<sup>304</sup> WITTER, José Sebastião. **O que é futebol**. São Paulo: Brasiliense, 1990, p 35-6.

<sup>305</sup> Cf.: BRUHNS, Heloísa Turini. **Futebol, carnaval e capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas: Papirus, 2000, p 16.

ou ainda a falta de apoio dos órgãos responsáveis para que a participação feminina nos gramados assuma uma proporção mais significativa.

Um bom exemplo da vitalidade do raciocínio “futebol é coisa para homem” nos é oferecido pela comparação do conto de Antônio de Alcântara Machado, com outro, publicado mais de cinco décadas depois. Em 1980, Edilberto Coutinho lançava pela editora Civilização Brasileira a coletânea de contos “Maracanã, adeus: onze histórias de futebol”. O livro é logo considerado como uma obra de grande importância literária, tendo sua primeira edição já consagrada com a conquista do “Prêmio Casa de Las Américas”, em Cuba. Ora, na obra, que pretende captar os nuances mais diversos do universo do futebol – do torcedor mais humilde ao craque famoso –, todas as personagens femininas desempenham o papel de “mulheres de boleiros”, acompanhando, ainda que perifericamente, o envolvimento de seus companheiros com o futebol. Já no primeiro conto, intitulado “Preliminar”, a personagem feminina é assim descrita:

Dona Raimunda, banguela vidiótica (novela das seis, das oito, das dez, segunda a sábado) e muito prática (aos domingos, trai os galãs novelários amando silenciosa o locutor e animador Celso César, o Cecê), em matéria de futebol só quer mesmo saber dos resultados da Loteca, quantos pontos, José?<sup>306</sup>

O exemplo mais contundente, no entanto, parece estar no conto “Mulher na jogada”. Neste, o texto, estruturado sob a forma de entrevistas, é disposto em duas colunas, permitindo uma leitura paralela de realidades diversas. Ao lado esquerdo, a “entrevistada” é Elza Soares, comentando sua vida ao lado de Garrincha. Ao lado direito, a poetisa Ana Amélia “fala” sobre sua vida ao lado do goleiro “Marcos de Mendonça”, um dos primeiros craques da história do Fluminense.<sup>307</sup>

No entanto, o elemento mais contundente que nos fala acerca da exclusão das mulheres no universo do futebol é o que se refere a discursividade dos textos jornalísticos. Para além de boa parte do vocabulário utilizado pela crônica esportiva – e pelos próprios futebolistas – ser originário de um meio bélico, utilizando-se, portanto, de um universo masculino, o pouco espaço encontrado pelas mulheres no cenário

---

<sup>306</sup> COUTINHO, Edilberto. **Maracanã, Adeus: onze histórias de futebol**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, p 4.

<sup>307</sup> Cf.: Idem, p 91-103.

futebolístico costuma provocar apreciações por atributos outros que não sua capacidade profissional, havendo assim uma perfeita inversão da lógica segundo a qual as mulheres estariam mais interessadas, ao acompanhar futebol, nos atributos físicos dos jogadores do que na plasticidade ou na emoção proporcionados pelo jogo. Este fenômeno parece não ser propriamente uma exclusividade brasileira. Segundo Richard Giulianotti:

No sul da Europa, repórteres mulheres freqüentemente entrevistam personalidades do futebol ou apresentam programas de televisão. No entanto, sua atração visual e não sua habilidade analítica é o que conta: poucas mulheres preenchem a posição de especialistas em tática ou de principal entrevistadora, cedendo o espaço para os colegas homens mais velhos.<sup>308</sup>

Cabe lembrar aqui que a edição original, em inglês, do livro de Giulianotti, é de 1999, sendo palavras aplicáveis ao fim do século XX. Não é descabido considerar que cinco ou seis décadas antes, a característica de “espaço masculino” do futebol fosse ainda mais acentuada. Porém, se tivermos em mente que, em seus primórdios no Brasil, o futebol reunia nos estádios um bom público feminino oriundo das classes mais abastadas, há que se pensar em que momento e quais os mecanismos que levaram a esta masculinização dos espaços e dos discursos esportivos. Uma hipótese a ser levantada aponta para o momento em que o futebol passa pelo seu processo de popularização, o que teria afastado parte do público elitizado, que não apreciaria dividir seu espaço físico com o populacho. Segundo Leonardo Pereira, a imagem moderna construída para o futebol teria atraído admiradores de diferentes origens sócio-econômicas que, sem fazer parte dos quadros sociais, desenvolveria o hábito de torcer por algum clube de maior estrutura.<sup>309</sup> Some-se a isto os efeitos de uma cultura machista e patriarcal, que toma o espaço da rua como fundamentalmente masculino, ao mesmo tempo em que preocupa-se com a masculinização dos corpos femininos através do esporte<sup>310</sup>, e teremos bons indícios para fundamentar nossa hipótese. A masculinização dos discursos jornalísticos acerca do futebol seria assim apenas mais um elemento, fruto desta transformação no público aficionado pelo jogo, bem como pelo fator de que os jornalistas brasileiros, de

<sup>308</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Op. Cit.**, p 201.

<sup>309</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Op. Cit.**, p 124.

<sup>310</sup> Tal observação é feita, entre outros autores, por Richard Giulianotti, que comenta: “As jogadoras de futebol ainda recebem o mesmo tratamento que as atletas e as jogadoras de tênis. Tanto homens quanto mulheres fazem comentários sobre suas ‘tendências lésbicas’ e sua ‘masculinização física’ através do ‘desenvolvimento exagerado’ dos membros no centro das competições ‘não-femininas’. In: GIULIANOTTI, Richard. **Op. Cit.**, p 200.

uma forma geral, naquela primeira metade do século XX, eram quase que exclusivamente homens.

Desta forma, em se tratando de jogos entre clubes, onde não estão representadas seleções nacionais, a participação feminina, ainda que tão somente no papel da assistência, é muitas vezes entendida como uma intrusão, uma vez que tal público estaria em um local considerado impróprio, um local que, em termos culturais, não lhe pertence.<sup>311</sup> Retoma-se assim a perspectiva apresentada por Silvana Goellner<sup>312</sup>, segundo a qual a presença das mulheres no mundo do futebol representa uma transgressão a um padrão hegemônico calcado em uma identidade atribuída ao sexo feminino fundamentado em imagens de maternidade, tomando seu corpo como um bem social. Se isto pode ser entendido como uma construção que visa legitimar uma situação de dominação social, também reflete a histórica divisão dos espaços físicos por gênero, assim comentada por Giulianotti:

O futebol profissional tornou-se representação exclusivamente masculina da comunidade fundadora. Até a década de 1960, o futebol ajudou a reproduzir a divisão sexual moderna do trabalho e lazer. Os homens dominavam os ambientes de trabalho e o espaço público (tais como os estádios de futebol), enquanto às mulheres era relegado o domínio particular da casa.<sup>313</sup>

Contudo, um dos espaços fundamentais onde se gesta o discurso da nacionalidade, da modernidade, e da conotação entre estes valores e o futebol é freqüentado tanto por homens quanto por mulheres (ou, por meninos e meninas): o espaço escolar. E aqui não se trata apenas de colocar as alunas em proximidade com a prática desportiva masculina, mas sim de incutir também nelas a idéia de que, em nosso caso específico, a brasiliade pode ser representada, entre outras coisas, por uma forma própria de jogar futebol. Basta lembrar que, quando dos períodos de Mundiais ou Jogos Olímpicos, as atividades geradas por tais acontecimentos abrangem a totalidade dos alunos. Em outras palavras, o discurso escolar que fomenta uma identidade a partir de dadas características culturais é algo que se propaga por toda a sociedade, e não somente ao segmento masculino, ao mesmo tempo em que extrapola os muros do ambiente escolar.

---

<sup>311</sup> Devo esta idéia a: ARAÚJO, Tatiana Brandão de. **O futebol como espaço de resistência das mulheres iranianas**. Rio Grande, Mimeo: 2007.

<sup>312</sup> Ver nota 252.

<sup>313</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Op. Cit.**, p 197.

Haveria, assim, alguma contradição com a perspectiva anteriormente já vista, exposta por Arlei Damo, segundo a qual os períodos de Copa do Mundo são cenários de uma abertura no que se refere à participação de mulheres e crianças nas torcidas nacionais?<sup>314</sup> Talvez não se trate propriamente de uma contradição, mas sim da assinalação de um momento de maior visibilidade por parte de tais segmentos, uma vez que excluí-los significaria o mesmo que lhes negar o acesso a um importante rito de afirmação de identidade. Já nos momentos em que as disputas ocorrem entre os clubes, as identidades postas em cena não remetem a uma totalidade, mas sim a uma parcialidade, subsistindo assim os antigos padrões culturais que conferem ao futebol seu status de assunto quase que exclusivamente masculino.

E, pelos relatos apresentados pelos jornais e revistas, esta totalidade esteve efetivamente representada no estádio durante a realização da Copa do Mundo e, especialmente, na partida final. José Domingos Varella, enviado especial do jornal *Correio do Povo*, assim descreve o clima dentro do Maracanã, após a derrota contra o Uruguai: “No estádio, assistimos cenas de dar pena. Muitos choravam copiosamente, entre esses homens velhos e mulheres”.<sup>315</sup> Já a revista *O Cruzeiro* do dia 29 de julho, trazia, em sua página 25, acima de duas fotos com lances da última partida, cinco imagens captadas pelo fotógrafo Flávio Damm, onde uma mesma torcedora anônima alterna momentos de nervosismo, alegria, preocupação e angústia. Na última foto, que ocupa um lugar maior do que as demais, ela aparece mordendo um lenço, como a demonstrar o tamanho de sua frustração (foto 10). A legenda diz:

"Em outro setor das arquibancadas, o fotógrafo Flávio Damm agia. A garota sofreu no primeiro tempo e vibrou com o primeiro gol brasileiro. Depois... ‘NÃO PODE SER, é impossível...’ Ela custou a acreditar na derrota dos virtuosos do futebol. Chorou. Mas soube aplaudir aos vencedores. Vitória merecida.”<sup>316</sup>

Um relato onde transparece uma perspectiva semelhante acerca da presença feminina na última partida nos é oferecido por Gisela Moura. Citando matérias da *Tribuna da Imprensa* de dezessete de julho, bem como da *Revista da Semana* do dia vinte e nove daquele mesmo mês, a autora comenta: “A presença feminina é intensa e

---

<sup>314</sup> Ver nota 254.

<sup>315</sup> *Correio do Povo*, 19 de julho de 1950, p 11.

<sup>316</sup> *O Cruzeiro*, 29 de julho de 1950, p 25.

são flagrantes de mulheres desconsoladas, com lágrimas nos olhos, que irão ocupar as páginas dos jornais e revistas”.<sup>317</sup> Tal assertiva pode nos levar a pensar se esta súbita aparição feminina, destinada a ocupar as páginas de jornais e revistas ao longo dos dias seguintes não possui a função exata de conferir a derrota um ar de maior dramaticidade, uma vez que trabalharia a partir da idéia de uma tragédia capaz de atingir um público que normalmente não estaria ocupando o espaço de um estádio de futebol. Ao mesmo tempo, deve-se lembrar que esta figura feminina pode muito bem transmitir de forma mais eficiente uma idéia de “nação enlutada” pela derrota, dado os sentidos atribuídos à sua figura. Desta forma, utilizar neste momento a imagem de uma mulher a chorar na arquibancada (ainda que estas fossem minoria dentro do estádio) pode conferir à derrota um maior apelo, sinalizando para seu caráter de tragédia verdadeiramente nacional.

Esta ênfase dada ao elemento feminino no estádio é ainda mais significativa a partir do momento em que contrapormos sua aparição nas páginas da grande imprensa com o caráter masculino comumente apresentado pela linguagem dos textos. Com efeito, raros são os momentos em que a Copa do Mundo faz-se assunto a partir de uma perspectiva feminina, pois igualmente poucos são os espaços que, nesta grande mídia de meados do século XX, destinam-se a tal público.<sup>318</sup> Um raro exemplo neste sentido é encontrado em *O Cruzeiro*, onde uma coluna intitulada “Garotas”, assinada por A. Ladino (Edgar Alencar) e com desenhos de Alceu Penna, costumava apresentar um universo pretensamente feminino através de versos de suave picardia ou diálogos entre personagens fictícias. Segundo Carla Bassanezi e Leslye Ursini, o sucesso alcançado pelas personagens da coluna acabou por lhes conferir certa “vida própria”, tendo vestidos e penteados, poses e atitudes copiadas pelas garotas da classe média-alta carioca, que ao mesmo tempo serviam de modelo às personagens criadas pela revista. “Esbanjavam feminilidade, podendo corar ao receber elogios, e eram tão graciosas e alegres que tinham o direito à futilidade, a serem cabecinhas de vento, ainda mais superficiais do que aparentavam”.<sup>319</sup> Seguindo esta lógica e as representações sociais acerca do universo feminino, nada mais natural que apresentar a realidade do futebol como algo alheio às suas personagens:

---

<sup>317</sup> MOURA, Gisela de Araújo. **Op. Cit.**, p 119.

<sup>318</sup> Evidentemente, não estamos considerando aqui as publicações ditas “femininas”, tais como revistas de modas ou romances “água-com-açúcar”.

<sup>319</sup> BASSANEZI, Carla; URGINI, Leslye Bombonatto. O Cruzeiro e as garotas. In: **Cadernos Pagu**. Campinas: Unicamp – Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, nº 4, 1995, p 248. Disponível em: <http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad04/pagu04.13.pdf> Acesso em 15/09/2008.

A Copa do mundo é o grande acontecimento. E as garotas não podiam deixa-lo despercebido. E ei-las no Estádio Municipal ou fora dele torcendo pela vitória do Brasil. Porque, se de uma coisa ninguém pode duvidar, é do patriotismo das garotas, que pode ir até ao sacrifício de assistir a uma partida de futebol, sem entender patavina do riscado...

#### EMOÇÃO

-Eu estou numa torcida louca para que o Brasil vença a Copa do Mundo!  
-Gosto de ver seu patriotismo!  
-Não. É que o Alfredo me prometeu levar à “boite” no dia da vitória do Brasil.

#### SPORTSWOMAN

-Parece que você aprecia muito o futebol! Pois olhe, eu sou “Flamengo” doente!  
- Não, eu gosto de futebol, mas aprecio mais as corridas de cavalo. Aquilo sim. Aparece cada vestido bacana. E cada chapéu, menina!

#### OBSERVADORA

-Lindo gol o que o Brasil fez! Que maravilha! Não foi?  
-Não reparei. Eu estava olhando para aquele rapaz de paletó amarelo que está na décima fila, à esquerda ao lado de um rapaz louro, de camisa roxa.  
-Mas você veio assistir ao jogo ou olhar para o paletó amarelo do rapaz?  
-Para o paletó não, para o dono do paletó.<sup>320</sup>

Uma semana antes, porém, a Copa do Mundo já havia servido como “assunto principal” da coluna. Naquele momento, a pretensa visão feminina acerca do futebol buscara inspiração nos craques, ou, no que seria a percepção feminina acerca do conceito de “craque”.

Há sempre um craque na vida das garotas. Elas consideram craque o cidadão de quem gostam na semana em curso. Às vezes é craque tão somente em laços de gravata, em peteca de praia, em preparo de “cock-tail”, ou em distribuição de gomalina pela cabeleira luzidia. Mas é craque.

#### ADEMÍRICA

-Se o cara se mete a lobo  
ou tenta fazer-se de bobo,

---

<sup>320</sup> *O Cruzeiro*, 24 de junho de 1950, p 134-5. Os diálogos foram selecionados entre outros publicados na mesma página.

não vacilo nem discuto,  
mando-o andar, pira mocinho,  
comigo não tem carrinho,  
não andou direito, eu chuto!

#### TÉCNICA

Não vou com jogo avançado  
o meu jogo é combinado  
não tolero confusão.  
E do meu craque querido  
hei de fazer um marido  
que é essa a combinação.

#### MARIOVÂNICA

-Se o meu craque abusa um pouco  
e começa, como um louco,  
fazendo jogo pessoal,  
aplico a chave, ligeira,  
e baixo logo a bandeira,  
trilando o apito final.<sup>321</sup>

Os versos e diálogos, bem como os textos elaborados para suas apresentações, apontam para as mesmas características já mencionadas por Carla Bassanezi e Leslye Ursini: divulgava-se a imagem de um universo de futilidades e superficialidades, com um romantismo ingênuo (“e do meu craque querido / hei de fazer um marido”) coexistindo com os valores familiares típicos de uma sociedade patriarcal, onde o arranjo de um “bom casamento” é visto muitas vezes como o objetivo máximo da existência feminina. Por fim, cabe lembrar que o modelo feminino apresentado através desta coluna parte de um protótipo específico de “garota” (a carioca classe média-alta), apresentando-a como paradigma dentro de uma sociedade bem mais complexa (“Há sempre um craque na vida das garotas”). Repete-se, desta forma, o mesmo fenômeno existente quanto ao “torcedor brasileiro”: um certo modelo existente em um dos maiores centros urbanos do país é apresentado como “o” modelo, o único válido, descartando-se outras possibilidades de comportamento que negassem os valores de modernidade ou que contrariassem paradigmas socialmente impostos. Assim, não seria de esperar entre

<sup>321</sup> *O Cruzeiro*, 17 de junho de 1950, p 42-3. Os versos foram selecionados entre outros publicados na mesma página. O título “Mariovânica” é uma referência à Mário Vianna, famoso árbitro do futebol brasileiro naquele período.

“as garotas” criadas por Alceu Pena e Edgar Alencar alguma que entendesse do esporte tido como nacional, pois isto representaria uma intrusão em um universo essencialmente masculino, cuja linguagem é masculinizada, e que apenas tolerava as mulheres nas arquibancadas, e ainda assim em pequeno número e em contextos especiais, como o de uma Copa do Mundo.

Mas, e o homem brasileiro, como fica nesta história?

\* \* \*

Buscar as representações acerca do “homem brasileiro” nas matérias referentes ao mundial de 1950 pode ser, antes de tudo, uma armadilha. Por um lado, como vimos, falar em tais representações pode pressupor, de imediato, a exclusão de metade do conjunto de pessoas que compõem a nação. Assim, poderíamos considerar que, a priori, elas são excludentes em relação ao universo feminino, que assim ficaria restrito ao conjunto de perspectivas explanadas acima. Contudo, defendemos aqui que, ao contrário, as representações então feitas acerca do “homem brasileiro” possuem um caráter inclusivo, em que pese seu notório foco sobre o gênero masculino. Nosso raciocínio toma como argumento a já citada amplitude que as Copas do Mundo oferecem no que se refere ao público, que tem legitimada sua participação nas arquibancadas ou, atualmente, diante dos aparelhos de TV. Claro está que, diante disto, a representação feminina passa a gozar de uma construção mais complexa, uma vez que ao caráter de “segregadas do universo futebolístico” deve se conjugar a “identidade geral” abarcada por estes momentos.

Contudo, assim como as representações construídas pelos intelectuais de fins do século XIX e começos do XX, também esta toma como referencial um universo majoritariamente masculino, e sobre ele é construída. Ao mesmo tempo, há que se considerar aqui outros dois fatores importantes: em primeiro lugar, o final dos anos 1940 parece marcar uma espécie de fronteira entre duas matrizes de representações acerca do brasileiro, a saber, aquela que privilegia nossa formação racial tripartida e os elementos de nossa cultura, e a outra, cronologicamente anterior, que busca um padrão de civilização e modernidade no exterior – notadamente no ocidente europeu – e que toma a mestiçagem, acima de tudo, como um obstáculo à nossa civilização.

Retomemos, inicialmente, o mecenas Paulo Prado. Para este, um dos motivos do insucesso de nossa civilização residiria na busca pela riqueza imediata, traço que nos

caracterizaria deste nosso período colonial, quando do assim chamado “ciclo da mineração”. Desta forma, o sonho fácil do ouro seria um dos motivos a explicar, entre nós, a característica da desvalorização do trabalho braçal e produtivo então representado pela agricultura.<sup>322</sup> Tal característica, associada à luxúria, à tristeza e ao romantismo, geraria entre nós uma situação tal que obstaculizaria o surgimento de uma verdadeira civilização. “Entre nós, [a cobiça] por séculos, foi paixão insatisfeita, convertida em idéia fixa pela própria decepção que a seguia. Absorveu toda a atividade dinâmica do colono aventureiro, sem que nunca lhe desse a saciedade da riqueza ou a simples tranqüilidade da meta atingida”.<sup>323</sup>

Outros tempos, outros contextos. Contudo, a idéia da cobiça como elemento negativo pode mostrar uma insuspeita vitalidade, ainda que para isto se sobreponha a um momento essencial de nossa história esportiva, onde púnhamos em jogo nossa capacidade de conquista como nação. No dia 25 de julho de 1950, o jornalista soteropolitano Roschild Moreira, assim comentava, nas páginas do jornal *A Tarde*, já procurando culpados para a derrota nacional:

O técnico e os jogadores foram os culpados pela derrota. Mas não somente eles. Outros também tiveram sua parte ativa nesse crime e, entre os mesmos, pode-se capitular a quadrilha que se instalou na C.B.D. Aí está uma coisa que aqui pouco se falou. Um grupo de “águias” montou tenda e fez fortuna. Como? “Câmbio negro” com as entradas para os últimos jogos. Cada um dos quadrilheiros reservou para si 5 ou 10 mil entradas. Quando os “guichets” se abriam para a vendagem ao público, em instantes estavam esgotadas as entradas. Mas, na rua, os cambistas exibiam “tickets” para qualquer das dependências do Maracanã, já se vê que com u'a margem de lucro na ordem de 300 ou 400 por cento. O escândalo foi tão tremendo que a polícia teve de intervir a bem da moralidade. Como se vê, o dinheiro turvou as consciências. Sempre o dinheiro em primeiro plano.<sup>324</sup>

Embora específicos em seus tempos e contextos, a realidade analisada por Paulo Prado e a comentada por Roschild Moreira gozam de um mesmo objeto motor: a busca fácil pelo lucro sem que haja a necessidade do trabalho. Pode-se argumentar que, no texto do jornalista baiano, tal desejo não trás como conseqüência imediata um certo

---

<sup>322</sup> Ver capítulo 1, nota 81.

<sup>323</sup> PRADO, Paulo. **Op. Cit.**, p 102-3.

<sup>324</sup> *A Tarde*, 25 de julho de 1950, p 5.

sentimento de tristeza ou apatia entre o conjunto da sociedade. No entanto, cabe notar que este elemento também está disposto nesta situação, como resultado da derrota ante o Uruguai. Ainda que o tipo de relação não seja exatamente a mesma (a “causa e efeito” apontada por Prado), os pólos são os mesmos e a grandeza prevalecente (o dinheiro) continua a dominar na relação.

Este verdadeiro caso de corrupção envolvendo a venda dos ingressos é citado em outros trabalhos, ainda que a ele não façam considerações mais aprofundadas. Em “O Rio corre para o Maracanã”, Gisela Moura comenta que assim que os ingressos para as cadeiras numeradas começaram a serem vendidos, dois dias antes da partida contra o Uruguai, um funcionário da CBD teria exigido que uma loja da Rua do Ouvidor devolvesse 90% dos 500 bilhetes postos à venda no local. Já no Teatro Municipal, o próprio presidente do Conselho Técnico da Confederação Brasileira de Desportos recolhera as entradas, disponibilizando tão somente 35 cadeiras para o público.<sup>325</sup> A situação, no entanto, não era nova, mas apenas repetia acontecimentos já vistos anteriormente, quando da venda das entradas para a partida envolvendo os selecionados de Brasil e Espanha.<sup>326</sup>

É curioso, no entanto, constatar que o mesmo periódico que proporciona a Roschild Moreira sua abordagem acerca da utilização gananciosa dos ingressos, apresente o colunista Luiz R. de Almeida, autor de um texto verdadeiramente laudatório acerca das virtudes do Capital, onde os próprios selecionados que disputariam a competição nada mais seriam do que meros representantes... de suas moedas.

A grande competição esportiva, que ora se realiza no nosso país, prova mais uma vez que o dinheiro continua a ser “a mola do mundo” e a “árvore da vida”! Árvore fantástica, que dá frutos saborosíssimos, ao mesmo tempo que produz frutos mortais, mas sem a qual a terra não passaria de um vastíssimo deserto (...).

No grande estádio de Paissandú e seus congêneres, onde se chocam equipes de vários países, inclusive a do nosso, onde se luta para alcançar a primazia da glória com a obtenção da “copa do mundo”, também se chocam e se fundem a libra inglesa, o dólar americano, a peseta espanhola, a lira italiana, a coroa sueca, o franco suíço, o peso uruguai, e chileno, mexicano e... brilhando como estrelas de primeira grandesa entre todas essas moedas, o nosso Cruzeiro, numa demonstração de progresso, vitalidade e patriotismo. Sim,

---

<sup>325</sup> MOURA, Gisela de Araújo. **Op. Cit.**, p 107.

<sup>326</sup> **Idem**, p 99.

porque o dinheiro útil, isto é, a exígua moeda com que se adquirem as coisas indispensáveis à existência, não dá um passo para a riquesa dos povos. O que tem expressão na vida da humanidade, porque é o combustível que alimenta a máquina da civilização, é o que se esbanja, o que se gasta sem peso nem medida, às vezes, em coisas aparentemente supérfluas, como o grande estádio de Paissandu, mas que, depois, tem-se a satisfação de descobrir ter sido muito bem aplicado, não só sob o ponto de vista material como moral. Por isso, sou dos que pensam que a “jeunesse dorée”, as damas galantes e os milionários liberais são os maiores fatores da vida civilizada.<sup>327</sup>

Em que pese a análise de Luiz Almeida ser um produto típico de seu tempo – a virada para a década de 1950, onde o avanço do capitalismo em solo brasileiro colhia os frutos das duas décadas anteriores – não deixam suas palavras de merecer considerações por vários aspectos. Em primeiro lugar, sua intervenção não deve ser entendida, de forma simplista, como uma contraposição às idéias defendidas por Roschild Moreira, uma vez que este não se coloca contra o Capital, mas sim em posição de denúncia no que refere à obtenção de lucros fáceis em detrimento do interesse comum. Porém, ao materializar nos selecionados, não nações, mas moedas, Luiz Almeida estabelece uma escolha deliberada, uma vez que determinados valores (progresso, vitalidade e patriotismo) poderiam ser materializados através de “moedas de primeira grandeza”, como julgava ser o caso do cruzeiro brasileiro. Retoma-se assim a antiga percepção de que o papel de agentes civilizatórios seria desempenhado por aqueles que então mais se aproximavam do modelo europeu – e a esta altura também estadunidense – de civilização (damas galantes e milionários liberais). Se formos fazer o pensamento inverso, não é difícil chegar à conclusão sobre os responsáveis pelo atraso de nosso país. A conjugação do texto do jornalista Luiz Almeida com a obra de Paulo Prado parece ganhar vida quando resgatamos uma lembrança do jogador Zizinho, acerca do clima no vestiário logo após a derrota decisiva.

O maior choque que tive depois da partida aconteceu no vestiário: os jogadores todos estavam alucinados, aos prantos, enquanto um diretor da CBD vibrava com a arrecadação do jogo. Dizia: “Tudo bem, rapazes: vejam a renda que deu!” Como se a renda fosse nossa... Chamava-se Castelo Branco. Tive vontade de avançar em cima.<sup>328</sup>

---

<sup>327</sup> *A Tarde*, 08 de julho de 1950, p 5. Mantemos aqui a original do texto.

<sup>328</sup> In: MORAES NETO, Geneton. **Op. Cit.**, p 117.

Para alguns poucos, aquilo que ficaria conhecido como um momento de tragédia nacional deveria, ao contrário, ser saudado como um acontecimento positivo, dados os lucros auferidos com a competição. Assim, um momento planejado para representar o congraçamento nacional através de uma vitória no esporte de maior apelo popular, ficava em segundo plano diante de lucros rápidos que beneficiariam uma minoria. Riqueza fácil e tristeza de muitos.

Contudo, a figura do brasileiro de então era bem mais complexa, ultrapassando a simples imagem de um homem triste. A esta, por exemplo, conjuga-se a conhecida imagem do malandro, que para tudo dá um “jeitinho” a fim de tirar melhor proveito para si. Tal personificação bem pode ser identificada à figura do Pedro Malasartes já analisado por Roberto da Matta em “Carnavais, malandros e heróis”.<sup>329</sup> Este pretenso traço de nosso caráter também pode ser encontrado nas matérias que abordam a Copa de 1950, em especial de algumas que se referem não ao jogo em si, mas ao comportamento da torcida. O texto abaixo, publicado pela revista *O Cruzeiro*, narra a entrada de assistentes quando da partida inaugural entre Brasil e México.

Nessa fantástica torre de Babel, as indagações em português de nada valiam e a confusão aumentava. Um sujeito de braçadeira só respondia com acenos negativos a todos a todos que a ele se dirigiam. A essa altura, vejo o Brício de Abreu, brasileiríssimo homem de teatro, dirigir-se em francês ao homem de distintivo.

-S'il vous plait, Monsieur, le secteur 25?

E aquele mesmo camarada que parecia mudo, desmanchou-se em atenções e esclareceu prontamente:

-Par ici, Monsieur.

O Brício passou sorrindo. Abordei-o.

-Que misterio é esse?

-Não há mistério algum. Questão de prestígio. Aquele bisonho funcionário de agência de turismo não quer se cansar e só informa a estrangeiros. Se eu fizesse a pergunta na mais pura forma nacional (“-Como é velhinho, onde fica o raio dessa cadeira?”) não receberia a informação. Usei o meu francês e deu resultado. Estamos no Brasil.<sup>330</sup>

---

<sup>329</sup> Cf.: DA MATTÀ, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978, em especial o capítulo V.

<sup>330</sup> *O Cruzeiro*, 08 de julho de 1950, p 82.

Com efeito, esta curta historinha passada nos portões do Maracanã parece repleta de personagens e imagens que, de uma forma ou outra, compunham, já àquela época, uma perspectiva acerca do Brasil disseminada por entre nossa própria sociedade, a começar pela incapacidade de organização (“a confusão aumentava”) associada à ineficiência ou inoperância daqueles que têm, por função, prestar algum tipo de serviço ao público (o “sujeito de braçadeira”). Contudo, o que mais nos chama a atenção neste trecho é a característica da “esperteza” utilizada por um brasileiro que, ludibriando outro brasileiro, cria a ilusão de uma situação imprevista (a necessidade de auxiliar um “cidadão francês”) a fim de receber um tratamento diferenciado em relação aos demais. A explicação oferecida ao interlocutor ao final do texto aponta não somente para uma vitória do “jeitinho” diante de uma necessidade (a informação), mas também da malandragem e do improviso em sua situação contrária. O motivo para tudo isto advém de um fator atribuído, ao cabo, à nossa própria natureza (“estamos no Brasil”).

Notemos que praticamente todas as características elencadas pelo texto para um cidadão brasileiro quase anônimo são justamente as características que deveriam ser suplantadas pela realização e conquista do quarto campeonato mundial de futebol. Nos queríamos organizados, eficientes, civilizados. Ao invés disto, a imagem que fica, através deste texto, retoma, em boa medida a idéia da cordialidade do homem brasileiro apresentada ainda na década de 1930 por Sérgio Buarque de Hollanda (os contatos pessoais substituem a impessoalidade que deveria caracterizar o trato com o público), ao mesmo tempo em que se retoma a idéia de uma auto-imagem depreciativa diante do modelo de civilização oferecido pelo pretenso viajante francês.

A idéia de desorganização e esperteza, contudo, transparece ainda em outros textos. Em um deles, novamente publicado em *O Cruzeiro*, o repórter David Nasser retoma a relação existente entre futebol, desejo de lucro e desorganização. Com efeito, após começar sua matéria informando que a mesma teve de ser escrita de uma cadeira numerada, sob uma goteira que “não parava nunca”, enquanto a parte reservada à imprensa estaria tomada por pessoas que pouco ou nada teriam a ver com a profissão, o jornalista assim considera a atuação da Confederação Brasileira de Desportos e de seus dirigentes:

Certos paredros esportivos são como os elefantes de circo: vivem a glória apenas nas horas do espetáculo. Depois, voltam à obscuridade e à vida monótona de todos os dias. Procure, amigo, uma dessas eminentes atualmente

e encontrará fechadas todas as portas: a de casa, a do escritório e a da confederação. Os respeitáveis e altíssimos governantes dos esportes nacionais, dirigentes das grandes rendas, colocam-se em pedestal cuja base não se forma de sabedoria ou cultura, mas de maleabilidade, de jeito, de tato em lidar com os torcedores, com os jogadores e principalmente com a igrejinha que é a própria alma da entidade. Só se trata do esporte, no Brasil, em função do lucro. O atletismo está abandonado, o tênis foi posto à margem, o basquete atravessa uma fase ruim, a natação já não interessa. Só o futebol, porque o futebol dá renda. Essa história de cultura física, de aprimoramento racial, não passa de bobagem sem nexo para os mentores esportivos do Brasil. Por essas e outras razões, a Copa do Mundo só não se transformou em fracasso técnico graças às outras equipes. No que dependeu da CBD, da Comissão de Imprensa e de todas as outras comissões ineptas, o fracasso é absoluto, completo e desolador.<sup>331</sup>

O texto de Nasser, com efeito, oferece uma visão semelhante e complementar aos argumentos apresentados por seu companheiro baiano, Roschild Moreira. O caráter de denúncia que o mesmo assume em relação às atividades desempenhadas pelos responsáveis pelo esporte no Brasil, que a tudo negligenciariam em troca do dinheiro, segue o mesmo tom, apenas tendo sido escrito durante a realização do mundial, e não após o seu término. Portanto, se ao texto de Roschild pode-se argumentar que tenha sido escrito em um momento de indignação devido ao resultado final do torneio, Nasser nos demonstra que esta perspectiva acerca dos dirigentes do futebol nacional era algo já existente, não havendo qualquer relação obrigatória com a derrota na última partida.

Porém, a grande contribuição que encontramos no texto de Nasser está no indicativo que ele oferece para uma perenidade, ainda no início da década de 1950, para os princípios eugenistas em um importante segmento da sociedade brasileira (“Essa história de cultura física, de aprimoramento racial, não passa de bobagem sem nexo para os mentores esportivos do Brasil”). Embora o que o autor entenda por “raça” não esteja explicitado na matéria, não é demais lembrar aqui que tal conceito está diretamente vinculado àquele utilizado por tantos intelectuais no começo do século XX, cujas implicações para todos aqueles que não se integrem em um padrão fenotípico europeu já abordamos anteriormente. De semelhante modo, lembremos que esta era então a revista

---

<sup>331</sup> *O Cruzeiro*, 15 de julho de 1950, p 12-18, 26. É importante ressaltar que David Nasser sempre foi considerado um jornalista polêmico, capaz de forjar situações e imagens artificiais. Ele mesmo haveria confessado certa feita que no jornalismo, a única forma de fazer fortuna seria “sendo picareta” ou alugando sua opinião para os donos dos jornais. Cfe: SODRÉ, Nelson Werneck. **Op. Cit.**, p 417.

de maior circulação nacional, capaz de emitir idéias que, a par de serem aceitas ou não, são passíveis de encontrarem ressonância na sociedade, uma vez que emitidas de um local de poder.

A imagem do brasileiro, contudo, não se limita a de um ser fustigado pela busca do lucro e incapaz de se auto-organizar. O contraponto a tal perspectiva pode ser encontrado na descrição dos momentos de vitória, quando, sob efeito dos sucessos no gramado do Maracanã, a torcida saía às ruas para momentos de verdadeira celebração. Um destes momentos teria sido testemunhado pelo jornalista gaúcho José Domingos Varella, que assim o descreve:

Quando chegamos ao centro, já noite, o povo vinha pelo Mangue, a pé, cantando e fazendo um verdadeiro carnaval, dando verdadeiros “shows”, uns com “tamborins” e outros fazendo “misérias” nas suas “cuícias”, na sua maioria de camisa de malandro, outros até bem vestidos. O povo queria era sambar. Queria gozo. Ao centro de grandes rodas, uns dançavam, cantando outros. E assim, o prestígio foi até o centro, quando teve lugar na Avenida Rio Branco o enterro da “Fúria Espanhola”. O carioca é todo verve: ele arruma tudo, rapidamente. O enterro foi arrumado em menos de 1 hora. O préllio terminou as 17:45 e pouco depois, tudo aquilo estava acontecendo na Avenida.<sup>332</sup>

Se retomarmos aqui o argumento de Rachel de Queiroz, de que o futebol pode ser tomado como contraponto à pretensa falta de capacidade de auto-organização do brasileiro<sup>333</sup>, veremos uma proximidade muito grande entre o argumento da autora cearense e o percebido pelo jornalista gaúcho, sendo agora o universo das pessoas diretamente abrangidas aumentado daqueles que esporadicamente jogam nos campos de várzea para todos os que, ainda que sem entrar em campo, dedicam-se tão somente a desempenhar o papel de torcedores. Contudo, dois outros detalhes aqui já comentados devem ser levados em conta no contexto deste último texto. Em primeiro lugar, por tratar-se de um período de Copa do Mundo, a festa descrita é inclusiva, incorporando grupos sociais (mulheres e crianças) que, em outros momentos não seriam de todo aceitos por aqueles que têm o poder de determinar quem pode e quem não pode participar de forma legítima de tais celebrações. Assim, este povo que vinha “a pé pelo mangue” fazendo “misérias nas suas cuícias” engloba, neste momento em especial, a

---

<sup>332</sup> Correio do Povo, 16 de julho de 1950, p 16-19.

<sup>333</sup> Ver capítulo 1, nota 156.

totalidade da nação em termos de gênero e faixa etária. Ao mesmo tempo, ainda que a rua possa ser tida como o espaço do pobre e do humilde, em contraposição ao conforto e segurança do lar burguês, a matéria de Varella permite supor um caráter igualmente inclusivo no que tange a possíveis recortes sociais, uma vez que neste momento as “camisas de malandro” dividiam espaço com “outros até bem vestidos”. Reforça-se assim, através do texto, a perspectiva abrangente de uma celebração verdadeiramente nacional.

Simultaneamente, lembremos aqui que, muito embora o tipo social retratado possa ser classificado como “regional” (“o carioca é todo verve”), sua figura era então tomada por muitos dos órgãos de imprensa como uma síntese acabada da nacionalidade brasileira. Assim, através desta operação simplista onde a parte é tomada pelo todo, um pretenso espírito carnavalesco originalmente atribuído ao carioca, capaz de improvisar festejos que em outros locais exigiriam uma organização prévia, é transferido também para o restante da coletividade. Em outras palavras, se, a partir de dado momento, o carioca é tomado como o modelo de torcedor brasileiro dentro do estádio, também o é fora deste espaço.

Pode-se muito bem argumentar que este caráter festivo longe está dos traços de tristeza congênita apontados por Paulo Prado, ou que sua dimensão inclusiva e sua condição de celebração em torno de uma vitória nacional contradigam as previsões mais sombrias de Oliveira Lima. Contudo, os acontecimentos presenciados e retratados por Varella deveriam ser tão somente os prolegômenos de um acontecimento afirmativo, previsto para emergir ao fim daquela Copa do Mundo. Sem este desfecho, internamente, tais comemorações podem ser comparadas aos festejos coloniais, cujo caráter de ostentação visava ocultar mazelas mais profundas e historicamente enraizadas na sociedade. É claro que a vitória em uma competição esportiva não significaria a solução de tais problemas, mas, em um momento de identidade ainda em formação, poderia representar muito em termos de uma nova auto-percepção.

Assim, é compreensível que o conjunto dos jogadores que formam o selecionado brasileiro passe a ser visto como a materialização da nação em campo já naquele momento, pois sobre sua atuação eram projetadas uma série de valores que em muito ultrapassavam o mero significado do jogo. Contudo, também estes jogadores são integrantes desta nacionalidade que se via entre o fardo do fracasso natural e das possibilidades ilimitadas do futuro. Centremos agora nossa análise nestes que são simultaneamente representantes e integrantes desta sociedade.

\* \* \*

### *3.4 – A seleção complexada*

No dia 27 de maio de 1950, a revista *O Cruzeiro* publicava em quatro páginas, pequenos quadros onde era possível contemplar 28 pares de pés, a maioria descalços (foto 11). Seus donos eram todos aqueles que, àquela altura, compunham o grupo de jogadores da Seleção Brasileira. Em cada quadro, junto à identificação do atleta (uma foto menor de seu rosto), uma pequena mensagem, transmitida ao conjunto dos leitores, expunha a atual condição do atleta ou sua expectativa em relação ao torneio que se avizinhava. Se, alguns anos mais tarde, Nelson Rodrigues popularizaria a idéia de que o selecionado nacional representa a pátria em chuteiras, podemos, projetando esta idéia para o passado, afirmar que a revista apresentava a seus leitores a “pátria desnuda”, a essência última daqueles que defenderiam suas cores nos embates que se avizinhavam. Ao mesmo tempo, ampliando esta proximidade existente entre o universo bélico e o futebolístico, temos nestas imagens uma espécie de apresentação aos leitores dos soldados e das armas que deveriam conduzir o país à vitória magna.

Concordamos com Eric Hobsbawm, quando este afirma que “a imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome”.<sup>334</sup> De certo modo, um selecionado de futebol, assim como de alguns outros esportes, pode ser percebido como um resultado da própria História social e econômica de um país, uma vez que, no exato instante em que temos as equipes perfiladas para a execução dos hinos nacionais, estamos diante de uma amostra aleatória da composição étnica de suas sociedades atuais, o que possibilita evocar os diversos momentos históricos que levaram a suas atuais conformações. Esta característica de ser formada por homens comuns, de origens sociais variadas, permite que sobre um grupo de atletas sejam projetadas aquelas características que normalmente atribui-se ao conjunto de suas sociedades. Com efeito, parece existir entre muitas pessoas a idéia de uma correspondência direta entre a imagem do habitante de um país, a História deste, e a forma como seus selecionados se portam dentro de campos e quadras. Tomemos como exemplo o texto abaixo, de autoria de Cid Pinheiro Cabral, publicado às vésperas do encontro entre mexicanos e iugoslavos, em Porto Alegre.

---

<sup>334</sup> HOBSBAWM, Eric. **Op. Cit.** (1998), p 171.

Teremos, dessarte, frente a frente, os representantes de dois países inteiramente antagônicos – pela técnica, pela língua, pelos costumes, pelo clima e por toda uma série imensa de fatores psicológicos.

O México, impetuoso e bulhento, amante das touradas e das paixões emotivas, empenhar-se-á, em luta titânica e emocionante, com os representantes do centro europeu, com os valorosos defensores da Iugoslávia, povo habituado ao calor das lutas.

O México de hoje, longe dos tempos em que era constantemente sacudido por incruentas lutas fratricidas, volta a cantar as suas canções e a traduzir, na voz dolente dos seus trovadores, todo o sentimentalismo do seu povo e toda a paixão da sua gente.

A Iugoeslávia (sic), encravada no coração da Europa, com a coragem e a bravura de seus filhos, forjada em lutas empolgantes, não abandonou jamais o espírito esportivo e, hoje, apresentar-se-á, pela segunda vez, ao povo brasileiro, com um punhado de moços plenos de vida e de vontade de vencer.<sup>335</sup>

Os exemplos de descrições de diferentes formas de jogar, seguindo padrões atribuídos a traços culturais próprios de cada povo se espalham ao longo das edições. Em primeiro de julho, o mesmo autor do texto acima, classificava o torneio em andamento como um duelo entre “o futebol-ciência e o futebol-arte”. Conferindo certa primazia no jogo aos ingleses, atribuía-lhes um alto grau de temor em relação aos sul-americanos, “donos de surpreendente e perigosa capacidade improvisadora”.<sup>336</sup> Segundo a mesma linha, *O Cruzeiro* comenta, na edição de oito de julho daquele ano, que o selecionado suíço, ao desembarcar em Belo Horizonte para a partida contra a Iugoslávia, foi saudado pelo jornal “Diário de Minas” com a seguinte manchete: “Chegaram os jogadores mais civilizados do mundo”.<sup>337</sup>

Esta relação de influências mútuas entre o “homem no campo de jogo” e o “homem na arquibancada” se constitui em uma constante na História do futebol brasileiro. Lembremos inicialmente que no campeonato sul-americano de 1921, a participação de jogadores negros foi vetada a pedido das próprias autoridades políticas do país, uma vez que se considerava que suas presenças poderiam proporcionar uma imagem negativa acerca do Brasil. Três décadas depois, por motivo da eliminação

<sup>335</sup> *Correio do Povo*, 28 de junho de 1950, p 12.

<sup>336</sup> *Correio do Povo*, 01 de julho de 1950, p 13.

<sup>337</sup> *O Cruzeiro*, 08 de julho de 1950, p 102.

brasileira na primeira fase do campeonato mundial de 1954, João Lyra Filho, então presidente do Conselho Nacional de Desportos e chefe da delegação brasileira enviada à Suíça, justificaria a má atuação naquele certame devido a “formação e estado presente do povo brasileiro,<sup>338</sup> ainda imaturo e essencialmente instintivo. Conforme Simoni Guedes, Lyra Filho teria estipulado o seguinte quadro comparativo, opondo os brasileiros aos europeus.

#### BRASILEIROS

Improvação – denodo – impavidez – brio – físico – instintivo – natural – espontâneo.

#### EUROPEUS

Raciocínio – mente – espírito – maturidade – autocontrole – cultura – experiência.<sup>339</sup>

Antes mesmo de iniciar o mundial de quatro anos antes, muitas das características apontadas por Lyra Filho como responsáveis por nossas derrotas nos campos esportivos já compunham o vocabulário de nossos jornalistas acerca do quadro anímico existente entre nossos jogadores, especialmente quando diante de momentos de adversidade. No dia 14 de junho de 1950, o já citado Cid Pinheiro Cabral reporta-se aos treinos preparatórios da Seleção Brasileira que, devido ao mau desempenho, foi alvo de vaias por parte dos torcedores que acompanhavam os trabalhos. As reações dos jogadores ao acontecimento são assim descritas:

Os jogadores brasileiros e técnicos entrevistados hoje pela crônica esportiva, a respeito das vaias, mostraram-se alguns desiludidos, outros queixosos e outros, finalmente, até enraivecidos e descontrolados. Nesta última categoria está Zizinho, que fez declarações sensacionais, que estão provocando os mais desencontrados comentários. Zizinho afirmou que preferia jogar o certame mundial com a camisa brasileira no estrangeiro e não no Brasil, porquanto as vaias no estrangeiro são de incentivo, enquanto as vãs de brasileiros a brasileiros desconcertam e matam o estímulo. Devido a essas declarações de Zizinho há uma expectativa fora do comum para o treino desta tarde, devido a atitude que no espírito do público pode provocar a declaração do afamado jogador, que na ausência de Heleno, aos poucos vai lhe tomado o lugar de

<sup>338</sup> Cfe: GUEDES, Simoni Lahud. **Op. Cit.**, p 23.

<sup>339</sup> **Idem**, p 28.

temperamental, pois há crença de que não está dando tudo o que pode porque assim ainda não o desejo.<sup>340</sup>

Desilusão, raiva, descontrole, temperamento explosivo. Características que, diante de uma situação onde a cobrança e a pressão são acentuadas, explicariam uma pretensa inaptidão para tais momentos. Ao mesmo tempo – e mais aprofundadamente – pode evocar uma proximidade muito grande com um quadro de naturalidade oposta aos valores da Europa civilizada expressos por Lyra Filho, tais como “raciocínio”, “maturidade” e “auto-controle”. Ainda que não esteja diretamente expresso, os adjetivos evocados pelo jornalista aproximam os jogadores brasileiros de 1950 aos atletas pobres que, no começo daquele século, disputavam espaços nos *grounds* com os defensores de um amadorismo elitista. Também àqueles eram por muitos considerados incapazes de praticar um autêntico futebol por serem descontrolados, violentos ou afastarem-se do conjunto de normas que regulava o jogo dentro de padrões de civilidade. Desta forma, aquele conjunto de valores criado fora dos campos de futebol, mas sobre eles projetado quando da popularização do esporte, acaba por perpassar a metade do século, tendo seus reflexos ainda quando, quatro anos mais tarde, o selecionado brasileiro experimentou sua última queda no período anterior à conquista de seu primeiro título mundial.

Poderia-se argumentar também que a matéria acima expressaria a ausência de um sentimento nacional fortalecido por parte dos torcedores, uma vez que estes não estariam “fechados” com a equipe nos momentos anteriores à realização do torneio. A questão talvez seja um pouco mais complexa que isto. Em primeiro lugar, várias são as manchetes no período anterior à realização daquela Copa do Mundo, dando conta de que o desempenho do selecionado não agradava aos observadores, especialmente fora do Rio de Janeiro. Alguns exemplos: “O Campeonato do Mundo nos alcança em nossa pior fase técnica desde 1944!”<sup>341</sup>; “Deuses de barro: ainda é tempo de reabilitar-se o futebol nacional”. Esta última notícia, publicada pelo jornal baiano *A Tarde*, inclusive, se encerra com o comentário de que “seria uma injustiça negar-se a grande capacidade dos nossos ‘scratchmen’. Pena é que eles que têm tudo do futebol – dinheiro, prestígio, conforto – não estão proporcionando ao mesmo futebol o esforço e a dedicação que era de exigir-se”.<sup>342</sup>

---

<sup>340</sup> *Correio do Povo*, 14 de junho de 1950, p 9. Grifos nossos

<sup>341</sup> *Correio do Povo*, 15 de junho de 1950, p 12.

<sup>342</sup> *A Tarde*, 10 de maio de 1950, p 5.

Ao mesmo tempo, as relações entre o dinheiro e a defesa das cores pátrias no campo esportivo foram, antes do início daquele campeonato mundial de futebol, uma constante nas páginas esportivas. Deve-se somar a isto o fato de que, aos olhos dos jornalistas, os atletas que integravam o selecionado brasileiro recebiam um tratamento que, diante dos resultados até então apresentados, representaria um excesso de mimos, incondizente com suas atuações. Tal imagem, ao que parece, saltaria aos olhos mesmo de observadores estrangeiros, como a testemunhar a força de uma imagem forjada internamente. Assim, no dia 16 de maio de 1950, após o Brasil vencer o Uruguai em partida válida pela Copa Rio Branco, o jornal *Correio do Povo* fazia questão de trazer aos seus leitores a opinião, acerca da seleção brasileira, de “Nobel Valentini”, uruguai, apresentado como “ábitro de cartaz internacional e abalizado técnico em questões de futebol”. No texto apresentado aos leitores, o jornal destaca que teve a oportunidade de ouvir a opinião do entrevistado acerca do “mimado ‘scratch’ brasileiro” que havia vencido a duras penas sua partida contra o selecionado oriental. Em suas respostas, Valentini faz questão de destacar a notória preparação cuidadosa da equipe brasileira; a concentração demorada; o aspecto fraco da defesa e o seu baixo rendimento, para concluir: “Falta-lhes sangue. Talvez se trate de milionários que tenham receio de se machucar. Não sei”.<sup>343</sup>

Mesmo em momentos onde os textos jornalísticos procuram transmitir uma imagem positiva acerca do selecionado nacional, as perspectivas emanadas do passado podem ser encontradas, como a marcar a persistência de um mal de origem sobre nossos representantes, e que deveria igualmente ser batido através das vitórias nos campos esportivos. Assim, em quatro de julho, após os brasileiros vencerem o selecionado iugoslavo, garantindo a classificação para a fase final da competição, o *Correio do Povo*, desloca o centro das responsabilidades para a figura do técnico Flávio Costa, sem, no entanto, deixar de apontar uma sintomática característica de nosso “onze”.

Sabemos que os moços escalados para defender a camiseta verde-amarela são, todos, ótimos manejadore da pelota.

Neles poderemos confiar, muito embora o seu próprio treinador Flávio Costa, em recente entrevista pública, os haja taxado de “mascarados”, como se máscaras pudessem afivelar ao rosto de rapazes que, embora profissionais do futebol, jogam com alma e com lealdade.

---

<sup>343</sup> *Correio do Povo*, 16 de maio de 1950, p 14.

Os próprios integrantes da seleção nacional, por ocasião dos derradeiros compromissos do certame, hão de provar a sociedade quão leviano foi o técnico escolhido para dirigi-los e que, em lugar de procurar animá-los para o triunfo, reduzindo-lhes os complexos e dando a todos o indispensável clima psicológico, valhe-se das colunas da imprensa para tentar tirar-lhes a força moral e diminui-lhes as energias.<sup>344</sup>

Embora neste momento o profissionalismo no futebol e a publicação das obras mais conhecidas de Freyre e Sérgio Buarque já gozassem de quase duas décadas, as influências do período anterior são ainda perceptíveis nas palavras do cronista esportivo, que não hesita em contrapor “profissionalismo” com a possibilidade de praticar o jogo com empenho e correção, resgatando assim, embora sem o citar diretamente, a idéia de que tais características positivas seriam inerentes ao espírito amador anteriormente existente, traço que fica marcado através do registro de que os jogadores brasileiros, neste sentido, se constituem em exceção. Contudo, ainda que vencendo esta barreira, havia que suplantar “os complexos”, conceito por certo vago, mas que indubitavelmente remete às perspectivas existentes quando do começo daquele século, que apontavam para a existência de uma inferioridade nacional calcada sobre nossa formação racial e histórica. Para vencer mais este adversário criado e imposto desde dentro, haveria que se criar um “clima psicológico” incutindo nos atletas a devida “força moral” e “energia”. Note-se que estes não são valores que existam por si só, mas que são colocados em contraposição a nossa pretensa condição natural.

É importante salientar que, lindeiro aos “complexos” existentes em nossos jogadores, a imprensa costumava apontar ainda a existência de outro sentimento altamente pernicioso, ainda mais quando transportado para dentro dos gramados: a idéia da invencibilidade. Com efeito, junto às notícias que apontavam a existência de fraquezas de ordem moral ou “quase genética”, freqüentes eram os textos que apontavam para a existência de um sentimento de auto-suficiência entre aqueles que, sob a camisa branca e azul, representariam o Brasil no mundial de 1950.<sup>345</sup> Assim,

---

<sup>344</sup> *Correio do Povo*, 04 de julho de 1950, p 12. Grifos nossos.

<sup>345</sup> Seja pelo caráter de imprevisibilidade do futebol, seja pela surpresa da derrota final, criou-se entre muitos brasileiros apreciadores de futebol a idéia – tão hipotética quanto infundada - de que se dez novos encontros fossem realizados entre aqueles dois selecionados, o Brasil ganharia pelo menos nove. Isto é rechaçado pelo jogador Zizinho, que afirma: “Todo mundo diz que em 50 o Uruguai era um time mau. Não era! O Uruguai tinha um jogador como Júlio Perez na meia-direita, um Schiaffino, um Míguez, um Ghiggia. A defesa era formada por jogadores veteranos, como Obdúlio Varela e Gambetta. O nosso time era melhor, mas o do Uruguai era muito bom”. Anos mais tarde, o mesmo sentimento de “já ganhou” parece haver se repetido em situação semelhante. Segundo Édison Gastaldo, o período de tempo entre a

mesmo uma derrota brasileira diante do Uruguai, em partida válida pela Copa Rio Branco, disputada pouco mais de dois meses antes do *Maracanazo*, foi entendida por alguns jornalistas como um mal-necessário a fim de que tal sentimento fosse extirpado dentre os jogadores. Para tanto, *A Tarde* não hesitava mesmo em auto-atribuir ao conjunto da imprensa o papel de “orientador” do grupo de jogadores, a fim de lhes “tirar a máscara”.

O maior trabalho que tem a imprensa brasileira, no momento, é tratar de orientar os nossos “craques” no sentido de tirar-lhes a máscara. Essa conversa de que possuímos o melhor futebol do mundo, os melhores jogadores do mundo e que Flávio é também o maior técnico do mundo – tudo isso não passa de afirmações falsas e altamente negativas. Graças a elas é que os nossos times fracassaram nas duas jornadas iniciais. O trabalho será intenso, pois o pior de tudo é que os “craques” e o técnico estão ebrios com o incenso da glória antecipada que os aficionados lhe queimam aos pés, graças aos insistentes elogios que jamais lhe foram negados.<sup>346</sup>

Máscara: objeto destinado a esconder a verdadeira face de alguém. Adereço que visa provocar uma falsa sensação estética negativa ou positiva, cujo uso normalmente se dá em situações especiais, tal como os bailes carnavalescos. Máscara: figura de linguagem utilizada ao mesmo tempo por jornais no sul e no nordeste a fim de descrever o espírito reinante no selecionado nacional às vésperas de momentos decisivos. Ainda que o *Correio do Povo* a negue e *A Tarde* confirme sua existência – convém lembrar que a matéria do primeiro é publicada quando da classificação para a fase final – sua citação em locais tão díspares parece confirmar a existência deste verdadeiro personagem inanimado entre nós.

No entanto, a mesma imprensa que acusava a existência deste sentimento que provocaria nos jogadores brasileiros a sensação de que a vitória já era obtida por antecipação, também possuía os veículos e meios necessários para reforçar a idéia, entre os leitores, de que a conquista do título, para os jogadores, já era algo dado. Assim, cerca de dois meses antes do início daquela Copa do Mundo, *O Cruzeiro* trazia uma matéria tentando conferir aos atletas um caráter mais “humano”, mostrando aos leitores

---

semifinal da Copa do Mundo de 1998, quando o Brasil venceu a seleção holandesa nas penalidades máximas, e a partida decisiva – vencida pela França por 3X0 – foi pródiga em manifestações de patriotismo por parte da imprensa, o que teria mesmo contagiado as ruas. Cfe: MORAES NETO, Geneton. **Op Cit.**, p 111; GASTALDO, Édison Luis. **Op. Cit.** (2006a), p 23.

<sup>346</sup> *A Tarde*, 10 de maio de 1950, p 5.

fotos dos jogadores em cenas de seu cotidiano, acompanhadas de legendas que reforçam este caráter de “pessoas comuns”. A foto do treinador Flávio Costa traz como texto: “FLÁVIO Costa já conquistou todos os títulos do futebol. Agora está faltando o mundial. É seu grande desejo”. Já o texto que acompanha a imagem do jogador Danilo é mais incisiva: “DANILO também é veterano no assunto. Conquistou todos os títulos e já se considera campeão mundial”.<sup>347</sup> Contudo, expressão muito maior de confiança viria poucos dias antes do início do torneio, quando, sob a manchete “Os ‘cracks’ prometem a vitória final” são atribuídas afirmações de otimismo e confiança aos atletas.

Alguns exemplos:

BARBOSA – Estou tão bem, que tenho a impressão de que sou dois para defender o arco brasileiro.

ELY – Serei campeão do mundo.

BAUER – Com a torcida brasileira ajudando o título será nosso.

DANILO – Só está me faltando esse título, e não vou deixá-lo fugir.

RUI – Os outros que trabalhem, porque o “eixo” está garantido.

FRIAÇA – O que penso? Você ainda pergunta?

MANECA – Não sei como me sentirei como campeão mundial de futebol.

ADEMIR – São bons os arqueiros estrangeiros?

CHICO – Nós e a torcida ganharemos o título.

RODRIGUES – Desta casa sairão os campeões do mundo.<sup>348</sup>

A matéria, visivelmente, segue uma estratégia de promoção do evento, afinal, promove-se também o próprio meio de comunicação, uma vez que é através dele que o leitor/ouvinte/telespectador buscará as informações que dizem respeito às partidas, antes, durante ou após sua realização. Desta forma, é essencial fomentar a idéia de um “espírito de unidade” em torno do selecionado que representará todos os brasileiros, e para tal é fundamental que as mensagens sejam de otimismo. Fosse a mensagem ao contrário (algo como “sabemos de antemão que vamos ser goleados, mas contamos com a compreensão da torcida”) e dificilmente qualquer competição despertaria algum interesse.

Não se trata, desta forma, de saber se os jogadores realmente disseram ou não tais frases; se tal sentimento de vitória antecipada existia ou não entre o grupo de atletas, mas sim de saber que esta era a imagem apresentada para o conjunto da nação através

<sup>347</sup> *O Cruzeiro*, 22 de abril de 1950, p 104-112

<sup>348</sup> *O Cruzeiro*, 17 de junho de 1950, p 102-5, 112.

de um dos órgãos de maior repercussão no conjunto da imprensa brasileira naquele momento. Assim, a atuação de *O Cruzeiro* ao tratar da Copa do Mundo de 1950 nos dias imediatamente anteriores ao início da competição vai ao encontro do conceito de ideologia desenvolvido por Eni Orlandi, sendo esta “a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos”, tendo como função “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência”<sup>349</sup>. Em outras palavras: importava que, para além de sentir o Maracanã como uma obra coletiva e a Copa do Mundo como um momento de confirmação de nossa condição de nação moderna entre nações modernas, fosse criado um clima de alegre otimismo, capaz de agrupar os brasileiros em torno da figura de seus representantes no campo de futebol.

Seria, portanto, a imagem criada em torno da Seleção de 1950 algo ambígua, oscilando entre a inoperância, a falsa auto-suficiência, a falta de auto-controle e a naturalidade historicamente atribuídas ao homem tropical por um lado, enquanto ao mesmo tempo projetava-se sobre a mesma um clima festivo e otimista, anunciando a certeza de uma vitória que ao final deveria ser percebida como momento de conquista coletiva? Sim. E cremos que esta forma ambígua de perceber o selecionado brasileiro – entidade na qual por vezes a nação se projeta e se espelha – passa pela simultânea persistência das velhas interpretações acerca do Brasil e sua relação diante do mundo civilizado, que lentamente iam sendo substituídas pelas novas perspectivas surgidas a partir das décadas de 1920 e 1930. Assim, se concordarmos que as estruturas de pensamento se modificam dentro do plano longo de tempo, e que o próprio contexto histórico vivido pelo país naquelas duas décadas (urbanização, industrialização, modernização) conduziam a que tal mudança se efetivasse, teremos o Mundial de 1950 ocorrendo ainda no Rubicão entre as velhas e as novas interpretações acerca do Brasil. Obviamente, a vitória ou o empate na última partida não nos faria mais atrasados ou menos modernos do que gostaríamos de ser, assim como a derrota longe esteve de significar uma derrocada para aqueles que preconizavam a necessária valorização de nossas raízes, mas, dado o apelo popular do futebol e a capacidade aglutinadora do mundial realizado em nossa própria pátria, fatalmente o resultado final seria entendido como um fator a mais a comprovar uma ou outra corrente de pensamento. Só que desta vez, o instrumento de argumentação, ao contrário das discussões acadêmicas, seria acompanhado de perto pela totalidade dos brasileiros.

---

<sup>349</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001, p 46.

A fim de ilustrar tal raciocínio, voltemos às declarações de otimismo atribuídas aos jogadores brasileiros publicadas em *O Cruzeiro*. Tais declarações são precedidas por um longo texto, de autoria do jornalista Mário Provenzano, onde diversas características da antiga interpretação acerca do brasileiro se fazem presentes. Lá estão, de maneira mais ou menos explícita, nossa inferioridade diante do europeu civilizado, nossa falta de brio, de “espírito de luta” e de associação, nossa fraqueza psicológica e mesmo a ação egoísta de nossos dirigentes. Contudo, o caminho para suplantar todos estes problemas é também apresentado pelo jornalista: o trabalho executado dentro de um planejamento (de forma racional e moderna, portanto), que deveria conduzir o Brasil a uma vitória que seria entendida como pertinente a todos os brasileiros.

É assunto palpítante do momento a realização do Campeonato do Mundo, que será iniciado exatamente dentro de nove dias, apresentando como atração inicial o “match” que servirá de apresentação do selecionado brasileiro, que terá como adversário o conjunto mexicano. Está perfeitamente na lembrança de todos o momento em que Flávio selecionou nossos jogadores, quando a opinião geral era de que o conhecido preparador nunca tivera tanta facilidade de formar um conjunto nacional, como em 1950. Entretanto, daquela época até agora, quanto trabalho não deu a representação cebedense, quanta luta ainda se trava e quanta coisa ainda não teremos que fazer até chegar o momento decisivo? Chegou mesmo a haver um pouco de desalento. As notícias vindas do Velho Mundo, sobre as seleções inglesa e espanhola atormentavam a torcida brasileira, essa mesma torcida sempre pronta a prestigiar a representação da CBD. Vieram os jogos com os uruguaios, com os paraguaios, os treinos das duas seleções e verificou-se que, pelo contrário, nunca conseguimos arrumar um conjunto tão sem poderio como o atual. E justificava-se a pergunta do treinador brasileiro. –“Como é possível esse quadro produzir tão pouco, se seus integrantes são os melhores que existem no Brasil e todos eles de capacidade comprovada”?

Faltava alguma coisa, ou por outra, faltava muita coisa. Faltava o treinamento, o espírito de luta e a colaboração de todos aqueles que querem a vitória final do Brasil. Foi então traçado um plano definitivo, aquele que definiria as possibilidades do conjunto nacional. Começou o trabalho psicológico (sem a intervenção da Comissão de Psicologia da CBD), intensidade nos exercícios; foi criado esse espírito de luta que não reinava entre os jogadores, possivelmente absorvido pelos comentários internacionais. E hoje pode-se notar a mudança repentina e total do onze representativo do país que patrocinará o grande certame mundial (...).

A luta, portanto, foi grande. Mas ela não parou. Ela continuará até o momento em que será proclamado o campeão. Haverá ainda luta em todos os setores. Haverá até a luta entre os dirigentes, querendo trazer para eles as glórias de uma campanha trabalhosa, esquecendo-se que muitas vezes deixaram a seleção entregue exclusivamente a Flávio, Feola, Gifoni e Pais Barreto. Mas no final, se conseguirmos concretizar tudo que planejamos, a vitória será de todos nós. Será a vitória do futebol brasileiro, para a qual todos nós contribuímos de coração, com prazer e muitas vezes com sacrifícios.<sup>350</sup>

Se é fato que a seleção brasileira de futebol é muitas vezes entendida como um reflexo de nossa coletividade, eis um pequeno auto-retrato de nossos compatriotas, feito pelas mãos produtoras de sentimentos da imprensa. Impávidos, instintivos, naturais e por vezes deixando de dar o melhor de si (o que pode evocar a figura indolente do Jeca). Ao mesmo tempo complexados ante as nações mais desenvolvidas e donos de uma portentosa “máscara” cujo objetivo era fazer-lhes parecer melhores do que realmente eram. Capazes tecnicamente de representar a nação em tão importante compromisso, mas destituídos do espírito de luta necessário para a tarefa. Por vezes desacreditados, mas sabedores de que a glória desejada, caso fosse alcançada, teria de ser compartilhada com dirigentes (do mundo do futebol ou fora dele) que pouco ou nada fizeram para colher tais louros.

É hora pois, de ver como tais características se sucedem ao longo da competição.

\* \* \*

### *3.5 – A construção da vitória antecipada*

---

<sup>350</sup> *O Cruzeiro*, 17 de junho de 1950, p 102-5; 12. Grifos nossos. As partidas citadas contra uruguaios e paraguaios dizem respeito, respectivamente, às disputas pelas copas Rio Branco e Osvaldo Cruz. “Feola” é Vicente Feola, técnico do Brasil em sua primeira conquista mundial em 1958 e, naquele momento, auxiliar de Flávio Costa. “Gifoni” e “Pais Barreto” eram os médicos responsáveis por acompanhar a seleção. Em “Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha”, Ruy Castro comenta que no mundial de 1958 o Brasil teve, pela primeira vez, a participação de um psicólogo na equipe, o que parece ir contra a matéria apresentada por *O Cruzeiro*. Há, é claro a possibilidade do “trabalho psicológico” de 1950 ter sido realizado por alguém que não fosse propriamente “da área”, mas, neste caso, a própria introdução deste personagem em 1958 pode ser questionada, uma vez que, nas palavras de Ruy Castro, “não era exatamente um psicólogo, mas um sociólogo licenciado em psicologia – um psicotécnico”. O motivo para a sua contratação, no entanto, remetia às mesmas idéias que viemos discutindo até aqui: um “mal-disfarçado racismo” que atribuía “falta de fibra ao coquetel racial brasileiro. O “psicólogo” de 1958 chamava-se João Carvalhaes, e teria reprovado, em exames psicotécnicos, Garrincha e Pelé, aconselhando inclusive o não aproveitamento deste último. Cfe: CASTRO, Ruy. **Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p 135-6.

Em meados de abril de 1950, os leitores do jornal catarinense *O Estado* tinham a sua disposição, entre as diversas seções oferecidas, uma dedicada às últimas notícias esportivas. Faltando mais de dois meses para o início da Copa do Mundo, eram poucas as notas referentes ao acontecimento, havendo uma ampla predominância de textos a respeito das equipes de futebol local ou a outras práticas esportivas. Desta forma, algum viajante desavisado que por acaso chegasse à Ilha de Santa Catarina naquele momento talvez demorasse a perceber que estava no país onde, dentro de poucos dias, se realizaria a competição máxima do esporte mais popular do Brasil e um dos mais populares do mundo. Para isto, certamente deveria pesar o fato de a capital catarinense não sediar nenhuma das partidas que seriam jogadas pelo certame, o que fazia do assunto algo relativamente distante para seus leitores. Ainda assim, as raras notícias sobre a seleção eram postadas diretamente do Rio de Janeiro, e apresentavam-se como verdadeiros telegramas, contendo a data do dia anterior e ressaltando, através de uma sigla posta antes do texto (V.A.), o fato de haver sido enviada por “Via Aérea”.

Mas como *O Estado* via a preparação do selecionado brasileiro nestes raros momentos? Qual a percepção que o jornal catarinense possuía e transmitia para os seus leitores acerca do evento? Duas matérias inicialmente nos chamam a atenção. Na primeira, de caráter mais “curioso” – e que só pode ser corretamente entendida a partir do momento em que temos a percepção de que a Segunda Guerra Mundial terminara há meia década – é destacada uma manifestação contrária, por parte da CBD, quanto à inclusão de hinos e bandeiras nacionais antes dos jogos.<sup>351</sup> A justificativa estaria em dar um aspecto essencialmente esportivo e não guerreiro às partidas, o que, podemos argumentar, ignoraria o caráter substitutivo que o esporte possui em relação aos conflitos bélicos. O toque de curiosidade fica por conta da solução apontada: no lugar das bandeiras e hinos nacionais, bandeiras das entidades desportivas de cada país acompanhadas por... marchas e canções militares!<sup>352</sup> A idéia, que não vingou, alteraria desta forma a embalagem sem mexer no espírito do produto.

---

<sup>351</sup> Segundo Hilário Franco Jr., a possibilidade de suprimir os hinos nacionais foi novamente considerada pela FIFA em tempos recentes. O motivo estaria no recrudescimento dos nacionalismos xenófobos, especialmente na Europa, que encontram, quando da execução dos hinos antes das partidas um momento de especial visibilidade. Contudo, pesa contrariamente a isto o receio de que tal medida venha a fortalecer o grupo dos maiores clubes europeus, que pressionam a entidade a fim de que seja constituído um campeonato continental de clubes, mais rentável do que os campeonatos nacionais. Estaria assim a FIFA diante do paradoxo de harmonizar o futebol globalizado com os interesses locais. Cfe: FRANCO JR., Hilário. **Op. Cit.**, p 95.

<sup>352</sup> *O Estado*, 12 de abril de 1950, p 6.

A segunda matéria, publicada seis dias mais tarde, apresenta-nos já uma idéia, ainda que sutil, do clima que viria a ser criado quando das partidas finais. Com efeito, o jornal anuncia, sob a manchete: “Se o Brasil for campeão do Mundo Araxá saberá honrar seus craques”:

RIO, 17 (V.A.) – Honrada com a preferência que a C.B.D. lhe dispensou, escolhendo-a para a concentração dos craques nacionais, Araxá, pelos seus filhos de todas as classes sociais, saberá reverenciar os brasileiros, caso sejamos os vencedores do Campeonato Mundial de Futebol. Nessa hipótese, tão risonha e tão agradável, a Prefeitura Municipal desta localidade fará erguer, em ponto centralíssimo, um monumento comemorativo ao grande feito em perspectiva. Essa é a novidade que corre aqui de boca em boca, sendo repetida com justo orgulho por quantos se encontram, quer por dever, quer por simples recreio, usufruindo as delícias de Araxá.<sup>353</sup>

Um feito já em perspectiva, cujas homenagens incluiriam os “filhos de todas as classes sociais”, como que a ratificar o caráter socialmente agregador de uma esperada vitória, que mereceria em sua celebração a ação positiva do poder público em um local destacado da cidade. Ainda que a preservação da memória do selecionado através de um monumento esteja atrelada à condição da vitória final, não deixa a matéria de passar um suave otimismo, com a utilização de termos positivos, como “honrada”, “risonha” e “agradável”.

Este discreto otimismo transparecia, no mesmo momento, através das páginas da revista *O Cruzeiro*, quando esta se reportava igualmente ao regime de concentração imposto aos atletas brasileiros. Assim, apenas quatro dias após a publicação da notícia acima, a revista carioca chegava às bancas de todo o país, destinando nove páginas amplamente ilustradas a tal assunto. Em seu texto, de autoria do jornalista Flávio Damm, destacava-se o fato de que aquela era a “mais importante, severa e dispendiosa concentração até hoje feita para o preparo físico e moral dos jogadores brasileiros”, sendo ainda “interessante observar que não há entre eles bairrismo algum, estando todos, paulistas, gaúchos, cariocas, mineiros e nortistas irmanados com uma única finalidade: a de dar tudo em prol do futebol brasileiro no próximo campeonato mundial, a realizar-se no estádio do general-prefeito”.<sup>354</sup> Assim, ainda que igualmente otimista

---

<sup>353</sup> *O Estado*, 18 de abril de 1950, p 4.

<sup>354</sup> *O Cruzeiro*, 22 de abril de 1950, p 104-112.

em relação à competição, o periódico carioca buscava explicar sua confiança com base no trabalho e nos custos que a preparação demandava. Contudo, é interessante observar que tal sentimento exigia a transformação em elementos positivos de dois itens que, como já vimos, figuravam historicamente como problemas de nossa formação. Por um lado, havia que preparar os jogadores não apenas do ponto de vista físico, mas também “moral”, o que certamente nos leva a pensar na falta de disciplina e aplicação historicamente atribuídas ao “estilo brasileiro de jogar futebol”. Ao mesmo tempo, o destaque dado à ausência do “bairrismo” é revelador acerca da preocupação quanto à existência de tal sentimento, fortemente contraditório com o anseio de estimular a tão desejada unidade nacional naquele momento.

A convicção de que as características negativas do “estilo brasileiro de jogar futebol” seriam suplantadas através de uma preparação adequada, bem como o clima de otimismo, não eram partilhados em todos os lugares do Brasil. E a derrota por 4X3 para o Uruguai na primeira partida válida pela Copa Rio Branco serviria para explicitar tais desconfianças. Em Salvador, o jornal *A Tarde*, embora considerasse o resultado uma “verdadeira surpresa”, não hesitou em apontar como motivo principal o nervosismo de alguns jogadores, “notadamente de Barbosa, que se mostrou inseguro nessa primeira prova de fogo para o Campeonato Mundial, contagiando alguns de seus companheiros”.<sup>355</sup> Na mesma página, ainda que demonstrando certa confiança, o colunista Pellegrino apontava para o caráter positivo da derrota, uma vez que serviria para tirar “a máscara de donos da bola”, indicando também “a necessidade de uma nova política preparatória e seletiva”. Além destas questões, o cronista apontava ainda para outra de nossas características problemáticas: o hábito de subestimar os adversários:

Agora, veja você, meu caro leitor, se não tenho razão. Os nossos rapazes já se julgavam campeões do mundo e crearam uma auréola de invencibilidade que maior prejuízo lhes poderia trazer caso tivessem passado com facilidade pelos uruguaios. Felizmente, porém, eles sofreram essa pequena “topada” no árduo caminho que não estavam enxergando porque marchavam com a cabeça erguida pelo prestígio de um título universal. Valeu a derrota como uma advertência e agora todos nós torcedores, dirigentes e atletas, todos nós brasileiros procuraremos cuidar melhor de nossos problemas e resolvê-los com sucesso, afim de que as nossas cores tremulem triunfantes nos píncaros da glória. Já não tenho dúvida de que, na segunda peleja com os orientais, iremos

---

<sup>355</sup> *A Tarde*, 8 de maio de 1950, p 11.

menos seguros de uma vitória fácil porém, absolutamente mais confiantes num resultado favorável porque iremos ao gramado certos do valor e da capacidade do antagonista e, portanto, não nos permitiremos o luxo de subestimá-lo.<sup>356</sup>

Perceba-se que apesar de não se verificar a repetição do tom otimista do jornal catarinense e da revista carioca, a folha soteropolitana já considera os problemas da seleção como “nossos problemas”, atribuindo assim a condição de representatividade à seleção nacional. Representatividade, por sinal, também era uma condição que o jornal pleiteava para a imprensa. Com efeito, dois dias após a notícia acima, *A Tarde* publicaria novo texto, no qual considerava função da imprensa “tratar e orientar nossos craques, no sentido de tirar-lhes a máscara”, dada a falsidade de afirmações que preconizavam termos o melhor futebol, os melhores jogadores e o maior técnico do mundo. Quanto a este último, o periódico, estabelecendo uma crítica nem tão sutil, resgatava uma afirmação do atacante Heleno de Freitas a respeito de Flávio Costa: “Heleno disse que Flávio, como técnico, é tremendamente burro. Achamos nós que Flávio não é tanto assim. Mas do nosso ponto de vista para a afirmativa de que ele é o maior do mundo vai uma distância muito grande”.<sup>357</sup>

Dez dias mais tarde, o mesmo jornal continuaria a mostrar sua desconfiança em relação à seleção brasileira. Naquele dia, a página esportiva trazia uma foto onde se via três jogadores ingleses calçando suas chuteiras. A manchete, afinada com a foto, dava conta de que o selecionado inglês utilizaria, durante o Campeonato Mundial, chuteiras de fabricação brasileira. O texto desta matéria, porém, iniciava afirmando que “Essa história de que o Brasil já é ‘quasi’ campeão mundial de futebol, ainda continua permanente na idéia de muitos desportistas e, o que é peor, entre vários atletas selecionados e na cabeça do técnico Flávio Costa...”.<sup>358</sup> Somente depois disto, é que se tem a informação de que não apenas as chuteiras, mas os calções e as próprias bolas utilizadas pelos ingleses em seus treinamentos eram aqui fabricados. Por um lado, se tem o orgulho de saber que, em um momento em que nos queremos modernos, a atração mais aguardada a participar do campeonato mundial de futebol e que nos servia como modelo para esta condição de modernidade utilizava produtos manufaturados brasileiros, o que certamente serviria como motivo de orgulho para nossa indústria. Poderia-se esperar, portanto, que qualquer comentário naquele espaço acerca da seleção

<sup>356</sup> **Idem.** Mantida a grafia original.

<sup>357</sup> *A Tarde*, 10 de maio de 1950, p 5.

<sup>358</sup> *A Tarde*, 20 de maio de 1950, p 7.

anfitriã da próxima Copa assumisse também um caráter positivo. No entanto, as desconfianças pareciam ser mais fortes, a ponto de não se contaminar com as notícias acerca do selecionado britânico.

Os ingleses, por sinal, pareciam alojadas nos sonhos dos brasileiros naquele momento. Colocadas em chaves diferentes, as duas seleções apenas teriam condições de se encontrar caso se classificassem simultaneamente para a fase final. Enquanto o time cebedense enfrentaria mexicanos, suíços e iugoslavos, aos britânicos cabia enfrentar os Estados Unidos, Espanha e Chile. Classificando-se apenas uma seleção em cada grupo, e sendo iugoslavos e espanhóis adversários de qualidade reconhecida, não se poderia jamais dar como “favas contadas” a realização de um jogo entre as duas equipes. Contudo, enfrentar e vencer os britânicos significaria, além de vencer os “inventores do futebol”, vencer um de nossos modelos de civilização, sendo, portanto, um ponto importante na afirmação dessa característica entre nós. Seria assim fundamental para os significados atribuídos àquele mundial, vencer suplantando os ingleses.

Assim, ainda que esta partida estivesse apenas no campo das possibilidades, já era algo dado como certo pelos setores mais otimistas da imprensa. Em 25 de maio, *O Estado* noticiava a chegada ao Rio de Janeiro de Ottorino Barassi, presidente da Federação Italiana de Futebol e membro da FIFA, destacando que o dirigente afirmava que o título **seria** decidido entre brasileiros e ingleses. Para embasar sua confiança neste sentido, Barassi afirmava conhecer “perfeitamente o alto valor do futebol que aqui se pratica”<sup>359</sup> Se, como vimos anteriormente, toda afirmação emana de um local de poder, certamente as palavras de Barassi serviriam como um reforço para as pretensões de tal partida. Dois dias depois, uma nova edição de *O Cruzeiro* faria coro com o jornal catarinense, ressaltando, contudo, as diferenças de “estilo” entre as duas equipes, bem como o eterno problema de nossa auto-suficiência:

Podemos nos orgulhar de possuir talvez o melhor plantel de todo o mundo. E note-se que não vai exagero nisso. E que essas declarações não venham servir para mais uma vez “mascarar” nossos representantes. Citamos isso, porque conforme aconteceu no primeiro encontro da Copa Rio Branco, perdemos para os uruguaios exclusivamente pela preocupação de jogar bonito no Pacaembu, esquecendo que o adversário sem a condição de favorito podia fazer uma surpresa, como aliás fez. Com o plantel que temos, podemos garantir grandes exibições para o próximo certame mundial, principalmente aqueles que serão

---

<sup>359</sup> *O Estado*, 25 de maio de 1950, p 6.

realizados contra os ingleses. Serão duas escolas diferentes: a classe e o malabarismo dos brasileiros contra a técnica e a matemática inglesa.<sup>360</sup>

A posição de *O Cruzeiro* acerca da importância da participação dos ingleses não sofre alterações com a proximidade do início das disputas. Duas semanas antes da partida inaugural, a revista afirma: “Sem dúvida, nos ingleses estarão despertadas as maiores atenções do público que comparecerá às canchas brasileiras”.<sup>361</sup> Contudo, a empolgação diante do quadro britânico arrefeceria diante de decepcionantes apresentações, que redundaram em derrotas para estadunidenses e espanhóis. Isto, contudo, era também entendido como uma facilidade a mais para os brasileiros em seu caminho rumo ao título, já que o adversário presumivelmente mais poderoso fora eliminado.

Enquanto isto, em Porto Alegre, o jornal *Correio do Povo* mantinha uma postura próxima de *A Tarde* quando analisava o selecionado de Flávio Costa. Com efeito, o periódico porto alegrense insistia, durante a fase preparatória, no fato de que o Brasil não apresentava atuações convincentes dentro de campo, ainda quando vencera os uruguaios em duas oportunidades seguidas pela Copa Rio Branco.<sup>362</sup> Assim, não são incomuns em suas páginas referências ao “mimado ‘scratch’ brasileiro”<sup>363</sup> que receberia um “tratamento de milionários” incompatível com “a condição do verdadeiro atleta”.<sup>364</sup>

Desta forma, não podemos afirmar que houvesse, por parte da imprensa brasileira, um quadro unânime de otimismo antes do início da Copa do Mundo. Enquanto alguns jornalistas apresentavam tal postura, outros se mostravam céticos ou, ao menos, desconfiados quanto às suas reais possibilidades. Foi com este espírito ambíguo que a imprensa viu, no dia 24 de junho de 1950, o Brasil vencer o México por 4X0.

A vitória sobre os mexicanos parece haver alterado, de alguma forma, o humor dos jornalistas baianos. Este primeiro resultado positivo parece ser suficiente para que as desconfianças anteriores passassem a ser substituídas pelo mesmo discurso otimista verificável em *O Cruzeiro* ou *O Estado*. Assim, para o jornalista Roschid Moreira, “tudo agora, pois, é futebol, somente futebol. Nem mesmo a política interessa. Nem

---

<sup>360</sup> *O Cruzeiro*, 27 de maio de 1950, p 69-6, 60.

<sup>361</sup> *O Cruzeiro*, 10 de junho de 1950, p 86-9; 94.

<sup>362</sup> Os três jogos válidos pela Copa Rio Branco naquele ano foram: Brasil 3X4 Uruguai, em São Paulo, no dia 06 de maio; Brasil 3X2 Uruguai, no Rio de Janeiro, no dia, 14 de maio; e Brasil 1X0 Uruguai, também no Rio de Janeiro, no dia 18 de maio.

<sup>363</sup> Cf.: *Correio do Povo*, 16 de maio de 1950, p 14.

<sup>364</sup> *Correio do Povo*, 28 de maio de 1950, p 11.

mesmo as reivindicações de salários, a questão do tabelamento dos gêneros alimentícios, nem as dansas (sic) terríveis de Luz del Fuego".<sup>365</sup>

Na mesma página, outra matéria que poderíamos classificar como “curiosa”, dava conta, naquele momento, de que outros inimigos, que não os adversários a serem batidos dentro das quatro linhas, punham em risco a imagem de nação civilizada que pretendíamos criar, ameaçando mesmo a nossa condição de bom anfitrião para as nações visitantes.

De acordo com a técnica de lançar mão dos acontecimentos de maior popularidade para a propaganda de sua nefasta doutrina, os comunistas não poderiam deixar escapar a oportunidade de fazer explorações em torno do Campeonato Mundial de Futebol que estamos em vésperas de realizar. E o fizeram da maneira mais desleal, e que bem caracteriza os processos de sabotagem dos agentes de Moscou. Alguns elementos comunistas, dizendo-se “enviados da Igreja”, pediram aos cracks de nosso selecionado o apoio a um manifesto de Sua Santidade, o Papa, em prol da paz universal. Assim ludibriados, não tiveram os jogadores a menor dúvida em assinar o tal manifesto. E – contam os próprios enganados – ainda lhes garantiram os desconhecidos – que as assinaturas tinham um destino: a benção do vaticano...

E diz Adãozinho, um dos “cracks”:

- Aí tratei de ficar em paz com Deus, Nosso Senhor...

Dias mais tarde, eis que se revela toda a infâmia, estampada num jornal desta cidade. Os nossos jogadores havi[a]m, assinado um manifesto realmente contra a guerra, contra a bomba atômica, exatamente de acordo com o que tem sido tão torpemente explorado pelos comunistas do mundo inteiro. E, o que é mais grave, o tal manifesto continha ataques a duas das delegações que intervirão no campeonato.

E, como se tratasse inclusive de ofensas capazes de comprometer nossos foros de nação civilizada e nossa tradicional hospitalidade, o presidente da Confederação Brasileira de Desportos, sr. Mário Pollo, resolveu pessoalmente investigar o sucedido. Foram-lhe dadas amplas explicações do fato, tendo os cracks, médicos, massagistas, repudiado publicamente o gesto dos comunistas que os haviam tão ignobilmente iludido. Flávio Costa, também se manifestou, afirmando terem seus pupilos sido vítimas de uma chantagem.<sup>366</sup>

---

<sup>365</sup> *A Tarde*, 26 de junho de 1950, p 10.

<sup>366</sup> **Idem.** Segundo Geneton Neto, as consequências do “manifesto comunista” não terminariam aí. Meses após a derrota para o Uruguai, o goleiro Barbosa seria novamente convocado, mas desta vez pelo DOPS, para explicar o porquê de sua assinatura no dito manifesto. Cfe: MORAES NETO, Geneton. **Op. Cit.**, p 46.

De certo modo, a matéria reforça a idéia da reificação do selecionado em nação naquele momento. O apoio, ainda que presumido, dos jogadores brasileiros a uma ação de propaganda comunista, no contexto da Guerra Fria e quando a Copa conferiria visibilidade ao país no exterior, certamente resultaria em uma imagem negativa diante das principais nações do ocidente. Isto seria ainda potencializado pelo referido ataque “a duas delegações que intervirão no campeonato” (provavelmente Estados Unidos e Inglaterra), o que certamente poderia neutralizar qualquer esforço em criar uma percepção positiva. A “imagem” da seleção deveria ser condizente não apenas com a forma como o país gostaria de ser percebido no exterior, mas também com a linha política oficial do governo brasileiro, ou ao menos não se mostrar contrária a ela. Por outro lado, explicitar a forma ardilosa com que as assinaturas foram recolhidas serviria como um alerta público contra o perigo comunista.

Logo chegávamos à data do jogo contra os suíços, no Pacaembu. Embora o *Correio do Povo* mantivesse ainda seu ar de desconfiança para esta partida, especialmente pelas alterações na equipe propostas pelo treinador – as quais o jornal interpretava como fruto de uma escolha mais política do que técnica<sup>367</sup> – lamentava o fato de que o governo, o comércio e os bancos tenham se mostrado insensíveis quanto à adoção de um horário de “sábado inglês” no meio da semana, a fim de permitir que os torcedores paulistas comparecessem ao Pacaembu em maior número. Ainda assim um recorde de arrecadação era esperado.<sup>368</sup> Neste mesmo dia, *A Tarde* mandava de vez às favas quaisquer dúvidas sobre o potencial do selecionado brasileiro, afirmando não pecar por otimismo ao considerar antecipadamente que “o Brasil colherá os loiros da vitória contra os Suíços hoje no Pacaembu”. Já olhando para além do jogo daquela tarde, o periódico baiano dizia: “Cabe-nos aguardar a conquista do título de campeões do mundo a que fazemos jus pelo prestígio alcançado por nosso futebol em todo o universo”.<sup>369</sup> Ora, não seria esta justamente a mesma atitude “mascarada”, de autoconfiança excessiva, que a folha de Salvador apontava, até poucos dias atrás, como um dos principais problemas a serem resolvidos na representação brasileira? O empate por 2X2 na segunda partida faria acender uma luz de alerta mesmo nos espíritos mais positivos.

---

<sup>367</sup> Ver nota 271.

<sup>368</sup> *Correio do Povo*, 28 de junho de 1950, p 13.

<sup>369</sup> *A Tarde*, 28 de junho de 1950, p 5.

Um exemplo desta momentânea mudança de comportamento seria estampado apenas no dia 15 de julho, quando *O Cruzeiro* publicava um conjunto de matérias sobre a primeira fase do Campeonato Mundial. Ao referir-se ao jogo contra os Suíços, a revista carioca, que até então não somente mostrara um discurso de fé na conquista do título, mas que também executava um trabalho de aproximação entre o selecionado e o torcedor, não poupou a equipe, anunciando subtítulos tais como “Absurda a constituição da equipe nacional”; “Displicência, excesso de confiança e menosprezo ao adversário” e “Jogo de ‘tricot’, onze homens brincando de cestinha de Flores”.<sup>370</sup> Este último subtítulo, adjetivando a atuação do selecionado através de termos que remetem a um universo simultaneamente infantil e feminino dá bem uma idéia da frustração provocada pelo resultado diante dos helvéticos, uma vez que a negação da condição de virilidade e de masculinidade são geralmente elementos com os quais as torcidas buscam desqualificar seus adversários, sendo incomuns aos tratar-se de um órgão de imprensa que avalia a atuação do selecionado de sua própria nação. De certa forma, tal comentário, ao partir de um dos órgãos de imprensa que mais otimismo manifestava naquele momento, nos leva a questionar sobre até que ponto tal sentimento poderia ser uma construção visando criar as necessárias sensações para que o apoio da torcida em torno da equipe demonstrasse uma efetiva unidade nacional em prol do objetivo máximo. A frustração sem dúvida somava-se ao receio de uma eliminação precoce, uma vez que, para continuar na competição, era imperativo vencer os iugoslavos, tidos como os adversários mais qualificados naquela primeira fase.

Se os setores mais otimistas da imprensa não pouparam o selecionado brasileiro pelo resultado do Pacaembu, não seriam os mais críticos que manifestariam seu apoio. A edição do *Correio do Povo* do dia subsequente ao jogo taxa a apresentação brasileira de “irreconhecível”. Em suas considerações, o jornal atribui a culpa do segundo gol suíço unicamente ao capitão da equipe, o zagueiro Augusto, “que falhou lamentavelmente, deixando que o atacante suíço conquistasse o golo à vontade”.<sup>371</sup> Na mesma página, o jornalista Cid Pinheiro Cabral, reforçando um antigo argumento, avaliava que o Brasil “pagou caro uma peculiaridade muito sua, qual seja a de subestimar os adversários de aparência fraca”. Para fundamentar sua avaliação, o cronista citava considerações dadas pelo técnico Flávio Costa à imprensa carioca, em

---

<sup>370</sup> *O Cruzeiro*, 15 de julho de 1950, p 112-3.

<sup>371</sup> *Correio do Povo*, 29 de junho de 1950, p 19.

que se reportava aos suíços como “pouco mais do que um zero à esquerda” e aos iugoslavos como “apenas regulares”.<sup>372</sup>

Apenas setenta e duas horas após obter o frustrante resultado diante dos suíços – onde atuara com uma linha média paulista<sup>373</sup> –, o Brasil voltava ao Maracanã para decidir sua sorte ante os iugoslavos. Com o resultado anterior ainda em mente, o *Correio do Povo* publicava uma entrevista do criticado treinador, que colocava em xeque a idéia de um selecionado unido em prol de um objetivo. Ao dirigir-se aos repórteres, Flávio atribuía o mau resultado “exclusivamente ao excesso de confiança” dos jogadores brasileiros, observando que “os ‘players’ nacionais se mascaram com muita facilidade”. Ao mesmo tempo, atribuía as críticas que lhe eram dirigidas ao... bairrismo.<sup>374</sup> Se a externalização de tais críticas do técnico aos seus comandados indicam a existência de uma fenda entre ele e seu grupo, suas queixas nos demonstram que, já com a competição em andamento, a inexistência de uma idéia de representatividade total entre selecionado, torcida e crônica esportiva era um fator que continuava a rondar o quadro cebedense.

Estando Flávio certo ou não em suas reclamações, o *Correio do Povo* já sabia para onde apontar suas baterias, caso o pior viesse a ocorrer naquela tarde.

Após vencer com relativa facilidade o esquadrão mexicano, o onze nacional se viu em palpos de aranha diante da representação suíça, com esta dividindo as honras da tarde e perdendo um ponto preciosíssimo no cômputo do Campeonato do Mundo. Aliás, frente aos Aztecas, a vitória somente foi vislumbrada no período final, porque, no 1º tempo, foi bisonha e abaixo de qualquer comentário a exibição do quadro verde-amarelo, entregue, pela Confederação Brasileira de Desportos, à direção unipessoal de um homem – Flávio Costa – vaidoso e prepotente.

Surdo, alérgico por completo ao conselho amigo da crônica especializada, o treinador do Vasco da Gama selecionou e está mandando a campo um punhado de moços que bem mereciam melhor sorte.

Bem tratados fisicamente, muito bem alimentados, supermimados – os integrantes do team do Brasil confiam demasiadamente em suas próprias forças e, acham que, mercê de Deus e com a ajuda da torcida, poderão levar de vencida os mais poderosos esquadrões do mundo inteiro.

---

<sup>372</sup> **Idem.**

<sup>373</sup> Ver nota 270.

<sup>374</sup> *Correio do Povo*, 01 de julho de 1950, p 12.

Esqueceram-se – ou melhor, Flávio Costa esqueceu-se de lhes dizer – ele, que à custa dos cofres cebedenses, excursionou, há dois meses, á Europa, “a fim de estudar os adversários do nosso país” – que os jovens atletas brasileiros não iam, pura e simplesmente exibir o seu físico avantajado e bem nutrido nas mornas areias de Copacabana, mas, isto sim, lutarem, com bravura, idealismo, técnica, disciplina e força de vontade na defesa do pavilhão da nossa pátria.

O empate, frente aos suíços, serviu como uma lição, que Flávio Costa deve ter compreendido, caso ainda não esteja inteiramente embrutecido pelo seu “eu”, ou seja pela pretensão que lhe é inata, de se considerar o único capaz, dentro do panorama técnico do futebol brasileiro.

Toda a nação espera, hoje, a reabilitação dos nossos defensores, embora não haja um brasileiro que acredite nas virtudes de Flávio Costa.

Se vencermos, as horas do triunfo caberão, por inteiro, aos moços que envergarem a camiseta da nossa terra.

E, se não formos felizes, frente aos iugoslavos, caiam todas as culpas e toda a responsabilidade, não somente sobre Flávio Costa, mas, de modo inclemente, contra os dirigentes cebedenses, pela falta de tino e de patriotismo na escolha do técnico para o nosso selecionado.<sup>375</sup>

É interessante perceber que, para além das críticas pessoais feitas ao técnico, a crônica especializada (que difundia seu “conselho amigo”) criava uma imagem dos jogadores brasileiros completamente oposta àquela apresentada por Rachel de Queiroz acerca do mestiço nacional, cuja vitalidade poderia ser comprovada pela prática do futebol, muito embora suas condições físicas e materiais pesassem no sentido contrário.<sup>376</sup>

Os gols de Ademir e Zizinho dariam não somente uma sobrevida ao técnico brasileiro, mas tornariam otimistas mesmo os corações mais descrentes na conquista do Campeonato Mundial.

Seis dias após atribuir ao técnico as culpas por uma possível eliminação antecipada, o *Correio do Povo* emitia os mais vivos sinais de alteração em seu discurso. Agora, não haveria mais “razão para surpresas, nem aborrecimentos”, dado que as dificuldades anteriores haviam sido causadas por “certa dose de ‘corpo mole’, de falta de interesse e outras tantas situações duvidosas”. Segundo o jornal gaúcho, isto não seria motivo para estranhamento, afinal, “no futebol brasileiro sempre foi assim”.<sup>377</sup>

---

<sup>375</sup> **Idem.**

<sup>376</sup> Ver nota 156.

<sup>377</sup> *Correio do Povo*, 07 de julho de 1950, p 12.

Deste modo, ao invés das manchetes preocupadas do dia em que os brasileiros enfrentaram os iugoslavos, reinava agora um clima de absoluto otimismo: “ontem, havia barulho e entusiasmo; hoje, haverá emoção e expectativa; e amanhã, por certo, viveremos a alegria inexcedível do triunfo”.<sup>378</sup> Como corolário de seu otimismo, a edição do dia da partida entre brasileiros e suecos trazia uma opinião acerca da organização do torneio – e da própria Confederação Brasileira de Desportos. Com efeito, a declaração do comandante da entidade máxima do futebol mundial ia de encontro aos estereótipos existentes acerca do país e de sua população. Se desejávamos provar alguma coisa ao mundo através da organização daquela Copa do Mundo, as palavras de Jules Rimet eram um bom indicativo de que, uma semana antes do encerramento da mesma, já havíamos atingido muitos de nossos objetivos.

Sobre a organização do Campeonato Mundial de 1950, externou-se M. Rimet com evidente satisfação.

-O Brasil é o país dos contrastes – disse ele. – Quando a gente entra na sede da Confederação Brasileira de Desportos em certas horas, fica espantado com a quantidade de pessoas que lá se encontram em algazarra e aparentemente em tremenda confusão. Tem-se a impressão de que falam mais do que trabalham. Sorriu francamente o mundialmente estimado presidente da entidade máxima do futebol internacional, antes de prosseguir.

-Devo lembrar a piada internacional sobre o emprego da palavra “amanhã” no Brasil. “Vamos deixar para amanhã”. No entanto, a organização do campeonato de 1950 veio desmentir completamente essa anedota. Devo constatar, com satisfação, que a organização que a CBD deu ao presente Campeonato do Mundo é perfeita. Não há queixas dos concorrentes. Não houve, até hoje, um incidente a lamentar. A competição vem se desenrolando do modo mais feliz, com um extraordinário sucesso desportivo e financeiro.

Não se pode pedir mais...<sup>379</sup>

Também no estado vizinho transparecia o otimismo com a classificação do selecionado para as finais. Muito embora o espaço destinado por *O Estado* para a competição continuasse a refletir a situação absolutamente periférica de Santa Catarina em relação ao torneio, não deixou o jornal de registrar em manchete que “todo o país vibrou com o notável feito do onze organizado por Flávio Costa”.<sup>380</sup> Quatro dias mais

---

<sup>378</sup> *Correio do Povo*, 09 de julho de 1950, p 16.

<sup>379</sup> *Correio do Povo*, 09 de julho de 1950, p 16.

<sup>380</sup> *O Estado*, 02 de julho de 1950, p 6.

tarde, o mesmo jornal divulgava, em meio à seção “notas esportivas”, o sentimento de remorso e vergonha existente entre os cronistas esportivos ingleses pela eliminação de seu selecionado ainda na primeira fase, após as derrotas para os Estados Unidos e a Espanha.<sup>381</sup> Este detalhe é importante uma vez que, a partir da eliminação inglesa e da classificação espanhola para as finais, há uma necessária modificação nas expectativas: agora, nosso modelo de modernidade a ser batido estava fora de combate, o que, teoricamente, facilitaria a missão dos brasileiros. Ao mesmo tempo, a Espanha passava a ocupar o posto de adversário mais qualificado, o que era endossado não apenas pelos próprios jornalistas, mas também pelos visitantes estrangeiros que aqui se encontravam, como José Covatto, secretário da Associação de Futebol Argentino, presente por ocasião do congresso da FIFA.<sup>382</sup>

Assim como o *Correio do Povo* em Porto Alegre, *A Tarde*, em Salvador, também emitiria, a partir da classificação para a fase final, uma opinião diferenciada em relação às críticas que vinha emitindo desde antes do início da competição. Agora, o discurso de cobranças e críticas passava a ser encoberto por textos onde o grau de otimismo em muito lembra o clima de “já ganhou” ou “a máscara” cuja existência o próprio periódico apontava existir entre os atletas e a comissão técnica. De certo modo – e este parece ser um fenômeno de alcance bem maior, não atingindo unicamente o jornal baiano – toda a tensão existente em virtude da possibilidade de uma eliminação precoce ante os iugoslavos acaba sendo substituída por uma onda de discurso eufórico, que é reforçada pelo fato de vermos os favoritos ingleses eliminados, juntamente com os italianos, àquela altura bi campeões mundiais. Ainda que se pretendendo perfumes de modéstia, difundia-se a idéia de que a semana decisiva seria como que uma pista livre para os brasileiros correrem em direção ao título. Assim, cinco dias antes da estréia brasileira na fase final, o cronista esportivo Pellegrino assina um longo comentário intitulado “Para a frente, Brasil!” – expressão que viria a ganhar fama vinte anos mais tarde –, expondo seus prognósticos para os momentos decisivos que se avizinhavam. Após considerar que a eliminação das favoritas dentre as seleções européias tornava o “futebol sul-americano o mais capacitado para possuir a hegemonia universal” (o que incluía, obviamente, o Uruguai), o jornalista passa a tecer comentários acerca de espanhóis e suecos, considerando aqueles “antagonistas temíveis, quanto vulneráveis”, sendo “em muitas oportunidades dispersivos” e apresentando “falhas em seu sistema defensivo que

<sup>381</sup> *O Estado*, 06 de julho de 1950, p 6.

<sup>382</sup> *O Estado*, 09 de julho de 1950, p 6.

se acentuam quando maior é a pressão do adversário”. Já a apresentação ante os escandinavos era classificada como “o compromisso menos difícil do nosso selecionado”. Quanto ao Uruguai, restava a certeza de um adversário difícil, mas nem por isso capaz de impossibilitar a anunciada marcha brasileira rumo ao título: “Com a nossa força máxima venceremos, mas não resta dúvida que teremos que lutar muito pela vitória”.<sup>383</sup>

No dia seguinte, um novo comentário acerca da classificação brasileira – desta vez assinado pelo cronista Rubilar –, ainda que apontando a existência de falhas no selecionado brasileiro, conferia dimensões à vitória ante os iugoslavos que em muito ultrapassavam os aspectos meramente esportivos. Em seu texto, o cronista parece ciente de que sobre a competição eram projetados, naquele momento, valores maiores, conferindo à vitória brasileira uma dimensão moral e histórica.

Grande vitória alcançou, ontem, o Brasil, no futebol. Grande no sentido técnico, porque, mesmo sem fazer uma exibição primorosa, o “scratch” brasileiro ditou cátedra no conjunto e no individualismo, em que pesem as falhas dos seus zagueiros e do extrema-esquerda; grande no sentido moral, porque demonstrou à crítica estrangeira que também aliamos a classe à energia e ao coração e possuímos a determinação de vencer de acordo com as leis esportivas baseadas no “mens sana in corpore sano”; e grande no sentido histórico, porque com o corpo são e a mentalidade sadia lutou com tenacidade e cavalheirismo, suportando o crescimento, em campo, da poderosa equipe iugoslava e tomndo-lhe o pulso, para, afinal, domina-la e vence-la.<sup>384</sup>

O otimismo crítico de Rubilar, contudo, parece ser uma exceção mesmo diante de seus companheiros de redação. Dia sete era a vez de um terceiro cronista, Demosthenes Berbert Castro, apresentar seus prognósticos aos leitores baianos. Faltando ainda dois dias para a estréia na fase final, a matéria intitulava-se “Brasil, provável campeão do mundo！”, e incluía em seu fechamento a seguinte afirmação: “O Brasil, a meu ver, ficará de posse da Taça Jules Rimet. Ganhamos a guerra, quando vencemos a batalha com a Iugoslávia”.<sup>385</sup> Cinco páginas adiante, como a confirmar a vitória por antecipação, outra manchete afirmava que, embora ainda não houvesse sido disputada a

<sup>383</sup> A Tarde, 04 de julho de 1950, p 5.

<sup>384</sup> A Tarde, 05 de julho de 1950, p 5.

<sup>385</sup> A Tarde, 07 de julho de 1950, p 5.

partida contra os suecos, “já se fala em Brasil X Espanha”, havendo “grande expectativa no Rio” em torno desta partida.<sup>386</sup>

Não é descabido apontar, portanto, que a esta altura a imprensa brasileira já havia assumido uma das características que ela mesma apontava como das mais danosas para os planos de uma vitória nacional: a “máscara”. Com efeito, a euforia da classificação, somada à eliminação de concorrentes tidos como favoritos; ao fato de jogarmos diante de nossa torcida e não termos de empreender viagens na fase decisiva<sup>387</sup> pareciam elementos suficientes para assegurar a vitória de um time que, sem encher os olhos, mostrava-se com qualificações suficientes para suplantar os três adversários que lhe restava. Há desta forma a incorporação e difusão do discurso da vitória antecipada, que é difundido através da imprensa na semana mais importante da história do futebol brasileiro até então. Em outras palavras, a imprensa, difusora de opiniões e de sensações dentre a sociedade, manifestava agora uma atitude que outrora condenava, passando também a “se mascarar”.

A vitória fácil, por 7X1 ante os suecos, parecia confirmar a veracidade destas impressões. Já na edição subsequente à partida, Cid Pinheiro Cabral apontava, através do *Correio do Povo*, a receita para o que ele considerava uma verdadeira “aula de bom foot-ball sul-americano”: “ordem e padrão, mas também manobras de improvisação cheias de picardia, velocidade, entendimento e oportunidade.”<sup>388</sup> Desta forma, ainda que o cronista não o diga explicitamente, fica evidenciado o entendimento de que o sucesso do escrete nacional passa pela incorporação de elementos normalmente atribuídos ao futebol europeu (ordem e padrão), que se somariam ao nosso estilo, sem suplantá-lo ou negá-lo. Estabelecendo uma analogia com o que foi visto no primeiro capítulo, podemos mesmo dizer que se trataria de uma “forma modernista” de jogar futebol, onde os elementos de uma cultura futebolística tida como mais avançada seriam assimilados e fundidos ao estilo tropical. É sintomático neste sentido que, nesta mesma página, seja trazida a afirmação de um jogador sueco, de que “o scratch brasileiro dava a impressão de uma orquestra muito bem afinada e otimamente regida”.<sup>389</sup> Tínhamos, assim, uma equipe que jogava por música, mas não uma música popular, feito samba ou chorinho dos fundos de quintal. Jogávamos ao ritmo dos clássicos, com afinação e regência.

---

<sup>386</sup> *A Tarde*, 07 de julho de 1950, p 10.

<sup>387</sup> A tabela dos jogos finais foi arranjada de tal maneira que o Brasil seria a única seleção a jogar as três partidas no Maracanã, enquanto todos os outros adversários se enfrentariam no Pacaembu, em São Paulo.

<sup>388</sup> *Correio do Povo*, 11 de julho de 1950, p 12.

<sup>389</sup> **Idem.**

Jogávamos por música, mas incorporando traços da música “dos civilizados”. Este modelo será retomado mais tarde, por outro periódico.

Enquanto isto, em Salvador, *A Tarde*, através de seu enviado na capital federal, dava conta do clima gestado para o jogo ante os espanhóis:

“Cessa tudo quando a antiga musa canta, que outro valor mais alto se alevanta”, esse o lema da população carioca que, amanhã, viverá momentos de intensa vibração patriótica, torcendo pelo triunfo da nossa representação. Nada de guerra, nada de campanha sucessória, o povo exige a consagração aos craques patrícios que irão ao gramado enfrentar poderoso adversário. A expectativa é tremenda. Não se fala em outra coisa a não ser nos prováveis tentos de Ademir, nas defesas de Barbosa, nas jogadas cerebrais de Zizinho, na firmeza do “rochedo” Bigode.<sup>390</sup>

Contudo, ainda que o clima de otimismo viesse se espalhando pelo país, e que os adversários fossem desconsiderados, um perigo ainda rondava a seleção brasileira, bem como seu entorno mais imediato: o dinheiro, que na visão de alguns cronistas, poderia suplantar o patriotismo, ou, no extremo, ensejar campanhas de índole duvidosa, o que bem nos remete novamente à um dos aspectos integrantes da interpretação de Paulo Prado acerca do Brasil, qual seja, a de que uma das raízes de nossa tristeza congênita estaria na cultura de uma busca de enriquecimento fácil, com a menor carga de trabalho possível. No mesmo dia em que noticiava a expectativa existente no Rio de Janeiro pela partida contra os espanhóis, *A Tarde* comentava a criação de uma campanha intitulada “Bônus da Vitória”, que permitiria que torcedores de todo o Brasil pudessem contribuir com valores de 20 até 1.000 cruzeiros, a fim de premiar os jogadores e a comissão técnica da seleção nacional pela conquista do título. Embora divulgando a existência da campanha, o periódico declarava suas restrições à mesma, uma vez que ela “poderá se sobrepor ao amor às cores pátrias que deverá ser o maior estímulo aos nossos craques”. E concluía com um raciocínio lógico: “Outrossim, sucedendo-nos um contratempo, que fim se dará à importância arrecadada?”<sup>391</sup>

No mesmo dia, e seguindo a mesma lógica, o *Correio do Povo* apresentava os seus comentários acerca da expectativa existente para o confronto contra os espanhóis. Após considerar que estes seriam os adversários mais difíceis que teríamos pela frente até

---

<sup>390</sup> *A Tarde*, 12 de julho de 1950, p 5.

<sup>391</sup> *A Tarde*, 12 de julho de 1950, p 10.

então, por serem “excessivamente sangüíneos” e não terem “contemplação de espécie alguma com os adversários”, a matéria comentava o contexto existente favorável ao Brasil, incluindo aí o fato de que os jogadores brasileiros “tudo quererão fazer para adjudicar-se a taça de ouro e os belíssimos prêmios em mimos e dinheiro, com que se lhes acena”.<sup>392</sup> No dia seguinte, o “Correio” volta ao assunto, aproveitando-se da transcrição de um jornal carioca para dar tintas menos sutis ao assunto.

Escreve o vespertino “O Mundo”: “Não resta dúvida que se o Campeonato Mundial durasse mais uns dias, muita gente ficaria rica na CBD e muitos palacetes surgiriam nesta bela São Sebastião do Rio de Janeiro. Seria mais um milagre da época... Hoje a gente entra na CBD e encontra tanta gente importante que fica pensando de onde surgiu tanta sumidade... Dizem, até, as más línguas, que os veteranos não estão gostando da invasão, já que o “peru” foi preparado apenas para um número reduzido de convivas...<sup>393</sup>

Isto, contudo, não configurava maior motivo para que o sucesso brasileiro fosse posto em questão. No mesmo dia em que reproduz a matéria de seu congênere carioca, o *Correio do Povo* edita uma matéria intitulada “O grande compromisso”. Nela, ainda que considere espanhóis e uruguaios igualmente os mais difíceis adversários a ser enfrentados no certame, o cronista deixa escapar a perspectiva de que a partida contra os primeiros representaria uma final antecipada.

Sabemos – e sabem-no especialmente os craques indígenas – que o triunfo logo mais, representará, pura e simplesmente, a conquista máxima do futebol mundial e, com ela, a posse, temporariamente embora, da fina taça “Jules Rimet”, indiscutivelmente o mais rico troféu esportivo atualmente em liça nos cinco continentes.<sup>394</sup>

Neste mesmo dia, os leitores catarinenses recebiam em suas casas uma interpretação semelhante através de *O Estado*. Sob a manchete “Precisamos vencer a Espanha”, o jornal catarinense informava que os espanhóis jogariam todos os seus trunfos contra os brasileiros, o que tornava necessário que estes estivessem prontos para tudo, dado o “sangue caliente” dos espanhóis. Assim, “devemos jogar duro, precisamos

---

<sup>392</sup> *Correio do Povo*, 12 de julho de 1950, p 10.

<sup>393</sup> *Correio do Povo*, 13 de julho de 1950, p 12.

<sup>394</sup> **Idem.**

estar preparados para qualquer estilo de jogo, pois se perdermos a peleja de amanhã os nossos sonhos serão destruídos”.<sup>395</sup>

A vitória por 6X1 não apenas manteria nosso sonho vivo, mas transformaria a chama do otimismo em verdadeiro incêndio. Em Salvador, *A Tarde* dava à partida contra os espanhóis o status de acontecimento cívico, destacando o fato de que o Hino Nacional havia sido cantado por mais de 160.000 pessoas em pé no Maracanã. “Foi um momento histórico para o desporto brasileiro e muitas lágrimas rolaram dos olhos de brasileiros emocionados com o espetáculo inovador”.<sup>396</sup> Em Santa Catarina, *O Estado*, reportando-se ainda à partida contra os suecos, trazia a opinião do escritor francês André Maurois, que afirmara: “nunca vi uma equipe jogar desta maneira”. Segundo o jornal “André Maurois, em sua mocidade, também jogou futebol, sendo um destacado ponta-esquerda e por isso a sua apreciação tem maior valor”.<sup>397</sup>

Já no *Correio do Povo*, a vitória sobre os espanhóis confirmaria de vez a transformação no discurso, provocando três dias de verdadeira euforia. No dia catorze, Cid Pinheiro Cabral tratava os 6X1 do dia anterior como “um triunfo espetacular”, capaz de levá-lo a concluir que o Brasil “não encontra adversário capaz de deter a sua marcha irresistível para a conquista da Copa do Mundo”.<sup>398</sup> Na mesma página, os leitores eram informados de que o técnico Flávio Costa considerava os uruguaios adversários difíceis; ainda assim, Flávio teria dado a entender que “não há possibilidade de perdermos”.<sup>399</sup> Na página ao lado, sob a manchete “Jornada memorável”, as seguintes considerações sobre a partida:

O Brasil acolheu, ontem, com um mixto (sic) de surpresa, emoção e intensa alegria, a nova e espetacular vitória do selecionado nacional, em seu penúltimo compromisso no certame mundial.

Surpresa – causada pela marcha ascensional do placar, quando a linha dianteira parecia uma verdadeira máquina de fabricar goals, uns sobre os outros, com extraordinária facilidade; emoção – oriunda da maneira facilíssima com que se ia entregando a equipe espanhola, que era considerada como o

<sup>395</sup> *O Estado*, 13 de julho de 1950, p 6.

<sup>396</sup> *A Tarde*, 14 de julho de 1950, p 5.

<sup>397</sup> *O Estado*, 14 de julho de 1950, p 6. Esta matéria serve como uma boa ilustração da forma como a imprensa se retroalimenta, através da constante citação de um órgão por outro. Com efeito, a mesma matéria havia aparecido, *ipsis literis*, na edição de 12 de julho do Correio do Povo. Uma única diferença: o jornal porto-alegrense atribui a matéria à Agência Nacional, enquanto em Florianópolis ela é publicada sobre a sigla “V.A.” (Via aérea). A possibilidade de que a matéria já tivesse aparecido anteriormente em algum órgão do centro do país também não deve ser descartada.

<sup>398</sup> *Correio do Povo*, 14 de julho de 1950, p 12.

<sup>399</sup> **Idem.**

maior espantalho dos nossos patrícios; e alegria incomensurável – pelo feito inaxcedível do onze capitaneado por Augusto que, praticamente, já trouxe para o Brasil o maior galardão do futebol internacional.<sup>400</sup>

No dia seguinte, véspera da partida contra o Uruguai, era publicada matéria extraída do *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro. Nela, a afirmação: “ainda ontem nos declarávamos confiantes no trabalho de Flávio Costa. E hoje ratificamos. Ninguém poderia ter feito melhor”.<sup>401</sup> Perceba-se que, embora a opinião não seja emitida diretamente pelo *Correio do Povo*, não há nenhum contraponto aos elogios feitos ao técnico brasileiro, outrora figura criticada pelos cronistas esportivos do periódico, fato que corrobora a transformação anímica diante da possibilidade do título máximo. Ao lado desta, um conjunto de notas dava conta de que os cronistas estrangeiros presentes à Copa declaravam-se maravilhados com o futebol apresentado pelo onze brasileiro. Acerca dos jornalistas espanhóis, era dito: “todos julgam depois das impressionantes exibições do Brasil, que o título já está decidido e que o Uruguai não poderá deter, domingo, os maravilhosos jogadores brasileiros”.<sup>402</sup> Já os italianos comentariam acerca de nosso selecionado: “Não pode mais suspeitar qualquer dúvida a respeito de sua vitória no certame”.<sup>403</sup> Por fim, uma manchete que sintetizava o clima do dia: “Decidido o duelo entre o foot-ball europeu e o sulamericano. Não é preciso dizer quem venceu... – O jogador brasileiro, protótipo do crack sulamericano, em confronto com o Europeu”.<sup>404</sup>

Assim chegamos ao dia da final. Refletindo o clima da Guerra Fria, o *Correio do Povo* estampava em sua capa naquele domingo notícias da recém-iniciada Guerra da Coréia, bem como sobre o domínio de um movimento revolucionário no Equador. De certa forma, este pequeno detalhe nos confirma algo a que já nos referimos em páginas passadas: o futebol, ainda naquele momento, era visto, dentro da imprensa, como um assunto “menos sério”, embora sua capacidade de estimular vendagens não fosse de maneira alguma desprezada (seria difícil imaginar, hoje, uma seleção brasileira chegar a final de uma Copa do Mundo disputada no Brasil sem que isto se tornasse assunto obrigatório de todas as capas dos periódicos de tiragem diária). Todavia, dentro do corpo do jornal, o espaço para a decisão é generoso. Neste, a perspectiva outrora crítica

<sup>400</sup> *Correio do Povo*, 14 de julho de 1950, p 13.

<sup>401</sup> *Correio do Povo*, 15 de julho de 1950, p 12.

<sup>402</sup> **Idem.**

<sup>403</sup> **Idem.**

<sup>404</sup> **Idem.**

é suplantada pelo otimismo que marcava os últimos dias. Em matéria encabeçada sob a manchete “O Brasil confia na vitória”, Cid Pinheiro Cabral afirmava que “a confiança dos brasileiros é enorme. Admite-se que se o onze nacional jogar setenta por cento do que jogou nas duas últimas exibições, os uruguaios não poderão resistir, devendo lutar apenas para evitar um escore assaz contundente”,<sup>405</sup> embora o cronista destacasse ainda que, mesmo acreditando “piamente na vitória brasileira”, tinha ele a convicção de que aquele seria o jogo mais laborioso para o Brasil. Na mesma página, outra matéria dava conta de que o maior estádio do mundo havia ficado pequeno, o que levaria dezenas de milhares de pessoas a não poder assistir a partida final. Outras notas davam conta de telegramas enviados por políticos notórios (como Ademar de Barros) aos jogadores, saudando-os pela vitória ante a Espanha e expressando sua confiança em uma vitória frente ao Uruguai. Ao lado, outra matéria apresentava como manchete: “Dois colossos: Maracanã e o certame mundial”. Já José Domingos Varella, por sua vez, assinava uma longa descrição das comemorações ocorridas na Avenida Rio Branco a cada nova vitória da seleção. Após se referir aos festejos presenciados quando da vitória sobre a Espanha, Varella comentava:

O prêlio de domingo está sendo aguardado com o mais vivo entusiasmo. É o assunto obrigatório de todas as rodas. Em toda parte só se fala em futebol, destacando-se o elemento feminino. Nos ônibus, as mulheres discutem os tentos conquistados pelo Brasil, contra a Espanha, ao mesmo tempo que afirmam e confiam na nossa vitória frente aos uruguaios quando haverá “o diabo” no Maracanã.<sup>406</sup>

O conjunto de matérias publicado naquele domingo certamente tem muito a nos dizer acerca dos valores atribuídos àquela Copa do Mundo. Assim, ainda que o futebol ficasse limitado “ao seu espaço”, não extrapolando para o espaço das notícias “nobres” ou “sérias”, dava-se conta da transformação operada mesmo nos espíritos mais críticos, que há poucos dias afirmavam estar a representação nacional em sua pior fase técnica. Transformada no assunto do momento, a vitória, tida como certa, mobilizava já torcedores ansiosos por um novo carnaval nas ruas da cidade, bem como os políticos, que tentavam de alguma forma associar, às vésperas de uma nova eleição, seu nome ao

---

<sup>405</sup> *Correio do Povo*, 16 de julho de 1950, p 16.

<sup>406</sup> *Correio do Povo*, 16 de julho de 1950, p 16-9.

escrete.<sup>407</sup> Ao mesmo tempo, nosso orgulho, massageado pela materialização de dois grandes feitos (a construção do Maracanã e a organização do certame) esperava agora o coroamento através da conquista da taça *Jules Rimet*. Por fim, tínhamos a confirmação do caráter socialmente inclusivo da competição, uma vez que sua realização despertava inclusive o mais ávido interesse do público feminino, que não costuma ser objeto *a priori* dos discursos da mídia esportiva, cujas mensagens, lembremos, são emitidas primordialmente sob o ponto de vista masculino. A festa, desta forma, seria igualmente inclusiva, abarcando homens, mulheres e crianças em uma mesma confraternização cívica, mostrada como verdadeiramente nacional pelo avanço que os meios de comunicação já experimentavam naquele momento, no Brasil.

E então nos sobreveio o gol de Ghiggia.

Tendo uma temporalidade diferente em relação aos jornais, a revista *O Cruzeiro* do dia vinte e dois de julho trazia matérias referentes a acontecimentos ocorridos antes da partida final. Curiosamente, duas delas retomam a associação sempre presente entre o futebol e a música no Brasil, sendo que, em uma destas matérias (intitulada “Grandioso! O futebol dos brasileiros é como sua música: irresistível!”) a comparação é atribuída não a um brasileiro, mas ao jornalista francês Jean Eskenazi. Este, com efeito, comentando ainda a vitória dos brasileiros sobre os suecos, elabora seu discurso através da comparação entre o selecionado brasileiro que disputava aquele mundial com o selecionado que fora enviado para a França em 1938. É interessante observar que em seu argumento, Eskenazi procura ressaltar no selecionado de 1950 a presença das características que normalmente não integram o “jeito brasileiro de jogar futebol”, aproximando assim a técnica brasileira aos “padrões europeus” de jogo. Nas palavras de Eskenazi: “A diferença é enorme no plano da organização. Eu vi agora jogadores brasileiros disciplinados, conscientes do papel que tinham de representar, respeitando a autoridade do treinador”.<sup>408</sup> Contudo, o texto que mais chama a atenção naquela edição é de autoria do jornalista David Nasser, onde ele descreve uma visita que lhe fora feita, antes de uma partida, pelo músico e narrador esportivo Ary Barroso. Este, ao encontrar na casa do jornalista um velho piano que lhe havia vendido, senta-se diante das teclas,

---

<sup>407</sup> Vários relatos registram a presença de políticos na concentração brasileira às vésperas da partida contra o Uruguai, visando aproveitar-se do clima de euforia criado em torno do selecionado. A título de exemplo, ver: PERDIGÃO, Paulo. **Op. Cit.**, p 72-3. Para a perspectiva dos jogadores acerca disto, ver a obra já citada de Geneton Moraes Neto.

<sup>408</sup> *O Cruzeiro*, 22 de julho de 1950, p 22-4, 110.

estabelecendo então uma relação direta entre a música e o futebol brasileiro. A ação de Ary Barroso ao instrumento é assim descrita por Nasser:

-Ouça, então. Vou descrever um ataque brasileiro: a música é lenta e suave. Danilo está com a bola. Ligeira variação. Passa a Bigode e a melodia vai num crescendo violento. A técnica de Danilo lembra Chopin, manso, doce, inspirado. Bigode é a selvagem poesia musical de Vila Lobos. Jair é Wagner, poderoso e dramático. Quando a bola está com Zizinho, é Mozart tecendo filigranas, mas se entrega a Ademir...

-Beethoven?

--Não, nem Liszt, Strauss, Tchaikowsky ou Verdi. O futebol de Ademir é a música da terra, de ritmo marcante e beleza inconfundível. Que faz Ademir a caminho do arco senão passes do mais puro samba, da mais brasileira das capoeiras, e se dribla, é maxixe autêntico, é jongo, é o frevo de sua terra pernambucana. Um estrangeiro disse que o selecionado do Brasil é uma orquestra afinada. Acrescenta-se que sob a batuta de Ademir é uma orquestra tocando em ritmo de samba.<sup>409</sup>

Perceba-se que a forma com que Ary Barroso descreve, ao piano, o selecionado brasileiro – que representa em última instância a essência de nosso futebol – é, em muito, próxima daquilo que o Movimento Modernista propunha como o caminho para a modernidade: a inter-relação entre a cultura brasileira com os valores do primeiro mundo. A descrição do músico e narrador, reproduzida pela pena do Nasser e publicada em órgão de grande circulação nacional, levava aos quatro cantos do país uma mensagem que se contrapunha à idéia de um futebol apenas intuitivo, alegre e artístico, sem a classe, a sobriedade ou o espírito coletivo necessários para a prática do futebol à moda européia ou a execução de peças musicais eruditas. Segundo a mensagem da crônica, teríamos já uma fusão destas características com o que de mais nacional poderia existir. Nosso futebol dava, enfim, provas de que chegávamos à modernidade.

Algumas páginas adiante, no mesmo exemplar, têm-se os comentários acerca da partida envolvendo Uruguai e Bolívia, ainda pela primeira fase do torneio. A certa altura, o texto de Álvares da Silva descreve uma certa jogada dos platinos:

Miguez tirou a diferença: fez três “goals” – o primeiro deles (isto é, o primeiro do rosário) feito como desfecho da clássica jogada: bola para o ponta-direita,

---

<sup>409</sup> *O Cruzeiro*, 22 de julho de 1950, p 18-21, 120.

este corre até a linha de fundo e centra para trás, para o comandante emendar (Ghiglia joga dentro desse mesmo esquema muito bem e quis repetir muitas vezes a jogada).<sup>410</sup>

Àquela altura a jogada já havia sido repetida, pelo menos mais duas vezes – em uma delas, com uma variação surpreendente em seu desfecho. Aos leitores, a descrição do lance pode ter soado como uma triste ironia, lembrando um aviso de cuidado que chega de forma atrasada ao seu destinatário. Contudo, o destinatário, se avisado à tempo, talvez se mostrasse surdo aos avisos, ébrio de confiança em uma vitória que bem poderia ser interpretada em uma dimensão muito maior do que seu aspecto meramente esportivo. A esta altura, porém, já andávamos a volta com a busca de explicações para o que havia acontecido no Maracanã.

\* \* \*

### *3.6 – A busca por explicações*

Quando do início deste trabalho, tínhamos o conhecimento de que, segundo um certo “senso comum”, a derrota diante do Uruguai em 1950 teria desencadeado, no Brasil, o reforço de uma série de estereótipos, diretamente ligados às leituras que viam na formação racial brasileira os problemas mais urgentes a serem solucionados na busca de uma condição de modernidade e desenvolvimento. De certo modo, as características apontadas através destas primeiras obras de interpretação – e porque não, até mesmo as levantadas posteriormente, em obras de um novo matiz, contrário àquelas – estão inseridas naquilo que costumamos chamar como “o jeito brasileiro de jogar futebol”. Ora, se se atribui normalmente a este momento o reforço de perspectivas negativas acerca do brasileiro, fazendo a transposição direta entre o selecionado nacional de futebol e a sociedade por ele representada, seria normal (esperava eu), que esta explicação do resultado negativo pela nossa formação histórica transparecesse de forma clara nos textos jornalísticos, mesmo tomando-se diferentes periódicos de lugares aleatórios ao longo do país.

Em outras palavras: abri os jornais sempre na expectativa de encontrar recriminações laudatórias à Barbosa, Bigode e Juvenal, o trio negro da defesa, apontado ao longo dos tempos como responsável pelo fracasso e, a partir daí, teorizações maiores

---

<sup>410</sup> *O Cruzeiro*, 22 de julho de 1950, p 104-5; 120.

para este fracasso, o que explicaria boa parte da criação dos mitos existentes acerca do mundial de 1950.

Vejamos agora cada periódico, separadamente. Comecemos pelo catarinense *O Estado*.

Como já tivemos oportunidade de ressaltar, o espaço destinado neste periódico aos acontecimentos da Copa do Mundo, em sua fase preparatória ou mesmo durante a realização das primeiras partidas, refletia de certo modo a própria posição periférica de Florianópolis em relação ao torneio: menções não diárias, por vezes através de textos curtos, quiçá extraídos de agências de notícias e publicados sob a indicação de haverem sido recebidos “por via aérea”. Contudo, com a passagem do selecionado brasileiro para a fase final e os sucessos estrondosos nas duas primeiras partidas, a Copa passou a ganhar um espaço privilegiado, permitindo-se agora textos extensos, como no dia 13 de julho daquele ano – data da partida contra a Espanha – quando o periódico florianopolitano reproduziu um longo comentário do jornalista José Brígido, do *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, ainda acerca da partida disputada contra a Suécia.<sup>411</sup>

Para minha surpresa, ao contrário do que fora possível verificar nos exemplares do período anterior às partidas decisivas, o jornal continuou a dar ao torneio um bom espaço de repercussão durante cerca de dez dias ainda. Ora, uma notícia que repercute durante dez dias, mesmo se tratando de impressões acerca de uma partida decisiva de Copa do Mundo, é um espaço generoso, que me permitiria uma verificação direta daquilo que esperava encontrar.

As páginas d’*O Estado*, contudo, apresentaram uma perspectiva diferente daquela inicialmente esperada. Um primeiro e bom exemplo do que viria a encontrar estava na edição de terça-feira, 18 de julho de 1950: uma coluna normalmente não dedicada aos assuntos esportivos, intitulada “Frechando” e assinada sob o pseudônimo de Guilherme Tal, assim analisa os acontecimentos de dois dias antes, no Maracanã:

Em todas as rodas e a todos os momentos a conversa é a mesma: a derrota dos brasileiros na Copa do Mundo! A lamúria é variada; a revolta geral; as desculpas esfarrapadas; e o pobre Bigode – um mulatão sem barbas – o responsável pelo triunfo uruguai.

De ninguém ouvi coisas como esta: Perdemos para quem mereceu vencer; caímos frente a um adversário que apresentou mais técnica e mais fibra; fomos batidos esportivamente.

---

<sup>411</sup> Cf.: *O Estado*, 13 de julho de 1950, p 6.

Vencêssemos aos ponta-pés e tudo estaria bem.

Perder com elegância, limpamente – não e não!

Estou em que, paradoxalmente, a derrota serviu mais ao Brasil do que a vitória serviria. Desfez, pelo menos, a propaganda de que somos, no esporte, uns selvagens! Se a derrota nos fechou a boca, fechou também a boca dos interessados em desprestigar o Brasil.

Sirva-nos esse frágil consolo...<sup>412</sup>

Dois pontos imediatamente saltam a vista. Em primeiro lugar, parece claro que já há, naquele momento, a culpabilização de um dos três atletas anteriormente citados, a ponto de ser comentada diretamente pelo colunista, que, no entanto, não endossa tal leitura. Ao contrário, sem fazer terra arrasada e embora fale em “revolta geral”, o texto procura exaltar o que pode ser encontrado de positivo naquela derrota: civilidade. Com efeito, conforme a leitura de “Guilherme Tal”, conseguimos, ainda que por caminhos não esperados, mostrar civilidade, afinal, o que poderia dar maior testemunho desta condição do que um comportamento adequado diante de um momento de perda? Assim, mostramos ao mundo, não através da vitória, mas através de nossa postura na derrota, que não éramos “selvagens”.

Dois dias depois, em um texto extenso para seus padrões, o periódico emitia sua opinião acerca da partida. Sob o título “amarga decepção”, *O Estado* procurava refletir acerca do sentimento gerado pela perda do troféu máximo da competição. E o verdadeiro culpado era enfim apontado: “Batidos por 2X1 quando tudo parecia azul e já se preparava grandes festas comemorativas do nosso maior feito esportivo, eis que dona Sorte nos abandona, fazendo ruir por terra nossas maiores esperanças”. Em sua continuação, outros motivos ainda são apontados para o resultado: “os orientais souberam explorar as nossas falhas com amplo sucesso e venceram com dignidade, fazendo alarde da fibra e técnica que tão bem os caracteriza”.<sup>413</sup>

Falta de sorte; técnica e fibra dos adversários. Eis as explicações da derrota para *O Estado*. O texto, entremes, continuava, acrescentando que aquela fora, até então, nossa melhor participação em torneios desta natureza, além de havermos demonstrado, dentro de campo, um futebol cuja qualidade técnica não deixaria a menor sombra de dúvida (embora seja peculiar o fato de o jornal não divulgar em momento algum a

---

<sup>412</sup> *O Estado*, 18 de julho de 1950, p 8.

<sup>413</sup> *O Estado*, 20 de julho de 1950, p 6.

existência de algum enviado especial seu diretamente ao palco dos acontecimentos). Assim, o periódico concluía:

Portanto, consolemo-nos com o 2º posto. O nosso futebol mereceu da parte de todas as nações os mais entusiásticos e animadores encômios, pois foi o melhor apresentado. Ensinamos muita coisa que em matéria de futebol outros países desconheciam.

Continuemos a gritar a plenos pulmões: “BRASIL! BRASIL! BRASIL!”<sup>414</sup>

Destaca-se, a partir de então, uma boa cobertura não da forma como os brasileiros sentiam a derrota, mas de como os uruguaios sentiram os brasileiros neste momento. Com efeito, ao longo de uma semana, o assunto é repetidamente trazido à tona, sempre destacado a imagem positiva que os jogadores uruguaios levaram de seus colegas e, especialmente, da torcida brasileira em um momento especialmente difícil para esta. Com efeito, no dia 20 de julho, em uma primeira matéria intitulada “Fidalgos e cavalheiros os esportistas brasileiros”, o registro das comemorações nas ruas de Montevidéu é acompanhado de elogios ao “comportamento fraternal da torcida brasileira”. No mesmo texto, são reproduzidos textos dos jornais *El Dia*, *La Tribuna Popular* e *La Mañana*, registrando haver em todos estes comentários igualmente favoráveis ao comportamento dos brasileiros nas arquibancadas.<sup>415</sup> Dois dias depois, a chegada dos atletas uruguaios a Montevidéu ganhava as páginas do periódico catarinense. Entre as declarações trazidas, destaca-se a de Aníbal Paz, arqueiro reserva, que teria afirmado: “resta-me dizer que o público brasileiro aceitou com fidalguia a derrota, depois de ter incentivado ruidosamente – com todo o direito – o elenco de sua pátria. Ganhamos a partida final porque soubemos procurar com mais serenidade, o caminho da vitória”.<sup>416</sup> Opiniões semelhantes teriam sido emitidas por Obdúlio Varela e Máspoli, entre outros.

Mais um dia e o assunto volta novamente à tona. Agora em duas matérias. Na primeira, sob a manchete “Os uruguaios deram vivas [a]o Brasil”, encontra-se mais um relato das comemorações, que se estendiam longamente pelas ruas da capital uruguaia. No entanto, ao finalizar a matéria, o jornalista destacava o fato de não ouvir-se durante os festejos “uma única palavra menos cordial para com os vencidos”. Pelo contrário,

---

<sup>414</sup> **Idem.**

<sup>415</sup> **Idem.**

<sup>416</sup> *O Estado*, 22 de julho de 1950, p 6.

muitos automóveis levavam cartazes com a inscrição “Viva o Brasil”!<sup>417</sup> Ao lado desta, outra matéria assinalava o fato de os uruguaios continuarem tecendo elogios à torcida brasileira. Citando o periódico *El Dia*, o texto apontava

ser uma tendência comum a muitos povos não receber com serenidades as derrotas e procurar pretextos para dissimular o fracasso de seus favoritos. Entretanto, acrescenta, “em meio à emoção e à satisfação causados pelo triunfo de nossos compatriotas na disputa de (sic) “Taça do Mundo” não podemos deixar de assinalar que o Brasil, para sua própria honra, constituiu-se em exceção daquela regra, recebendo a queda dos seus ídolos com a elevação moral que define os rasgos espirituais de um povo.”<sup>418</sup>

Fidalguia, cavalheirismo, honra: valores do antigo fair-play que teriam sido expressos por um time de mestiços e que representava uma nação igualmente mestiça. Esta a imagem que, segundo *O Estado*, deixaram os brasileiros em seus adversários após o jogo decisivo. Se associarmos tais mensagens com as impressões já citadas, de jornalistas estrangeiros, a respeito do conjunto de significados atribuídos àquela Copa do Mundo, teríamos, ao final e apesar da derrota, atingido o objetivo de demonstração de civilidade diante dos demais países do mundo, ainda que através de um caminho tortuoso. O desfecho desta leitura seria dado pelo reconhecimento, feito pela própria Associação Uruguaia de Futebol.

A Associação Uruguaia de Futebol, telegrafou a C.B.D., sendo o seguinte o texto do despacho: A Associação Uruguaia de Futebol agradece profundamente a colaboração e atenção recebida por sua delegação da Taça do Mundo de 1950 por parte da C.B.D. Felicita cordialmente este grande desporto realizado pelo êxito do campeonato, rendendo homenagem aos extraordinários brasileiros, que souberam ganhar e souberam perder, mais difícil esse aquele. Aplaudiu comovida a exemplar correção do povo brasileiro, reunido no grandioso Estádio do Maracanã.

Assinado: *Cesar Batlei Pacheco*, presidente<sup>419</sup>

---

<sup>417</sup> *O Estado*, 23 de julho de 1950, p 6. Obviamente, a frase também pode ser entendida sob um viés irônico, o que poderia ter escapado ou ser deliberadamente omitido pelo jornalista.

<sup>418</sup> **Idem.**

<sup>419</sup> *O Estado*, 25 de julho de 1950, p 6.

Com efeito, poucos foram os momentos, dentro de *O Estado*, que tal perspectiva foi contrariada. E, quando o encontramos, ela está geralmente atribuída a outros órgãos de imprensa, notadamente do centro do país, cujas matérias são reproduzidas pelo jornal catarinense. Assim, na mesma página em que temos publicado o telegrama enviado pela entidade máxima do futebol uruguai, encontramos um longo texto, atribuído à *Gazeta Esportiva* de São Paulo, estabelecendo uma comparação entre aquele mundial e o disputado em 1938, destacando como naquela edição, o terceiro posto fora conquistado sob condições muito mais adversas do que as encontradas agora pelo selecionado de Flávio Costa, levando a conclusão de que o recente resultado se constituiria em um absoluto fracasso. Na mesma linha – e aqui a exceção digna de nota – ia o texto da coluna não diária “Para ler no ônibus”, assinada por Mario Freysleben, do dia 21 de julho. Nela, o redator considerava que, desde a derrota, o Brasil se encontrava “encoberto pelo véu negro da tristeza”, “incapaz de compreender a crueldade do Destino, este irônico e perverso teatrólogo máximo da vida”. Corroborando a idéia de que 1950 fora em tudo pior que 1938, Freysleben adjetivava a derrota na última partida como algo “impossível”. A reação e a situação seriam, desta forma, de absoluto estarrecimento.

Falta-nos palavras para descrever a derrota brasileira, elas nos fogem a mente, como a briza leve, mensageira fiel do poeta, tudo é tão nebuloso, tão incompreensível...

Mas, o desespero, esta tristeza insuportável que corrói os corações destes quarenta e cinco milhões de brasileiros, homens, mulheres e crianças, atesta sobejamente o que foi o abalo sofrido pelo Brasil, no encontro inesquecível de domingo no Maracanã, ante os olhares de duzentos mil espectadores, pessoas ávidas pelo triunfo do Brasil que, infelizmente não veio, a concretizar-se.

Todos foram atingidos por esta tremenda catástrofe, todos choraram, todos lamentaram profundamente este evento inacreditável.<sup>420</sup>

Assim, apesar de a derrota para *O Estado* ser entendida como um momento de tristeza, desespero e catástrofe coletiva – incluindo-se mulheres e crianças –, não havia nas páginas do jornal, nos dias subseqüentes à derrota, a culpabilização deste ou daquele jogador, quanto mais algum resgate às teorias do começo do século acerca da mestiçagem brasileira. Pelo contrário, ainda que se valendo de um discurso atribuído

---

<sup>420</sup> *O Estado*, 21 de julho de 1950, p 6.

aos adversários, destacava-se a correção brasileira ante um momento delicado, capaz de receber os mais profusos adjetivos de elogio, elevando o povo à nobre condição de “fidalgo”.

Assim, um jornal que mantivera ao longo da competição, uma postura que oscilou de distante à otimista, terminava sua cobertura com a avaliação positiva dentro do que era possível dentro de um momento também entendido como catastrófico. Porém nem todos os periódicos seguiriam a mesma lógica.

Em Salvador – que igualmente não recebera partidas válidas por aquele mundial –, *A Tarde*, que, como vimos, operara a passagem da crítica ao otimismo, ainda que mantendo algumas ressalvas – referentes, por exemplo, à questão das premiações –, não poupou adjetivos para descrever o sentimento gerado a partir da derrota, nem espaço a fim de apontar os principais culpados pelo fracasso do selecionado. Já na primeira edição após o término do torneio, Roschild Moreira iniciava suas considerações descrevendo sua percepção acerca do que acontecera no Maracanã: “o que aconteceu foi, apenas, isto: tragédia (...). Tragédia dura, amarga, desesperadora”. Continuando sua argumentação, Roschild destacava que o futebol brasileiro encontrava-se “de luto”, o que era atestado por sua percepção diante da torcida: “vimos brasileiros, dignos, de todas as camadas sociais, vertendo lágrimas. Lágrimas em sufrágio ao nosso futebol”.<sup>421</sup>

Por ora, duas breves considerações. Inicialmente, salta-nos a vista que, nesta edição, os primeiros comentários acerca da partida decisiva estejam localizados já na segunda página, lugar mais nobre do jornal, sem que as páginas mais centralizadas, normalmente dedicadas aos esportes, fossem destinadas a outros assuntos. Lembrando-nos que a imprensa esportiva, durante longo tempo, gozou do status de dedicar-se a assunto menos sérios entre seus pares, temos aqui um indicativo de que para a folha soteropolitana, aquele foi, sim, um momento revestido de luz própria, merecendo desta forma um tratamento especial. Ao mesmo tempo, vendo lágrimas “em todas as camadas sociais”, Roschild, em seu discurso, aponta para a consubstanciação de uma idéia de tragédia nacional, elemento que futuramente passaria a integrar o ideário acerca do *Maracanazo*. Não que Roschild Moreira seja a raiz única de tal idéia – e com certeza não o é – mas, suas observações, somadas a outras tantas que certamente foram emitidas por outros jornais, bem como pelo rádio, faz parte de tal raiz.

---

<sup>421</sup> *A Tarde*, 17 de julho de 1950, p 2.

Roschild, entretanto, continuava seu texto com uma paixão digna dos mais exaltados freqüentadores de arquibancadas: “Do jogo, caros leitores, não queiram notícia. Gostaríamos de, para desafogo, fuzilar aqueles que não souberam, como homens, defender e engrandecer o nosso ‘association’. Isto, porém, não é possível”.

Fuzilamento, uma pena que, em épocas de guerra, aplica-se a inimigos (o que não é propriamente o caso, uma vez que os “fuziláveis” haviam defendido o Brasil) aos traidores ou aos covardes. A linha de raciocínio seguida pelo cronista é, evidentemente, pesada, e se mostra, quando comparada ao tom mais sóbrio de *O Estado*, digna de uma imprensa sensacionalista, o que não caracterizava *A Tarde*. Certamente, podemos atribuir o peso das palavras do jornalista ao calor dos acontecimentos, o que não anularia o caráter de produtor de sentidos inerente ao texto. Todavia, o próprio Roschild retomará estes mesmos argumentos dias mais tarde, não sem antes apontar para o principal motivo que, sob sua óptica, levara o Brasil à derrota

Perdemos por uma única e exclusiva razão. Por nossa própria culpa, pelos nossos pecados. Todos os nossos atletas foram endeusados. Elevados a categoria de semi-deus, de divindades olímpicas. Enquanto isso, os uruguaios lutaram com os pés no chão, não nas nuvens. E ganharam o jogo, ganharam o título pela 4<sup>a</sup> vez. Os nossos vizinhos (sic), pois, souberam dignificar a sua pátria.<sup>422</sup>

A edição daquele dia continuava a cobertura esportiva em seu espaço central, usualmente ocupado pela crônica dedicada a tais assuntos. Aí, duas matérias nos chamam a atenção. Primeiramente, encontramos excertos de uma rápida entrevista concedida pelo técnico Flávio Costa após o final da partida. Nela, o treinador, em que pese sua posição ante o selecionado, dá a sua interpretação acerca dos motivos que conduziram à derrota. Para Flávio, que assumia “compartilhar das culpas porventura existentes”, havia faltado “espírito de luta entre os nossos”, sendo que os brasileiros “deixaram-se dominar por um nervosismo muito grande”. Prova disso seria que “até nosso goleiro Barbosa, que é uma garantia de segurança e técnica, foi dominado, falhando num momento culminante”.<sup>423</sup> Assim, curiosamente, o próprio técnico brasileiro, através de suas explicações, se vale do discurso acerca do jeito brasileiro de jogar futebol como justificativa, resgatando a falta de combatividade e o desequilíbrio

---

<sup>422</sup> **Idem.**

<sup>423</sup> *A Tarde*, 17 de julho, p 8.

emocional em horas decisivas, traços ordinariamente impostos, desde as mais antigas interpretações acerca do Brasil e de seus problemas, como característica negativa resultante de nossa formação histórica.

Na mesma página, porém, uma nova perspectiva. Sob a manchete “Decepção no esporte nacional”, um longo texto explanava, sem maiores interpretações, sobre os acontecimentos da partida. Ao concluir, porém, o jornal baiano afirmava que, apesar do desfecho negativo, o torcedor brasileiro teve ainda “motivo de júbilo” ao aplaudir os novos campeões, uma vez que aquela conquista pertenceria a todo o futebol sul-americano. A idéia de uma unidade continental, desta forma, funcionaria como uma espécie de compensação, representando a vitória de um estilo sul-americano sobre os velhos modelos europeus. Desta forma, ao lado das explicações de Flávio Costa, que buscavam esteio – mesmo que inconscientemente – nas velhas interpretações acerca do Brasil, oferecia-se uma nova perspectiva, de unidade continental, legítima compensação aos brasileiros que, assim, não ficariam de todo alijados de uma conquista.

No dia seguinte, seria a vez de outro comentarista, “Pellegrino”, tecer seus comentários acerca da final. Sem a mesma virulência de Roschild Moreira, o cronista da vez iniciava o registro de suas impressões estabelecendo uma comparação singular, entre a derrota dos comandados de Flávio Costa e... Napoleão Bonaparte.

Também Napoleão perdeu a última batalha e, com ela, o cetro de imperador. Todavia, os anos foram passando e a posteridade soube fazer-lhe justiça, reconhecendo-lhe os méritos de maior cabo de guerra dos últimos tempos. Depois de gloriosa jornada, o “corso” terá cometido algum erro e lá se foi toda a sua campanha de vitórias. Mas, a sua façanha ficou desafiando os tempos, servindo de exemplo às gerações subsequentes. Poucos sabem os nomes de seus vencedores.

Também o nosso selecionado teve uma brilhante campanha nesse ingrato certame findo tragicamente na tarde de 16 de julho de 1950.<sup>424</sup>

Pellegrino, assim, inicia seu texto conferindo aos acontecimentos de dois dias antes, através do recurso comparativo, o *status* de “acontecimento histórico de livro didático”. O Maracanã seria assim nossa Waterloo (Nelson Rodrigues diria mais tarde que seria nossa Hiroxima) a marcar indelevelmente nossa História a partir de então. Tal como os partidários do “corso”, os brasileiros haviam depositado suas esperanças na

---

<sup>424</sup> *A Tarde*, 18 de julho de 1950, p 5.

eficiência da artilharia nacional e, agora, amargavam o peso de uma derrota inesquecível. A comparação não apenas remete à uma gesta épica, mas reforça a interpretação dos esportes modernos, e especialmente dos grandes campeonatos, como substitutivos para as disputas bélicas internacionais. Ora, seguindo o mesmo raciocínio, havíamos perdido agora “nossa Waterloo”, nossa oportunidade de mostrarmos aos olhos do mundo nosso poder de conquista. E também aos olhos de nossa própria nação.

A comparação, no entanto, não é feita somente de valores positivos. Após a equiparação entre a derrota napoleônica e os últimos acontecimentos do Maracanã, Pellegrino passa à descrição da atuação dos “soldados” brasileiros. Estes, com efeito, teriam se mostrado “pouco valentes, sem fibra, talvez acovardados da dura marcação dos antagonistas”. Bigode é citado em especial por não ter tido “fôlego para acompanhar o ponteiro Ghiggia”. Já Barbosa, “este monumental goleiro de tantas jornadas gloriosas, fracassou, preso de intenso nervosismo, talvez por compreender que não estava bem protegido”.<sup>425</sup> Desta forma, o argumento de Pellegrino que conferia certo caráter épico à participação brasileira possui simultaneamente outro caráter, aproximando-se da linha de raciocínio de Roschild e, por conseguinte, daquilo que podemos chamar de “linha pradiana” de interpretação do Brasil. Somos Napoleões nervosos, acovardados, e... desejosos de copiar os ingleses.

Pellegrino, porém, ao contrário de seu companheiro de páginas, não entendia aquele como um momento de luto, embora inspirasse sérios cuidados. Ao mesmo tempo, arriscava uma receita para que, em futuras participações, semelhantes decepções não voltassem a ocorrer.

Tudo está consumado, mas o futebol brasileiro não morreu, como querem os pessimistas. Apenas teve uma síncope com o golpe sofrido. Tenho razões para acreditar que ele vencerá a crise e dela sairá retemperado e mais experimentado para novas campanhas. É preciso que os nossos rapazes tenham melhor preparação cívica e que, nos próximos compromissos internacionais, vejam o nome do Brasil em jogo e se julguem soldados em pleno campo de batalha lutando pela pátria.<sup>426</sup>

Juntamente com Pellegrino, apresentava-se o colunista “Nogueira”, responsável pela coluna “lance livre”. Chegamos assim a uma terceira interpretação diferente para o

---

<sup>425</sup> **Idem.**

<sup>426</sup> **Idem.**

mesmo fato, dentro de um mesmo jornal, no prazo de dois dias; esta, agora, marcada por um posicionamento mais centrado e resignado diante do insucesso. Nogueira, com efeito, defende que a idéia de que acontecimentos de tal natureza são “coisa comumíssima no futebol, onde nem sempre triunfa o melhor” e, concordando com os enunciados de Wiily Meisl ou de Jean Eskenazi, afirmava que a prova de que possuímos o melhor futebol do mundo estava dada através da qualidade de jogo demonstrada ao longo da competição. E, significativamente, concluía seu raciocínio afirmando que “a ninguém cabe a culpa dos 2X1 que deixaram o país cabisbaixo; nem mesmo ao Barbosa ou ao Bigode”.<sup>427</sup>

Uma parada para uma reflexão necessária. O fato de não termos, até aqui, recriminações explícitas aos jogadores brasileiros utilizando como argumento principal o fator “cor da pele” não significa, como esperamos estar demonstrando, que os preconceitos estivessem ausentes naquele momento. Com efeito, o fato de que parte das matérias levantadas aponte para a existência de uma culpabilização a um, dois ou mesmo aos três jogadores negros envolvidos no lance capital não pode ser desvinculado do fato de que os sentimentos de superioridade racial possuem em nossa sociedade uma infeliz vitalidade que não pode ser ignorada. Em seu trabalho acerca do Maracanã, Gisela Moura defende que a inexistência de responsabilizações de cunho claramente racista nos jornais da época deve nos levar a pensar na possibilidade de estarmos diante de uma construção posterior, e não inerente ao momento imediato da derrota.<sup>428</sup> Ao contrário, pensamos que referências raciais mais exacerbadas não são encontradas simplesmente porque não se faziam necessárias, uma vez que a simples denominação dos jogadores na busca por explicações já deixava claro sobre “quem” se estava falando. Lembremos ainda que embora o grande instrumento midiático de divulgação do futebol – ao menos em tempo real ou próximo disto – fosse o rádio, os jornais e revistas de grande circulação já levavam as fotos dos jogadores brasileiros para todo o país. Desta forma, o que deveria servir como um instrumento de popularização dos rostos de nossos heróis pode muito bem ter desempenhado, ao fim, uma função oposta, mostrando aos olhos dos torcedores uma seleção negra e mestiça, cujos atributos negativos a ideologia dominante já havia se encarregado de propagar muito antes de se pensar em realizar uma Copa do Mundo no Brasil.

---

<sup>427</sup> **Idem.**

<sup>428</sup> Cfe: MOURA, Gisela de Araújo. **Op. Cit.**, p 144.

Isto não significa que os periódicos da época deliberadamente resolvessem fomentar um sentimento de subjugação racial através de suas interpretações. Não é isto que estamos falando. O que defendemos – fique claro isto – é que os jornais emitiam sua mensagem em um meio onde ideologias diversas já se encontravam fortemente arraigadas. Assim, a grande massa dos leitores recebia as informações dentro dos limites estabelecidos por estas formas de pensamento. Ora, se falamos de uma sociedade onde a sombra da escravidão ainda se faz presente, como a atribuição da culpa pela maior tragédia do esporte nacional a três jogadores negros deveria soar?

Voltemos à edição de *A Tarde* daquela terça-feira, 18 de julho. Entre as matérias buscando explicações e culpados para a derrota, há uma intitulada “Teria falhado Jair”. Segundo o texto, o técnico Flávio Costa afirmara, após o término da partida, que, quando do gol de Schiaffino, determinara a Jair que reforçasse o setor esquerdo defensivo, auxiliando Bigode; porém, “o meia não teve energias, nem espírito de luta para cumprir as instruções e a defeza (sic) continuou aberta”.<sup>429</sup> Ora, se tal leitura é emanada do treinador da equipe, uma pessoa que ocupava o posto-chave de comando da mesma e que ocupava, sem dúvida, um “local de poder” por excelência a fim de emitir uma opinião tida como qualificada, é curioso pensar como pouco tempo depois não se encontra maiores registros a uma “culpa de Jair” pelo gol uruguai.

Fomos buscar Jair no lance. Ele não aparece na foto mais conhecida, batida de frente para Ghiggia após o chute em direção ao gol – nesta, aparece apenas o famoso trio de defensores negros (foto 12). Recorremos então ao livro de Paulo Perdigão. Ali, mais duas imagens. A primeira, tirada a partir das arquibancadas, mostra a mesma imagem tornada clássica a partir de outro ângulo, com os mesmos quatro protagonistas (foto 13). Há, porém, outra imagem, tirada da altura do campo, mas a partir de um ângulo inverso mostrando apenas Barbosa, caído, no momento em que a bola cruza a linha do gol. Ao fundo, corre o zagueiro brasileiro Augusto e o atacante uruguai Morán. Jair não aparece em momento algum (foto 14). Procuramos então na transcrição da narração da partida, também trazida por Perdigão. Nos momentos anteriores ao gol de Ghiggia, Jair é citado duas vezes. Na primeira, errando um passe que seria interceptado pelo zagueiro Tejera; na segunda, combatendo o meia uruguai Júlio Perez... no campo uruguai!<sup>430</sup> Eis porque Jair não aparece nas fotos: ele estava no ataque. Se Flávio realmente lhe transmitiu a ordem de auxiliar Bigode, o gol da vitória

<sup>429</sup> *A Tarde*, 18 de julho de 1950, p 5.

<sup>430</sup> PERDIGÃO, Paulo. **Op. Cit.**, p 141.

uruguaia pegou o jogador brasileiro fora de sua posição, incapaz de cumprir com as determinações do técnico. Longe do lance, Jair ficaria fora também da imagem que testemunharia para a posteridade o momento culminante da partida.

Não se trata aqui de buscar um novo culpado por aquela derrota, mas de mostrar que, no calor dos acontecimentos, outras explicações foram buscadas, outros culpados foram apontados, e, no entanto, acabaram perdendo força diante dos argumentos que apontavam para os jogadores que apareciam nas imagens, para a idéia de um “frango eterno” ou para a explicação mais genérica de que éramos “vira-latas”.

*A Tarde*, porém, continuaria dando espaço àqueles que poderiam oferecer alguma explicação lógica para a derrota. Dia 19 era a vez de Demosthenes Berbert de Castro, cujo texto fora originalmente escrito um dia após a partida. Segundo este, o futebol brasileiro havia sido arrasado por uma verdadeira “bomba de hidrogênio”. Nossa povo, “tão otimista e sentimental”, se pusera a chorar como crianças nas arquibancadas diante da inexorável peça aplicada pelo destino. Assim, *A Tarde* ia, no somatório de suas crônicas, arrolando adjetivos diversos que comporiam nossa alma mestiça. Éramos nervosos, de pouca fibra e patriotismo. Demosthenes lembrava aos seus leitores que éramos também sentimentais, elemento que, de certo modo, remete aos valores negativos do romantismo pradiano. Quanto aos motivos mais diretos da derrota, o cronista apresenta também seu ponto de vista:

E por que perdemos?

Perdemos não só pelas falhas gritantes de Bigode e Barbosa, nos dois lances que redundaram em tentos uruguaios, como também pela falta de fibra, de energia e de brios dos nossos jogadores “que se esqueceram que estavam disputando uma Copa do Mundo”. Além disso, houve muita máscara e excesso de otimismo, pois, segundo os jornais, o nosso team era o melhor do mundo e nosso trio atacante era fenomenal.<sup>431</sup>

Ainda que reforçando alguns argumentos já apresentados por seus colegas de crônica esportiva, Demosthenes apresenta mais um ingrediente: o excesso de otimismo da imprensa. Com efeito, o jornalista baiano não será o único a apontar para este fato, que exige uma verdadeira auto-crítica por parte de um setor ainda hoje pouco dado a tais reflexões. Assim, os jogadores brasileiros teriam sido “exageradamente endeusados” e “entraram na cancha convencidos de que já eram os campeões do mundo,

---

<sup>431</sup> *A Tarde*, 19 de julho de 1950 , p 5.

subestimando o valor dos adversários”.<sup>432</sup> Contudo, este novo ingrediente é apenas citado, e não dissecado na crônica de Demosthenes.

Chegamos ao dia 21. Agora é a vez da academia dar sua opinião. Com efeito, neste dia, *A Tarde* publica as impressões do historiador baiano Alberto Silva, que se encontrava no Rio de Janeiro fazendo conferências a convite do Instituto de História da Medicina. Fazendo coro com outras interpretações, o acadêmico inicia as suas com uma frase que visa exprimir o sentido dado à derrota: “Realmente uma tragédia”. O motivo maior de tal tragédia é assim exposto:

Porque se eclipsou Bigode – o fator máximo da derrota nacional? Porque estava tão nervoso o arqueiro de nosso selecionado, a ponto de engulir (sic) um verdadeiro “frango” como foi o segundo, o que nos arrancou a vitória? Responsabilidade do jogo? Pavor do adversário? Certeza da vitória? Não pode ser porque o que se viu, estarrecidamente, em Maracanã foi um “onze” adversário cavando como leões a vitória que lhe sorriu em contraste, em chocante contraste, com o adversário que deixava escapar, apático e irritante, o título máximo que um empate apenas lhe assegurava.<sup>433</sup>

Apatia, um sentimento mais decisivo naquele contexto do que o medo da responsabilidade, do adversário, ou ainda a sempre lembrada “máscara” diante de uma vitória tida como certa. Apatia, um valor contrário ao dinamismo exigido em um momento decisivo, e que, nas palavras do próprio historiador, transformara o Maracanã, de “monumento da vitória nacional” em “mausoléo (sic) das justas aspirações do esporte brasileiro.”<sup>434</sup> Apatia, a marca registrada do Jeca triste de Lobato.

As interpretações para a derrota, entremedes, continuavam. No dia 22, era a vez de um leitor, identificado como Diogo Menezes do Nascimento, ter sua carta publicada. Curiosamente, o leitor retoma em seus comentários a comparação histórica feita por Pellegrino 5 dias antes: “O desfecho, tétrico pela sua imprevisão, da Copa do Mundo, foi, não há negar, o ‘Waterloo’ dos nossos rapazes”. Teria o leitor, remetente dos comentários publicados pelo jornal, feito suas considerações após a leitura da coluna de Pellegrino? Não há como saber. Todavia, a repetição da mesma figura de linguagem nos aponta para dois caminhos diversos. Ou a imagem criada por um dos cronistas encontrava ressonância entre os leitores, o que ficaria evidenciado pela repetição da

<sup>432</sup> **Idem.**

<sup>433</sup> *A Tarde*, 21 de julho de 1950 p 5.

<sup>434</sup> **Idem.**

analogia; ou, a figura de um “Maracanã-Waterloo” disseminava-se rapidamente pela sociedade, influenciando a crônica e seus leitores, o que todavia não nos eliminaria o problema de identificar uma origem para a emissão de tal analogia. Contudo, dentro de nossos propósitos, interessa-nos aqui apontar para mais um item na busca de explicações para a derrota. Dando o passo que Demosthenes Berbert não dera, o leitor Diogo, ainda que sem citar nominalmente, estende para o conjunto da imprensa, uma das características apontadas como motivo de insucesso para o selecionado brasileiro: a falta de patriotismo:

A campanha de descrédito, irrefletida e apaixonada, logo levantada, como chumbo derretido gotejando sobre chaga ardente, justamente por aqueles que, na véspera, engrandeciam os méritos dos que tombaram no último capítulo, reflete, perdoe a expressão, vacilante estabilidade dos nossos sentimentos patrióticos.

O mundo esportivo tem as suas vistas voltadas para nós; mostremos a ele que sabemos cair de pé como aqueles heróis de “Waterloo” na culminância da refrega.

Daremos, assim, aos nossos pôsteros e àqueles que nos observam, a mais eloquente demonstração de civismo e brasiliade.<sup>435</sup>

Coube, portanto, ao leitor, estabelecer um raciocínio tão lógico quanto ausente das páginas da imprensa: a nação é um todo. Logo, as características apontadas para o conjunto da nação também dizem respeito aos jornais e seus profissionais. A auto-exclusão deste grupo só pode ser entendida a partir da busca por uma condição de superioridade, tida como “mais positiva”, ou ainda em uma situação de externalidade aos acontecimentos. Aqui a idéia de uma modernidade *a la européia*, com os olhos voltados para o mar e as costas para o continente, certamente tem muito a nos dizer.

No dia 25 – nove dias após o jogo – Roschild Moreira voltava à tona, iniciando uma série de textos curtos intitulados “Conversa Íntima”, os quais, agrupados, formam uma longa crônica acerca da derrota e de seus presumíveis motivos. Tais textos, que se estendem até o dia 01 de agosto, retomam muito do que já fora até então exposto pelos cronistas d’*A Tarde*, acrescentando poucos novos ingredientes. Entre estes, encontra-se o fato dos jogadores brasileiros estarem mais preocupados com a premiação a ser recebida com a vitória do que com a partida em si. Assim, tal qual o modelo proposto

---

<sup>435</sup> *A Tarde*, 22 de julho de 1950, p. 9.

por Paulo Prado, nossos representantes dentro das quatro linhas estariam mais preocupados com a recompensa material do que com o trabalho, o que teria desviado as atenções do objetivo principal – a conquista do título através da vitória ante os uruguaios.<sup>436</sup> Se para Roschild isto denotaria falta de espírito profissional, também haveria a falta da devida virilidade no momento decisivo, pois, em suas palavras: “também choraram os jogadores. Como mulheres, pois que como homens tiveram a chance de lutar, mas não o foram”.<sup>437</sup>

Ora, sabemos que negar a virilidade do oponente é, dentro da lógica que rege o ato de “torcer” por um clube ou por um selecionado, uma forma de auto-affirmar-se discursivamente, ao mesmo tempo em que se projeta, para dentro de nosso próprio grupo, uma imagem negativa acerca daquele que é, neste momento, o meu “outro”. Roschild, desta forma, dá aos jogadores derrotados na final, o mesmo tratamento costumeiramente dedicado, pelos torcedores, aos adversários. Indo mais além, ele transforma aqueles que defenderam as cores pátrias dentro do gramado em inimigos. O motivo: “... nos traíram e não se arrependem do crime praticado”.<sup>438</sup>

Contudo, o melhor exemplo do estilo ferino de Roschild seria dado em seu primeiro texto, apresentando a idéia da seqüência que viria. Nele, o cronista estabelece uma “curiosa proposta” para que os jogadores brasileiros sejam, enfim, elevados a categoria de heróis nacionais, o que lhes teria sido negado diante do desfecho do certame. Ao mesmo tempo, o cronista busca “se redimir” de seu antigo desejo de literalmente fuzilar a seleção e a comissão técnica.

Não, amigos, não me perguntam cousa alguma sobre o último jogo da Copa do Mundo. Somente, sábado consegui regressar, ainda “de mal” com o futebol. Portanto, nada daquele jogo. Para que reviver um fato tristíssimo? Bastam os litros de lágrimas vertidos no Maracanã, pois dos 250 mil entusiastas ali presentes, no mínimo a metade assim procedeu. Desse modo, não se assustem, amigos. Não falarei do jogo. Mas iniciarei, agora, uma conversazinha com todos vocês. E, para começar, abordo um trecho da minha última crônica, escrita depois da derrota. Refiro-me àquela passagem quando tornei claro que gostaria de fuzilar todos os responsáveis pelo acontecido. Hoje, mais conformado, mudo de opinião. Já não quero ver o nosso fabuloso técnico nem os maiores jogadores do mundo mortos. Isso seria um crime. O caminho mais

<sup>436</sup> A Tarde, 25 de julho de 1950, p 5.

<sup>437</sup> A Tarde, 26 de julho de 1950, p 5.

<sup>438</sup> A Tarde, 31 de julho de 1950, p 9.

fácil, a “chance” de faze-los se reabilitarem, tornarem-se heróis de fato, chegou bem na hora. A ONU não acaba de pedir tropas brasileiras para lutar ao lado dos “yankees” na Coréia? Ótimo! Para a Coréia com o nosso time, notadamente Flávio, Bigode, Barbosa... e os nossos “big” artilheiros que preferiram acima de tudo defender as canelas.<sup>439</sup>

Em Porto Alegre, a primeira edição após a derrota foi pródiga em matérias alusivas a partida e explicações para seu resultado. Inicialmente, a matéria que fazia as vezes de apresentação, vinha com um sub-título que destacava a fibra e o entusiasmo da representação uruguai, enquanto a atuação do quadro nacional era classificada como “deceptionante”. No corpo da matéria, acusações a falta de fibra de Jair, à ineficiência do trio de ataque, e, principalmente a Bigode, “a grande ‘chave’ uruguai, muito bem explorada por esse gênio da estratégia de campo, que é Obdulio Varela”.<sup>440</sup>

Na mesma página, um exemplo de como os jornais apresentam processos de retroalimentação. Sob o título “Fala Flávio Costa: ‘faltou espírito de luta entre os nossos’”; apresentava-se a mesma matéria publicada por *A Tarde* sob o título “Declarações de Flávio Costa”<sup>441</sup> um dia antes, sendo agora creditada ao próprio Correio, e não a “Asapress” que teria municiado o jornal baiano. Lembrando que se constitui em característica da imprensa esta retro-alimentação entre órgãos diversos, temos aqui mais um exemplo de como muitas notícias passam por uma verdadeira cadeia de publicações, sendo reproduzidas nos mais diversos rincões do país e por jornais dos mais diversos tamanhos (sendo jornais de grande porte em seus respectivos estados à época, tanto o *Correio do Povo* quanto *A Tarde* poderiam municiar periódicos menores pelo interior de seus estados, reproduzindo as matérias por eles publicadas); e notícias são, em última instância, produtoras de sentimentos. Processo semelhante, no mesmo dia, verificava-se pela reprodução de matérias dos jornais cariocas *A Noite*; *O Globo* e *Jornal dos Sports*, que respectivamente apontavam para o cavalheirismo brasileiro diante da derrota; para falhas de Barbosa e Bigode; e para a falta de fibra do selecionado brasileiro durante toda a partida. Talvez seja lícito pensar em todas estas explicações como complementares.

Continuemos na mesma página. Naquela que talvez seja a matéria mais “interpretativa” publicada naquele espaço, encontramos uma manchete simples, que

<sup>439</sup> *A Tarde*, 25 de julho de 1950, p 5.

<sup>440</sup> *Correio do Povo*, 18 de julho de 1950, p 14.

<sup>441</sup> **Idem.** Ver também nota 423.

muito bem poderia ser encontrada em algum jornal de Montevidéu: “O grande feito”. Segundo esta linha de raciocínio, a matéria, cujo autor não é identificado, comentava de forma elogiosa a vitória de nossos adversários, obtida dentro das mais adversas condições (estádio, torcida, falta de favoritismo, necessidade do resultado positivo). Situada, portanto, dentro de uma linha serena de argumentação (contrária a de Roschild, por exemplo, em Salvador), o texto do *Correio* traçava os devidos elogios ao adversário, o que não significa que tenha aberto mão da possibilidade de crítica. Logo no primeiro parágrafo, a constatação de que “mesmo no regime profissional, só vence quem emprega por inteiro o coração, esquecendo-se de qualquer lucro que possa auferir com a consecução do triunfo” já nos remete, de partida, para a explicação de que o foco dos atletas, no momento decisivo, estaria não no jogo em si, mas na recompensa financeira, evocando não apenas uma cobiça demasiada, mas principalmente, o ganho material como valor mais importante do que a defesa das cores nacionais, assinalando uma evidente falta de patriotismo. Este sentimento, com efeito, viria associado a muitos outros:

O revés [dos] brasileiros, ao contrário, era a decepção, o utilitarismo, a falta de espírito combativo, a inércia, a pretensão e a ausência absoluta de preparo psicológico, este último um elemento sem dúvida alguma, que sobrava no team representativo do Uruguai amigo.<sup>442</sup>

A mesma matéria apontava, ainda, para a existência, entre os brasileiros, de um “complexo”. Não de inferioridade, conforme Nelson Rodrigues defenderia anos mais tarde, mas, de superioridade, o que faria com que o brasileiro se julgasse o vencedor antes mesmo da partida ser iniciada. Note-se que, embora a constatação da existência de tal complexo pareça contrária ao vira-latismo teorizado oito anos mais tarde, na verdade se constitui em mais uma característica negativa, podendo ser traduzida como “soberba” (ou, no jargão futebolístico, “salto-alto”).

Embebidos pela idéia do lucro fácil, nossos atletas também contariam com a vitória fácil. Contudo, como já vimos, o próprio *Correio do Povo* que agora apontava para a existência deste sentimento nocivo, operara uma passagem da crítica à euforia com a classificação brasileira para a fase final e diante dos bons resultados obtidos nas primeiras partidas. Agora, para o jornal gaúcho, a “máscara” havia sido apenas dos

---

<sup>442</sup> **Idem.**

jogadores, e entre eles se buscavam os responsáveis pelo insucesso. O excesso de explicações e leituras pode inclusive fazer com que o jornal ofereça análises contraditórias, caso que vemos nitidamente neste dia marcado ainda pelo calor dos acontecimentos. O capitão Augusto, por exemplo, era objeto de uma matéria onde tinha sua atuação em campo comparada à de Obdulio Varela, capitão uruguai. Segundo a sub-manchete, “o capitão dos uruguaios foi o condutor da vitória, enquanto o capitão brasileiro apenas participou, em tal função, do sorteio do toss”.<sup>443</sup> Faltara-nos, desta forma, comando dentro de campo. No mesmo exemplar, um longo quadro traçava rápidas considerações sobre a atuação dos 22 jogadores que haviam participado da partida. Sobre Augusto: “Jogou muito bem na tarde de ontem, ratificando a recuperação técnica e física que havia demonstrado nos últimos jogos”.<sup>444</sup>

A título de curiosidade, sobre Juvenal – que depois viria a ser apontado como um dos responsáveis pela derrota: “também jogou muito bem, confirmando as suas atuações anteriores”. Poderia aqui ser-nos argumentado que estamos diante de uma matéria – e outras tantas haveria – a negar a versão que ficou imortalizada acerca do lance fatídico. E tal percepção nos parece mesmo correta, uma vez que não há porque supor que absolutamente todas as matérias publicadas pelos jornais após a partida conduzissem para uma mesma direção. O que nos importa aqui reforçar é a idéia de que entendemos que encontraram especial ressonância aqueles textos que iam ao encontro de uma perspectiva fortemente arraigada na sociedade. Assim, entre textos opostos, que criariam sensações igualmente opostas, possui maior probabilidade de prevalecer aquele cuja mensagem está de acordo com o terreno já preparado pelo histórico, pelos valores e pela própria ideologia assumidos pela comunidade formada por seus leitores.

Avancemos. No dia 21 (menos de uma semana após o jogo, portanto), uma idéia de como a busca por culpados para a derrota já fazia “vítimas”. Sob o título de “Bigode defende-se”, lia-se um artigo que assim iniciava:

Falando a imprensa carioca, o médio Bigode, acusado como o principal responsável pela derrota do Brasil frente ao Uruguai, domingo último, disse o seguinte:

-“É triste, meu amigo, enfrentar uma situação como esta. Além de sofrer a maior decepção de toda a minha vida, de amargar os mais tristes momentos de toda a existência, ainda ser apontado como causador de uma derrota! Nunca

---

<sup>443</sup> *Correio do Povo*, 18 de julho de 1950, p 15.

<sup>444</sup> *Correio do Povo*, 18 de julho de 1950, p 14-6.

sofri tanto, nunca chorei como choro agora. Creiam que a nossa dor, a dor que sentem os jogadores, é mais profunda, mais pungente do que a dos torcedores, por que nós caímos lutando, sentindo sobre os ombros todo o peso de uma responsabilidade como jamais havíamos assumido. Juro por Deus e por tudo quanto de mais sagrado existe neste mundo que, se dependesse da minha vida ganharmos o jogo, eu não vacilaria. Entregar-me-ia de corpo e alma”.<sup>445</sup>

Talvez tão importante quanto a argumentação do atleta, por certo extremada, mas também pungente, seja o caráter revelador da chamada da notícia. Com efeito, se a ele cabia se defender é porque já existia uma acusação a tal ponto disseminada que mereceria matéria em periódicos de ampla circulação. A defesa é tanto mais necessária se pensarmos que, junto ao aspecto meramente esportivo, toda uma carga de valores e significados eram projetados sobre aqueles que estiveram em campo para defender o selecionado e dele saíram com a marca do fracasso. Bigode era, certamente, um dos alvos preferenciais desta projeção, que lhe acompanharia a partir de então pelo tempo da duração de um mito. Ao fim daquele mês, uma nova matéria talvez nos sirva para ilustrar como, em pouco tempo, a perspectiva de existirem “culpados” pela derrota já ganhara força. Com efeito, um texto do dia 27 de julho dava conta de que os jogadores e a comissão técnica nacional haviam sido recebidos pelo prefeito Ângelo Mendes de Moraes. Na visita, que recebia como sinal de agradecimento pelo apoio da prefeitura ao torneio recém-fundo, o prefeito carioca teria afirmado que os jogadores brasileiros não deveriam ficar tristes, pois haviam feito o máximo. Contudo, este comentário seria seguido por outro, carregado de ironia: “Pois é... se o Bigode tivesse chutado aquela bola para fora...”<sup>446</sup>

Desta forma, o *Correio do Povo*, órgão da imprensa que, durante a fase preparatória para o mundial, havia apresentado uma postura entre crítica e cética quanto ao selecionado brasileiro, não deixou de reproduzir, na busca de suas explicações para a derrota, muitos dos estereótipos que caracterizavam os brasileiros, seja pelo olhar estrangeiro, seja pelo olhar de muitos dos próprios brasileiros. Sua postura, entretanto, não se assemelhava de todo à de seus colegas baianos, que estabeleceram uma crítica feroz após o encerramento da competição. Não encontramos, com efeito, propostas de fuzilamento de jogadores ou do técnico em suas páginas, o que não significa que responsabilidades individuais não tenham sido apontadas. Tem-se, desta forma, uma

---

<sup>445</sup> *Correio do Povo*, 21 de julho de 1950, p 12.

<sup>446</sup> *Correio do Povo*, 27 de julho, p 12.

postura crítica que, de forma gráfica, poderíamos colocar como intermediária entre *O Estado* e *A Tarde*. E, tal qual como estes, valiam-se os gaúchos de muitas das perspectivas emitidas diretamente do Rio de Janeiro através de outras publicações. Assim, por um lado os jornais analisados apresentam ter uma postura própria ao emitirem seus pareceres, o que certamente pode nos dizer muito a respeito de suas formas de ver a própria atividade jornalística. Simultaneamente, integravam uma grande cadeia de “produtores de sensações e significados” na medida em que uma determinada notícia poderia ser publicada quase que simultaneamente em diversos pontos de um país de dimensões continentais. E isto não é apenas um mero fruto do acaso, mas um resultado direto da própria condição de desenvolvimento material da imprensa brasileira naquele momento.

Mas, e quanto a maior revista de circulação nacional, editada diretamente no palco dos acontecimentos? Como teria *O Cruzeiro* apreendido a derrota e como a teria interpretado para seus leitores?

Como já nos referimos anteriormente, uma das principais características de *O Cruzeiro*, quando comparada aos jornais diários, está na existência de um lapso temporal maior entre os acontecimentos e as interpretações levadas a público. Graças a isto, as primeiras matérias relativas à derrota brasileira apenas vieram à luz treze dias após a partida. Na primeira edição após o jogo final – datada de vinte e dois de julho – ainda celebrava-se, como visto acima, uma equipe que jogava por música, reunindo mesmo em seus dribles as virtudes dos ritmos clássicos europeus com a força do samba brasileiro.<sup>447</sup> Neste sentido, embora resgatar a forma precisa com que os leitores de 1950 tenham recebido determinada notícia seja sempre uma dificuldade – quando não uma impossibilidade – não é demais imaginar que, para os que vivenciaram a expectativa de uma conquista de tal magnitude e o sentimento da derrota, deparar-se, menos de uma semana após o *Maracanazo*, com uma matéria sobre a partida contra os suecos, intitulada “O Brasil dá uma lição de futebol”, onde é afirmado textualmente que a atuação havia sido digna do título de campeão, deva ter mexido com um sentimento forte e recente de frustração.<sup>448</sup>

É somente no final daquele mês de julho que *O Cruzeiro* passa a emitir, para praticamente a totalidade do território nacional, suas interpretações acerca da derrota. Se, por um lado, o caráter tardio da publicação não signifique que seus textos não

---

<sup>447</sup> Ver nota 409.

<sup>448</sup> *O Cruzeiro*, 22 de julho de 1950, p 18-21, 120.

tenham sido produzidos sob o calor dos acontecimentos, por outro lado tais impressões atingem o público leitor quando o “senso comum” do jogo já tivera tempo de se formar através das opiniões de outros jornalistas, de comentaristas e narradores, mas também nos botecos, nas conversas nas repartições públicas, nos pátios das escolas, nos bondes, e em qualquer outro ambiente onde o futebol pudesse ser então discutido.

Em outras palavras, são explicações semeadas sobre um conjunto de opiniões que já tivera duas semanas para se consolidar entre o público nacional, provindas de um dos órgãos de imprensa que mais incentivou e divulgou o Campeonato Mundial de Futebol dentro das fronteiras brasileiras (quiçá talvez apenas atrás do *Jornal dos Sports*, sempre muito bem cotado entre os historiadores que se dedicam a estes temas).

Mas afinal, quais as ponderações de *O Cruzeiro* para a “nossa Waterloo”, e em que se difere dos outros órgãos de imprensa analisados? Se *O Estado* mantinha sua postura de relativo afastamento do assunto, oferecendo explicações que não partiam para acusações pessoais; e se o *Correio do Povo* e *A Tarde* exerciam uma forte crítica ao excessivo otimismo e à falta de um sentimento mais forte de patriotismo, consoante com a postura crítica que já apresentavam antes mesmo de iniciar a competição, *O Cruzeiro*, lembrando o comportamento da imprensa nos dias imediatamente anteriores à final, buscará a parte de culpa que cabe à categoria na existência da famosa “máscara” característica dos brasileiros.

Todos somos culpados. Que história é essa, agora, de descarregar sobre os ombros de Bigode, de Barbosa, de Jair, de Flávio Costa, a responsabilidade por uma derrota que é tão nossa quanto deles e para a qual contribuímos e pela qual nos penitenciamos? A máscara estava atarrachada em nossos rostos, desde as goleadas, e o Brasil perdeu o campeonato do mundo naquela tarde em que esmagou o quadro de Espanha. Ratificamos, então, a nossa classe. Era um time imbatível, o nosso. Invencível em todas as suas linhas. Pela velocidade de seus atacantes. Pela muralha de sua linha média. Pela segurança dos zagueiros e pela agilidade felina do guardião de sua meta. Sim, a meta de Barbosa, quase virginal, quase imaculada, tão pura e sem pecado como Ingrid Bergman antes de Rossellini.<sup>449</sup>

Uma pausa. Perceba-se que, ao iniciar seu raciocínio e chamar para si parte da responsabilidade pela derrota, o autor do texto, David Nasser, nos aponta para a

---

<sup>449</sup> *O Cruzeiro*, 29 de julho de 1950, p 14-20.

existência já de uma lista de “culpados” (que história é esta...) da qual, curiosamente, fica excluído o nome de Juvenal, aparecendo o de Jair. Não podemos, com efeito, afirmar quanto tempo após a derrota o texto foi escrito, mas parece claro que houve algum lapso entre o encerramento da partida e sua elaboração, permitindo a Nasser colher impressões, ainda que para elas opor-se. O autor segue seu argumento:

É muito cômodo, nestes instantes, nestes instantes amargos de perda definitiva, afastarmos toda a culpa do fracasso para um grupo apenas, de 11 jogadores e 1 técnico. Quem lhes afivelou a máscara? Vocês, torcedores. Nós, jornalistas. Eles, do rádio. Todos, sem exceção, das gerais às arquibancadas, das cadeiras às tribunas. Criamos a lenda de sua invencibilidade e fizemos com que eles se esquecessem do ilógico no futebol. Foram os jogadores que mandaram bordar as faixas de campeões do mundo antes do jogo? Foi o técnico que publicou fotografias do quadro brasileiro com a legenda de campeões do mundo? Foram eles, os atletas e o dirigente, que gritaram por todos os microfones que não havia castigo, que não sairia do Brasil a Taça Jules Rimet, que os uruguaios eram homens velhos e cansados? Fomos nós, os assistentes e observadores, os profetas da vitória que não veio. Não parece, francamente, honesto e leal, recusarmos a parte da culpa e exigirmos que os onze rapazes mais o técnico respondam sozinhos pela nossa derrota.<sup>450</sup>

Em sua autocrítica, Nasser parece haver captado a transformação na opinião da imprensa: da crítica à idéia de um título certo, que se fortaleceu após a vitória sobre os iugoslavos, e deslanchou nos dois primeiros jogos da fase final. Fazendo o caminho inverso de uma postura fácil, onde a derrota é de alguns e a vitória de todos, Nasser acaba por integrar a imprensa dentro da coletividade representada pela seleção, ou, ao menos, possui a noção de que a imprensa também é parte do país. Isto não significa que o repórter não tenha olhos para as falhas da equipe. Apenas agora a origem de tais problemas não é uma questão de formação racial.

-“Mas, se eles não deram o que sabem, se pararam em campo, se não tiveram sangue, se não tiveram raça, se não tiveram peito, se não tiveram ânimo, disposição, capacidade de lutar, de fazer o impossível!” – Tudo isso é certo. Acontece, entretanto, que todos esses fatos negativos advêm de um só: auto-suficiência. E já dissemos que a auto-suficiência dos nossos jogadores nasceu dos comentários que fizemos, dos elogios exagerados, da super-estimação dos

---

<sup>450</sup> **Idem.**

valores até há pouco duvidosos, como os responsáveis por várias zonas da defesa e do ataque.<sup>451</sup>

Ao encaminhar o desfecho de seu texto, Nasser passa a uma análise das atuações individuais dos dois atletas que, até aquele momento, despontavam como os vilões maiores de nossa história. E, no argumento da defesa, vale mesmo sobrepor o interesse nacional às regras originalmente nobres do *association*.

Falam de Bigode. Realmente, não jogou bem. Realmente, foi o responsável pelos dois goals. Mas por que deixaram Bigode sozinho, porque não o socorreram, quando ele lutava com desvantagem contra o maior extrema-direita do continente? Ah, porque havia um sistema diagonal em prática e não se podia muda-lo, um sistema que mandava o half-esquerdo marcar o ponta direita. Bolas para a diagonal e para todos os sistemas do mundo, para o “association”, para as regras de Chapman! Bolas para todas as ordens quando o arco está em perigo, quando o campeonato está em perigo. É assim como um soldado, na mira do fuzil, não disparar contra alguém que visa o companheiro “para não desobedecer a ordem de silêncio”.

Falam de Barbosa e da segunda bola que deixou passar. Quem fala assim é porque se acostumou a ver S. Jorge no “goal” do Brasil defendendo todos os pelotaços. Vá para o arco e experimente um Chighia (sic) a poucos metros, livre, a chutar um desses petardos e, depois, perdoará Barbosa.<sup>452</sup>

Curioso perceber que estas considerações de Nasser são também fruto de um momento onde a grande mídia, já adaptada ao profissionalismo, defende a idéia de uma vitória como objetivo máximo, mesmo que para isto as regras de esportividade, outrora tão sagradas, tenham de ser deixadas de lado. O futebol já não seria mais um jogo para *sportsmen*, mas para atletas profissionais, que se encontravam defendendo sua pátria e que deveriam colocar este sentimento acima de tudo.

O texto de David Nasser, porém, não terminava em terra arrasada. Como que influenciado pelos textos dos cronistas estrangeiros (notadamente Meisl e Eskenazi), ele via a dor da derrota como o nascimento de uma nova fase de nosso futebol, que se tornaria vitorioso justamente por não comportar mais o nocivo sentimento de auto-suficiência.

---

<sup>451</sup> **Idem.**

<sup>452</sup> **Idem.**

Do Maracanã, da mágoa que nos deixou esta partida, da poeira e do amargor de um grande “team” vencido por um quadro tecnicamente inferior, mas superior no entusiasmo, no sangue e na fibra, há de sair o futebol brasileiro que, em 1954, na Suíça, poderá fazer o mesmo que os uruguaios aqui fizeram, contra os prognósticos, contra a torcida, contra tudo. Da estúpida tarde do Maracanã nascerá o futebol brasileiro sem máscara.<sup>453</sup>

Nesta mesma edição as considerações de Eskenazi se faziam novamente presentes. Buscando mais uma vez explicar a derrota dos brasileiros, a quem atribuía o melhor futebol do mundo, Eskenazi argumentava não ser este esporte uma “ciência exata”, mas sim “um jogo submetido ao capricho da sorte e do destino”. Assim, embora tivesse em suas fileiras o “herói infeliz desta 4ª Copa do Mundo” (Bigode), o brasileiro deveria, na opinião do cronista europeu, se regozijar, afinal, ficando com as honras do torneio, o Brasil saía com a imagem do “semeador de Victor Hugo”, impedido de fazer a colheita que tanto desejava.<sup>454</sup>

Perceba-se, entretanto, que as perspectivas oferecidas por Nasser e Eskenazi soam hoje como verdadeiros tesouros da paleontologia, dos quais ninguém ou quase ninguém sabe da existência. Com efeito, a construção de uma linha entre os acontecimentos do Maracanã e os de oito anos mais tarde, em Estocolmo, é algo que parece não encontrar uma maior aceitação por parte dos críticos e da crônica especializada nacional. A imagem que acabaríamos deixando para a posteridade em 1950 é a de que faltou algo – ou uma série de coisas, que comprovariam nossa condição de vira-latas ante qualquer país no mundo, inclusive o territorialmente pequeno Uruguai – cujas descrições daquela final de Copa tratam como um time de valentes, que souberam honrar as cores pátrias. Enquanto isto, máscara e medo dariam o tom de nossos jogadores.

Mais uma reportagem para deixar confusas as coisas para os iniciantes no mundo do futebol era a intitulada “A última vitória do Brasil”. O objeto agora parece ser muito mais o de fazer um levantamento de uma alegria incontida, porém parcial, extravasada após o jogo contra os espanhóis e que não poderia ser repetida, do que buscar culpados. Assim, após sua breve análise da partida entre brasileiros e espanhóis, rememorando cenas da mais intensa alegria cívica, o autor, José Amádio encerra com um modesto e singular “o resto é silêncio”<sup>455</sup> Não havia para ele a possibilidade da derrota

---

<sup>453</sup> **Idem.**

<sup>454</sup> *O Cruzeiro*, 29 de julho de 1950, p 22-7; 50.

<sup>455</sup> *O Cruzeiro*, 29 de julho de 1950, p 22-7; 50.

engrandecedora apontada pelos jornalistas estrangeiros. Também para este cronista, apenas o título comprovaria nossa força, sendo sua perda como que a confirmação implacável de uma condição de incapazes entre os pares.

Assim, como última reminiscência daquela campanha, *O Cruzeiro* publicaria, em doze de agosto, uma charge do cronista “Péricles”, mostrando o personagem já a esta altura conhecido como “amigo da onça”. Na gravura – que chamava a atenção dos leitores também pelo fato de ser colorida – o “amigo” aparece, dentro de um campo de futebol (evidentemente o Maracanã) diante do prefeito Ângelo Mendes de Moraes, a quem diz: “Eu não te disse, Mendes, esta gente só tem fibra no jogo do... bicho.” Ao fundo, um placar indica a contagem de 2X1, enquanto um pequeno torcedor solitário chora na arquibancada (foto 15).

O cruzamento da charge de Péricles com o texto de David Nasser também nos pode ser revelador de algumas posturas da revista. Por um lado, ao contrário de muitos órgãos de imprensa de locais mais distantes, *O Cruzeiro* parece manter uma postura de apoio aos jogadores, posição que já ostentava desde antes do início da competição. Lembremos que, nos momentos de maior criticidade, as baterias da revista voltavam-se não para o grupo de atletas, mas para os cartolas, responsáveis pela organização que, aos olhos brasileiros, por vezes deixava algo a desejar. Contudo, toda a argumentação de Nasser, desenvolvida em um longo texto onde retoma o procedimento de uma imprensa da qual faz parte, acaba sendo contrabalançado pela frase do “amigo da onça”, que, de forma simples e direta, volta a evocar velhas questões, sintetizadas neste momento na falta de fibra. Indo mais longe, a figura de um Mendes de Moraes indignado, mãos à cintura e charuto a sair da boca, e de um torcedor desolado diante do placar final do jogo, compõem, junto com a personagem principal, um quadro onde a mensagem evidente é: fomos logrados. Venderam-nos a imagem de uma equipe que seria capaz de afirmar-se em um momento decisivo, e que, fazendo-o, afirmaria também a auto-estima de uma nação por ela representada. Esta imagem, contudo, seria falsa, e disto ficáramos sabendo apenas após o término da partida.

\* \* \*

Desta forma, o mundial de 1950 mexia com um amplo conjunto de sentidos e valores associados à sua realização no Brasil, mas que em muito ultrapassava o aspecto meramente esportivo da competição. Se, para o país, era a chance de se mostrar

moderno e desenvolvido, o mesmo valia, em nível local, para as cidades que serviam como sedes. Não receber uma partida – o que equivaleria a “não ter condições de receber uma partida” – significaria estar ainda aquém deste padrão de modernidade a ser exibido pelo país. Ao mesmo tempo, junto com a terra (ou parte dela), o povo brasileiro, sujeito passivo de duas interpretações contraditórias naquele momento, tinha a oportunidade de afirmar-se positivamente, através de um instrumento que lhe representaria diante de outros povos e outras nações. Contudo, a afirmação mais importante seria interna, como a provar aos críticos de nossa formação racial que suas interpretações nada mais eram do que o resultado de uma história de preconceitos. Que tenhamos mostrado organização; espírito esportivo; fidalguia; que tenhamos sido bons anfitriões; que tenhamos mostrado engenhosidade e operosidade na construção de um estádio até hoje tido como um ícone; tudo isto ficou encoberto pelo discurso que nos atarraxava ao rosto uma máscara de falsa auto-suficiência, medo e apatia. Diante da modernidade, nossa malandragem e nossa ginga se mostrariam, ao final, inúteis.

É curioso como pouco é dito sobre o fato de o time uruguai ser, tanto quanto o brasileiro, uma bela representação de mestiçagem. Seu lateral-esquerdo, Victor Rodriguez Andrade, era negro, e foi uma das figuras proeminentes daquele selecionado. O capitão Obdulio Varela era de um mulatismo de dar orgulho a Darcy Ribeiro. De Andrade pouco se falou. De Obdulio, preferia-se ver sua postura de capitão altivo, empurrando o time aos gritos, perturbando o adversário e questionando continuamente a arbitragem. Perto dele, Augusto teria sido de uma passividade canina.

Por fim, nossa expectativa de que encontrariamos nos jornais referências explícitas a existência de um recrudescimento de preconceitos raciais após a derrota pareceu-nos frustrada. E isto é positivo. Positivo pois nos chamou a atenção para o fato de ser completamente desnecessário tal movimento. Não havia porque fazer tábula rasa de um passado marcado por estes preconceitos. Eles estavam ali, dissolvidos no meio dos expectadores da partida, entre aqueles que haviam lido Oliveira Lima, Euclides da Cunha ou Paulo Prado, mas também entre aqueles que não os haviam lido ou sequer sabiam ler, mas que eram atingidos por tais teorias através de outros caminhos, notadamente, do preconceito acumulado ao longo de 450 anos de história. Para os que buscavam uma senda alternativa a esta, a Copa do Mundo de 1950 seria a oportunidade de acumular algum argumento. Contudo, tal qual nas guerras contemporâneas, a vitória deveria ser total, sem concessões de espécie alguma.

A partida, porém, não terminaria no apito final de Mr. Reader. Ela seria ainda jogada muitas vezes no futuro.

## Capítulo 4

**(ou: “A prorrogação dos sentidos”)**

*“A suadíssima vitória brasileira, frente ao Uruguai, sob as botinadas impiedosas dos latagões da “Celeste”, tem sabor inigualável de uma desforra 20 anos depois”.*

*Heron Domingues. “A Tarde”, 19/06/1970.*

*“Seleção não consegue vingar 50”*  
*“A Tarde”, 11/01/1981.*

*“Não existe vingança para derrota em futebol.”*  
*Jair da Rosa Pinto.*

A festa esperada não aconteceu. Segundo os relatos da época, as inúmeras celebrações programadas antecipadamente a fim de comemorar a vitória sobre os uruguaios deram lugar a um misto de tristeza e frustração. No Maracanã, os espectadores teriam saído vagarosamente, com os passos arrastados e as cabeças baixas, lembrando um grande cortejo fúnebre capaz de envolver toda a sociedade. Pelas ruas da capital federal, mas também de outras tantas cidades, o clima de tristeza geral fizera os brasileiros trocarem a festa já programada pelo interior do lar, local de recolhimento mas também de proteção ante a vitória de um inimigo que impusera uma vitória tão inesperada quanto dolorosa, e cujas amargas lembranças seriam capazes de se perpetuar por várias gerações, criando todo um conjunto de imagens mentais que imediatamente são recordadas por qualquer brasileiro aficionado por futebol sempre que o IV Campeonato Mundial torna-se assunto de discussão. Ou ainda quando brasileiros e uruguaios enfrentam-se por competições futebolísticas quaisquer.

Mas o que teria feito com que aquele campeonato específico assumisse a condição de “mito” para o futebol brasileiro? Seria tão somente a dor da derrota no último combate motivo suficiente para tal? Ou, ao contrário, outros elementos concorrem para a criação de uma imagem que acompanha nosso “senso comum” acerca daquela partida,

ainda que não tenhamos a certeza exata de tudo o que se passou? Cremos que a resposta não possa ser buscada apenas em um único fator.

Em primeiro lugar, em que pese aquele ter sido o primeiro torneio disputado após o período das Guerras Mundiais, e de já existirem os recursos técnicos necessários para a gravação, não há um registro visual da partida que possa ser reproduzido a fim de dirimir dúvidas ou mesmo de satisfazer o espírito dos torcedores mais masoquistas. Não há como saber ao certo se o famoso lance em que Obdulio Varela teria dado um tapa em Bigode, ainda no primeiro tempo, corresponde a verdade ou não, nem tampouco como acompanhar todos os movimentos de Ghiggia em direção à linha de fundo nas duas estocadas que resultaram em gols uruguaios. A filmagem, no entanto, foi feita por Milton Rodrigues (irmão de Nelson Rodrigues e Mário Filho), um homem de imprensa experiente em captar as imagens em movimento de partidas de futebol. Segundo Ruy Castro, o material feito por Milton – incluindo cópias e negativos – teria sumido misteriosamente por volta de 1963, havendo duas hipóteses para tal: que o material fora consumido em um incêndio ou que simplesmente fora furtado.<sup>456</sup>

Na falta das imagens, restam-nos os depoimentos, em especial daqueles que estiveram diretamente envolvidos no *Maracanazo*. Contudo, mesmo assim, as contradições mais afloram do que são resolvidas. O exemplo mais claro neste sentido parece ser já citado obra de Geneton Moraes Neto, “Dossiê 50: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro”, onde são apresentados fragmentos de depoimentos não apenas dos atletas, mas também do técnico Flávio Costa e de outras personalidades brasileiras que não necessariamente estiveram presentes no Maracanã naquela tarde de 16 de julho. Pois bem, os jogadores Barbosa, Augusto, Bauer e Danilo negam, nos depoimentos apresentados, que Bigode tenha sido vítima de um tapa desferido por Obdulio ainda no primeiro tempo. Já o ponteiro-esquerdo Chico, que esteve no mesmo gramado no mesmo instante, afirma que houve a agressão, afirmando não saber o porquê de ela ser negada pelo protagonista.<sup>457</sup> Da mesma forma, uma série de outros detalhes, tais como problemas com a troca do local da concentração antes da partida contra os uruguaios ou ainda relativos à desacordos entre os jogadores sobre a forma como a premiação seria repartida não encontra

---

<sup>456</sup> CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p 261. Paulo Perdigão, porém, refere-se à existência de algumas cenas, que foram aproveitadas no filme “Garrincha: alegria do povo”, filmado por Joaquim Pedro em 1962.

<sup>457</sup> Cfe: MORAES NETO, Geneton. **Op. Cit.** O depoimento do jogador Chico relativo a este lance encontra-se na página 145.

unanimidade entre os depoentes. E isto que estamos falando dos próprios jogadores, que estiveram em campo e que participaram do mesmo processo de expectativa e derrota. De semelhante modo, podemos pensar nos milhares de torcedores que assistiram à partida e que, anos depois, comparavam suas impressões acerca de um acontecimento que, diante de todos, se desenrolara da mesma forma. Este, com efeito, é o motivo de abertura do livro de Paulo Perdigão, ainda em seu capítulo introdutório, valendo-se das memórias e relatos de Carlos Heitor Cony.

“Deixei de acreditar em Deus – revelou-me o escritor Carlos Heitor Cony – no dia em que vi o Brasil perder a Copa do Mundo no Maracanã”. E explicou que não era porque tínhamos sido derrotados: “Duzentas mil pessoas viram quando Ghiggia fez o segundo gol do Uruguai. Foi um lance claríssimo, sem qualquer confusão que pudesse suscitar dúvidas: havia apenas Ghiggia, Bigode, Juvenal, Barbosa. Pois bem: depois do jogo, não encontrei uma só pessoa que descrevesse aquele lance da mesma maneira. Então, como acreditar na versão de meia dúzia de apóstolos, os poucos que viram Cristo ressuscitar, meio na penumbra, num local ermo e obscuro?”<sup>458</sup>

O fato é que, diante da ausência de uma filmagem consistente da partida entre Brasil e Uruguai, a produção da memória acerca daquele momento especial da História esportiva brasileira em muito ficou na dependência das coisas que foram escritas e reescritas pela imprensa brasileira. Com efeito, uma série de fatores parece se conjugar para fazer dos jornais e revistas o grande depositário da memória brasileira sobre o IV Campeonato Mundial de Futebol, uma vez que a já comentada lacuna existente é preenchida pelas fotos da partida e, especialmente, pelos textos jornalísticos a ela referentes, dos quais já trouxemos diversos exemplos ao longo deste trabalho.

Contudo, a existência desta memória específica que encontra nos periódicos uma fundamental fonte de manutenção, se reproduz de tempos em tempos, a cada vez que um desejo de caráter extremamente humano se materializa através do futebol: a vingança. A cada vez que se defrontam as camisas canarinho e celeste, é raro não haver por parte da imprensa brasileira alguma menção, por menor que seja, à derrota de 1950, ao gol de Ghiggia, ao “frango de Barbosa” ou algum outro tópico que remeta diretamente a lembrança daquela partida, como se houvesse uma espécie de necessidade em vingar àquela frustração a cada novo encontro entre os dois selecionados. Porém,

---

<sup>458</sup> PERDIGÃO, Paulo. **Op. Cit.**, p 15.

alguns momentos, devido à visibilidade que possuíram, proporcionaram um discurso fortemente marcado pela idéia de que aquela era a oportunidade ideal para vingar o futebol brasileiro maculado por Obdulio e seus comandados.

Resolvemos selecionar aqui dois destes momentos, a fim de termos uma idéia de como “os fantasmas de 1950” são periodicamente retomados pela imprensa escrita. São eles a semifinal envolvendo brasileiros e uruguaios no mundial de 1970, partida que marcou o primeiro encontro das duas seleções por uma Copa do Mundo após o mundial disputado no Brasil e, em segundo lugar, a final do “Torneio Mundialito”, acontecido em Montevidéu no inicio de 1981, quando, transcorridas pouco mais de três décadas, as duas seleções voltaram e enfrentar-se em uma partida decisiva válida por um torneio internacional. Nestes dois momentos específicos, o discurso da necessidade de vingar os acontecimentos do Maracanã se fizeram presentes de maneira ostensiva, porém inseridos dentro de seu contexto histórico, possibilitando o estabelecimento de paralelos que extravasam o aspecto meramente esportivo. Contudo, não nos limitaremos aqui a estes dois momentos, uma vez que o rememorar daquela derrota sequer limita-se aos momentos em que as duas seleções se encontram nos gramados esportivos. Assim, após o Brasil ser eliminado do mundial de 1954 na primeira fase, sem haver enfrentado o Uruguai, se retomaram muitas das argumentações já oferecidas quatro anos antes, ao mesmo tempo em que a própria imprensa européia valia-se de leituras que podem muito bem remontar a um período ainda mais distante, como o mundial de 1938.

Se estes “fantasmas de 50” vêm à tona quando de embates ante o selecionado celeste ou após derrotas expressivas, como explicar seu aparecimento na imprensa em momentos onde não haveria maiores motivos para que uma derrota fosse relembrada? Um ano após a conquista do tri-campeonato mundial no México, a revista Manchete colocaria o assunto novamente em pauta, estando o futebol brasileiro não apenas sob os efeitos da conquista definitiva da taça perdida no Rio de Janeiro, mas também adentrando em uma nova fase, onde, pela primeira vez, organizava-se oficialmente um campeonato nacional de clubes. Quinze anos mais tarde, às vésperas de um novo campeonato mundial no México, a mesma revista recoloca o assunto em pauta, valendo-se para tanto de entrevistas com o atacante Ademir e o técnico Flávio Costa.

O fato é que 1950 parece haver assumido uma dimensão mítica para o futebol do Brasil, tal qual uma lenda que necessita ser constantemente recontada, permanecendo como elemento integrante de nossa cultura; algo do qual todo brasileiro, ainda que

sequer tenha nascido naquele ano já longínquo, tem conhecimento, ainda que dele não tenha visto mais do que duas ou três fotos, das mais conhecidas.

Talvez esta transformação de uma partida de futebol em algo repleto de outros significados seja resultado da ação simultânea de fatores diversos. Primeiramente, há que se considerar sua dimensão de tragédia – no sentido teatral do termo – onde a soberba seria punida enquanto a valentia e o espírito de luta seriam recompensados com a vitória final. É ainda Perdigão que comenta:

Como toda tragédia, ela se teceu com o fatalismo e a eternidade – sua história parece conduzida por um destino ubíquo e prefixado, permanecerá aquilo que é até o dia final dos tempos: aqueles jogadores brasileiros, naquele dia, diante daquela multidão, perderam a Copa do Mundo para sempre. Nunca mais o Brasil ganhará a Copa de 50. Não há como refazer esse fato construído por práticas livres de um grupo de indivíduos e que, uma vez passado, consolidou-se como pura contingência e faticidade. Quando foi vivido, ninguém, salvo por absurdo poder divinatório, pôde experimentar a dimensão a que cada gesto e movimento iria projetar-se, no futuro: Ghiggia e Schiaffino, por exemplo, muitas vezes disseram que “não sabiam” que aquilo que estavam fazendo – duas simples bolas atiradas a gol – passaria à História como um capítulo de nossa saga mitológica.<sup>459</sup>

A este caráter de tragédia exemplar, há que se lembrar da idéia de um sentimento de comoção nacional como poucas vezes se teria visto no país, talvez comparável somente às mortes de Getúlio Vargas ou de Ayrton Senna<sup>460</sup>. Contudo, há uma diferença significativa, que acrescenta à derrota de 1950 um maior potencial mítico. Ao contrário dos dois outros momentos citados, não há a materialização de um corpo, logo, não há sequer o registro da imagem de um cortejo acompanhado com emoção por todo o Brasil. Em outras palavras, não há o registro visual, ainda que em fotografias, de uma “comoção nacional concentrada”. As imagens da época, ainda que expressando a dor de uma derrota inesperada, centram-se nos jogadores saindo do campo ou mesmo em torcedores e torcedoras nas arquibancadas, com lágrimas nos olhos e/ou expressões abatidas após o revés. Não há o registro da expressão da tristeza na rua, pois aquela não era – como costuma acontecer no futebol – uma tristeza para ser manifestada publicamente. Pelo contrário, como costuma acontecer após qualquer derrota esportiva,

---

<sup>459</sup> **Idem**, p 35.

<sup>460</sup> Ver nota 44.

o mundo da rua, onde ocorrem às manifestações públicas de regozijo, é substituída pelo mundo da casa, local de recolhimento ante as manifestações de alegria do adversário vencedor.

Assim, os relatos sobre este sentimento de comoção nacional apenas podem ser recuperados através do testemunho de quem os vivenciou (e que, por uma lei natural, se constitui em um grupo cada vez menor) ou por aqueles que deixaram alguma espécie de registro escrito, o que confere um caráter especial aos jornais e revistas da época. Esperamos já haver demonstrado, especialmente no capítulo anterior, como a produção de sensações acerca do Mundial de 1950, antes e depois da última partida, obedecia a lógicas diversas, dependendo não somente do local ou veículo do qual se estiver falando, mas muitas vezes dependendo do próprio jornalista que estiver por trás da redação do texto, o que nos permite inclusive a existência de interpretações contrárias dentro de um mesmo jornal. É, em grande parte devido a estes textos, que em sua época encontraram diferentes interpretações acerca do Brasil, e que gozam desde então da perenidade da página escrita, que a idéia de uma tragédia nacional tomou forma, e vem sendo constantemente reproduzida e retrabalhada por aqueles que, por qualquer motivo, voltam sua atenção para os acontecimentos finais do quarto Campeonato Mundial de Futebol.

Há, aqui, porém, um terceiro elemento que deve ser acrescentado ao caráter trágico da derrota e a sua recuperação especialmente através de narrativas. Trata-se de seu aspecto de assunto “vendável”, capaz de atrair a atenção de possíveis compradores para as edições de jornais e revistas ao abordarem este tema. Esta característica acaba por dizer respeito a um traço muito peculiar da natureza humana, qual seja, a curiosidade despertada por assuntos que assumam uma dimensão especialmente épica ou trágica capaz de servir como referencial a um período específico da História. Quem, por exemplo, nunca se sentiu atraído ou curioso a respeito de alguma reportagem a respeito do naufrágio do Titanic, sobre as pessoas soterradas pela lava em Pompéia e Herculano devido à erupção do Vesúvio ou ainda sobre a explosão das primeiras bombas nucleares sobre populações civis em Hiroshima e Nagasaki? Talvez a famosa frase de Nelson Rodrigues, de que a derrota de 1950 em pleno Maracanã teria sido “nossa Hiroshima” possa ser também compreendida através desta óptica. Ela foi apenas um momento de tragédia nacional, mas, também por ter sido alçada à condição de tragédia nacional, ela se permite ser constantemente recontada, afim de que as novas gerações saibam sobre os acontecimentos daquele dia.

Desta forma, as respostas para o questionamento sobre as razões que transformaram o *Maracanazo* em um mito para o futebol brasileiro podem ser diversas. Contudo, o momento em que tal mito passa a ser criado é facilmente identificável: o momento em que o árbitro, Mr. Reader, assinalou o final da partida. A partir de então, muitas das reações da torcida, captadas pelos jornalistas, bem como as explicações por estes encontradas passariam a integrar, de alguma forma, um conjunto de sentidos que, de tempos em tempos, é retomado, engendrando uma imagem coletiva que, diante da ausência de uma imagem total do jogo, acaba por se perpetuar.

Já nos detivemos sobre as narrativas criadas pelos jornais brasileiros antes, durante e logo após a competição. Importa-nos agora, em nosso último momento neste trabalho, vislumbrar algumas pistas sobre a permanência daquela derrota no ideário brasileiro. Para tanto, nos debruçaremos sobre algumas idéias e momentos em que os motivos da derrota ou simplesmente sua lembrança são retomados pela mídia escrita, reavivando sua lembrança entre o público esportivo. Os momentos escolhidos, em que pese serem significativos, são, obviamente, arbitrários, havendo ainda outros que poderiam servir-nos aos mesmos fins. É hora, pois, de ver como 1950 permanecerá “aquilo que é até o final dos tempos”.

\* \* \*

#### *4.1 – A vingança necessária*

A culpa foi de Barbosa; de Bigode; de Juvenal; de todos os negros do Brasil, antes e depois da abolição. Foi de Augusto; de Ademir; e de toda nossa formação Histórica desde que Cabral aqui botou o pé. A culpa foi dos onze; dos reservas; do técnico; dos massagistas; dos torcedores e da imprensa dentro e fora do Maracanã. Durante anos a resposta para a questão do culpado pela derrota de 1950 foi algo que acompanhava as reminiscências daquela tarde. Inúmeras versões foram construídas ao longo do tempo e suscitam ainda hoje, passado mais de meio século, debates entre os aficionados.

Logo, porém, um novo sentimento viria a se juntar à frustração provocada pela derrota: o desejo de vingar a perda do título, fato que, para ocorrer, teria de por necessariamente os mesmos jogadores e/ou os mesmos selecionados frente a frente.

A idéia de vingança aplicada ao futebol talvez seja um dos elementos mais reveladores acerca de seu caráter de “guerra simbólica”. Com efeito, a idéia de provocar a outrem um mesmo mal que sobre nós foi infligido é algo que nos remete à essência

última da definição de um conflito. Recorrendo a estudos acerca do papel das guerras em sociedades tradicionais brasileiras, veremos que, estas possuem, entre outras funções, a de assinalar identidade e memória, relembrando os antepassados mortos em combates anteriores, ao mesmo tempo em que serviria como instrumento de afirmação de identidade diante de um grupo rival. Carlos Fausto, por exemplo, analisando as sociedades indígenas existentes no Brasil antes do descobrimento, ressalta que o alvo imediato das lutas existentes entre tais populações não estava na conquista territorial ou em um butim, mas sim na vingança e captura de inimigos para serem devorados em praça pública.<sup>461</sup> Talvez isto não tenha nada a ver com o futebol ou com nosso tema mais imediato, mas, para usar uma linguagem da antropologia estruturalista, talvez seja bom para pensar.

Sendo o futebol a representação de uma guerra, ele deve, em alguma medida, reproduzir a lógica de tal representação, a fim de que possa ser entendido como tal. Assim como nos conflitos envolvendo as sociedades tradicionais, as “guerras” do futebol costumam proporcionar combates obedecendo a um certo ciclo de tempo, o que fica evidenciado pela organização dos diversos campeonatos dentro dos limites temporais de um calendário. Às rivalidades mais tradicionais, tais quais as que envolvem clubes de uma mesma cidade ou de localidades vizinhas, são comumente destinadas atenções especiais, ocorrendo de forma cíclica dentro de competições determinadas (tais como um Gre-Nal, um Fla-Flu, ou, em uma escala internacional, os encontros entre Brasil e Argentina). A cada novo encontro, os torcedores e os meios de comunicação se encarregam de relembrar partidas anteriores, lances específicos ou vitórias significativas onde um dos lados sobrepujou seu adversário, impondo-lhe um revés que ficaria marcado na história da rivalidade entre os contendores. Tal como nas guerras tribais, cada novo encontro marca não apenas a possibilidade de uma nova vitória, mas também de vingar uma derrota passada, provocando no oponente a sensação de dor e perda semelhante àquela outrora sofrida.

Contudo, como toda operação que envolve a memória, esta também envolve um certo grau de seletividade. Há derrotas e há “Derrotas”. Com efeito, reveses sofridos em partidas amistosas ou válidas pelas fases preliminares de competições menores dificilmente evocarão uma lembrança significativa por um período demasiado longo de tempo, a menos que acompanhadas de algum significado específico. Poucos brasileiros

---

<sup>461</sup> FAUSTO, Carlos. **Os índios antes do Brasil.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p 79.

talvez lembrem em vingar, por exemplo, a derrota para a Noruega por 2X1 na primeira fase do Mundial de 1998. Em outros casos, a lembrança de embates mais recentes tende a substituir os anteriores, cuja lógica de vingança para ambos os lados costuma apresentar certa alternância. Lembremos, neste caso, da vitória brasileira sobre a Itália em 1994, que teria vingado a eliminação no mundial de 1982. Esta, porém, poderia ser entendida, sob a ótica italiana, como uma vingança da final de 1970, que, para os brasileiros, vingaria a eliminação na semi-final de 1938. Assim, a cada novo encontro, esta memória é reativada pelo círculo que envolve o futebol, reforçando sua historicidade e criando uma memória coletiva entre torcedores que possuem mesmo uma vaga noção sobre quem foi Leônidas da Silva ou sequer ouviram falar em Piola.

Há, porém, as “Derrotas”; aquelas que, por motivos diversos, assumem uma dimensão tal que passam a ser sempre relembradas a cada novo encontro, por mais que seja vingada e revingada. Possuindo características específicas, como a ação do imponderável e a dramaticidade, estas “Derrotas” passam a integrar a identidade coletiva de determinado grupo, sendo sempre lembradas e, por conseguinte, recontadas através de narrativas que, com o tempo, acabarão por atingir mesmo futuras gerações que dela apenas saberão por relatos, sem que por isso deixem de pertencer ao seu patrimônio identitário. Assim, todo torcedor alemão, ainda que nascido a partir da década de 1970, tem para si que há um crédito histórico a ser cobrado aos ingleses pela final de 1966, perdida com um gol onde a bola não teria entrado; de semelhante modo, os torcedores ingleses devem lembrar com muito ressentimento de sua eliminação no mundial de 1986, diante da Argentina, quando Diego Maradona marcou um gol com “a mão de Deus”, ou de sua surpreendente derrota em 1950 diante de uma seleção norte-americana composta basicamente por atletas amadores. Partidas onde o imponderável se fez presente, seja através da subversão das próprias regras do jogo, seja através de resultados inesperados, que parecem contrariar toda e qualquer chance de previsibilidade. Para estas “Derrotas”, parece não existir a possibilidade concreta de uma vingança, posto que esta apenas seria possível na medida em que situações semelhantes viessem a se repetir, beneficiando agora o outro lado. Assim, sua importância se desloca da possibilidade de “dar o troco ao adversário”, passando a integrar a memória coletiva daqueles que aguardam por uma improvável revanche. Sobre isto fala-nos Lucia Ferreira:

Instituição nacional e fator de coesão social, o futebol (...) liga-nos a um corpo social amplo, a uma sensação de vivência partilhada pelas gerações que permanece a despeito do tempo decorrido, a despeito da impossibilidade da experiência objetiva dos acontecimentos. De alguma forma, assim como a grande vitória na Copa de 1958, a derrota de 1950 permanece, afigurando-se como uma tragédia que, por ser citada, recontada e revivida, faz parte do repertório de narrativas inscritas em nossa memória e que construíram e continuarão a construir não apenas a instituição futebol brasileiro, mas também a identidade cultural brasileira.<sup>462</sup>

Este constante recontar e reviver da derrota de 1950 parece evocar um estranho fenômeno. Com efeito, muitas já foram às oportunidades em que o Brasil poderia ter-se sentido desforrado pela perda do título dentro do Maracanã. Contudo, a cada novo encontro, há um reativar daquela memória coletiva, principalmente através da ação da imprensa esportiva, que retoma um velho assunto, constituído já em “hábito jornalístico”.<sup>463</sup> Trata-se, em outras palavras, de uma vingança a ser eternamente buscada, mas cuja memória, ativada através de discursos jornalísticos, se reproduz continuamente, marcando gerações para as quais o evento pode assumir um significado próximo do mítico ou lendário, sem, contudo, perder seu valor de elemento integrante de uma cultura esportiva comum.

O curioso é que os principais interessados – os jogadores – não deixaram em seus depoimentos registros de uma possível vingança em 1981 ou, com mais peso, em 1970. Em “Dossiê 50”, de Geneton Neto, apenas cinco dos doze entrevistados fazem algum tipo de referência a tal sentimento. Barbosa e Friaça consideram o momento da vingança uma partida comemorativa, disputada no Estádio Centenário, em Montevidéu, nove meses após a realização da Copa do Mundo. Na ocasião, o Vasco da Gama, base da seleção brasileira, venceu o Peñarol, base da seleção uruguaia, pelo placar de 3X0. Também o zagueiro Augusto considera este o momento de sua desforra, embora acrescente: “aquilo me lavou a alma um pouco. Mas não lavou tudo não. Eu seria falso se dissesse que a vitória do Vasco no Uruguai me lavou o coração ou que não tenho mágoa. Tenho sim, porque a Copa de 50 significava, para mim, a última chance de ser

---

<sup>462</sup> FERREIRA, Lucia M. A. As práticas discursivas e os (im)previsíveis caminhos da memória. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contracapa, 2005, p 106.

<sup>463</sup> Ver nota 13.

campeão do mundo”.<sup>464</sup> Bauer, por sua vez, considera “o momento da vingança” a partida entre brasileiros e uruguaios, válida pelo torneiro pan-americano de 1952 – o primeiro encontro entre as duas seleções após a final do Maracanã, partida que os brasileiros voltaram a vencer, pelo placar de 4X2. Segundo o depoimento de Bauer, a vitória foi “limpa e bonita”.<sup>465</sup> Já Mario Filho, a respeito da mesma partida, nos deixou outro tipo de relato, ressaltando o caráter de ajuste de contas impingido àquele momento.

E o Brasil ganhou em tudo: no futebol, no pontapé, no safanão, no bofete. Baixara sobre Ely do Amparo o espírito do Grande Capitão. Era um preto que fazia questão de mostrar que preto não fugia da raia. Exagerando um pouco para vingar Barbosa e Bigode (...).

No primeiro bafafá, Ely do Amparo meteu a mão em Obdúlio Varela. Obdúlio Varela, diante da fúria de Ely do Amparo, recuando, quase não reagindo, indagando apenas:

- *Que es esto?*

Bigode estava no banco dos reservas. Não resistiu: também entrou em campo para dar em Obdúlio Varela (...).

O placar estava de quatro a um, faltava apenas um minuto para acabar o jogo. Mário Américo esticava um dedo, lá longe, para mostrar que o jogo ia acabar num minuto. Foi quando Nilton Santos viu dando sopa, perto dele, o autor do gol da vitória uruguaia em 50: Gigghia.

Podia tomar-lhe a bola, dar-lhe um drible, fazer o que sempre fazia, fingir que ia para um lado e ir para outro. Não fez nada disso: encheu o pé para chutar Gigghia.

Era pênalti. Nilton Santos nem se preocupou. Quatro a um ou quatro a dois, que diferença fazia? Mas chutara Gigghia. Os fantasmas uruguaios não iam mais atormentar as meia-noites do futebol brasileiro.<sup>466</sup>

Parece-nos, possível, desta forma, falar em dois tipos diferentes de vingança. Há, em primeiro lugar, a vingança pessoal daqueles que jogaram aquela partida, e que tinham bem presente o fato de que um novo encontro entre os dois selecionados, envolvendo os mesmos grupos em uma situação semelhante, era algo no mínimo improvável. Talvez por isto Jair, o quinto jogador a fazer referência a tal fato no livro de Geneton Neto, afirme: “Não existe vingança para derrota em futebol. Se existisse

<sup>464</sup> MORAES NETO, Geneton. **Op. Cit.**, p 57.

<sup>465</sup> **Idem**, p 77.

<sup>466</sup> RODRIGUES FILHO, Mário. **Op. Cit.**, p 302-3.

vingança, o futebol iria virar guerra. Quando o Brasil ganhou do Uruguai na Copa de 70, não me senti de peito lavado. Só me sentiria se eu fosse campeão do mundo. Mas não fui”.<sup>467</sup> Há, porém, a dimensão daqueles que não entram nos gramados profissionais, os que não são “representantes da nação” mas sim representados pelos seus selecionados. Para estes, o que permanece é o simbólico (a camisa do clube, da seleção, a coletividade que está identificada a um distintivo, um conjunto de cores ou uma bandeira), pouco importando que os jogadores em um novo encontro sejam os mesmos dos sucessos ou fracassos anteriores. Neste sentido, tanto para torcedores quanto para a imprensa, as desforras possuem um prazo maior de validade, atingindo, no limite, o próprio tempo de duração da memória, seja ele qual for.

Boa para pensar, a analogia entre o futebol e a guerra permite, por fim, algumas elucubrações a respeito do papel de cada parte dentro desta construção de uma memória. Diferentemente do que costuma acontecer nos campos de batalha, afastados das sociedades representadas por seus guerreiros ou soldados, a batalha do futebol acontece diante dos olhos dos torcedores – neste caso, os representados por seus “combatentes” nos campos. Desta forma, mais do que às guerras antigas ou modernas, o futebol lembra em muito a estrutura das antigas arenas de gladiadores, onde a luta poderia ou não ser conduzida até a morte final do oponente. Todavia, a morte, substituída agora pela figura da derrota, acontece ante dos olhos da coletividade, obedecendo a um ritual (o apito final, as entrevistas, as chacotas entre torcedores rivais) tal qual ocorria com os chefes antropofagizados nos distantes tempos da colônia. Se isto não significa que a força e a coragem do guerreiro rival será absorvida através da vitória, por outro lado temos uma negação da força do rival, suplantada momentaneamente até que um novo encontro seja verificado.

Contudo, rico em seus significados, o Mundial de 1950 nos fornece até mesmo uma exceção a esta leitura, acabando por aproximar as figuras do futebol e da guerra através de um ritual de canibalização. Não se trata, é evidente, de jogadores ou torcedores devorando-se mutuamente pelos gramados e arquibancadas de algum estádio. Antes, aconteceu entre amigos, treze anos após a vitória uruguaia, no recôndito do lar do goleiro Moacir Barbosa, e é assim descrito por Hilário Franco Jr.:

Um evento de alta significação antropológica ocorreu em 1963, na casa de Barbosa. O ex-goleiro convidou amigos para um churrasco cujo fogo era

---

<sup>467</sup> MORAES NETO, Geneton. **Op. Cit.**, p 132.

alimentado pelas velhas traves de madeira do Maracanã. O jornalista Roberto Muylaert, que relata o fato, interpreta-o como “liturgia de purificação”. É possível, porém lembra mais canibalismo, embora o próprio goleiro diga a Muylaert que somente anos depois pensou que “aquele contrafilé bem temperado com molho de vinagre e cebola que comi poderia simbolizar a perna do Ghiggia”. Não se pode esquecer que canibalismo é ato sempre ritual, mesmo quando é real, e real mesmo quando é imaginário. Por meio dele pretende-se vingar os membros do próprio grupo que foram devorados por outro, ou incorporar as virtudes do inimigo derrotado que mostrou coragem e habilidade, ou ambas as coisas. Na guerra do futebol, a vitória sobre rivais tradicionais é tão comemorada justamente porque preenche as duas condições. É vingança de derrotas anteriores e exaltação da força do próprio grupo vencedor, que superou inimigo reconhecido como poderoso. No episódio do churrasco de Barbosa houve inversão dos papéis, sem anulação do sentido do rito: inconscientemente, o perdedor esperava absorver as glórias que o destino reservara ao adversário.<sup>468</sup>

Nem todos, porém, teriam a oportunidade de antropofagizar os adversários, ainda que simbolicamente. Restaria, portanto, esperar que, no momento oportuno de um novo embate, a sorte que se mostrara arisca ao Brasil lhe alcançasse a mão. Por vezes, os fantasmas de 1950 se fariam presentes quando a camisa celeste sobre um calção preto aparecesse no campo adversário. Outras vezes, sequer isto era necessário, uma vez que os brasileiros já possuíam outros fantasmas, com os quais tinham de conviver.

\* \* \*

A idéia de que uma desforra para 1950 possuiria dimensões diferentes para jogadores e torcedores é mais um dos elementos integrantes do conjunto de razões que nos levam a constante lembrança daquela partida, em momentos diversos da História de nosso futebol. Ao mesmo tempo, as explicações fornecidas pelos jornais, retomando os antigos argumentos, que buscavam respostas para o fracasso em nossa formação histórica ganharam uma força capaz de perpetuá-los não apenas para a edição seguinte da competição, mas também para o período de preparação da Copa de 1958, quando muitas dúvidas ainda pairavam sobre a torcida brasileira, acerca das reais possibilidades de nosso selecionado. O resultado prático mais visível da derrota brasileira estaria, no

---

<sup>468</sup> FRANCO JR. Hilário. **Op. Cit.**, p 255.

entanto, no abandono das cores utilizadas naquela partida, com a consequente criação de um novo uniforme.

Desde sua primeira apresentação, em 1914, o uniforme da seleção brasileira de futebol oscilava entre variações de camisa azul ou branca com calções igualmente azuis ou brancos, sendo as meias azuis, brancas ou pretas. Algumas vezes, a camisa branca apresentava detalhes em azul ou verde e amarelo nas mangas ou na altura do peito. Em 1916, uma camisa em verde e amarelo apareceria pela primeira vez, em uma combinação de listras verticais, com calções brancos e meias verdes e, em 1917, chegou-se a utilizar uma camisa vermelha, com calções brancos e meias pretas.<sup>469</sup>

O uniforme utilizado em 1950 não fugiu ao padrão. Camisa, calções e meias em branco com detalhes em azul. Nada do verde-e-amarelo sempre associado à bandeira nacional. Pois esta “falta das cores pátrias” acabou também sendo interpretado como uma das motivações – ainda que menores – para o fracasso. Segundo Alex Bellos, o uniforme totalmente alvo teria sido considerado insuficientemente nacionalista, sendo que o jornal carioca *Correio da Manhã* o classificaria como ausente de “simbolismo moral e psicológico”.<sup>470</sup>

Perceba-se que, de certa forma, as mesmas deficiências que foram atribuídas aos jogadores, recaíram também sobre o próprio vestuário que utilizavam na partida. Embora naquele momento não fosse algo comum encontrar algum torcedor nas arquibancadas ostentando a camisa do selecionado, parece já existir a idéia de que aquele conjunto de camisas é, muito mais do que um simples terno esportivo, um símbolo nacional; e, como tal, espera-se que este transmita sentimentos positivos, identificando-o como respeitável em qualquer lugar do mundo.

O fato é que durante 36 anos, ninguém havia constatado que o uniforme branco carecia de virtudes. Com ele (e com suas variações) foram disputados quatro mundiais, sendo conquistado um terceiro lugar e, agora, um vice-campeonato. Também neste período foram conquistadas três edições da Copa América (1919; 1922 e 1949), além de outros cinco vice-campeonatos nesta mesma competição (1921; 1925; 1937; 1945 e 1946). Agora, porém, o tamanho da derrota exigia que um novo uniforme fosse criado. Para tanto, o mesmo *Correio da Manhã*, com apoio da Confederação Brasileira de Desportos, lançava um concurso de abrangência nacional, onde um novo uniforme

<sup>469</sup> É possível ter uma idéia da evolução histórica dos uniformes da seleção brasileira, através do site da CBF: <http://www.cbf.com.br/uniformes/>. Acesso em: 29/11/2008.

<sup>470</sup> BELLOS, Alex. *Op. Cit.*, p 62.

deveria ser projetado utilizando todas as quatro cores da bandeira nacional.<sup>471</sup> O concurso foi ganho por um gaúcho, Aldyr Garcia Schlee, natural de Jaguarão e torcedor da seleção... uruguaia!

O caso da “troca do uniforme” nos serve como mais um exemplo extraordinário daquilo que podemos chamar de “o poder midiático de produzir sensações” aplicado diretamente ao futebol e, em específico, aos resultados do mundial de 1950. Com efeito, ao atribuir um conjunto de significados negativos ao velho uniforme branco, ao mesmo tempo em que propunha a criação de um novo modelo, o jornal carioca nada mais fazia do que capitaneiar uma campanha que, ao cabo, divulgaria também sua marca. A situação toda se torna ainda mais espantosa se tivermos em mente que estamos falando daquilo que viria a ficar conhecido como um dos maiores símbolos brasileiros do período contemporâneo. Algo como se nos dias atuais alguma grande rede de telecomunicações propusesse uma alteração radical no hino ou na bandeira brasileira.<sup>472</sup>

Voltando ao concurso patrocinado pelo *Correio da Manhã*, seu regulamento previa que o projeto vencedor seria utilizado pela seleção brasileira no mundial de 1954. De fato, aquele foi o primeiro torneio desta magnitude onde o “uniforme canarinho” foi utilizado. O resultado: uma vitória sobre o México por 5X0; um empate em 1X1 com a Iugoslávia e uma derrota para a Hungria pelo placar de 4X2. E ninguém, após o último jogo, lembraria de classificar o novo uniforme como carente de “simbolismo moral ou psicológico”. Porém, se o novo uniforme ficou, desta vez, isento de culpas, os novos jogadores não se livraram assim tão facilmente.

O grupo de 1954 era fruto de uma grande reformulação. Dos onze titulares da última partida de 1950, apenas o meio-campista Bauer permanecia. Se recordarmos aqui que o grupo brasileiro possuía uma certa homogeneidade etária, teremos que muitos dos outros dez atletas continuavam na ativa, com relativo destaque em seus clubes. O novo grupo, contudo, não escapou das velhas interpretações acerca dos brasileiros, que praticamente nos colocavam em pé de igualdade com o antigo uniforme branco. Ainda em março daquele ano – a três meses de iniciar-se o novo mundial, portanto – o mesmo Cid Pinheiro Cabral, que cobrira o mundial no Brasil para o *Correio do Povo*, retomava

---

<sup>471</sup> **Idem**, p 62-3.

<sup>472</sup> A situação, contudo, pode não ser tão hipotética assim. Lembro que, há alguns anos, o jornalista esportivo Luciano do Vale tentava alavancar uma campanha, através da Rede Bandeirantes de televisão, para que o lema da bandeira brasileira fosse alterado para “amor, ordem e progresso”. Em 2004, o senador Eduardo Suplicy e o deputado Chico Alencar retomaram a idéia, apresentando projeto no mesmo sentido.

as lembranças de quatro anos antes, estabelecendo um diagnóstico duro do que, ao seu ver, seria a grande deficiência da nova seleção brasileira.

Enfim, nunca – em várias campanhas em que estivemos com o “onze” brasileiro – regressamos aos penates com o otimismo a flor dos lábios. Isso porque, sempre e até mesmo onde a vitória se traduziu pela mais absoluta superioridade dos nossos, sentíamos que faltava alguma coisa. Uns traduziam essa “coisa” por falta de moral, outros por falta de senso de responsabilidade; nós, tantas vezes a sentimos e analisamos, que acabamos chegando a uma definição, talvez um tanto crua, mas em nosso entender a única que espelhava as dolorosas realidades que gravávamos na retina: falta de vergonha.<sup>473</sup>

O primeiro ponto que nos chama a atenção nas considerações do jornalista diz respeito à “falta de otimismo”, algo que seria uma consequência direta da derrota de quatro anos antes. Ainda que este sentimento, em sua forma positiva, não fosse uma unanimidade nos momentos anteriores, vimos como aumentava de forma contagiente nas páginas da imprensa escrita com a proximidade do título. Contudo, a julgar pelas palavras de Cabral, o sentimento de frustração parece haver provocado uma desconfiança capaz de se reavivar novamente, ainda mais que agora a disputa seria em terras européias, longe da torcida brasileira.

Outro aspecto interessante desta curta matéria pode ser deduzido pelo silêncio quanto aos elogios traçados pelos principais jornalistas estrangeiros que estiveram presentes ao Maracanã. Com efeito, as perspectivas apontadas por jornalistas como Eskenazi ou Meisl parecem não haver surtido maior efeito aos corações e mentes brasileiros, que se mostraram mais suscetíveis aos discursos do fracasso e de possíveis deficiências de caráter. De nada teria adiantado assim construir um estádio de proporções gigantescas ou mostrar o que os especialistas estrangeiros consideraram “o melhor futebol do mundo”. Internamente, continuávamos nos achando Jecas e Macunaímas, tremendo diante de estrangeiros que estariam, invariavelmente, sempre um passo, ao menos, adiante de nós.

E como definir esta “falta de vergonha” apontada pelo cronista? Falta de empenho? Falta de “amor à camiseta”? Falta de profissionalismo? A expressão pode abranger simultaneamente todas estas características, encontradas já como respostas para a frustração de quatro anos antes. Contudo, são também sintomáticas as outras

---

<sup>473</sup> Correio do Povo, 10 de março de 1954, p 7.

expressões que, segundo Cabral, seriam utilizadas por outras pessoas a fim de definir esta “coisa” que faltaria ao futebol brasileiro a fim de atingir um outro patamar de qualidade. Com efeito, “falta de moral” e “falta de senso de responsabilidade” podem muito bem ser consideradas expressões que, uma vez deslocadas deste universo futebolístico, iriam ao encontro das antigas interpretações acerca do Brasil e de sua gente, sendo neste sentido “Retrato do Brasil” um dos exemplos mais notórios, ao evocar a lascividade de nossos habitantes já a partir do período colonial, bem como um grande descomprometimento com o futuro desta terra.

Esta relação entre um estereótipo aplicado à determinada população e sua forma de jogar futebol talvez seja algo muito mais comum do que imaginamos. Segundo Arlei Damo, já em 1938, por ocasião do terceiro Campeonato Mundial de Futebol, disputado em solo francês, os atletas brasileiros, a par de serem elogiados pela imprensa local pela sua técnica, foram considerados como “indolentes, indisciplinados, incapazes de atuar coletivamente” ou de “discernir as táticas do adversário”. Os motivos para isto estariam nos trópicos, na selva ou mesmo na liberalidade dos costumes atribuídos a um grupo de jogadores percebido como exótico.<sup>474</sup> A julgar pelas palavras de Richard Giulianotti, seis décadas não foram suficientes para que este pensamento arrefecesse entre parte dos responsáveis pelo futebol no “primeiro mundo”:

Os jogadores negros tendem a ser “empilhados” nessas posições periféricas, devido às crenças raciais dos técnicos de que eles não possuem a capacidade de tomar decisões nem a consistência dos jogadores brancos, embora sua velocidade e seu estilo imprevisível sejam essenciais nas pontas. Dessa forma, os técnicos de futebol e a mídia tendem a concluir que os jogadores negros possuem qualidades erráticas (“habilidade natural”), enquanto os jogadores brancos têm habilidades mais controladas (“trabalho duro” ou “dedicação”. Os jogadores africanos são vistos como “mágicos” e “irracionais” no Ocidente; os clubes europeus os importam para trazer algo de “imprevisível”, um toque de “exotismo”, para quebrar as defesas organizadas cientificamente dos ocidentais.<sup>475</sup>

O que nos interessa apontar aqui é que justamente a negação deste caráter de exotismo era uma das maiores preocupações da imprensa brasileira diante do mundial de 1950, bem como uma das motivações para que as cidades com condições materiais

---

<sup>474</sup> DAMO, Arlei. **Op. Cit.** (2006), p 54.

<sup>475</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Op. Cit.**, p 206.

de receber alguma partida viessem efetivamente a se tornarem sedes da competição. Após dois vice-campeonatos e cinco conquistas efetivas, parece que pouco mudou em relação à óptica do atleta estrangeiro e/ou negro (seja ele africano ou sul-americano) em terras européias.

Se a vitória final em 1950 era algo que efetivamente mudaria a percepção do mundo acerca do Brasil é algo que não nos compete aqui determinar (embora nossa razão nos obrigue a considerar que não mudaria em nada). O que nos compete é perceber como os traços apontados por Damo para 1938 e por Julianotti para o final do século XX perpassaram a Copa de 1950, mostrando uma continuidade ao longo do tempo. Assim, ao longo da realização do mundial da Suíça, o *Correio do Povo* apresentou a seguinte notícia, acerca da óptica de um jornal helvético a respeito do selecionado brasileiro:

O correspondente especial do “Diário Carioca” na Suíça transmitiu a seguinte notícia: “A equipe brasileira foi classificada em último lugar quanto ao moral de seus integrantes num confronto de possibilidades entre dezesseis participantes da Copa do Mundo, feito pelo jornal “Semaine Sportive”. Essa publicação suíça atribuiu aquela baixa cotação de nossos homens à inferioridade da raça, o que mereceu veemente protesto do ministro João Lira, chefe da delegação brasileira.

Entretanto, quanto ao valor individual de nossos atletas, titulares e suplentes, “Semaine Sportive” atribui ao Brasil o primeiro lugar no terreno da técnica. Acima de qualquer dos demais participantes do magno certame que hoje se iniciou. No cômputo geral das possibilidades o mesmo jornal deixa ao Brasil o segundo lugar, colocando em primeiro a Hungria, favorito europeu. Isso em consequência da “inferioridade racial” e a despeito da “técnica apurada”...<sup>476</sup>

Contudo, o mesmo chefe de delegação que protestaria contra a matéria do jornal suíço, elaboraria, ao fim da breve participação brasileira naquele torneio, um relatório endereçado à Confederação Brasileira de Desportos, atribuindo o novo insucesso a uma série de motivos que não mais fizeram do que reproduzir os mesmos estereótipos existentes na reportagem criticada.<sup>477</sup> É aqui que os fantasmas de 1950 começam a atuar: as explicações que atribuíam o insucesso às características de nossa formação racial continuavam a se reproduzir quatro anos mais tarde, sendo reforçadas pela

---

<sup>476</sup> *Correio do Povo*, 17 de junho de 1954, p 13.

<sup>477</sup> Ver nota 339.

perspectiva estrangeira que via o brasileiro como o fruto de um meio exótico e selvagem.

As conseqüências do exotismo, no entanto, pareciam não ser os únicos problemas atribuídos à seleção brasileira, a julgar por declarações atribuídas ao técnico Zezé Moreira.

Um matutino atribui as seguintes declarações a Zezé Moreira, na Suíça: “Parece, também, que a nostalgia está influindo sobre alguns de nossos jogadores. E, é lógico que sem o relaxamento de espírito indispensável, sentirá, a equipe, um declínio de produção. Mas, de qualquer maneira, o resultado foi satisfatório. Serviu, por exemplo, para que atentássemos contra tais detalhes. Sentimos, agora, a necessidade de um novo trabalho psicológico que será feito imediatamente para recolocar as coisas em seus devidos lugares. Estamos em uma fase em que não poderá haver o menor descuido: quer no treinamento, quer no estado de espírito dos jogadores para os próximos treinos. Por exemplo, exigirei mais “garra”, mais “movimentação”, mais combatividade dos jogadores.”<sup>478</sup>

Talvez o traço mais significativo desta reportagem não esteja propriamente em seu texto, mas na data de sua publicação. Quando este texto foi oferecido aos leitores do *Correio do Povo*, faltavam ainda doze dias para que o Brasil fizesse sua partida de estréia naquele mundial. Assim, faltando praticamente duas semanas para que o motivo maior da viagem até a Suíça tivesse seu início, já os jogadores estariam sofrendo com a distância do lar, da terra natal, etc., em uma melancolia digna dos personagens de Monteiro Lobato ou de Mário de Andrade. A intensidade mesmo de tal sentimento faria com que o jogador brasileiro se tornasse praticamente inadequado para o tipo de competição que se apresentava, a par da pretensa técnica que lhe era atribuída. Ao mesmo tempo, assim como quatro anos antes, haveria a necessidade de um “trabalho psicológico” junto ao grupo de jogadores, a fim de suplantar este espírito nostálgico e a ausência de relaxamento que poderiam vir a atrapalhar o desempenho do selecionado nesta nova competição. E assim como quatro anos antes, cobrava-se dos jogadores brasileiros uma série de qualidades (garra, combatividade) que não necessariamente estariam atreladas ao caráter alegremente irresponsável era atribuído ao seu futebol.

---

<sup>478</sup> *Correio do Povo*, 04 de junho de 1954, p 10.

A reprodução das situações de quatro anos antes continuaria após a vitória na partida inicial, quando o México foi superado pelo marcador de 5X0. Ainda conforme o *Correio do Povo*, notícias oriundas do Rio de Janeiro davam conta de que, após o resultado favorável da estréia, as esposas dos jogadores começavam a tratar dos passaportes a fim de embarcarem para a Europa, onde, às custas da CBD, excursionariam pelo continente junto com seus maridos como premiação pela conquista do título mundial. A par da veracidade ou não de tal informação, nos interessa aqui apontar para a reação do periódico, que relembra os acontecimentos de quatro anos antes, tomando a História como mestra de vida a fim de que erros semelhantes fossem agora evitados.

Essa notícia nos chega por telegrama do Rio e nos transporta para 1950. Ali, também, após o jogo com o mesmíssimo México de quarta-feira passada, se falava num “bicho monstro” que somava, a bico de pena, uns 150.000 cruzeiros. E, na primeira folga, já alguns jogadores começavam a gastar por conta, inclusive o nosso patrício Juvenal, que comprava fina jóia para dar de presente à sua companheira. Depois apareceram os fantasmas, vestidos de Obdulio Varela, Gambeta, Schiaffino, etc., e foi aquela correria...<sup>479</sup>

Embora muito da mitificação em torno do *Maracanazo* possa ser atribuído à sua característica de assunto midiático (mas não só a isto, evidentemente), há nesta matéria mais uma dimensão relativa àquela partida que a tornaria para sempre lembrada: seu caráter de lição. A lição de não subestimar um oponente, de não considerar a vitória assegurada antes do fim de uma batalha; enfim, a lição da humildade. Seríamos desta maneira ao mesmo tempo altivos diante das primeiras vitórias, mas, em um segundo momento, tomados pela euforia de conquistas ainda não materializadas, poríamos tudo a perder devido à prepotência, característica nossa que, pelo visto, nem uma lição histórica seria capaz de apagar.

Perceba-se também que, já neste momento, os jogadores uruguaios são tratados por “fantasmas”. Em nenhum momento, esteve certo que o Brasil enfrentaria o Uruguai nesta competição (o Uruguai participou e fez uma bela campanha, chegando até as semi-finais), todavia, não somente a derrota, mas os próprios adversários passam a ser lembrados sem que necessariamente as duas seleções tenham de se enfrentar. Fica evidente, desta forma, que as “desforras” já obtidas pelos jogadores de quatro anos

---

<sup>479</sup> *Correio do Povo*, 19 de junho de 1954, p 11.

atrás, fosse no amistoso entre Vasco e Peñarol, fosse no sul-americano de 1952, não foram assim entendidos pela imprensa e – quiçá, pela torcida.

Como vimos, o novo insucesso frente aos húngaros serviria para reacender em muitos espíritos a idéia de constituiríamos um povo naturalmente fraco sob o ponto de vista moral, o que nos tornaria de certo modo incapacitados para competições (não apenas esportivas) com outros países. A própria circunstância em que esta nova eliminação se deu acabaria por reforçar ainda mais tal perspectiva. Com efeito, a derrota ante os magiares ficaria conhecida como a “Batalha de Berna”; uma partida marcada por lances de extrema deslealdade, onde a pancadaria continuou após o jogo e a caminho dos vestiários. Para ter uma idéia, o próprio técnico Zezé Moreira acertou com o solado de uma chuteira o rosto do vice-ministro húngaro dos esportes. Até a imprensa brasileira participou da rixa.<sup>480</sup> Após o jogo, o técnico brasileiro ainda argumentaria para a imprensa que os fatos acontecidos se deviam a um resultado “criado pelo juiz”, ao mesmo tempo em que demonstravam a fibra dos jogadores brasileiros.<sup>481</sup> Esta, contudo parecia não ser a leitura efetuada pelos periódicos brasileiros.

Terminou para o Brasil essa esperada “Copa do Mundo”, que há tanto tempo vinha sendo objeto de cogitações e comentários nas rodas esportivas do país. Fomos para a Suíça grandemente esperançosos de que a chance, que nos faltara em 1950, bafejasse desta vez as nossas cores, embora tivéssemos que lutar, na Europa, com condições adversas, provenientes do clima, da alimentação e do piso dos estádios. Apesar disso, levávamos uma confiança enorme, pois parecia impossível que a má sorte continuasse a nos perseguir, como já ocorreu em 1938, contra a Itália, em Marselha, e há quatro anos passados, em pleno Maracanã (...). Fomos, assim, afastados do certame, por 7 ou 8 minutos de atuação medíocre, imprecisa, talvez traídos pelos nervos e pela enorme responsabilidade da cartada (...). Faltou-nos, portanto, serenidade, nada mais que serenidade, para que pudéssemos mostrar aos “mestres magiares” que aqui no Brasil um selecionado organizado à base de gente nova (muito poucas sobraram do team de 1950) poderia, pelas suas aptidões próprias, cortar a serie impressionante de vitórias que vem escrevendo nos campos do velho mundo.<sup>482</sup>

<sup>480</sup> RODRIGUES FILHO, Mário. **Op. Cit.**, p 312-3.

<sup>481</sup> *Correio do Povo*, 29 de junho de 1954, p 16.

<sup>482</sup> *Folha da Tarde Esportiva*, 28 de junho de 1954, p 4.

Assim como quatro anos antes, voltávamos agora a mostrar, dentro das quatro linhas de um campo de futebol, que éramos de um espírito instável para os momentos decisivos, a ponto de colocar a perder uma demorada preparação em poucos minutos. Voltávamos a enfrentar, de certa forma, nossa própria formação histórica. E voltávamos a perder. Contra isto não adiantava a união de esperanças individuais nem trabalho psicológico. E muito menos trocar a cor da camisa

\* \* \*

Quatro anos mais tarde, uma jovem seleção brasileira conseguiria, pela primeira vez, conquistar o tão ambicionado título de campeão mundial de futebol. Tendo saído desacreditada do Brasil, a nova representação acabou o torneio com cinco vitórias e um empate, tendo suplantado, entre outros, a temível União Soviética (a quem se atribuía uma forma “científica” de jogar futebol); a França (sempre uma referência em termos de “primeiro mundo”) e, por fim, os suecos, anfitriões da competição.

No dia 31 de maio daquele ano, a revista Manchete Esportiva publicava o famoso texto de Nelson Rodrigues, em que o dramaturgo expunha sua teoria acerca do “complexo de vira-latas”.

(...) Eis a verdade, amigos: - desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2X1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse “arrancou” como poderia dizer: - “extraiu” de nós o título como se fosse um dente (...).

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: - e perdemos da maneira mais abjeta. Por um

motivo simples: - porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos.<sup>483</sup>

Nelson Rodrigues continua sendo uma das melhores personificações acerca do funcionamento do jornalismo. Era um criador de sensações por excelência. Enxergava mal, a ponto de, no estádio, distinguir apenas vultos que corriam de um lado para outro. Ainda assim, escrevia crônicas esportivas que moldavam a compreensão das pessoas acerca das partidas ocorridas ou de seus personagens, como se tratasse de partidas que apenas ele havia assistido.<sup>484</sup> Com sua percepção de autor teatral, Nelson tinha a perfeita compreensão de que um estádio possui semelhanças a um palco, e que os atores principais são movidos por desejos perfeitamente humanos, afinal, como diz o filósofo Hans Gumbrecht, “no esporte, assim como nas artes dramáticas, tudo é real durante a performance, nada é simples atuação ou fingimento”.<sup>485</sup> Em outras palavras, Nelson fazia a intermediação entre os acontecimentos do esporte das multidões e as próprias multidões, criando sentidos, mas também reforçando outros.

Não é difícil, portanto, estabelecer uma arqueologia da origem da expressão “síndrome de vira-latas”, cunhada pelo jornalista. Com uma família historicamente vinculada à atividade de imprensa, com um irmão (Mário Filho) que, através das páginas do *Jornal dos Sports*, capitaneou a campanha pela construção do Maracanã, e freqüentando assiduamente as partidas realizadas neste estádio, Nelson tinha não somente a noção exata do peso da derrota de 1950 em um futuro imediato, mas também das ligações possíveis entre tal acontecimento e a capacidade do futebol em sintetizar outros setores da vida nacional. Assim, historicamente, foram brasileiros que formularam a perspectiva segundo a qual o modelo maior de nosso desenvolvimento deveria vir dos principais países do ocidente europeu; eram brasileiros os que faziam conferências em francês, para franceses, explanando sobre nossa formação histórica como problema a ser solucionado; eram brasileiros, enfim, que se faziam porta-vozes da própria incerteza quanto ao destino histórico de sua nação. Não contrariavam, assim, a visão eurocêntrica de mundo, pondo-se, “voluntariamente”, em um patamar inferior de civilização. Nelson Rodrigues foi apenas perspicaz em identificar um sentimento antigo

---

<sup>483</sup> RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p 51-2.

<sup>484</sup> Cfe: CASTRO, Ruy. **Op. Cit.** (1992), p 333.

<sup>485</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Op. Cit.**, p 54.

em um resultado esportivo adverso, batizando-o e explicando-o de forma a que todos pudessem entender.

A expressão, porém, parece surgir não para batizar tal sentimento, mas para dar-lhe a extrema-unção. Alguns dias mais tarde, uma geração de jogadores que, em sua maioria, acompanhara a vitória uruguaia das arquibancadas ou ao pé do rádio, levantava o troféu de campeão mundial de futebol, dando ao Brasil a primeira de uma série de conquistas desta magnitude. O feito, em que pese ter sido realizado por outro grupo de jogadores, em outro local e contexto, não foi percebido de forma descolada das frustrações de oito anos antes. Se, às vésperas da competição, Nelson Rodrigues utilizava-se do *Maracanazo* a fim de criar a imagem de que fôramos tratados aos pontapés por Obdulio Varela, agora, a vitória materializava, ainda que tardiamente, uma conquista com o potencial de oferecer um contraponto à idéia de um povo derrotado e inoperante. A síntese desta transformação talvez esteja contida na afirmação, feita pelo narrador da rádio Bandeirantes de São Paulo, presente em Estocolmo, ao término da partida: “O Maracanã acontece na Suécia”.<sup>486</sup> O próprio dramaturgo e jornalista trataria de tentar sepultar agora a figura por ele criada, há cerca de um mês e meio, expressando em suas linhas uma nova sensação a ser experimentada pelo povo brasileiro, como resultado daquela conquista.

Já ninguém tem mais vergonha de sua condição nacional. E as moças na rua, as datilógrafas, as comerciais, as colegiais, andam pelas calçadas com um charme de Joana d’Arc. O povo já não se julga mais um vira-latas. Sim, amigos: - o brasileiro tem de si mesmo uma nova imagem. Ele já se vê na generosa totalidade de suas imensas virtudes pessoais e humanas.

Vejam como tudo mudou. A vitória passará a influir em todas as nossas relações com o mundo. Eu pergunto: - Que éramos nós? Uns humildes (...). diziam de nós que éramos a flor de três raças tristes. A partir do título mundial, começamos a achar que a nossa tristeza é uma piada fracassada. Afirmava-se também que éramos feios. Mentira! Ou, pelo menos, o triunfo embelezou-nos. Na pior das hipóteses, somos uns ex-buchos.<sup>487</sup>

As duas crônicas rodrigueanas operam como um dos exemplos mais contundentes de como a imprensa esportiva trabalha a construção de sensações coletivas. Experiente na escolha de suas personagens e ciente de seu valor simbólico, Nelson Rodrigues opta

<sup>486</sup> Cfe o LP: “A Copa é nossa 70”. São Paulo: Gravadora RCA, 1970.

<sup>487</sup> RODRIGUES, Nelson. **Op. Cit.**, p 60-1.

por aquelas que, sob uma perspectiva tradicional, menos teriam a ver com o universo masculinizado do futebol: as mulheres comuns, do povo, vistas cotidianamente nas ruas, lojas e escolas. Pois mesmo estas seriam de tal maneira afetadas pela vitória, que passariam a ostentar “um charme de Joana d’Arc”, ou seja, um charme francês, de “primeiro mundo”, evitando assim até comparações possíveis com valores nacionais, tais como as vedetes do teatro de revista.

Inserida dentro de seu contexto histórico, a conquista de 1958 pode soar ainda mais significativa. O país vivia na euforia desenvolvimentista dos anos JK, acelerando seu ritmo de urbanização e projetando “a capital do futuro” no centro do país. A idéia de demonstrar desenvolvimento e civilização materializava-se longe dos olhares da imprensa esportiva estrangeira, mas perto o suficiente dos olhos brasileiros para que, dentro de nossas fronteiras, seus efeitos fossem sentidos: as linhas arrojadas da nova capital; os primeiros parques automotivos; o regime democrático (de vida demasiado curta); a música capaz de levar nosso nome e cultura ao restante do mundo... vários eram, enfim, os acontecimentos capazes de simbolizarem a entrada do país em um desejável novo momento de sua história. A estes, a Copa do Mundo de 1958 viria a se somar, integrando o período que posteriormente seria lembrado através de uma série de TV como “os anos dourados”.

Mas, ao contrário do que se poderia imaginar, as conquistas mundiais de 1958 e, posteriormente, de 1962, não foram capazes de borrar a imagem de frustração resultante da derrota diante do Uruguai. Mesmo sendo já bicampeões mundiais de futebol – se igualando aos uruguaios em conquistas – a idéia de que faltava ainda uma vingança à altura permaneceria, como que aguardando outro momento em que o troco pudesse ser dado à altura. Os momentos tidos pelos próprios jogadores de 50 como suficientes para a desforra, não eram por ninguém lembrados. Teria de ser, por excelência, em um campeonato mundial, de preferência em partida decisiva. E a IX edição do torneio, disputada no México, nos daria, enfim, a possibilidade de sepultar os nossos fantasmas celestes.

Assim, ainda que as vitórias máximas no campo futebolístico finalmente se materializassem, contemplando-nos inclusive em um momento onde, política e economicamente vivíamos em um contexto positivo, restava-nos a lembrança de uma frustração que nos marcara profundamente. Ainda que tivéssemos já sido promovidos de “vira-latas” à “ex-buchos” capazes de ostentar um “charme de Joana d’Arc”, faltaria o acertar de contas com aqueles que em um passado recente haviam nos “tratado aos

pontapés". Assim, nada mais natural que, na primeira grande oportunidade que tivéssemos pela frente, a final de 1950 fosse relembrada, integrando boa parte dos discursos produzidos e reforçando a memória coletiva sobre uma partida que insistia em não se restringir a um passado que já remontava há 20 anos.

\* \* \*

#### *4.2 - 1970*

Como toda época, 1970 chegava com seu próprio contexto histórico. Para nossos fins mais imediatos, assinalemos que o Brasil há muito deixara de ser a pátria de um estilo de futebol bonito, porém incapaz de erguer títulos que ultrapassassem as fronteiras de seu continente. A geração de Pelé e Garrincha ganhara os títulos de 1958 e 1962, tornando o Brasil um dos países com o maior número de conquistas até então (duas, junto com Uruguai e Itália). Porém, em 1966, com um time completamente desorganizado, com Pelé sendo literalmente caçado pelos seus marcadores, e tendo Garrincha em franca decadência física – a ponto de ser barrado na terceira partida – o Brasil realizou uma campanha pífia, perdendo pela primeira vez duas partidas em uma mesma Copa do Mundo. Assim, apresentando um grupo basicamente renovado, o selecionado deixara o Brasil rumo ao México sob a desconfiança da torcida, tendo da geração vencedora o comando de Pelé no ataque e de Zagalo na comissão técnica – este, em substituição ao comunista João Saldanha.

Quanto ao Uruguai, a situação não era muito diversa. Após a conquista de 1950, a “Celeste Olímpica” tivera apenas mais uma boa campanha, em 1954, quando conhecera nas semi-finais sua primeira derrota em partidas válidas por Copas do Mundo. Este fora o encerramento do ciclo vencedor capitaneado dentro de campo por Obdulio Varela. Classificados para 1970, não se esperava dos uruguaios mais do que sua decantada garra a fim de superar seus próprios limites, impostos por uma qualidade técnica deficiente. O técnico de 1950, Juan López, ocupava agora o posto de auxiliar, estando presente no banco de reservas ao lado do técnico Juan Hohberg, um argentino naturalizado uruguaião e que disputara como jogador o mundial de 1954.

Contrariando as expectativas, o Brasil passaria de forma relativamente tranquila pelos seus adversários, vencendo todas as partidas até chegar a semi-final (4X1 na Tchecoslováquia; 1X0 na Inglaterra; 3X2 na Romênia e 4X2 sobre o Peru). Já os uruguaios não teriam uma classificação tão tranquila: venceriam na primeira fase a fraca

seleção israelense por 2X0, empatariam sem gols com os italianos; perderiam para os suecos pelo escore mínimo e, para surpresa de muitos, venceriam os soviéticos nas quartas de final também pelo escore mínimo. Pela tabela, caberia agora a brasileiros e uruguaios enfrentarem-se, a fim de decidir qual das duas equipes permaneceria com chances de chegar à final da competição e, por conseguinte, conquistar definitivamente a posse da Taça Jules Rimet.<sup>488</sup> Desta forma, vinte anos depois, as duas seleções voltariam a bater forças em uma partida válida por Copa do Mundo, sendo esta agora de caráter eliminatório (ao perdedor restaria a decisão de terceiro e quarto lugares) e valendo vaga uma final que poderia valer a conquista definitiva do troféu em disputa desde 1930, e cuja posse temporária havia sido perdida com o Maracanazo. Era, enfim, chegado o momento da desforra para o futebol brasileiro.

A partir do momento em que se confirmou o encontro entre as duas seleções, a idéia de aquele seria o momento há muito aguardado passa a dar o tom das notícias esportivas. Na Bahia, o jornal *A Tarde*, que vinte anos antes propunha ironicamente a ida da seleção derrotada para a Guerra da Coréia, trazia já uma primeira matéria intitulada “20 anos depois”, assinada pelo jornalista Genésio Ramos.

Esta seria a manchete de qualquer jornal, caso os uruguaios ficassem classificados para a partida final e nós conseguíssemos a vingança daqueles 2X1 de 1950, que ainda estão atravessados na nossa garganta (...)

Hoje voltam a se defrontar Brasil e Uruguai, depois daquela catástrofe do Maracanã. A nossa situação é praticamente a mesma. Estamos com o time embalado. Uma seleção poderosíssima, que joga um futebol dosado: que faz o gol quando este se faz necessário. É a verdadeira seleção de Ouro que ressurge para a alegria de 90 milhões de brasileiros. Só que me parece [que] não existe entre os homens que a comandam o exagerado otimismo. Todos os jogadores sabem que têm que lutar, como o fizeram contra os tchecos, ingleses, romenos e peruanos para chegar à vitória. Daí porque não tenho dúvidas em afirmar que, 20 anos depois, vamos ter a chance de ir à forra daquele 16 de julho de 1950 e pagando com juros... Pena é que não seja a partida final dessa Copa.<sup>489</sup>

---

<sup>488</sup> Pelas normas da competição, a posse definitiva do troféu caberia ao selecionado que vencesse o torneio por três vezes. A taça, assim, ficaria com o Brasil, campeão de 1958; 1962 e 1970. A Itália, derrotada pelo Brasil em 1970, havia vencido em 1934 e 1938. O Uruguai, derrotado pelo Brasil nas semi-finais, venceu em 1930 e 1950. Completavam a lista de campeões a Alemanha Ocidental (vencedora em 1954) e a Inglaterra (campeã de 1966).

<sup>489</sup> *A Tarde*, 15 de junho de 1970, p 18.

A frustração expressa pelo cronista Genésio Ramos, de que aquela não fosse a partida final da competição, é um bom indicador do sentimento que viria a se criar na imprensa brasileira em virtude desta partida. Com efeito, a derrota “ainda atravessada na garganta” é algo que passará a se reproduzir nos noticiários esportivos, reproduzindo a idéia de que o momento da desforra pela derrota sofrida vinte anos atrás finalmente havia chegado. A partir daí, a sensação que se cria é de total ambigüidade. Por um lado, há a leitura de que estaríamos diante de uma “repetição” das coisas vividas duas décadas antes, o que é reforçado pelo entendimento de que, tal como daquela vez, chegávamos para a partida contra os uruguaios em uma condição de favoritismo, “embalados” diante de um adversário que obtivera sua classificação aos trancos e barrancos. Por outro, tem-se o otimismo diante da semifinal e da possibilidade de revanche.

No dia seguinte, o mesmo jornal voltaria a se referir à partida, divulgando-a a partir de uma manchete que invertia a óptica para o leitor: “Uruguai revive nesta copa a lenda da camisa celeste”.<sup>490</sup> O fato mais curioso desta notícia, contudo, é que, ao contrário de vinte anos atrás, ela era creditada a uma agência internacional (UPI) e assinada por um jornalista que, possivelmente, não deveria possuir maiores vínculos afetivos com nenhuma das duas seleções (Herman Bells). Em sua matéria, o jornalista, ligado a uma empresa internacional de notícias, reproduz fielmente a idéia de que aquela seria a oportunidade para o futebol brasileiro vingar a derrota do *Maracanazo*. Ou seja, esta notícia de certo modo nos sinaliza para o fato de que os sentidos atribuídos a esta nova partida ultrapassavam já as fronteira da própria imprensa brasileira, sendo incorporados e reproduzidos pela imprensa internacional.

Podemos, desta forma, nos perguntar se toda a carga de sentidos atribuídos à derrota de 1950 não teria acabado por gerar uma espécie de memória coletiva acerca do futebol brasileiro, vendo aquele como um momento de inflexão dentro da História esportiva nacional. O que nos perguntamos, porém, e que a nosso ver se constitui em uma das questões fundamentais para nossa análise daquele momento é saber até que ponto os sentidos atribuídos ao povo brasileiro em 1950 encontravam ressonância vinte anos mais tarde, em um jogo que se tornaria emblemático devido ao adversário e aos significados atribuídos à partida.

A intensidade dos sentidos atribuídos àquele momento na cobertura do jornal baiano nos é apontada ainda por mais uma pista oferecida pelo próprio periódico. No

---

<sup>490</sup> *A Tarde*, 16 de junho de 1970, p 13.

mesmo dia em que a matéria assinada por Herman Bells aparece, a contracapa (local nobre e de grande visibilidade em qualquer jornal) também cede espaço para a partida, ressaltando que caberá ao Brasil enfrentar “a sólida defesa dos uruguaios”. Assim como a matéria anterior, esta é creditada à agência UPI, sendo agora assinada por Jorge Ribadeneira. A matéria reforçava o sentido de vingança atribuído ao próximo jogo, ao afirmar que “para os brasileiros, é a oportunidade de vingar a derrota de 16 de julho de 1950, no Maracanã”, apresentando o texto em um lugar de fácil acessibilidade, mesmo ao leitor que não pretendesse comprar o jornal a fim de manter-se informado sobre os últimos acontecimentos daquele mundial e de suas seleções participantes.<sup>491</sup>

Neste mesmo dia, em Porto Alegre, o *Correio do Povo* assumia também o discurso da vingança necessária, fornecendo já a partir de sua capa um amplo conjunto de matérias relativas ao confronto entre as duas seleções sul-americanas. Com efeito, os leitores que se aproximassem dos exemplares nas bancas provavelmente teriam sua atenção despertada para a manchete “Brasil continua sua marcha avassaladora rumo ao título”. Abaixo desta chamada, o texto, identificado com a sigla da *Associated Press*, afirmava que “agora parece haver chegado o dia da vingança, tal como foi o da Alemanha, domingo, contra a Inglaterra. Esta é, pelo menos, a esperança de milhões de brasileiros que desta feita acreditam será vencida a ‘garra’ uruguaya, abrindo-se a porta para a conquista definitiva da Jules Rimet”.<sup>492</sup> Na mesma edição, outro texto, da mesma agência, destacava as equipes latino-americanas como as maiores surpresas daquela competição, afirmando ainda que os brasileiros estariam agora empenhados na “vingança” do revés de 1950, no Maracanã.<sup>493</sup> Uma terceira matéria, esta feita pelo jornalista Edmundo Soares, contava a história do soldado 1004, que estivera presente ao Maracanã em 1950, com a missão de manter a ordem. Assim, cumprindo sua função na pista do recém inaugurado estádio, ele não pudera expressar seus sentimentos, ao mesmo tempo em que teria visto “lágrimas aos litros rolarem pela face dos duzentos mil brasileiros”. Ao fim, o soldado é identificado como sendo o técnico Zagalo, que estaria novamente ao lado do campo durante o confronto entre brasileiros e uruguaios, porém agora com a missão de comandar o selecionado nacional.<sup>494</sup>

Esta capa já nos fornece alguns elementos para que possamos continuar pensando sobre a dimensão dada pela crônica esportiva à idéia de uma vingança necessária. Em

---

<sup>491</sup> Idem, p 18.

<sup>492</sup> *Correio do Povo*, 16 de junho de 1970, p 1.

<sup>493</sup> Idem, p 17

<sup>494</sup> Idem.

primeiro lugar, é perceptível, assim como no jornal baiano, que este discurso ultrapassa as “fronteiras” da crônica nacional, uma vez que mesmo as agências de notícias estrangeiras reproduzem tal sentimento através de suas matérias. Até que ponto este fenômeno se dá por uma “contaminação” dos jornalistas estrangeiros pelo contato com a torcida e seus próprios colegas brasileiros, ou, se é algo “natural”, decorrente da própria lógica que cerca o histórico de competições internacionais deste tipo, é algo que não nos preocupa mais diretamente. Cabe-nos, no entanto, assinalar o fato de que a idéia passa a ser assumida pela crônica esportiva estrangeira, sendo assim não mais uma pauta exclusiva de nosso jornalismo. Ao mesmo tempo, a imprensa internacional igualmente absorve o discurso de que o Brasil, para vingar-se, deveria enfrentar a “garra” uruguai, o que evidencia que também no exterior as imagens criadas acerca de um estilo brasileiro (mais técnico) e de um estilo platino (mais aguerrido) de jogar futebol se fazia presente, como se fosse antinatural um jogador brasileiro cumprir suas funções dentro das quatro linhas de forma aguerrida. Por fim, ao “soldado 1004” é apresentada uma dimensão de “homem comum”, de forma a que todo e qualquer brasileiro pudesse a ele se identificar, assumindo igualmente a carga simbólica atribuída a uma desejada vitória naquela partida.

A julgar pelas matérias veiculadas naquele dia, trazendo a opinião dos jogadores brasileiros, a idéia da reparação através da vitória era algo que não gozava de unanimidade. O atleta Piazza, entrevistado por Edmundo Soares, afirmava que “não vamos para este jogo de quarta-feira pensando em vingança ou coisa parecida. Aquele episódio de 1950 pertence ao passado e a partida de agora nada tem com aquela”.<sup>495</sup> Na mesma página, em matéria identificada com a Agência *France Press* (AFP), o jogador Gerson, por sua vez, afirmava que “qualquer adversário merece respeito, mas quando se trata do Uruguai toda a precaução é pouca e neste particular nós brasileiros falamos por experiência”.<sup>496</sup>

As opiniões de Piazza e Gerson talvez não sejam contraditórias, mas sim complementares. Que “cada jogo é um jogo” é um jargão bem conhecido do mundo do futebol, que deixa claro que, para fins de resultado, as partidas devem se esgotar em si mesmas, não produzindo efeitos imediatos em encontros a serem disputados, pelos mesmos rivais, no futuro. Contudo, as lembranças de vinte anos antes, esporadicamente evocadas, produziam uma espécie de “lição”, cuja nova derrota mostraria que não

---

<sup>495</sup> Idem, p 20.

<sup>496</sup> Ibidem.

estava devidamente aprendida: com uma melhor campanha e gozando de certo favoritismo, enfrentaríamos um adversário carregado de um discurso de garra e superação. Se a simples ocorrência do novo encontro entre as duas seleções sul-americanas já era capaz de colocar os fantasmas de 50 em cena, não haveria de faltar quem lhes quisesse enxertar de carne e ossos, em caso de nova derrota.

Contudo, a maior evidência dada pelo *Correio do Povo* de que as lembranças de vinte anos atrás seria um elemento integrante daquela partida estava não em uma matéria, mas em uma chamada de divulgação para o jogo, que ocupava mais da metade do espaço de uma página formato *Standard*. Nela, via-se uma foto de Obdulio Varela, com os seguintes dizeres:

Para Obdulio como todo o respeito. Esta é em tua honra, capitão. Esperamos vinte anos para vingar o que vocês nos fizeram em 50 e não pretendemos perder a oportunidade. Seremos onze fúrias em campo. Onze Obdulios Varelas. Em tua honra, capitão. Com todo o respeito (foto 16).<sup>497</sup>

O caráter publicitário desta chamada é algo revelador acerca do espírito criado em torno da partida. Sua presença se aproxima mesmo das propagandas apresentadas em tempos de guerra, visando levantar o moral da população e despertar o sentimento de nacionalidade de um povo. Desta forma, podemos mesmo afirmar que o caráter substitutivo das grandes competições esportivas em relação às guerras encontra aqui uma ótima materialização. Ao mesmo tempo, o texto, embora curto, é extremamente revelador acerca do caráter especial conferido a este jogo. Como se os acontecimentos de vinte anos antes tivessem resultado no aprendizado de uma lição, o espírito festivo que antecede a cada partida do selecionado nacional é substituído por um discurso de respeito ao adversário. Nada de fotos antecipando a conquista desta vez. Mais significativo, porém, é que o texto pressupõe a idéia de que o “estilo brasileiro de jogar futebol” será, desta vez, substituído, tomando-se como exemplo para a nova conduta a figura emblemática de Obdulio, o mesmo que segundo Nelson Rodrigues havia nos tratado “aos pontapés”. Tal qual um veneno utilizado para curar os efeitos do próprio veneno, nos apropriaríamos, neste momento específico, de características originalmente não atribuídas a nosso estilo, a fim de suplantar o perigo oferecido pelo adversário. Ser

---

<sup>497</sup> *Correio do Povo*, 16 de junho de 1970, p 21. A chamada seria repetida no dia seguinte, na página 19.

“onze fúrias em campo, onze Obdulios Varelas”<sup>498</sup> pressupõe que toda a equipe esteja imbuída de um mesmo conjunto de valores, tais como garra, determinação, liderança, desprendimento ou entrega total ao objetivo último, atributos nem sempre condizentes com a característica do futebol elevado à categoria de arte, considerado muitas vezes como algo mais plástico de objetivo. Desta forma, para vencer o Uruguai, deveríamos jogar como os próprios uruguaios, negando temporariamente um estilo de jogo que conformaria nossa identidade dentro de campo, a fim de que “as antigas contas de 1950” fossem finalmente acertadas.

No dia seguinte, data de realização da partida semi-final, as lembranças acerca de 1950 foram naturalmente retomadas. Já em sua capa, o *Correio do Povo* afirmava:

A circunstância toda especial de vir a jogar com os uruguaios colocou em estado de alerta os brasileiros. A lembrança de 1950 ainda está viva. O banquete estava feito. A torcida foi ao Maracanã mais para comemorar do que para esperar o resultado. E o impossível aconteceu: o Uruguai saiu campeão, quando o empate dava o título ao Brasil. Mas desta feita parece que a situação mudou bastante.<sup>499</sup>

De certa forma, em dias de partidas decisivas, não é normal que lembranças negativas sejam retomadas. E, quando o são, normalmente se fazem dentro de um esquema binário, onde vitórias e derrotas relembram das dificuldades que a partida impõe para as equipes ou do caráter tradicional do confronto. O esquema normalmente se faz presente em partidas envolvendo grande rivalidade, como quando duas equipes de grande apelo popular e de uma mesma cidade se encontram. Em se tratando de seleções nacionais, estas rivalidades envolvem históricos de confrontos anteriores, de rivalidades construídas através dos tempos e de encontros que, relembrados por torcedores, por jornalistas e pelos próprios envolvidos com o meio futebolístico, acabam por constituir oposições de identidades, tais como as que envolvem atualmente brasileiros e argentinos ou ingleses e alemães. Contudo, para aquele dia de semifinal, a lembrança da final de 1950 se apresentava como uma constante em praticamente todas as notícias relativas à partida do dia.

---

<sup>498</sup> A expressão pode retomar a idéia criada pelo técnico João Saldanha, técnico do selecionado brasileiro no período anterior à realização daquele mundial, de que seriam necessárias “onze feras em campo”. Posteriormente, a figura das “feras do Saldanha” foi substituída pela das “formiguinhas do Zagalo”. Ver exemplo adiante (nota 517).

<sup>499</sup> *Correio do Povo*, 17 de junho de 1970, p 1.

Assim, ao ter diante de si o jornal aberto nas páginas 16 e 17, apresentava-se inicialmente uma matéria assinada por Dennis Redmont, da *Associated Press*, afirmando que uruguaios e brasileiros teriam diante de si uma velha dívida. Assim, por um lado, os uruguaios afirmariam que seu país deveria vencer o mundial a cada 20 anos; por outro, o treinador Zagalo afirmaria que “o Maracanã” não se repetiria naquela ocasião.<sup>500</sup> Nas mesmas páginas, em matéria cujo título afirmava que Brasil X Uruguai era “sensação em Guadalajara”, a *A.P.* colocava que “está presente na mente dos brasileiros a triste final de 1950, no Maracanã, quando os uruguaios sagraram-se campeões”.<sup>501</sup> Dividindo espaço na mesma página, uma matéria assinada por Edmundo Soares informava que, ao desembarcar em Guadalajara, o técnico uruguaios fora questionado pelos repórteres presentes se a “garra de 50 estaria presente na seleção uruguaios,”<sup>502</sup> ao que respondera apenas que o Uruguai jogaria para vencer.

As matérias não terminavam por aí. Em texto creditado a UPI e enviado da Cidade do México, informava-se que a partida possuía todas as características de uma vingança.<sup>503</sup> Já o jornalista Ruy Carlos Ostermann lembrava que “a solução tática da partida” daquela tarde estava “na dependência estrita do controle psicológico”. Seria assim necessário “impôr um ritmo brasileiro à partida”, embora tal feito dependesse “da superação de fatores como a decisão do Mundial de 50 (que todos não cansam de lembrar escatologicamente) e uma tradição que varia de década mas sempre volta como uma má lembrança”.<sup>504</sup> Assim como seus companheiros de vinte anos antes reconheciam nos momentos em que a euforia ainda não se fazia marca registrada, Ostermann, ao apontar a necessidade de um trabalho de controle psicológico junto aos jogadores, sinaliza, no dia da partida, para uma possível deficiência daqueles que, dentro do campo de futebol, eram responsáveis por representar o povo brasileiro. Poderíamos, porém, cogitar, que, assim como em 1950, as antigas interpretações se faziam presentes ainda com força?

Cremos que não, ou ao menos não com a mesma força. Para tanto, há que se considerar não somente a afirmação que a valorização dos traços históricos de nossa formação sofreram ao longo deste tempo, substituindo em grande medida as interpretações de cunho europocêntrico, mas também todo o contexto histórico vivido

---

<sup>500</sup> *Correio do Povo*, 17 de junho de 1970, p 16.

<sup>501</sup> *Correio do Povo*, 17 de junho de 1970, p 17.

<sup>502</sup> *Correio do Povo*, 17 de junho de 1970, p 16

<sup>503</sup> *Correio do Povo*, 17 de junho de 1970, p 17.

<sup>504</sup> **Idem.**

desde os anos 50, que passam não somente pelo período nacional-desenvolvimentista, mas por outros aspectos tais como a industrialização, a urbanização e, porque não, a conquista de dois títulos mundiais. No entanto, para retomarmos uma expressão já utilizada em um capítulo anterior, podemos supor, pela afirmação de Ostermann, que, de alguma forma, o “Mal” continuava suspenso sobre a ideologia nacional, mandando sinais de sua sobrevivência agora que, aos olhos da imprensa e da torcida, as velhas contas esportivas de vinte anos antes poderiam finalmente ser acertadas.

Certamente, do seu lado, os uruguaios não estavam com os olhos fechados para os fenômenos que se passavam com o selecionado brasileiro. Assim que, em duas matérias daquele dia, os adversários procuravam já batizar a possível nova vitória sobre os brasileiros, ora sugerindo o nome de “Guadalajarazo”,<sup>505</sup> ora de “Jaliscazo”, em uma clara alusão aos acontecimentos do quarto campeonato mundial de futebol<sup>506</sup>

Atentemos agora para as palavras de Juan López, técnico em 1950 e auxiliar técnico em 1970, em entrevista publicada pelo *Correio do Povo*, igualmente no dia da partida.

Volta-se a falar da garra uruguaiã. Juan López, que nasceu em 15 de março de 1911 e que já perdeu a conta dos anos que se dedica ao futebol, diz para encerrar: “os tempos mudaram. Assim como é antipático, e difícil mesmo fazer uma comparação entre as equipes de 50 e de 70, é difícil também fazer um confronto entre os jogadores de então e os de agora. A verdade, porém, é que o jogador de hoje é profissional acima de tudo. Perdeu muito daquele espírito amador que prevaleceu por bom tempo. O jogador de futebol hoje, graças ao dinheiro que o futebol proporciona, está aburguesado, cuida-se mais. É difícil, justamente por isso, esperar-se em 1970 a mesma garra de 50. A camiseta continua a mesma mas os tempos mudaram. E isso não se aplica somente no que se refere a jogadores do Uruguai. Este pensamento é geral”.<sup>507</sup>

Com efeito, este trecho, retirado de uma matéria mais extensa, pode nos oferecer uma “chave” para entendermos a real dimensão daquele momento. Por um lado, evidentemente todos sabiam que o futebol jogado em 1970 não era mais o mesmo, em termos de exigência, preparação e até mesmo de “espírito” de vinte anos antes (assim

<sup>505</sup> Cfe: “Imprensa uruguaiã aponta baterias contra a FIFA e seu presidente Rous”. *Correio do Povo*, 17 de junho de 1970, p 18.

<sup>506</sup> Cfe: “Com um ‘Jaliscazo’ os uruguaios esperam uma repetição do feito registrado no Maracanã”. *Correio do Povo*, 17 de junho de 1970, p 17.

<sup>507</sup> *Correio do Povo*, 17 de junho de 1970, p 17.

como o de hoje igualmente não pode ser comparado ao de 1970). Profissionalizando-se cada vez mais com o passar do tempo, a atividade agora exigia mais em termos de empenho e preparação por parte daqueles que entravam em campo ou que estavam fora dele. De semelhante modo, as equipes agora eram outras, sendo a transmissão de características tais como a “garra” entre gerações diversas uma construção discursiva que não mais fazia do que integrar os chamados “estilos de jogo” que diferenciavam as seleções. Por outro lado, como explicar que grande parte das matérias, fossem produzidas por jornalistas brasileiros, fossem redigidas por jornalistas estrangeiros, se reportassem àquele momento como o de uma desforra esperada, vinculando-o de forma indelével aos acontecimentos do Maracanã? A resposta está não somente na construção de um sentido para aquele momento específico, mas também nos sentidos que, sabia-se, seriam produzidos a partir de seu resultado final. A vitória, assim, seria entendida como a materialização da vingança esperada. Já uma nova derrota poderia, ainda que no plano discursivo e mesmo que de forma anacrônica, trazer novamente à tona os velhos fantasmas que integraram o rol de explicações para a derrota de 1950, uma vez que o mesmo adversário produziria uma nova frustração através da eliminação de um selecionado brasileiro que se apresentava como tecnicamente superior e portador até então de uma melhor campanha.

Naquele mesmo dia, os uruguaios seriam vencidos não por dois, mas por 3X1.

Já no dia seguinte, a matéria de capa do *Correio do Povo* parecia não deixar muitas dúvidas quanto ao sentido da vitória obtida na véspera: “Os brasileiros, ao vencerem por três a um, vingaram-se da derrota sofrida em 1950, na memorável partida travada no Maracanã, quando o Brasil perdeu o campeonato mundial por dois a um”. Ainda segundo as linhas apresentadas na primeira página do jornal gaúcho, coube-nos vencer duas dificuldades extras nesta semifinal: o grande preparo físico dos uruguaios e o trauma que “os brasileiros ainda possuíam da famosa partida de 1950”.<sup>508</sup> Já na página 17, em matéria intitulada “Brasil já é vice-campeão: 3X1 no Uruguai”, a mesma idéia passa a ser reproduzida: a seleção nacional por fim “se desforrou da derrota que seu adversário de hoje lhe impôs no Rio de Janeiro, na final de 1950”.<sup>509</sup> Já Ruy Carlos Ostermann, que um dia antes lembrara da necessidade de se atentar para o controle psicológico do selecionado brasileiro, agora afirmava: “Que fosse esquecido o Maracanã, o golo de Bigode e sobretudo Obdúlio Varela. Porque em verdade são coisas

---

<sup>508</sup> *Correio do Povo*, 18 de junho de 1970, p 1.

<sup>509</sup> *Correio do Povo*, 18 de junho de 1970, p 17.

que não existem mais e só derrotistas se abraçam com o passado e sofrem com ele”.<sup>510</sup> Na mesma página, uma terceira matéria apresentava a conta-corrente dos encontros entre os dois selecionados:

A história não se repetiu, conforme esperavam os uruguaios. O termo “Maracanazo” já não mais existe, pois a resposta foi dada vinte anos depois com o “Jaliscazo”, o que tanto alardeavam os defensores da “celeste”. Não se pode negar que a vitória de então foi líquida, sem contestação, fruto unicamente das coisas do futebol, o que vem trazer o encanto do “esporte das multidões”.

É de se dizer que no I Pan-Americano, disputado em 1952, no Chile, o Brasil obteve ampla reabilitação, abatendo os nossos rivais de ontem por 4X2. Vieram novos jogos, num total de 14, e apenas em três oportunidades a equipe do vizinho país nos conseguiu vencer. No mais, registraram-se vitórias brasileiras e empates.<sup>511</sup>

Se algum sentido era esperado em virtude do resultado final daquela partida, este era o de que, através de um ato de vingança, fosse criada agora a negação de 1950. Este, com efeito, parece ser o sentido da frase “o termo ‘Maracanazo’ já não mais existe”, pressupondo que uma borracha fosse passada na história, apagando um momento de frustração e todos os significados a ela acoplados. Porém, mais significativo para os nossos fins, é a constatação (certamente óbvia, mas até então velada) da existência de uma memória acerca de enfrentamentos com o selecionado uruguaião posteriores a 1950. Em outras palavras, aqueles momentos que, para alguns dos jogadores envolvidos na final de vinte anos atrás, foram compreendidos como a ocasião da desforra pessoal, integravam sim os registros e a memória esportiva da crônica brasileira. Contudo, diante do primeiro encontro entre as duas equipes em partidas válidas por uma Copa do Mundo, a possibilidade deste sentido deveria ser desconsiderada para os encontros passados, uma vez que esta constante retomada da memória de uma derrota histórica passa a integrar obrigatoriamente os discursos que antecedem os embates entre os dois oponentes, motivando jogadores e torcida tal como a lembrança de antepassados mortos em combate funcionava como um dos motores para as batalhas entre nossas antigas sociedades indígenas.

---

<sup>510</sup> **Idem.**

<sup>511</sup> **Idem.**

Este constante relembrar de um fato, atribuindo-lhe um significado que, ao fim, não deixa de ser marca identitária, acaba por produzir resultados que, embora a primeira vista opostos, são significativos acerca da simbiose entre as figuras da nação e de seu selecionado, gerando um quadro de identificação entre ambas que se manifesta mesmo nos momentos de derrota, conforme apontado anteriormente por Simoni Lahud Guedes.<sup>512</sup> Assim, ao vencermos, nada mais fazemos que “vingar nossos mortos”, algo que pode ser compreendido no contexto como uma derrota (a de 1950) que teria nos negado um sentido – ainda que presumido e bem pouco palpável – de civilização e modernidade. Naquele momento, abrimos uma janela para as velhas interpretações acerca do brasileiro incapaz e vira-latas, figura da qual Obdulio Varela não é por certo o representante, mas da qual nós o fazíamos também representante.

Claro que este constante jogo de relembrar, auto-affirmar-se e vingar, pode também explicar, ao menos em parte, atitudes bem menos simbólicas, mas por vezes integrantes da realidade dos estádios. É o que se pode depreender das páginas soteropolitanas de *A Tarde*, naquele mesmo dia.

Cerca de 150 torcedores, brasileiros e uruguaios, foram protagonistas da primeira briga, nesta Cidade. Centenas de pessoas dirigiam-se ao estádio e ainda conseguiram assistir parte da cena, quando a polícia estadual interviu para separar os dois grupos.

Faltava uma hora para o início do jogo. Um grupo de torcedores brasileiros arrebatou uma bandeira do Uruguai. Os orientais reagiram a socos e pontapés. Os brasileiros não se acovardaram e os grupos entraram em choque, num desforço pessoal, por alguns minutos (...).

A briga, no estádio do Jalisco não ficou somente entre os torcedores. Os jornalistas também foram ao desforço pessoal logo após o Brasil ter marcado o tento de empate por intermédio de Clodoaldo. Os jornalistas uruguaios vinham glosando os seus colegas brasileiros, desde que os orientais fizeram o seu primeiro tento. A derrota do Brasil em 1950 era o motivo para que os uruguaios procurasse glosar os brasileiros. Estes suportaram as provocações na esperança do primeiro tento brasileiro. Este surgiu quando Clodoaldo marcou o tento do empate. Os brasileiros foram à forra e passaram ao revide nas glosações. Os uruguaios não gostaram e foram para o desforço pessoal. A turma brasileira aceitou o desafio e, o pau comeu na tribuna de imprensa, e nas

---

<sup>512</sup> Ver nota 44.

cabines de rádio e televisão. Os brasileiros, em número maior do que seus colegas orientais, levaram a vantagem na briga.<sup>513</sup>

Desta forma, as matérias produzidas a partir dos resultados em um Campeonato Mundial de Futebol acabam por envolver um conjunto de imagens pré-construídas acerca das nacionalidades, imagens estas que se relacionam não somente com a estipulação de uma forma de jogar, mas também com atribuição de valorações positivas ou negativas de acordo com o desempenho e/ou resultados obtidos nestas competições. Se tais valorações possuem uma característica de construção histórica, é interessante observar como são assumidas pelo discurso midiático. A valoração atribuída àquela partida acabou por atingir o conjunto da imprensa que cobria o mundial, difundindo-se assim mesmo à mídia não brasileira a idéia de que aquele seria um momento de vingança. Tal assertiva pode ser confirmada, por exemplo, através da matéria “Choque da loucura – assim denomina a imprensa asteca Brasil X Uruguai”, que traz rápidos resumos de três periódicos mexicanos (“Excelsior”; “La Afición” e “Esto”), onde todos trataram a partida de então sob o enfoque da desforra.<sup>514</sup> Ou seja, tal leitura possivelmente tenha deixado de ser uma interpretação brasileira, para se tornar à óptica corrente na ocasião.

Enquanto isto, em Salvador, os leitores de *A Tarde* eram brindados com algo que poderíamos classificar como “as três abordagens distintas” acerca daquele encontro entre brasileiros e uruguaios. Inicialmente, encontramos uma charge que mostrava bem o espírito criado em torno da partida vitoriosa com o Uruguai. Na imagem, um goleiro, postado diante de uma meta onde é possível ler “Uruguai” no travessão, olha para o fundo das redes, onde repousam três bolas amontoadas<sup>515</sup> (foto 17). A imagem visivelmente tem um tom comemorativo, retomando mais uma vez a idéia da desforra brasileira em relação a seus vizinhos. Contudo, na mesma página, uma pista acerca de leituras que não encontrariamos naquele momento, mas que pode nos dizer muito sobre o sentido que as partidas entre brasileiros e uruguaios tomaram a partir de 1950. Trata-se de um texto assinado por Adroaldo Ribeiro Costa, personagem identificável através do texto como um “homem de teatro” na capital baiana, onde este comenta suas lembranças acerca do dia da partida final no Maracanã, bem como de suas expectativas e sua alegria diante da classificação brasileira para a partida final no México. Contudo,

<sup>513</sup> *A Tarde*, 18 de junho de 1970, p 15. Grifo nosso.

<sup>514</sup> *Correio do Povo*, 19 de junho de 1970, p 12.

<sup>515</sup> *A Tarde*, 19 de junho de 1970, p 4.

acreditamos que o aspecto mais significativo do texto está em sua abertura, onde é possível ler:

Não que isso tenha importância no curso dos acontecimentos, mas o fato é que todos nós gostamos de contar o que fazímos e o que pensamos, quando tais e tais coisas aconteceram.

E então lhes digo que não acompanhei, de perto, a Copa de 50. Incrível, não? Mas facilmente explicável: estávamos montando “Infância”, a segunda peça da Hora da Criança.<sup>516</sup>

Note-se que o paralelo estabelecido pelo autor coloca a derrota da seleção de Flávio Costa no mesmo patamar que outros acontecimentos normalmente tidos como “referenciais” dentro da História, sob a perspectiva de um senso comum. Com efeito, quem nunca foi brindado com lembranças de pessoas mais vividas acerca de onde se encontravam quando Getúlio Vargas se suicidou ou quando John Kennedy foi assassinado. Ou, para tempos mais recentes, quem nunca ouviu algum amigo contando onde se encontrava e o que fazia quando dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001. Pois para Adroaldo Costa, visivelmente, o 16 de julho de 1950 fazia parte do mesmo rol de acontecimentos trágicos que são tomados como datas de referência em uma história vulgar. E, sabidamente, datas deste tipo não são esquecidas com uma desforra. Pelo contrário, seus acontecimentos são rememorados periodicamente, produzindo uma memória coletiva que nem sempre privilegia os contextos, mas que torna os acontecimentos isoladamente objeto de recordação. Assim, ao contrário das predições de muitos jornalistas, a vitória da equipe de Pelé naquele jogo não apagaria as marcas deixadas pela equipe de Obdúlio. As lembranças de 50 continuariam a se fazer presentes periodicamente na imprensa brasileira, ao mesmo tempo em que uma nova vingança seria reclamada no futuro.

A última abordagem é aquela que vincula a partida ao contexto político em que foi realizada. Uma explanação sobre a situação política do Brasil naquele momento seria aqui tão lateral quanto desnecessária. No entanto, não devemos deixar de lembrar que, dentro daqueles dias torturantes, o regime militar, então comandado pelo General Médici, procurou capitalizar a conquista futebolística transformando-a em símbolo de um governo que nunca havia passado pelo campeonato das urnas. Todavia, os discursos

---

<sup>516</sup> **Idem.**

em tal sentido também presentes nos grandes jornais não esperaram a partida final contra a Itália para se materializarem. Isto é possível depreender do último parágrafo do texto assinado pelo jornalista Heron Domingues, publicado em *A Tarde* do dia 19 de junho daquele ano.

Governante ou governado, poderoso ou anônimo, governista ou inconformado, rico, pobre ou remediado, o brasileiro deve meditar sobre estes dias de expectativas, tensões e alegrias futebolísticas. Há uma lição positiva a extrair. Somente com a soma dos esforços e da boa vontade de todos, conseguiremos obter outras “forras” mais importantes: a “forra” contra o analfabetismo e a vergonha das secas, a subnutrição e os males endêmicos, os mercados perdidos nas exportações e os resíduos inflacionários, em suma, contra a espinha do subdesenvolvimento, atravessada na garganta nacional. São tarefas gigantescas, que não podem ser apenas responsabilidade do Governo. Elas dependem de uma solidariedade semelhante àquela que imbuiu as “Formiguinhas” de Zagalo, no entusiasmo coletivo que a paixão do futebol injeta em nossas veias.<sup>517</sup>

Palavras certamente comedidas e adequadas ao espírito daqueles dias, quando assumir a existência de inconformados e de problemas a serem sanados, bem como de uma situação de subdesenvolvimento que longe estava de ser vencida poderia acarretar em sérios riscos a quem lhes assumisse. Ao diagnosticar a existência das outras “forras” a serem tiradas, identificando inimigos historicamente mais duradouros e cruéis que os orientais, Heron Domingues confere àquele momento uma perspectiva que nos textos da crônica esportiva pouco aparecia, mas que não se constituiria em nenhuma novidade, tendo em vista que a utilização dos esportes modernos para fins políticos parece ser algo tão antigo quanto sua própria existência.

Tomemos como medida de comparação, um trecho do texto editorial do jornal *Correio do Povo*, de 23 de junho de 1970, evocando já a conquista definitiva da taça Jules Rimet pelo Brasil:

Há, contudo, na homérica proeza dos pupilos de Zagalo, outro aspecto digno de nota: o de propaganda – o de boa propaganda – do Brasil no exterior. Somos um país quase ignorado do resto do mundo. E que ultimamente, ainda por cima, entrou a sofrer uma campanha organizada e teledirigida de

---

<sup>517</sup> *A Tarde*, 19 de junho de 1970, p 7.

difamações e calúnias, por obra da conspiração esquerdistas mundiais, que porfia em ver o Brasil transformado numa “república popular”, ao figurino de Cuba ou da Tcheco-Eslováquia. Então, por isso, se trata de desmoralizar os governantes e as elites brasileiras, e de pintar o nosso país como um desolado e triste cenário de opressão, miséria e fome. Mas como num país em tão calamitosas condições de vida pode ser organizada uma seleção de jogadores de futebol, saída das camadas mais humildes do povo, com um vigor físico, uma habilidade, uma arte e uma alegria de competir esportivamente que chegam a suplantar o que apresentam as representações de nações desenvolvidas e de milenar civilização?

Vamos convir que a “Jules Rimet”, em mãos dos brasileiros, se constitui numa pílula demasiado amarga para os detratores do Brasil.<sup>518</sup>

Note-se que, a par das diferenças de abordagens entre os dois textos, há, por parte do editorial do *Correio do Povo*, para além do tom ufanista, a retomada de alguns dos pressupostos que, esperava-se, seriam efetivados vinte anos antes, por ocasião da realização da Copa no Brasil. Assim como naqueles dias, o mundial era encarado não apenas como um torneio esportivo, mas também como um evento capaz de produzir uma imagem do país diante das demais nações do mundo, imagem esta que teria seu caráter de positividade confirmado pela conquista do primeiro lugar. Assim como antes, a vitória máxima deveria simbolizar a oposição do país a uma imagem de atraso que compunha a óptica externa acerca do Brasil. O empecilho a ser vencido não está mais na existência de um povo mestiço e indolente, mas naqueles que compunham o grupo dos “detratores do Brasil”, os quais podem ser facilmente identificados no texto do jornal baiano como os “inconformados”. Note-se, porém, que o agente de obstrução para o desenvolvimento nacional continua sendo uma parcela da própria nação, que insistira em não se adequar aos caminhos econômicos e/ou políticos seguidos pelos dirigentes do país.

E na construção desta imagem a vitória de 3X1 sobre o Uruguai não deixou de tomar parte.

A julgar pelos textos aqui analisados, uma vez tomada a desforra de 1950, a “conta-corrente” a que se referia o *Correio do Povo*, voltaria a estar zerada. As lembranças e o constante rememorar daquela partida, contudo, continuariam, mostrando

---

<sup>518</sup> *Correio do Povo*, 23 de junho de 1970, p 4.

que, por algum motivo, a vitória no estádio Jalisco não expulsara os nossos fantasmas de dentro do armário.

\* \* \*

A conquista do tri-campeonato mundial no México pode muito bem ser considerada como o marco de uma nova fase para o futebol brasileiro. A partir do ano seguinte, explorando a figura do Brasil como “país do futebol” e campeão absoluto da taça Jules Rimet”, a Confederação Brasileira de Desportos, aproveitando-se da estrutura da Taça Roberto Gomes Pedrosa (vulgo “Robertão”, torneio interestadual disputado pelos principais times do país), resolveu organizar o primeiro campeonato nacional de futebol, que seria vencido pelo Clube Atlético Mineiro. Organizada de forma a agrupar representantes de todos os estados do país, a competição mostrava-se pródiga na organização de fórmulas criativas, produzindo muitas vezes campeões que haviam somado, ao longo da competição, menos pontos que seus vices. Segundo Hilário Franco Júnior, a competição, utilizada pelo regime militar para ampliar seu espaço político, chegou a congregar noventa e quatro clubes no ano de 1979, dando origem à máxima de que “onde a Arena vai mal, mais um clube no nacional”,<sup>519</sup> ao que muitos acrescentavam: “e onde vai bem, mais um clube também”.

Contudo, a conquista do título, a exuberância do padrão de jogo (ao qual Eric Hobsbawm confere a condição de arte<sup>520</sup>) ou a própria vitória sobre os uruguaios na semifinal parecem não terem sido suficientes para conferir à memória brasileira um outro sentido à derrota de 1950. O exemplo: naquele mesmo ano de 1971, quando o futebol brasileiro ainda encontrava-se na ressaca do mundial do ano anterior, o jornalista Paulo Perdigão, que anos mais tarde viria a escrever “Anatomia de uma derrota”, publicava uma matéria de oito páginas na Revista Manchete, intitulada “O dia em que o Brasil perdeu a Copa”.<sup>521</sup> Alguém poderia argumentar que Perdigão, um jornalista que esteve, ainda criança, presente no Maracanã em 16 de julho de 1950, tornara-se um aficionado, um obsessivo talvez, pelo assunto. A isto, podemos perguntar:

---

<sup>519</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Op. Cit.**, p 150. “ARENA” é a sigla para Aliança Renovadora Nacional, partido da situação durante a ditadura militar no Brasil.

<sup>520</sup> Cfe: HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p 197.

<sup>521</sup> Cfe: *Revista Manchete*, 07 de agosto de 1971, p 38-45. O título da matéria viria a ser o mesmo de um conto que Perdigão, em 1975, publicou na revista *Ele Ela*, e que serviria de base para o curta metragem “Barbosa”, citado na introdução deste trabalho.

e será que uma revista de circulação nacional abriria oito páginas de uma edição a um assunto completamente desimportante, redigidas por um aficionado por um assunto incapaz de despertar maior interesse?

Nos importa apontar como, passado um ano da “vingança”, a derrota para o Uruguai continuava a ser percebida como um momento de comoção, ao mesmo tempo em que os grandes meios de comunicação periodicamente abordavam o assunto, criando uma verdadeira memória coletiva a seu respeito. Assim, acima do título da matéria de Perdigão, a revista apresentava uma pequena chamada onde era possível contrastar a nova condição do futebol brasileiro com o acontecido de vinte e um anos antes, sem que esta nova condição alterasse a percepção acerca do fato anterior: “21 anos depois, quando a seleção tricampeã chega a maturidade, um repórter reconstitui aquele domingo de tragédia nacional, que ficou na nossa memória”.<sup>522</sup>

Contudo, diferentemente do que ocorrera em 1954, quando a idéia de um desequilíbrio emocional brasileiro foi retomada a fim de explicar mais um insucesso em uma Copa do Mundo, Perdigão, a par de reconhecer que talvez sua atração pelo assunto possa desvelar uma neurose<sup>523</sup>, assume a perspectiva de que, ao cabo, aquele momento acabaria por se tornar uma marca positiva na História do país, mostrando, ainda que por vias tortas, a grandeza do povo brasileiro.

Revista hoje, 21 anos depois, a derrota de 16 de julho assume uma dimensão histórica e uma aura lendária de grande tragédia. Se o Brasil tivesse vencido em 50, tudo teria corrido de acordo com o programa. O fracasso acabou transformando um fato previsto em um fato excepcional. Eu assisti ao jogo e vi a multidão deixando o estádio num silêncio de morte. Lembro-me de que muita gente jurou abandonar o futebol para sempre. O gol de Ghiggia virou um fantasma terrível durante muitos anos. Falar em 16 de julho, naquela época, era sinal de morbidez. Mas agora eu sei que o brasileiro viveu, no Maracanã de 21 anos atrás, um dos seus momentos de maior dignidade humana. Os 2 a 1 do placar tinham sido apenas um acidente da sorte, o resultado de um jogo de futebol. Naquele dia, o Brasil, que tinha perdido no campo, conseguiu na verdade um de seus triunfos supremos. As 210 mil pessoas ficaram de pé e aplaudiram o inimigo na sua volta olímpica com a Jules Rimet nas mãos. A nossa maior vitória era essa: a de ter sido forte diante da adversidade.<sup>524</sup>

---

<sup>522</sup> **Idem**, p 38.

<sup>523</sup> PERDIGÃO, Paulo. **Op. Cit.**, p 22.

<sup>524</sup> *Revista Manchete*, 07 de agosto de 1971, p 45.

Dois pontos merecem aqui nossa atenção. Em primeiro lugar, esta leitura de Perdigão, de que o *Maracanazo* teria, ao fim, se constituído em um momento revelador da grandeza e da força brasileira diante de um momento de adversidade deve ser posicionada dentro de seu momento histórico, uma vez que, mesmo aos olhos brasileiros, já faria sentido aproximar, naquele momento, os resultados obtidos pela seleção brasileira à idéia de um povo capaz de grandes conquistas ou realizações. Assim, a perspectiva de Perdigão acaba sendo próxima àquela apresentada em 1950 por jornalistas estrangeiros – notadamente Meisl e Eskenazi – de que mesmo com a derrota o Brasil conseguira dar provas de grandeza e civilidade às demais nações do mundo. Em segundo lugar, a memória acerca deste momento e de seus significados passa a ser, devido à já comentada escassez de imagens, constantemente construída e reconstruída (ou ressignificada) através de depoimentos de pessoas que estiveram e que não estiveram presentes à partida. Ora, sendo um integrante do primeiro grupo, que é necessariamente menor, Perdigão poderia ser classificado como um comentarista qualificado das coisas que se sucederam, verdadeira testemunha privilegiada da História. Assim sendo, poderíamos ter obtido já a vingança um ano antes e a certeza de que a carga negativa daquela derrota possuía, na verdade, um sentido positivo, algo que não fora compreendido à época, mas que lhe era conferido agora, através de um olhar retrospectivo inserido em um novo contexto histórico. Assim, não mais seria necessário falarmos da necessidade de uma vingança em relação ao mundial de 1950.

Não seria bem assim.

\* \* \*

#### 4.3 – O “Mundialito”

Em 1980, a fim de comemorar os 50 anos da realização do primeiro Campeonato Mundial de Futebol, a FIFA resolveu organizar no Uruguai uma versão em miniatura de um mundial. Participariam dele as seis seleções que até então haviam conquistado o título em alguma das onze edições anteriores. Convidada a participar, a Inglaterra acabou declinando do convite, motivo pelo qual acabou sendo substituída pela Holanda, que havia conquistado o vice-campeonato nas edições de 1974 e 1978. A realização do torneio acabou ocorrendo entre os dias 30 de dezembro de 1980 e 10 de janeiro de 1981. Em um grupo, os uruguaios, donos da casa, venceriam holandeses e italianos pelo mesmo escore (2X0), classificando-se assim para a final. No outro, os brasileiros, apó-

empatarem com os argentinos, venceriam os alemães ocidentais por 4X1, classificando-se para a final pelo saldo de gols em detrimento dos argentinos.<sup>525</sup> Desta forma, se repetiria o que ocorreu em 1950, mas ao inverso. Agora, um campeonato internacional de futebol seria decidido em Montevidéu, entre brasileiros e uruguaios, com estes tendo uma melhor campanha ao longo da competição. Claro, não havia para os anfitriões a vantagem do empate, mas isto era apenas um detalhe diante da quantidade de similitudes entre um e outro torneio. Estava posta, novamente, a mesa para o banquete da vingança.

Há dois dias da última partida do Mundialito, quando os finalistas já estavam decididos, a idéia de que se apresentava uma nova oportunidade para a vingança de 1950 começou a ser cogitada pelos jornais. Ainda temporalmente próxima, e integrando uma memória festiva, a vitória sobre os uruguaios na semifinal de 1970, então decantada como o momento de desforra, passou a ser ressignificada, perdendo seu caráter de completude, a fim de que a oportunidade que agora se apresentava se revestisse de maior valor. Neste sentido, o cronista esportivo Cid Pinheiro Cabral, que já analisara os encontros de 1950 e 1970, refletia:

Agora, são Brasil e Uruguai, na decisão final, no próximo sábado. O Brasil já tirou meia vingança do futebol uruguai (que lhe tirou em casa o título mundial de 50) em Guadalajara, no mundial de 70, no México. Tem, agora, oportunidade de uma desforra completa, no próprio Centenário, na definição de outro torneio de sentido mundial. E é o Brasil, por isso, todo voltado para a decisão de sábado, no velho estádio de Montevidéu, há pouco eleito monumento mundial do futebol.<sup>526</sup>

Mesmo nos momentos em que o discurso jornalístico procura resgatar o caráter de revanche da partida realizada uma década antes, a idéia de que 1950 voltaria a ocorrer (independente do lado que saísse agora vitorioso), integra as perspectivas acerca do jogo. Assim, no mesmo exemplar em que Cabral retira metade do caráter de desforra da partida de 1970, um texto não assinado assim considera:

---

<sup>525</sup> A classificação para a final do torneio também foi entendida, à época, como uma vingança, desta feita contra os argentinos. Dois anos antes, no mundial disputado na própria Argentina, a seleção brasileira fora eliminada sem haver perdido uma partida sequer, após os anfitriões aplicarem uma goleada de 6X0 sobre os peruanos, em uma partida que até hoje suscita sérias dúvidas acerca de sua lisura.

<sup>526</sup> *Zero Hora*, 08 de janeiro de 1981, p 47.

A final de 50? Bom, ela é lembrada, sim, e até serve para uma ou outra gozação. Mas tudo dentro de um clima ameno. Ninguém fala em vingança, esta já aconteceu – como dizem os torcedores – em Guadalajara, no México, em 1970. Hoje apenas se imagina que o Brasil poderá repetir o que o Uruguai fez em 50, quando a festa toda estava preparada no Maracanã para o Brasil (...). Enfim, chegou a Hora de se pensar nos pontos fracos do adversário e esperar a hora de entrar em campo. Para a repetição de 50, a favor ou contra o Brasil.<sup>527</sup>

Note-se que, a par de considerar as diferenças a respeito da final de 1950 como algo já quitado, a matéria publicada pelo jornal *Zero Hora* naquele dia trabalhava simultaneamente com outros valores que, sob certo aspecto, contradizem a idéia de que o assunto esteja então resolvido. Em primeiro lugar, a “gozação”, os comentários de teor jocoso entre os torcedores talvez não seja algo tão simples quanto a matéria faça transparecer. Na verdade, tais atos possuem o duplo caráter de afirmar o pertencimento a uma coletividade (o “nós”) em oposição à outra (o “eles”), aos quais nega-se todo e qualquer caráter de positividade. A cada partida dotada de significados relevantes, novos argumentos são fornecidos ao lado vencedor, enquanto ao adversário cabe procurar os contra-argumentos que lhe permitam anular ou minimizar a afirmação identitária do rival. Cria-se, desta forma, uma memória coletiva que opera simultaneamente nos grupos rivais, onde os argumentos que afirmam a identidade e solidariedade de um grupo são reforçados pela negação à identidade de seu oposto. Exemplificando com o caso em questão, em um provável encontro entre as torcidas brasileira e uruguaia, 1950 seria lembrado e celebrado efusivamente por esta, servindo como mote para a chacota, enquanto a vitória em 1970 seria retomada pelos brasileiros como o antídoto, ainda que internamente os jornalistas brasileiros novamente vinculassem a idéia de que a verdadeira revanche ainda não ocorrerá. Este é o segundo ponto a ser destacado na notícia. Ainda que se afirme que a vingança “já aconteceu”, conclui-se pela necessária “repetição de 50, a favor ou contra o Brasil”, ou seja, ou afirmamos nossa identidade através de uma vitória, ou ela será novamente questionada, tal como ocorreu após a partida de 16 de julho. A prova mais elementar dada pelo próprio jornal, quanto à constante e necessária retomada de tal desejo está expressa,

---

<sup>527</sup> *Zero Hora*, 08 de janeiro de 1981, p 45.

neste mesmo dia, em letras garrafais, como manchete de contra-capa: “Torcida brasileira já sonha com uma revanche de 1950”.<sup>528</sup>

Todavia, a matéria mais interessante apresentada naquele contexto pelo jornal *Zero Hora*, estaria publicada no dia seguinte: uma entrevista com Obdulio Varela. Ou melhor, uma tentativa de entrevista, uma vez que o mesmo não recebeu os repórteres. A estes, restou apenas descrever o malfadado encontro com o “gran capitán” uruguai.

Ontem ele estava em casa lendo revistas esportivas e da varanda quando viu chegarem os repórteres, se transtornou e sequer deu chance para o mínimo de um diálogo.

-Que querem?

-Queremos falar com Obdulio Varela.

-Impossível, não podem.

A identificação de Obdulio foi fácil, pois mesmo mais magro e com os cabelos completamente grisalhos, demonstrava as mesmas feições, pelo menos para quem o conhecia apenas por fotografias.

-Mas Obdulio, somos brasileiros e você tem muito prestígio em nosso...

-Seu país já sabe muito sobre mim. E infelizmente sabe apenas inverdades.

-Mas achamos que a entrevista é muito importante!

-Já disse não. Podem ir embora, por favor. Eu não estou brincando.

-Mas Obdulio...

-Senhores, vão embora. E sorte na final. Que ganhem dessa vez (...).<sup>529</sup>

Diante do fracasso em obter a entrevista, os repórteres partem para uma estratégia que, embora seja questionável do ponto de vista ético, não deixa igualmente de ser uma forma de obter uma vingança pessoal por este incidente. Com efeito, ao longo do texto, encontramos uma longa descrição de sua casa, do bairro onde Obdulio morava, de sua importância pessoal no mesmo e, conforme algumas poucas informações alegadamente repassadas por amigos de Obdulio, de seus hábitos. Assim, ao final do texto, vem a sutil estocada: “Todos o admiram e só não negam uma coisa: aos 62 anos, longe dos estádios, mas com muitos amigos, Obdulio Varela gosta de vinho e às vezes se excede”.<sup>530</sup>

A fim de classificar e conceitualizar o comportamento dos jornalistas à luz do conhecimento acadêmico, nos valeremos de uma definição oferecida pela ciência

<sup>528</sup> *Zero Hora*, 08 de janeiro de 1981, p 56.

<sup>529</sup> *Zero Hora*, 09 de janeiro de 1981, p 38.

<sup>530</sup> **Idem.**

antropológica. Para Cláudia Fonseca, a difamação (ou simplesmente “fofoca”) envolve “o relato de fatos reais ou imaginários sobre o comportamento alheio. Ela é sempre concebida como uma força nefasta, destinada a fazer mal a determinados indivíduos”.<sup>531</sup> Ainda segundo a autora, tal hábito visa impor uma vontade através da manipulação da opinião pública (sendo que, em grupos populares que habitam as zonas mais periféricas e depauperadas das grandes cidades, é entendido como uma arma feminina, uma vez que aos homens esta imposição se dá através da força física).<sup>532</sup> Desta forma, o que os jornalistas buscam fazer é, curiosamente, criar uma imagem negativa acerca de uma figura emblemática por este haver recusado-lhes um depoimento. Tal “fofoca”, contudo, transportada para as páginas de um jornal de grande circulação, insere-se dentro de um conjunto de informações capaz de criar sensações. Em certa medida, a matéria acaba por reforçar a idéia da alteridade entre o “nós” (Brasil) e o “outro” (Uruguai), trazendo para o centro da discussão uma figura lendária que está indissociavelmente ligada à identidade que as duas nações possuem através do esporte, e a qual procura-se passar uma imagem negativa.

Também na Bahia, a perspectiva da grande imprensa parecia oscilar entre a racionalidade que via a final do Mundialito como um momento inserido dentro de seu próprio contexto e a idéia de que aquele momento estaria de alguma forma vinculado aos acontecimentos de trinta anos antes. Assim, no mesmo dia nove, em que a imprensa gaúcha externalizava sua decepção por não ter conseguido uma entrevista de Obdulio, *A Tarde* procurava mostrar aos seus leitores que, na imprensa uruguaia, era destacado o fato de que, três décadas depois, sua seleção voltava a decidir contra os brasileiros um título internacional, embora destacassem que este não era de maneira alguma o fator de motivação para a partida, uma vez que “a grande maioria dos torcedores tratam o Mundial-50 como um simples fato histórico, quase irreal”.<sup>533</sup> Já no dia seguinte, a manchete de capa do jornal soteropolitano afirmava “Brasil revive final com o Uruguai”, trazendo junto fotos de Barbosa e Obdulio. A descrição do caráter festivo preparado antes da partida, localizada desta chamada, em muito nos lembra os acontecimentos de 1950.

---

<sup>531</sup> FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000, p 41.

<sup>532</sup> *Idem*, p 46.

<sup>533</sup> *A Tarde*, 09 de janeiro de 1981, p 16.

O Brasil deve entrar em campo com a mesma formação que terminou a partida contra a Alemanha, e se depender da confiança do técnico Telê Santana numa excelente atuação de seus jogadores contra os uruguaios, a torcida brasileira já pode comemorar o título, vingando-se de uma vez por todas da deceção sofrida no dia 16 de julho de 1950, em pleno Maracanã, quando o Uruguai virou o jogo e sagrou-se bicampeão mundial (...).

Na Bahia, na expectativa de comemorar o título do Mundialito, em caso de vitória, todos os cuidados já foram tomados: muitos aparelhos de TV a cores serão espalhados pelo centro da cidade e o trio elétrico do Baneb ficará parado no Terreiro de Jesus, pronto para comandar o “Carnaval da Vingança”, logo que a conquista brasileira se confirme (...).<sup>534</sup>

Os dois textos, analisados em conjunto, são também, ao seu modo, complementares, dada a diferença de perspectivas entre eles. De um lado, transmite-se a sensação de que, entre os uruguaios, prevaleceria a idéia já citada através das palavras do próprio Ghiggia e reproduzidas no livro de Alex Bellos, de que, no Uruguai, aquele fora um momento que já fazia parte do passado.<sup>535</sup> Já deste lado da fronteira as coisas seriam de outra forma. A vitória na semifinal de 1970 (para não falar dos três títulos mundiais e de outros encontros futebolísticos) não havia sido suficiente para resgatar a frustração do Maracanã. Contudo, agora, em uma competição organizada na casa do adversário, jogada em seu maior estádio, com o propósito de comemorar os cinqüenta anos da primeira edição de um mundial disputado em seu território, apresentava-se a chance de uma vitória à mesma altura. Em outras palavras, retirava-se, neste momento, o caráter de vingança conferido ao jogo de dez anos antes; este já não mais servia para tal fim. A vingança deveria vir agora, pois havia novas condições para que assim fosse apresentado pelos jornais e, esperava-se, sentido pelos leitores.

É seguindo esta lógica que neste mesmo dia 10 o jornal *Zero Hora*, em uma atitude no mínimo inusitada, publicava uma entrevista com Cid Pinheiro Cabral, então seu próprio repórter, e que, atuando pelo *Correio do Povo*, acompanhara as Copas de 1950 e 1970. Assim como seu congênere baiano, o jornal gaúcho tratava de conferir, através das palavras do repórter, um novo sentido ao que ocorrera dez anos antes, para legitimar a necessidade de uma nova vitória.

---

<sup>534</sup> *A Tarde*, 10 de janeiro de 1981, p 1.

<sup>535</sup> Ver nota 236.

Depois daquele 16 de Julho de 1950, quando o Uruguai, em pleno Maracanã, tirou da boca do Brasil um título mundial que ninguém acreditava pudesse sair do nosso país, ganhamos do Uruguai, vinte anos depois, em 70, em Guadalajara, na semi-final do México. Mas não era uma final, por isso que a vitória foi considerada, geralmente, como uma desforra a meio-pau. Só trinta anos depois, hoje, na decisão do mundialito, é que os uruguaios e brasileiros vão se defrontar pela primeira vez, na decisão de um título internacional de características mundiais (sic).<sup>536</sup>

Duas páginas adiante, mais lembranças do passado, a indicar que a final do Mundialito, assim como acontecera na semifinal no México, não seria uma partida que se esgotaria em si mesma. Com efeito, a mesma edição que publicava as recordações de um jornalista que testemunhara o *Maracanazo*, trazia igualmente uma entrevista com Alcides Ghiggia, o “carrasco de 50”. Poucas coisas poderiam, com efeito, ser mais simbólicas a respeito daquele momento (em 1981) do que resgatar a imagem do responsável último pela existência da necessidade da desforra na alma futebolística brasileira. Trazer Ghiggia relembrando uma frase que acabaria por se tornar célebre – “apenas três pessoas calaram o Maracanã com 200 mil espectadores: Frank Sinatra, o papa João Paulo II e eu” – conferia ao jogo daquela tarde uma grandeza que remontava diretamente a possibilidade de retribuir ao selecionado uruguaião a frustração de três décadas antes. Naquele momento e através daquele conjunto de imagens e textos, é a memória coletiva que vai sendo trabalhada e (re)construída, conferindo a toda uma nova geração de brasileiros a lembrança de algo que não viveram, mas a partir do que saberão que devem esperar e lutar, ainda que no papel de torcedores, por uma vitória. Assim, o “fato histórico” torna-se novamente real e próximo, na medida em que é utilizado como motor de novas percepções e atitudes.

Todavia, no final daquela tarde, o Brasil seria novamente derrotado, pelo mesmo marcador registrado no Maracanã em 1950.

Falar que aquela era uma repetição do que ocorrera três décadas antes é, certamente, uma demasia, afinal, como diria Marx, a História apenas se repete como farsa. Contudo, para a grande imprensa, foi o caráter de repetição diante de mais uma oportunidade histórica perdida que deu o tom aos comentários a partir do dia seguinte. A contra-capa do jornal *Zero Hora*, por exemplo, ia direto ao ponto, através da

---

<sup>536</sup> *Zero Hora*, 10 de janeiro de 1981, p 35.

manchete “Centenário vê bis uruguai da Copa de 50”.<sup>537</sup> Dentro do jornal, juntamente com as fotos coloridas de uma equipe celeste vitoriosa – algo que não houvera trinta anos antes –, considerações que em muito se aproximavam dos textos apresentados pelos jornais que já integravam o que alguns cronistas esportivos classificavam como “tempo histórico” pertencente a um “passado distante”. Assim, um dos motivos encontrados para a derrota era novamente o efeito nocivo provocado no ânimo dos jogadores por uma vitória categórica que terminara em goleada, agora sobre a Alemanha.

Na redação, uma multidão de caras tristes fazendo esta segunda edição dominical. A mesma, certamente da totalidade do povo brasileiro que assistiu pela televisão um bis de Maracanã 50. Éramos os melhores depois da goleada na Alemanha, entramos confiantes e acabamos nos rendendo ao futebol mais corajoso, objetivo e pronto para uma decisão destas.<sup>538</sup>

Os textos do jornal gaúcho estabelecem uma boa relação de complementariedade com o que encontramos em *A Tarde* naquele mesmo dia. Já na capa deste, os leitores encontravam “‘Celeste’ confirma tradição”.<sup>539</sup> No corpo do jornal, a constatação de que os velhos problemas voltavam a se repetir diante do mesmo adversário.

O Brasil, mais uma vez, fracassou na decisão de um título internacional com o Uruguai, desta vez na final do Mundialito ao perder de 2X1, um jogo em que esteve bem melhor no primeiro tempo. Mas não soube se controlar diante da garra da equipe local no segundo tempo. Os dois gols uruguaios foram marcados por inteiro descuido da defesa brasileira.<sup>540</sup>

A complementariedade entre os enfoques dos dois periódicos chega a ser até certo ponto surpreendente, e nos revela como muitos dos motivos encontrados para a derrota de 1950 voltaram a se fazer presentes em um novo contexto. Diante de uma desforra que não veio, o novo insucesso seria uma repetição da derrota do passado, onde uma mística de “tradição” conferida à seleção uruguaia teria novamente prevalecido, tal como em um “eterno retorno” onde os acontecimentos do passado são sempre

---

<sup>537</sup> *Zero Hora*, 11 de janeiro de 1981, p 60.

<sup>538</sup> *Zero Hora*, 11 de janeiro de 1981, p 41.

<sup>539</sup> *A Tarde*, 11 de janeiro de 1981, p 1.

<sup>540</sup> *A Tarde*, 11 de janeiro de 1981, p 14.

retomados em um novo contexto, mantendo seu sentido e sua significação. Desta forma, assim como no passado, seríamos primeiramente vítimas da soberba quando de uma vitória expressiva, para, posteriormente, mostrarmos descontrole no momento decisivo diante de um adversário que, em oposição à nossa técnica, mostraria um estilo suficientemente aguerrido para sair com a vitória. Em outros tempos, com outros jogadores, o mesmo discurso.

Contudo, mesmo sendo considerada como uma repetição da frustração de 1950, o Mundialito de 1980/1 longe está de possuir, na memória coletiva brasileira, uma importância semelhante a da quarta Copa do Mundo de futebol. Há, com certeza, vários motivos para isto, e que podem nos auxiliar a desvelar o porquê desta frustração. Em primeiro lugar, há o caráter de originalidade conferido à derrota no Maracanã. Com efeito, aquele é o fato desencadeador de uma lembrança que persiste e que é retomada pela torcida e pela imprensa a cada novo encontro entre brasileiros e uruguaios. As partidas entre as duas seleções a partir daí seriam revestidas deste caráter de “desforra/confirmação”, sem que o fato original possa vir a ser alterado. Os sentidos daquela primeira frustração integram, portanto, os sentidos atribuídos aos jogos, sem que (ao menos até agora), um ingrediente novo, dotado de força histórica suficiente, se sobreponha a ele, gerando uma nova discursividade. Ao mesmo tempo, os sentidos acerca da nacionalidade brasileira em 1981 – assim como em 1970, eram agora outros. A conquista do Campeonato Mundial de Futebol já era para o Brasil um fato histórico, o que anulava muito do discurso existente em 1950 acerca de nossa incapacidade de conquistas, ao menos no campo esportivo (podemos até questionar se uma provável derrota na semi-final de 1970 não reavivaría tal linha de argumentação, mas então estaríamos incidindo no campo do contra-factual, o que foge a nossa alçada). Por fim, há que se considerar que neste momento a discussão acerca da nacionalidade brasileira já adentrara em um novo momento.

Embora possamos nos questionar acerca de onde estava agora o modelo de modernidade a ser seguido, a fórmula das “três raças tristes” perdera forças diante da valorização de elementos culturais que celebram a mestiçagem brasileira, tal como o carnaval transformado em espetáculo midiático ou o próprio futebol, muito embora a transposição dos resultados do campo para o entendimento da sociedade brasileira continue sendo uma característica vigorosa, conforme apontado anteriormente por

Simoni Lahud Guedes.<sup>541</sup> Em outras palavras, neste novo contexto, a discussão se a razão estava com Paulo Prado ou Gilberto Freyre não estava mais em pauta, logo, sua transposição, ainda que involuntária, para o universo do futebol, não encontra mais as condições para se efetivar.

Tal como em 1970, quando a conquista do mundial foi fortemente associada ao contexto político, também o Mundialito não escapou de ser utilizado como motor para que uma discursividade fortemente marcada pelo viés político chegasse à população. Contudo, dentro do novo contexto, marcado não mais pelos “anos de chumbo” da década anterior, mas pela distensão do regime militar e pela abertura, os enunciados pareciam ser agora outros. Neste momento, junto com o futebol, havia espaço para pequenas denúncias acerca da situação do país, bem como para assuntos que outrora não poderiam ser mencionados através dos jornais. Assim, no dia oito de janeiro de 1981, o editorial de esportes de *Zero Hora*, assinado por José Antonio Ribeiro, colocava, de forma nem tão sutil: “Há torcedores mais politizados que arriscam, com ironia: o Brasil vai torturar o Uruguai”.<sup>542</sup> Já no dia seguinte, uma charge de autoria de Marco Aurélio trazia um homem gritando em primeiro plano: “Não tem nada!!! Vamos nos vingar de 1950”. Atrás deste, dois outros o observam, sendo que um comenta: “Daqui uns dias vão querer vingar 1930, 1964...” (foto 18)<sup>543</sup>

Mais sintomática, porém, parece ser a inserção de alguém não vinculado ao mundo dos esportes, mas da economia. No dia da decisão do Mundialito, a jornalista Ana Amélia Lemos, assinava uma matéria intitulada “No futebol um desafogo para tensões e crises”.

O resultado da partida de hoje, em Montevidéu, é decisivo para desafogar tensões, especialmente neste início de ano que se anuncia tão pouco promissor.

O trabalho da seleção brasileira, neste primeiro “Mundialito”, até agora só conseguiu injetar uma boa dose de otimismo na população e em todas as camadas da sociedade que mais se sensibilizam pelos problemas coletivos. É claro que a vitória do Brasil, neste campeonato, não vai resolver os problemas da inflação, da dívida externa, do balanço de pagamentos e de outros tantos que estão enraizados na estrutura sócio-econômica do País, mas o ingrediente psicológico desse resultado influiu para que a comunidade tenha maior ânimo para enfrentar as dificuldades futuras (...).

---

<sup>541</sup> Ver nota 198.

<sup>542</sup> *Zero Hora*, 08 de janeiro de 1981, p 41.

<sup>543</sup> *Zero Hora*, 09 de janeiro de 1981, p 2.

O jogo com a seleção da Alemanha acordou a nação, cabisbaixa diante do peso da crise e das incertezas do futuro. Aparentemente as dificuldades se tornaram menores, ou, pelo menos, perfeitamente superáveis. Nos mais diversos ambientes, do interior do Rio Grande do Sul até os influentes gabinetes de Brasília, não se falou outra coisa com tanto interesse, nestes últimos dias, do que a atuação do selecionado brasileiro, na Copa de Ouro de Montevidéu. Hoje, com a disputa final dessa primeira competição internacional, preparatória para 1982 na Espanha, o Brasil vai torcer novamente com a mesma convicção dos velhos tempos e esse resultado transcende, pelo seu alcance, as esferas esportivas. Os aspectos políticos e psicológicos têm pesos definidos nesse resultado que, se favorável inteiramente ao Brasil, poderá ser um começo muito promissor para o ano que começa. Pelo menos haverá mais entusiasmo coletivo num momento em que a recomendação principal é “trabalhar e poupar mais”. Não se sabe se pelos estímulos oferecidos ou pelo clima novo que se vive, em função do desempenho do selecionado, o fato é que as cadernetas de poupança, até o dia 8, quando encerrou o prazo para depósitos serem beneficiados com todo o rendimento do primeiro trimestre, acusaram um excelente movimento (...).<sup>544</sup>

Poucas análises são tão didáticas acerca da transposição entre o desempenho do selecionado brasileiro e o contexto nacional. Em que pese o clima político de abertura, o início da década de 1980 foi marcada por uma severa crise econômica, provocando desemprego e retraindo a capacidade de investimentos. Devido ao modelo de capitalismo implantado pelos militares – especialmente através dos Planos Nacionais de Desenvolvimento –, o campo mecanizava-se de forma acelerada, expulsando mão-de-obra para núcleos urbanos que não se encontravam materialmente preparados para receber novos e grandes contingentes populacionais. A soma de desemprego, carestia e más condições de habitação gerava por vezes climas tensos nas cidades, ao mesmo tempo em que fomentava o ressurgimento de movimentos sociais direcionados para a solução dos problemas mais imediatos que afligiam esta população de baixa renda.<sup>545</sup> Ao mesmo tempo, as manchetes dos jornais pintavam um quadro sombrio de recessão, não oferecendo a expectativa de melhorias substanciais há curto prazo. E a tudo isto o futebol oferecia um desafogo, sem resolver os problemas, mas provocando a “sensação de otimismo” a fim de conferir “maior ânimo” diante da incerteza.

---

<sup>544</sup> *Zero Hora*, 10 de janeiro de 1981, p 4.

<sup>545</sup> Para uma análise deste fenômeno na região metropolitana de Porto Alegre, ver: WEBER, Regina. **Os rapazes da RS-030: jovens metropolitanos nos anos 80.** Porto Alegre: UFRGS, 2004.

Dentro desta lógica, uma nova desforra, que não viesse a ser “a meio pau” como a de 1970 estaria também inserida dentro deste fenômeno de verdadeira psicologia coletiva, onde a conquista de um título pelo selecionado brasileiro poderia sinalizar para um aumento do quadro de otimismo diante da crise. O discurso seria, desta forma, reforçado: não apenas vencemos, mas vingamos a tragédia passada, provocando no rival uma perda semelhante àquela que outrora nos foi infligida.

Demonstra-se, através deste exemplo, algo que já vem sendo apontado por aqueles que se dedicam a analisar as vinculações entre o futebol e as ciências sociais: ele certamente não mexe com as estruturas, mas pode interferir na forma como percebemos as estruturas em que estamos inseridos. A idéia de se gerar uma sensação de otimismo, ainda que fugaz, através da vitória, atingindo o âmbito psicológico da sociedade, pressupõe que não há, por parte do torcedor, uma separação absoluta entre o que diz respeito ao universo do futebol daquilo que seria relativo a outros setores, tais como a política ou a economia. Cremos que fazer qualquer generalização neste sentido (seja afirmando o futebol como ponto central da percepção de mundo de um torcedor; seja corroborando a idéia de que não há, por parte de quem assiste ou freqüente os estádios, a passagem direta entre o desempenho da seleção e o contexto nacional) seja temerário, uma vez que estaríamos entrando no campo da pessoalidade. Todavia, o que nos interessa aqui é apontar como esta passagem faz parte do discurso midiático do futebol. Os sentidos esperados para as partidas de 1950; 1970 ou 1981 certamente não são os mesmos, uma vez que os contextos históricos não o são. Todavia, ao mesmo tempo em que novos sentidos são buscados para novos confrontos, os embates entre brasileiros e uruguaios possuem um fator de rememoração de um momento apontado por muitos como uma tragédia nacional, e este ingrediente é reforçado, conforme a importância do jogo em questão.

\* \* \*

#### *4.4 – E depois...*

Obtida ou não a tão esperada vingança, o tempo segue seu rumo, e com ele os calendários das competições esportivas. O fracasso na final do Mundialito de certa forma ficaria na sombra de outra grande frustração esportiva, desta vez na Copa do Mundo de 1982, quando, sob o comando técnico de Telê Santana, novamente um selecionado brasileiro encantou o mundo com sua qualidade de jogo e, contudo, sequer

conseguiu chegar às semifinais. Quatro anos mais tarde, em 1986, quando o mundial seria novamente disputado no México, o selecionado brasileiro se apresentaria com a mesma base de jogadores e com o mesmo treinador, buscando repetir o padrão de jogo da competição anterior como estratégia para, desta vez, atingir o título.

Muito embora a competição apenas fosse ocorrer na metade do ano, já no início de 1986 algumas matérias sobre o mundial começavam a serem vinculadas na imprensa, tratando das equipes participantes, da preparação brasileira, mas também sobre a História de nosso futebol. Seguindo esta linha, a revista *Manchete* inicia uma série de reportagens intitulada “A Copa que vivi”, trazendo entrevistas com nomes que haviam, de alguma forma, participado das edições anteriores da competição, de modo a abranger todas as suas edições. Em fevereiro, foi a vez de falar de 1950. O entrevistado era Ademir, centroavante titular na final disputada no Maracanã.

Pode-se argumentar que o texto em si traga poucas novidades. Ademir, ao longo da matéria, discorre sobre o período de preparação em Araxá; sobre as partidas da primeira fase da competição e o clima de euforia criado a partir da classificação para a fase final e quando das goleadas contra suecos e espanhóis. Cita ainda a transferência da concentração para a partida final, do então distante bairro do Joá para o estádio de São Januário, onde, segundo ele, os jogadores não encontraram as devidas condições de descanso e preparação para a partida. O atacante não deixa mesmo de comentar uma visita do prefeito Mendes de Moraes aos vestiários, momentos antes do jogo começar, para declarar solenemente aos jogadores: “vim aqui só para pedir a vocês que é hora de mostrar que no Brasil não tem cobra na rua”.<sup>546</sup> Logo após a matéria com Ademir, outra matéria, de quatro páginas, assinada por Washington Rope, tratava exclusivamente da partida final contra o Uruguai, ostentando o significativo título de “A tragédia do Maracanã”. Aqui, Rope trata da construção do estádio, da euforia e da frustração criada a partir daquele momento, e conclui: “a tragédia de 16 de julho somente seria superada oito anos depois, na Suécia, onde Garrincha, Pelé, Nilton Santos e Didi conquistariam, finalmente, a primeira Copa do Mundo para o Brasil.”<sup>547</sup>

Embora possamos considerar que as reportagens daquele mês de fevereiro trazidas pela revista manchete não trouxessem novidades propriamente ditas, podemos nos questionar acerca de sua função como reproduutora da memória coletiva. Para tanto, pensemos nos potenciais leitores para aquelas matérias. Certamente para muitos, os

---

<sup>546</sup> Revista *Manchete*, 08 de fevereiro de 1986, p 83.

<sup>547</sup> Revista *Manchete*, 08 de fevereiro de 1986, p 84-87.

assuntos abordados por Ademir ou Washington Rope poderiam não ser mais do que um rememorar de antigos fatos. Contudo, não devemos esquecer que, sendo uma revista de grande circulação nacional (comparável ao que era *O Cruzeiro* nos anos 50), certamente estas matérias chegavam também a um conjunto de leitores de baixa faixa etária, muitos dos quais poderiam não ter ainda maiores conhecimentos acerca dos fatos de três décadas e meia antes. Ou seja, os mesmos artigos que para alguns serviam como instrumento de confirmação da memória, serviam, para leitores de uma nova geração, como uma primeira apresentação a estes fatos, colocando-os em sintonia com esta memória nacional acerca daquela partida, conforme a quantidade de tempo já vivido por aquele que executa a leitura.

Outro ponto importante – e isto remonta mesmo às matérias que citam a Copa de 50 ainda naquela década – é que, sempre que aquele mundial é citado, a lembrança se dá a partir da perspectiva da derrota. Não há, com efeito, a lembrança de que aquela havia sido até então a melhor campanha brasileira em um mundial. Algumas vezes se fala acerca do comportamento positivo da torcida, outras que o futebol apresentado foi de alta qualidade. Nada disso, porém, anula o fato de que a rememoração é sempre efetuada a partir da perspectiva da perda, e, como vimos, muitos dos sentidos atribuídos a esta perda resgatavam valores nada positivos acerca do brasileiro. Assim, a idéia apresentada por Washington Rope, de que “a tragédia de 50” teria sido superada oito anos depois pode ser, no mínimo, contestada.

Para encerrar, voltemos ao curta-metragem “Barbosa”, citado no início deste trabalho. Em março de 1988, Luiz Fernando Veríssimo, em sua coluna no jornal *Zero Hora*, utilizou duas edições seguidas para comentar acerca do filme que ainda seria realizado, aproveitando para informar que os produtores estavam à procura de um dublê para o goleiro. O candidato deveria, obviamente, ser parecido com o Barbosa de 1950 de rosto e físico. Há um detalhe importante, porém, que não passa despercebido pelo olhar do cronista. “A consequência mais duradoura e mais calhorda do gol de Ghiggia foi o preconceito, que já existia e foi reforçado, contra goleiros pretos”.<sup>548</sup> Com efeito, o primeiro goleiro negro, após Barbosa, a vestir a camisa titular da seleção nacional, foi Dida, já na virada para este século, ou seja, mais de uma década após Veríssimo ter feito tal constatação em sua coluna.

---

<sup>548</sup> *Zero Hora*, 19 de março de 1988, p 4.

Contudo, foi no dia anterior, na primeira vez que se reportou a gravação do curta-metragem, que Veríssimo buscou fazer uma síntese do que era então a memória acerca da última partida brasileira no mundial de 1950. Naquela época, não havia partida contra o Uruguai ou Copa do Mundo em disputa. Apenas um filme sendo produzido e para o qual se procurava um dublê. Neste contexto, aparentemente despretensioso, é que o cronista escreve:

No filme de Ana Luiza e Jorge Furtado vamos poder fazer o que muita gente sonha, que é voltar ao Maracanã naquela trágica tarde da final contra o Uruguai e tentar mudar o resultado (...)

Barbosa, Ghiggia, Bigode... para muita gente esses nomes são tão remotos quanto o do Marechal Deodoro. Para quem ainda não estava vivo na época, mas mesmo assim se interessou em saber o que houve naquele 16 de julho, o fato contado adquiriu um valor de mito monitório: foi o dia em que o Brasil foi punido pela sua pretensão, como os deuses da Grécia puniam o “hubris” dos heróis que os desafiassem. Há quem diga que foi a primeira da grande série de decepções modernas que transformaram o Brasileiro nesse ser descrente que anda por aí, com a barba mal feita e baba pendente. Nossa “hubris” foi construir o maior estádio do mundo como um monumento ao que ainda não estava provado, e que o Ghiggia não deixou provar. Depois vieram o suicídio do Getúlio, a renúncia do Jânio, a desclassificação da Marta Rocha, a deposição do Jango, os presidentes militares e a eleição do Tancredo que resolveria tudo, só que 11 germes do hospital de base se reuniram e decidiram que ainda não seria desta vez. Nesse meio tempo, claro, o Brasil ganhou três copas do mundo, mas de certa maneira não era o mesmo que ter vencido em 50. Em 50 ainda éramos suficientemente inocentes para achar que o futebol provava tudo, e que um país que construía aquele estádio e formara aquele time estava abençoado pela história. Assim, não só o drama de 16 de julho foi passado à geração seguinte como um relato cada vez mais depurado nos seus piores significados, como a decepção daquele dia ficou nas células, passa geneticamente para cada novo brasileiro, que já nasce massacrado pelo Ghiggia, já nasce com 2X1 contra.<sup>549</sup>

A figura de linguagem usada por Veríssimo não está longe da verdade. Ao ser periodicamente relembrada, a derrota para o Uruguai também é recontada para as novas gerações, levando consigo sentidos que existiam à época ou que fazem parte de um novo contexto. Aquela partida é parte de nossa História, tanto quanto os outros fatos ou

---

<sup>549</sup> *Zero Hora*, 18 de março de 1988, p 4.

personagens elencados, e, assim, longe está de possuir neutralidade, transfigurando-se através da mão de quem escreve, ao mesmo tempo em que nos joga na face nossos antigos preconceitos acerca de nós mesmos.

Hiroxima, tragédia ou apenas um jogo de futebol, o fato é que aquela realmente será uma partida a ser lembrada ainda por muitas vezes.

## Conclusão (Ou: “O apito final”)

*“Eu estaria chorando sem saber por quê. Chorando de emoção, é claro; mas de uma emoção pura, que não era de alegria nem de tristeza, nem era de certeza nem de dúvida, mas que era por aquilo tudo: por aquelas imagens, pelos meus desenhos, pelas figurinhas, pelos meus botões, por minhas bandeiras; talvez pelo que houvesse ganho, talvez pelo que houvesse perdido; enfim, eu estaria chorando pela magia sem segredo daquela tarde fria, daquela tarde quente, daquela tarde impossível”.*

*Aldyr Garcia Schlee*

A partida contra o Uruguai, válida pela Copa do Mundo de 1950 é, certamente, um momento que acabou por se tornar emblemático dentro da história do futebol brasileiro. A cada novo encontro entre os dois selecionados, aquela partida é, em alguma medida, relembrada pelos órgãos da imprensa esportiva, tal qual um mito que precisa ser constantemente recontado, a fim de que seus sentidos possam ser passados às novas gerações. Não nos cabe estipular quantas “vinganças” já houve ou quantas ainda serão necessárias. Talvez Jair da Rosa Pinto, jogador brasileiro naquele 16 de julho estivesse certo ao afirmar que não existe tal coisa em futebol, e que cada partida é uma nova partida, inserida dentro de seu contexto e com seus próprios significados.

Contudo, esta idéia de uma desforra necessária certamente não aparece periodicamente nas crônicas esportivas de forma gratuita. Para além de ser um assunto “vendável” aos jornais – e, porque não, também um forte elemento de divulgação das partidas – é um fenômeno dotado de sua própria historicidade e ligado com a historicidade brasileira. Foi buscando entender os sentidos originais atribuídos àquele jogo que empreendemos, em nosso primeiro capítulo, um pequeno inventário sobre a compreensão do que era “ser brasileiro” na primeira metade do século XX. Assim o fizemos no entendimento de que muitos dos anseios existentes quanto à realização do mundial em terras brasileiras estavam vinculados a tal compreensão. No entanto,

diferentemente do que havia no começo daquele século, existia em 1950 correntes de idéias opostas, colocando no centro da questão o aspecto positivo ou negativo de nossa nacionalidade enquanto resultante de nossa formação histórica. Se, no começo daquela centúria, ser mestiço equivalia a ser racialmente um degenerado, quatro décadas mais tarde tal perspectiva teria de disputar espaço com novas teorias que apregoavam o oposto, valorizando a idéia do brasileiro mestiço como resultante de um processo histórico, sem que isto significasse inferioridade em termos raciais ou culturais.

Quando da realização da IV Copa do Mundo em solo brasileiro, tais perspectivas opostas estavam ainda em choque, disputando espaço e credibilidade. Ao mesmo tempo, esperava-se que através de tal competição o Brasil demonstrasse ao resto do mundo – em especial às nações ditas “civilizadas”, tomadas pelos brasileiros como modelo de desenvolvimento – que o estágio de atraso nacional estava já superado. Mostraríamos aos demais países esta condição através de cidades modernas “sem índios ou cobras nas ruas”, expressão que certamente denota a matriz européia para este modelo.

O porquê deste anseio, em 1950, talvez fique bem ilustrado através de uma pequena história atual. Dois dias antes de começar a escrever esta conclusão, encontrei em uma partida de futebol um amigo e colega de pós-graduação que há pouco retornara de uma bolsa-sanduíche nos Estados Unidos. Entre outros relatos que nos apresentou de sua estadia naquele país, contou que fora perguntado se, ao abrir a janela de seu quarto pela manhã, ele avistava índios. A par da já proverbial “sapiência” estadunidense a tudo o que não seja relativo ao seu país, há que se perceber que a imagem do Brasil como lugar de vida selvagem permanece aos olhos de muitos estrangeiros. Se tal ocorre hoje, diante da globalização de comunicações e imagens, o que dizer de 1950, quando as notícias dentro do país levavam por vezes 24 horas para serem publicadas nos jornais a partir do momento em que eram redigidas pelos cronistas e jornalistas?

Aquela era, pois, uma forma de colocar o Brasil no noticiário sem que fosse por algo exótico ou trágico. Através da realização do mundial, mostrariamo a todos que éramos um povo organizado; operoso e vencedor. Paradoxalmente, porém, esperávamos cumprir tais objetivos através de um esporte que, tendo ultrapassado já sua fase de atividade de elite, havia rapidamente se popularizado, merecendo repórteres e linguagem especializada por parte da grande mídia. Assim, tal condição deveria ser demonstrada por uma equipe formada em grande parte por jogadores negros e mestiços, parcialidades até pouco tidas justamente como responsáveis pelo nosso atraso. Diante de uma derrota que gerou frustrações na medida inversamente proporcional em que a

partida produzira expectativas, muitas foram às explicações e os culpados apontados como responsáveis pelo acontecido. Não importava mesmo que, para os jornalistas estrangeiros que deveriam levar adiante a imagem do país, tenhamos passado uma boa imagem final. Internamente, tínhamos que apenas com a conquista do título máximo comprovaríamos nossas características positivas.

Tais sentidos, no entanto, necessitavam de um veículo adequado a fim de que fossem divulgados por entre a população brasileira naquele momento. Este foi o papel da crônica esportiva que operava nos grandes jornais e revistas de então. Ainda que muitas vezes a relação de tais profissionais para com o time cebedense fosse de desconfiança, à medida que a possibilidade de um título mundial se aproximava, maior se tornava a uniformidade em torno da confiança na equipe de Flávio Costa. Por certo não podemos e nem devemos afirmar que a festividade em torno da seleção se deu em virtude da imprensa, mas esta, ao mostrar e comentar tais reações, acabava por alimentá-las ainda mais, gerando um verdadeiro “círculo vicioso da esperança” onde a confiança era tema da imprensa e onde a imprensa alimentava esta confiança.

A derrota, porém, conferiria um novo sentido àquele mundial. Naquele contexto específico, onde o “caráter do brasileiro” era ainda motivo de embate dentro e fora das academias, a perda do título máximo encontrou, nas idéias de que a mestiçagem brasileira era algo desvantajoso, um caminho para as explicações. Evidentemente que as raízes de tal perspectiva passam pelos preconceitos historicamente existentes dentro de nossa sociedade, e que o futebol é, em essência, tão somente uma atividade esportiva (não considerando aqui o aspecto comercial envolvido). Contudo, naquele momento, as justificativas encontradas por boa parte da imprensa passavam por este caminho. Neste sentido, até mesmo as fotos e relatos acerca do lance decisivo serviam para corroborar tal perspectiva, afinal, as imagens e nomes citados remetiam a três jogadores negros (Barbosa, Juvenal e Bigode). Ainda que os jornais não declarassem abertamente a vinculação entre a questão racial e muitas das explicações oferecidas, o fato de atribuir à derrota a um pequeno grupo de jogadores negros da equipe era algo que se sobreponha aos preconceitos já comentados.

Igualmente não há como dissociar a criação e divulgação destes sentidos ao público brasileiro do estágio de desenvolvimento em que se encontrava a imprensa de uma forma geral, e a imprensa esportiva em particular. Enquanto os grandes jornais cobriam o território nacional com seus textos – fosse diretamente, fosse de modo indireto, através da republicação de seus textos por periódicos menores –, as grandes

revistas, embora apresentando as notícias com algum atraso cronológico, possuíam já um padrão gráfico moderno levando aos rincões do interior a imagem das pessoas que se constituíam em objeto de suas matérias. Neste sentido, como vimos anteriormente, seu trabalho era fundamental para que, longe dos principais centros urbanos do país, os brasileiros criassem uma imagem aproximada daqueles que estavam envolvidos com o universo do futebol. Assim, o torcedor mais distante tomava conhecimento não somente do aspecto físico dos principais atletas através das fotografias, mas também de pormenores de suas vidas, como vaidades, fraquezas ou preferências.

Criava-se, em outras palavras, uma imagem pública acerca de tais pessoas, tal como se fossem personagens fictícios, ao mesmo tempo em que se lhes conferia um aspecto verdadeiramente humano diante de tais leitores. E tais personagens seriam, ao cabo, os heróis e vilões de cada fim de semana. Se isto valia para embates locais, como um Botafogo e Flamengo ou São Paulo e Palmeiras, era ainda mais válido para o selecionado nacional, tido como a representação de nossa nação no esporte com o qual os brasileiros mais se identificam. Desta forma, responsabilizar uma parcela do selecionado pela derrota significaria também responsabilizar uma parcela da nação, qual seja, a que proporcionaria a maior identificação com os jogadores culpabilizados. Neste momento, mesmo a questão clubística, sempre forte, parece haver ficado em segundo plano diante do recurso aos fatores raciais.

A força de tal argumentação pode ser verificada através de dois fatores simples. Em primeiro lugar, nos dias imediatamente posteriores à partida contra o Uruguai, enquanto alguns jornalistas tentavam minimizar os efeitos da derrota e outros se preocupavam em encontrar culpas individuais, outros tantos estendiam tal culpabilização para todo o plantel da seleção nacional, incluindo aí os jogadores brancos. Os argumentos utilizados, no entanto, de falta de fibra, de comando ou de calma na hora decisiva são indissociáveis das idéias vindas ainda do começo do século XX, de perspectivas elitistas, europocêntricas e eugênicas. Seus reflexos, em um discurso jornalístico esportivo em 1950, apenas revela a força de tais paradigmas em nossa sociedade.

Em segundo lugar, tais argumentos possuíram (e talvez ainda possuam) uma grande vitalidade, da qual a figura do “complexo de vira-latas” criada por Nelson Rodrigues talvez seja o melhor testemunho. Neste sentido, é curioso notar como mesmo após a conquista de três títulos mundiais, a expressão continua conhecida, tendo sobrevivido ao seu criador. Não deixa de ser sintomático, neste sentido, que em 1981,

após a derrota na final do Mundialito, argumentos semelhantes aos de 1950 tenham sido utilizados pela imprensa, ainda que em menor escala. Assim, somos levados a nos questionar se a visão do “brasileiro vira-latas” não possui uma infeliz vitalidade, atingindo inclusive aos dias atuais.

Os significados atribuídos àquela partida e àquela derrota, por fim, lhe conferiram um sentido mítico que extrapola absolutamente o aspecto meramente futebolístico. Transformada antecipadamente em metáfora do desenvolvimento nacional, acabou por reforçar a idéia de que neste país “nada vai dar certo”.<sup>550</sup> Assim, o desejo de vingar aquele momento através de uma vitória sobre o Uruguai carrega consigo a intensão de vingarmos a confirmação de nosso atraso. Não que a vitória fosse nos tornar um país mais justo ou mais avançado. Porém, de alguma forma, naquele jogo fora projetada a idéia de que caminhávamos pelo rumo certo em direção a tais condições. Ao mesmo tempo, em um contexto onde visões opostas acerca da nacionalidade brasileira procuravam exercer sua influência, este seria o momento em que nos afirmaríamos positivamente, comprovando nossa capacidade de conquista, elemento que, como foi apontado por Hobsbawm, é indispensável para que uma nação possa se afirmar como tal.<sup>551</sup> Assim, ser um país vitorioso corresponderia, ao menos no discurso interno, a ser também um país civilizado, não exótico, “sem índios e cobras nas ruas”.

Não importava que cada novo jogo fosse, em essência, um novo jogo, ou que os próprios atletas brasileiros envolvidos no *Maracanazo* considerassem aquele um momento já vingado ou, como proferiu Jair, invingável. O discurso da grande imprensa brasileira privilegiava (e privilegia) a idéia de que, em algum momento, o “troco” deveria ser dado. Contudo, outros momentos demandam também a existência de novos contextos. Assim, em 1970, a vitória sobre os uruguaios na semifinal serviria não como elemento de afirmação de modernidade, mas estaria inserido dentro do discurso ufanista propagado pelos militares, que sabidamente buscaram vincular patriotismo e futebol a partir da conquista do tri-campeonato no México. Já em 1981, no contexto da abertura, a final do Mundialito deveria servir não apenas para a vingança necessária, mas também para que, através de metáforas nem tão veladas, o regime agonizante fosse criticado. Assim, em novas partidas decisivas contra o Uruguai, outros sentidos vão sendo atribuídos ao jogo conforme o momento histórico em que se vive, sem que as lembranças de 1950 sejam esquecidas pelos relatos.

---

<sup>550</sup> Expressão retirada do roteiro do curta-metragem “Barbosa”

<sup>551</sup> Ver capítulo 2, página 169.

Estes novos momentos, que sempre reavivam antigas lembranças, acabam por constituir uma memória coletiva acerca de um fato do passado que o senso comum estipula já como “fato histórico”. Este constante recontar, especialmente através de reportagens, mas também de filmes, livros ou especiais de TV, transferem às novas gerações muito dos sentidos que originalmente foram atribuídos à derrota de 1950. Expressões como “o dia mais triste da História do Brasil”, “nossa Hiroxima” ou “tragédia nacional” são carregados de uma dramaticidade incomum a eventos esportivos. Assim, as novas gerações, diante de embates futebolísticos entre brasileiros e uruguaios, têm, junto aos seus devidos contextos, a lembrança de um fato passado e sempre relembrado. A derrota de 1950 é assim parte de nossa identidade esportiva, fazendo com que, relembrando as palavras de Veríssimo, já nasçamos com 2X1 contra.

Se assim não fosse, certamente este trabalho não existiria.

## Bibliografia

ALABARCES, Pablo. **Fútbol y patria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina.** Buenos Aires: Prometeo, 2002.

ALABARCES, Pablo. Entre el infierno y la gloria: crisis, política y mundiales: Argentina y la Copa del Mundo de 2002. In: GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni Lahud (orgs.). **Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional.** Niterói: Intertexto, 2006.

ALAMBERT, Francisco. A irresistível presença de Macunaíma. In: **Revista Nossa História**, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional; São Paulo: Vera Cruz. Ano 1, nº 1, nov. 2003.

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional.** São Paulo: Ática, 1989.

ANDRADE, Carlos Drummond de. A Gilberto Freyre. In FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1984. (xxxiv)

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma (o herói sem nenhum caráter).** São Paulo: Martins, 1978.

ANDRADE, Oswald. **Ponta de lança.** São Paulo: Globo, 2004.

ANTUNES, Fátima Martins Rodrigues Ferreira. “**Com brasileiro não há quem possa!” Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues.** São Paulo: Unesp, 2004.

AQUINO, Rubim Santos Leão de. **Futebol: uma paixão nacional.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Setenta anos de vitalidade. In: **Revista Nossa História**, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional; São Paulo: Vera Cruz. Ano 1, nº 3, nov. 2003. (98)

ARAÚJO, Tatiana Brandão. **O corpo como espetáculo: a prática do futebol por mulheres.** Rio Grande: mimeo, 2007.

\_\_\_\_\_. **O futebol como espaço de resistência das mulheres iranianas.** Rio Grande, Mimeo: 2007.

ARBEX JR. José. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo.** São Paulo: Casa Amarela, 2002.

BANDEIRA, Manuel. Casa-Grande & Senzala. In: FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

BARBOSA, Marialva. Jornalismo e História: um olhar e duas temporalidades. In: NEVES, Lúcia; MOREL, Marco (orgs.). **História e Imprensa: homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos. Anais do Colóquio**. Rio de Janeiro: UERJ/IFCH, 1997.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Ática, 1983.

BASSANEZI, Carla; URGINI, Leslye Bombonatto. *O Cruzeiro e as garotas*. In: **Cadernos Pagu**. Campinas: Unicamp – Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, nº 4, 1995. Disponível em: <http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad04/pagu04.13.pdf> Acesso em 15/09/2008.

BAYCE, Rafael. Cultura, identidades, subjetividades y estereótipos: preguntas generales y apuntes específicos en el caso del fútbol uruguayo. In: ALABARCES, Pablo (org.). **Futbologías: fútbol, identidad y violência en América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2003.

BELLOS, Alex. **Futebol: o Brasil em campo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BOARINI, Maria Lucia. *Higienismo e Eugenia: discursos que não envelhecem*. In: [http://www.coc.fiocruz.br/psi/pdf/higienismo\\_eugenia.pdf](http://www.coc.fiocruz.br/psi/pdf/higienismo_eugenia.pdf). Acesso em 13/02/2008.

BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. Do complexo de vira-latas ao homem genial: futebol e identidade no Brasil. In: **Histórica: revista eletrônica do arquivo do Estado de São Paulo**. Disponível em <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edição24/materia02/>. Acesso em 27/11/2007.

BRUHNS, Heloísa Turini. **Futebol, carnaval e capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas: Papirus, 2000.

BURKE, Peter. Gilberto Freyre: um precursor da História Cultural. In: **Revista Nossa História**, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional; São Paulo: Vera Cruz. Ano 2, nº 22, nov. 2003.

CAMARGOS, Márcia. **13 a 18 de fevereiro de 1922. A Semana de 22: revolução estética?** São Paulo: Editora Nacional/Lazuli, 2007.

CANDIDO, Antonio. A visão política de Sérgio Buarque de Holanda. In: CANDIDO, Antonio (org.). **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 1998.

\_\_\_\_\_. O significado de “Raízes do Brasil”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo**. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

CASTRO, Ruy. **Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

COUTINHO, Edilberto. **Maracanã, Adeus: onze histórias de futebol**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Francisco Alves/São Paulo: Publifolha, 2000.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. O ethos capitalista e o espírito das Copas. In: GASTALDO, Edison; GUEDES, Simoni Lahud (orgs.). **Nações em campo: Copa do mundo e identidade nacional**. Niterói: Intertexto, 2006.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DECCA, Edgar Salvadori de. Quaresma: um relato de massacre republicano. In: **Anos 90: revista do programa de pós graduação em História**. Porto Alegre: UFRGS, n° 8, dez/1997.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Política e sociedade na obra de Sérgio Buarque de Holanda. In: CANDIDO, Antonio (org.). **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 1998.

ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas possibilidades metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. In: **Cadernos de Estudo n° 13**. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, 1995.

FARIA, Daniel. Makunaima e Macunaíma. Entre a natureza e a história. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo: ANPUH, vol. 26, nº 51, jan. – jun., 2006.

FAUSTO, Carlos. **Os índios antes do Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERRAZ, Geraldo. Perfil de um homem e de um livro. In PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

FERREIRA, Lucia M. A. As práticas discursivas e os (im)previsíveis caminhos da memória. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.

FERREIRO, Juan Pablo. “Ni la muerte nos va a separar, desde el cielo te voy a alentar”. Apuntes sobre identidad y fútbol en Jujuy”. In: ALABARCES, Pablo (org.). **Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2003.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

FRANCO JR., Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

FREYRE, Gilberto. O negro no futebol brasileiro. In: RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre, L&PM, 2002.

GASTALDO, Édison Luis. “Os campeões do século”: notas sobre a definição da situação no futebol mediatizado”. In: GASTALDO, Edison; GUEDES, Simoni Lahud (orgs.). **Nações em campo: Copa do mundo e identidade nacional**. Niterói: Intertexto, 2006 (a).

GASTALDO, Édison Luis. A pátria na “imprensa de chuteiras”: futebol, mídia e identidades brasileiras. In: GASTALDO, Edison; GUEDES, Simoni Lahud (orgs.). **Nações em campo: Copa do mundo e identidade nacional**. Niterói: Intertexto, 2006 (b).

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões.** São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Na “Pátria das Chuteiras” as mulheres não têm vez. Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: gênero e preconceitos. UFSC/UDESC, 2006. Disponível em [http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Silvana\\_Vilodre\\_Goellner\\_21.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/S/Silvana_Vilodre_Goellner_21.pdf). Acesso em 19/12/2007.

GOLDIM, José Roberto. *Eugenia*. In: <http://www.ufrgs.br/bioetica/eugenia.htm>. Acesso em 13/02/2008.

GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. 500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da “província de chuteiras”. In: **Anos 90: revista do programa de pós graduação em História.** Porto Alegre: UFRGS, nº 13, jul/2000.

GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro.** Niterói: Eduff, 1998.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HELAL, Ronaldo. Idolatria e malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário. In: ALABARCES, Pablo (org.). **Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina.** Buenos Aires: Clacso, 2003.

HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade.** São Paulo: Paz e Terra, 1998.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991).** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego.** Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 2004.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **A bola nas redes e o enredo do lugar: por uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul”.** São Paulo: USP (Tese de doutorado), 2001.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v. 13, nº 23, 1999 (a).

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O futebol da *Canela Preta*: o negro e a modernidade em Porto Alegre. In: **Anos 90: revista do programa de pós-graduação em História**. Porto Alegre: UFRGS, nº 11, jul/1999 (b).

KERN, Maria Lúcia. A antropofagia e a redescoberta do Brasil. In: **Estudos Ibero-americanos**. Porto Alegre: PUCRS, Edição especial nº 1, 2000.

LEITÃO, Luiz Ricardo. **Lima Barreto: o rebelde imprescindível**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

LIMA, Oliveira. **Formação histórica da nacionalidade brasileira**. Rio de Janeiro: Topbooks; São Paulo: Publifolha, 2000.

LOBATO, José Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Brasiliense, s/d.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. Limites da utopia: cidade e modernização no Brasil desenvolvimentista (Florianópolis, década de 1950). In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Anpuh, vol 27, nº 53, jan-jun, 2007.

MARTINENCHE, Ernest. Prefácio da edição Francesa. In: LIMA, Oliveira. **Formação histórica da nacionalidade brasileira**. Rio de Janeiro: Topbooks; São Paulo: Publifolha, 2000.

MORAES NETO, Geneton. **Dossiê 50: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

MOURA, Gisella de Araújo. **O Rio corre para o Maracanã**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

OLIVEIRA, Maria do Carmo Leite. Futebol na imprensa: uma releitura histórica. **Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro: UERJ, nº3/4, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Da cidade maravilhosa ao país das maravilhas: Lima Barreto e o “caráter nacional”. In: **Anos 90: revista do programa de pós-graduação em História**. Porto Alegre: UFRGS, nº 8, dez/1997.

PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

REGO, José Lins do. O próximo livro de Gilberto Freyre. In: FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

RODRIGUES FILHO, Nelson. Lima Barreto: jogando contra o futebol. In: **Pesquisa de Campo**, nº 1, Rio de Janeiro: UERJ, 1995.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. Petrópolis: vozes, 1991.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

SANTOS, Joel Rufino dos. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SANTOS NETO, José Moraes dos. **Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SCHPUN, Monica Raisa. Luzes e sombras da cidade (São Paulo na obra de Mário de Andrade). In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo: ANPUH, vol. 23, nº 46, jul. – dez., 2003.

SOARES, Antonio Jorge. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. In: ALABARCES, Pablo. (org.). **Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha e os Sertões. In: CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Francisco Alves/São Paulo: Publifolha, 2000.

VILLA, Marco Antônio. **Canudos: o campo em chamas**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

\_\_\_\_\_. Um historiador em busca da nacionalidade brasileira. In: LIMA, Oliveira. **Formação histórica da nacionalidade brasileira**. Rio de Janeiro: Topbooks; São Paulo: Publifolha, 2000.

WEBER, Regina. **Os rapazes da RS-030: jovens metropolitanos nos anos 80**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

WITTER, José Sebastião. **O que é futebol**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ZILLY, Berthold. A guerra do sertão como evento de mídia na Europa de 1897. In: **Anos 90: revista do programa de pós-graduação em História**. Porto Alegre: UFRGS, julho/1997.

#### Periódicos citados

*A Tarde*: maio de 1950; junho de 1950; julho de 1950; junho de 1970; janeiro de 1981. Local de consulta: Biblioteca Pública de Salvador.

*Correio do Povo*: julho de 1948; maio de 1950; junho de 1950; julho de 1950; março de 1954; junho de 1954; junho de 1970. Local de consulta: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (Porto Alegre).

*Folha da Tarde Esportiva*: junho de 1954. Local de consulta: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (Porto Alegre).

*O Cruzeiro*: junho de 1948; agosto de 1948; dezembro de 1948; janeiro de 1949; fevereiro de 1949; setembro de 1949; fevereiro de 1950; abril de 1950; maio de 1950; junho de 1950; julho de 1950. Local de consulta: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (Porto Alegre).

*O Estado*, abril de 1950; maio de 1950; junho de 1950; julho de 1950. Biblioteca pública de Florianópolis.

*Manchete*, agosto de 1971; fevereiro de 1986. Local de consulta: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (Porto Alegre).

*Revista do Globo*, abril de 1950; julho de 1950. Local de consulta: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (Porto Alegre).

*Zero Hora*, janeiro de 1981; março de 1988; junho de 2001. Local de consulta: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa (Porto Alegre).

### Outras fontes consultadas

GORZY, Sergio. 16 de Julio de 1950... In: **50 años de Maracaná**. Montevidéu: Sondor S.A., 2000. (Texto de encarte do CD duplo com a narração da partida Brasil X Uruguai pela rádio Sarandí, de Montevidéu).

**“A Copa é nossa 70”**. São Paulo: Gravadora RCA, 1970. (LP duplo, comemorativo à conquista do tri-campeonato mundial de futebol pelo Brasil, contendo trechos de narrações das partidas brasileiras pelos mundiais de 1958, 1962 e 1970).

**Impressões do Brazil no Século XX. Sua História, seo povo, commercio, industrias e recursos.**  
Rio de Janeiro: Lloyd's Greater Britain Publishing Company Ltd., 1913. (161)

### Fontes eletrônicas

<http://www.americamineiro.com.br/club>. Acesso em 17/04/2008.

<http://www.cbf.com.br/uniformes/>. Acesso em. 29/11/2008.

<http://esportes.terra.com.br/futebol/libertadores2008/interna/0,,OI2986837-EI0786,00.html>. Acesso em 03/07/2008.

<http://www.fundaj.gov.br/>. Acesso em 11/06/2007.

<http://www.los-poetas.com/c/biolug.htm> . Acesso em 25/02/2008.

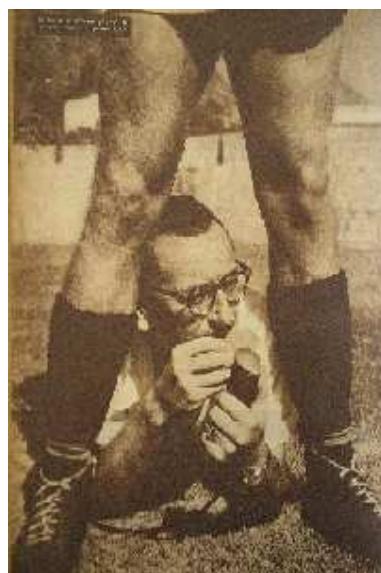
[www.lumiarte.com/luardeoutono/oswald/manifpaubr.html](http://www.lumiarte.com/luardeoutono/oswald/manifpaubr.html). Acesso em 11/01/2008.

[www.lumiarte.com/luardeoutono/oswald/manifantropof.html](http://www.lumiarte.com/luardeoutono/oswald/manifantropof.html). Acesso em 11/01/2008.

## **ANEXOS**



**Foto 1 – Decepção nacional: Danilo deixa o campo chorando, amparado por repórter.**



**Foto 2 - Ary Barroso nas páginas de "O Cruzeiro".**



Foto 3 - O sertão esquecido: em 1950, Revista do Globo compara vaqueiro aos antigos habitantes de Canudos.



Foto 4 - Primeira equipe do América Mineiro.



Foto 5 - Civilização X Atraso: vitória do Fluminense sobre o Southampton não foi suficiente para apagar estereótipos.



Foto 6 - A memória dos vencedores: ingresso do Museo del Fútbol, em Montevideó.

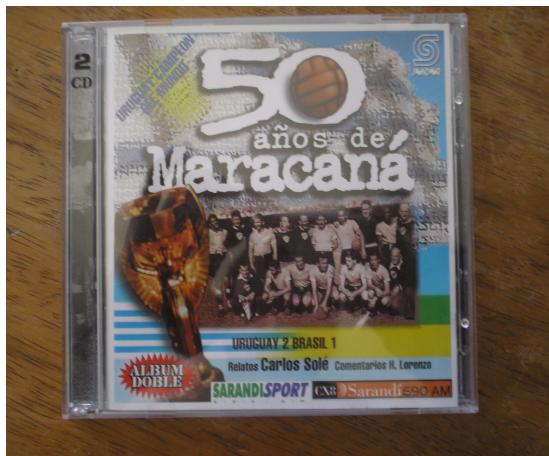


Foto 7 - A memória dos vencedores: cd uruguaio com a gravação completa do Maracanazo.



Foto 8 - O Cruzeiro na campanha pela construção do Maracanã.



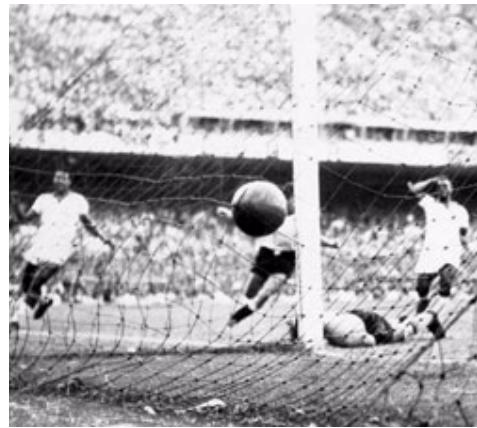
Foto 9 - A imprensa em ação. No alto, ao centro, John Macadam.



Foto 10 - No alto da página, torcedora assiste partida decisiva entre Brasil X Uruguai.



**Foto 11 - A pátria desnuda.**



**Foto 12 - A foto clássica do gol de Ghiggia.**



**Foto 13 - O gol visto das arquibancadas.**



O gol de Ghiggia em dois ângulos diferentes. Acima, o exato momento em que a bola cruzava a linha do gol, com Barbosa cardo e, ao fundo, Augusto e Morán. Abaixo, uma fração de segundo depois, o gol visto do ângulo inverso: Chingão, Biavenda, Bachmann, etc.

Foto 14 - O gol pelo ângulo inverso.

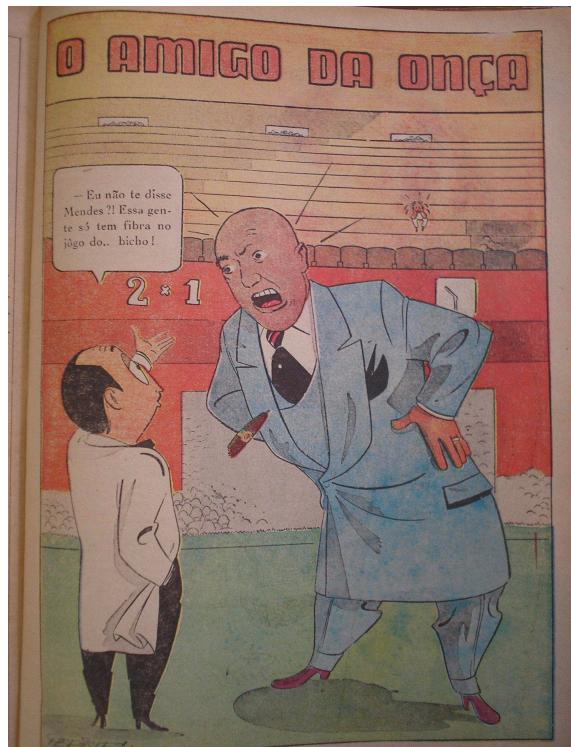


Foto 15 - "O amigo da onça": a falta de fibra como explicação para a derrota.



Foto 16 - A vingança necessária: o Correio do Povo divulga a semifinal de 1970.



Foto 17 - A vingança comemorada: charge de "A Tarde" sobre a semifinal de 1970.



Foto 18 - A vingança em novo contexto: charge de Zero Hora antes da final do Torneio Mundialito.